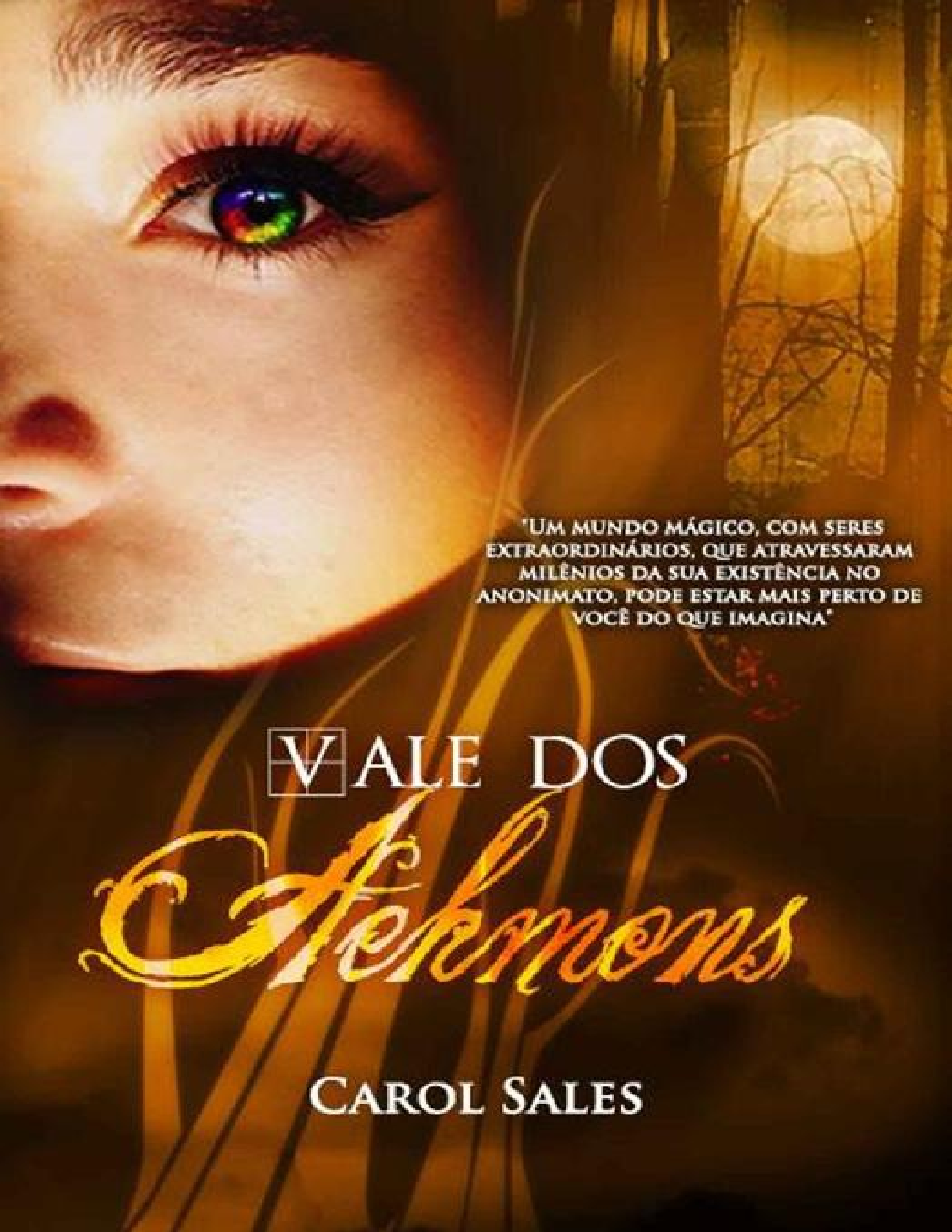




"UM MUNDO MÁGICO, COM SERES
EXTRAORDINÁRIOS, QUE ATRAVESSARAM
MILÊNIO DA SUA EXISTÊNCIA NO
ANONIMATO, PODE ESTAR MAIS PERTO DE
VOCÊ DO QUE IMAGINA"

V ALE DOS

Aethermons

CAROL SALES



Encontre mais livros como este no [e-Livros](#)

[e-Livros.xyz](#)

[e-Livros.site](#)

[e-Livros.website](#)

CAROL SALES

VALE DOS AEHMONS

1º edição

Todos os direitos reservados
Copyright © 2016 por Carol Sales

Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança
com nomes, datas, ou acontecimentos reais,
é mera coincidência.

Isbn; 978.85.919698.2.1

Petrópolis RJ
Carolina Tavares de Sales Aiello Mesquita
(2016)

ÍNDICE

Um pouco mais sobre mim e essa minha obra;

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[CAPÍTULO 27](#)

[CAPÍTULO 28](#)

[CAPÍTULO 29](#)

[CAPÍTULO 30](#)

[CAPÍTULO 31](#)

[CAPÍTULO 32](#)

[CAPÍTULO 33](#)

[CAPÍTULO 34](#)

[CAPÍTULO 35](#)

[CAPÍTULO 36](#)

[CAPÍTULO 37](#)

[CAPÍTULO 38](#)

[CAPÍTULO 39](#)

[CAPÍTULO 40](#)

[CAPÍTULO 41](#)

[CAPÍTULO 42](#)

[Fim](#)

[GLOSSÁRIO:](#)

Um pouco mais sobre mim e essa minha obra;

(Aviso: contém spoilers* leves, se não curte, salte para Capítulo 1)

Adoro ler. Adoro escrever. Fato.

Eróticos e eróticos paranormais são meus livros prediletos e enquanto os leio, outras versões mais ou menos apimentadas vão se esboçando e criando forma em minha mente — razoavelmente poluída —. E é com considerável respeito às minhas autoras prediletas, que faço algumas sutis — e outras 'nem tão sutis' —, menções dos seus livros aqui.

Bem... Quando comecei a escrever **Vale dos Aehmons**, o meu Esquecido e Mesquinho lado patriótico me fez o favor — ou constrangimento, dependendo do ponto de vista —, de emergir lá do fundo da minha mente, com suas presas brilhantes, o seu olhar encantador, seu aroma inebriante e contemporizou;

“No início dos tempos, a terra era uma só, hoje é denominada Pangeia, e vários seres mágicos coexistiam entre os primatas e os dinossauros naqueles tempos”...

Cacetada gente! Eu tenho um pouquinho de conhecimento daqui e dali e por opção e maternidade, não cheguei a concluir o segundo grau escolar, mas sempre preferi curtir — até mesmo o cheirinho de bolor em um livro de biblioteca — do que qualquer outra atividade que me fosse sugerida, e nas poucas vezes que tive a audácia de gazetear aula, era para estar enfiada nesse mundo tão cheio de aventuras, — e que até hoje, têm esse quê que me prende e fascina, da literatura.

Bem, voltando ao foco;

Eu podia estar lendo sobre qualquer outro assunto, que uma espécie de animação da Pangeia se dividindo pelo deslocamento das placas tectônicas formando os continentes, volta e meia emergia do fundo da minha mente — meio que me assombrando e meio que me irritando pela persistência —, e eu voltava com minhas especulações sobre esse mundo surreal e como seria viver nesse período de tempo, e a ideia ia tomando forma, sons e cores.

Ok. Aí me aparece Kassia: já com seus 23 anos e superprotegida por uma irmã mais velha, que lutou um bocado pra conquistar seu espaço no mundo. Em certa altura, cai em uma cilada sinistra que vai desencadear uma série de acontecimentos e bem, ela também 'viajava' um bocado... E lá vinha a voz de barítono novamente — como aquele locutor que ao início ou fim de um filme dublado dizia: “Versão brasileira: Herbeert Richards!”...

“Quando alguns conseguiram, por fim se libertar do solo. Rapidamente vieram descobrir que o sol já não era mais tão amigo e sim, um astro nocivo e até fatal. E outra; as águas do mar dividiam as terras que conheciam como uma só...”. — e notem bem: Eles estavam do lado de cá do continente. Já que foram, de certa forma, induzidos por uma compulsão superior, a buscarem abrigo no solo, que só mais tarde vieram descobrir, era consagrado e delimitado por forças superiores às suas vontades para eles...

E nesse momento de criação subconsciente eu até consigo imaginar a cara de espanto desses primeiros **Aehmons**, quando saíram da terra que os abraçava em seu sono profundo e restaurador e se descobriram do lado de cá, em uma terra menor ao que estavam acostumados,

cercados de água salgada por quase todos os lados. — e a essa altura, eu já havia me rendido à ideia de escrever sobre o que pensava.

Ainda não ficou definido se eles têm algum problema com a água do mar, mas como todo vampiro que se preze, o sol é no mínimo um astro perigoso — pensando em alguns que até brilham — e para esses meus, pode ser mortal.

Só que nem sempre foi assim.

Ao menos não para esses primeiros *Aehmons*, que viveram há pouco mais de 200 milhões de anos atrás. Eles foram criados, por um grupo de nefilins e seus descendentes, estes que, por sua vez, se rebelaram contra seus ascendentes imortais.

“Anjos que caíram da graça ao tomarem as filhas dos homens, suas mães, como amantes” — acrescenta a voz de barítono.

Nesse íterim, acho importante explicar que mesmo o mais antigo desses *Aehmons*, é relativamente jovem, se comparado aos seus ascendentes aqui mencionados.

E como autora, eu busco sempre respeitar a linha do tempo real, guardando relatórios de cada data, nome ou fatos correlacionados ao que eu escrevo como uma espécie de guia em um compartimento da mente, do papel e do Word —, que há bem pouco tempo venho aprendendo a usar, mas que ainda me faz chorar pode acreditar.

Escrevo o que gostaria de ler, e desafio meus leitores como eu gosto de ser desafiada, por exemplo; voltar a ler um ou outro dos primeiros livros de uma série, para conferir se mesmo o nome de algum coadjuvante não tenha sido trocado, ou se alguma regra pré-definida não foi quebrada (e se foi quebrada e não há uma explicação plausível, eu me sinto traída de verdade), e como Dêrhon costuma dizer: *“Na boa, por mais interessante que seja o enredo, meu humor é lançado aos Picos do Himalaia!”* —, Maaas, isso em português 'bem brasileiro', geralmente é dito às picas... Só que desconfio que nem mesmo Dêrhon sabe que o dito pode ter um dúvida sentido. — como algumas outras menções que, verdadeiramente 'Tremo na base', só de imaginar, se chegar as graças de um dia ser publicado em outra língua.

Mas, como não costumo poupar nem mesmo a **mim**, quando o assunto é fazer graça, sinto-me desde já **Mitho** ficada (nesse caso, vingada mesmo!) com relação aos "tradutores" para se fazerem entender.

Sério, tem horas que nem mesmo **eu** me entendo! Mas uma das cenas, que foi super bacana — e regada de lágrimas de tanto rir —, que eu escrevi, que tem um dúvida sentido que não imagino venha ter o mesmo efeito em qualquer outra língua, e até me atrevo desafiá-los a tentar. — ou meu lado nem tão Esquecido ou Mesquinho patriótico que me induziu cognitivamente, não sei. Enfim, é a cena em que a rainha das Valquírias desloca a mandíbula de Dêrhon, e ele fica falando frouxo.

Parecido com certo personagem chamado Creison do humor brasileiro, sabe? — talvez não, mas estou rindo ao digitar, afinal, não consegui explicar à minha filha o que é uma fita de VSH, além de citar ser a vovó ou bisavó do MP3...

Mas vamos que vamos...

E aí vai mais uma dica de piada subentendida que só experimentando para entender;

Segure o lábio inferior e não permita que cole no superior ao dizer;

'Quero chutar teu pau de nojo' ou 'Quero chupar teu pau de novo', serão sugestões bem diferentes, mesmo que soe semelhante em lábios frouxos, e ambas representavam meeesmo, os

extremos entre o que Dêrhon 'queria' e o que 'merecia' nessa cena e até mesmo Dêrhon ri. — 'Detois geneu', é claro. — E 'na boa', o cara até pouco tempo atrás era virgem e por opção, mas ficou literalmente foda, e ele tem uma força que...

É isso. Ele é o alívio que eu precisava para equilibrar com as cenas mais sombrias pelos quais passam Kassia e mais duas outras fêmeas no desenrolar do enredo. E nas três situações eu confesso de antemão que chorei pra caramba, e não foi de alegria, mas eu gosto de livros **dominantes**, e no meu julgamento, um bom dominador, é capaz de levar ao fundo do poço emocional, mas tem a capacidade nata de trazer de volta a superfície — senão seria só SADO —, e os livros que nos deixa no fundo do poço emocional, nunca foram meus prediletos.

Eu gosto de me envolver nas histórias que leio e escrevo, e é possível que seja uma maluca que viaja na maionese — mas com tudo tem um maaas. — Considero-me uma mulher romântica — orgulhosa de certo — e inveterada da nova era. E como tal, estou relutante em acreditar que só porque não conheço outra pessoa que como **eu**, trabalhe **pra ler**!

E saibam que conheço muita gente! Tanto física quanto pessoalmente! — não sou totalmente doida ou nerd não, mas realmente, sou testemunha de que a cada ano que passa, menos pessoas se interessam por ler ou escrever, e, ao que me parece, a maioria dos que 'conhecia' é adepta da radical economia de vocabulário e letras no mundo do TC e talvez, justo por isso, considero-me, ou considerava-me rara entre os demais com quem convivi por quase toda a minha vida, maaas...

Caralho! Eu sou capaz de ler um livro de 400 páginas que me interesse em UMA noite e fazer o resumo deste no dia seguinte! Tá! Está bem! Eu me esqueci de citar que sou protótipo feminino do protagonista do filme 'Melhor é impossível' e só ligo televisão em canais que exibam exclusivamente filmes, na frequência de, tipo, duas vezes por ano nos últimos o quê?... (2003 eu... bem, não importa) São uns quase dez anos ou mais!

Caralho, eu... É! Agora pode se contar que tem mais de dez anos que comecei escrever a minha própria novela, e essa já conta com o equivalente a umas 1.900 páginas — ou mais! Ou menos, mas se mencionei antes que não importa, é porque essa novela é importante 'pra mim'. E jamais deixaria que fosse editada, cortada, aumentada ou reduzida por motivos comerciais. — Não que eu não fosse ficar mal se isso viesse a acontecer com Vale dos Aehmons...

Pensando bem, acho que até ficaria bem puta com isso sim, mas... É. Acho que nessa questão não tem um, MAS.

Vale dos Aehmons é um livro com CONTEÚDO ADULTO, algumas cenas são pesadas e explicitamente descritas, e quando digo explicitamente, é LITERALMENTE! Com muita cena de sexo, muita depravação e também lágrimas — no que a essa altura já acredito que chegará a umas 450/500 páginas (deu mais...).

Tem muito palavrão também, e sou fiel em descrever tudo que me vem à cabeça sem dourar pílula ou atenuar, mesmo que não seja de todo agradável. Então não espere mamão com açúcar, porque me tornei autora independente justo para não ter que me sujeitar a ter trava na língua, ou no caso aqui, nos dedos. E escrevo para adultos.

No decorrer dos primeiros quatro meses que me rendi aos pensamentos persistentes e comecei a escrever, eu fui tomada pela história e pelos personagens que ia se apresentando em

todo tempo livre que eu tinha, e a economia no meu, diga-se de passagem; 'parco orçamento mensal', foi indubitavelmente CONSIDERÁVEL.

Já que um bom livro no Brasil, custa em torno de 45/50 R\$ em regiões mais afastadas dos grandes centros. E a julgar pela minha compulsão nos livros que me interessa, eu já cheguei a dispor um pouco mais de 1.000 R\$ em um único mês, só para manter meu vício.

Em relação a isso, acho que é justo que vos diga(m) que ser viciado em cocaína ou cola, — e essa é uma piadinha que circula com os que eu conheço e convivo no dia a dia —, de certo que custaria bem menos. Se levando em conta que no mínimo, esse tipo de viciado morre antes.

MAAAS... Voltando ao foco — reparem que viajo;

Uma das autoras estrangeiras que amo de paixão e tenho todos os livros — traduzidos é claro — em um lugar de honra...

'Só não acende vela, porque teme qualquer acidente, que de certo modo a obrigaria REPOR todos os ONZE que têm até aqui'—..., no meu santuário — *'quarto'* —..., de digitação.

Ah caraaalho! — levanto os braços impaciente e esbravejo;

— Vai todo mundo tomar no cu, se não me deixarem terminar de digitar essa merda! Fiquem todos quietos aí, ou não respondo por mim! —pronto, digo mesmo!

'Então para de pensar na gente e volta praqueles outros lá!'

—Sai logo daí seu ciumento dos 'diados'. — é o Dërhon, a essa altura da criação do enredo ele já tem personalidade definida e até consigo imaginá-lo dando de ombros com sua sugestão enciumada e bem, ele não está em um dos seus melhores dias hoje. (É, eles conversam comigo...).

Muito bem 'dizido' não é mesmo? Tá, eu tô mesmo num dia infernal! E ainda não engoli aquela que... uhnfnfgh, merda Zarcon! Eu não tô louco seu filho... Tá! O gás acabou, mas um dia ainda vão acreditar em mim, tá certo?! Que caralho, essa fêmea existe, eu tô dizendo, e, puta que pariu! Tá! Eu já parei! Vocês viram onde foi parar o meu...

—Também amo vocês. Sério! Não consigo imaginar uma só noite sem dar ao menos uma espiada desde que começaram a povoar minha mente, mas... — engulo em seco — eu gosto mesmo desses malditos, chego a sentir com eles as suas dores e... Mais algumas outras coisas, em contrapartida também...

MAAAS, voltando ao que escrevia antes de ser interrompida; Essa autora aconselha escritores mais novos como eu, que conheçam suas historias melhor do que ninguém. — e aqui, **eu** não sei se poderia citar nomes, ou se 'ela' não acabaria por me passar um sermão que me faria chorar por dias e dias, porque, OMG! Gente! Eu gosto muito dela! Sua dinâmica de escrita me deixa totalmente louca de excitação! — e o demônio do meu lado, ô Chato Patriótico, está nesse exato momento fazendo cara feia pra mim com as presas levemente à mostra e eu mostro os meus dentes nem um pouco amolados de volta. —Ah qual é? O que posso fazer se ela nasceu no lado mais ao 'norte' da nossa parte da Pangeia? Não enche meu saco e vê se arruma outra pra assombrar! Gosto mesmo dela sim! E você está parecendo aquele meu professor de... Aí você ri né?! Eu vou voltar a estudar, tá? Assim que minha vida der uma equilibrada, pode apostar... — suspiro e tento copiar sem pensar o que escrevi à mão. Ainda não perdi o vício, sabe? De escrever à mão a maioria das coisas que me vem à mente... Pra ver se... Perco a paciência quando começo a escutar risinhos.

—Ok. Eu vou aceitar a sugestão do Dërhon e começar a ler... Beleeeza! —começo a falar e

não paro mais — Então é esse o caminho da mina com vocês? Sabem que é psicologia inversa comigo, não sabem? Quando começo não consigo mais parar e são vocês quem voltam todos para o solo digo, gaveta, não, talvez eu deva...

‘PELO AMOR DOS DEUSES! SERÁ QUE PODEM DEIXAR ESSA LOUCA DEVANEAR EM PAZ POR MAIS ALGUNS MINUTOS?’ — esbraveja alguém...

(silêncio).

Aguardo ainda de cara feia...

(silêncio)... Continuo aguardando... E de repente, os pelinhos da minha nuca eriçam em alerta máximo.

‘É justo que vos diga criança, que nada impede que você venha ser uma das minhas, quando chegar a sua hora’...

Prendo o ar e levanto as mãos mostrando as palmas em sinal de vencida, e xingo, alto! Maldito teclado qwert! Sempre que fico assim meio que assustada ou assombrada eu troco algumas letras, e o diabo do corretor automático me mostra certas verdades sinistras, tipo, logo antes eu tinha escrito 'vendida' ao invés de vencida e quase deixei rolar.

Me espreguiço estalando os ossos e volto a copiar o texto escrito... Onde estava mesmo?... Isso, a autora que amo de paixão...

Eu gosto mesmo dela! Sua dinâmica de escrita me deixa totalmente maluca de excitação e chego a ter uma espécie de síncope nervosa com cada livro seu sobre certa saga, quando chega às minhas mãos! E bem... J. aguardo ansiosa pelo próximo, e próximo... —rindo —, e E., aquela trilogia, se for escrita na voz 'dele' eu compro também. Juro! Tú é f...Fera, mulher!

Mas excitações à parte, e voltando aos meus deliciosos bebês milenares... Logo no início eles eram só machos — não havia fêmeas —, estranho né? — E esses meus bebês vivem atualmente em um Vale, localizado entre um cerco de montanhas entre municípios serranos do estado do RJ, sob o domínio e desígnios de uma entidade feminina poderosa e etérea, que vale ressaltar, é uma verdadeira diaba quando se trata de defender suas vidas, e antagonicamente, mais parece um... Bem, ela é um anjo, e caiu.

Mas eu, Carol Sales e não 'Vendas', como fica na tradução, me preocupei em não deixar muito claro às circunstâncias que a fez cair — e perdoem a malcriação, mas até segunda ordem, isso é um assunto que só diz respeito a mim e a Ela, e somos indivíduos distintos. Assim, às vezes.

Mahren, conhecida pelos seus diletos como *Mahren Mäi*, e *Mäi* (ao longo do que creio ser só o primeiro de uma série de livros), é a denominação dada às fêmeas que alimentam ou alimentaram os machos com sentimentos e sangue, mesmo que sem conotação sexual distinta — como uma espécie de mãe adotiva deles e... — suspiro profundamente aqui.

As *Mäi* existem, porque suas mães não sobrevivem ao parto. E essa, é só uma das questões que é pretendido que, no mínimo, seja esclarecido logo.

Já que, por circunstâncias óbvias — ao menos para mim, por enquanto —, Mahren também se sujeita às Leis que regem os outros mundos, se o faz por vontade própria, já que é um anjo caído, ou imposição externa, eu prefiro deixar aos leitores o benefício da dúvida por enquanto. Mas em sua defesa, posso acrescentar que *Mahren* tem considerável compreensão das Leis de causa e efeito e de Ação e Reação.

Mesmo que, até pra **mim**, algumas das atitudes com relação aos seus me cause certa revolta, céus! Quando compreendo. Caracas! Sinto minha face esquentar e minha garganta fecha. (Pois é. Eu não tenho domínio sobre tudo e em boa parte do percurso sou tão mera expectadora do que escrevo quanto qualquer outro leitor).

A diaba da entidade é foda sabe? — Pelo menos eu, acho.

Ela tem o poder de vida e morte sobre os seus, e nesse íterim, eu não sei se gosto muito dela não, e daí entra a elucubração —, bonita palavra não? Parece até palavrão, mas vamos lá, antes que perca em definitivo a paciência comigo! —, de 'indivíduos distintos' e 'às vezes' que mencionei antes.

Ela me intriga e assombra, e de vez em quando me pego torcendo, ou até meio que rezando para que seu carinho, paixão, amor ou qualquer coisa assim, seja grande o bastante para que não desista dos **Aehmons**, e caralho!!! (Tudo bem, não vou negar, eu gosto de caralho, é sonoro, é gostoso de ter na boca, na escrita e também em outros...). Maaas não vem ao caso.

O caso aqui é que estou devaneando igual à Kassia, que por sinal, não é uma *Kade* qualquer na história, mas isso vocês descobriram ao ler, e *Kade*, são as fêmeas que deram vida aos primeiro machos e fêmeas 'nascidos' e não 'criados' ou transformados. São fêmeas em boa parte, humanas, com predisposição em sua natureza biológica que as permite conceber filhos de um *Aehmon*.

E falando de **Aehmons**; São vampiros? Sim.

Grandes e extremamente atraentes, na verdadeira síntese da palavra. Predadores com dons especiais e 'não mais assassinos' '*salvo que...*' (ignorem), que em algum momento, bem distante da atual realidade deles, estiveram, — e creio que para desespero, frustração ou diversão de alguns Guardiões superiores —, receberam esse direito há milênios e milênios de anos atrás; quando *Mahren* os defendeu do extermínio e abriu mão do corpo físico por eles, perante o Grande Tribunal. — o mesmo Tribunal que detonou com os pobrezinhos dos Dinos, coitados. Tudo bem que não tão 'inhos' assim, alguns estavam mais pra 'ãos'—, mas, puta merda, começo a rir, esse corretor de texto fica puto de louco quando começo com essas, mas é irresistível, eu juro... Até consigo entender o fascínio do mundo do TC. Bom, claro que alguns dos Guardiões não deixariam barato e chegaram a protestar contra a decisão do Grande Tribunal, e mesmo estando até os próprios *Aehmons* — com sua ferocidade crua — operando contra a própria vida na terra. *Mahren* vem por todos esses milênios 'respeitando' e 'impondo' aos seus protegidos, o bom comportamento com relação aos humanos e demais criaturas de Deus, garantindo a existência deles. E com isso, esses anjos e arcanjos se dividiram em dois grupos distintos; Exterminar em surdina ou Não Exterminar, e eis a questão — que a meu ver —, era de *Mahren* a decisão, então... '*Isso é plagio*' — reclama Dêrhon.

Ignorem, ou melhor...

Tal como Dêrhon meio que 'apelou' para que eu excluísse certa cena —, que de vingança apelidei como Ataque de Piti de Macho frustrado e em conflito com a voz do PAU'ciência —, onde 'eeele' aponta certas incoerências ao meu respeito!

Nesse íterim, eu vejo *Mahren* mais como a síntese de uma editora ou leitores. Porque eu sei que **eu quero**. E para mim, eles todos **sempre** irão existir. Principalmente essa edição melhorada de machos que tanto sofreu para chegarem até aqui, e no **meu** julgamento, continuarão sofrendo por mais um tempo. Já que sou a favor da filosofia de que **sem**

sacrifícios, não há recompensa legítima, e o gozo é fraco.

E não me perguntem quem escreveu e se fui **eu**, sintam-se à vontade de passar adiante, pois é justo que vos diga, e a quem mais interessar possa, duas coisas em cinco e dez palavras, mais dois adendos;

1) Não teria grana pra registrar. (agora tenho)

2) Mesmo que só pra mim, os *Aehmons* sempre irão existir! (Não mais só pra mim, e estou muito feliz com isso).

Adendo; Não é o primeiro e tampouco será o último romance que escrevo, mesmo que fiquem guardados como os demais, seus irmãos, em uma gaveta do meu coração. Ops, quarto.

Bem.

É simples e confuso, côncavo e convexo assim. Meus vilões não são realmente vilões, e **eu** não gosto muito de romances em que a protagonista sofre, sofre e sofre, e justo quando vai ser feliz, puft, acabou! É o fim, caralho! Fecharam a porra da porta na minha cara, e nem deixaram um buraco na fechadura para eu olhar?!

As minhas sofrem, sim, mas também encantam pela capacidade que têm de passar certas experiências para as leitoras, e leitores espertos, corajosos e gostosões também. Não pelo físico em si, — como se mulher experiente fosse avaliar só embalagem, aff —, mas também pelo desempenho melhorado, quando estes se dedicam em descobrir o caminho da mina. E a estes, se querem uma dica de uma mulher vivida; leiam mais.

O manual de como se deve usar o brinquedinho de abrir e fechar, está em cada livro de romance erótico, que nós mulheres, adoramos ler, apesar de muitas vezes não ter coragem de admitir — risos —, mamãe não lia, eu também não devia...

O brinquedinho de armar é bem mais usado pelos poucos machos que descobriram essa espécie de mapa da mina e, aproveito a deixa pra contar uma fofoca, — como se não soubessem —, e se não sabiam de fato, vá lá!

Se quem come quieto, come mais. Sabe-se lá, se não estava quieto, justo porque estava lendo? E na boa caras. Os que só olham as fotos e gozam, nem precisa de fêmeas, fato, têm mão proficiente. Respeito isso num macho — mais risos —, sobra mais fêmeas 'ao vivo e em cores diversas', para os que como você, lê e goza — com a cara dos punheteiros de plantão —, e no mais, eles nem precisam ficar sabendo do seu segredo, não é mesmo? Escondidinho dentro de um orifício qualquer de uma fêmea levada é sempre mais gostoso.

MAAAS, — sacanagens à parte e voltando ao foco, vejamos... Elas sofrem sim, mas me encantam por passarem certas mensagens aos leitores num contexto geral (ninguém é proibido de sonhar — penso na defensiva), que estejam abertos para aceitar, tipo, dar a volta por cima, mesmo quando a adversidade é grande, porque ainda maior é o coração que bate em seus peitos, peitinhos e peitões e, ah! Lembrei!

Acho que fugi um pouco ao padrão quanto à apresentação de um herói ou heroína, já que isso também me enfada na leitura, às vezes, e nesse ponto eu sou meio *Mahren* sim, pois pra mim, 'todos são principais' Todos os personagens têm voz e presença aqui dentro... —Tá! Não tem figura eu sei, então descrevo, estou apontando a minha testa, pronto—. Todos estão de alguma forma, ligados dentro do enredo, e aos que aguardam pelo clichê; Casaram-se ou vincularam-se — que é mais o caso aqui — e foram felizes pra sempre.

Caríssimos! Esqueçam! Nem é só carta fora do baralho pra mim! — Que me nego ser mais

uma iludida da Disney —. Mas eles têm ainda muito que aprender a respeito deles mesmos e também de se fazerem entender ao leitor nesse primeiro livro.

E sério! Confesso que sou bem mais *Miellen* nesse ponto, posso até ser condenada como elas quando chegar a minha hora, MAAAS, e justo por isso, ou até por isso, que imaginar a mim mesma num céu lindão e sem pecados, seria mesmo um castigo dos infernos pra mim!

Se um inseto azucrinasse minha paciência? Rá! A tapa que eu daria me lançaria direto no paraíso —, dependendo do ponto de vista!

E puta merda! Eu gosto pra diabos de cometer uns pecados que deixaria qualquer dos arcanjos e anjos de barba branca lá em cima! No mais, me pergunto; O 'não matarás' têm ou não a ressalva para os malditos mosquitos? Porque cara! É inconsciente bater neles quando nos pica o braço. E quando deliberadamente pousam na testa de um dos nossos filhos então?

Rá de novo! Lá vai mosquito com testa e tudo — e o choro assustado da criança vem na sequência! (Ficaram putos?) Essa é só uma psicodramatização de algo comum no dia a dia de qualquer um, principalmente se tem criança envolvida. Então, se não é encarnação de um dos *Aehmons* lá das primeiras gerações, descrevo; Um completo animal, predador, assassino, desprovido quase na totalidade de emoções e sentimentos. Lembre-se que **seu** telhado também pode ser de vidro e não guarde, jogue logo fora essa pedra!

Quer o benefício da dúvida? Leia! E se acham que esqueci que eram dois adendos, Rá de novo pra você!

(Aqui vale citar que sim, escrevo desta forma de propósito, pra instigar meus leitores ou a voltar atrás na leitura, ou ativar parte da massa cinzenta, prestando atenção de verdade no que estiver lendo).

ADENDO 2; Eu, Carol Sales, estou longe de ser santa, *Mahren*, a Guardiã da raça— em suas próprias palavras no livro —, não deixou de ser demônio — vá lá, um anjo caído e condenado a viver na superfície da terra —, porque decidiu adotar uma filosofia de existência mais branda. E eu, tal como ela, garanto sem culpa alguma, que nem penso ao matar um mosquito se me pousa no braço ou na testa de um dos meus filhotes.

RÁ! Ponto fraco, né? (Apelação implícita também), mas me apontem uma única autora de romances que **não apela** na psicodramatização e talvez, digo e acrescento tanto antes quanto depois que somente **talvez**, eu reconsidere toda essa porra.

MAAAS RÁ, RÁ RÁ, RÁ! — risada bem maléfica — Vocês não teriam como saber. Teriam?

E essa maluca sou eu e todos os meus demônios de vampiros gostosões... Têm umas fêmeas feras também, pode crer, e são por instinto, GOSTOSAS PRA CARALHO! Como todas que querem ser, o são, sem exceção.

Tá parecendo livro de autoajuda, isso aí...

— E você é meu agente por acaso? —desdenho.

Rá, bem que podia. Aí você ia ver a coisa preta!

Solto uma estrondosa e debochada gargalhada.

— Falou o deus grego, desbotado por comparação! Ia ver é?

Tá aí!!! Essa eu tive que pesquisar pra diabos pra entender. Reparou no tempão que eu demorei pra rebater?

— Não me atente, Dërhon. — ainda estou rindo, é sério, não consigo deixar de mostrar meus

dentes redondos e esquisitos e faço uma anotação mental pra ver se suborno meu dentista pra implantar umas pontinhas bem aqui e...

Assanha, assanhada...

— Se sou, aí, aí... Consegue imaginar o que eu... — Dërhon grunhe a compartilhar dos meus pensamentos profanos, mas logo depois faz uma careta.

—Isso aí é putaria das grossas viu? Atentar um macho saudável como eu, às vésperas do dia clarear! Sacanagem.

CLAREAR?

Olho o relógio e xingo pra caralho. Filhos da puta! Mais uma noite em claro e... Quê que é que tá rindo aí?!

Se vocês vão passar a noite só comigo, eu tenho que ganhar meu pão, diabos! Não que esteja reclamando, mas não posso sair por aí sugando sangue dos outros, não! Tenho que fazer o meu, como qualquer outro mortal!

Em um salão de beleza, ou clínica de estética?

Começo com aquele risinho traidor de novo.

— Vai dormir vai, neném, que a reles mortal aqui tem mais o que fazer antes de ir trabalhar.

Adendo 'mortal nada reles', nós também não bebemos sangue de humanos há um bom tempo, sabia? Temos as Miellens pra isso.

—Não quis ofender.

Uohl... Não ofendeu não, gata. Eu só estava justificando, e também podemos morrer, claro, se arrancarem nossa cabeça do nosso corpo, tem o sol maldito que nos torra até virar cinzas também e a fome de sangue... Mas demora alguns anos para que o Höemn que herdamos dos nossos ancestrais deixe de reagir. Não, acho que isso só acontece com mestiços. Eu teria que estudar um pouco mais sobre o assunto.

— Sinto por ele também. —, suspiro com pesar e logo depois penso: Mas que droga! Até em filmes infantis alguns morrem, é assim, faz parte da vida e...

Você existe!!! — ele grita.

(Perco a paciência, bufo e me levanto, sento de novo e teclo)

—Sim. —aí ele grita mais alto ainda: Eu sabia, eu sabia!!! —, e apela mentalmente: *Zaaaarc!!!*

Vai dormir Dërhon, não me amole.

Fala pra ele!

— Não adianta Dërhon, nem sei como você... — tento explicar e o clima muda junto com o tom de voz do macho;

Caralho, gosto do jeito que você pronuncia o meu nome...

Começo a ficar excitada e alerta — Dërhon — ele grunhe e sinto reverberar bem fundo nos meus tímpanos, com o ronronar rouco, me encolho de leve e... Ahn... — gemo sem querer, mordo o lábio inferior com vontade e por pouco não sinto gosto de sangue.

— Dërhon... Isso não aí ficar assim...

— Ah Não, de novo não, amor! Hmm delícia, isso é bom! Diz pra mim, quem eu sou dessa vez? Dërhon, hmm, continua, e como eu sou? Oh, isso, assim é até melhor...

Ei, ei, ei? Que putaria é essa aí com o meu nome. Pode parar! — ele fica puto e eu solto um

barulho de risinho sacana.

— Tomou papudo? Dorme com essa...



CAPÍTULO 1

Kassia podia sentir os olhares curiosos dos demais cravado em suas costas e nem precisava olhar para trás para confirmar. Ela já desconfiava que estivesse pisando em terreno perigoso, quando aceitou seguir com o grupo de amigos de Janete e Carlos para o tal acampamento de fim de semana. O tal Carlos, que por si só, já parecia ser bem pouco, ou quase nada confiável, tinha convidado outros caras para seguir com eles, e seus amigos eram tão estranhos quanto ele, e igualmente sinistros.

Pela enésima vez ela se perguntou o que estava fazendo ali com eles. Bem, não que houvesse tido muita escolha, afinal.

Janete e Lilian eram as mais antigas residentes contratadas no setor e eram tão intimidantes quanto os demais do grupo.

Já Kassia, era só uma enfermeira substituta, que se por sorte conseguiu a oportunidade de mostrar serviço, teve também o azar de cair nas graças de Edmundo, chefe do setor de traumatologia ao qual foi designada. E já na primeira semana, ela sentiu o peso de ser eleita a 'preferida do chefe' pelos demais.

A que ele deliberadamente escolheu entre as outras, para se aproximar no refeitório. A que fora acidentalmente flagrada em seus braços, justamente por fugir dele, ao optar passar pela escada de acesso restrito a funcionários que quase ninguém usava.

Tudo bem, não foi ele quem tropeçou nos malditos sapatos novos e apertados. Mas adivinha quem estava dois degraus abaixo?

Ei! Um pouquinho de otimismo, pelo amor de Deus!

Ao menos, os malditos sapatos apertados com sola escorregadia, estavam guardados no fundo do armário, dentro do micro quarto de estudante, que com muito orgulho da sua parte, era alugado com suas parcas economias.

Agora estava de tênis e estes, eram além de seguros, confortáveis.

O que não estava nada confortável, era a sensação de ardor borbulhante em seu estômago, alertando-a de que algo estava errado.

Muito errado meeesmo!

Ela esbravejou por dentro ao tropicar de novo, ela queria mesmo começar com o pé direito dessa vez! E olhe só no que deu...

Sua irmã, 10 anos mais velha e extremamente protetora, estava no seu encalço desde que conseguira essa ocupação e um único motivo, um único pequenino motivo que fosse! Seria suficiente para que ela revogasse à sua 'suposta' liberdade condicional. E Kassia não queria nem imaginar o que sua irmã faria, se viesse a descobrir que ela havia caído na lista negra dos seus 'supostos' colegas de trabalho. Os mesmos colegas, que já nos primeiros dias a apelidara de Peixinho do diretor, de a Nova Preferida do Patrão, — entre outros apelidos mais pesados e sugestivos que se negava até em pensar.

Ah, mas orgulhava-se de si mesma por ter sido tão corajosa!

Na primeira oportunidade que teve ela venceu a sua irritante timidez e se aproximou das duas línguas mais perigosas no vestiário feminino do hospital. Com a educação que sempre tivera, havia gentilmente abordado ambas e dito que na verdade não havia nada entre ela e o diretor e... Grande!

Janete sorriu bem na sua frente toda duvidosa, mas ela insistiu que o que ela viu tinha sido um infeliz acidente, e que era justo por estar fugindo de esbarrar com o chefe que tinha optado pelas escadas e acabou tropeçando! Mas A 'Intratável' soltou uma grasnante gargalhada e chegou até a soltar um Mas é claaaro, cheia de escárnio no tom de voz! E ainda perguntou se ela achava que acreditava em Papai Noel e coelhinhos da Páscoa também!

Droga, Janete era mesmo um ser Urgh com u maiúsculo. Mas a sua liberdade condicional — cheia de condições —, estava em risco ali.

Então Kassia se despediu com um gostinho amargo de derrota na boca, mas se manteve firme no que disse para ela e Lilian no vestiário e já perto de terminar seu sofrido e abnegado turno, foi abordada pelo ser Urgh, agora acompanhada de Carlos, também funcionário do hospital, e mais dois dos seus amiguinhos na portaria.

A 'Intratável' tomou a frente com sorriso amistoso e falou da travessia e acampamento que eles iam fazer nas montanhas entre municípios serranos convidando-a a ir com eles. Bacana, não?

Como Janete havia dito, seriam aproximadas 8 horas de caminhada em meio ao verde, eles acampariam no local por um dia e duas noites, e saindo já nas primeiras horas da manhã, ainda voltariam para casa um dia antes de voltarem para suas respectivas funções no hospital.

Kassia até havia pensado em esquivar desse convite com alguma desculpa, mas Carlos comentou com brilho de maldade no olhar que ela talvez tivesse outros planos para o feriado. E como trabalhava no setor administrativo, ele ouviu o chefe comentar com sua secretária que pensava em perguntar se ela aceitaria trabalhar com ele. E até que o chefe disse que ela era a candidata ideal para acompanhá-lo. Que raios! Nada se passava despercebido em uma cidade pequena?!

Kassia ainda pensou que passar o feriado trabalhando no hospital não seria uma ideia tão ruim. Sendo nova no setor e ainda em período de experiência, isso poderia somar favoravelmente em seu currículo. Mas Edmundo deixou claro que não seria no hospital, e o filho da mãe até sugeriu todo sério que ela não dissesse aos outros que ia trabalhar diretamente pra ele, que isso poderia provocar ciúmes em seus colegas de trabalho. Então claro e evidente que se esquivou, nem mesmo esperou pra saber se seria uma tia velhinha ou um pai moribundo que iriam assistir. Pensou rápido e com expressão de pesar, alegou que já havia se programado para descer a serra e passar o feriado com a irmã no litoral.

Que droga!

Não era mesmo o que pretendia fazer do seu feriado!

Sua intenção inicial era devorar os três romances que pegou emprestado na biblioteca local, enfiada no seu quartinho de estudante, comendo todo tipo de porcaria gordurosa que comprou e também de se entupir com muito refrigerante, numa espécie de declaração de independência e protesto silencioso pela vida saudável a que sempre foi imposta pela irmã desde que foi entregue a ela aos nove anos, quando seus pais morreram, e Kori, ainda mais jovem que ela agora, havia assumido a sua criação.

Sendo justa, Kori não era uma pessoa ruim, só assim um tanto sufocante e super-mega-protetora! Mas se fosse para fugir de passar o feriado com a irmã, sem parecer que estaria fazendo 'aquele tipo de serão', com o chefe pra lá de esquisito, que todos logo ficariam sabendo. Era melhor estar sob o olhar de águia da chefe da panelinha de funcionários, que possivelmente faria da vida dela um inferno no serviço temporário, e até por em risco a sua liberdade, se viessem a ter material para as suas suposições maliciosas.

Daí sim ela estaria bem enrascada!

Se Kori com seus Olhos-que-Tudo-Viam tomasse conhecimento disso, podia facilmente revogar a sua tão sonhada liberdade, e suas experiências se resumiriam a...

Bem, nada!

E justo agora que estava começando a conquistar seu espaço no mundo. E ela até já tinha convencido a irmã a deixar que ela voltasse a usar a habilitação que a quatro longos anos havia tirado! Nem pensar!

Tudo bem que a foto ficou uma porcaria, como era praxe, mas o mais urg era que só servia para enfeitar a carteira recheada de cartões de crédito sem limite, porque sua super-mega-protetora *irmão* tinha o Ricco!

Ricco era um segurança de pele negra e raros sorrisos brancos com quase dois metros de altura, que era também motorista e, diga-se de passagem. O cara também era ótimo cozinheiro e estava sempre, e irritantemente, à disposição para tudo!

Ricco, que foi praticamente o seu babá desde o acidente que quase a matou há pouco mais de dois anos... E Kori nem sabia de tudo, se soubesse. Kassia desconfiava que nunca mais fosse conseguir sair sozinha de casa, e a faculdade então? Seria tal como a habilitação, mais um enfeite em sua carteira.

Seu celular já não tinha mais sinal e Kassia o desligou para economizar o que tinha de bateria, ela havia tirado a mochila das costas com intuito de guardar o aparelho, e um dos amigos Pra-Lá-de-Estranho que Carlos havia convidado, tirou da sua mão no momento que ela ia colocar novamente nas costas.

Ela tinha dito que nem mesmo estava pesado e o olhar em todo seu rosto mais o sorriso do sujeito lhe provocou um tremor de alerta na espinha. Ele disse que preferia que ela não se cansasse tão cedo ou por tão pouco, e o atrevido deslizou os dedos no seu ombro. Ela prendeu o ar e gelou com o contato, ele arqueou as grossas sobrancelhas estudando-a, ela abaixou a cabeça sentindo o rosto queimar e seus olhos se fixaram no chão de terra batida.

Merda! Ela não devia estar ali e seu instinto de autopreservação não argumentava simplesmente, gritava!

Lilian tinha ligado na última hora dizendo que não ia. Ela e Jane discutiram tão feio por telefone que todos podiam ouvir mesmo não querendo. Jane a havia acusado de tratante e feito ameaças do tipo; vai se arrepender se der com a língua nos dentes e, se souber que foi com ele ou por causa dele, você está fodida, Lilian!

Nem dava para não ouvir, mesmo que quisesse!

Elas discutiram mais um pouco e Kassia supôs que o motivo da discussão acalorada fosse o chefe Edmundo, mas também poderia ser qualquer outro cara, até mesmo um namorado da Lilian que tivesse sido reprovado pela Jane. O que julgou como certo é que a conversa entre as

duas, apesar de ter lhe deixado em alerta, não lhe dizia respeito e não seria atrevida em perguntar.

Já estava se sentindo mal por ter sido obrigada a ouvir toda a discussão e chegou até a sentir uma pontinha de inveja da Lilian, quando a intratável Jane desligou o celular com violência e pegou no seu braço conduzindo-a para a vã do grupo.

Um dos amigos não devidamente apresentados se dirigiu a ela com cara de aborrecido perguntando: E agora?—, e Jane deu de ombros respondendo-o;

— Nós iremos improvisar, tenho alguma coisa que pode substituir pra ela.

Já enfiada dentro da vã, Jane fechou os olhos e balançou a cabeça em desaprovação, agora parecendo se dirigir a Kassia;

— Não esquenta com aquela vaca — ela disse —, ela não vai fazer falta e vamos nos divertir mais ainda sem ela, vai ver.

Kassia balançou a cabeça assentindo, mas a sua maldita timidez fez travar a língua nesse momento. Quando tudo o que ela queria era inventar uma menstruação que havia chegado de surpresa, ou uma dor de cabeça súbita, ou qualquer outra coisa que a livrasse do que já pressentia ter sido uma péssima ideia. E eles que pensassem o que quisessem dela, ela... — Teria saído da vã naquele momento!

Se outro dos amigos não devidamente apresentados não tivesse se sentado ao seu lado e um tanto abusado demais para seu gosto, passado o braço no encosto do assento por trás da sua cabeça a conversar com Jane que estava sentada do outro lado consolando-a. E isso, como se ela nem estivesse entre eles!

O sol ainda não havia raiado quando a vã arrancou e saiu da cidade pela intermunicipal. O destino deles ficava nos arredores das montanhas localizada entre municípios serranos e eles conversavam e brincavam entre si com animação, como se eles se conhecessem de longa data. Só Jane estava carrancuda, mas ainda assim, sorriu uma ou duas vezes para tentar amenizar o clima pelo furo da Lilian e logo não tocaram mais no nome dela.

Quando estacionaram ao fim do trajeto que podia ser feito de carro, Kassia rodou em torno de si mesma e observou a tudo com encantamento, pensando que talvez não fosse tão ruim quanto pensara de início, afinal... Ao menos até sentir os olhares sérios e estranhos dos quatro homens do grupo sobre ela. Avaliando-a como se fosse ela um animal exótico ou em extinção e como sempre acabava se comportando em situações parecidas, o que fez?

Ela foge, claro! Pra quê enfrentar? E como? Encarando a cada um deles e perguntando se tinha chiclete em seus cabelos?

Se eles queriam deixar Kassia ainda mais constrangida do que estava, ela não ia colaborar, fixou seus olhos na sua mochila e colocou nas costas dando atenção para todo o verde ao redor. Era realmente impressionante e nem foi preciso fingir deslumbramento, mas se lembra de ter contido a vontade de esticar-se toda e rodar sobre si mesma com os braços abertos perante tamanha beleza. Já estava sendo estudada sem fazer nada e seu instinto implorava que se mantivesse o mais transparente possível.

Janete estava um pouco mais distante do grupo e novamente com o celular no ouvido, pouco tempo depois ela voltou bastante animada com um sorriso nos lábios, que Kassia desconfiava ser resultado de Botox, mas não ia ser maliciosa, ou pelo menos não queria ser, então, tentou

não sorrir, mantendo sua cara de estudante atenta.

Mochilas nas costas, carro trancado e pé na trilha — que um dos homens assegurou —, rumo ao paraíso...

Que paraíso?!

Já caminhavam há cerca de cinco, seis horas ou até mais! Kassia desconfiava, mas não saberia dizer ao certo. Porque simplesmente não estava mais de posse da própria mochila, e seu celular estava lá dentro!

Seu desconforto pessoal e suposições assombrosas já a estavam deixando paranoica e ela decidiu dar-se um tempo. Então se pôs a admirar com mais afinco a paisagem rica em mata verde e montanhas de pedras que os cercava por todos os lados. Nenhum traço mais de civilização além deles. Jane seguia mais na frente e assentia positivamente para tudo que Carlos e um dos seus amigos diziam como uma aluna bastante interessada e parecia estar mesmo começando a se divertir.

O sol castigava sua pele, alto e inclemente no céu do mais puro azul, e seu esgotamento físico e mental já tinha chegado ao ápice horas atrás, mas estava até temerosa de pedir por uma pausa, sentia estar sendo testada e podia até ser um tanto introvertida, mas ainda tinha o seu orgulho. Não era só o seu celular que estava dentro da sua mochila pendurada no ombro do cara atrevido, suas garrafas de água e os suplementos energéticos que sua irmã insistia que usasse sob qualquer circunstância também estavam lá, e todos com exceção dela, já haviam bebido no caminho, mas se estavam esperando que ela fosse pedir pelo que obviamente era seu, estavam enganados.

O abusado que praticamente sequestrou a sua mochila dos seus ombros ofereceu para a srta Oferecida Janete do Quinto do Inferno, a sua porcaria de água!

Kassia engole a raiva e finge não estar vendo quando o ser Urg olha de relance para trás ao aceitar água que era sua! A sua camiseta estava ensopada e grudada no corpo e seu jeans surrado estava sujo e rasgado de uns dois tombos que levou ao longo do caminho, mas que, para seu alívio, ninguém tentou ajudá-la a levantar, pois já imaginava que se algum deles a tocasse de novo, acabaria passando a vergonha de vomitar o pouco que tinha, se é que ainda tinha algo dentro do estômago, para vomitar em seus pés.

Kassia já havia ultrapassado seus próprios limites de tolerância e pensava seriamente em virar nos calcanhares e voltar pelo mesmo caminho de onde vieram quando eles, finalmente, resolveram parar pra descansar!

Até que enfim!

Até a paisagem em torno de si ganhou outro brilho quando Kassia pode se aproximar do lago formado por pedras grandes e redondas que o cercava e mais adiante vislumbrou a suntuosa queda d'água que o alimentava com suas águas. O véu de água corrente que descia lá do alto da montanha de pedra escura e aparentemente escorregadia ao longe, sumia e reaparecia mais abaixo em duas vertentes de véus, em um espetáculo que somente a mãe natureza podia proporcionar e de onde estava, observou com pesar, que era a única do grupo a julgar fascinante. Que coisa! Dava até para ver peixinhos multicoloridos no fundo do lago, de tão clara e cristalina que eram as suas águas.

E foi ali, no centro do largo banco de areia que rodeava a piscina de água natural, que Kassia foi devidamente apresentada ao resto do grupo.

Renato, Lucas e Sérgio eram os integrantes do grupo que não havia sido apresentado antes e Sérgio, — gelou ao lembrar-se —, foi o abusado que tirou a mochila das suas costas. Ele sorri de maneira estranha logo que é apresentado e a certa distância retira as mãos dos bolsos da calça cargo. Com a canhota ele oferece a maçã e com a destra ele lhe aponta e move o indicador chamando-a. Ela calcula malcriada que a distância entre ambos é a mesma, mas treme por dentro em ver que está cercada pelos demais, como se ela fosse fugir ou algo assim e todos a observavam seriamente, calados.

Sérgio fecha a expressão com ar de desagrado, volta a enfiar a maçã no bolso e é explicitamente direto;

— Vamos às regras e é simples. Nós mandamos. Você obedece. É recompensada, e todos nós iremos nos divertir aqui. Desobedece e será devidamente punida, e nós iremos nos divertir de qualquer forma. — ela chegou a abrir a boca, mas ele continuou sério e com tom autoritário;

— Agora, faça o que lhe mandei pequena, e venha até aqui.

Ah merda. Seu olhar sério dizia que ele não estava de brincadeira e ela moveu lentamente a cabeça em negativa engolindo em seco sem querer acreditar no que estava acontecendo.

Queria argumentar, mas sua garganta escolheu uma péssima hora para travar. Uma dor ardente varou por suas costas e a fez arquejar, no mesmo instante ela foi presa pelos cabelos e empurrada para baixo, forçada a ajoelhar na areia. Outra varada a fez gemer alto de dor e seu agressor ordenou com um grito firme que ficasse quieta apertando ainda mais a pressão com que a continha no chão pelos cabelos. O pânico assaltou de imediato seus pensamentos mais racionais, mas ela permaneceu de boca fechada.

O mesmo que a agrediu se inclinou e a beijou na fronte elogiando-a.

— Boa menina... Aprende rápido.

Kassia lançou em Jane um olhar indignado e acusador, mas ela move os ombros como se o que a estavam forçando não fosse nada demais.

— É quatro vezes mais do que Ed poderia te dar. E há de concordar que é uma barganha até razoável para te satisfazer e deixar meu dono em paz, não é?

Ah droga... Dono? Dela? E eles achavam que ela estava gostando de tudo isso?

Kassia não demorou nada para entender que estava mesmo enrascada!

A maluca da Jane levou a mão no decote e parecia até que estava excitada com o que estavam fazendo com ela e isso lhe provocou um ódio tremendo de toda a situação, mas não lhe deram tempo ou meios para argumentar.

Ela queria dizer que estavam enganados, que a maluca da Jane estava! Mas seu agressor ordenou que continuasse calada, forçou-a a ficar ajoelhada e de cabeça baixa e ele colocou suas mãos sobre seus joelhos com as palmas viradas pra cima ordenando que ficasse dessa forma.

Kassia cometeu o erro de levantar a cabeça, queria dizer alguma coisa, qualquer coisa que os fizesse entender que para ela isso não era um jogo nem tampouco era divertido, e levou mais uma forte chicotada que fez tremer todo seu corpo.

A sensação de que algo ou alguém além deles observava sua degradação passou por um instante em sua mente. Algo que há muito tempo não acontecia com ela. Algo do tempo de

seus sonhos e pesadelos de menina.

Alguém entre eles a acariciou no topo de sua cabeça e ela se deu conta de que lágrimas rolavam pelo seu rosto frustrando-a ainda mais, ela não queria chorar, não queria estar ali. Mais elogios se seguiram e Sérgio na sua frente sinalizou para o que a prendia e este a soltou, em seguida ordenou a ela que se levantasse e se despisse pra eles, que queria ver o que ela tinha pra oferecer. O terror que a dominava tirou-lhe a força das pernas e ela permaneceu ajoelhada no chão, tremendo e rogando por misericórdia sem que nenhuma palavra realmente saísse de sua boca.

Eles iam violentá-la e várias imagens horríveis passaram pela sua cabeça. Alguém diz que a palavra de segurança dela fosse revogada, que devia ser doutrinada, e os demais concordam com o absurdo.

Seus olhos estavam turvos e ela não discerniu quem a suspendeu do chão, indiferentes à sua frágil resistência eles rasgaram e tiraram suas roupas, enquanto um a mantinha à força de pé segurando-a firme pelos braços, os outros vinham por trás e batiam com varas, bastões, chicotes e mãos.

Kassia engolia os gemidos enquanto lhe diziam que estava sendo punida e que quando terminasse com ela, ela estaria doutrinada até para o mais exigente Dom entre eles. E quando achou que não havia como ficar pior, fora forçada a inclinar o corpo pra frente e um dos que estavam por trás forçou seu quadril para cima e enfiou o dedo úmido em seu ânus.

Já não conseguia discernir se eram as palmadas e chicotadas seguidas de afagos e elogios ou a humilhação do que estava por vir, que doía mais. Entre as palmadas e as chicotadas em suas costas e laterais das coxas ele enfiou outro dedo e depois outro, ficou tirando e enfiando enquanto ordenava coisas que já não ouvia e outras varadas chicotadas e palmadas sucederam, mas ela já não as sentia.

Kassia ouviu algo a respeito de poço, fundo do poço, e que estava lá, sim. Ela podia sentir exatamente isso emocionalmente e algo mais. Um deles parecia estar bastante irritado em gritar que ela tinha que estar ali, que tinha que estar presente em sua doutrinação e a tortura cessou por um breve instante.

Alguém dentre eles a sacodi pelos braços e a chamou pelo nome. Kassia o encarou sem realmente vê-lo, foi forçada de novo a se abaixar e um grito de profunda agonia escapou da sua boca quando foi violentamente penetrada por trás. O desgraçado à sua frente sorriu satisfeito e acariciou sua fronte. O mesmo que a penetrava com estocadas violentas que lhe rasgavam por dentro, batia em suas coxas e bunda freneticamente, e batia com força. O que ordenou que ela ficasse quieta segurou-a pelos cabelos rentes a nuca e a beijou no topo de sua cabeça.

Desgraçados!

Ela murmurou o xingamento e ele apertou ainda mais a pressão dos dedos em seu cabelo enquanto outro deles apertava grampos em seus mamilos, outro forçava suas pernas a ficarem retas e com isso, o seu traseiro exposto, às agressões e estocadas violentas.

Por um segundo ela viu que Jane os observava com expressão fascinada, como se invejasse o

lugar que Kassia teria lhe dado de bom grado.

O que a penetrava gemeu roucamente, estocou fundo mais duas vezes e saiu abrupto batendo sua palma com toda força em sua bunda, mas logo em seguida outro tomou o seu lugar, depois outro.

Eles se revezaram entre si na imposição das torturas e no sexo e quando o último deles gozou e se deram por satisfeitos ela se sentia como um saco de ossos inanimados. Incapaz de sustentar-se sobre as próprias pernas. Alguém a suspendeu do chão pelos braços e outro acariciou o topo da sua cabeça, como se fosse um filhote de cachorro que tivesse se comportado da maneira certa, e ela teria se desvencilhado do afago se pudesse.

Se houvesse um grama que fosse de força em sua estrutura, ela teria esbofeteado cada um deles, mas estava severamente abalada com o que fizeram. Seus olhos já estavam secos, não havia mais lágrimas. Uma breve consciência de que nada serviriam as fizeram cessar e juntando forças que não imaginava ter, afasta bruscamente o rosto no momento que Sérgio ia acariciar sua fronte.

Os lábios dele se retorceram de leve com a desfeita, mas ainda assim ele a elogiou e explicou com calma;

— Não era pra você sentir prazer, pequena... — como se ela não soubesse, ela pensou indignada e ele continuou explicando com tom de professor;

— Foi para o nosso prazer que você veio, mas também iremos permitir que você sinta prazer se você se comport...

Kassia o encarou e algo em sua expressão furiosa o fez calar-se, então ela ouviu a si mesma dizendo feroz, mesmo com a garganta inflamada;

— São doentes, vocês são... Malditos, doentes. Eu não sou da laia dessa aí e o que fizeram não foi consensual, foi estupro — sua voz era baixa, mas decidida quando ameaçou;

— Vão pagar por isso seus, malditos, pervertidos... Todos vocês. Eu não sou como vocês!

Sérgio levanta as nojentas sobrancelhas parecendo surpreso e se vira a fixar em Jane o olhar sinistro e ameaçador. Jane estudou a expressão não só acusadora, mas igualmente furiosa de Kassia, torna a olhar para Sérgio e encolhe os ombros com um sorriso sem graça, como se tivesse se desculpando. Como se tudo não passasse de um simples engano. Miseráveis!

Sérgio passa a mão no rosto com ar de desgosto e num instante Jane desaba no chão se posicionando do mesmo modo que eles a obrigaram a ficar no começo, Kassia tenta imaginar o quê a infeliz ganharia com isso.

— Ah Jane, Jane. — lamentou Sérgio ao aproximar-se dela.

Jane permaneceu do mesmo jeito, a cabeça baixa, as mãos sobre os joelhos com as palmas viradas pra cima;

— Ele disse, Ed disse que ela tinha potencial...

Agora a vagabunda parecia estar realmente com medo, mas ele não deu crédito para suas explicações,

— O que nos fez fazer? Sabe que não devia nos enganar desse jeito, não sabe? E agora? O que vamos fazer com você?

Kassia contém o ímpeto insano de desejar que eles acabem com ela, e num instante de lucides calculou que era exatamente o que queria a desgraçada masoquista! Alguém tentou abraçá-la nesse instante, mas ela rechaçou o sujeito com um movimento brusco e o enfrentou com o olhar.

Estava furiosa com todos eles. Seu corpo doía de forma quase insuportável e algo frio e imparcial passou por sua mente nesse instante. Ela era uma guerreira, e jamais se submeteria a qualquer um de forma tão humilhante. Era possível que não saísse dali viva, mas nada a impediria de morrer lutando!

Então, aconteceu...

Algo que vinha emergindo do fundo da sua essência mais primitiva se libertou em uma explosão de energia e Carlos foi o primeiro a sentir o impacto da sua ira a arregalar os olhos. De alguma forma ela o prendeu no lugar, ele levou as malditas mãos que usou para feri-la no próprio pescoço em agonia, se debatendo e sufocando.

Alguém xingou alto a alertar aos demais para a cena e em seguida a chutou por trás dos joelhos com violência. Ela ressentiu-se com o golpe do covarde, mas manteve os olhos fixos em Carlos e assistiu com satisfação fria imensurável quando o desgraçado começou a espumar e soltar sangue pela boca e nariz, pouco tempo depois caindo de joelhos, para logo em seguida tombar de lado no chão com o rosto azulado. Se desmaiado ou morto, ela não se importava. Não sabia o que a movia, mas tinha certeza de que iriam pagar pelo que fizeram com ela.

Como se sua cabeça não tivesse uma ligação fixa com sua coluna cervical, ou seguisse a mesma regra anatômica que os demais, ela olhou para trás e encarou o que a havia agredido, Lucas, ou assim lhe foi apresentado, e o filho da mãe também arregalou os olhos castanhos, apavorado com o que via.

Ela sentia circular em suas veias e transbordar pela sua pele o que quer o mantivesse preso pelo poder do seu olhar e que de alguma forma, pela vontade dela, ele começava a sufocar e o seu coração disparava, e o prazer que circulava pelo corpo dela era como uma onda sombria que a engolfava enquanto ele se debatia em espasmos tentando em vão libertar-se do seu comando.

Mas uma forte pancada em sua cabeça a desnorteou e de repente tudo à sua frente perdeu o foco e escureceu.

Eles a haviam vencido. Mas ela lutou até o fim.

Kassia não tinha noção de quanto tempo ficou desacordada ou se tudo que viu e sentiu fora real ou imaginação, mas em algum momento lembra ter aberto os olhos, ela viu e ouviu que eles levantavam os braços gesticulando e discutiam entre si. As imagens desconexas não coincidiam com seu estado, estava escuro ou escureceu de repente, chovia intensamente e gotículas fustigavam seu rosto e corpo. Dores lancinantes em seu peito e ventre não a permitiam respirar.

Ela tentou levantar e inocente imaginou que alguém entre eles havia se apiedado do seu estado e a estava ajudando, mas não demorou em perceber seu ledor engano, que era feita de escudo pelo covarde e na escuridão subitamente iluminada por raios e trovões reluzentes, uma

forte tempestade iniciou, misturando sonho com realidade, bem diante dos seus olhos turvos.



CAPÍTULO 2

Xstrauss observava a fêmea há horas em silêncio. Seu rosto inexpressivo em nada denunciava do que se passava em seu íntimo, mas os pesadelos dela ainda o torturavam sobremaneira e uma dor aguda o ponteava na altura do peito por dentro, só de lembrar-se. Ela se mexeu de leve e tremeu os braços como a se defender de algo invisível em seu sono e com seu corpo alquebrado ele ameaçou de súbito levantar, mas a fêmea voltou a aquietar-se na cama com um suspiro trêmulo profundo e ele voltou à sua posição de sentinela.

A espera...

Por três dias e três noites esteve curiosamente insone e alerta ao seu lado, velando o sono conturbado e cuidando pessoalmente dos ferimentos que ainda assolavam o corpo dela. Não havia permitido nem mesmo o *Neimo* que os servia e aos seus ancestrais há milênios que entrasse no quarto.

O *Neimo* chegou a insistir umas duas ou três vezes, mas se deu enfim por vencido ante a sua incontrolável e possível fúria, e ao que de certo essa fúria desencadearia sobre todos eles.

Os demais habitantes do seu mundo o conheciam e temiam o suficiente para nem mesmo tentar aproximar a poucos metros da porta do quarto que ele convenientemente havia escolhido para a fêmea, a duas portas de distância do seu. Xstrauss solta um suspiro irrefletido de revolta e se remexe discreto no assento onde assumira seu posto.

A fêmea que agora finalmente dorme tranquila havia passado o diabo nas mãos de seus algozes e só de lembrar o que lhe aconteceu, os poucos pelos do seu corpo se eriçam e suas presas se pronunciam ameaçadoras.

Em seu mundo isso era algo imperdoável, as poucas fêmeas que existiam eram tratadas com a veneração merecida pelo que haviam passado as suas ancestrais e retornar ao passado, principalmente para ele, era uma tortura indescritível, complicada para verbalizar ou descrever em palavras.

Ele e alguns dos seus irmãos estavam se recuperando sob a terra e acordou de súbito ao ouvir o grito agoniado dela. Ele ignorou o rosnar da besta dentro de si e concentrou-se na mente feminina que o invocava inconscientemente.

Ele adentrou em sua mente e o que viu pelos seus olhos e sentiu o feriu por dentro como uma lança afiada.

—Humanos... — rosnou a palavra como se fosse um xingamento.

Não que os odiasse, sequer tinha contato com eles para basear qualquer julgamento, mas estes estavam dentro dos domínios do seu mundo e torturavam a fêmea que o havia acordado do sono restaurador sem piedade!

Foi com enorme repulsa que ele viu através dos seus olhos que ela estava sendo tomada contra a vontade e seu peito ardeu de revolta.

O gosto do próprio sangue lhe veio à boca e ele rosnou ante a própria impotência. Sua memória foi levada a um tempo distante da própria vida e nesse momento sentiu a presença do

seu irmão em sua mente e o ignorou. Zarcon havia se ferido no resgate recente e precisava descansar para se curar.

'Todos eles precisavam', mas Xstrauss não conseguia desligar ou ignorar a ligação com a fêmea que curiosamente o havia despertado. Quase nada em seu mundo era capaz de despertar um *Aehmon* quando se entregava ao sono restaurador sob a terra consagrada, até os guerreiros que tinham companhia não a ouviria ou conseguiria se conectar mentalmente a ela nesse estado de quase morte e esse era mais um bom motivo para que ele preferisse não envolver o irmão e rei de seu mundo nessa questão tão singular. Zarcon tinha companhia e ela estava com ele sob o manto consagrado pela Guardiã do seu mundo.

A maioria das fêmeas ficava protegida em suas casas, mas Aleesha havia sido atraída por uma forte compulsão para além dos limites delimitados para ele e os demais habitantes do seu mundo, e ele acreditava que havia sido por pura sorte que conseguiram resgata-la antes que fosse encontrada por um dos seus inimigos para além das fronteiras.

Aleesha era uma fêmea de extremo valor para a raça e as visões que a assolavam de tempo em tempo deixava a todos em estado de alerta constante, e tão logo conseguiram acabar com as três criaturas criadas pelos mesmos seres que os criaram e agora queriam destruí-los, ele e Zarcon a havia abordado em transe, desesperada tentando ultrapassar os limites delimitados para eles pela Guardiã.

Ele havia aprendido a respeitá-la, ainda que nunca se aproximasse o suficiente ou permitisse que ela entrasse em sua mente pra saber. Desde que ele fora amaldiçoado que sempre buscava uma distância segura de qualquer fêmea e Aleesha podia ser excepcional, mas era uma fêmea e jamais se perdoaria se ela se machucasse por sua culpa.

Xstrauss tentou em vão comunicar-se com a fêmea que o acordou em sua agonia. Pressentia furiosamente frustrado que passaria por horas terríveis sob a terra, obrigado pela sua fraqueza a aguardar passivamente enquanto a fêmea sofria nas mãos dos malditos e só o que lhe restava era observar e sentir através dela. Ela estaria sozinha e à mercê dos seus algozes até que o sol se pusesse e ele rogou aos seus ancestrais e até mesmo a um deus que não acreditava que ela aguentasse.

Uma necessidade imensurável o inundou por dentro, deixando-o total e irreversivelmente consciente de que ele 'precisava' que ela sobrevivesse ao martírio ou nenhum deles, fossem *Aehmons* ou humanos, estariam seguros da sua ira.

Se não resistisse, ele mesmo caçaria e garantiria que não sobrasse nem mesmo os ossos dos seus algozes! E foi com satisfação enorme que ele assistiu através dos olhos da fêmea quando ela lançou a compulsão mental em um dos machos que a havia torturado e o maldito começou a engasgar com o próprio sangue e sufocar desesperado até cair desmaiado e chegou até a soltar um grunhido estranho de prazer quando ela fez o mesmo com o outro que a havia atingido covardemente por trás.

Xstrauss nunca tinha visto ou tomado conhecimento de que um mortal dominasse esse tipo de poder, mas não era tão íntimo deles como seu irmão Dêrhon para ter certeza e se a fêmea tinha poder de acabar com os malditos, ele só tinha que agradecer fosse lá o quê, ou quem fosse.

Por um instante cogitou que pudesse ter sido 'ele' pela conexão que curiosamente havia criado com ela, mas logo dissipou a ideia.

Se fosse pelo seu intermédio, com certeza que ele não teria sido tão complacente e nesse

momento os olhos dela se turvaram e foram se fechando devagarinho e Xstrauss sufocou um grunhido de raiva ao chegar à conclusão de que a haviam golpeado na cabeça pela dor que ele sentiu na sua.

Sua espinha estalou prenunciando o desastre iminente. A fera dentro dele rugia furiosa buscando libertar-se faminta por sangue, violência e vingança, e pela primeira vez em muito tempo ele não tentou controlar, não tentou conter o mal que ela poderia acarretar. Intimamente até desejava que ela se libertasse e foi nesse instante que Zarcon entrou em sua mente com a calma fria e racional, mas nem um pouco menos ameaçadora, que lhe era peculiar.

Não seja tolo, Xstrauss. A fêmea vai aguentar.

Xstrauss rosnou ante a invasão e retornou com uma imprecação violenta, mas Zarcon continuou impassível à sua agressão mental.

Seja racional, Xstrauss. De nada vai adiantar à sua fêmea, as cinzas de qualquer um de nós se sairmos agora.

— Ela não é minha fêmea.

Xstrauss respondeu depressa e Zarcon se calou dentro da sua mente, mas ele podia sentir a mente do irmão trabalhando nas implicações da conexão singular e fechou com força os olhos em negação.

A fêmea nem mesmo era do seu mundo e sabia que o irmão estava com razão em relação ao sol, que torraria a qualquer um dos seus que arriscasse sair do solo naquele momento antes que conseguisse aproximar-se em auxílio à fêmea, mas foi extraordinariamente difícil ignorar quando sentiu que um dos covardes a prendiam com pulseiras de aço nos pulsos e canelas para que ela não conseguisse fugir quando acordasse.

Ele tomou para si o que pode da razão e dor que ela sentia quando um dos machos começou a chutá-la ensandecido pelo que ela tinha feito com ele, permitindo-a somente um estado de leve consciência do que a afligia. E a fêmea nem mesmo tinha como se defender do covarde!

Zarcon permaneceu o tempo todo como uma sombra em sua mente, ele podia sentir seu apoio e presença mesmo tendo o irmão se calado. Os humanos temiam serem delatados às autoridades do mundo deles pelo que fizeram com a fêmea e estava a cada instante mais claro que pretendiam exterminá-la ali mesmo pra se safarem da possível condenação que mereciam. Ele tentou mais uma vez em vão comunicar-se com ela. Ele podia sentir tudo que ela sentia e ver através dos olhos dela, mas ela desconhecia a presença dele, ou se sabia, estava bloqueando-o deliberadamente.

A cada segundo que passava o seu ódio pelos humanos era maior, mas foi quando ele viu através dos olhos turvos e sentiu em sua própria carne a primeira das muitas facadas que ela estava levando, que sua ira emergiu como furacão de proporções catastróficas e de súbito a besta nele foi liberta, em uma explosão de luzes que fez a terra em torno dele e de todos os seus iguais tremer.



Zarcon praguejou alto e rapidamente interagiu em defesa do irmão e dos demais, afastando-se de Aleesha, concentrando-se nos elementais da natureza, reordenando-os à sua vontade,

invocando a tempestade.

O rei era energia em seu princípio mais básico e primitivo quando o vento zuniu ruidosamente e nuvens carregadas e sombrias se uniram no céu a encobrir o astro mortífero para ele e para os demais do seu mundo.

Trovões ribombaram ao alto prenunciando a tempestade e logo em seguida a chuva começou a cair com estrondo, encharcando a terra consagrada que fora berço dele e de seus ancestrais. Todos os seus se levantaram do solo que os acolhia e tal como ele, estavam igualmente indignados e furiosos. O vento e a chuva zuniam e açoitavam inclementes aos corpos enquanto raios ricocheteavam nas árvores e nas pedras, fulminando e destruindo a tudo o que tocavam, os animais corriam e se escondiam desorientados e o volume lamacento das águas nos rios próximos subia rapidamente.

Sob seu comando, as terras encharcadas das montanhas próximas desprenderam-se e desceram em avalanche cercando os mortais por todos os lados, deixando-os sem alternativa de fuga e assombrados com a súbita e repentina tempestade, e a besta colossal, em toda sua monstruosa fúria galopava velozmente na direção da fêmea com a promessa manifesta de destruição e vingança estampada em seus movimentos e rugidos.

Um dos seus algozes a levantava da terra úmida e a segurava como escudo, mas a deixou cair aterrorizado com o que via à sua frente entre uma trovoada e outra, e antes que o covarde pudesse emitir qualquer som foi mordido na cabeça, sacodido no ar como um pedaço de pano e ferozmente destroçado pela besta enquanto seu sangue imundo se misturava à terra encharcada sob seus pés.

Os outros machos tentaram fugir, mas foram abatidos com a mesma falta de piedade que tiveram para com a fêmea pelos outros guerreiros do seu mundo, já a fêmea que covardemente a tinha esfaqueado, foi poupada. Mas só porque era assim que deveria ser.

Nenhum *Aehmon* em sã consciência matava seres fêmeos de qualquer espécie sob qualquer circunstância há muito tempo. E as fêmeas humanas estavam no topo dessa lista de prioridade, elas que principalmente deveriam ser poupadas.

Mesmo quando eram treinadas e induzidas pelos seus inimigos a entrar no seu mundo com intenção de matar um dos seus, elas eram rendidas e entregues aos seus respectivos guardiões, e cabia a eles decidir sobre o destino delas. Salvo se conseguissem seu intento, aí eles tinham o direito pelo tratado entre os guardiões superiores de fazer com elas o que lhe aprouvessem, mas não era o caso ali, e se não pelo que elas já representaram para todo o seu povo há muito tempo. Eles as deveriam preservar em respeito à *Mahren Mäi*.

Guardiã da sua raça perante os superiores.

Mas Xstrauss pensou em abrir uma exceção para a fêmea de cabelos prateados. Ah sim!

Ele pensou seriamente nisso emitindo um rosnado carregado de desejo de vingança! Ele podia farejar as intenções da fêmea imunda de forma inequívoca claramente, e a falsa postura de submissão da fêmea estava deixando-o enojado. A víbora peçonhenta acreditava que seria poupada se mostrasse respeito e subserviência a ele e até ousou imaginar como seria, lançando imagens luxuriosas para a mente dele, mas Xstrauss pretendia mostra-lhe o quanto ela estava enganada.

Ela apunhalou a outra com intenção de matar e se safar e não uma, mas por diversas vezes e de forma abominavelmente covarde e a fera dentro dele concordava com suas intenções de

vingança e rugia igualmente sedenta de sangue.

Mais uma vez seu irmão previu sua intenção sombria e entrevistou com um rosnado enfraquecido. *Xstrauss não faça isso.*

Zarcon mal tinha forças para manter-se em pé, uma reserva vital do *höemn* em seu sangue foi usada quando invocou os elementais que provocou a tempestade que protegeu a todos dos raios mortais, mas ainda assim ele o impediu e entrou na mente da fêmea antes que o pior acontecesse, provocando um verdadeiro emaranhado de confusão nas memórias mais recentes dela e deixando a maldita peçonhenta em estado de semiconsciência catatônica para só então deixar-se cair na terra, em estado extraordinariamente exausto e perigoso para si mesmo.

Em reconhecimento ao seu sacrifício, Xstrauss fez a única coisa que estava ao seu alcance, ele ignorou a fêmea que se balançava para frente e para trás abraçada a si mesma e concentrou-se somente na que jazia nua e quase sem vida aos seus pés e ela era... Linda.

Estranhamente. Inexoravelmente. Comoventemente, linda.

Suas garras encolheram sutilmente, seus joelhos se dobraram e ele foi ao chão. Era metade guerreiro e metade fera enquanto analisava os traços delicados da fêmea de pele clara, que se esvaia em sangue pelos ferimentos perpetrados de maneira tão covarde.

A fêmea era tão pequena em relação a ele e estava tão ferida que temeu tocá-la e machucar ainda mais e foi com cuidado extremado que ele quebrou o aço vagabundo que usaram para prender as suas mãos e pés delicados e ela o surpreendeu e assustou ao mesmo tempo, quando abriu devagar os olhos e os fixou nele.

Seus olhos eram castanhos quase negros e ela o encarou como se o conhecesse e o que mais surpreendeu era que por um instante, ele sentiu como se a conhecesse também. Uma vontade gigantesca de passar a mão sobre o acetinado cabelo negro e úmido da fêmea foi contida por pouco.

Ela abriu a boca rosada com intenção de falar, mas engasgou com o sangue que emergiu da garganta e o desejo instintivo de proteção dele foi acionado como nunca antes e mais do que imediatamente ele a interrompe com a voz rouca e parcialmente embargada;

— Não tente falar, eu vou... Nós vamos cuidar de você.

A tempestade abrandou em sua fúria conforme os ânimos deles se acalmavam, mas o céu continuou coberto de nuvens cinzentas a protegê-los do astro mortífero que ainda não havia desaparecido por completo atrás do horizonte montanhoso.

Os demais guerreiros presentes se aproximaram e os circulavam a certa distância com respeito e admiração evidente estampado em suas expressões e Aleesha abriu caminho entre eles com a elegância felina que lhe era própria, mas quando viu a fêmea totalmente nua e mortalmente ferida, sua expressão sempre terna e gentil se tornou séria e preocupada.

— Oh *Mahren Mäi*! — gemeu a rainha de seu mundo a inclinar por sobre a fêmea, seus olhos examinaram Xstrauss de soslaio por um breve instante e seu coração sangrou dentro do peito, ela rogou por piedade à Guardiã e conteve as próprias emoções dedicando toda a sua atenção para a fêmea ao qual Xstrauss havia inconscientemente vinculado.

Xstrauss nunca havia pedido nada a Aleesha, mas nesse instante se ouviu pedindo;

— Pode salvá-la, não pode?

Aleesha assentiu devagar. *Posso tentar.*

Ela declarou com mais sentimento do que queria ter demonstrado e então ela dedicou-se plenamente à fêmea ferida com o coração apertado dentro do peito.

Xstrauss observou com um tanto de assombro os movimentos frenéticos que em nada lembravam a calma e da docilidade paciente que lhe eram tão comuns, um brilho tênue emergiu em fachos das entranhas da terra quando a curandeira em si se pôs a trabalhar e todos pressentiam como ela estava abalada em mesmo tempo que determinada em salvar a fêmea.

Aleesha invocou o poder que herdou de seus ancestrais e fazendo uso do poder do *höemn* em suas veias, o conhecido líquido branco e transparente que fluía das suas mãos e braços e por diversas vezes antes já havia curado a ele ou alguns dos seus irmãos, começou a verter por cima dos elementos que ela retirou da terra, ungindo a mistura que curaria os órgãos danificados no corpo da fêmea. Com uma violência incomum à natureza dela, ela mordeu o próprio pulso e regou o remédio também com o seu sangue e sobrepôs à mistura por sobre os ferimentos da fêmea.

Bastou um olhar pra Xstrauss e ele sequer piscou em oferecer-se e Aleesha guardou para si o sentimento pouco nobre que floresceu do ato dele, como era o costume entre eles, ela agradeceu a dádiva oferecida encostando a fronte no pulso oferecido em promessa muda de retorno e em seguida, com suas pequenas e afiadas presas ela o morde.

Não para reabastecer a si mesma do que estava oferecendo à fêmea, como Xstrauss supôs de início. A companheira do seu irmão guiou seu braço por sobre o unguento que espalhava sobre os ferimentos e até aí ele entendia, já tinha a visto fazer o mesmo procedimento com animais fêmeos feridos em seus domínios, mas depois ela o conduziu à boca da fêmea que se abriu sob o comando mental dela e com essa ele a encarou, mas o olhar que Aleesha lhe deu o fez calar até mesmo em pensamento. Era tanta emoção, tanto sentimento que ele engoliu em seco.

Ela não cicatriza como nós, Xstrauss. Só o meu fluído curativo não será o suficiente pra salvá-la e ainda assim é possível que não resista.

Aleesha o explicou em um sussurro sentido na língua de seus ancestrais.

— Não vai falhar minha rainha. — ele replicou de volta e a encarou com desespero — Eu 'sei' que não vai.

Xstrauss sabia que estava apelando, mas nunca a viu falhar em um processo de cura! Ele mesmo já havia sido consertado por ela algumas centenas de vezes ao longo dos milênios e não ia mais especular quanto à sua forma de tratamento nem mesmo em pensamento e seria capaz de prometer o que ela quisesse pelo seu feito, mas ele estava certo de que guardaria por toda a sua existência a lembrança daquele olhar que ela lançou nele.

Aleesha ignorou todas as especulações mentais de Xstrauss e concentrou-se em seus esforços a eterizar os próprios braços e em seu estado vaporoso, adentrou o corpo da fêmea ferida procurando estancar o sangramento e ordenar o processo de restauração dos órgãos vitais e reprodutores atingidos pelas agressões, enquanto garantia que Xstrauss a alimentasse

compulsoriamente.

Ela se concentrava no sistema digestivo da fêmea quando outra visão a assaltou fazendo-a parar por um instante. Seu olhar úmido pelas lágrimas repentinas buscara aos de Zarcon na escuridão e dor imensurável a feriu de dentro do peito. Aleesha ocultou dos demais o que se passava com ela em seu íntimo e continuou concentrada no que estava fazendo.

Seu *höemn* e o de Xstrauss se esvaíam rapidamente de seus corpos pelo esforço que empregavam na reabilitação dos órgãos atingidos, mas ela não desistiria. Definitivamente, não podia!

O que viu lhe tirava qualquer alternativa que não fosse garantir que a fêmea que estava diante dela sobrevivesse! Os outros machos presentes aproximaram ao chamado dela e prontamente estendem os braços sobre eles em solidariedade.

Xstrauss deixou escapar um grunhido fraco e uma lágrima furtiva rolou em seu rosto denunciando a sua frustração instintiva. O seu lado irracional não queria de forma alguma que outro macho a alimentasse e também a fera dentro dele reagiu ameaçadora com relação aos seus irmãos deixando seus olhos totalmente brancos, mas seu lado racional o advertia que ele não tinha esse direito, a fêmea nem pertencia ao seu mundo!

E mesmo que fosse, pensou com pesar, ela não o havia escolhido.

Xstrauss estava ciente da própria fraqueza, sua recarga de *höemn* sempre ficava em baixa quando a besta dentro dele emergia e jamais se perdoaria se não fizesse 'tudo' o que estivesse ao seu alcance pela vida dessa fêmea e estava prestes a ceder aos seus impulsos de rosnar em ameaça para qualquer macho que ousasse insistir quando ela agarrou-se a ele mentalmente e reagiu com veemência contra a compulsão mental de Aleesha sobre ela.

Nããão.

Aleesha ordenou imediatamente aos guerreiros que se afastassem e eles se afastaram no mesmo instante.

A fêmea a repeliu tão logo alcançou um mínimo de consciência do que estavam fazendo por ela e com uma presença quase palpável de tão forte, implorou a Xstrauss em pensamento;

Não deixe que me toquem, por Deus, eu prefiro morrer, me deixe morrer em paz!

Aleesha sentiu a dor de Xstrauss e dor maior a invadiu por dentro, mas ela ignorou a própria e concentrou-se somente na fêmea que lutava com tudo que tinha pra se libertar das dores lancinantes em seu corpo.

Ninguém mais vai te machucar, pequena.

Xstrauss prometeu e ela se contorceu em agonia com o coração a bater disparado afastando e bloqueando-o de imediato da mente dela. Sem entender o motivo da repulsa dela, ele vasculhou as suas memórias em busca de compreensão e tão logo entendeu, o ódio que sentiu pelo humano que a havia machucado irradiou por todo o seu corpo, fez o chão tremer sob seus pés e raios ribombarem alto e ameaçadores na noite.

Xstrauss o mataria de novo se fosse possível. Disso ele tinha mais que absoluta certeza! Foi movido por puro e inexplicável desespero que ele tomou uma decisão que não era seu direito, ele pediu perdão à fêmea lançando nela uma forte compulsão e ignorando a própria fraqueza, ele assumiu o controle sobre o corpo debilitado e com aprovação e orientação de Aleesha, ele respirava por si e pela fêmea e obrigava o fragilizado coração dela a continuar batendo.

Apesar dos esforços de Xstrauss Aleesha não conseguia controlar o edema que se formava em seus pulmões e desespera.

Oh Mahren Mäi! Sede piedosa! Ela não me deixa entrar, não me permite estancar o sangramento! Xstrauss ela está ligada a você, só escutara a você! Concentre-se nela, a distraia das dores!

Xstrauss rugiu uma imprecação quando o coração da fêmea falhou a primeira vez, mas continuou concentrado nela, focado na respiração dificultada, enquanto ela resistia com veemência aos seus comandos e clamava em silêncio agoniado pelo alívio, pela morte que a abstrairia das dores lancinantes em todo seu corpo frágil e alquebrado, até que o coração falhou de novo e dor imensurável o varou por dentro das costelas, por ela, por ele.

Ela estava desistindo, ele a estava perdendo e sentiu mais do que viu, quando o sangue começou a se espalhar pelas feridas abertas e tomou totalmente os pulmões dela.

Xstrauss ganiu em desespero e depôs as mãos sobre o peito da fêmea a tentar de novo com tudo que ele tinha, ele impôs ao seu coração que voltasse a bater com um choque energético que vinha do canto mais profundo da sua essência... Da sua mais intensa vontade.

O coração dela pulsou mais uma vez, e parou.

Ele caiu de lado ao seu lado estupidamente exausto. Era a vontade dela prevalecendo a dele e devido à intensa conexão entre os dois, ele podia sentir a alma dela partindo... O *höemn* em seu sangue não reagiu.

Nem mesmo a fera dentro dele, se pronunciou.

Xstrauss sentiu o amargo da derrota na boca do estômago nesse instante e fechou os olhos com pesar tendo por última visão a lua soberana sobre eles.

Havia passado por milênios sem sentir tamanha dor e sofrimento e naquele exato momento ele entendeu que não tinha mais volta. Não queria mais volta.

Ele fitou o irmão de relance e teve uma parca visão do que era ser um macho vinculado de 'verdade' e o seu irmão profundamente esgotado e ainda deitado sobre o chão úmido que fora berço dele e de seus ancestrais por incontáveis milênios, devolveu seu olhar com outro, demasiado apreensivo e pesaroso, sem palavras.

No fundo Xstrauss desejava que o irmão compreendesse que ele não tinha mais escolha.

Em um rápido retrospecto mental ele visualizou alguns dos pontos mais cruciais de sua vida e considerou; Se já teve escolhas ao longo da sua amaldiçoada existência, agora ele não tinha mais.

Aleesha ganiu alto e todos os demais sentiram com ela e por ela a sua dor como era comum entre eles, mesmo sem entenderem a razão. Silvos e lamentos eram emitidos por todos contestando a sua decisão, mas ela não lhes deu tempo de tentar dissuadi-la do que precisava ser feito, não podia.

Aleesha olhou com pesar para Zarcon, o macho que escolheu por companheiro. O amigo fiel e zelador dedicado de todo seu mundo, e lembranças de toda uma existência ao seu lado, pairou na mente dos dois por um breve momento de ligação singular.

Aleesha soltou um ganido baixo e sofrido dessa vez, com um pesar que ultrapassava os limites da razão e do coração, ela pediu perdão ao companheiro e melhor amigo de toda a vida com olhos claros como o mel mais puro rasos d'água, e antes que qualquer um dos seus iguais

pudesse intervir, ela fez uso de um direito dado a si e aos seus ancestrais milênios antes do seu nascimento e invocou o *mitho*.

Não obstante de Zarcon quando invocando os elementais, Aleesha era só energia em estado mais puro e primitivo, quando adentrou silenciosa no corpo da fêmea por suas vias aéreas e implodiu nela, o que restava de si, do que a fazia existir.

A ventania em torno deles cessou por completo. O tempo parou por um segundo e até mesmo os animais se mantiveram calados.

O coração da fêmea voltou a bater. Seus ferimentos imediatamente iniciaram o processo de cura. O sacrifício de Aleesha obliterou os males que assolavam o corpo dela e seus pulmões inflaram cheios de vida.

Xstrauss e Zarcon se entreolharam e a verdade nua e crua sobrepesou sobre ambos.

Aleesha; a fêmea que escolhera Zarcon por companheiro, nascida de Beadkën e Helenora, curandeira consagrada pela Guardiã de seu mundo, rainha amada e reverenciada por todo seu povo.

Não mais existia entre eles...



Xstrauss dá uma última olhadela na fêmea, que finalmente dorme tranquila, e sai do quarto para onde ele mesmo a havia levado, e parado em frente à porta dela, seu olhar segue sorrateiro ao fim do amplo corredor e se fixa nas portas duplas dos aposentos de Zarcon, pensativo.

Desde que seu irmão voltou do santuário, pra onde seguiu a quase uma semana, que se mantém trancado em seus aposentos e ele, assim como os demais, também estava preocupado quanto à saúde mental e emocional dele.

Zarcon tinha se fechado tanto física quanto mentalmente para todos eles em seu luto e Xstrauss chegou a pensar em invadir o quarto dele, mas não saberia o que dizer ou como agir de forma que não acabasse piorando a situação ainda mais. Esperava com certa ansiedade que Dêrhon voltasse logo, pois ele sim era bom com as palavras e certamente teria nem que fosse uma piadinha irritante a dizer. Julgando que ainda seria melhor do que ele entrar lá e se ver tentado a sacudir o irmão como um boneco de pano, ou um saco de areia, ou algo pior. Como era comum a comunicação mental entre eles, era demasiadamente difícil esconder o que se passava em suas mentes, não que fosse impossível, mas Xstrauss temia que Zarcon sentisse e acabasse por se ofender com suas opiniões mais íntimas em relação ao ocorrido.

Aleesha se sacrificou pela fêmea e desconfiava que ela tivesse visto algo importante enquanto batalhava pela sua vida, mas como era uma fêmea de pura linhagem, tinha o poder e a experiência de compartilhar somente o que quisesse de pensamentos e sentimentos dela com os demais e ele só podia desejar que ela tivesse justificado a sua decisão para o seu irmão.

Ele respirou profundamente e ponderou que Zarcon ainda devia estar se acostumando com o retorno do *Dien*. O processo tinha lá seu preço e Xstrauss sabia por experiência própria que não era nada fácil, tampouco agradável conviver com a experiência, então achou melhor deixar quieto.

Chegou até a ponderar que talvez a Guardiã fosse complacente com seu irmão e permitisse a ele que se encontrasse com Aleesha no plano além *Umo*, para onde os seus irmãos confiavam que seguiam às que faziam uso do *mitho* por altruísmo e decididamente, foi assim que ela usou o seu.

Zarcon era um bom rei para o seu povo e nunca transgredia as leis que ela impunha, então...

Xstrauss troca o peso do corpo de uma perna para a outra.

Ou não... Talvez não. —, reconsidera em pensamento.

Ele não era lá (como dizia seu irmão Dërhon), 'muito fã' da Guardiã há muito tempo. Respeitava seus mandos e desmandos porque era 'obrigado', mas intimamente se dava o direito de julgá-la egocêntrica, cega quando lhe era conveniente e algumas das suas atitudes com relação a eles eram abusivamente ridículas e até um tanto arbitrárias. — volta a trocar o peso do corpo para outra perna.

Se havia algo que o consolava, é que a Guardiã não sabia de 'tudo' como confiavam seus irmãos, logo, ela não era a dona de todas as verdades do mundo e às vezes, somente às vezes, até desconfiava que fosse, mas daí ele entrava em um terreno ainda mais arenoso e até se arriscaria dizer 'ensolarado' pelo ódio que adviria da sua sina.

O que seria de igual forma, suicídio certo?

Ou não.

O 'sol' seria um inimigo bem mais misericordioso. E Dërhon, com certeza o acusaria de estar sendo deliberadamente sarcástico, e ele se defenderia em alegar; era só realista.

Xstrauss se vira nos calcanhares, tomando o rumo convencional em direção ao quarto que Aleesha arrumou e decorou pra ele, e que por razões que só diziam respeito a si mesmo, ele muito raramente usava, mas precisava se alimentar com certa urgência de modo mais adequado, e de forma alguma queria que a fêmea sob seus cuidados acordasse e se deparasse com ele em situação tão íntima.

Ele podia até não ser tão bom em palavras como os seus irmãos, mas também não era estúpido o bastante em acreditar que não seria um choque para a fêmea, se ela acordasse de repente e o visse se alimentando de outra, no que a primeira vista consideraria seu quarto.

Mesmo que essa outra, fosse uma *Miellen*, ainda seria uma fêmea, e era bem possível que ela ficasse no mínimo horrorizada! E bem, isso não tinha nada a ver com o fato de que não aspirava nem um pouco em ser 'pego', simbolicamente falando; Com as calças nas mãos. Como diria o engraçadinho do seu irmão.

Claaaro que não!



CAPÍTULO 3

Ele grunhiu e meio que ronronou rouco logo em seguida. Aham... Isso era boom... Bom demais pra ser verdade! Mas e daí? Ele tratou logo de afastar o pensamento. Preferia mesmo era 'sentir'.

— Isso!... — ele grunhe — Continue, assim...

Como se tivesse conectada diretamente com seu cérebro, a mão delicada e macia logo alcançou o que mais importava e o abarcou, logo em seguida a boca tenra e cálida tomou o seu lugar, chupando-o gostoso.

Ele estava rijo como tora e teve que controlar-se para não gozar logo de cara. Não! Ele ia aproveitar o momento e estender ao máximo que pudesse as sensações raras. E que sensações!

Estava tão gostoso que ele gemeu sem cerimônia.

— Oh sim! — o ritmo de vai e vem tinha um calor languido difícil de ignorar e ficava cada vez mais intenso, mais quente, mais forte, até que ele quase se perde.

— Não... — ele grunhiu e logo depois pediu com um pouco mais de gentileza — Espere, não, não pare, só, vai mais devagar, isso... — e ele fecha os olhos, ciente de que trincava os dentes, concentrado em conter o gozo.

Estava muito bom. Muuuito bom meesmo! Mas ficou ainda melhor quando ela passou as longas e esguias pernas por cima do seu corpo e montou nele, o sexo úmido e receptivo envolvendo seu membro em um abraço apertado e faminto, subindo e descendo, subindo e descendo.

— Oh, sim! — friccionando deliciosamente o seu pau num ritmo mais que perfeito!...

Ele leva as mãos enormes nos quadris delicados e macios da fêmea em sinal mais do que evidente de posse, por que... Ela era sua, certo? Sim! Finalmente sua!... Ele a conduziu no ritmo que queria, subindo e descendo, e sentindo o frenesi crescendo, o clima esquentando, a sua musculatura enrijecendo e seus poucos pelos eriçando... E ele queria mais. Muito mais! Ele queria 'tudo' que ela quisesse dar, e queria dar tudo de si também, então ele esticou o pescoço expondo a veia grossa e pulsante enquanto rugia de prazer em um convite sem palavras, a beber dele, a saciar-se nele e sentiu o roçar das presas e dos lábios macios.

— Siiim! — ele grunhiu alto e quase engasgou entre a dor e o prazer que sentiu quando ela o perfurou com suas pequenas e afiadas presas.

O orgasmo o tomou em ondas alucinantes do mais puro prazer no mesmo instante e foi seguido de outros enquanto ela bebia 'dele', se alimentava 'nele'! E era 'ele' ali!

Preenchendo, alimentando e saciando-a de todas as maneiras que sempre desejou, enquanto sua mente decidia se estava rosnando ou ronronando, não importava. Era ela, e era 'com ela' isso era tudo o que desejava. Tudo o que mais importava. Tudo que sempre por toda vida desejou.

Talvez, pelo tempo que esteve sem sexo, ou pela concretização de um desejo muito antigo, não poderia afirmar, mas seu pênis não murchou nem um pouco como acontecia quando

gozava com as... NÃO! Nem pense!

Ele tolhe a lembrança inoportuna e aproveita o momento, ele estava rígido por causa dela, e ela já o cavalgava com vontade de novo depois de ter usado sua quente e deliciosa língua em seu pescoço pra acelerar a cicatrização chupando-o com seus doces e luxuriosos lábios em seguida, a absorver qualquer reminiscência da alimentação, lançando-o no frenesi das ondas espasmódicas de mais um orgasmo tão intenso quanto os anteriores.

Ele sempre imaginou que seria exatamente assim; Com ele sendo acordado por ela já em cima dele, tomando-o como era seu direito, cavalgando-o com força e sedenta dele, enquanto ele trabalhava com afinco em suas zonas erógenas excitando-a, instigando-a a dar ainda mais de si, a exigir ainda mais dele. As suas mãos deslizando com total liberdade e sem qualquer resíduo de culpa pelo corpo esguio e sedoso dela. Apertando de leve os glúteos macios em alerta silencioso quando se empolgasse demais, segurando em seus longos e acetinados cabelos e puxando-a de leve a se abaixar para mais um demorado e cálido beijo. Deslizando a mão com delicadeza possessiva pela graciosa curva da sua coluna enquanto ela invadia sua boca com a língua permitindo-o sentir o gosto doce e levemente metálico do sangue dele misturado ao sabor e aroma de canela e outras especiarias finas que era só dela. Que só ela emanava quando estava excitada. Seus gemidos e arquejos eram como melodia suave a acariciar seus ouvidos, e não deixava em nada a desejar pelas expectativas que tinha criado desse momento tão esperado.

Ela era 'dele' sim! E estava exatamente onde sempre imaginou que estaria, desfrutando do calor dos seus braços, regozijando-se nele!

Saber disso o preencheu de força e empolgação extremada, e a cada gemido dela ele arremetia mais e mais fundo em seu centro úmido e ela se movia com ele em êxtase profundo. Ele sentiu deslumbrado o exato momento que ela enrijeceu e gemeu alto por conta do próprio orgasmo e enquanto seu sexo úmido o ordenhava, as suas mãos buscavam o par de gêmeos perfeitos que eram seus seios e os apertava de leve. Os bicos rosados estavam rijos e pesados e ele adorava o fato de que cabiam com perfeição nas palmas de suas mãos...

— Amo você. — ele a ouve dizer baixinho enquanto ela ainda estremecia em cima dele pelas ondas do próprio orgasmo e ele foi arremessado no mar revolto das especulações.

— Amo você, Zarcon. — ela repetiu veemente, com voz melodiosa e levemente rouca ordenhando seu membro ainda em gozo em cima dele, beijando-o em seguida e aspirando o ar que saía de sua boca, ela tornou a repetir com uma sinceridade que lhe partiu ao meio,

— Sempre te amei. Só a você. Sempre amarei você, Zarcon. Onde quer que eu esteja. Pra sempre vou te amar.

Não. Não, não...

Isso não podia estar acontecendo. Não podia! Lágrimas inundam seus olhos e seu pênis murchou de imediato mesmo estando há pouco com outro orgasmo a caminho. Só podia ser sonho.

Ele olhou a própria barriga encharcada com o seu gozo e concluiu;

Era sonho.

Só, a porra, de, um, maldito, sonho!

Ele pegou e inalou o cheiro dela que se desprendia do travesseiro e seu pênis aprumou-se

cheio de decisão. Por um instante pensou seriamente em cortar fora o membro e oferecer aos cães e parece que a ameaça surtiu efeito, pois o troço voltou a murchar recolhendo-se à sua real insignificância. Ele lançou o travesseiro com o cheiro dela ao chão no canto do quarto, se virou de lado e, chorou.

Chorou por tudo que poderia ter sido, por tudo que tanto e por tanto tempo desejou.

Chorou como uma criança abandonada, encolhido como um feto, em uma cama enorme que estava fria, e vazia.

Realmente, definitivamente, vazia...



Absorto em sua dor, ele nem mesmo viu ou ouviu quando o vulto branco e quase etéreo se dissipou silencioso e suavemente do canto mais obscuro do seu quarto.



CAPÍTULO 4

Kassia acordou em uma cama extremamente confortável e os aromas que experimentava eram-lhe por demais familiares. De início chegou a acreditar que tinha sido encontrada e que estava na mansão que Kori mantinha no litoral da Zona Sul. Uma bela e suntuosa mansão, que por diversas vezes se perguntara por que a irmã mantinha, já que nunca usufruía. Até que um dia conseguiu deixar de lado a sua irritante timidez e perguntado, a irmã lhe sorriu e com um brilho emocionado no olhar azulado e expressão de nostalgia, e respondeu sua pergunta com outras duas;

"E o quê te faz crer que não usufruo? Já te disse o quanto me dá prazer sentir o seu prazer, linda Kassi?"

Kori, como carinhosamente a chamava, era notívaga por natureza e era também uma workaholic nata, mas por uma ou duas vezes a flagrara nadando na enorme piscina da mansão, explicitamente nua, iluminada tão somente pela luz da lua ou mergulhando nas águas do mar que cingia as areias da praia na frente da propriedade pouco antes do amanhecer.

Linda Kassi? Kassia meio que sorri em lembrar com afeição. Kori é que era deslumbrante! Seu rosto parecia esculpido em alabastro, o corpo alto e curvilíneo era digno de capa de revista. E o seu sorriso? Caramba! Seu sorriso era como o sol, iluminava e aquecia tudo que tocasse! Kassia solta um suspiro sentido e profundo, Kori era tudo que ela aspirava ser, um dia.

Uma sensação de saudade imensa a inflamou por dentro e ela desejou lá do fundo de seu ser ter sido uma irmã melhor para Kori, afinal, tudo que sua irmã queria, era que ela vivesse em paz e em segurança. E o que ela fez? Logo na primeira oportunidade bateu com o carro e quase morreu! Já o seu namorado não teve a mesma sorte, morreu no impacto e ela, frágil e raquítica como sempre foi, passou por vários meses se recuperando dos ferimentos, com a irmã e seu autoproclamado babá e guarda costas, Ricco, preocupados e humilhanamente solícitos aos pés da sua cama.

Não. Kassia não estava na mansão à beira mar de sua irmã! Essa até era bem semelhante em estrutura, na escolha das cores nas paredes e na disposição dos móveis, mas por trás das cortinas ricamente ornadas, as enormes janelas estavam fechadas, as portas que tentou abrir ao longo de corredores que pareciam não ter mais fim, trancadas, e ela tomada de súbito pelo pânico. Além do mais; a sua irmã só mantinha aos seus aposentos fechados durante o dia, porque o sol irritava as retinas muito claras e mega sensíveis dela, mas o restante da mansão não!

O restante da mansão era iluminado pelo sol e ela adorava como a luz se refletia sobre tudo lá. Já ali, apesar da similaridade na escolha dos móveis e cores, dos objetos decorativos e dos quadros. As luzes que os iluminavam vinham de fontes artificiais e não refletia neles da mesma forma que ela estava acostumada!

Kassia reconsiderou a sua 'excursão' de reconhecimento da área e já ia virar nos calcanhares quando um homem de estatura parecida com a sua apareceu no extremo oposto do enorme salão onde ela estava e ele se curvou reverente. "Senhora"...

Tudo bem que a havia chamado de senhora. Mas e daí? Nervosa como estava tudo que queria era sair dali, então ela se aprumou e impôs;

— Deixe-me sair.

Certo, seu tom de voz tinha mais 'medo' que autoridade, então decidiu melhorar na entonação e insistiu com veemência;

— Quero sair daqui. Vocês não podem me prender assim, isso é sequestro!... Estupro, cárcere privado... — se empolga —, Vocês não têm noção do que...

Ela já estava gritando por fim, e o homem que parecia pinguim de geladeira a olhava assombrado quando por mágica ou algo assim, uma porta abriu-se ao seu lado no grande salão e ela nem esperou para ver se ele a seguiria. Ela disparou pela porta aberta, apavorada demais para olhar pra trás, passou pelo que lhe pareceu ser um vestíbulo e outra porta à sua frente se abriu.

Ela correu com toda força que possuía e acabou batendo de frente com um homem extraordinariamente 'enorme'! Este que, tão rápido quanto a segurou e fechou a porta por trás de si, a solta e levanta os braços mostrando as palmas em sinal de paz.

Tipo assim, em questão de segundos, ou átimos de segundos!

Ela se virou nos calcanhares e outras portas foram se abrindo ao seu redor, ela rodou em torno de si mesma, ou foi à sala que girou em torno dela. Mais homens enormes saíam pelas portas que iam se abrindo e ela se encolheu toda. O seu corpo tremia sem firmeza alguma, o seu coração batia descompassado dentro do peito e sua circulação sanguínea parecia ter se concentrado com tudo em suas têmporas lançando ondas de dores alucinantes em seu cérebro e fronte. Eram muitos deles, e todos eram enormes.

Ciente de que estava no limiar de uma síncope nervosa, ela gritou.

Gritou e gritou o mais alto que conseguiu até sentir as amígdalas arderem suplicantes. Para seu alívio ninguém tentou se aproximar dela, mas ela podia jurar que sentia todos os olhares cravados na sua figura. Que por um segundo de sanidade temporária ela julgou e bateu o martelo;

Patética, patética, patética.

O pranto convulsivo veio logo após os berros e também começou carregado de histeria, mas foi reduzindo de intensidade, até que por fim, só restou um enorme senso de vazio no ar do ambiente e as respirações tensas que preenchiam o silêncio no salão, em sua mente aterrorizada ela implorava incessantemente;

— Não me toque. Não me toquem. Deus! Não permita, não permita que me toquem!

Ela fechou os olhos com força, como se dessa forma pudesse fugir, ou ao menos fazer com que desaparecessem do seu raio de visão, mas as imagens deles invadiam os seus pensamentos, seus sentidos fervilhavam desnorreados, seu corpo não lhe obedecia e ela já não sabia mais porque ou de quem fugia e quando a resposta a insurgia ela a enfiava de novo no fundo escuro e vazio de sua mente porque, não, não e não!

'Não' queria lembrar, 'não' queria saber, 'não' queria pensar!

Se havia algo que ela queria era voltar para sua casa. Pra Kori. Ela queria sua irmã! Queria sair dali e apagar da memória tudo que lhe aconteceu.

Queria voltar pra casa e se enfiar debaixo do familiar e cheiroso edredom com Lino, seu querido leãozinho de pelúcia, ela queria dormir e dormir mais! Sonhar com os pais que já teve um dia, sonhar com a irmã nadando com ela em plena luz do dia. Era só isso que ela queria!



Xstrauss foi acordado por Ores pouco antes do alvorecer e soltou um grunhido mal humorado. O *Neimo* estava tão constrangido que sua cabeça quase tocou o chão em reverência. Ele procurou usar as palavras com cautela ao informá-lo que a fêmea tinha acordado e com cuidado redobrado tentou explicar que ela parecia um tanto nervosa no grande salão anexo ao salão principal.

Xstrauss tentou conectar-se mentalmente com ela. O que só fez com que constatasse que a fêmea tinha bloqueado qualquer tipo de comunicação externa e esbravejou ao saltar fora da cama. Ores desapareceu do seu raio de visão tão logo o dispensou, provando que era um *Neimo* inteligente.

Xstrauss era um guerreiro justo e não fazia parte da sua conduta ferir alguém que não o provocasse. Apesar de carregar nas veias o mesmo sangue que corria nas veias de seus irmãos, a sua perpétua companhia (maldição ou cortesia da Guardiã), não seguia os mesmos parâmetros de moralidade que ele e seus iguais, e Xstrauss não poderia garantir que o *Neimo* sairia dali inteiro, se a fera que havia nele se soltasse.

Ao seu comando mental algumas luzes acenderam no quarto e por um momento entrefechou os olhos, irritado com a intensidade, mostrou de leve as presas e rosnou. (Isso já era cortesia/maldição de Dêrhon), o último nascido do ventre de sua mãe.

Ele era adepto da tecnologia humana e era o único entre eles, que interagia nos dois mundos com a aquiescência de *Mahren Mäi*, e de tempos em tempos até saía em missões ordenadas pela Guardiã. Era graças a ele que eles tinham energia elétrica, aquecimento interno, água encanada (uma merda de pasta de dente fedorenta pra raios), entre outras porcarias modernas que eles nem precisavam, mas o que mais importava no momento é que também era graças ao Dêrhon que ele e os seus iguais viviam em relativa paz no que seu irmão apelidara de ***Condomínio Aehmon***.

Dêrhon havia criado um campo mágico meramente inofensivo nos limites entre os dois mundos, e se alguém tentasse sair ou entrar no condomínio, ficaria vagando nesse campo, inconsciente de estar dentro de um espiral de ilusão óptica que o faria andar em círculos, como

se fosse um rato dentro de uma roda com uma paisagem à frente que ia se repetindo.

Isso daria tempo a um guerreiro como ele, de verificar se o quê ou quem estivesse preso no espiral fosse perigoso ou não para o seu povo e com isso tomar a atitude equivalente, ou seja, mesmo que a fêmea tentasse fugir, ela não ia conseguir desvendar o campo ilusório que cobria às imediações e ultrapassar os limites de seu mundo, como já aconteceu com outra fêmea à cerca de 60 anos atrás e também mais recentemente com Aleesha.

Xstrauss vestiu a roupa que o *Neimo* tinha deixado em cima do baú ao lado da cama e saiu do quarto bocejando. Ele tinha caído em um sono profundo logo depois que a *Miellen* foi embora e era até compreensível que tivesse dormido por várias horas depois que se alimentou dela. Já fazia vários dias que não se alimentava de forma adequada e a letargia que se seguia a alimentação era bem comum aos machos que continham sua libido, mas não se perdoaria se algo de ruim acontecesse à fêmea que entendia estar sob seus cuidados.

Com seu olfato de caçador apurado e por ter passado tanto tempo ao lado do leito da fêmea, ele podia encontrá-la em qualquer lugar e distância. E o que ele sentiu quando aspirou o ar em sua busca era ruim. Muito ruim...

Muito, ruim, mesmo! Pensou num átimo de segundo racional.

O aroma natural da fêmea estava impregnado de medo e ele grunhiu sem querer. Num piscar de olhos ele se materializou no salão anexo e quando a viu toda encolhida no chão cercada pelos outros guerreiros seus irmãos e o aroma levemente apimentado do medo dela invadiu as suas narinas. Ele só teve tempo de grunhir um pensamento coerente; "Merda!"

Sua espinha estalou e seus olhos faiscaram em tons de branco e prateado próprios da besta dentro dele e Arthorm, um dos mais novos agregados, aceito entre os guerreiros, foi sutilmente abordado por Trevon, um *Aehmon* de grande poder que o jovem respeitava e antecipou a sua reação em defesa da fêmea.

Thorm, como era chamado pelos demais, contém seus poderes recentemente descoberto a fechar fortemente os punhos e trincando os dentes a ponto de estalar a mandíbula, Trevon elogia o empenho dele com um rápido aceno, mas Thorm fixou o olhar num ponto qualquer da parede adiante em conflito com seus próprios instintos.

Os demais que já mantinham uma distância segura se afastaram ainda mais em alerta e com uma explosão de luzes fluorescentes a besta tomou Xstrauss com um rosnado metálico ensurdecedor, exibindo garras e presas mortalmente afiadas, com os pelos grandes e grossos que encobriam sua brutal musculatura, ameaçadoramente eriçados.

Todos os presentes entenderam que a fera colossal não estava de brincadeira, os seus olhos ferozes e assustadoramente tomado pelos tons de branco e prateado focava a cada um dos presentes no salão em ameaça e os pelos grossos e eriçados era a declaração mais que explícita de que faria em pedaços a qualquer um que atrevesse a se aproximar. E para desespero de todos, ela focou e seguiu na direção da fêmea a passos largos socados no piso de mármore e Zarcon agiu rápido ao materializar-se sobre o corpo da fêmea e desmaterializar-se com ela dali em direção ao *Umo*.

O único lugar que teve tempo de pensar, onde seu irmão não poderia alcançá-los estando ou

não tomado pela besta.

Desde que Xstrauss fora amaldiçoado pela Guardiã deles, que a passagem entre os mundos era território proibido, e para Zarcon, assim como para os demais, era imperativo que a segurança da fêmea viesse em primeiro lugar. Zarcon não queria nem imaginar o que aconteceria se não tivesse chegado a tempo, mas para o seu desgosto, uma *Miellen* apareceu no umbral e se curvou com suave graça em reverência.

— Meu rei...



A *Miellen* observou a fêmea com admiração e voltou seu olhar ao rei dos *Aehmons* que nunca tivera o prazer de servir, e seus olhos cintilaram com emoção genuína, antes que ela se curvasse reverente e escondesse o que se passava em seu íntimo pela face expressiva. O seu nome de batismo era o motivo pelo qual Brianis nunca permitia que ela fosse invocada ao plano físico deles para servi-los e ela mesma já não o pronunciava pelo mesmo motivo. Uma única vez há muito tempo, ele perguntou qual era o seu nome e estava encravado instituído em sua natureza mesmo antes do seu nascimento que não poderia mentir para qualquer um deles. Então se esquivou alegando que onde estava nomes pessoais eram irrelevantes e com humildade inclinou-se dizendo ser somente mais uma em um todo das *Miellens* que dedicava sua existência à Guardiã, que as havia sequestrado de sorte pior.

A partir de então ela parou de dizer o próprio nome, e como se ele já a tivesse esquecido, nunca mais voltara a perguntar.

Em seu coração ela gritava, *Alegra, meu nome é Alegra*, mas sequer ousou pensar no nome parecido ao da *Rein* deles que por milênios teve ao rei por companheiro, temendo que ele também pudesse ler a sua mente.

Ela se dedicou em fazer o que foi enviada a fazer e com o respeito que ele merecia informou-o que a Guardiã não pretendia vê-lo e que era da sua vontade que ele retornasse, e em seu mundo aguardasse até que fosse chamado, e ele se foi.

Ainda que ali ela não sentisse fome ou sede, ou fosse acometida por qualquer tipo de doença, o seu coração parecia sangrar dentro do peito.

As suas emoções borbulhavam bem próximas à superfície quando adentrou novamente ao santuário, que agora e para todo o sempre seria o seu lar.



Zarcon sabia que não se 'devia' contestar uma ordem direta de *Mahren Mäi*. A Guardiã era constituída de força etérea imortal em seu estado mais puro e mesmo ele, que foi eleito por ordem de nascimento a ser uma espécie de porta voz entre ela e seus iguais, quando era necessário estar em sua presença, não se atrevia a olhar no seu rosto ou mãos. Às únicas partes que ficavam descobertas do manto púrpura, que encobria seu corpo astral. Tinha se atrevido em olhar pra Guardiã uma única vez quando era ainda bem jovem e o brilho na face dela queimou a sua e o deixou parcialmente cego por pouco mais de 50 anos, e ele ainda tinha uma

leve cicatriz na lateral esquerda da sua fronte pra lembrar-se deste dia.

Desde então, sempre que era preciso estar diante dela, estivessem eles no santuário ou no *Umo*, onde os poderes eram ainda maiores, ele se controlava pra não olhar por maior que fosse a vontade e ela, por sua vez, o recompensava com uma benevolência que não teve com seu pai e o antecessor de seu pai.

Zarcon voltou com a fêmea e estava intimamente contrariado com a objeção dela, mas algo que aprendeu há algum tempo era que ela podia ser a força suprema do 'seu' mundo! Que estava em seu poder e direito manter ou tirar a vida dele ou dos seus quando e como bem quisesse. Mas a Guardiã, em suas próprias palavras; também era sujeita as Leis que regem a todos os outros mundos e com isso não havia como Zarcon discordar ou interpelar. A Guardiã pagou com o próprio corpo físico para que eles tivessem o direito de simplesmente coexistir entre os mortais, sendo condenada a viver em um plano paralelo entre os mundos e o *mitho* dela em favor dele e dos seus iguais por si só já era digno de reverência...

Mas no momento não lhe servia de lenitivo.

Ainda estava irritado demais pra racionalizar. As fêmeas que fizeram parte da sua vida se foram e o seu 'pra sempre' ganhou um novo e cruel sentido solitário, e quando a Guardiã deixou claro que sabia, quais eram às suas intenções e que permitiria que ele seguisse com seus planos, ele entendeu que estava em apuros, afinal... Como em 'tudo' com a Maldita sempre tinha um 'mas'... Haveria um preço.

Okaaay!... Certo pra cacete! — só que não!

Ele tinha que literalmente 'viver' para que os seus existissem ou, com um metafórico estalar de dedos, a Maldita Caída acabaria com todos os seus iguais!

Zarcon chegou a pensar que não faria diferença. Afinal, seria o fim. Ponto final! Nada de culpa ou condenação para quem nem mesmo tinha alma! Já haviam vivido mais do que o suficiente pra saber que algumas coisas nunca mudam, então... A Maldita mudou as regras em compreender o que lhe passava no íntimo, certo?

Claaaro!

Ela 'podia' mudar as regras!

Ele desconfiava mesmo sem ter visto que ela sorria satisfeita enquanto o informava que os dois irmãos nascidos do ventre de sua mãe seriam poupados! Xstrauss e Dërhon seriam obrigados a assistir impotentes à dizimação de toda a sua raça sabendo que a escolha foi sua. E ambos teriam toda a merda da eternidade pra lembrar! Porque a Maldita Caída os manteria ao abrigo do sol, como se fossem objetos decorativos em uma estante no *Umo* ou no Santuário dela...

Certo pra caralho! E a Maldita ainda ousou dizer que também estaria condenada... Pois sim que estaria! Ela ia 'mesmo' se obrigar a ver pra todo o sempre os objetos da sua derrota como Guardiã!

Zarcon parou de andar como se estivesse enjaulado e passou a mão no rosto. Bem, ele 'estava' enjaulado! Na vida! Mas ainda tinha escolhas, não tinha? Pro Diabo com o que não poderia ter! Ele nunca condenaria seus irmãos a uma existência miserável com a sua morte e ela devia estar mais do que ciente disso! Então pra quê toda porra da filosofia barata?

Pra quê perder tempo divagando se tudo que tinha que fazer era decretar que a bosta de seu rei (que por acaso do destino era ele), que não ia permitir que desse cabo à própria existência? Se ele tinha escolha?

Claro que não! E estava furioso?

Rá! Nem precisava responder essa!

E a Maldita não parou por aí não! Ela ainda queria mais!...

Não bastava aceitar que as fêmeas que o alimentaram com emoções e sentimentos únicos estivessem perdidos para ele para todo o sempre?

Nããão! Ele ainda tinha que *sentir*!

Zarcon quase gritou tamanha era a sua frustração! Todos os que 'perdessem' a companheira, eram beneficiados com a volta do *Dien*! Mas não ele! Claro que ele não teria esse direito! Os sentimentos relacionados a coito e consequente procriação eram embotados para que o macho vinculado à fêmea não enlouquecesse e buscasse o alívio na morte. Mas uma verdade inexorável foi dita pela entidade, certo? E isso era algo que ele não se sentia de fato estar preparado pra analisar a fundo.

Então ele se apegou ao presente e, bem... Era melhor não tentar analisar muito isso também.

Francamente, entre tantas Leis, podia ter uma relacionada a férias de tempos em tempos. A cada dois séculos, que fosse!

Ele não reclamaria, de forma alguma que não!

Zarcon voltou seu olhar sombrio para a criatura pálida e diminuta encolhida no canto do seu quarto, irado. O que restava do *höemn* de Aleesha a trouxe de volta do campo dos mortos e pela Lei, agora ela pertencia ao seu mundo. Se o que aconteceu com ela acontecesse em outros tempos, a fêmea à sua frente seria 'dele' e sendo bem franco consigo mesmo, não saberia dizer se a melhor vingança seria tomá-la, ou a repudiar lançando-a a toda espécie de má sorte nas mãos dos seus guerreiros.

Mas os tempos eram outros agora, e eram as poucas fêmeas em seu mundo que 'escolhiam' o macho com quem queriam relacionar e nem era irrevogável, para elas. Se o macho escolhido deixasse de agradar, podia ser substituído antes mesmo que pudesse pensar. O que em sua opinião, era até bom.

Bem...

Não a parte de viver sob pressão de ser substituído e ter o ego dilacerado pela vergonha se viesse a acontecer, mas sim, porque a decisão evitou muitas mortes entre os seus por contendas ou guerras entre clãs de guerreiros em outros tempos. Os seus ancestrais já tinham inimigos de fora o bastante para que lutassem também entre si por causa delas, e sendo elas, a cada geração, mais e mais raras em seu mundo. Dizia-lhe o bom senso, que era até mesmo necessário que algumas atitudes fossem tomadas pelos seus pra garantir a continuação da sua raça. Tudo bem que algumas dessas atitudes não foram 'tão' eficientes na época, e algumas dessas atitudes nem eram dignas de serem lembradas, mas todos os seus iguais pagaram por isso de alguma forma, e bem...

Uma lembrança desses tempos estava bem à sua frente. Na pálida e diminuta representação de uma fêmea, e *Kade*.

Ele a tinha libertado do transe e ela se encolheu impregnando o quarto com o odor apimentado de medo. Suas narinas dilataram e seu instinto predador não ajudou muito, mas ele concentrou-se ao extremo pra ser, o que seu irmão Dërhon diria; 'civilizado' com ela.

Com a voz gentil, porém firme, ele disse que não ia machucá-la e aconselhou que se acalmasse, explicando que o cheiro de medo dela estava provocando o que havia de pior nele e ele rosnou.

Putá merda!

Era só uma maldita força de expressão, mas ela arregalou os olhos assustada e 'ele' que precisou sair do próprio quarto!

Irritado e igualmente assombrado com o que viu e sentiu nela ele só se deu conta depois, que em sua fuga a tinha deixado trancada no seu quarto.

Zarcon colou as costas largas na parede do corredor e bufou.

Os olhos dela oscilavam entre os tons de âmbar citrino e azul prateado translúcido bem característico das fêmeas da sua raça e o aroma que ela exalava não desmentia os fatos.

A fêmea em seu quarto estava em fase de transmutação e era bem possível que 'todos' os seus iguais estivessem literalmente ferrados por conta disso! Ele solta um rosnado exasperado e por muito pouco, mas muito pouco 'mesmo' que não bate com a sua cabeça na parede!

Há muito que uma fêmea *Kade* tinha o direito assegurado pelo tratado de paz entre os Guardiões superiores de poder escolher se queria ou não transmutar para o seu mundo, e não fosse só isso, ele pensou meio que em desespero; era biologicamente impossível para qualquer macho da sua raça negar-se ou resistir, mesmo ao desejo mais simples ou idiota de uma fêmea em seu estado, e enquanto ela não se decidisse pelo macho que a serviria, 'todos' os machos que se aproximassem dela estariam destituídos do *Dien*. Era por isso que ele... Por mil diabos!

Ele bateu a cabeça na parede e olhou pra baixo. Não havia nada pior do que se ver obrigado a pedir desculpas a uma Capeta como a Guardiã! Não que conhecesse outras, mas estava certo de que ela o faria amargar por tê-la acusado de não restituir seu *Dien*.

Uma lembrança perpassou sua mente como lança de aço de quando Aleesha o escolheu e ele e conteve na garganta um ganido sofrido e praguejou alto ao elevar-se em estado etéreo e se deixou levar pelo ar sombrio que cruzava o corredor.



Xstrauss saiu das sombras de onde observava o seu irmão e sentiu o ar escapando lentamente de seus pulmões ao compreender o que devia fazer.

Ele queria saber como estava a fêmea que a besta dentro dele por pouco não havia destruído e materializou-se do lado de fora do quarto do irmão pouco antes dele aparecer e quando percebeu o sofrimento no seu rosto, somado ao evidente volume de excitação entre suas pernas, seu primeiro ímpeto foi de avançar em cima dele e arrancar a maldita cabeça do seu corpo. Mas foi com pesar imenso que ele percebeu o quanto seu irmão estava sofrendo, e que a ereção entre suas pernas era porque ele não tinha consumado o ato. E partindo desse princípio, Xstrauss só fez confirmar o que já desconfiava, a fêmea trancada no quarto do seu irmão era

mesmo uma *Kade* e ela estava se transformando, uma dor imensa o feriu por dentro e ele também praguejou alto desaparecendo dali.



CAPÍTULO 5

Kassia não saberia dizer onde estava, ou quanto tempo estava trancada naquele lugar. Ainda lutava por preencher as lacunas entre a crise histérica que possivelmente a salvou de ser violentada 'de novo', e o exato momento que acordou e viu aquele homem enorme e lindo que dizia com sua voz grave e sensual que não a machucaria.

É claro que não acreditou nem por um instante, e até desconfiou que ele fosse o tal Dom que disseram a ela que ela estaria preparada enquanto a violentavam. Ela estava atemorizada quando o encarou e viu com um tanto de fascínio que os olhos dele eram incomuns, irreais até. Mais algo a somar à lista do que não saberia dizer: é que os olhos dele pareciam ser de um tom de amarelo claro translúcido, rodeado por uma íris que parecia azul escuro, ou talvez verde musgo. Fascinante, sim, mas ela não se atreveu a examinar por mais tempo pra ter certeza e tremeu de súbito com a lembrança. O cara sugeria uma aura de poder tão fria, tão sombria, que ela cobriu os olhos com o antebraço e continuou toda encolhida no chão ao canto do quarto rezando para que ele não se aproximasse, e quando os destampou. Sabe-se lá quanto tempo depois, ele não estava mais lá.

Ela olhou de novo pra bandeja deixada sobre a mesinha perto da porta e enumerou seu conteúdo; duas pequenas jarras, uma de suco vermelho e outra que parecia ser de água, uma taça bem cheia com vários tipos de frutas picadas, e algo que imaginou ser pudim e um generoso prato guarnecido com carnes, arroz e batatas coradas.

Seu estômago roncou diante da visão, mas ela cruzou os braços com teimosia. O baixinho que tinha visto no salão mais cedo que deixou a bandeja ali pouco tempo antes.

Quando teve coragem de levantar e explorar o ambiente, percebeu que estava trancada naquele quarto, a natureza se impôs ao medo e ela usou o banheiro adjacente para se aliviar e foi justo quando estava saindo que ela o viu. Ele se inclinou de leve, e ao mesmo tempo em que ela dera um passo para trás de volta ao banheiro, ele deu um passo para trás na direção da porta, fez mais uma breve reverência e saiu. Tão silenciosamente quanto havia entrado.

Apesar de estar faminta de verdade.

Dos pratos serem convidativos e terem aroma irritantemente fabuloso, ela não ousou tocar na comida. Imaginou que podiam ter colocado entorpecentes nos pratos, e se estavam pensando que ela poderia ser 'treinada' ou drogada como um bicho qualquer. Teriam uma péssima surpresa com ela. Ah se teriam! Podiam até matá-la de tanto bater! Mas iriam descobrir que uma Veiga Costa era osso duro de roer!

Lágrimas escorriam de seus olhos sem que às autorizasse e sua visão ficou turva irritando-a ainda mais. Ela secou com violência e sentiu que feriu o próprio rosto, deu de ombros e olhou em torno na busca de algo que pudesse usar para se defender.

Seus olhos fixaram automaticamente no par de espadas cruzadas e suspensas em uma das

paredes, pegou uma testando o peso, julgou que não eram assim tão pesadas. Ela não era boa esgrimista, nunca havia se interessado pelas aulas que Kori a fez frequentar e agora se arrependia. Teria que se valer com o pouco que sabia e contar somente com ela mesma como elemento surpresa. Mas o primeiro que atravessasse aquela porcaria de porta, ela garantiu a si, teria ao menos um pouco de trabalho com ela.

Ah, se ia!



Dêrhon passou a mão nos cabelos levemente ondulados que o diferenciava tenuemente de seus irmãos a ruminar desgostoso.

Primeiro foi Xstrauss, que praticamente o arrastou da frente dos seus computadores e por pouco não o fez perder o equivalente há dias de uma pesquisa que estava fazendo em favor do seu povo.

Certo, o cara estava péssimo, na verdadeira síntese da palavra! Nem parecia que esteve há poucos dias na terra pra recarregar as baterias. Parecia mais que tinha acabado de sair de outra batalha 'daquelas' ou puxado um bagulho dos bravos. Os seus olhos não se decidiam entre o que pessoalmente chamava de branco-ferrou e o amarelo-Xem-graça, de herança paterna. Já os seus, eram de um azul bem claro com matizes de cinza e prateado nas bordas, como os olhos de sua mãe e irmãs, e isso já havia rendido piadinhas idiotas o suficiente por alguns milênios nos últimos centênios de anos sobre a sua sexualidade. Mas tudo bem, então. Sendo o último nascido de quintuplos do ventre de sua mãe. Até que tinha conseguido ao longo da sua 'looonga' existência, encontrar o seu espaço entre um irmão rei, e o outro guerreiro. Ele fazia a guerra do seu jeito. E seu reino?

Por um queijo ou um beijo, tanto faz...

Havia se autoproclamado o diplomata da família, e é adepto da filosofia do 'viva e deixe viver'. Desde que não mexam com os seus, é claro!

Nesse caso ele mostraria que também sabe falar sério, e luta tão bem quanto qualquer outro guerreiro da sua raça! Afinal, está nos genes que herdou de seus ancestrais, mas divagações à parte;

Xstrauss queria sair do condomínio, ainda era dia e ele nem estava disposto a explicar seus motivos!

É claro que ele se fez de desentendido! Eles tinham acabado de passar por uma contenda séria com declarados inimigos imortais e ele nem estava no condomínio pra ajudar, então deu de ombros e inventou uma desculpa qualquer se fazendo de inocente. Não ia alterar o protocolo de segurança sem uma razão plausível, e mesmo que os poucos pelos que tinha no corpo ficassem arrepiados pela ameaça da besta sair e arrancar fora a sua cabeça, ele se manteve firme em sua decisão.

Xstrauss não sairia do condomínio e ponto final.

Só que tinha caído na besteira de sugerir que se estava com energia para gastar, que a gastasse na academia que ele teve tanto trabalho para instalar na mansão e Xstrauss o socou no ombro com a delicadeza própria de um trator e se virou nos calcanhares, louvando-o em todos os xingamentos que conhecia. Que seja!

Se quisesse concorrer com o irmão nessa categoria, poderia repetir tudo o que ele disse, e rebater em 16 ou 17 línguas diferentes, então deu de ombros, de novo, dolorido na verdade, não ia negar... Mas que bosta!

Ele teve um trabalhão para levar o que havia de melhor no mercado dos humanos, tanto nacional quanto internacional, para montar a academia dos sonhos na mansão e... Puta que pariu! Para quê — ele se perguntou —, foi teclar nos vídeos de segurança que implantou na academia?

X Strauss já tinha passado e feito um verdadeiro estrago por lá, que merda! E algumas peças nem mesmo estavam na garantia!

Ele bufou desligando o monitor e voltou à sua pesquisa deixando o assunto X e academia de lado e pouco tempo depois foi Zarcon quem invade seu espaço pessoal e cara, que sonho! Um rei, mesmo que seja, ou até mesmo porque *seja* seu irmão dizendo, 'preciso de você', realmente não é para qualquer um, certo?!

Errado.

Sonho que nada! Era um puto pesadelo, isso que sim!

Quando Zarcon terminou de explicar tudo que aconteceu durante a sua jornada pela costa das Américas, seu estômago por pouco que não se virou do avesso e ele nem era tão sensível assim, e no mais, era capaz de apostar que seu digníssimo irmão e rei do seu mundo, só lhe contou o que julgou necessário.

Ou seja; 'quase nada'!

Agora estava ele ali, em frente aos aposentos do irmão, encarando as portas duplas reforçadas por dentro com tela de aço como se fosse seu pior inimigo, com a missão 'diplomática' que de antemão já acreditava estar fadada ao fracasso, de convencer uma fêmea *Kade* em fase adiantada de transmutação a:

A) - Ser boazinha com eles e aceitar a transmutação, fato relevante; já estava acontecendo. Beleeeza!

B) - Explicar a ela que teria que escolher um macho entre eles para alimentá-la e servi-la nas necessidades dela que iriam advir da sua transmutação e, se entendeu direito; a *Kade* foi vítima de abuso sexual por parte dos humanos, não sabe que é *Kade* e que foi compulsoriamente expulsa do paraíso e;

C), - Porém, não menos importante; Será que ela teria um antiácido?

Ele podia apostar que não, enfim. Vamos lá...

Ele respirou fundo e abriu a porta, só sentiu o vulto do aço rente ao seu pescoço e desapareceu no ato. Materializando-se por trás da fêmea, ele lançou a mão na espada que ela empunhava e pulou pra trás.

—Ei! — ele gritou frustrado — Isso machuca, sabia?!

Aborrecido por ter sido pego de surpresa ele lançou no canto do quarto a espada que pertenceu a um de seus ancestrais.

Putá merda, meu! A fêmea estava mesmo disposta a acabar com a sua raça! E ela ainda nem desconfiava de que não precisava empunhar uma espada com quase o seu tamanho pra isso! Bastava que os delatasse ao Guardião do seu mundo e na melhor das hipóteses eles estariam

extintos, e ele nem queria imaginar a pior das hipóteses!

Não meeesmo!



Kassia sentiu seus olhos umedecerem e isso já a estava irritando por demais! Em sua opinião era uma bosta de uma tímida, uma esquelética de uma fraca, desprovida de curvas e altura, uma patética vareta de virar tripas, uma sem bunda ou seios que precisou apelar feio para segurar um namorado indiferente e... Nossa! — ela piscou.

Era mesmo ela ali, morrendo de pena de si?

Ela se beliscou em pensamento. Nunca fora tão 'dramalhona' assim antes! No pouco tempo que conseguiu exercer a função pelo qual tanto tinha lutado para se formar na faculdade, tinha visto situações feias o suficiente para comparar um grupo de sádicos como ficha amarelinha! Mesmo que fosse ela a vítima, droga. Tinha tantas pessoas em situações bem piores que superavam tudo e seguiam em frente. Então, por que às lágrimas agora?

Ela já nem lembrava mais das caras dos imbecis!



Dêrhon tranca a porta com um comando mental só por precaução, alegou a si mesmo. Ele sentou-se na cama do irmão a uma boa distância da fêmea e ridiculamente atordoado, ele não sabia se ria ou se chorava...

Bem, o que não lhe servia de consolo, é que 'ela' estava chorando! E ele se sentiu um maldito desgraçado por isso. O que ele não sabia é se ela chorava por não ter conseguido arrancar a sua cabeça com uma espada que já não era usada há milênios, ou por medo de que ele quisesse revidar o assalto.

No ar do quarto não pairava mais cheiro de medo do que de raiva e sendo honesto, considerou que o fato de ter se 'modernizado' pelo menos no momento não estava sendo uma boa ideia, já que seus sentidos mais primitivos estavam enferrujados, e como lhe parecia que estava às cegas em como agir com a fêmea, decidiu simplificar e foi direto ao ponto;

— Não somos da mesma espécie, ou melhor, somos, mas só em parte... — e aí ele sentiu que começou a se enrolar.

— Vocês são mais simples, porque, não... Você viveu no meio deles, e não chega a ser de fato simples. Até poderia ser, mas, aí você vem acampar nas imediações do nosso condomínio e...

Caralho! Estava mesmo agindo feito um idiota? Perguntou-se ele ao passar a mão no próprio rosto em câmera lenta. Nunca tinha sido tão desarticulado com as palavras antes e imaginar toda sua gama de conhecimento se esvaindo pelo seu ralo mental não foi nada divertido. Tinha certeza de que estava estragando tudo!



Kassia não acredita no que está vendo e se certifica mentalmente que sua boca esteja fechada apertando um lábio contra o outro. Outro homem lindo, e enorme, e todo sem jeito, de uma

maneira cativante que a fazia desejar coisas... Aquelas pontinhas brancas na boca carnuda dele, eram presas? Ela sacode a cabeça em negativa. Não queria acreditar no que estava pensando ou pior, sentindo.

Estava certa de que havia acordado em uma mansão de loucos! Se bem que eram loucos lindos e ela sentia todo seu corpo aquecer só de imaginar... Não!

"Ela" estava louca! E aquilo que dava a ele um charme todo especial, só podiam ser próteses! Claro que eram! *Predadores...*?

Será que ouviu direito? Ele disse que eram predadores? Um sorriso nervoso escapuliu, mas ela logo fica séria e levanta a guarda deixando o rosto totalmente inexpressivo.



— Espere — ela pede e como se fosse *ele* o insano, mostra as palmas e orienta; — Devagar...

Agora é ele quem deixa escapar um sorriso torto, apesar de ela ter na palma de suas pequenas mãozinhas o futuro dele e de todos os seus iguais. Ele podia jurar que tinha se apaixonado pela *Kade*.

Enfim, ele estava sentindo que... — ele arregala os olhos e rosna.

Merda!... Ele estava sentindo!?

De súbito ele pula fora da cama e recosta-se na parede no flanco oposto do quarto e a fêmea mais que depressa cruza os braços sobre os seios a fita-lo por um segundo com a expressão indignada...

Ah merda!... Ele podia não ser 'expert' quando o assunto eram *elas* num modo geral, mas podia jurar que a ofendeu de alguma maneira e tentar consertar — calculou sem esperança —, poderia ser ainda pior...

Ok, certo! Ele respirou fundo. Deixando as leis de Murphy de lado e recapitulando;

Fêmeas *Kade* tem esse quê de atração com machos da sua espécie, é biológico, e um macho saudável, que passa praticamente toda uma existência sem 'sentir', seja um prato cheio pra especulações maldosas, com certeza. Mas aquilo que começava a dar sinal de vida entre suas pernas era no mínimo escanda... *Fantasia...*, Ela disse algo como isso, certo? Pervertido...? Ele? Rá! Isso estava ficando cada vez pior!

—... Nós estamos falando a mesma língua? — ela reclamou e ele balança a cabeça negando devagar um tanto abobalhado;

— Acho que... Não. Sim, quero dizer...

Ele mesmo se interrompe e a encara como se perguntasse;

"Ainda está interessada em usar a espada?"...



Kassia tomba a cabeça de lado em fitá-lo com curiosidade.

Era mesmo possível que ele estivesse todo atrapalhado por causa dela? Não lhe pareceu que estivesse fingindo e até não era das que tinham muita sorte com sexo oposto, mas a ereção que ele tentava esconder, lhe provocou calafrios terríveis e ela começou a especular tudo, afinal, tinha outra porta no quarto que não tinha visto? Como ele fez pra fechar a porta? Havia mais

alguém do outro lado? Ele era bem parecido com o outro que tinha visto antes. Seriam irmãos? Ela sentiu o ar escapar e o quarto girar tornando a ficar em pânico.



Dërhon por pouco não a alcança a tempo. A fêmea foi caindo em câmera lenta, como se tivesse desintegrando os ossos nas pernas e sentiu que ela enrijecia quando a levantou nos braços e intimamente lamentou pelo estado dela. Ela estava tão leve e com aspecto tão frágil que ele não acreditou que fosse conseguir passar pela parte final da transmutação. O que o levou a outro paradigma;

Isso seria bem complicado.

E no mais, ele perguntou-se ao deitá-la na cama: era possível que de um momento para outro pudesse faltar espaço no peito para acomodar um coração? Porque o seu parecia ter engordado uns cinco ou seis quilos.



Ela achou melhor não contestar quando ele se levantou e começou a caminhar dentro do quarto dizendo; 'Sei que vai pensar que sou louco. Eu pensaria se estivesse em seu lugar'...

Legaaal!

O cara podia ser lindo de matar ou morrer e ter o caminhar de um modelo internacional no auge da fama, mas era um modelo louco de pedra, se acreditava que ela ia cair nessa! Ela faz sua melhor cara de estudante e até arqueia de leve as sobrancelhas demonstrando interesse.

Afinal, o cara podia ser louco, mas olhar o rosto e o corpo dele em movimento enquanto ele falava era um verdadeiro deleite aos seus olhos.



Dërhon a fita de relance para ver se ela está prestando atenção e satisfeito com o que vê continua;

— Tente manter a mente aberta ok?

Kassia balança de leve a cabeça.

— Em primeiro lugar, não machucamos fêmeas aqui, mesmo que elas tenham feito por merecer, como a loira que tentou te matar...

Dërhon pensou que no caso em especial, no máximo provocariam uma síncope mental na filha da mãe para que não conseguisse pensar mais do que um vegetal pelo resto da vida e no momento a dita estivesse com um passe só de ida para uma casa psiquiátrica qualquer, mas ele não viu motivo algum para expor isso, então concluiu;

— Você é uma de nós agora, ou será em pouco tempo e...

— Tá legal. — ela o interrompeu e ele congelou quando a ouviu perguntar;

"Quando pretendem me deixar ir embora?"

..."Não posso ir embora... Eu não posso ir, embora!!!" — ela gritou exasperada — Como

assim, não posso ir? Vocês são realmente loucos de pedra se acham que podem me prender aqui! Em que mundo vocês pensam que vivem?!

Dërhon se levantou ao mesmo tempo em que a fêmea saltou para fora da cama ensandecida. Ela caminhava de um lado ao outro do quarto e sacode a porta que ele mantinha preventivamente trancada com o poder da mente e em sua defesa podia alegar que até chegou a abrir a boca com intenção de explicar que ela até podia, mas que não devia. Só que engoliu o que ia dizer quando ela o encarou furiosamente e disse que até agradecia por eles a terem salvado, mas que não podiam mantê-la presa ali, e que se não sabiam, isso era sequestro entre outras verdades e alguns absurdos.

Dërhon deu ouvido ao instinto que aconselhava que se mantivesse calado e aguardou passivo enquanto a fêmea esbravejava, mas manteve-se colado à parede no canto oposto do quarto, e em certo momento chegou até mesmo a achar graça do seu ataque histérico.

Só deixou de ser engraçado quando a síncope nervosa ultrapassou os limites dos decibéis aceitáveis para seus ouvidos ultrassensíveis e ela começou a gritar e esbravejar com os braços pra cima a plenos pulmões. E que pulmões!

Ele não queria.

Podia jurar perante o tribunal que foi movido por puro desespero quando paralisou a musculatura e cordas vocais da fêmea histérica e a deitou inerte sobre a cama novamente.

Ele se afastou e mostrou as palmas, mas manteve-a presa sob seu comando mental fitando-a com ares de inocente.

— Kassia. É Kassia, não Kade... — ele se corrige a lembrar-se que em sua histeria ela tinha ordenado que ele parasse de chama-la de *Kade*, que ela odiava quando trocavam seu nome e apelou nervoso;

— Olhe... Ok. Kassia é o seu nome, certo? E *Kade*, é o que você é, ou era... Eu vou tentar ser mais específico, mas... É pedir muito, que tente se controlar e me escute, antes que provoquemos uma guerra entre os guardiões do seu mundo e a nossa?

— Como você faz isso? Ela perguntou abismada.

Dërhon demorou a entender o 'quê' especificamente, ele estava fazendo, e quando 'achou' que entendeu, soltou o ar exasperado e soltou as mãos que pareciam estar soldadas a chumbo nos cabelos. Que desconfiava só estarem fixos no topo de sua cabeça por pura teimosia.

Mas não era isso também.

Pelo menos a expressão dela dizia que não.

Ele a libertou e ela sentou, recostada à cabeceira da cama de boca aberta a encará-lo. Em câmera lenta ela levou a mão no próprio rosto e balançou a cabeça em negação.

— Isso não é real. Eu pirei com o que fizeram comigo e... Vocês, vocês são frutos da minha imaginação. É claro que são!



Kassia não queria acreditar que 'viu' ele ficando levemente transparente por um breve instante

e seu lado mais racional alegou que vista cansada e alto teor de estresse pregava esse tipo de peça, e isso a tranquilizou.



Já Dêrhon, podia jurar que foi por pouco. Mas bem pouco meesmo que ele não lascou na fêmea um forte beliscão!

— K... Posso te chamar de K? Você não **pirou** e nós não somos **frutos**, somos predadores, não mais assassinos, mas ainda assim predadores e...

Cara! O macho que ela escolhesse ia ser a piada do milênio entre eles, podia sentir isso!...

Merda, merda, meeerda!... E se, para seu castigo ela escolhesse a ele?

O membro que até então só usava para não ter que urinar sentado se aprumou todo engraçadinho só de pensar no assunto... E 'inho' nem era bem a questão a ser utilizada ali, pensou assombrado... A 'coisa' estava mais para 'ão' e de súbito ele virou-se de costas para ela, estupidamente envergonhado, e quando virou de novo viu que a fêmea tinha se coberto até a altura do pescoço.

Ah puta, que, pariu! Ele não queria nem imaginar o que ela estava pensando dele! Só o que queria é que ela o escutasse com atenção, e por mais incrível que pareça: ela escutou.

Ainda que encoberta até o pescoço.



O breve abalo sísmico imperceptível para a maioria dos humanos e animais prenunciou a sua chegada e a entidade que já estava no campo destruído pela tempestade afastou-se a observar diminuindo sua assinatura imortal, sem interferir ou denunciar-se.

A membrana existente entre os mundos foi rompida por um breve instante pela passagem de outra entidade imortal e essa entidade puxava pelos cabelos uma fêmea de aspecto humano, pequena e desnorreada, cujos membros inferiores deixavam o rastro no solo conforme era arrastada.

A fêmea não oferecia qualquer resistência à entidade e tampouco poderia fazê-lo. A entidade que a trouxera dominava a sua mente pela compulsão sem qualquer esforço e também pelo seu comando, o chão úmido e pegajoso sob seus pés começou a mover libertando o macho recém-transformado que se contorcia em árdua agonia em seu leito. O movimento na lama assustou a fêmea e pressentindo o perigo, ela tentou com toda força desvencilhar-se da entidade que a segurava e a entidade a soltou, mas seus membros não respondiam ao seu comando aumentando ainda mais seu terror diante do que via e ela arquejou para trás soltando um grito. A entidade que a levava se avultou sobre o seu corpo e fez um talho no seu pescoço empurrando-a na direção do macho grande e coberto de lama e ele a agarrou pelos braços com expressão faminta doentia, subjugando-a abaixo do seu corpo.

Com os membros libertos da compulsão e desesperada, ela começou a se mover embaixo dele lutando pela sua vida, e graças à forma diminuta e chão escorregadio sob seus corpos, ela conseguiu soltar-se do macho arrastando-se de quatro na lama em sua fuga, para depois se levantar e correr.

A entidade que a trouxe não se moveu.

Era agora uma espectadora tranquila a observar com um breve sorriso de satisfação enquanto o macho recém-transformado se levantava do solo instigado pelo aroma da fêmea e desengonçado pela dificuldade inerente ao seu novo corpo, levantou o queixo a farejar no ar e seguiu na direção da sua presa.

A fêmea corria a esmo em direção as árvores enquanto o macho se habituava a sua nova condição perseguindo-a debilmente, mas a cada passo ele indicava estar mais familiarizado com o seu novo corpo e reduzia a distância que os separava.

Ela tropeçou caindo de quatro e rolou de lado fugindo da sua pegada mais uma vez, engatinhando enfiou-se na fenda formada pelas raízes espinhosas de uma grande árvore e o macho soltou um grunhido furioso forçando o braço e parte do tórax para dentro da fenda na tentativa de alcançá-la. Ela escorregou para fora no outro extremo com o susto e acabou caindo no declínio do morro por trás da árvore deslizando em direção ao rio abaixo. Os galhos cortavam seus braços e pernas durante a queda e a água gelada absorveu o impacto ao mergulhar de corpo inteiro.

Prendendo a respiração, ela se deixou levar pela correnteza e pouco tempo depois emergiu em busca de ar. A tempo de ver seu perseguidor pular dentro do rio, ao identificá-la. Começou então a nadar em favor da correnteza. O seu corpo fluindo com as águas, contornando as pedras arredondadas, até que a galhada de uma árvore pendida da ribanceira para dentro do rio a segurou perfurando seu rosto e a lateral do seu corpo contra a corrente.

Ela se desvencilhou dos galhos, mergulhou e saiu do outro lado. Estava escuro. Muito escuro quando emergiu. A raiz que tentou segurar era escorregadia, mais adiante havia luz e o estrondo das águas delatava a grande queda. Conseguiu segurar na raiz seguinte mantendo-se na parte mais escura coberta pelas árvores ao alto, e olhou para trás na direção de onde vinham as águas. Nenhum sinal dele. Ela suspirou aliviada e soltou um grito. No instante seguinte era jogada de bruços contra a pedra lisa e seu vestido rasgado de cima abaixo. Seu rosto era pressionado contra a pedra por uma mão forte enquanto ele se forçava entre suas pernas, quando conseguiu penetrá-la em seguida ele a mordeu, ela ouviu um estalo seguido de um grunhido, engasgou paralisada e tudo escureceu.



CAPÍTULO 6

Kassia ainda não acreditava que ficou tanto tempo ouvindo aquele papo estranho, mas pelo menos se sentia um pouco mais segura com relação aos seus tão singulares anfitriões. Dërhon, apesar da excitação evidente, ficou o tempo todo longe e parecia até que estava com medo do que aconteceria se por descuido tentasse se aproximar. Só tinha um pequeno probleminha.

Sabia que a porta não estaria trancada e que estava relativamente segura ali dentro e coisa e tal, mas estava morrendo de medo de testar essa teoria e sair!

E se tudo não fosse mais que um teste? E se os outros não fossem loucos lindos tão inofensivos quanto Dërhon? Ele disse que ela estava no quarto do tal rei dos... Como ele disse mesmo? *Aehmon*?... Ela tinha repetido algumas vezes sozinha, o som era gostoso de ouvir... Sua voz era gostosa de ouvir?

Ela sacode a cabeça e sorri de novo fazendo pouco de si mesma julgando estar sozinha há muito tempo. Gostar da própria voz de taquara rachada?... Ui! Lá vem ela de novo, a senhora T.P.M. (Tenham Pena de Mim!).

Mas ela logo a jogou para o fundo da mente e pensou; Bom, ela estava no quarto do rei, porque era mais seguro que qualquer outro quarto e ela era valiosa demais para todo o seu povo e blá, blá, blá...

Isso nas palavras de Dërhon, que também explicou com uma pontinha de arrogância que todos os cômodos da mansão, tinha recheio de aço em sua estrutura, mas o quarto do rei, também tinha o mesmo reforço nas portas e janelas. Afinal, ele era o rei!... Bom, sendo franca, essa última parte foi dedução sua, mas se entendeu direito, o deus grego encarnado (meio desbotado por comparação), era irmão dele...

Ela meio que sorri. Tinha achado tão bonitinho o jeito como ele disse: *Zarcon é o filho nascido primeiro do ventre de minha mãe*. Ahan...

Não seria mais simples se dissesse; Zarcon é meu irmão? Ela se pegou sorrindo feito uma boba.

O cara devia estar na casa dos trinta, mas se comportava como um adolescente cheio de hormônios aos dezessete e...

— Na verdade, somos todos meio irmãos e irmãs por parte de pai, alguns são nossos primos ou sobrinhos, mas Zarcon e Xstrauss são meus irmãos... Uterinos. Nós éramos cinco no ventre, dividindo o mesmo ventre. Algo comum entre nós, naquela época.

Kassia pulou de susto e viu Dërhon deixando a bandeja na mesa perto da entrada. Estava pensando alto e nem se deu conta! Agora podia jurar que estava vermelha como um tomate maduro. Bacana!

E seria bem feito se ele estivesse rindo dela!

Ela morde o lábio como sempre faz quando está encabulada e faz uma careta a lambar

discreta... Salgado, levemente metálico... Não tinha mordido tão forte assim, tinha? Ela passa de leve a língua nos dentes e sente pontinhas afiadas que não estavam ali antes. Ele a fita de soslaio como se não soubesse mais o que dizer ou como agir e como continua a encará-lo, ele sorri meio sem jeito e chuta o ar meio de brincadeira.

— É o que acontece, quando se passa muito tempo acreditando que é uma branca de neve e o que lhe é servido são maçãs envenenadas.

Oh. Ual! Que senso de humor mais... Bizarro!

Ela não estava parecendo tão infantil assim, estava? E quanto a acreditar que eles pudessem ter colocado entorpecentes na sua comida, ainda não tinha sido convencida do contrário!

Quanto às pontinhas sobressalentes em seus caninos, logo avaliou que na porcaria da luta com a trupe de sádicos teria batido com a cara no chão e com isso quebrou alguns dentes! Afinal, ali não tinha nenhum espelho e ela podia estar até bem pior de aparência do que imaginava!



Dêrhon estava odiando mentir para a fêmea, ou melhor, 'omitir' era um termo mais específico, e caralho, nem era assim 'tão' difícil. Ela não tinha dado abertura! E o seu tempo estava ficando cada vez mais curto com ela!

Zarcon, o senhor covardão, tinha se aboletado no seu muquifo. Vá lá, o termo é retrô. Mas ele estava bem longe de ser um adolescente de 17, certo? Xstrauss se enfiou na floresta com medinho de soltar a besta, e com isso comer a fêmea. Literalmente! Já os machos com companheiras, padrão; estavam todos trancados em suas próprias casas espalhadas nos arredores do condomínio, ainda mais depois que viram a 'besta' do seu irmão Xstrauss agindo, no duplo sentido da palavra. Estavam receosos pela segurança das suas fêmeas e ninguém podia condená-los por isso. Já os demais, fosse guerreiros ou não, não pretendiam de forma alguma, entrar em uma suposta contenda com três machos de primeira linhagem, por mais que o chamado fosse intenso. E intenso, poderia facilmente ser elevado à categoria de eufemismo!

O perfume da fêmea já estava na escala do exagero profano, e nesse ritmo as sentinelas dos seus inimigos imortais estavam por pouco, mas muito pouco meesmo, de levantar a bosta da poeira e meter tudo no ventilador!

É... Isso aí! Ele já estava ficando desesperado e 'desespero' na verdadeira síntese da palavra; era um humano comer terra, e um *Aehmon* 'macho' comer batata-frita, bife, arroz e o que mais estivesse na porcaria de uma bandeja!

Mas ele provou, e cinematograficamente mastigou.

Enrolou a porcaria na língua e mandou garganta abaixo. Um pouquinho de cada coisa. Até mesmo aquele troço gosmento e estupidamente adocicado e enjoativo que o *Neimo* havia chamado de pudim, e o filho da puta garantiu que as fêmeas gostavam, fosse elas do seu mundo ou não.

E sério! Ele se esforçou 'pra cacete' em não fazer cara feia!

— Na boa vai. Eu comi e bem, estou vivo. Por caridade. Come? —, e ele ainda estava engasgado por ela ter acreditado que ele era um pervertido.

Pervertido era alguns dos machos da sua raça que diziam fazer o que ele fez por prazer!

Seu estômago estava tão revoltado que ameaçava se unir com suas tripas e promover uma verdadeira revolução interna! Na boa. Ele até que tentou, mas não conseguiu deixar de lançar um olhar pra lá indignado, 'praquela *Kade*' maligna!



Depois de uma apelação dessas! O que mais ela podia fazer? O cara parecia que ia vomitar de tão azul que ficou! Ela comeu.

Tudo! Até mesmo o suco que ele não experimentou.

Só cometeu a bobagem de olhar na direção dele quando pegou o copo e ele levantou os braços rosnando um 'isso aí já é demais', mas estendeu a mão com expressão de vencido e num ato de boa fé da sua parte ela não deixou que ele pegasse o copo da sua mão, sorriu meio sem graça e bebeu, fechando os olhos em seguida em deleite quando reconheceu o gosto de morangos e tomates silvestres na bebida, que na mesma hora a fez lembrar-se de Kori com saudade.

Sua irmã volta e meia bebia suco de morango com tomate e ela olha de relance para seu anfitrião tentando imaginar como ele agiria se ela dissesse que queria ligar para Kori.

Ao menos ligar, pensou com tristeza, mas algo dentro de si, a alertava que ele estava meio que ocultando alguma parte das regras do jogo e no toma lá da cá dessa balbúrdia, se sentiu um pouco menos culpada de não mencionar que *tinha* uma irmã.

Multimilionária..., diga-se de passagem.

Que estaria movendo céus e terras em sua busca. E tinha certeza de que Kori não deixaria pedra sobre pedra até que a encontrasse, mas, aí entrava outra questão delicada.

Também tinha certeza que a condicional seria impreterivelmente revogada assim que ela pusesse as mãos perfeitamente manicuradas nela... E, a julgar pelas últimas horas, os *Aehmons* podiam até ser assim meio loucos, mas eram uns meio loucos lindos de morrer, e estavam sendo uns verdadeiros 'amores' com ela...

— Você se lembra do que aconteceu no dia da tempestade?

Dêrhon limpou a garganta quando a fêmea fechou a cara e o fitou com expressão de desagrado.

Ok... Ela baixou o copo em câmera lenta e reconsiderou: Nem tão 'amores' assim, não é mesmo? Estava mais que claro que ela preferia 'não' lembrar, e algumas coisas até já nem lembrava mesmo!

Seu D.O.S. mental tinha arquivado os acontecimentos mais sinistros como 'sonhos sem sentido' e 'apelação do subconsciente'.

Imagine que pudesse fazer alguém sufocar só com o poder da sua raiva?

Se racionalizasse era mesmo um sonho sem sentido — o que era ainda mais provável é que o desgraçado tivesse sufocado por conta própria, ou engolido a língua nojenta —, pensou nauseada.

Os dois?

Perguntou uma vozinha sarcástica enxerida dentro da sua cabeça, mas ela logo dá de ombros

e rebate com o 'sem sentido' e a vizinha enxerida calou-se, deixando-a em paz. Bom, agora tente imaginar uma fera fascinante, que já na sua mais tenra infância entrava em seus sonhos e dava uma puta chega pra lá no príncipe asqueroso cheio de brilho gosmento nos lábios, chegando a toda pra te salvar de alguém que queria te matar e fazendo picadinho do sujeito com garras do tipo Wolverine e pelos enormes em cativantes tons de cinza que dava vontade de acariciar (como os daquele personagem bonitinho de Monstros S.A.)? Apelação do subconsciente. Claro...

Certo, não era nem *tão* Wolverine ou o Shrek, ou monstro fofo que protagonizou Monstros S.A. e estava divagando como criança — ela sabia que estava —, mas ele interrompe a sua linha de pensamento.

—... K, não me refiro à parte em que você foi violentada. Eu posso imaginar o quanto seja difícil pra você dissociar do que sofreu, mas, refiro-me ao que aconteceu depois...



Ela fitou o Enorme-Sem-Noção-Algum chamado Dêrhon, e pela visão periférica captou o par de espadas gêmeas cruzadas, que estava novamente em seu lugar de honra na parede.

— O que quer saber, então?

Ela perguntou com evidente impaciência e mais com intenção de escapar do campo minado que estava se vendo obrigada a passar se continuasse no assunto, ela aponta;

— Sabe, ainda não estou lá muito convencida de que você não seja pervertido, mas...

Dêrhon respira fundo.

— Ok. Talvez eu seja um, e talvez não. O fato é que você já está se transformando em uma de nós e precisamos...

Ele se interrompe em sua explanação ao ver que a fêmea arregala os olhos, apavorada, e seu humor já azedado é lançado aos picos do Himalaia!

— Aaahh não! Pare já! Quer saber, *Kade*? No **seu** mundo, ou melhor, '**ex**' mundo, já que é provável também será uma pária por lá, e isso se sobreviver, talvez... Não importa, eu chegarei lá. Até mesmo porque o tempo está ficando curto, sabia?! — ele bufa com expressão cansada

— No mundo em que você 'vivía' eu seria sacaneado por ser virgem, ok? Talvez, um gay enrustido ou algo do gênero. Sabe-se que mesmo em nosso meio, alguns machos fizeram sexo com outros machos, porque queriam, ou eram obrigados ou... Ou pelo menos já foi assim antes que o *Dien* fosse implantado. Não eram todos os machos que tinham... Não importa! O fato é que até você cair de para quedas no nosso mundo, eu não sabia o que era *sentir* — ele aponta para baixo sem olhar e ela mantém o olhar fixo em seu rosto —, **isso**, está bem?! Então não vem com essa de perversões e fantasias e por caridade, **pare** de querer nos associar com os malditos idiotas que violentaram você!

Ela abaixou a cabeça culpada e ele continuou antes que sua consciência o forçasse a dizer que 'eles', de certa forma, também a violentaram ao não lhe dar o direito de escolha consciente, mas ouviu a voz que só podia supor ser a do desespero escapulir dos seus lábios;

— Somos os mocinhos aqui, sabia?... Quer que eu seja mais claro? Xstrauss não resistiu ao seu chamado. Ele foi acordado por você em seu desespero e ficou ligado em você e no seu sofrimento, e 'todos' os que estavam sob a terra, por decorrência da sintonia que temos entre

nós, sofreram com você, e por você!

E agora que começou ele não conseguia mais parar, e as palavras jorravam da sua boca com informações cada vez mais assustadoras para a fêmea.

— O sol nos destrói, sabia? Chegamos à combustão em cinco minutos se for de tarde! Menos tempo ainda, se o maldito astro estiver a pico! E Xstrauss ia sair e se expor mesmo assim! Bem do tipo, que se dane se ia virar churrasco, em poucos minutos cinzas, e depois mais nada, certo?!

Dërhon tem consciência de que a está assustando e machucando com suas palavras e quer, mas não consegue parar, não pode mais...

— Não há escolha quando se conecta assim com uma *Kade* em perigo! Zarcon quase se acabou por intervir ao invocar a tempestade e Aleesha... Oh céus! Eu nem sabia que ela, ah *Kade*...

A verdade sobre seu sacrifício também doía nele e isso estava evidente em suas feições.

— Aleesha fez tudo que podia pra salvar você e até mais do que podia, ela lutou pela sua vida! Até chorou! Você não entenderia. Humanos choram, riem e sentem coisas que, **nós** não sentimos! É preciso estar intimamente conectado com um mortal para 'sentir' certas emoções, e mesmo assim, não usamos futilmente o que nos é tão raro!

— Eu não queria isso! — ela o interrompe —... Não queria ser salva de droga nenhuma, eu...

Sendo honesta, ela não sabia o que dizia, só queria que ele parasse de falar e acusá-la daquele jeito! Ela era a vítima ali, não era? Mas algo em seu íntimo adentrou o terreno perigoso chamado 'culpa', e ela não podia ignorar os fatos, no fundo não podia, por que...

— Ingrata, hipócrita! Isso é o que você é! — ele apontou um dedo na direção dela aos berros e lança a verdade que flutuava também nos pensamentos dela;

— Aleesha sacrificou a vida por você! Xstrauss quase se matou, por você! E você só consegue pensar no próprio rabo!

Ah não. Ele não tinha dito isso tinha? Dërhon morde a língua e ela grita de volta no mesmo tom apaixonado;

— Não é isso! — seu rosto estava afogueado e com olhos úmidos ela o encarava ferozmente

— Não ponha palavras na minha boca seu... Idiota, desgraçado! Você não sabe o que passei! O medo que senti, a degradação, a raiva e a impotência que... Não sabe de nada, está bem? Não estava lá, não estava na minha pele! Eu não pude fazer nada, **nada**! E você também não poderia se estivesse em meu lugar, então não venha me julgar! Condenar!

Dërhon solta um sorriso depreciativo;

— Está certo, *Kade*. Eu não posso contestar isso porque não estava lá, e os que podem não irão, porque são bem mais complacentes do que você jamais será.

— O que acha que **eu** posso fazer? Um pedido de desculpas? Um muito obrigado por salvar a minha droga de vida patética a custo da vida da companheira do rei? O quê?... Diga, Dërhon! **Diga!**

— Eu não sei! — ele grita de volta — Que seja complacente conosco e não nos condene pelo que te aconteceu para começar! Que 'aceite' que o que foi feito 'por você' foi com a única intensão de te proteger e salvar essa sua 'vida patética', como você mesma diz!

Ela vira a cabeça como se ele a tivesse esbofeteado e rebate;

— Eu já estava morta, Dërhon. E pelo que lembro, só o que pedi, foi que me deixassem

morrer em paz.

Dërhon joga as mãos ao alto, vencido, e desaparece do quarto, deixando-a novamente sozinha.



Zarcon vê o irmão aproximando-se como relâmpago, e Dërhon para na frente dele encarando-o com olhar vidrado, furioso.

— Agora não, Zarc. Deixe...

Dërhon não terminou a sentença e mais que depressa desapareceu tomando rumo em direção ao seu refúgio na sala de computadores.

Zarcon fita as portas duplas dos próprios aposentos como se as peças sólidas estivessem cobertas de criaturas peçonhentas e bate a mão na testa deslizando-a pesadamente rosto abaixo. Frustrado e também enraivecido com toda a situação ele toma rumo em direção ao quarto de Dërhon disposto a ter uma conversa séria com seu outro irmão, Xstrauss.

Ele não tinha dúvidas que Dërhon era o melhor candidato entre eles para convencer a fêmea trancada em seus aposentos a aceitar sua nova realidade, poupando-os de maiores problemas com a sua Guardiã e outros guardiões. Ele conhecia seu irmão melhor do que qualquer outro e viu — além da fúria no olhar e rosto tenso —, toda determinação e comprometimento para com ele e com os demais do seu mundo, seus iguais.

Dërhon não ia se deixar vencer. Era ao seu modo um guerreiro.

Dërhon convenceria a fêmea. Isso ele tinha certeza.

Era o inferno que 'todos' eles viveriam em seguida, que estava acabando com a sua já depauperada estrutura, e Xstrauss não ia ver-se livre dessa!

Aaahh, mas não ia meesmo!



CAPÍTULO 7

Dërhon chegou a triste conclusão que **sentir** nem sempre eram 'flores', não mesmo. Ele tinha saído do quarto da *Kade* antes que...

Que o quê? — ele perguntou a si mesmo em tom de desafio.

O quê mais podia fazer que não tivesse feito?

Tinha se excedido com a fêmea, sim. Tinha até mesmo implorado por misericórdia, não tinha? Por um segundo até desejou que os humanos tivessem acabado com a raça dela antes que Xstrauss tivesse conseguido sair da terra, ou, antes disso, que ele não tivesse se conectado com ela, mas o pensamento logo se desfez...

Tudo bem! Os seus até podiam ser culpados por terem decidido pela sua vida quando o que ela queria era a morte. Ponto. Culpado!

Mas não era por isso que eles seriam condenados, certo? E na boa. Alguém em sã consciência desejava mesmo morrer? Podia até estar sendo cruel, mas ela passou o quê? Algumas poucas horas da vida, como ela mesma disse 'patética', fazendo sexo não consensual com um grupo de humanos sádicos de bosta?

Que, porra! Não queria fazer pouco caso do que ela passou nas mãos dos humanos imundos. Não queria mesmo! Afirmou para si.

Mas eles haviam passado por situações bem piores antes de chegar aonde chegaram e não estavam 'morrendo' de pena de si mesmos por causa disso! E as *Kades* da primeira geração, então? Elas eram tratadas como verdadeiros fardos pelos seus ancestrais na época das guerras. Passaram fome, sede e outra série de maus tratos por milênios, trancadas e tratadas pior que bicho em esconderijos subterrâneos deprimentes, e já no primeiro cio elas eram usadas, praticamente estupradas sem qualquer consideração por guerreiros mais antigos do clã até engravidar! Suas irmãs foram...

Ele morde a língua e bate a testa no tampo da mesa afastando o pensamento cruel e indigno.

Ele não era como foram seus ancestrais. Nem ele nem seus irmãos eram assim! E também não estava lamentando por ser diferente no quesito de maldades. Se estivesse presente, duvidava que tivesse agido de forma diferente dos seus irmãos ao chamado da fêmea e duvidava que qualquer outro dos seus iguais tivesse agido de forma diferente.

Mas era justo punir toda raça cujo único propósito foi salvá-la? Desculpa... Desculpar o quê? Ele piscou. Era o início do fim, podia sentir. Estava até mesmo tendo alucinações...



Kassia prende o ar nos pulmões e aguarda por um sinal. Qualquer sinal.

Até mesmo um que-se-dane ou um vai-se-danar, estaria bom. Mas ele ficou parado lá, olhando o seu rosto como se ela tivesse com chiclete ou algo do gênero grudado no cabelo, ou como se chifres houvessem nascido na sua testa e... Com aqueles olhos incríveis em tom de

azul bem claro rodeado por prata derretida e as pontinhas das presas brancas e brilhantes aparecendo naquela boca carnuda entreaberta que ela tanto queria...

Morder?

Ela se sacode em pensamento, censurando severamente a menina má dentro de si, mas também... Nunca tinha sido tão provocada desse jeito antes!

Kori nunca permitiria algo assim. Sua irmã se transformaria num verdadeiro demônio se sequer desconfiasse que qualquer um de seus subordinados chegasse perto, uma fraçãozinha que fosse, do que Dërhon disse, ou melhor, jogou na sua cara, mas...

Assim que conseguiu controlar o estômago arredio e parou de vomitar, ela analisou melhor a situação e até se surpreendeu por ter gostado do que sentiu e respeito por ele cresceu, consideravelmente. Ela também levou em conta que tinha passado por um monte de coisas que... Bem, ela nem saberia dizer por quanto tempo estava ali, mas não era o que importava agora, certo?

Depois que conseguiu se desgarrar do vaso sanitário. Aonde fatidicamente foi despejada toda a deliciosa refeição. Ela jogou uma água fria no rosto sem conseguir ver a própria imagem no reflexo do espelho que descobriu sobre a pia e saiu do banheiro. Saiu do quarto e investida de coragem atravessou a antessala ricamente decorada que dava acesso aos outros cômodos com portas fechadas e acabou encontrando Ores no corredor que parecia não ter fim.

Saber que alguém havia sacrificado a própria vida para salvar a sua havia mexido demais com seus nervos. Ela limpa a garganta e insiste com humilde honestidade;

— Por favor, Dërhon, me perdoa. Eu, eu geralmente não sou assim, tão, ingrata... — estava mais difícil do que havia ensaiado em sua mente. Desculpar-se não era algo que fazia parte do seu cotidiano ou que lhe fora ensinado —, é que, aconteceu tanta coisa comigo nos últimos anos, não que justifique a maneira como eu me comportei, mas... — ela engasga, engole em seco e ensaia um sorriso que mais lhe pareceu uma careta, enfim...

— Eu vim aqui, por que... Quero que saiba que eu aceito, seja lá o que for que eu tenha que aceitar, mas me perdoa...

E ela fixa o olhar no chão.

Era isso e esperar o veredicto, ou sair correndo e voltar a enfiar a cabeça no vaso sanitário.



Dërhon engasgou.

De verdade!

Não era miragem merda nenhuma!

A imagem dela estava oscilando à sua frente porque os seus olhos estavam úmidos e ele fez uma rápida anotação mental de que teria que conversar com Ores sobre a limpeza do seu escritório.

Muita poeira no ambiente podia prejudicar o funcionamento de alguns dos seus equipamentos mais sensíveis, e no mais, miragens não falam e o som da voz da fêmea... Uohl! Era suave e melodiosa como o canto mitológico de uma sereia!

Dërhon se sacudiu mentalmente e rezou para não ter entendido errado, pôs sua boca para funcionar;

— Não, quero dizer, sim, é que... Sim, eu, é que não tenho o que desculpar. Na verdade eu é que peço perdão. Por você, pelas outras como você, pelo que nós... — e se calou a perguntar-se o que mais dizer que não fizesse de si, um imbecil gaguejante por completo.



Kassia solta o ar aliviada e até tenta ensaiar outro sorriso, que acaba saindo menos **careta** que o anterior, mas ainda mais triste do que ela queria demonstrar.

Ela dá um passo à frente e seu olhar corre o cômodo examinando-o em torno de si.

O escritório é bem espaçoso, há uma mesa grande mais ao canto com uma meia dúzia de telas de computador em cima. Os sofás no extremo oposto são fofinhos e convidativos com cores pitorescas, e tem cadeiras em volta da mesa para uma meia dúzia ou mais de pessoas... Mas quando chega a examinar os quadros na parede com interesse que na verdade não possuía, entende estar postergando o inevitável e torna a limpar a garganta.

— Eu, eu ouvi seus irmãos... — discutindo feio era o que diria em seguida, mas conteve a língua censurando-se em pensamento — Eu encontrei Ores no corredor e pedi que me conduzisse até você para que eu pudesse me retratar e... Ele achou que, ele me indicou primeiro seu quarto e, por acidente eu acabei ouvindo... Umas duas, ou três frases dos seus irmãos..., mas foi sem querer.

Ela encolhe-se de leve e abraça a si mesma com um riso amarelo, envergonhada ela pede desculpa sem voz.

Zarcon e Xstrauss estavam esbravejando um com o outro no quarto dele e ela acabou ouvindo bem mais do que as duas ou três frases que mencionou, mas quando Dërhon arregalou aqueles olhos fascinantes todo preocupado ela levantou o braço mostrando a palma.

— Não, não vem ao caso. — ela ensaiou outro sorriso que para si saiu um pouco mais convincente que os anteriores — Não sei como podem acreditar que eu seria capaz de matar uma formiga sequer intencionalmente. Quanto mais que fosse capaz de viver em paz com minha consciência, se soubesse que fui responsável pelo fim de toda uma raça, então...



A fêmea passou a língua nos lábios e Dërhon contém o ímpeto súbito de curvar a cabeça oferecendo o pescoço, furando a própria coxa por baixo da mesa com o abridor de cartas.

Para a sua sorte ela estava fitando um quadro na parede e não viu sua cara de pateta, poupando-o do constrangimento, mas o que ela perguntou em seguida o tirou do devaneio e o deixa em total estado de alerta.

— O *mitho*... É um direito meu também? — ele assentiu devagar e ela fixou o olhar nele por um breve instante — Uma vida por uma vida, certa? O olho por olho de vocês, digo... Nosso?

Ela levantou o olhar diante do seu silêncio e ele assentiu novamente.

— E eu... Posso usar o meu, para trazer Aleesha de volta?

Era inevitável perguntar-se o que realmente ela teria escutado quando moveu de leve a cabeça em negação e ele se preparou para o pior.

— K, eu tenho até medo de perguntar o que você ouviu desses dois energúmenos, mas quanto ao *mitho*, até onde sei, não é assim que funciona.

— Ahn, entendo... — ele estudou a expressão cansada e entristecida dela e acrescentou com cuidado;

— Não há uma segunda ou terceira chance para alguém como nós, nós não temos... — ele diria alma, mas achou melhor pegar leve com a fêmea e a partir daí, decidiu explicar sobre outro fator importante relacionado ao assunto.

— O que corre em nossas veias e nos diferencia dos humanos, não permite que nosso corpo ultrapasse o auge da fase adulta, e quando nos ferimos, essa substância, digamos assim, chamada *höemn*, que herdamos de nossos ascendentes imortais, simplesmente age em nosso sistema acelerando a cicatrização, independente da nossa vontade. É por causa dessa nossa herança que até **podemos** viver pra sempre, e acabamos com a ideia de que somos imortais. Mas, não somos. Se acaba, quando acaba, não tem mais volta pra alguém como nós. Não que eu tenha conhecimento.

De certa forma, era por isso que o direito ao *Mitho* foi instituído, mas se ele voltasse a esse ponto, se veria na obrigação de deixá-la a par de milênios de anos de história e algumas nada agradáveis de ouvir. E não que ele tivesse intensão de omitir qualquer fato do seu conhecimento para a fêmea que acabava de aceitar salvar a sua pele e a de seus iguais, mas eles teriam mais alguns milênios pela frente — se seu mundo não explodisse antes —, pra detalhar tim, tim, por tim, tim, de tudo que ela quisesse saber e...

Ela o surpreendeu assentindo.

Ela assentiu com outro sorriso pesaroso e ele nem atreveu em levantar-se da cadeira. Não que tivesse com algo além do assento **duro**, no momento, mas temia ficar se fizesse qualquer movimento em falso, e até imaginava o quanto ela poderia ficar aterrorizada com a visão. Bem, **ele** estava!

— Então..., — ela limpa a garganta — o que está feito, feito. — ela o encarou seriamente a demonstrar a veracidade da sua declaração, quando voltou a pronunciar;

— Eu aceito...



Kassia ficou ainda mais um tempo no escritório de Dërhon. Ele respondeu mais algumas das suas perguntas e até consentiu de boa vontade que ela navegasse na internet pelo seu complexo intrincado de monitores via satélite.

Era tudo meio surreal como ele mesmo disse, mas ela já não podia mais fugir da verdade.

Estava entre vampiros, e em pouco tempo seria como eles.

Ores a aguardava todo solícito no extenso corredor que a levaria de volta pelo mesmo caminho que a trouxe, e ela desejava de todo o coração que ele 'parasse' de tentar lustrar o chão com o próprio nariz sempre que a via, então se vestiu de coragem e perguntou;

— Ores, posso te pedir um favor?

... E solta o ar devagarinho, tentando não demonstrar o desânimo que a tomou pelo comportamento dele. O protótipo de mordomo parecia que ia flutuar na sua frente de tanta

alegria, e isso já a estava deixando um bocado constrangida.

— Me agradaria que você não fosse assim, tão...

Kassia pensou em chato, enfadonho, irritante, puxa-saco, maçante, entre outros adjetivos menos gentis, mas não queria ser cruel, não fazia parte da sua natureza 'ser cruel' com ninguém, então escolheu o termo 'reverente' e puta merda...

Que saco! Parecia até que tinha dito que o planeta era quadrado!

Ores assentia como um estudante CDF fascinado. Todo **reverente**! Então ela pulou a questão e meio que dando o caso por encerrado pediu que ele a conduzisse para o quarto que a tinham levado logo que chegou ali.

Estava decidida em não abusar ainda mais da hospitalidade de seus anfitriões. Principalmente depois que, por acidente, acabou ouvindo a discussão acalorada dos irmãos do Dêrhon no seu quarto. Seu estado de humor estava para poucos amigos e o que viu pela internet a tirou em definitivo dos eixos. Ou melhor. O que 'não viu', tirou-a completamente dos eixos. Mas deixaria para digerir a esse assunto em especial mais tarde.

No momento o que mais queria era tomar um banho demorado e enfiar-se debaixo de um monte de cobertas e ficar dentro de um quarto escuro. Sempre pensava melhor quando estava sozinha, e chorar debaixo de um cobertor quentinho era o melhor a fazer.

Assim ela leu em algum lugar ou escutou alguém dizer.

Ores concordou imediatamente e ela podia jurar que o viu dar um saltinho de felicidade, rápido, quase imperceptível e ela meio que fechou os olhos com a paciência beirando limite. Mas quem acabou saltando de verdade quando ele abriu a porta foi ela, e caramba, que mico!

Ela foi bem menos discreta.

Chegou até a soltar uma espécie de guincho com o susto. Guincho. Pode?!

X Strauss também sobressaltou dentro do quarto e ficou parado lá, como o armário de portas duplas que era, com uma das mãos escondida atrás das costas e uma máscara inexpressiva no rosto.

O clima ficou tenso e ambos pediram desculpa ao mesmo tempo.

Ela olhou de relance para trás e lá estava o protótipo de mordomo do século I lustrando chão com o nariz e chegou a cogitar se era possível que ele estivesse ainda menor que antes.

Ignorando a questão ela se voltou para X Strauss;

— Não imaginei que... — e é interrompida com um grosso e defensivo — O quê você está fazendo aqui?

Ela move bem de leve os ombros com pouco caso e abaixa o olhar;

— Não sei se é da sua conta...

Pronto. Ela disse. Sabia que estava sendo malcriada, mas foi bom. Muito bom, mesmo! Tanto, que experimenta levantar a cabeça e sustenta o olhar do vampiro com mais firmeza.

— Se quer mesmo saber — ela diz orgulhosa do seu tom de voz firme — Estou aqui, porque não vou ocupar um lugar que não me pertence, a propósito; obrigada por salvar minha vida.

O 'e condenar minha alma nesse corpinho medíocre' ficou subentendido no olhar magoado que não conseguiu evitar.

Ele piscou atordoado com a sua reação e quando piscou de novo, seus olhos estavam

amarelos translúcidos como os de Zarcon, seu irmão.

Eles eram muito parecidos, mas por alguma razão ela sabia exatamente quem estava à sua frente. Talvez fosse pelo cheiro que cada um deles emanava. Ou pelo fato dos olhos do rei não oscilarem entre o tom de branco prateado e amarelo translúcido de forma tão gritante.

Na verdade você sabe, se não sabe, desconfia.

Acusou a vozinha enxerida dentro de sua mente, mas ela ignorou.

A expressão dele era de assombro para o comportamento dela e num lapso de compreensão ou desconfiança, mudou para furiosa e diria até ameaçadora, a encarar no protótipo de mordomo por cima dos seus ombros.

Agindo de forma instintiva e um tanto maternal, ela se colocou deliberadamente entre os dois — e surpreendeu até a si mesma —, a ordenar que Ores caísse fora dali.

Xstrauss rosna, balança a cabeça em sinal de reprovação ou negação e passa feito um tufão por ela, mas um único comando faz oscilar na desmaterialização e estacar com pés plantados no centro do corredor.

Maldita biologia, ele pensou com um rosnado. Uma única palavra dita pela fêmea e em baixo tom foi o suficiente para prendê-lo no lugar.

Espere. Foi só o que ela disse, e sentindo-se encurralado como o animal que era — só que nesse caso, pronto para o abate —, ele rosna mantendo-se de costas para ela;

— Não tem outro para atormentar, *Kade*? Posso garantir que não sou o tipo de macho com que se deva brincar de fique e cai fora!

E ele achou que o 'cai fora' dela era pra ele?

Ores, de cabeça, baixa roga respeitoso por trás de seus ombros;

— Senhora, permita que o senhor se vá.

Ela mantém o olhar fixo em Xstrauss e balança em negativa a cabeça;

— Faça o que pedi, Ores. Por favor. Vá. Agora.

Ores ousou fitar-lhe o rosto estudando-a e viu determinação em seus traços juvenis, como não havia nada que pudesse fazer nessa contenda de gigantes além de obedecer-lhe, mas fora com evidente contragosto que ele se inclinou assentindo e desapareceu no extenso corredor.

Ela se concentra no rosto de Xstrauss e força a garganta dolorida pelo ressentimento a funcionar.

— Foi por acidente que acabei ouvindo — ela engoliu a saliva com dificuldade —... Já compreendi que não teve escolha no caso de me socorrer, mas preciso entender uma coisa.

Ia ser difícil, tinha certeza, havia algo nele que a incomodava e ao mesmo tempo a atraía, mas estava cansada de não encarar as suas batalhas de frente, então decide ir direto ao ponto;

— Se acha mesmo que sou uma vadia de merda. Capaz de dar para qualquer coisa que tivesse...

Ele disse caralho, mas ela não ia repetir e igualar-se a ele.

Não que não fosse capaz de falar alguns palavrões de vez em quando, mas o que ouviu ele praticamente gritando com o irmão ainda estava doendo nela, e de uma maneira bem infantil, desejou que ele sentisse dor também, mas sua voz acabou saindo mais esganiçada do que queria quando perguntou;

— Pra quê incentivar, me empurrar para alguém que carrega nas veias o mesmo sangue que

corre nas suas? Não, — ela interrompe ressentida, mostrando a palma —, deixe estar. Acho que eu entendi isso também. Zarcon até merece coisa melhor, mas na falta disso eu sirvo, certo?

Xstrauss congelou por dentro quando compreendeu que ela havia escutado a discussão que teve com Zarcon e solta uma imprecação mental. Ele já não conseguia mais entrar na sua mente para saber até que ponto da conversa ela escutou, mas concluiu que não fora muito, já que estava achando que era sobre ela que ele se referia, e uma raiva insana fez com que assentisse concordando; quanto a isso julgou que era até bom que ela acreditasse nessa versão, então se manteve firme e calado à espera e ela rebate, engasgada.

— Eu até entendo que você não tenha tido escolha em me salvar, com toda essa história de conexão e tudo mais, mas, me jogar para cima do seu irmão como se... Como se eu...

O quê ela era, então?

Os seus olhos já estavam empoçados pelas lágrimas e se continha pra não abraçar a si mesma aumentando ainda mais o drama, mas ela desconfiava seriamente que nada do que dissesse mudaria a opinião que ele tinha ao seu respeito, e que diferença fazia afinal? Ela nem o conhecia tanto assim, mas... Caramba! Como doía!

— Eu me pergunto se estão atualizados quanto ao mundo de onde vim, onde a maioria das mulheres da minha idade e algumas até mais novas do que eu 'não' sejam mais virgens, e nem por isso elas são classificadas como vadia de merda, capaz de dar pra qualquer um que, tenha...

Okaay. Algumas até podiam ser assim, mas...

O sorriso espontâneo e cheio de escárnio dele foi uma punhalada certa no que lhe restava de dignidade.

— Sei que é meu direito escolher...

Não, não, por tudo que houvesse de mais sagrado não! — ele pensa e em seu desespero lança a primeira coisa que vem à mente.

— E vai escolher um, quando pode ter todos aos seus pés?

Ela abriu e tornou a fechar a boca, toda coragem inicial se esvaiu junto com o ar dos seus pulmões pelo tom de acusação e repulsa na voz dele.

— Eu não..., não sou assim, eu —, ela tenta argumentar, mas ele continuou encarando-a implacável com o olhar sério, frio como gelo cravado em seu rosto.

— Se entendi bem, você é do tipo de que escuta por trás de portas fechadas, e até onde sei, seguiu o grupo de machos que a usou até se esbaldar, porque você quis e pelas próprias pernas...

Cada palavra era uma punhalada, mas ele não parou por aí.

— O que me pergunto é se não esperava que estivesse com eles para esse fim, se não gostou nem um pouco de ter quatro machos montando em você, e se sabe que é seu direito, e que aqui nenhum macho pode negar a qualquer um dos seus caprichos. Porque não ser generosa com Zarcon? Ou com o Dêrhon? Ou quem sabe, até mesmo os dois?...

Cara! Foi golpe baixo, ele sabia, antes mesmo de ver aqueles olhos incríveis dela brilharem ainda mais, mas precisava afastá-la dele a qualquer preço e foi então que ela perguntou...

— E você, Xstrauss? Você também se candidata a lista?

Ela perguntou ressentida e ele a fuzilou com uma expressão de nojo que fatiou o coração

dela;

— Como parece confirmar ser mesmo do tipo que fica escutando por atrás de portas fechadas, deve saber que eu não tenho escolha. Então, sim, eu também estou nesta merda de lista.

Cara! Doe. E muito! A ponto de ter dificuldade de engolir saliva pela garganta subitamente inflamada.

— Não vou escolher alguém que não me queira. Esteja certo disso.

A afirmação saiu num sussurro sentido e a expressão de alívio no rosto dele foi o golpe de misericórdia na estima já diminuída dela, provocando uma dor maior que qualquer outra que já tenha sentido antes, e foi preciso dispor de toda força que possuía somente para ela manter-se de pé.

Pra quê perguntar se a expressão no rosto dele e no tom de voz dizia tudo? Estava mesmo desenvolvendo o seu lado masoquista, não?

Dêrhon havia explicado algumas coisas sobre as peculiaridades do seu atual estado. Disse em tom de brincadeira que mesmo seu mais simples desejo seria interpretado pelos machos da sua raça como comando de forma bastante literal, que para qualquer um seria realmente impossível negar-se em atender-lhe e incrédula, ela o tinha provocado de brincadeira dizendo pule e sente e... Tanto antes como agora, não viu graça alguma nesse tipo de comportamento, e mais do que Xstrauss pudesse supor 'literalmente', ela o liberou com um pode ir e um aceno.

Ele inclinou-se em uma reverência exagerada que mais pareceu a ela de escárnio, e ela deixou para fechar apertado aos olhos úmidos somente depois que ele desapareceu por completo. Só então que ela entrou no quarto e devagarinho se deixou cair sentada na cama, com dores lancinantes por todo corpo. Mas a título de comparação; não eram mais que picadas de agulha perto do punhal que sentia perfurar em sentido giratório o seu coração. Que poder era esse que ele em especial tinha sobre ela para fazer com que ela se sentisse mal desta forma?



Xstrauss se curvou no que parecia uma reverência ao se despedir, mas era Dor em sua mais pura e primitiva forma que sentiu naquele instante.

A forma insensível e mentirosa que se comportou com a fêmea era o que de melhor podia oferecer a ela, só que sua vontade agora era de esmurrar a si mesmo. E estava doendo pra caralho!

Não dava pra esquecer que foi com '**ele**', que ela se comunicou primeiro!

Tampouco que foi **ele** quem esteve ao lado dela durante seu período de convalescença, **ele** cuidou das suas feridas até que se recuperasse, e foi **ele** que uma vez...

Uma única vez, até ousou tocar nos cabelos negros e sedosos, e ela no mesmo instante o surpreendeu a segurar seu pulso imundo!

Ele olhou o pulso ainda sem crer...

Ela tinha implorado em seu sono conturbado que não a deixasse sozinha e ele ouviu a si mesmo prometendo. Para sempre... Para sempre estaria por perto, ele a prometeu... Ela soltou um soluço aliviado e voltou a dormir, num sono profundo e sem sonhos ruins ainda segurando-o. Por horas. Como se mesmo dormindo, temesse que ele não fosse cumprir sua promessa.

Um rosnado sofrido escapuliu da sua garganta e ele puxa do bolso da calça a camisola que acabou levando na fuga do quarto que **ele** escolheu para ela. Ele levantou o tecido claro e diáfano levando ao rosto e inalou o cheiro dela que permanecia ali, depois apertou boa parte do tecido dentro da mão em punho pendendo o braço ao longo do corpo. Que a *Kade* escolhesse ao Zarcon ou Dërhon, que fosse qualquer outro guerreiro. Até mesmo um civil seria melhor escolha para ela do que ele. Sabia que isso era o certo a ser feito, mas ainda assim doía pra cacete, e nesse instante sua espinha estala lembrando-o da sombra de macho que ele era agora, do que havia se transformado, e numa explosão de luzes que fez tremer a terra sob seus pés e assustar os animais notívagos da região, a besta toma forma e ganha a floresta com sua insaciável sede de destruição, de morte e de vingança.



CAPÍTULO 8

Zarcon tomou forma do lado de fora ao corredor e bateu na porta do quarto, com os nós dos dedos da mão fechada em punho, como Dêrhon explicou ser comum no mundo de onde ela veio. E como a fêmea não respondeu, decidiu enfiar a cabeça no vão semiaberto a dar uma espiada. Imaginou que ela estava dormindo quando viu o pequeno corpo deitado de lado, coberto até o pescoço no quarto escuro, e já ia saindo e fechando a porta, quando ouviu um soluço baixo e arrisca-se em chamá-la.

— Kassia? — ele limpou a garganta estranhando a voz que saiu mais rouca do que achava possível e entrou no cômodo como se tivesse pisando em ovos.

Um pé na frente do outro, sem emitir som.



Kassia passou a mão no rosto no intuito de secar as lágrimas e logo outras tomaram o lugar respingando no travesseiro e colchão e ela continua deitada de lado, indiferente ao visitante. Não achou que precisava ser educada e convidá-lo a entrar, afinal, além de ele ser o rei e dono da casa, já estava dentro mesmo.

Pelo menos ele bateu na porta antes. Tão parecido e tão diferente do irmão. Ela o fitou de soslaio e viu o quanto estava preocupado, fungou e droga... Fungou de novo sem querer, e quando deu por si, estava encolhida como uma bola, a chorar copiosamente e tremendo feito uma desvairada.

Escutou um murmúrio rouco indistinguível e em pouco tempo estava sendo erguida, gentilmente abraçada e acarinhada nas costas por mãos grandes gentis, e envolvida nos braços fortes sentiu-se tão confortável, tão pequena e protegida, que suspirou agradecida.

Ela olhou pra cima e dentro dos olhos incríveis daquele homem. Daquele espécime lindo de macho que a consolava, e ele olhou pra baixo. Seus olhares ficaram presos um no outro por um instante e... Caramba! Suas bocas se fundiram!

Eles se beijaram! Estavam se beijando...

Ela não conseguia pensar!

Suas bocas encontraram-se no meio do caminho e podia jurar que mesmo de olho fechado ela estava vendo estrelas! Ele era guloso, e fazia barulhos sensuais absorvendo dela tudo que podia e beijava bem demais para sua sanidade! Quente e colante, úmido e faminto, mas na medida certa, e que gosto, que língua deliciosa!

O sabor dele era incrível e ela não conseguia parar de saboreá-lo da mesma forma que estava sendo consumida por ele!

Eles não conseguiam parar de saborear um ao outro!

A mão grande e quente desceu pela sua coluna e espalmou bem na altura da sua cintura apertando-a contra o corpo dele e os nervos dela explodiram como fogos de artifício no natal,

parecendo com formigas desesperadas em movimento frenético sobre o formigueiro recém-pisoteado.

Ela não conseguia respirar. Mas quem precisava respirar quando tudo que se quer é absorver mais do estímulo extasiante que chega a provocar dores gostosas em todo corpo por dentro?

Sabe? Quando alguém pisa em um formigueiro; suas habitantes espalham nervosas pela superfície e é uma verdadeira confusão! E era desse jeito que estavam suas células nervosas, em total frenesi, mas ambos separam de estalo e pedem desculpa ao outro ao mesmo tempo.

Beleza! Fantástico!

Ela quase gritou...

Quase, mas manteve a expressão neutra e desconfiava que tivesse soltado um gemido ou grunhido de insatisfação quando suas bocas separaram em protesto. Era como se estivesse dividida em duas pessoas e uma das metades quisesse esbofeteá-lo pelo que fez e a outra alegava que ele não a beijou sozinho.

Ela queria esbofetear a si mesma também.

'Ela' o beijou de volta, e por Deus!... Aos poucos as formiguinhas dentro de si começaram a se acalmar.

Ainda estavam um bocado nervosas e caminhavam frenéticas sobre as ruínas do seu pequeno mundinho e... Merda.

Quem é que pisa em formigueiro e espera para ver o que acontece depois?

Zarcon é que não foi!

Virou fumaça? Nem isso! Sumiu. Escafedeu-se. Desapareceu.

Bem na sua frente! E as formiguinhas ainda vagavam perdidas sobre o caos que se instalou na sua moradia.

Apesar da consciência coletiva que deveriam reconstruir sozinhas o seu pequeno mundo. As pobrezinhas ainda nem sabiam por onde começar, fazendo grande reboleio dentro dela e sobre a superfície da sua pele, lhe causando calafrios e pontadas internas.



Zarcon caminhava de um lado ao outro dentro do seu quarto e ainda não acreditava no que havia feito. Está bem, aconteceu! Mas não devia ter acontecido! E o que foi aquela de sair do quarto da fêmea como um adolescente virgem e apavorado? Ok. Ela retribuiu o beijo, mas não era o certo, não estava certo!...

Nunca tinha passado das necessidades básicas com Aleesha, eles se alimentavam um do outro sim, mas só isso e, nas poucas vezes que tentaram ir além ela sofria. Uma vez até chorou, deixando-o precariamente desarrumado.

Foi a partir daí que deixou de insistir em algo mais com ela.

Não chegou a ser celibatário como Dêrhon. Com o consentimento e até por incentivo de Aleesha, que interagiu com as *Miellens* como algo mais do que simples fonte de alimentação, mas sexo com elas nunca envolvia beijo!

Era algo mais para a liberação física de ambos e muito convinha a Guardiã que fosse dessa forma, já que as almas condenadas a viver pra sempre em seus domínios também precisavam de certa dose de distração, e ele estava ativo e disponível.

Não queria ficar lembrando-se de Aleesha com tanta intensidade, não que não tenha feito por merecer **ser** recordada, **sempre**, só que... Oh caralho.

Ele havia criado tantas expectativas ao longo dos milênios que ficaram juntos, mas no fundo, sempre soube que o coração dela não era seu. Não como queria que fosse e, temia ter que passar por tudo isso de novo. Era isso...

Não estava nem um pouco a fim de viver em estado de excitação e preocupação constante e, puta merda viu. Caralho! Foram seus antepassados mais que distantes que subjugaram e mataram suas fêmeas como se elas fossem um fardo indesejado e só as mantinham vivas em seus domínios, porque dependiam delas para a produção dos novos soldados, mas era **ele** e seus iguais que vinham ao longo de todos esses malditos milênios, pagando o preço pelos atos dos seus ancestrais!

Zarcon olha para o volume extra abaixo trincando os dentes.

Tinha se alimentado em menos de duas semanas, mas parecia que não se alimentava havia meses! O aroma inebriante da *Kade* ainda existente no seu quarto invadiu suas narinas logo que tomou forma como se fosse a porra de uma avalanche de pedras sobre a sua cabeça e a lembrança do gosto dela na sua boca fez uma conexão direta com sua virilha, deixando-o em ponto de furar até parede, se não fosse um cara racional.

Com um suspiro de desgosto compreende que não pode ficar no quarto. Ao menos não antes que dissipe o aroma da fêmea que vinha mexendo com todos os seus sentidos e arrasando o resto da razão que ainda possuía.

Ele se desmaterializa do seu quarto e segue em direção ao quarto de seu irmão Dêrhon, já pensando com impaciência que teria que invocar **mais uma vez** uma *Miellen* e assim que toma forma, para a sua surpresa já havia uma *Miellen* no quarto do seu irmão à sua espera, e grunhiu baixo ao compreender com um quê de desanimo, que não estariam sozinhos...



Dêrhon termina seu precioso e demorado relatório e corre o olhar sobre os monitores de segurança, cujas câmeras ficavam espalhadas em pontos estratégicos dentro e fora da mansão e não resiste em dar uma espiadinha na fêmea que; como soube por um *Neimo* um tanto evasivo, tinha decidido desocupar o quarto de Zarc e voltar para o que Xstrauss escolheu para ela, e pelo que vê no monitor, supõe que esteja dormindo.

Ela estava mesmo com aspecto triste e cansado quando enfim se despediu dele e desejou que Zarcon tivesse respeitado o seu sono e aguardado um momento melhor para se explicar com ela. Graças a ela, eles teriam mais tempo.

Por mera curiosidade, abre o histórico do que ela pesquisou na internet e o estuda interessado em saber mais ao seu respeito. Nada de sites de relacionamento. O que de certa forma era bom. Ela não parecia ser o tipo de fêmea que se expõe dessa forma e se fosse, não tinha certeza de como reagiria.

As pesquisas eram em sua maioria reportagens sobre as enchentes e barreiras que devastaram o município que fazia divisa geográfica com o Vale deles e datavam do dia seguinte em que foi encontrada a pouco mais de uma semana atrás.

O prefeito havia declarado estado de calamidade pública na cidade e alguns dos jornais mais importantes alegavam ter sido uma das piores tempestades de verão nos últimos dez anos e que já ultrapassava cem entre desaparecidos, mortos e feridos na região e adjacências, afetados pelas enchentes e barreiras.

Dêrhon viu com asco a foto pálida da fêmea de cabelo prateado onde embaixo se lia que se tratava da única sobrevivente de um grupo de amigos que tinham saído para escalar e acampar na véspera do feriado, e que sobreviveu por milagre de uma tromba d'água no sopé da montanha.

Ele bufou com indignação pela ênfase, mesmo que pequena, que deram a tal Janete Souza, quando nada havia sido mencionado a respeito de Kassia (não sabia o quê), a não ser por; '*Seus amigos não tiveram a mesma sorte*'.

Por um instante ele lembrou-se de outra 'tempestade de verão' provocada pelo seu irmão e rei do seu mundo, mas logo afastou o pensamento inoportuno e se levantou cheio de ânimo. K aceitou a sua nova forma de vida e já pensava que enchê-la de mimos seria pouco pelo que tinha feito por todos eles. Pensou empolgado que até já tinha comprado uma televisão de plasma para colocar no quarto que ela escolhesse e sorriu cheio de expectativa otimista.

Enfim teria alguém, além de si mesmo, que poderia vir a gostar das saunas aromatizadas e banheiras de hidromassagem instaladas, ou dos climatizadores que seus irmãos não se cansavam de lembra-lo que não precisavam. Sendo todos eles capazes de controlar a temperatura do próprio corpo, não precisavam mesmo!

Mas ele teve tanto trabalho para levar e introduzir na mansão todos esses mimos, que achava justo ao menos ter o seu esforço reconhecido... Precisava descobrir se a fêmea gostava de joias. Se gostasse iria presentear-lá com o que houvesse de melhor e mais raro no mercado humano, e roupas também.

Seria só mais uma coisa que seus irmãos arcaicos poderiam usar para atormentá-lo, lembrando-o com sua visão primitiva de que não *precisavam*, já que podiam se vestir ou se despir com o que quisesse em um simples comando do pensamento, mas...

As fêmeas do mundo que ela viveu gostavam desse tipo de coisas, e com essa linha de pensamento que desmaterializou-se tomando o rumo em direção ao seu quarto onde sentia estarem seus irmãos e ele precisava, 'tinha' que compartilhar logo com eles, as boas novas!

Dêrhon praticamente invade o quarto a gritar com empolgação febril;

— Ela vai confirmar, vai confirmar para a Guardiã que aceitou!... Tudo... O quê é que...?

Seus irmãos se entreolham e fixam o olhar igualmente frustrado na sua direção e ele fecha a expressão emputecido. Oh merda! Que situação mais... Quê? Merda! Seus irmãos solicitaram o entrega em domicílio no quarto dele?!

Traduzindo; tinha *Miellens* no seu quarto, no seu refúgio, no seu precioso muquifo! E eles não estavam só alimentando-se delas, pelo que viu!... Bem, não como ele se alimentava, pensou confuso, mas avaliou suas expressões e... Zarcon não estava com cara de melhor amigo e Xstrauss..., cara! Parecia que ele não estava nem um pouco satisfeito com aquela... O quê era aquilo?

— Rá... Rá,rá,rá! — ele não resiste gargalhando em apontá-lo com o indicador a perguntar;

— Coleira? Isso aí no seu pescoço é uma coleira?

— Cai fora daqui! — grunhiram seus dois irmãos em uníssono.

Dërhon estava mesmo de saída, e depois do que viu, nem estava mais *tão* indignado por estarem fazendo o que quer que fosse com elas no *seu* quarto e foi daí que uma das *Miellens* apareceu entre ele e a porta balançando a cabeleira loira em negativa e... Fodeu...

O sorriso em seu rosto desapareceu dando lugar a uma expressão de terror quando ela disse com um sorriso ameaçador que ele estava atrasado e que por isso entre outras coisas, merecia ser castigado... Ah caralho... Não conseguia sentir suas pernas. Ou os braços, ou, qualquer outra parte do corpo quando ela se aproximou. Pressentiu que estava enrascado no instante que a viu na sua frente e não estava nem um pouco a fim de testar a teoria.

A maldita estava vestida como a mulher gato e tinha até um chicote preto fininho sendo testado na palma da mão, com unhas gigantescas brilhantes e vermelhas no mesmo tom dos lábios que lhe sorria cheio de dentes brancos à mostra. Ela bateu no seu flanco esquerdo com aquela porra e ele a fitou no rosto entre pasmo e assustado. Pasmo pela audácia dela! E assustado porque tinha... Gostado? Ah, não...



Kassia escuta a porta sendo aberta e entrefecha os olhos com a iluminação repentina que invade o quarto.

— Seja quem for, por favor, apague a luz e vá embora. — ela cobre também a cabeça com o edredom irritadiça sem preocupar-se com boas maneiras.

Seja lá quem tenha entrado não foi educado sequer para bater na porta, e ela não estava com ânimo algum para mais um confronto.

As dores em seu corpo estavam mais intensas a cada segundo e a sensação de estar ouvindo centenas de vozes diferentes dentro da sua cabeça a deixava com vontade de gritar, blasfemar e xingar como uma louca.

E seja lá quem tenha entrado no maldito quarto e acendido a porcaria da luz, não fez a cortesia de apagá-la, tampouco se retirou do aposento. Ao contrário, aproximou-se da cama e arrancou seu cobertor cegando-a com a intensidade da luz..., que emanava? Sua visita mal educada e indesejada... Era a fonte, da luz?

— Ainda não fomos devidamente apresentadas, Cassandra. Sabe quem sou?

Kassia não tinha certeza, mas supunha estar diante da Guardiã deles. Sua boca se abriu, mas som algum saiu, além de um assovio.

Sua forma era indistinguível pela luz que emanava, mas sua voz era indiscutivelmente feminina e parecia...

— Sim, eu sou o que sou. — disse-lhe a Guardiã.

Kassia tentou enxergar os traços do seu rosto por pálpebras semicerradas e a luz que ela emanava ficou ainda mais intensa dentro do quarto afetando suas retinas extrassensíveis.

— Eu não aconselharia a persistir com sua intenção de ver-me, criança. Sabe por que estou aqui?

Sim, ela sabia, mas algo em seu íntimo a atemorizou. O tom cético na voz da entidade iluminada lhe dizia que teria que ser muito, muito convincente, e ela não era uma boa mentirosa. Não mesmo.

Era uma péssima mentirosa na verdade, e acabaria pondo tudo a perder para todos eles com a sua irritante e mutilante timidez, mas seus singulares anfitriões a haviam salvado do pior e a sua rainha acabou se sacrificando por ela no processo.

Não seria uma mentira completa se convencesse a si mesma de que era o certo a fazer por todos eles, e quanto a isso não havia dúvidas. Seria a sua família que estaria protegendo e ademais, no estado em que se encontrava. Mesmo que sobrevivesse. Para onde iria?

— Eu aceitei ser transformada.

A Guardiã a arremessou no chão sem tocá-la e num segundo avultava sobre ela com o mesmo tom cético a perguntar;

— Mesmo?

Kassia engole o gemido e torna a confirmar;

— Sim. Eu aceitei ser transformada...



Pode até ser que tenha gostado. Não ia negar isso, mas o lance sinistro é que ficou paralisado com a atitude da *Miellen* maldita...

Pa-ra-li-sa-do!

Ou seja; ele não escapuliu, nem se defendeu, ficou esperando outra chicotada dela com o quê? Ansiedade? Sério? E foi isso que não entendeu!...

Algum tempo depois ele entendeu...

Bem, algumas coisas... Ainda estava estupefato demais para dissecar tudo que havia acontecido.

As *Miellens* tinham recebido a honra de castigá-los pelo meio milênio de bons serviços prestados de bom grado à *Mahren Mäi*.

Dominar seus senhores era uma espécie de bonificação para elas. E com isso a Guardiã deixou claro de uma maneira bem pouco usual que já sabia da K. Talvez até mais do que eles...

Que coisa, não?! Se ele não estivesse todo dolorido, degradado e ainda por cima, tivesse gostado de todo lance! (Será que isso fazia dele o gay ou perverso que K acreditou que ele fosse?) Podia até render reverências à imaginação nefasta da Guardiã, mas que se fo...

Zarcon e Xstrauss tamparam sua boca ao mesmo tempo e Zarcon grunhe perto do seu ouvido ameaçador;

— Nem pense.

Dërhon assente de má vontade estudando-o.

Os olhos de Zarcon ainda estavam úmidos e se ele achou que a ex 'súcubos' dos infernos havia pegado pesado consigo. Com Zarc foi o quê? Desumano?

Estava mesmo andando muito entre eles. Os humanos...

Talvez fosse essa a lição da Guardiã pra ele? Estaria se envolvendo demais com os humanos quando em suas missões fora, e isso estava a desagradando?

Estava convicto que ela não decidia nada ao acaso, mesmo que à primeira vista, parecesse assim. Mas havia assumido o celibato em homenagem a Ela!

E perder a virgindade de maneira tão degradante e pouco natural foi... Caralho! Foi bom, mas o preço que... Ah esquece!

Já estava divagando em pensamento de novo!

Ele não tinha feito de propósito. Foi mais uma curiosidade bem 'inha' mas ainda assim, ele 'tinha' que saber, então vasculhou por mais informações nas mentes de seus irmãos; Na mente de Zarcon só encontrou aceitação. Por tudo que deixou de fazer por Aleesha, fosse por esquecimento ou qualquer outro motivo. Tinha outras culpas mais pesadas pelas quais ele, consciente ou não, desejou ser punido e as lágrimas que deixou rolar, não era pela degradação que estava sofrendo, era porque achou que foi pouco, que não merecia recompensa ou prazer, e compreendeu chocado que foi por isso que ele chorou quando gozou. Não foi porque não **queria** ter gozado com outra fêmea e com isso estaria traindo a fêmea que o escolheu por companheiro. Zarc não queria ter **gozado**, e ponto final!

Ele se lembrou do momento; sua carrasca dizendo em seu ouvido que aquilo é que era o pior dos castigos e o deixando todo arrepiado com aquele treco maligno que ele preferia esquecer!

Já Xstrauss estava fechado, tanto emocionalmente quanto na expressão dura, mas ele era assim mesmo. Dos três sempre foi o melhor em ocultar suas emoções e pensamentos de quem quer que fosse, até mesmo deles, mas se comparasse por si e Zarc. As bruxas, assassinas, corrompidas, vendidas, iludidas, ou seja lá o que tenham feito, para terem as almas condenadas sob o domínio e desígnios de *Mahren Mäi*, não o teria poupado de tortura parecida.

Elas haviam chegado com tudo! E o forte do tranco, é que foram direto no psicológico e culpas mais intimas de cada um. Como se tivessem vindo cada uma com o currículo pessoal detalhado de cada um deles e conseguinte a certeza de qual botão apertar. E na boa, se já não duvidava de muita coisa que partisse de uma mulher-anjo-caído que atendia pelo nome de *Mahren*. Agora é que já não duvidava de mais nada! E que houvesse perdão para a sua meia alma se algum dia viesse a ter uma, mas seu rabo ainda estava ardendo!

Enquanto a capeta enfiava aquele treco enorme e trêmulo nele, ia dizendo em baixo tom no pé do seu ouvido;

Quando se perguntar por que faço isso. Em suas próprias palavras, é por sequer cogitar, que não possa estar ciente, de cada passo, de qualquer uma das criaturas sob meu domínio.

Okaaaay! Ele entendeu a indireta mais que direta no ato! Mas precisavam mesmo ter mexido na porra do sagrado? Bosta!

Ainda estava ardendo!

— Pare de reclamar! — grunhiram seus dois irmãos em uníssono.

— Vai se foder vocês dois! — ele grita de volta.



CAPÍTULO 9

Nenhum deles teve coragem de encarar a fêmea ou um ao outro no restante daquela noite. E no dia inteiro seguinte também. E nesse ínterim, a fêmea em questão recebeu uma visita estritamente pessoal à 'portas trancadas' e quando os três pararam no umbral do quarto e ela fitou o rosto de cada um com indiferença dissimulada que cheirava claramente a rancor.

A partir de então ela voltou a deitar a cabeça no travesseiro e manteve o olhar fixo e sério em algum ponto invisível da parede à sua frente e de uma forma, ou outra, todos sentiram que estavam no que Dêrhon cognominaria como lista negra dela, X Strauss de certo diria, enrascados e Zarcon diria, perdidos...?

Seus irmãos o fitaram com sobrancelhas levantadas e Zarcon dá de ombros. É o que ele diria. Ou algo que rima com isso.

Ambos souberam pelo *Neimo* que a Guardiã havia aparecido na mansão e que passou parte do fim da noite anterior e quase todo dia seguinte dentro do quarto trancado com ela. Enquanto eles estavam sendo usados de forma que, tirando Dêrhon, não queriam nem pensar e se fosse possível teriam apagado por completo da memória e chegaram ali, ambos desejando que ela não tenha ficado com uma impressão muito ruim da Guardiã e decidisse descontar neles de alguma forma. Tudo bem que a Guardiã tinha uma dinâmica de controle sobre eles que, à primeira vista, era no mínimo discutível, no mínimo!...

Mas se conseguissem convencê-la a levar em conta que se tratava de uma representação de Mulher-Anjo-Caído que os defendia, e que a diaba havia aberto mão do seu corpo físico por eles. Ela até que não era tão má assim. Não como alguns outros guardiões poderiam ser e, não como Ela **podia** ser, se ela quisesse.

Kassia ainda não sabia o que pensar ou dizer sobre a visita inesperada que recebeu, mas se ainda restava alguma dúvida de que Dêrhon pudesse estar brincando, ou equivocado. Agora não tinha mais. Ele não **estava** brincando!

Podia não ter conhecimento de que tentar dissuadir a Guardiã da verdade não era nem de longe uma boa ideia, e não foi mesmo. E claro, foi ela que pagou o preço na própria pele, para que ele e seus irmãos sentissem por tabela!

É. Isso mesmo!

Agora ela sabia de tudo que Dêrhon tentou explicar e até mais um pouco sobre a natureza intempestiva de todos eles e a Guardiã podia ser bem persuasiva quando necessário. Isso, nas palavras dela. Nas suas; Quando **queria** e porque **podia**... Encaixavam-se tão bem quanto...

Ou até melhor!

Escondido sob o lençol de algodão finíssimo, ela sentia todo o seu corpo arder como se ainda estivesse em chamas, e ainda estava coberto de marcas de açoite e queimaduras terríveis que se

curariam logo após a sua primeira alimentação como transformada, como havia sido informada pela Guardiã. Ou com o tempo, como citou depois, deixando claro que podia ouvir seus pensamentos ou ler suas intenções nas suas expressões.

Uma marca para cada vez que inocentemente confirmou ter aceitado ser transformada e como uma espécie de recompensa pela sua 'fidelidade' aos seus diletos *Aehmons*, a Guardiã a presenteou com os dons de Aleesha além dos seus, e daquele momento em diante lapsos de lembranças e sentimentos da rainha, também fariam parte do seu cotidiano, até segunda ordem...

Ela passou pelo que julgou ser a pior parte da transformação na presença da maldita até algumas horas antes e Dor, havia ganhado um significado totalmente diferente em seu conceito. No momento a dor era interna e amiga íntima de cada uma das células alteradas em seu novo corpo e por mais irônico que parecesse, era melhor e mais bem vindo do que não 'sentir' droga nenhuma.

Pois é.

Ela treme sem querer ao lembrar-se da pequena amostra que a Guardiã lhe dera de como funcionava com os machos que não estavam vinculados e acaba soltando um soluço trêmulo, pela lembrança vívida da provação que acabara de passar.

Os três se aproximaram da sua cama devagar e ela não deixou de notar como estavam tensos, todos cautelosos e preocupados com a sua reação.

X Strauss foi o primeiro a soltar um grunhido indignado, mas ela nem se atreveu em olhá-lo no rosto para avaliar a sua expressão. Ainda estava emocionalmente ferida pela opinião que tinham dela e escutar seus pensamentos mais íntimos estava piorando ainda mais a sua situação.

Zarcon e Dêrhon soltaram o ar ao mesmo tempo e ambos estavam com muita raiva da natureza que os obrigavam a estar ali. Imagens de animais conscientes de estarem aguardando pelo sacrifício no abatedouro a assaltaram como lâminas afiadas, além das vozes em sua cabeça e todos eles. Cada um a seu modo desejava intensamente **não ser** o seu escolhido.

Ela gane baixinho com toda sua pele e coração dilacerados. Eles ao menos podiam ser gratos pelo que... Não. Não mesmo! Ainda possuía um resquício de orgulho e dignidade em si e não ia entrar no papel de vítima. A dor podia ser a mais nova amiga íntima de todas as suas células, mas a raiva que estava sentindo seria sua força e não ia cair na armadilha da auto piedade, de forma alguma. Antes que tivessem tempo de piscar, ela desejou onde queria estar e realizou o desejo íntimo deles.

Os três se olharam surpreendidos fixando em seguida seus olhares na cama vazia. Dêrhon toma a dianteira dos irmãos, com um passo a frente ele lança a mão no lençol levantando-o e solta um palavrão passando as mãos nos cabelos em seguida e todos compartilhavam do mesmo pensamento:

Que ela tivesse passado pela transmutação, eles já imaginavam. Que fosse estar mais alta e mais atraente que antes, também. Mas que ela conseguisse dominar a sede, apesar da fome evidente e ela conseguisse desmaterializar-se assim logo de cara, foi realmente de assombrar.

Eles se entreolharam aturdidos.

Sem palavras...

Kassia tomou forma novamente em frente às portas dos aposentos do rei e o que Dërhon falou sobre o aço foi confirmado na prática quando ela, em seu estado etéreo, não conseguiu transpassar as barreiras maciças, mas para o seu alívio, as portas não estavam trancadas, só encostadas, ela as abriu e entrou, ultrapassou a antessala sem olhar para trás entrando e trancando-se no quarto. Não pretendia **ficar** nos aposentos do rei. Que isso ficasse claro.

Só queria alguns poucos minutos de paz. Ela precisava de um tempo, sozinha, pra colocar as ideias em ordem e pensar no que faria em seguida, começou a andar de um lado ao outro do cômodo.

O espaço físico e geográfico do Vale era grande e ela não era prisioneira ali, mas se agora ela pertencia aquele mundo, precisava encontrar um meio de **não** precisar impor sua presença aos demais habitantes que a desejavam distante deles.

A sua garganta ardia sedenta e todo seu corpo tremia pela necessidade, ela pensou em Dërhon, ele a ajudaria a encontrar um lugar na região que não os afetasse com a sua presença, ou a si mesma pela rejeição deles. A Guardiã tinha se mostrado bem possessiva quanto aos seus diletos e de alguma maneira deixou transparecer o quanto ela era uma persona non grata entre eles. Ou talvez esse fosse mesmo o seu *modus operandi*. Fato é que...

Não sabia o que fazer.

Seus pensamentos e emoções estavam num verdadeiro rebuliço, até que uma visão a assaltou deixando-a com as pernas bambas. Ela sentou-se na cama do rei concentrando-se na própria respiração e batimentos cardíacos enquanto o zumbido intermitente se instalou bem dentro dos seus tímpanos extrassensíveis. Fagulhas de pensamentos e discussões alheios aos seus daqui e de acolá e até mesmo o som de uma minúscula aranha que viu tecendo com habilidade frenética a teia no canto ao alto do quarto atrapalhavam a sua concentração irritando-a e fechou apertado aos olhos com uma careta, tapando seus ouvidos com ambas as mãos.

Suas narinas dilataram de repente com o aroma conhecido, ao respirar mais fundo o seu coração deu um salto dentro do peito. Eram seus anfitriões que acabaram de tomar forma na antessala e ela grunhiu um palavrão.

Nenhum deles a queria por perto na verdade, mas eles não conseguiam evitar a porcaria do 'chamado' e isso machucava mais que tudo.

Maldição. As lágrimas inundaram seus olhos e sua garganta seca ardia faminta, movida por um abatimento que beirava a insanidade ela desapareceu de novo e antes que Dërhon conseguisse abrir a porta ela flutuou, passou por cima das cabeças de todos eles em seu estado etéreo e vagou os vários corredores e cômodos, encontrando a saída. Saiu da mansão sem olhar para trás...

— Ela esteve aqui.

Dërhon comentou e seus irmãos olharam sérios para ele como quem diz 'é óbvio' e com uma careta ele levanta os braços.

—Vou para a sala de segurança. — e subentendeu-se o 'que se danem os dois sabe-tudo' em sua expressão de desagrado, antes de se desmaterializar, irritado.

Zarcon e Xstrauss o seguem logo em seguida e com rápidos e proficientes cliques em seu mouse e teclado ele a localiza mais ao nordeste da mansão soltando um assovio, fascinado com as habilidades cognitivas e a noção que ela estava demonstrando ter de si mesma e das

imediações do condomínio.

Ela tinha uma graça extraordinária para uma recém-transformada e olhou na direção da câmera como se estivesse olhando dentro dos seus olhos arregalados. Dërhon sobressaltou-se quase caindo da cadeira quando ela silvou ameaçadora mostrando as presas e se transformou bem diante dos seus olhos.

Seus irmãos lembraram-se alguns segundos depois de fecharem as bocas e Zarcon limpar a garganta, incrédulos.

— Aves de rapina no primeiro ano, carnívoros de pequeno e médio porte após o quarto. E essa *Kade* se transforma em felídeo com o quê? Algumas horas de transformada? É isso mesmo que eu, que nós acabamos de ver?

Xstrauss não esperou pela resposta, ele se desmaterializou com um único pensamento em mente; A fêmea até podia ter superado todos eles na adaptação ao seu novo corpo e poderes, mas ainda assim era uma fêmea, não era invencível e estaria vulnerável demais para todos eles lá fora!

Nas imediações da floresta que os cercava não existiam mais animais de grande porte como o que ela havia se transformado. Desde que a família imperial humana se mudou com toda a sua corja para o município vizinho alguns séculos antes que os carnívoros de grande e médio porte começaram a serem dizimados pelos seus servos até que só alguns poucos de médio e pequeno porte restaram, e somente porque estavam protegidos e ocultados nas florestas entre as montanhas que cerceavam o seu mundo.

Ele tomou forma a tempo de vê-la atravessando os limites do condomínio com velocidade invejável até mesmo para um *Aehmon* de primeira linhagem. Assistiu pasmo enquanto a fêmea voltava a sua forma humana, atravessava o campo neutro sem olhar para trás e galgava a montanha de pedra com a mesma velocidade extraordinária. Xstrauss sentiu Zarcon em sua mente e os dois grunhiram maldições ao mesmo tempo. Ambos sabiam o quê a fêmea estava perseguindo, ou melhor, quem.

Ambos sentiram o cheiro de sangue humano pelo vento à cerca de três quilômetros de onde estavam e seus pelos arrepiaram com todas as implicações que seguiriam, se ela alcançasse o seu alvo...

Nem mesmo uma fêmea teria a piedade da Guardiã se viesse a se alimentar de sangue humano e quebrasse o tratado de paz com os outros guardiões e ambos aceleraram com intenção de contê-la como pudessem, antes que fosse tarde.

Dërhon chegou primeiro no humano que escalava de forma imprudente a parte mais íngreme da montanha próximo ao limite determinado aos seus e o idiota, como puderam ver, estava pendurado de cabeça para baixo com um corte profundo na testa causado pela queda.

Com movimentos ágeis Dërhon o levantou encarando-o e concentrado em apagar a memória do humano, de súbito foi surpreendido por um braço delgado e estupidamente forte apertando-o pelo pescoço puxando-o em seguida e arremessando-o longe no ar.

Ele desmaterializou-se no ar antes que o seu corpo atingisse o chão em um baque doloroso e tomou forma ao lado dos seus irmãos, bem distantes da fêmea que o agredira, como determinava a necessidade de autopreservação de cada um, e os três ficaram onde estavam. Literalmente perplexos.

A fêmea não atacou o humano para se alimentar, como ambos imaginaram que faria. Ela o

havia salvado.

Eles observaram calados enquanto ela o acarinhava na fronte e de maneira que só podia ser instintiva, lambia a palma da mão e passava no ferimento aberto, usando o *Höemn* em sua saliva para estancar o sangramento em sua testa. Em seguida ela tateou seus membros em busca de outros ferimentos e contusões e depois acomodou a metade superior do corpo em seu colo, envolvendo-o em seus braços como se fosse um bebê, fechou os olhos apertados com expressão de sofrimento e com uma facilidade que ainda os assustava, ela levantou-se com o humano no colo e desapareceu tomando forma com ele no sopé da montanha.

Os três a seguiram, mas ficaram preventivamente à distância a observar a cena tão incomum em seu mundo. A fêmea passou a mão no rosto do humano com carinho e Xstrauss não conteve um grunhido enciumado. Ele a imaginava com qualquer outro macho da sua raça, mas com um reles macho humano. Nunca.

Kassia olhou na direção de Dërhon e sustentou séria o seu olhar. Sua expressão demonstrava que estava com muita raiva e nem um pouco disposta a pedir desculpas por tê-lo agredido na montanha, e também não pediu especificamente sua ajuda, mas informou-o de que levaria o humano até onde ele pudesse ser resgatado de forma mais adequada por outros humanos e ele prontamente se ofereceu para acompanhá-la. Ela não fez objeção, claro, mas tampouco agradeceu, também.

Seus irmãos olhavam para ele com as sobrancelhas levantadas estudando-o, curiosos.

Eles estavam se comunicando mentalmente e Dërhon assentiu para ela antes de se voltar para eles.

— Por mais incrível que pareça... — ele limpa a garganta ainda aturdido — Ela não vai ferir o humano, ela... Nós. Quero dizer, merda... Não sei bem como ela faz isso, mas voltem para casa. Nós ficaremos bem.

— Vocês ficarão bem? — perguntou Xstrauss encarando-o com ceticismo ao mesmo tempo em que Zarcon perguntou;

— Ela sabe o que está fazendo?

Dërhon respondeu a ambos com um espero que sim e seus irmãos, ambos sérios, consentem.

— Vai protegê-la, se for preciso?

— Não ouviram nada do que ela me disse?

Pelas suas expressões, via-se que não.

— Qual é? Sabem que eu não faria nada que fosse prejudicá-la ou aos nossos! Não podemos atacar os humanos, mas não há nenhuma cláusula no tratado que nos proíba de salvar um idiota suicida, e foi isso que ela fez!

Seus irmãos assentem com careta de desagrado e desmaterializam tomando curso de volta ao condomínio de má vontade. Dërhon soltou um suspiro preocupado e aproximou-se da jovem vampira com cautela extra.

Era fantástico de ver como ela já parecia ter centênios de experiência como uma *Aehmon*, mas era ainda mais pela forma com que se comunicou com ele, bloqueando seus irmãos no processo. E quanto ao humano? Ela alterou suas memórias e cuidou dos seus ferimentos como se fosse um procedimento qualquer. Algo com que já estivesse há séculos familiarizada e, observou curioso que o fez com o sentimento de pesar que transbordava em toda essência dela,

também.

Dërhon queria entender o motivo por trás das suas últimas ações e estudou o humano com mais atenção.

O macho era grande e forte para um humano, mas ainda era bem menor que ele. Uma sensação de superioridade fez aflorar um sorriso discreto em seus lábios diante da comparação, mas foi logo seguido de uma sensação de ciúme desmedido que o deixou levemente tonto e com as presas ressaltadas. E se esse fosse o tipo de macho que ela preferia? E se ela não aceitasse que uma relação como essa não era viável entre eles? Kassia encara-o seriamente e ele se recompõe.

As presas, ao menos.

Eu teria feito o mesmo por qualquer outro indivíduo em perigo, Dërhon, estudei e me dediquei à vida inteira pra isso. Mas esse humano em especial, era meu amigo. Eu o conheço da minha vida antiga e estou retribuindo o favor. Ele salvou a minha vida uma vez e, ao contrário de vocês, nunca me pediu nada além de amizade, em troca.

Ela permitiu que ele entrasse em suas recordações e visse através das suas lembranças as imagens do acidente que por pouco não deu fim a sua vida há pouco mais de dois anos, e de como o humano chamado Lorenzo, meio irmão de outro humano em suas lembranças, chamado Ricco, a tinha salvado da morte no acidente de carro que ela dirigia e acabou perdendo o controle escapando da pista e voando por cima do acostamento no litoral, em direção ao mar. Ele a viu pelas suas recordações voando em direção as ondas abaixo e quando dentro d'água presa ao cinto de segurança enquanto o humano que havia mergulhado pouco depois lutava desesperadamente para libertá-la e concentrou-se para manter-se firme e não ser tomado pelo pânico.

Ela entendeu com tristeza que Enzo a estava procurando nas imediações de onde imaginava que ela deveria estar e plantou em sua mente as imagens que a faria deixar de existir para o mundo do qual até poucos dias achava pertencer. Ela estaria definitivamente morta para sua única irmã, e por ironia do destino, seria Enzo quem confirmaria isso.

Por um segundo apenas a fêmea abaixou a guarda e ele vê outra fêmea parecida com ela em sua mente, mas a imagem logo se desfez deixando um muro impenetrável no lugar. Ela o encara, furiosa, e exhibe as presas pequenas e brilhantes recém-adquiridas e mais que depressa ele ergue as mãos mostrando as palmas como quem diz tudo bem e contém com esforço considerável o ímpeto natural de inclinar a cabeça e oferecer o pescoço.

—Kassia... — ele começou, mas ela interrompe seu argumento com um 'não' tenso, impregnado de ressentimento, e depois ela bufa.

— Eu sei do que eu preciso Dërhon, mas eu não vou...

Caramba! Estava doendo terrivelmente! A fome e a sede eram atordoantes e a estava levando e trazendo de excursões físicas e mentais infernais, mas estava decidida que não, dessa forma, não...

Posso escutar seus pensamentos e até o que pensou ao meu respeito desde que nos conhecemos e, francamente, Dërhon. Minha fome não é maior que a minha vontade. E nem mesmo é responsabilidade sua ou de mais alguém.



Algumas horas mais tarde, Dërhon se põe a meditar em silêncio enquanto aguarda ao lado dela na penumbra e ambos assistem o macho que ela socorreu sendo removido pelo corpo de bombeiros na estrada, e claro!

O que ela lhe disse ainda está doendo. Mas ele deu mole não é não? Fez por merecer a rejeição. Estava muito mal acostumado em pensar livremente perto de humanos, e até dos seus iguais, e agora ela sabia o que pensava a respeito de ser ele o seu escolhido. Certo.

Certo porra nenhuma! Enfezou-se. Foi um pensamento infeliz! *Alguns* pensamentos infelizes, vá lá!... Mas pelo que viu e sentiu, ele a magoou bastante ao julgar que seria motivo de piada entre seus iguais se ela o escolhesse. Entre outras coisas que pensou livremente depois, mas não vinha ao caso agora. Coisas que, se parasse pra pensar, nem deveriam ser levadas em conta. Talvez fosse visto como bacana da sua parte alertá-la de que iria passar por isso mais vezes do que pudesse imaginar por conta dos dons que recebeu na transmutação e, merda...

Ela escolheu se voltar para ele nesse exato momento e encará-lo com seus olhos sérios e penetrantes.

— Eu posso, e seja como for eu 'vou' desligar essa conexão que me faz ver e ouvir tudo que vocês veem e pensam, não se preocupe.

Dërhon tremeu por dentro mediante a ameaça velada, já não duvidava que ela fosse capaz de fazer o que quisesse e decidiu-se a não contestar. Mesmo tendo dito que **não** o escolheria e exatamente nessas palavras. Ele abriu mão de qualquer traço de orgulho masculino e ofereceu seu sangue para que cessassem as dores que ela certamente estava sentindo, mais uma vez. E mais uma vez foi rejeitado.

É isso aí pateta! Segura essa! Agora carregue Murphy nos ombros. Afinal o cara é 'ô cara' e ele sempre tem razão, não? Podia apostar nas estatísticas da vida que muitos verões ainda se passariam naquelas terras, antes que viesse a ser perdoado pela meia dúzia ou menos de palavras pensadas em momento de autêntico desespero!

Ela cruza os braços sobre o peito, se vira toda de frente para ele dessa vez e o encara com as sobrelanceias arqueadas em desafio e ele levanta os braços.

Escutou tudo, certo? Arriscou ele em pensamento e ela bufou.

— Ok está bem, foi bem mais que meia dúzia de palavras, mas porra, K! Você pode até ser surpreendente em uma porrada de coisas. Em pouco mais de uma hora demonstrou talentos que a maioria de nós demoraria anos pra dominar, mas eu ainda tenho alguns milênios de experiência a mais que você e, 'coisas que se pensam' não devem ter o mesmo peso ou consideração do que as que são ditas, tá? Vai por mim. Se tudo que vier a escutar nos pensamentos dos outros tiver o poder de te magoar dessa maneira, você vai pirar no primeiro ano!

Ela assentiu com um sorriso triste e aproximou-se dele a um passo congelando-o no lugar com sua atitude inesperada, levantou a mão, que apesar de maior que antes ainda era demasiada delicada, e com gentileza acariciou o rosto afastando seu cabelo rebelde da sua frente.

Dërhon deitou o rosto na mão estendida e chegou a fechar os olhos com a carícia recebida. Ela o beijou no rosto desconcertando-o e quando ele abriu os olhos ela já prosseguia alguns

metros à sua frente em direção à floresta escura que cercava a estrada dos dois lados.

Dërhon tocou no local onde foi beijado e o calor dela ainda permanecia ali. Ele sorriu balançando a cabeça sem entender o que tinha feito para merecer o carinho e a seguiu. Com a breve e inapropriada consciência de que se tivesse rabo, estaria sacodindo e espanando o chão sem nenhuma vergonha agora, e o pensamento o fez cogitar com outro sorriso descarado, se ainda sabia transformar-se em algo tão sem utilidade, só para ver a reação dela. Suas moléculas espargiram no ar e pouco tempo depois ele meio que ri ao ver suas pequenas patas latindo de felicidade. Ela olhou para trás e sorriu achando graça dele e ele conjecturou todo satisfeito que seria capaz de fazer qualquer coisa por essa fêmea!...



Tão logo atravessaram a fronteira que estremava o espaço físico do seu mundo ela parou séria e enrijecida, suas narinas inflaram de leve ao farejar o ar, ela rugiu e partiu acelerada.

Dërhon solta um xingamento voltando à sua forma humana e segue o rastro dela sem entender o que tinha chamado a sua atenção. Mesmo sem tirar os olhos dela ele identificou vários vultos dos seus iguais na escuridão que os cercavam e todos também tinham os olhares sérios cravados na fêmea em seu percurso à sua frente e pareciam igualmente fascinados e perplexos com o desempenho dela em tão poucas horas de transmutada.

Teria ela consciência do tecido diáfano que se formou sobre seu corpo e encobria sua forma humana como um vestido claro e esvoaçante que lhe caíam até os pés descalços conforme caminhava na escuridão? Qualquer outro teria sido informado sobre esses pequenos detalhes antes que viessem a experimentar sua primeira transformação. Detalhes tais, que teria passado despercebido por qualquer um dos admiradores que a vigiavam à distância. Mas não dele. Era um conhecimento instintivo natural dela. Só podia ser.

Ela entrou em uma das casas mais novas espalhadas ao redor da mansão com ele logo atrás e a fêmea que vivia ali se sobressaltou na cadeira surpreendida com a sua entrada, mas logo se recompôs, curvando-se reverente e passando a mão no rosto ruborizado e molhado por lágrimas recentes.

— É Pero, *Rein Mäi*. Eu tentei alimentá-lo, mas...

Tentou explicar-se a fêmea ainda curvada, e Dërhon teve um de já vi sinistro quando Kassia deslizou a destra sobre o topo da cabeça dela em um gesto de carinho. Como Aleesha.

Pero o pai de Ailin era um mestiço *humano/Aehmon* que foi transformado por Odessa quando se envolveram a pouco mais de 300 anos. Odessa, como as demais fêmeas do seu mundo, deixou de existir no parto de Ailin e seus três irmãos e Ailin voltou a morar naquela casa com o pai quando o macho que escolheu para companheiro deixou de existir em batalha. Era do conhecimento de todos que Pero havia sucumbido à saudade e que já não se alimentava de sangue havia mais de dois séculos e Ailin, sendo sua dependente, estava visivelmente desnutrida por conta da triste situação de seu progenitor, e quase não conseguia manter-se de pé.

Kassia pareceu compreender seu estado, pois a fez sentar-se novamente assustando-a ao ajoelhar-se à sua frente para examiná-la.

— Oh não *Rein Mäi*! Eu não sou digna de...

Kassia se levantou impedindo-a de levantar pousando a mão em seu ombro, o olhar firme, mas a voz era gentil a pedir;

— Por favor, não se levante.

Kassia entrou na mente de Dërhon e acabou compreendendo porque o seu comportamento estava deixando-a tão constrangida. Ela foi levada até ali por uma ânsia irrefreável, uma espécie de ímpeto irresistível. Era como se no fundo entendesse ser vitalmente necessário a sua presença e a fêmea à sua frente, cujo nome era Ailin, acreditava que ela era uma espécie de rainha ou curandeira, ou ambas essas coisas. Ela não sabia o que a impulsionava, mas levantou-se mesmo assim e por garantia manteve a fêmea exatamente onde estava sentada sob seu comando mental. Ela levou o próprio pulso à boca e rasgou-o com dentes afiados sobressaltados e levou o pulso aberto próximo ao rosto da fêmea obrigando-a a alimentar-se dela.

Ailin agradeceu-a como era o costume, encostando e cingindo de sangue a fronte no pulso que lhe foi oferecido e lágrimas brotaram cintilantes dos olhos extraordinariamente claros rolando suave pelo seu rosto enquanto tomava o que lhe era oferecido.

Kassia conteve o ímpeto primitivo de rosnar e manteve-se de costas para Dërhon a proteger a fêmea que se alimentava dela do seu escrutínio. Sem bem saber o motivo desse comportamento, julgou que talvez fosse algum reflexo instintivo da sua nova natureza, mas tinha plena certeza de que seria capaz de rasgar a garganta dele se ele ousasse aproximar-se de ambas um único passo a mais.

Dërhon ligou-se mentalmente com seus irmãos dividindo com eles a sua surpresa enquanto Kassia se dedicava em acariciar o cabelo da fêmea que a sugava como um bebê faminto. Ele tentou ignorar o cheiro de hostilidade que ela emanava e a garganta inchada com a emoção enciumada que o tomou de súbito, queria sentir-se protegido dessa forma e desconsiderou a ofensa implícita da sua atitude julgando que ela agia de forma instintiva.

O vínculo com Ailin foi uma experiência mágica sem igual e começou quase que imediatamente após ela começar a alimentar-se do seu pulso. Não doeu como imaginava, ao contrário, suas dores deram uma trégua mais que bem vinda e uma onda de intenso bem estar varreu seu corpo enquanto a fêmea inane sugava seu sangue, preocupando-se em não feri-la ainda mais com as suas presas. Kassia via e sentia através das lembranças e sentimentos de Ailin o quanto aquela fêmea linda e gentil amava o pai e sofria com ele e por ele.

Pero, que a muito havia desistido de viver sem a presença da sua Odessa, já não se alimentava mais como deveria e foi dia a dia sendo consumido pelo sofrimento e pela saudade. Não foi difícil de concluir o motivo da fraqueza e desnutrição evidente da sua filha. Não levando em conta que provavelmente era dele que ela se alimentava e foi tomada por um sentimento bem pouco lisonjeiro com relação ao seu pai. Se ela não houvesse tomado a iniciativa de alimentá-la, Ailin teria o mesmo destino.

Nesse momento a imagem de um macho em especial apareceu na mente de Ailin, ela arregalou os olhos de azul quase transparente ameaçando largar o seu pulso assim que se deu conta e estava claramente apavorada com o que a havia deixado ver, mas Kassia a tranquilizou quanto ao seu segredo mais íntimo lhe sorrindo com tristeza e ainda calada pressionou o pulso de leve contra sua boca incentivando-a a continuar se alimentando e guardando para si, num

departamento em separado da mente, as informações que lhe chegava do quarto contíguo.

Pero havia se ligado a ela em pensamento emocionado a agradecer pela dádiva oferecida a sua única filha viva. Ele estava partindo ao encontro da sua amada companheira como acreditavam alguns, ou ao fim da constante agonia que era existir sem sua companheira, como acreditavam outros. De uma forma ou de outra, sentia que estava livre para partir desse mundo e até ensaiou um sorriso triste no rosto acinzentado, dessecado pela inanição.

Eis que minha parte humana sonhou consigo chegando ao nosso mundo e és ainda mais bela e benevolente do que jamais ousei um dia acreditar que seria. Conceda-me Rein Mäi a graça de partir em paz, e toma como tua serva a minha única descendente viva.

Kassia desconsiderou o 'serva' da oferta e prometeu cuidar de Ailin. Pero era só pele e osso em seu leito de morte e de alguma forma percebia que a separação entre eles era inevitável, mas também sabia por experiência própria o quanto doía perder os pais, indiferente da idade que tivesse.

Posso sentir seu ressentimento quanto a minha fraqueza, mas já não posso mais existir assim. Sem nunca mais tocar minha Odessa, ou sentir seu cheiro. Ouvir a sua voz e compartilhar seu leito. Coisas tais que, só mesmo sentindo na pele, nos leva a compreender como é difícil suportar. Já não guardo mais rancor pelos filhos que ceifaram a existência da minha amada e tenho Ailin em grande estima por tudo que vem fazendo por mim todos esses anos. Mas já não é suficiente, Rein Mäi. Não mais.

Ailin lambeu o seu pulso e agradeceu novamente, encostando de leve a cabeça em seu ventre em seguida, para esconder o seu constrangimento. Ela estava tão abalada por ter deixado evidente a sua fome, que seus olhos ardem. Um soluço sentido escapa de seus lábios e ela trinca os dentes prendendo também a respiração para conter qualquer outro.

Kassia solidarizou-se com a sua dor e apertou a cabeça dela contra o seu ventre abraçando-a firme contra si, consolando-a, enquanto ela chorava silenciosamente e seu pai sangrava no quarto ao lado.

Kassia é tomada pela consciência de que a dor, a solidão e a perda também existiam no mundo que até pouco tempo sequer imaginava existir. Eles também perdiam seus afetos e também amavam, mas a sensação que a afligia era de que já conviviam entre eles há séculos e não dias e nesse instante uma visão assustadora assaltou sua mente e ela virou o rosto sério na direção de Dërhon encarando-o decidida. De jeito algum iria permitir que agissem de forma tão odiosa com Ailin!

E que se danem as convenções arcaicas de toda essa gente! Será que não entendiam que quem mais sofre é quem fica?

Ela abre sua boca e determina em tom de ameaça;

Pero se foi como macho e guerreiro de valor e não um suicida. Apesar da sua dor ele fez o que pode por Ailin. Aguardou todo esse tempo que uma solução fosse encontrada para ela e entregou-a a mim para que cuidasse do seu futuro e o corpo dele terá o tratamento fúnebre 'digno' que merece pelos seus feitos.

Dërhon só fez balançar a cabeça em concordância seriamente e perguntou-se com um sorriso contido, se Kassia tinha noção de que havia acabado de assumir, de forma incontestável pelos demais, seu papel como *Rein Mäi* na vida de Ailin, e ainda que tenha feito à determinada declaração que selava o destino da fêmea, na língua usada pelos seus ancestrais.

Kassia ignorou a forma como havia se comunicado com Dërhon. O que lhe importava era que ele e os demais entendessem o recado.

O corpo de Pero seria tratado com o mesmo respeito dado ao corpo de um guerreiro morto em batalha, ou não responderia por si. Se não o fariam por ele, eles o fariam por Ailin. Isso era certo.

Como essa gente podia descontar nos descendentes os atos dos seus pais? Eles que se atrevessem em sequer imaginar tocar num único fio de cabelo de Ailin sem que ela consentisse!

Dërhon deu um passo atrás com os olhos arregalados em alerta e só então ela se deu conta de que estava mostrando os dentes pra ele e que a sua cara devia estar destorcida em uma careta. O silvo feroz também havia saído da sua garganta e Ailin estava toda encolhida dentro dos seus braços olhando-a sem compreender a sua atitude. Suas presas retraíram um pouco, mas tinha certeza de que ainda o encarava com uma carranca.

Quanto a isso estava fora do seu controle. Nem um pouco racional. Totalmente animal, mas que se dane! Não ia permitir que machucassem Ailin e ponto final!

— Eu vou... — Dërhon apontou a saída com um sorriso entre educado e assustado e engoliu em seco antes de dar voz ao que pretendia fazer — Vou avisar aos demais. Ainda temos algumas horas e, talvez ah, Ailin, queira, despedir-se de Pero?

Ailin assente solidária e com o consentimento de Kassia, ou o que mais lhe pareceu um cai fora entre dentes, ele saiu da casa antes que ela avançasse na sua jugular e não de um jeito bom. Nenhum deles. Nem mesmo ele, que volta e meia saía em incursões externas autorizadas pela Guardiã, já havia visto uma fêmea tão forte e feroz quanto ela vinha se mostrando.

Não que conhecesse muitas fêmeas, mas nenhuma era como K, com certeza!

Zarc, Xstrauss, vocês já viram algo parecido com isso?

Defina isso ou faça uma lista, e a resposta será não em todo caso. A essa altura a fêmea já deveria estar sangrando pelos ouvidos e nariz e seu corpo estaria em estágio de desidratação avançado. Ela se alimentou de você?

Zarcon perguntou explicando em seguida:

Ela demonstrou várias aptidões incomuns nas últimas horas, talvez ela tenha se alimentado e apagado a sua memória. Não seria tão incomum.

Eu nunca alimentei uma fêmea... TAMPOUCO UM MACHO! Vai se foder Zarc! Pode ir tirando essa ideia da cabeça! Se ela o fez e apagou a minha memória, eu não saberia se a alimentei ou não, certo?

Estaria um pouco letárgico e... Excitado também.

Letárgico e excitado... Na mesma frase, e mesmo sujeito.

Estaria pronto.

Pronto... Pra quê?

Zarcon solta um grunhido.

Pronto para montar nela e... Ele envia algumas imagens do ato e Dërhon olha de imediato para o volume crescendo dentro da sua calça, apavorando-se.

Eu não estava assim antes. E agora? O que eu faço?

Acalme-se. Ela não se alimentou de você, e temos poucas horas para realizar um funeral de honra...

Kassia permaneceu todo o processo fúnebre de forma protetora ao lado de Ailin, auxiliando e apoiando-a na despedida. O corpo do seu pai foi embalado com gazes transparente delicadas e perfumado com o sumo extraído de várias ervas aromáticas cultivadas nos arredores como ela havia timidamente explicado, e Ailin rezava baixinho pedindo clemência à Guardiã para ele enquanto trabalhava na preparação do seu corpo com dedicação.

O macho que havia visto tão claramente em suas lembranças enquanto se alimentava dela estava presente entre os guerreiros que levou o corpo para o campo consagrado aos que partiram, para que então, recebesse as honras que eram dadas aos que pereciam em batalha. Vários deles aproximaram e em respeito fizeram pequenos cortes em seus braços a sangrarem por cima do seu corpo e lá no fundo ela pressentia que o faziam mais porque ela assim tinha determinado do que eles quisessem mesmo fazer, mas isso não a incomodou. Ela estava certa quanto aos sentimentos de Ailin. Não haveria consolo para sua perda, mas ela faria de tudo ao seu alcance para amenizar seu sofrimento e jamais permitiria que ela pagasse pelas ações do seu pai.

Ela observou durante o processo de embalar e perfumar o corpo que Ailin lembrava-se com carinho dos irmãos e também do macho que havia escolhido por companheiro e concluiu emotiva que já não era a primeira vez que Ailin preparava um corpo de um ente amado ou o que restara desse em sua casa, para entregá-lo à escuridão infinita e, nesse ponto, eles não eram assim tão diferentes. Só viviam por muito mais tempo e plano paralelo ao que estava acostumada, mas com características incrivelmente parecidas quando se tratava de perdas.

Um clarão súbito explodiu ao centro da floresta clareando tudo, afastando-a das suas conjecturas, e Kassia apertou Ailin contra si como apoio. Não entendia como ou o porquê, e não importava, simplesmente sabia que a iluminação cegante incomum provinha da Guardiã que havia acabado de chegar, e que quando se aproximasse e tocasse o corpo de Pero, este entraria em combustão instantânea e queimaria até que só restassem as cinzas. Ela já tinha sentido na pele uma prévia de como o toque da Guardiã podia queimar, e tinha em todo corpo e nuca a lembrança vívida do extraordinário poder da entidade. E isso justo no momento em que todo seu corpo parecia rasgar-se em agonia, pela fase final da sua transformação.

Ailin soltou um soluço profundo e sentido quando a Guardiã reclamou a si as cinzas do corpo do seu pai e desapareceu da mesma forma que tinha aparecido, deixando-os com a familiar escuridão de sua existência, e logo que sua vista voltou a acostumar ela fitou brevemente as poucas fêmeas, que, por algum motivo, ainda mantinham-se distantes delas. Elas estavam acompanhadas dos seus respectivos companheiros e eles se agigantavam ao lado delas, tratando-as de forma tão gentil e protetora, que chegou a sentir uma pontinha de inveja.

Kassia vasculhou sem querer a mente de Ailin e sentiu em si o seu desejo por um companheiro ao observá-las também e no instante que se deu conta ela arregalou os cativantes olhos azuis encarando-a, mas Kassia balançou a cabeça em negativa tranquilizando-a com um sorriso tênue e um breve aperto em seu ombro.

Ela teme que você tome a decisão por ela. Como é seu direito, aliás.

Apontou-a Dërhon com discrição, mantendo-se respeitosamente do outro lado da clareira como todos os outros, que não ousaram se aproximar.

Ela sentiu o medo e a fascinação com que os machos sem companheira as observavam de

longe, imaginando-os como cães famintos babando em cima de carne assada recém-tirada do forno e fora de alcance, e bem pouco à vontade de continuar ali, ela entrou na mente de Ailin e perguntou se ela permitia que a acompanhasse até a sua casa. Ailin encarou-a assombrada e suas bochechas claras ficaram vermelhas como tomate maduro. Ela engoliu em seco e tossiu limpando a garganta antes de argumentar;

— Sou sua, *Rein Mäi*, assim como minha casa e existência, o serão para todo o sempre e...

Kassia respirou fundo mostrando a palma e tratou logo de corrigir a situação antes que criasse proporções inalcançáveis.

— Minha amiga, sim, e sou Kassia... — Ailin assente sem entender e Kassia se apavora.

— Por favor, Ailin, isso tudo é ainda muito novo pra mim e pretendo de verdade cumprir com o que prometi ao seu pai, no fundo sinto que não faria diferente mesmo se não tivesse prometido nada, mas como sua amiga. Consegue entender?

Havia um quê de desespero em suas palavras e Ailin assente novamente de leve, corando ainda mais. Sem coragem de verbalizar a sua opinião, ela pensa;

Parece com o senhor Dërhon.

Kassia buscou-o no mesmo instante na escuridão e encontrou-o sorrindo sozinho com a comparação.

O dia já está quase raiando. — ele aponta e aproveitando a atenção, em tom brincalhão — As belíssimas damas até aguentam alguns poucos segundos mais de exposição solar, mas eu ambiciono manter essa minha pele de deus grego, desbotada por comparação, desbotada, então...

A pausa sugeria que Kassia o informasse sobre o que faria a seguir e ela se voltou para Ailin decidindo-se passar o dia com ela. Dërhon assentiu com um sorriso e um pesar na expressão bem diferente do seu e desapareceu. Logo os demais solteiros presentes seguiram seu exemplo desaparecendo também e ao que lhe pareceu, era como se eles não tivessem escolha.

Os que estavam acompanhados soltaram relutantes as suas companheiras e elas deram um passo à frente deles inclinando-se para ela e Ailin. Kassia assentiu de leve com um breve sorriso que esperava ter demonstrado que aceitava o gesto solidário delas e passou o braço sobre os ombros de Ailin conduzindo-a de volta a casa dela.

Ailin deixou-se conduzir como um autômato pelo caminho de volta e Kassia se apiedou desejando de todo coração que algum dia ela se recuperasse da perda do pai. Nessas circunstâncias em que se deparava com o sofrimento de alguém que perdera em definitivo um ente amado, era impossível apagar da lembrança imagens de Kori ajoelhada ao lado da sua cama amparando-a em sua dor, quando ela soube que nunca mais veria os pais, velando seu sono e segurando sua mão por vezes sem conta para que conseguisse dormir sem o tormento dos pesadelos, e por mais ocupada que fosse Kori, sempre dava um jeito para que tivesse seus dias preenchidos com atividades extras, fosse levada ao cinema, ao parque, ou ao shopping.

Kori chegou até a mandar montar um mini parque no seu quarto e uma espécie de mini zoológico no espaço aberto interno da sua mansão no litoral, e quando batia saudade dos pais e chorava. Kori a abraçava e dizia baixinho que a vida continuaria pra elas, que onde quer que estivessem, não ficariam felizes em vê-las chorando, Kori dizia baixinho como uma canção de ninar, e ela concordava.

Também seria assim com Ailin, a vida continuaria para ela.

A casa que Ailin até então dividia com o pai era pequena se comparada às suntuosas mansões que conhecera antes e o visual era extremamente aconchegante e encantador aos seus olhos. A parte externa era toda coberta de eras e tal como as outras casas se misturavam à paisagem como se tudo fosse um mesmo pano de fundo, com suas nuances de verde e o colorido diverso das flores. A parte interna era semelhante a alguns chalés que uma vez havia visto em fotos numa revista de decoração, só que sem janelas, mas também podia ser comparado ao interior de um iate luxuoso, com paredes forrada de madeira clara e encerada, e havia quadrinhos de nós diversos e peças de crochê pendurados aqui e ali criando um belo conjunto na sala, tinha até uma lareira com um ovo de cristal restafado e iluminado cercado de pequenas peças também de cristal em cima que, ao que lhe pareceu, era só parte da decoração da sala a julgar pela limpeza. Ou talvez eles fossem mais asseados que os funcionários da sua irmã.

Pouco depois que entraram, as duas fêmeas que estavam saindo do quarto do seu pai para a sala se inclinaram em reverência e desapareceram logo que foram dispensadas.

Kassia percebeu a animosidade com que Ailin as dispensou e a fitou com as sobrancelhas arqueadas e um breve sorrisinho no canto do lábio. Nem seria preciso ler a sua mente para ver que ela tinha personalidade e não entraria em sua mente de forma consciente em busca de informações.

Já bastava quando o fazia por acidente e notou com um fiapo de arrogância que a pele clara dela corava com facilidade quando bem alimentada, deixando claro que de morto eles não tinham nada e, teve um breve vislumbre da sua verdadeira personalidade, quando ela meio que bufou e descruzou os braços lançando-os ao lado do corpo com brusquidão.

Era bonita como a pintura de um anjo, a danada, e também era evidente que as fêmeas que encontraram na sua casa não a agradavam nem um pouco e ela se perguntava o que estariam fazendo lá quando não eram tão claramente bem vindas;

— Não são fêmeas aquelas malditas. — Ailin bufou e em seguida a encarou totalmente pálida ao se dar conta da agressividade e cede um pouco com um mover de ombros — São, fêmeas, mas não como nós... — e faz beicinho — Nós, somos condenadas por herança, essas *Miellens* o são, por opção delas.

Kassia sorri meio sem graça em resposta e desliza como uma gata por cima do encosto a jogar-se meio deitada e meio sentada no sofá. Não era afeita a qualquer tipo de preconceito, mas pressentia que Ailin devia ter lá seus motivos para agir da forma que agiu e se fosse esse o caso, seria um caso de pós-conceito e não pré, mesmo que fosse isso, ela não estava ali para julgar e sim apoiar.

No fundo chegou a considerar que não estava sendo assim tão altruísta e despretensiosa, e pensar que pudesse estar usando-a como desculpa para fugir dos seus próprios problemas, lhe deu calafrios.

Ailin senta-se ao seu lado no sofá sem saber o que fazer.

O sol já ameaçava despontar no horizonte e o que aconteceria consigo nas próximas horas a alarmou. Se não se entregasse ao sono nos próximos minutos haveria consequências que preferia não demonstrar e seria no mínimo grosseiro da sua parte dormir, com a sua *Rein Mäi* dentro da sua casa tão simples, sem qualquer atrativo ou entretenimento a alguém tão nobre. Ela se remexe incomodada no assento sobressaltando ao ouvir seu nome em tom preocupado.

— Ailin, eu..., acho que meti os pés pelas mãos ao vir com você e, agora sinto que estou invadindo seu espaço e não era o que eu queria, eu não pensei que... —Kassia meio que sorri olhando para a saída — Talvez ainda tenha tempo de sair, ou me enfiar em algum lugar e, deixa-la descansar...

— Oh, não *Rein Mäi*! É uma honra tê-la aqui. És tão bondosa comigo, e foste tão zelosa com meu infortúnio. Não ousaria ser tão ingrata é só, que, eu não sei como devo me comportar.

— Eu não ia querer estar sozinha nesse momento, mas talvez, seja o que você quer e, não vou ficar chateada se quiser que eu vá embora. Não mesmo! — afirmou com veemência.

— Não quero que vá embora. — Ailin sussurra de volta.

Ailin levanta a cabeça e visualiza de relance os olhos úmidos de inigualável beleza da sua *Mäi*.

O gosto do seu precioso sangue ainda estava vívido em sua boca e um profundo sentimento de gratidão a inundava por dentro. Ela contém o ímpeto infantil de voltar a se aconchegar no calor do seu abraço e amaldiçoou a pele clara e os olhos repentinamente úmidos que denunciava o seu desejo, mas a sua *Mäi* a puxou para si em um abraço apertado e quando a soltou seus olhos rasos d'água as desprenderam e elas rolaram em abundância pelo seu rosto.

Envergonhava-se profundamente do próprio comportamento e desabou de vez quando sua preciosa *Mäi* fez aqueles barulhos estranhos ao encostar sua boca nos dois lados da sua face.

Kassia acabou sorrindo com o seu estranhamento enquanto introduzia várias imagens de beijos entre amigas para dentro da mente dela. Suas faces queimavam de um jeito gostoso e nesse momento Ailin pensou que não teria nada que ela não fizesse pela sua *Rein*...

Ah não! — cortou-a Kassia ficando séria de repente a assustando com seu rompante.

— Sério Ailin, sem essa de reverências, eu... Como vou explicar? Quero ser sua amiga, está bem? É como... Uma irmã ou, caramba... Eu não sou melhor do que ninguém aqui entende? Não quero ser!

Kassia lembrou-se que Dërhon havia explicado sobre a capacidade existente em seu sangue e a encarou, esperançosa.

— Sou uma *Kade*, Ailin... Meu sangue nem mesmo é puro como imagino que seja o seu. Eu nem sou, nascida *Aehmon*... Ao que suponho, talvez nem mereça ser a sua *Mäi*, mas me agradaria, que fôssemos amigas.

Kassia nem sabia o que era de fato, mas queria a amizade de Ailin, e o seu respeito pelo que era, não à sua reverência cega ou imposta. Mas Ailin levou a mão na boca com os olhos arregalados como se ela tivesse dito uma barbaridade sem tamanho e balançou a cabeça com veemência frenética.

— *Rein Mäi*, é impossível, eu tive a honra de beber seu sangue e nem mesmo todas as minhas gerações futuras poderiam pagar pela dádiva que me ofereceste. Seu sangue é tão forte e puro quanto o sangue dos *Aehmons* de primeira geração... Perdoe-me. O que me disse é absurdo...

— Sem essa de *Rein*, senhora, ou qualquer título parecido, por favor, Ailin.

Ailin balança a cabeça vermelha feito um pimentão e ensaia um sorriso, encabulada. Kassia se levanta ignorando com determinação renovada as dores lancinantes em todo corpo e na intenção descarada de mudar de assunto pergunta;

— O macho que eu vi em sua mente, o que ele significa pra você?

Ela se vira e vê o sangue se esvair do rosto de Ailin e reconsidera mais que depressa

mostrando as palmas;

— Desculpe, não quis ser intrometida.

Ailin notou surpresa que ela persistia em não estar em sua mente como era comum entre eles e tossiu de leve, entendendo que lhe devia uma satisfação...

— Para início de conversa você não me deve nada... Desculpe, é que às vezes eu não consigo evitar.

Sua *Mäi* era diferente de tudo que um dia imaginou ver frente a frente e era fascinante observá-la lutando para não ouvir seus pensamentos como se fosse algo errado... Imoral.

— E é errado! É imoral! De onde eu venho pode ser facilmente considerado invasão de privacidade! **Eu** considero como invasão de privacidade!

Ailin assente compreendendo seu ponto de vista e o seu fascínio aumenta ainda mais.

— Não posso ouvi-la se o seu pensamento não for dirigido a mim, mas existe um motivo para que eu não possa esconder- lhe o que sinto ou penso. Ou até onde estou.

— Isso não me parece justo. Não mesmo. Todo indivíduo merece um mínimo de privacidade, Ailin.

Ailin volta a assentir e tenta explicar;

— Bebi de ti. Sua essência está dentro mim e aceitou ser minha *Mäi*. — ao ver seus olhos se arregalarem se desespera.

— É possível que, de alguma forma eu a tenha desagradado *Rein Mäi*?

Kassia lembrou-se de estalo da visão e voltou a sentar-se puxando Ailin para si abraçando-a apertado contra o peito com seu coração disparado.

— Tudo bem, tudo bem. Eu sou sua *Mäi* e não há nada que faça ou diga que venha me convencer algum dia em desistir de você. Você é minha.

Ailin se aninhou em seu abraço reconfortada com a declaração e entontecida com as emoções intensas e conflitantes que sua *Mäi* emanava.

Ambas ficaram abraçadas por mais algum tempo em silêncio confortável e Ailin mencionou num sussurro quase inaudível;

— É filho do guerreiro, que a irmã do ventre de minha mãe escolheu por companheiro... O macho que viu. — acrescentou por fim.

Kassia demorou um momento para entender, mas assim que entendeu lhe pareceu claramente que Ailin sentia algo a mais pelo guerreiro e sorriu. Ailin se afastou do seu abraço encarando-a e implorando;

— *Rein Mäi*, misericórdia, eu vos peço, não... — ela engasgou e abaixou a cabeça escondendo a face entre as mãos.

Ela estava diante da dona do seu destino e não estava lhe dando o respeito e a confiança que ela merecia...

Kassia entrou em sua mente sem querer e tão logo se deu conta da invasão ela saiu e a puxou para, si abraçando-a novamente.

— Desculpe de novo, ah Ailin... Que droga! É tão difícil pra você entender que a quero como minha amiga? Amiga — ela frisou apertando-a —, alguém com quem se conversa e se apoia e onde o respeito é mútuo e, se bem que nem sempre é assim, mas, ah Ailin, eu preciso tanto de uma amiga! Isso tudo é tão novo pra mim!

De forma alguma que iria interpor-se nas escolhas de Ailin, então de súbito uma ideia lhe ocorreu e ela levantou-se, assustando-a novamente com seu rompante. Estava se mostrando uma covarde sem tamanho, mas que se dane.

— Ok, muito bem, não é muito digno fugir dos problemas, mas adiá-los um pouquinho pode ser inteligente, então... Pra que lado fica a cozinha aqui?

Quando Ailin levantou sua face rosada e a encarou, Kassia pigarreou disfarçando a emoção e perguntou com expressão determinada. Na maior cara de pau.

— Alguns machos eu sei que não, mas as fêmeas comem, não comem?

Ailin confusa morde o lábio inferior e Kassia meio que sorri, mas seu sorriso esmorece ao ver o rosto dela ficar branco como cera.

Ailin tinha coçado o nariz e examinava as pontas dos seus dedos fitando-os, admirada.

— Esperava ver sangue. — Kassia conclui piscando desconcertada — Desculpe de novo, mas por quê?

Ailin balança a cabeça em negação e a encarara com um sorriso incrédulo. Seu rosto voltando ao tom levemente rosado de antes.

— O sol já nasceu. Estar acordada me faz sangrar e, eu não estou sangrando.

Ailin volta a deslizar os dedos nos ouvidos e narinas examinando-os em seguida e seus olhos se enchem de lágrimas, chocada, ela responde mesmo que tardiamente, apontando com o queixo.

— A cozinha é por ali...



Dêrhon não conseguia dormir, e decidiu voltar ao seu escritório e à outra pesquisa de grande importância que vinha fazendo, mas a sua cabeça até estava definitivamente de plantão, só que do lado de fora da mansão.

Mais especificamente na beldade feminina que Kassia havia se transformado. Ele havia reparado no funeral de Pero que seus cabelos, mais negros e brilhantes que antes, haviam ganhado ainda mais comprimento e algumas nuances de vinho claro com mechas em tons de loiro e prateado mais ressaltado nas têmporas.

Semelhantes aos das fêmeas de pura linhagem, como os cabelos de Aleesha. Kassia também tinha o familiar aroma dela misturado ao seu e o seu comportamento às vezes lembrava o dela, e o seu corpo, céus...

Que corpo!

Dêrhon se sacode e torna a bater com a caneta na mesa. Um tique irritante como um vício que vinha tendo com mais frequência nos últimos tempos. Ele ainda não havia tido coragem de pedir para ver os grifos que determinava a ascendência dela. Entre eles, isso era algo que assemelhava a pedir para ver o recôncavo das partes mais íntimas de uma humana virgem, mas desconfiava que a quantidade de *höemn* em seu sangue já devia ser grande, mesmo antes de ela quase ter sido morta pelos seus agressores e, supôs que, talvez tenha sido isso que Aleesha viu quando ela se utilizou do último recurso que tinha para mantê-la viva, mas a sua desconfiança o levava a outra questão.

E se estivesse certo quanto as suas suspeitas, Kassia não era uma *Kade* qualquer e talvez ela

nem mesmo fosse uma *Kade*. E, partindo desse princípio; a transformação dela teria acontecido, mesmo sem a interferência de Xstrauss e Aleesha.

Mas, ele só teria como confirmar suas suspeitas se pudesse ver o *Onigeun* que estaria estampado em sua nuca após a transformação, e dadas as atuais circunstâncias, temia que ela não permitisse a ele esse tipo de intimidade, qualquer tipo de intimidade na verdade. Mas isso era uma explicação aceitável do porquê, o corpo magnífico dela, *ainda* não estar mais seco que uva passa!

Mesmo à distância, ele podia sentir a rejeição dela e o quanto a tinha magoado e entendia o porquê, mesmo que 'diplomática e educadamente' ela o tenha dispensado e se afastado dele.

Zarcon estava trancado em seus aposentos, mais especificamente em seu escritório real, e compartilhava dos mesmos sentimentos e pensamentos pesarosos e também tinha magoado a fêmea em questão, quando na verdade, o que mais desejava era que ela ficasse feliz de estar viva e entre eles. E isso não tinha nada a ver com biologia, alegava com teimosia.

Também tinha sentido o cheiro de Aleesha junto ao dela pouco antes de acompanhar os guerreiros na preparação da clareira para o funeral de Pero, e enlouquecido não conteve a reflexão exasperada, onde adjetivos como usurpadora e parasita desgraçada, misturavam com questões relacionadas à vida e morte e sacrifícios em vão, e pelo que soube por Dërhon, depois do funeral, concluiu que ela havia se afastado dele com aquele sorriso tímido e carregado de culpa, porque o escutou alto e claramente em sua mente...

É claro que ela ouviu Bucha! Ela ouve tudo que pensamos, mesmo quando não quer!

Zarcon rugiu uma maldição e socou a mesa fazendo tombar as canetas e o suporte de tinta, manchando de negro a ponta do documento de óbito que estava redigindo. *Sai da minha mente Dërhon! Tenho mais o que fazer aqui!* Ele sacodia o documento e ruminava uma canção antiga, como sempre fazia quando não queria compartilhar seus pensamentos com seus irmãos.

Por qual motivo ainda estão acordados? — perguntou Xstrauss deixando claro que também estava, apesar de até então ter se mantido fechado para eles.

Vai se foder! A conversa ainda não chegou no... — interrompe-se Dërhon ao ver que Xstrauss estava na sua amada academia.

O que pretende quebrar dessa vez, hein? Já não basta ter destruído as três esteiras novinhas de uma só vez? Por que você não está dormindo o sono dos justos e inocentes, seu bárbaro delinquente?!

Xstrauss desdenha a provocação e rebate com um *Também amo vocês*, seco, e volta a ignorá-los.

Ele olhou em torno de relance e percebeu que alguns dos aspirantes a guerreiros mais jovens o fitavam com espanto e estavam particularmente cautelosos em relação a ele, e desconfiou que seus olhos pudessem estar mais claros, apesar de não sentir qualquer outro sintoma que prenunciasse a explosão e aparição da besta e sem preocupar-se em pedir licença entrou na mente de um dos mais jovens inocentes para ver a si mesmo pelos seus olhos, e confirmando que estavam tão amarelos quanto os de Zarcon soltou um suspiro... Nada de besta, e um estranho sentimento de vazio o atinge por dentro, na altura do peito.

A besta coabitava sua estrutura física há tanto tempo, que mais parecia um anexo fixo da sua coluna. Era-lhe estranho que não demonstrasse sua presença, mas sabia que estava com ele, podia sentir que estava. Ele voltou sua atenção para a última esteira que quebrou em seu acesso

de fúria e com um simples comando mental reuniu as peças no ar e remontou-a, deixando-a novamente em funcionamento.

Ele era bom em consertar coisas quando queria, e mesmo sem nunca ter se importado com letras e números desenhados em papéis e pedras era bom em grandes construções e no rastreamento de qualquer coisa que se movesse na terra e uma lembrança sorrateira e irritante invadiu sua mente, com o sorriso triunfante de uma Valquíria manipuladora e traíra dos infernos, que ele preferia esquecer. Ela havia feito da sua vida um verdadeiro inferno emocional no pouco mais de meio século que estiveram vinculados e nenhum dos machos, além dele e dos irmãos nascidos do ventre de sua mãe...

Irmãos uterinos. Dërhon o corrige sem pensar e os machos saltaram para trás quando ele 'sem querer', explodiu com o equipamento que tinha acabado de consertar, e como mágica desapareceram todos dali deixando-o confortavelmente só com seus pensamentos.

Ele move os ombros musculosos fitando as peças novamente quebradas com pouco caso e Dërhon não desiste;

Por que não conta pra ela? É evidente que há uma conexão ainda maior entre você e ela do que comigo ou com Zarcon, afinal, foi você que se ligou a ela primeiro e...

*Não enche Dërhon! —*Xstrauss o corta num rosnado — *Não cabe a nenhum de nós escolhermos... É a fêmea que decide.*

Claaaro, e você têm facilitado muito para ela 'não escolher você' não é mesmo seu Bosta?

*Assim como você! —*Xstrauss devolveu — *Ou vai me dizer que você é o cara que vem facilitando pra ela? Péra ê, não, acho que não! Imbecil!*

Não enche você, Xstrauss! O que 'eu' fiz, não foi deliberado está bem! Está mais na lista de inconsciente ou ignorante das capacidades dela, já 'você' foi propositadamente cruel a deixar que ela acreditasse que estava discutindo sobre 'ela' com Zarc! Ou acha que não sei?

E era sobre ela! — Xstrauss revidou exaltado.

Não o julgamento que fez aos gritos. De fato que aí ele se referia a maldita Valquíria promíscua que queria esquecer, mas nem mesmo seus irmãos *uterinos*, como Dërhon havia acabado de mencionar, acreditavam que ele não tinha sido o culpado pela morte dela, então redarguiu no mesmo tom irado;

Se você está com tanta pena da fêmea, por que não se transforma em um cachorrinho cheio de pelos e vai lá lambar a mão dela? Explica 'você' a ela que o que pensou não foi de propósito, deliberado ou o caralho que seja, e me deixe em paz!

Pega leve Xstrauss — pediu Zarcon com tom de enfado.

Xstrauss levantou ao alto os braços sem um pinga a mais de paciência.

*Vão pro caralho, os dois! —*e voltou a sua mente para Dërhon como uma presença física, tamanha era a sua irritação.

Tanto eu quanto Zarc já vivemos a porra da maldita experiência que é ser escravo dos caprichos de uma fêmea, chegou sua vez de tentar irmão! Tudo tem o seu lado bom! Então volto a perguntar: Porque não para de ficar aí só cogitando, massageando esse pau inútil e imaginando como seria enfiá-lo em uma fêmea e vai até lá se oferecer para ela antes que outro ou 'outros' se ofereçam, e ela aceite?

Um ganido baixinho e bem feminino fez com que ambos se calassem, até mesmo em

pensamento...

Kassia sorri para Ailin que a fita com preocupação sem deixar transparecer o que lhe ia ao íntimo e foi Dërhon quem tentou contato;

K, desculpa a gente, não é algo que conseguimos evitar...

Mas ela sim, e deixou claro ao se trancar atrás de um muro mental bem alto para eles sem dignar-se a responder aos chamados de Dërhon ou de Zarcon ou de quem mais que tentasse entrar em sua mente com explicações desnecessárias. Ela estava ferida por dentro e por fora, a sua sede já tinha ultrapassado os limites do suportável e a sua fome não foi saciada pelos quase três tabuleiros de biscoito de chocolate que dividiu com Ailin..., mas ainda tinha um tiquinho de orgulho, não? Ainda estava se adaptando com a mecânica da coisa. Já tinha descoberto que essa estrada não era de mão dupla, enquanto ela tinha que se esforçar para *não* ouvi-los, se não quisesse que eles escutassem os seus pensamentos, eles não escutavam. Era injusto pelo seu ponto de vista, mas se eles pretendiam fugir dela como o diabo foge da cruz, ela daria uma forcinha, dedicando-se exclusivamente à Ailin em sua recuperação e quando a sua nova amiga estivesse bem, ela veria o que faria por si mesma, tipo, um pé na frente do outro, um passo de cada vez.

Ailin cedeu à sua *sugestão* mental e dormiu enfim, agora ela tinha alguém que precisava dela e se ia viver naquele mundo faria amigos ali, entre os quais à delicada criatura que agora encobria com afeto materno e observava dormir.

Ailin tinha um pouco mais de meio milênio de vida, mas parecia uma menina, tamanho era o seu grau de desnutrição e ao descobrir que o seu sangue a curava, mas não necessariamente a 'nutria' ela pensou seriamente em enviar um comando mental para o tal Ferguz, filho de Zerberuz, e meio que riu.

Eles definitivamente não tinham bom gosto para escolher nome para os filhos, mas a maioria dos danados eram tão bonitos e deliciosamente cheirosos, que até compensava os nomes doidos...

Ela até que tentou, mas não conseguiu ficar muito tempo de fora da mente da sua mais nova amiga e a cada lembrança descortinada, a semelhança entre ambas parecia maior do que imaginava. Ailin havia se apaixonado pelo tal Zerberuz pai de Ferguz muitos anos atrás, apesar de negar isso com toda força até para si mesma, mas a sua irmã tinha acabado de escolhê-lo como companheiro, e Ailin recuou, escolhendo outro macho guerreiro. O tempo passou. Sua irmã faleceu no parto, Zerberuz na guerra não declarada e constante em defesa dos seus domínios e depois, também na guerra, perdeu o seu companheiro. Ferguz sobreviveu... E ela se mantinha a uma distância segura dele e dos demais habitantes dali. O enclaustramento auto infringido do seu pai também fora o seu, e eles se apoiavam mutuamente, até então.

Foi interessante saber que nem sempre eles viveram confinados naquele vale entre as montanhas, mas ainda estava difícil para ela relacionar o 'tempo' em que a história se deu entre eles.

Afinal, não se tratava de décadas, mas sim de centênios de anos e Ailin era o que se diria; uma menininha ainda dentro das fraldas perto dos demais! Ela nunca tinha sido uma aluna exemplar em história ou geografia no colégio, sempre passava raspando nas matérias que não

gostava, e essas eram as que em definitivo 'detestava', mas qualquer um se se prese ao menos um pouco, já tinha ouvido falar de Pangeia e de como as terras ao longo dos milênios vieram se separando e formando os continentes... Tipo, uns 200, 250 milhões de anos atrás... Pois os *Aehmons* da primeira geração já existiam nessa época.

Os ancestrais da parte da mãe de Ailin estiveram dentro da terra em uma espécie de hibernação imposta do lado de cá do continente e mais tarde assistiram o país ser 'descoberto' e tomado pelos portugueses, depois da visita dos espanhóis, e ela se lembra de como ficou triste e também fascinada com a chegada dos navios negreiros com os primeiros escravos e, Kassia deduziu que seu território era bem maior antes disso, e eram centenas deles a pouco mais de 500 anos atrás.

Agora desconfiava que não passasse de 100 em um plano paralelo e com um território equivalente ao tamanho de uma pequena cidade de interior.

Era a Guardiã que determinava o espaço físico deles, que ao longo dos anos foi reduzido conforme os humanos iam desbravando a terra, até que por fim, eles ficaram retidos ao vale entre montanhas e as poucas interações com os humanos que habitavam as terras vizinhas, foram definitivamente cortada de vez, uns duzentos anos atrás.

Isso ela não entendeu de início. Já que até na casa de Ailin havia certas 'modernidades' que não deviam ter, se não se relacionavam mais com os humanos, mas daí veio à desconfiança de que Dêrhon é quem deveria ter implantado as 'tais' modernidades, como o forno de micro ondas que ela usou para aquecer o leite 'de caixinha' na cozinha, ou o chuveiro que usou para tomar um banho rápido, enquanto aguardavam assar a primeira leva de bolinhos... Também foi interessante só pensar em toalhas de banho e roupas de baixo e encontrar tudo à sua disposição em cima de uma cadeira, e sobre o aparador perto da porta do banheiro...

Ela desconfiava que Ores a seguia como um cachorrinho carente por afago, e que foi ele que se adiantou nas suas necessidades mais básicas. Se fosse ele, tinha que lhe agradecer pessoalmente, e deixando os assuntos históricos e geográficos de lado, ela pensou em como seria reconfortante, se tivesse em mãos umas das suas revistas favoritas de moda e, Tcharan!

Kassia lançou a mão sobre o pulso invisível e Ores tomou forma, visivelmente constrangido, ao ser pego em flagrante.

Ela levantou-se do sofá sem soltar-lhe o pulso e o fitou de cima. Note bem. De cima!

Ores estava facilmente uns 20 centímetros mais abaixo... Ou foi ela quem ganhou no mínimo uns 20 centímetros com a transformação? Ela pôs de lado a surpresa e orgulho que sentiu de si mesma e o abraçou apertado afastando-o e beijando em seguida a bochecha de buldogue que ele tinha.

Dos dois lados. Até chegou a dar uma apertadinha, só se conteve em balançar-lo de um lado ao outro beliscando e chamando de fofiiinhoo, porque achou que ficaria pessoal e constrangedor demais para o bom velhinho.

Mas bem que deu vontade!

— Senh... — ele pigarreou e se corrigiu — Kassia...

O protótipo de mordomo aprendia rápido e foi impossível não sorrir e conceder;

— Se é assim tão difícil pra você, pode me chamar de K, Ores.

A expressão dele era trágica e cômica ao mesmo tempo, mas Kassia não deu-lhe trégua. Beijou-o novamente, apesar do seu constrangimento, e para piorar, até fez um carinho em sua

cabeça bagunçando seus cabelos rareados...

—E a propósito, obrigada pelo carinho.

E Ores chorou... Tremendo em silêncio e tudo!

— Mas não é possível! — ela esbravejou entre chocada e um tanto constrangida e desabafou num sussurro. — Como são carentes de afeto esse povo, meu Deus!

Kassia o abraçou apertado contra o peito acariciando suas costas frágeis em movimentos ritmados e ele congelou com sua atitude, mas logo depois relaxou a musculatura e soltou um suspiro ao aceitar o afago.

— Está tudo bem... Vai ficar tudo bem.

Ela sussurrou com voz melodiosa e ele só fez assentir, ela o afastou de si, olhando-o preocupada e contemporizou com um sorriso amistoso;

— Sabe, acho que se meu pai tivesse sobrevivido, seria parecido com você.

O *Neimo* riu e era engraçado o seu sorriso, seus dentes eram brancos e tal, mas ele não tinha presas, como os demais.

— Perdoe minha impertinência, mas eu... — ele ia dizer que duvidava, mas reconsiderou sua fala em tempo — Me sino honrado, K.

— Você não tem presas. — ela apontou e ele assentiu;

— Não, senhora, eu não tenho.

Tudo bem... Tuuudo bem!

Ela se imaginou jogando os braços ao ar. Não tentaria mais mudar a maneira como ele a tratava. Algumas pessoas consideravam que certas pessoas não mudavam nunca e estava se vendo na posição desgastante de ter que dar o braço a torcer, mas estava determinada em fazer 'amigos' entre eles, e não 'escravos e cachorrinhos de estimação com pedigree', essa era a **sua** natureza e **ela** não ia mudar!

Ores entendeu de imediato a determinação expressa em seu rosto e contra tudo que por milênios fora condicionado a 'ser', ele declara com firmeza;

— Aceito de bom grado a sua amizade, K, mas isso me obriga por *Deirn* a expor alguns fatos a respeito de mim... Já fui humano e troquei a minha alma pela saúde de uma ingrata, e é de bom grado que passarei o resto da minha eterna existência aos serviços e desígnios da Guardiã dos *Aehmons*, *Mahren Mäi*.

— Também não pode morrer?

A pergunta escapuliu da sua boca antes que ela conseguisse conter a língua e Ores assente contemplativo e brevemente assombrado por um instante, depois ficou contemplativo de novo...

Ela notou que com ele as regras divergiam, ela não conseguia ler a mente dele mesmo querendo, era estranho, mas ele começou a elucidar e ela se pôs a escutá-lo.

—... Morte e nascimento são termos relativos, minha senhora, depende unicamente de que lado do espectro estará a nossa alma, e no meu caso, já não posso mais nascer de uma mortal, pois minha alma já não me pertence mais...

Agora é ela quem assente reflexiva fitando seu rosto e ele continua sua explanação;

— Morri como humano pela última vez quando a vendi. Mas já morri várias vezes depois, algumas, como animais que já não existe mais na terra.

Ele volta a sorrir e ela percebe um traço juvenil no rosto enrugado quando ele diz;

— Quando a Guardiã me encontrou e aceitou em seus domínios, ela me presenteou com a função de *Neimo*, do qual eu lhe serei eternamente grato, como já vos disse.

Kassia sentiu suas presas ressaltando e as gengivas sensíveis e Ores mais do que depressa apareceu com um copo grande e cheio de líquido escuro e denso como vitamina, em cima de uma bandeja de prata.

—Permite-me a dádiva de servir-te, K?...

Kassia geme e sorri ao mesmo tempo



CAPÍTULO 10

Quando a dor física já não era mais o suficiente, a entidade que ele não conseguia olhar no rosto manipulava a sua mente e trazia a tona recordações que há muito tempo esteve guardado no fundo do seu subconsciente. Ele agradeceu com um grunhido extasiado pela sensação que essas lembranças evocavam a essa mesma entidade que o salvou e acolheu em um dos piores momentos da sua existência, e o educava em como sobreviver em sua nova realidade de vida.

Ele 'precisava' da dor, fosse física ou psicológica, para manter-se são, e ao que lhe parecia, a entidade sabia exatamente do que ele precisava. Dessa vez ela o fez voltar à época em que estava com três anos e meio de idade e passou por quase uma semana ao lado do corpo da mãe biológica, morta por uma overdose de cocaína.

A lembrança da fome e da sede que sentiu naquela época era intensa ao ponto de senti-la novamente e era melhor e mais agradável do que não sentir nada, como vinha acontecendo com frequência, então ele se agarrou a sequência mais que bem vinda de acontecimentos que se seguiram...

Seu querido papai era um figurão no interior do Espírito Santo que foi ameaçado pelos vizinhos da sua mãe e se viu obrigado em assumi-lo, e ele o impôs à esposa, que na intimidade também era sua submissa.

Andreia, esse era o seu nome, deliciosa Andreia, e ela o torturava sempre que tinha oportunidade. Seu pai também não ficava atrás, mas era Andreia que ele amava e odiava com a mesma intensidade, e as dores físicas e emocionais que seu pai infligia, batendo em seu rosto e chamando a sua mãe de piranha vagabunda ou a ele de filho da puta, não tinham a intensidade de alcançá-lo como ela tinha quando batia ou o enforcava, dizendo que o amava. E ela amava mesmo!

Ele podia sentir em cada gesto seu. Ela odiava amá-lo, mas amava, e também amava torturá-lo da mesma forma que seu pai fazia com ela...

Seu pai morreu com um ataque súbito do coração pouco antes que ele completasse nove anos, e quando completou 16 que ele virou a mesa do jogo com sua carrasca Andreia, entorpecendo-a com os mesmos remédios que ela usava com ele, em uma quantidade maior no vinho dela.

Ele a levou para o quarto de jogos e a suspendeu nos grilhões do teto dando-lhe uma surra de bastão que por pouco não a levou em como ao hospital. E depois a comeu por trás, meteu fundo e gostoso nela naquela tarde chuvosa de abril e foi fazendo dela a sua amante que ele descobriu a sua sexualidade latente.

Ele, tal como seu pai, gostava de torturar além do físico e Andreia fora só a primeira dentre às muitas que ele quebrou e doutrinou, levando-as ao limite da sanidade.

As lembranças aqueceram o peito agora mais largo e bem mais forte, mas ele olhou ao próprio pau com expressão de pesar, esse que já não funcionava nem mesmo com isso. Seu pau

continuava flácido entre as poderosas pernas do seu novo corpo. Maior. Bem maior que antes!

Com poderes sensoriais que o assombraram e empolgaram ao mesmo tempo!

Seus caninos se pronunciavam sedentos, e ele podia ouvir e atrair os animais das florestas em torno do seu novo e melhorado lar, com um simples comando mental. A sua força e agilidade eram sobre-humanas e há pouco descobriu que era capaz de se desmaterializar e se transformar no que bem quisesse, e era somente à entidade com sua voz suave e hipnótica que o dominava e delimitava, mas até então, sua única restrição era se tentasse sair dos domínios dela, e isso ele não faria.

Ela o tinha resgatado da floresta enquanto ele agonizava com dores terríveis e clamava por uma morte que não vinha. Ela o transportou com o poder do pensamento para dentro de uma caverna no subsolo e o acomodou no que lhe pareceu uma réplica perfeita do apartamento que foi levado a morar com o pai quando criança e que ele manteve até pouco mais de um ano atrás. Ela proveu os recursos para que ele saciasse a sua sede e a sua fome e a lista não terminava...

Até mesmo o quarto de jogos era idêntico ao que ele tinha antes, e isso era uma pena, nada ali provocava a dor ou o prazer que ele precisava e foi nesse instante que sentiu o seu pau inflar dentro das calças, mas a entidade em sua mente só estava dando uma mostra do poder que tinha sobre ele, e seu pênis voltou a murchar.

A sensação que você deseja sentir, só uma fêmea como você pode te dar, meu querido. — disse a entidade dentro da sua mente com sua voz baixa melodiosa —. Farei com que venham pra você e poderá usá-las como quiser, e tenha certeza de que será melhor e mais intenso do que com qualquer outra fêmea que você já possuiu, mas é justo que você saiba que eu sou possessiva, tem que prometer a mim sua fidelidade e reverência e se eu ordenar que acabe com ela. Terá que fazer, ou eu mesma o farei e não serei piedosa, nem com ela, nem contigo. Então meu dileto justiceiro, é melhor que não se apegue a nenhuma delas, pois te prometo que serão muitas, mas sou muito ciumenta com o que considero meu, e você não será poupado, se descumprir o seu juramento...



Kassia sentiu o calafrio perpassar por todo o seu novo corpo ao olhar o copo que o *Neimo* lhe oferecia. Instintivamente sabia o que tinha ali dentro, e seu estômago roncou com veemência absurda apesar de sua mente regurgitar com repulsa ante a ideia.

Ok... Pense que é suco de tomate ou uma vitamina e manda ver!

Ela seguiu o próprio conselho de incentivo e pegou o copo, sorriu para o *Neimo* e sentiu que começava a suar frio, seus joelhos ficaram bambos e sua estrutura oscilava em materializar e desmaterializar. Era tamanha a confusão nos seus sentidos que começou a ver luzes bailando à sua frente em tons multicoloridos, ela estendeu a mão com o copo de volta para Ores e balançou a cabeça em negativa, negando-se enjoada.

— Desculpe Ores, mas simplesmente não dá, eu, não consigo ainda. E antes que venha dizer que não vou aguentar! Pelos meus cálculos, Pero aguentou uns dois anos antes da morte alcançá-lo, então eu tenho tempo.

Ores a encarou perplexo e ela pressentia que ele estava realmente preocupado com a sua saúde, mas não havia nada que ela pudesse fazer pra amenizar a situação com ele, então pediu licença e entrou no quarto vizinho ao de Ailin com intenção de dormir um pouco.

Buscou-a mentalmente e se certificando que dormia tranquila ela se deitou e ordenou ao próprio cérebro que também dormisse, ruminando um xingamento algum tempo depois e batendo a cabeça no travesseiro ridiculamente macio, se perguntou;

Por que com os outros era tão fácil?

Seu sono demorou a chegar e quando chegou estava recheado de sonhos desconexos que a confundiam e faziam suar. Ela se levantou de súbito, mas as imagens continuavam frescas em sua mente e uma compulsão inexprimível a fez saltar da cama e sair correndo do quarto a examinar Ailin.

Ela dormia tranquila, mas a compulsão permanecia implacável e sem pensar em consequências Kassia sai correndo da casa, o sol de fim de tarde ardia suas retinas e o odor fétido de pele queimada invade as suas narinas igualmente sensíveis, mas ela não parou de correr, tinha que, ela, tinha que, não...

Xstrauss se materializou como um muro de rocha sólida bem na sua frente e a abraçou com todo o seu enorme corpo... O alívio imediato, o frescor e a escuridão em sua volta a fez entender que ele a transportou para um lugar seguro. Os aromas a fizeram crer que estavam em uma das cavernas no subsolo, como em uma das imagens desconexas dos sonhos que atribularam o seu tão desejado e necessário descanso.

A fêmea se desvencilhou do seu abraço com violência desnecessária e acabou caindo pra trás.

Faça o que mandei pequena, e venha até aqui.

Ela ouviu em sua mente nesse instante e tampou os ouvidos como se assim pudesse fazer a voz tenebrosa calar.

Xstrauss sentia na própria pele o seu tormento e o cheiro de carne queimada dela feria suas narinas como nada mais conseguiria, mas ele manteve o rosto inexpressivo diante dela, sem nada denunciar do que se passava em seu íntimo. Fosse o que fosse que fez a fêmea sair às pressas e em plena luz do dia, iria se vir com ele, ele prometeu a si mesmo. Ele engoliu um xingamento em perceber o quanto ela estava vulnerável e a sua fome evidente, e agindo por impulso invadiu a sua mente, mas ela o repeliu rapidamente e se fechou, com a pouca força que lhe restava.

Sua raiva se voltou contra Ailin por ter tomado tanto sem nada ter a oferecer em troca e sua espinha estalou nesse instante assustando-o. Há tempos que a besta não se pronunciava e ele foi pego de súbito, sequer teve tempo de ordenar que a fêmea sumisse.

Kassia viu a fera dos seus sonhos de menina tomar forma no corpo escultural de Xstrauss bem à sua frente. Bem maior do que se lembrava, mais fascinante do que imaginava e o seu cheiro... Deus! Já não conseguia separar o sonho da realidade e uma esperança tênue de que parte de si ainda lutava pra se manter sã aflorou em seu íntimo!

Ela viu a fera abaixar-se encolhendo as garras e não resistiu à vontade de tocar o pelo espesso e macio e se certificar de que era real, e era real, a sua musculatura rígida ondulava onde ela

tocava como se pedisse por mais. Ela observou embasbacada o quanto era brutal e ao mesmo tempo bonita, e um rugido que mais pareceu um ronrono iniciou intermitente e ela se pegou sorrindo fascinada. A fera parecia gostar dos afagos!

Às dores que sentia por todo o corpo já não a incomodavam tanto e ela se levantou e continuou acariciando o pelo do animal colossal que era umas três vezes maior que ela, e a fera permanecia parada, como se temesse que Kassia se assustasse e cessasse aos carinhos.

Mas ela não pretendia parar, a sensação era de que estava em casa...

Só a sua densa musculatura ondulava e arrepiava onde ela tocava e ela continuou a exploração carinhosa pelo corpo sólido e tão familiar, quando de repente a fera grunhe em alerta mostrando as presas e ela é lançada contra parede, perdendo por completo os sentidos...



Kassia se levantou de súbito e Dêrhon praticamente saltou sobre ela fazendo-a deitar-se novamente. Ela olhou em torno do quarto e viu Ailin no canto abraçada a si mesma com expressão aflita. Zarcon também estava no quarto, que logo reconheceu ser o que Xstrauss havia escolhido pra ela, mas algo doeu dentro do seu peito por não vê-lo ali entre eles e Dêrhon se levantou com a fúria expressa no olhar azulado. Ele parecia estar na defensiva e ela notou de relance que ele escondia as mãos e engoliu em seco antes de perguntar num sussurro; — Xstrauss?

Kassia reparou que Zarcon também escondia discreto, as mãos, e foi inevitável invadir as memórias de ambos...

Dêrhon e Zarcon haviam dado uma tremenda surra em Xstrauss e os dois tinham os punhos marcados pelos socos que deram nele, quando o encontraram ao lado dela, na caverna subterrânea ao leste da mansão.

— Não foi ele...

Ela lamentou e dá-se conta ao tentar puxar ar com mais veemência adentro dos pulmões, que algumas das suas costelas deviam estar fraturadas e também o seu braço direito parecia deslocado na altura do ombro, e no instante que seus sentidos faziam a auditoria mais abaixo ela ouviu Dêrhon pigarrear de leve.

— Tentamos alimentar você para que se curasse antes de acordar, mas você é resistente aos nossos comandos.

Dêrhon se justificou, Kassia focou a mão que ele tinha exposta com tristeza e ele voltou a escondê-la no bolso da calça.

— Ele quase a matou, K. Não pode achar que nós não faríamos nada, enquanto ele age como a besta que é com você!

— Não foi de propósito. — ela disse num sussurro.

A letargia estava vencendo sua frágil resistência e suas pálpebras pesavam, mas ela ainda conseguiu dizer;

— Ele me salvou, Xstrauss me tirou do sol.

Depois tudo escureceu...

Quando acordou de novo, viu que Ailin estava deitada no tapete ao lado da sua cama, e

quando tentou se levantar, as suas costelas estalaram e doeram terrivelmente. Ailin abriu os olhos e de um salto estava a postos ao seu lado.

— Xstrauss?

Foi só o que conseguiu perguntar e ouviu ao longe Ailin dizer;

— A fera nele me atacou Rein... Kassia.

E a escuridão a tomou de novo...



... Ela não ousou se mexer. Nem mesmo abriu os olhos dessa vez.

Podia sentir que não estava sozinha no quarto e fez a sua sensitiva auditoria mental;

Ailin dormia no tapete ao lado da sua cama e ela sentiu mais do que viu o vulto que pairou sobre ela por sobre suas pálpebras cerradas e as suas presas alongaram ao sentir o cheiro doce e levemente metálico que pairava no ar. Antes que pudesse pensar com coerência ela abriu a boca e mordeu o pulso estendido e todos os seus sentidos se acenderam tão logo o líquido denso e precioso adentrou sua garganta.

Xstrauss já não suportava mais a agonia da fêmea que convalescia no leito e mesmo com a bacia deslocada e um dos pés quase virado ao contrário pelos golpes que ele julgou mais que merecido receber dos irmãos, ele se materializou no seu quarto e com um comando mental, obrigou a outra fêmea que jazia de sentinela a continuar dormindo.

Podia sentir a letargia vencendo enquanto ela sugava avidamente do seu pulso, o mesmo pulso que transformado a deixou na situação que se encontra agora, o mesmo pulso que ela agarrou e segurou firmemente em seu sono conturbado. O seu corpo já alquebrado tremia por inteiro e precisou conter um gemido de dor enquanto a alimentava, mas estava decidido de que ela podia sugar o quanto quisesse dele, ela merecia e precisava e à bem da verdade, nunca soube de nenhum macho que tenha morrido dessa forma e bem, se acontecesse com ele, poderia jurar que no mínimo morreria grato, por ter feito ao menos isso de bom para ela.

Mas ela parou.

Como se ela tivesse total ciência do que estava fazendo. Pouco antes que seu coração entrasse em colapso, e até lambeu o seu pulso imundo!

— Não foi culpa sua, não foi... Xstrauss, eu...

Ela dissera-lhe, antes de voltar a dormir e ele sorriu escarnecendo a si mesmo, não foi sua culpa, não foi sua culpa, não foi, ele saiu do mesmo modo que havia entrado e materializou-se por sobre a sua cama com um gemido tenso e audível.

Não foi sua culpa, ele repetia o pensamento como um mantra.

Talvez algum dia conseguisse convencer-se disso...



Kassia sentia todos os seus músculos se refazendo, todo seu corpo parecia aceso e em plena renovação, e suas costelas já não doíam quase nada, estavam cicatrizando de forma extraordinária e os seus sentidos voltaram ainda mais aguçados que nunca!

Mesmo sem ver, sabia que era noite lá fora, Ailin ainda repousava no tapete ao lado da sua cama e a noite a chamava. Podia ouvir até mesmo o borbulhar sereno e convidativo das águas da cascata que sabia estarem a aproximados dois quilômetros da mansão! Ela queria levantar e voar correr ou nadar, pisar na terra que implorava a sua presença, mas...

Uma única visão a fez permanecer exatamente onde estava, deitada quase sem respirar. O pânico sem sentido a tomou de súbito e em seu desespero mudo ela clamou por Ailin, que levantou-se de um salto.

Kassia a fez se deitar na cama ao seu lado e ignorando o fato de que ela já não tinha cinco anos, há muito tempo, obrigou-a dormir ali ao seu lado, com um único pensamento em mente.

Se algo de ruim acontecesse a Ailin, ela nunca se perdoaria.



Dërhon observou a tela sentindo-se um maldito pervertido de um voyeur e pasmado se perguntou se Kassia não seria gay.

Não, claro que não! Ele descartou logo a ideia idiota em observar com atenção...

Ela temia pela vida de Ailin de forma extremamente protetora e até diria comovente, mas não havia de fato nenhuma conotação sexual na forma como ela acarinhava a fronte da fêmea.

Estava mais pra como uma mãe humana acariciando a uma filha em seu sono agitado.

Como ele já teve o privilégio de ver e invejar no mundo de onde ela veio — mundo tal —, que ele só via pelo lado de fora da janela. Va lá...

Em seu mundo, uma 'mãe', só era lembrada pelo período que os trazia em seus ventres. A quantidade de fetos com herança imortal e brutal em uma única gestação era o que se acreditava que não permitia que elas sobrevivessem ao parto, e eram às Mãi que os assistia e alimentava nos primeiros anos de vida. E era aconselhado aos nascidos que não se apegassem a elas também, já que também estas um dia morreriam ao dar a luz.

Dërhon se recosta na cadeira e muda a sua linha de pensamento com o adendo, de nada adiantava lamentar o inevitável.

Por um segundo de descuido Xstrauss entra no quarto que vinha monitorando e estava prestes a seguir para lá, quando percebeu que o seu irmão conseguiu o que ele e Zarcon não tinham conseguido. Xstrauss a alimentava e ela sugava do pulso dele de uma forma que fez o sangue correr mais rápido nas suas veias, uma nuvem de inveja turva seus olhos como uma oração não declarada e ele se perguntou que merda havia passado na cabeça de Xstrauss para agredir a fêmea daquela forma? Que ele quisesse dar um susto nela, ele até podia entender, mas deixar a besta emergir foi de uma maldade sem medidas, até mesmo para ele! Caralho! Quando respondeu o chamado de Ailin e tomou forma na caverna...

Dërhon se levanta, putro da vida!

Não era um animal, mas havia agido como um, e Zarcon também não foi diferente...

Ah merda!... Eles praticamente enjaularam a besta entre as pedras na caverna e quebraram quase todos os ossos do próprio irmão ao verem a fêmea machucada e desmaiada no colo de Ailin!

— Também o deixaram sem alimentação como punição por algo que não fez, não vai esquecer...

Deixaram seu corpo alquebrado agonizando e abandonado na caverna e nem se importaram de que 'ele' não fez nada para se defender.

Dërhon soltou o ar devagar e os pelos da sua nuca eriçaram.

Ele nem ousou olhar pra porta, sabendo 'quem' ele encontraria lá.

Kassia cruzou os braços por sobre os seios e aguardou.

Dërhon continuou olhando para o chão, mas acabou rebatendo;

— Ele não se defendeu da surra, por que sabe que no mínimo, foi irresponsável.

— Não foi à fera nele que me feriu.

Dërhon levantou a cabeça e a encarou;

— Não?

Kassia titubeou e deu um passo atrás e agora era ele quem cruzava os braços sobre o peito e sua postura era beligerante, como se a desafiasse a contestar. Maldita hora pra ter um ataque de timidez!

— Foi — ela começou —, mas não foi de propósito...

O olhar vitorioso que lança sobre ela a irrita e ela protesta;

— É sério Dërhon! Não foi de propósito era... Eu, eu a toquei! Acaricieei a sua pelagem e...

Putá merda. Ele riu! Dërhon riu incrédulo e Kassia jogou pra cima os braços, vencida e muito chateada;

— Acredite se quiser Dërhon! Eu é que não vou ficar aqui, assistindo sentindo e ouvindo vocês destruindo uns aos outros, enquanto...

Ela parou de súbito quando outra visão a assolou e todo o seu corpo revitalizado tremeu. Num segundo Dërhon está na sua frente e a segura pelos braços preocupados e ela rosna;

— Me solta...

E ele imediatamente a soltou. Sua expressão suavizou um pouco e ela o encara trêmula e suplicante, o sentimento de pânico sem sentido chegando com tudo;

— Tem alguma coisa errada acontecendo, Dërhon. É, como se eu sentisse na minha carne.

Ela disse e cai, desprovida de força nas pernas com o coração disparado;

— Ailin, protege Ailin, prometa!...

Não era um pedido, era uma ordem desesperada e Kassia tem um ataque convulsivo logo em seguida.

Flashes de memória desafiavam a sua sanidade e ora se sentia presa agrilhoadada e era torturada com açoites e ceras ardentes, ora se sentia abraçada e chorava ou era banhada pelo agressor sem rosto e tremia de medo e de frio. Uma luz que de tão branca e forte que cegava e era tão sinistramente bela e bem vinda que a fez levantar-se da cama, para logo em seguida cair de novo e se encolher como uma bola em pranto desconsolado.



CAPÍTULO 11

Ailin acariciava os longos cabelos de sua amada 'amiga' e até em pensamento se vigiava pra não se referir a 'Kassia' de qualquer outra forma. Desde a primeira noite em que acordou sobre a sua cama, sempre que o sono a chamava, ela se deitava ao seu lado. Kassia tinha o sono agitado e segurava em seu pulso como se temesse perdê-la e Ailin não a deixou sozinha nem por um instante, temendo que a 'amiga' enlouquecesse de vez, se o fizesse.

O rei e seu irmão passavam horas incontáveis no quarto ao lado do seu leito, e só nesses momentos que se arriscava a dar uma escapadinha de poucos minutos pra satisfazer as suas necessidades mais básicas, e também para não impor ao rei e ao seu irmão à sua presença. Dërhon ordenou que ela permanecesse ali, mas ela teria ficado com sua 'amiga' de qualquer forma, salvo se ordenassem que ela saísse. Então não haveria muito que pudesse fazer.

Por toda sua existência ela podia contar nos dedos de uma única mão a quantidade de vezes que esteve ali e somente no grande salão, entre as quais; a cerimônia de vinculação em que se uniu a Goro e outra, quando foi chamada pelo rei e *Rein Aleesha*, a ser informada pelos dois da morte de Goro no campo de batalha, algum tempo depois.

Ela afastou o pensamento que levaria a outros mais tristes e pesados e surpreendeu-se em perceber que Kassia estava acordada e a observava de soslaio, ela morde o cantinho do lábio e devagar retira a mão que a acarinhava, já tinha ultrapassado todas às convenções e estava perdida em como proceder.

Kassia ensaiou um sorriso de lado tranquilizando-a e perguntou com voz rouca;
— Por quanto tempo eu dormi dessa vez?



Quatro dias e quatro noites, e isso depois do ataque convulsivo. Mais três; desde que Xstrauss a retirou do sol...

Uma semana inteira no total, e foi com uma relutância tremenda que Zarcon e Dërhon deixaram que ela se levantasse e descobrisse onde era o quarto de Xstrauss e isso porque eles nem tinham lá muita escolha, e ela fez uso do poder que tinha sobre eles.

Xstrauss jazia inerte na cama e um buraco negro se estabeleceu no peito dela ao perceber o quanto ele estava machucado e indefeso. Ela fitou aos irmãos com olhar carregado de censura e desvencilhou da tentativa de Dërhon de contê-la a entrar no quarto com um repuxo e ele encolheu o braço, vencido.

A enfermeira nela avaliou o estrago, os dons de Aleesha completaram a equação e antes que desse por si, ela estava por cima do corpo de Xstrauss e com uma força que não imaginava possuir, ela reposicionou a bacia e a perna direita dele e ele ganiu baixo, enfraquecido pela dor.

Kassia sofreu com ele e desejou poder tomar pra si toda a dor.

— Nós tentamos alimentá-lo.

Kassia olhou pra trás com ferocidade e Dêrhon cortou a explicação no ato, apesar de ele manter a boca fechada ela o ouviu reclamar em sua mente com indiferença, enquanto mordia o próprio pulso, e estabelecia à Xstrauss que bebesse dela.

Masoquista e suicida é o que você é. Sabe? Cada dia me surpreende mais a sua ânsia de sofrer e o fascínio que você tem pela morte! Vai lá! Sinta-se a vontade, que seja feita a sua vontade!

Xstrauss a mordeu com força em vingança à compulsão que lançou nele, mas Kassia ignorou a dor, tudo bem, estava certa de que ele rasgou alguns dos seus tendões e que possivelmente tenha quebrado seu pulso com a mordida, mas era bem menos do que tentar salvá-la custou a ele, então ela aceitou a agressão e até ousou levar à outra mão na frente dele, removendo da testa suada os cabelos longos e negros com carinho e notando que mesmo alquebrado com ar feroz, ele era lindo.

Xstrauss afrouxou o aperto das mãos que seguravam o pulso que ele tinha machucado, mas ela o forçou a continuar com a alimentação que reestabeleceria o seu corpo. Era mais do que justo que fosse assim e que se danasse o que os outros pensassem dela. Ela não era masoquista, era justa.

Xstrauss sentiu o impacto abrasador do sangue estupidamente forte que deslizava doce e levemente metálico pela sua garganta ressequida. A reação de cura em sua musculatura e ossos quebrados foi imediata, tão logo o sangue poderoso dela entrou em contato com seu estômago também debilitado, assustando-o pela velocidade com que se se sentia curando por dentro, mas julgou que pudesse estar equivocado e sangue de *Miellen* não servia para comparação, mesmo com a mais delicada das fêmeas Kades...

Alguns minutos passaram e mesmo subjugado ele sentiu o momento exato em que seus irmãos saíram do quarto abandonando a fêmea à sua própria sorte.

Ele já tinha se alimentado mais do que o suficiente e ela continuava forçando que bebesse dela e ele entrou em desespero quando sentiu seu frágil coração falhar uma batida, e depois outra... Ela estava caindo por cima dele e ele amaldiçoou a si mesmo pelo que estava fazendo.

Ele clamou pelos irmãos em pensamento e logo Zarcon estava por cima dela e a puxava pra si, levantando e lambendo o pulso que ele tinha dilacerado covardemente.

Xstrauss fechou os olhos e cobriu com o antebraço, mas as imagens do que mais uma vez tinha feito a ela estava mais do que viva por detrás das suas pálpebras cerradas. As imagens retorciam as suas entranhas, e dessa vez ele nem tinha uma besta pra culpar.

Kassia se afastou de Zarcon e o estudou, o toque da sua língua ainda queimava de forma confortável em seu pulso ferido e ele estava rígido entre às pernas. As lembranças do beijo que compartilharam o instigava a querer mais e sua mente e corpo estavam em conflito.

Não vou passar por todo esse martírio de novo. Pelos deuses, isso não é justo.

Foi impossível de não ouvir e concluiu que era o cheiro de Aleesha misturado ao seu que confundiu os sentidos dele, e ele prendeu a respiração para confirmar.

— Não precisa se preocupar, meu rei. Seu beijo até é bom, bom mesmo, de verdade, mas eu não vou escolher você...

Ela ia concluir que não escolheria nenhum deles, mas...

Zarcon se manteve impassível à agressão e denúncia implícita, mas o cheiro do medo de

X Strauss foi como uma bomba esmagadora no ego pra lá de ferido dela e com um ganido incontido ela se desmaterializou e fugiu, tomando forma no próprio quarto.

Somente pelo tempo suficiente pra dizer a Ailin que se cuidasse e pela própria voz...

Porque, por algum motivo, 'falar' lhe pareceu mais humano do que pensar, e ela precisava se sentir 'humana' e não uma aberração da natureza. Droga.

Custava muito um pouquinho de reconhecimento? E que droga! Ela estava mesmo precisando de reconhecimento por alguma coisa? Estava mesmo desenvolvendo o seu lado masoquista, ou o quê?

Quando se materializou do lado de fora da mansão sentiu que Ailin a seguia e o medo terrível e sem sentido de que pudesse estar expondo a única amiga que realmente se importava com ela naquele lugar a qualquer tipo de perigo, a fez parar.

— Fique onde está. — e acrescentou depois um pouco mais branda;

— Por favor, Ailin.

Ailin teimou e continuou andando em sua direção devagar, era como se ela estivesse se aproximando de um animal ferido e ela não deixava de ter certa razão. Era assim mesmo que estava se sentindo e sem que percebesse de imediato os seus pés tomaram rumo na direção de Ailin e quando se deu conta do estado lastimável que se encontrava, de camisa e short de dormir, já estava ajoelhada na terra fria, aos prantos e sendo abraçada pela amiga solidária e silenciosa.

Posso estar presa nesse inferno, mas eu não vou voltar pra lá, não dá, Ailin, simplesmente não dá...



Viver o hoje como se não houvesse amanhã, era pra alguém que acreditasse que um dia iria morrer, não para alguém que acreditasse já estar morto. Sendo assim, ela ficou na cama na casa de Ailin, por dias e noites sem conta.

X Strauss, ela soube por Ailin, estava sob a terra para reestabelecer o estrago que os seus irmãos fizeram nele. Que fosse feliz em seu sono, ou que tivesse uma puta indigestão com seu sangue, chegou a pairar em sua mente. Dêrhon e Zarcon até tentaram visitá-la, mas Ailin coibiu às suas presenças na sua casa ao seu pedido e somente Ores permanecia ali... Incansável, como uma estátua de pedra na penumbra do quarto.

Aguardando, aguardando...

— Sei que está aqui. — ela perdeu a paciência e disse por fim.

— Senhora. — ele respondeu sem inflexão no tom de voz e Kassia se virou de costas sentindo-se de verdade como criança mimada e malcriada.

— Vá embora, Ores — ela ordena, mas sabia que ele permaneceria lá.

Tal como uma sombra silenciosa, pairando num canto do quarto, e por mais maluco que fosse, isso era estranhamente confortável...

— O que há de errado comigo? — ela deixou escapulir e sua garganta a traiu com um soluço ressentido. Será que ela queria mesmo saber?

— Sei que não sou bonita, mesmo no meu mundo eu...

Ah que ótimo! Além de estar morrendo de pena de si mesma, agora até falava como eles! Seu mundo, mundo deles! Que diferença faria?

Kassia bufou e tampou a cabeça com o travesseiro, como se pudesse com isso calar a voz da segunda personalidade que acreditava estar desenvolvendo. Ores tirou com gentileza o travesseiro que a encobria e sentou no chão com ele no colo a fitar um ponto invisível na parede à sua frente.

— A senhora me disse algo sobre paternidade, é como me sinto com a maioria dos que vivem aqui.

Ores sorriu cômico de que havia conquistado sua atenção.

— Sei... — soou ela com desdém.

— Só não entendo como já não está de cabelos brancos...

E ela não se excluía do pacote de supostos 'filhos' com capacidade de 'deixá-lo' de cabelos brancos!

— Eu pinto. — ele disse e sorriu de novo em sentir o olhar de escrutínio dela sobre seus cabelos.

— Está brincando... Você tem senso de humor? Ores, você tem senso de humor! Isso é inacreditável!

Agora ele ri de verdade e balança a cabeça em negação desmentindo o que disse antes, mas continuou com o olhar fixo na parede.

— Não, você 'não pinta', ou não, você 'não tem' senso de humor?

— Eu não pinto, mas estou descobrindo que sou capaz de me superar na arte de servir bem. — ele explicou com evidente orgulho no tom de voz.

Kassia estendeu o braço e bagunçou o cabelo dele, se sentia bem perto de Ores e de Ailin, não podia negar isso.

— Quer se casar comigo?

Ores virou a cabeça a encará-la e sorriu;

— Ah, não senhora, seria pedofilia, e não cairia nada bem pra nenhum de nós.

Kassia moveu os ombros com desdém e fitou os arabescos no teto;

— Já estamos condenados mesmo. Que mal faria um pecadinho a mais?

Ores assentiu. Que mal faria?

Kassia sentou de súbito na cama impulsionada pelo terror;

— Ailin, onde ela está...

— Aqui.

Ailin atendeu de pronto e Kassia notou o avental e braços sujos de farinha de trigo enquanto ela controlava a respiração e corou por todo o rosto.

Ela estava suja até nos cabelos e nem pensou em se limpar quando escutou a amiga chamar.

— Acabo de descobrir que sou um desastre com bolinhas.

Ela explicou toda sem jeito e Kassia riu fazendo-a corar ainda mais.

Kassia entendia que Ailin se referia aos 'bolinhos de chocolate' e se comove com sua intenção de agradar em tentar fazê-los, e claro que na sequência da sua mente fértil e fugidia, ela associou as 'bolinhas' com o 'Clube do Bolinha', e decidiu que já havia passado da hora de se levantar e acender o fogão da 'Luluzinha'!

— À cozinha então, dona Ailin.

Já na porta do quarto ela olhou pra trás e vendo que Ores aguardava por qualquer comando, ela pergunta;

— Você vem também?

Ores se levanta e crispa uma mão na outra;

— Sim senhora. — disse ele com os olhinhos apertados brilhando de empolgação.

Kassia aguardou e passou o braço por cima do seu ombro quando ele a alcançou e adorando o fato de estar bem maior do que ele, ela comenta com falsa solenidade;

— Sabia que é uma tendência natural, os filhos ultrapassarem a estatura de seus respectivos pais?

Quando Ores assentiu todo sem graça ante a comparação subjetiva ela viu que a vida podia ser bela, mesmo quando... Ah, corta essa!

E de repente ela tem uma ideia bem louca.

— Já que ao que parece é você o contrabandista local, bem que podia descolar uns podrões pra gente, eu sei que eu seria capaz de 'matar' por um!

— Podrões?

Ores parou confuso e Kassia passou a lembrança pra dentro da mente dele, divertindo-se em ver que ele ficou, tipo assim, meio verde...

Podrão era um dos vários apelidos que os seus colegas de faculdade davam aos X-tudo vendido por camelôs de praça no fim do dia, em suma sanduiches carregados de gostosuras calóricas e estupidamente rico em colesterol, com uma pequena folhinha de alface e uma fatia de tomate pra amenizar a culpa do sujeito, mas no demais; Tinham as tirinhas de bacon, hambúrguer e ovo, fatias de queijo e presunto, ou apresuntado, maionese, mostarda, ketchup, batata palha...

Ela começou a enumerar os ingredientes e Ores de verde foi ficando azul, mas quando fez entender que gostoso mesmo era o comprado pronto, ele assentiu um tanto aliviado e sumiu com a promessa de voltar com alguns. Kassia e Ailin trocaram olhares e Ailin sorri

— Isso foi maldade.

Kassia também riu moveu os ombros e rebateu;

— Ele aguenta.

Depois seguiu pra cozinha, arrastando a amiga a tiracolo...

... Ela estava tirando a segunda fornada de biscoitos do forno quando Ailin congelou. Kassia respirou fundo e soltou o ar devagar deixando em câmera lenta o tabuleiro em cima do balcão.

— Não fez isso.

Ailin sussurrou e Kassia repuxou um dos cantos dos lábios, pois sim, tinha feito, mas com a melhor das intenções.

— Amigos, Ailin, não mordem... Bem, talvez o termo não se aplique aqui, mas poxa vida! O cara é seu sobrinho e não vai te morder, assim... Não, se você não quiser.

E antes que Ailin pudesse contestar Kassia o convidou;

— Entra Ferguz.

Kassia já tinha percebido a presença dele nas imediações da casa e num ímpeto de curiosidade, vasculhou a mente e sentimentos dele. Ele estava genuinamente preocupado com a segurança de Ailin e isso a comoveu e, ademais, ela tinha dedo podre a escolher os seus, no tocante à amiga era outra coisa, e ela acabou não resistindo em enviar uma forte compulsão mental no monumento de dois metros e dez de altura, que ao entrar, fez a cozinha parecer bem menor.

— Você é do tipo que come o que as fêmeas comem e gostam por prazer, ou obrigação?

Ela provocou e ele engoliu em seco, mas manteve a posição ereta de guarda inglês.

— *Rein Mäi*, temo não ter entendido a pergunta.

Ceeerto...

O físico do cara era deslumbrante, mas a primeira impressão era de que a testosterona tinha tomado o lugar de um cérebro ausente e Ores escolheu esse momento pra se materializar com duas sacolas na mão. Ele encarou o macho em toda sua insignificante estatura todo empinado por um instante e se voltou pra Kassia curvando-se daquele jeito, todo reverente.

— Senhora.

Kassia apertou de leve os lábios ao sentir a animosidade de Ores em relação à Ferguz e tratou logo de explicar quais eram as suas intenções em pensamento.

Ores relaxou e se voltou pra Ferguz cumprimentando-o com um aceno como se tivesse acabado de chegar e notado a sua presença e voltou o olhar para ela um tanto cúmplice.

— Ele não teria como dizer, porque nunca experimentou.

Kassia quase riu em ver o brilho de conspiração e vingança no olhar de Ores e era até capaz de apostar que ele também não podia, mas ela tinha uma missão de cupido ali e se voltou para Ferguz a perguntar;

— Estaria disposto a experimentar e tirar suas próprias conclusões?

Tanto ela quanto Ores o fitaram com um quê de desafio e Ferguz nunca deixava de aceitar um desafio. Nunca...

Pouco tempo depois Kassia perguntou para um Ferguz muuuito verde, qual era a opinião dele, e Ailin deitou o seu sanduíche pela metade sobre o colo a aguardar a resposta, com uma expectativa quase infantil refletida nos olhos. O 'machão' leva o punho fechado à boca e pigarreia, provavelmente contendo o vômito e diz com aquele tipo de voz de 'preciso matar alguém hoje':

— Os biscoitos eu até comeria de novo, mas essa mistura estranha, — ele aponta o sanduiche e conclui enjoado —, nem amarrado.

— E vinculado? — ela provoca.

Ailin engasgou, Ferguz titubeou indeciso e cruzou as enormes sobrancelhas formando um arco negro único sobre a testa.

Amiga, como pode achar isso bonito?

Ailin moveu os ombros e respondeu com simplicidade inocente.

Eu acho.

Ores riu com discrição, de certo que se sentindo meio vingado e ela pergunta a Ferguz;

— Estaria disposto a fazer outra experiência?

Ferguz tremeu na base, mas foi 'macho' em perguntar;

— Com comida?

Kassia balançou a cabeça negando.

— Já ouviu falar sobre namoro ou ficar? — e ela nem perdeu tempo em enviar imagens sobre o assunto para dentro da mente do 'machão' e ele foi arregalando os olhos até que quase caiu sentado.

— *Rein Mäi* eu...

Kassia apontou Ailin com cara de não-sou-eu-não-asno! Pra ele e ignora a pitadinha de rejeição, comprovando as suas suposições com o evidente relaxamento na musculatura do macho, mas ele não se atreveu a abrir a boca grande e insensível, preferindo dirigir-se a ela em pensamento,

Se ela me aceitasse...

Ailin se levantou abrupta e o seu sanduíche foi ao chão, Kassia pediu a ele que esperasse e seguiu a amiga até o quarto onde ela se escondeu...

— Ailin, é só uma experiência...

Kassia interpelou com carinho sentando ao seu lado na cama e Ailin balançou a cabeça em negação.

— Falastes de confiança e traiu a minha, isso foi maldade sem medida *Rein Mäi*, eu não sei onde falhei para ser punida desse jeito, mas se é da sua vontade... Que assim seja.

Punida?

Kassia a segura pelos ombros e a puxa contra o peito abraçando-a com firmeza, podia sentir a aceitação dela para o destino que quisesse lhe dar, e isso não era de forma alguma a sua intenção.

Ores, o que foi que eu fiz? — ela pergunta cheia de culpa.

O que julgou certo, senhora. — devolveu-lhe Ores — *Há muito tempo que os dois se gostam.*

— Ailin, namoro não é um bicho de sete cabeças.

Kassia abriu sua mente a expor tudo relacionado ao assunto e Ailin a encarou assombrada, mas quando expos a determinação de Ferguz em tentar ela começou a chorar angustiada.

— Eu não posso, não posso fazer isso com ele, nem com mais ninguém! Perdoe-me, *Rein Mäi*, eu não posso... Simplesmente não posso...

Ferguz invadiu o quarto, olhou pra Kassia em duvida por um único segundo e com decisão aproximou-se e puxou Ailin para dentro dos seus braços grandes e encostou a sua bocarra na dela... A parte mais humana dele aprendeu bem depressa como agir e em questão de poucos segundos Kassia podia jurar que a amiga já tinha esquecido até o próprio nome.

Kassia saiu discreta e pela tangente, mas plantou uma ameaça bem franca na mente de Ferguz que o fez encolher-se sutilmente, mas ele não perdeu o ritmo do primeiro beijo e ela elogia o desempenho dele também em pensamento. Claro que não consegue suprimir um sorriso sacana em julgar o gênero pelo que eles eram e riu de novo em constar que não eram nada diferentes dos humanos nesse quesito; ele se encolheu na mesma reação instintiva que um macho tem em ver outro sendo chutado bem entre às preciosas bolas!

Ela se inflou de leve pelo seu poder de persuasão e Ores a fitou com certa admiração e um quê de curiosidade.

Que ela satisfez, claro.

— Avisei que deve ir devagar com andor, ou eu mesma arrancaria as suas bolas e as comeria no Podrão que o faria comprar, já sem elas.

Ores também teve a mesma reação instintiva, mas logo se recompôs e até tentou ensaiar um sorriso meio condescendente, só que se traiu ao engolir em seco.

Homens, machos, e suas preciosas joias...



Os dias que se seguiram passaram amenos, ela já conhecia mais o extenso espaço do condomínio e Ailin, aos poucos começava a sentir mais segurança em si e a experiência chamada 'namoro' já não a assustava tanto. Mas também, Ferguz era uma gracinha com ela! Ele sempre trazia flores e frutas do campo quando voltava das caçadas, roubava beijinhos inocentes de tempos em tempos e nunca avançava o sinal...

Está certo, que volta e meia, ele entrava na sua mente em busca dos conselhos mais bobos, tipo; Se estava fazendo direito e se ele a machucasse sem querer —, presas —, ele se referia às presas na hora do beijo e Kassia já estava se sentindo meio maluca de ficar sempre fiscalizando ou interagindo, mas a felicidade estampada no rosto da amiga fazia todo seu constrangimento valer a pena. Além do mais, Ailin e Ores eram as criaturas mais doces atualmente em sua vida e ela vinha fazendo outras amizades também.

— Não é, gatinho?

Ela acariciava o pelo do filhote de pintado que tinha cativado quando um lampejo de visão a arrepiou toda. O filhote reagiu ao cheiro do seu medo rasgando seu braço com uma patada instintiva, silvou defensivo e fugiu assustado de volta para a mata.

Kassia sentiu em seguida uma forte vergastada nas pernas e do nada, seus pulsos e canelas começaram a sangrar.

Outras vergastadas varavam invisíveis pelo seu corpo e ao mesmo tempo ela sentiu-se sufocar caindo pra trás e até teria suportado tudo que estava acontecendo com a intensão de entender que droga era aquilo, mas a visão que se agigantou por sobre o seu corpo que a deixou realmente desesperada e ela forçou a garganta apertada.

— Xstrauss, nããão!...



Merda, merda, merda! — ela levantou-se de súbito e muito braba, sabendo exatamente onde estava dessa vez.

— Vocês não fizeram nada com ele dessa vez! Por Deus, me digam que não!

O Seu pedido soou mais como uma ordem, mas que se dane! Ela ESTAVA DESESPERADA! Não que ele merecesse, mas não se manda nesse tipo de coisa! Só que quando ela viu Zarcon e Dêrhon no quarto, e não Xstrauss...

Ailin estava abraçada a si mesma no canto e Kassia rosnou frustrada com o de já vi, mas a entrada de Xstrauss no quarto mudou toda a cena e ela se deixou cair de novo, ciente da falta de força nas pernas, ela perscrutou a mente de cada um.

Dêrhon e Zarcon ainda não estavam falando com Xstrauss e ele tampouco com os irmãos,

mas ficou mais que evidente pelas câmeras de segurança que o que aconteceu com ela não tinha partido dele.

A não ser que pela força do pensamento ou compulsão...

Mas ela é resistente a comandos mentais pra se permitir algo assim.

É eu sei, mas, e se fosse consensual?

Mas se fosse, nós não veríamos aquela expressão de terror...

— Por quanto tempo eu dormi dessa vez?

A frustração e a raiva impressa na questão dela era clara e todas as hipóteses deles caíram por terra.

— Algumas horas.

Zarcon respondeu e seu rosto inexpressivo não escondeu de Kassia o quanto ele estava preocupado com seu estado.

— Eu não estou louca.

Eles tinham lá as suas dúvidas, mas ela mesma as tinha, então não ia culpá-los por isso. Sem nenhum pudor ela descobre as pernas e examina suas feridas, mais do que decidida em montar o quebra cabeça sinistro com fagulhas de lembranças das visões e sensações, que por algum tempo não tinha, e de repente ela olhou pra Dêrhon e comunicou-se com ele em pensamento;

Sei o que volta e meia faz a mando da Guardiã e nem precisa tentar me persuadir do contrário. — e sentindo os temores dele, ela garante — *Ela não vai te punir porque eu sei, Dêrhon, não quando me deu poderes de entrar na sua mente mesmo que não me quisesse lá, condenar a qualquer um de nós por isso, é no mínimo absurdo.*

Dêrhon trinca os dentes e pergunta;

O que você quer que eu faça?

Kassia ignora a sua frustração e continua; *Uma pesquisa, um relatório, seja o que for... Tem alguém lá fora torturando fêmeas e sou até capaz de apostar que as datas vão coincidir com os dias que...*

O olhar condescendente dele lhe fere e frustra ao mesmo tempo e ela silva baixinho mostrando de leve as presas denunciando a raiva latente. Ele não só não acreditava nela, como imaginava que ela estava ficando louca! Ela mostrou os pulsos e levantou a cabeça a mostrar o pescoço marcado com expressão ressentida.

— O que isso significa pra você? É a minha necessidade masoquista vindo à tona? Dêrhon, eu tentei arrancar sua cabeça na espada pra me defender se você bem se lembra, Xstrauss não tocou em mim, eu não...

Ele a interrompe com um gesto pra lá de grosseiro e sua expressão é de poucos amigos.

— Se quer mesmo saber *Kade*, eu acho que a sua vontade de justificar tudo o que ele faz vai além de qualquer lógica ou razão, você é viciada em sofrimento e *blá, blá, blá...* — ela o estava lendo nas entrelinhas quando o ouviu concluir;

—... Agora, se me der licença, *Rein*. — e notou-se que suprimiu o *Mäi* com o propósito que de fato não a ofendia, mas...

Era mesmo possível que Dêrhon estivesse com ciúmes?

Ele se voltou pra ela de imediato e riu com escárnio;

— Eu? Com ciúmes de uma depravada masoquista que tem tudo a ver com esse aí? Na boa, casem-se e tenham muitos filhos os dois! Vocês se merecem!

Kassia estava certa de que tinha perdido o fio da meada...

Se esse tipo de comportamento tivesse partido de Xtrauss ela até que esperava e estava preparada... Não que fosse doer menos, ainda doía pra burro cada palavra de desdém que saía da sua boca, mas com Dêrhon foi... Uma novidade, pra dizer no mínimo, triste...

Ela realmente pensava que o conhecia.

Kassia já estava com saco cheio de tudo aquilo e contém o desejo de levar a mão na garganta inflamada. Com o máximo de indiferença que conseguiu expressar ela pediu educadamente que eles saíssem dali e a deixassem descansar.

Zarcon foi o primeiro a se retirar e parecia bem aliviado, Xtrauss parou desconfiado por um instante antes de seguir o irmão e Ailin, a sua fiel escudeira permaneceu onde estava e Kassia não conseguiu olhar em seus olhos a pedir;

— Você também, Ailin. Por favor, eu quero ficar sozinha.

Ailin assentiu e saiu em silêncio, Kassia podia sentir na própria pele que entristeceu a amiga, mas em contrário à falta de crença dos machos nela, Ailin era capaz de acreditar até em suas mentiras mais descabidas e ela nunca arriscaria com a segurança dela, mesmo que não tivesse prometido ao seu pai em seu leito de morte.

Assim que Ailin saiu, Kassia se concentrou na dor que sentia e se agarrou nos detalhes que tinham lhe escapado antes.

Ela esvaziou a mente de qualquer emoção apegando tão somente aos fatos de tudo que experimentou, e quando outra visão se deu, ela estava preparada para não perder nenhum detalhe.



Ailin não se sentia a vontade de estar na mansão dos príncipes e do rei, se não fosse para estar ao lado da amiga e ela evadiu discreta pela saída subterrânea de acesso dos serviços menores voltando para a sua casa. Era tudo muito novo e o conceito de relacionamento proposto pela amiga, difícil de compreender, mas ela continuaria se esforçando.

Doía ser tão apegada assim a alguém, mas o seu pai a deixou sob os cuidados e desígnios da sua *Rein*...

Kassia ou K, ela se corrigiu ao materializar-se na sala da casa que por tanto tempo fora o seu refúgio e do seu pai.

Kassia tinha chegado a um momento realmente crítico da sua vida, o seu pai estava morrendo e ela foi forte e firme, encantadora e gentil e, tão diferente de tudo que imaginou que seria!

Ela abriu mão de qualquer convenção social alimentando-a e a abraçando em sua perda e ao impor que seu pai tivesse um funeral que...

Ailin interrompe a linha de pensamento ciente de que estava de novo à beira das lágrimas. Kassia era por instinto e direito a sua *Mäi* ou o que de mais próximo ela teria de uma *Mäi*. E ela já tinha deixado claro que queria que ela fosse feliz e sorrisse mais. A sua *Mäi* se não por direito dado a ela pelo seu pai, o seria por *Deirn*. Sua *Mäi*...

Esse conceito de relacionamento ela entendia. Algo que o seu pai, por ter passado tanto tempo humano nunca tinha se conformado em seu mundo, e era também o real motivo pelo

qual ela nunca mais se permitiria em comprometer um macho de valor a tal sorte consigo, mas a sua amiga Kassia era uma fêmea de muito valor e o que tinha feito sem pedir nada em troca a cativou profundamente, e tentaria por isso.

O sangue dela corria forte em suas veias e já havia restaurado toda a sua estrutura fragilizada por anos e anos de inanição e se como ela disse que o que mais queria era que ela fosse feliz, ela seria... Só precisava descobrir como, mas ela seria...

Ailin seguiu pra cozinha determinada em vencer a sua fobia ao fogo que teria que acender no for..., forno, ela testou o nome em voz alta...

Kassia gostava de coisas esquisitas como os bolinhos que deixava os dentes todos sujos com massinhas doces, e foi realmente a atitude mais inusitada e reconfortante que alguém já teve com ela!

Nunca se esqueceria do seu gesto e da forma como a abraçou em sua dor e a embalou em seu sono... Ela se sacode e observa;

No balcão da pequena cozinha tinha um maço de flores e uma cesta cheia de frutos. Ferguz tinha passado ali mais cedo, foi o que concluiu em passar direto e abrir a porta do armário... A dor que persistia em seu peito foi amenizada pelo calor das lembranças dos beijos, ela tinha sentido a sua fome e ficou realmente tentada em permitir que bebesse dela, mas ele logo se retraiu e na confusão dos sentimentos que seguiu o momento passou, mas a dor em seu baixo ventre permaneceu por dias a fio... E ela se dá conta com pesar, que os seus beijos ficaram mais castos depois disso, mas ele continuou atencioso e zeloso com ela, como se ela fosse uma flor delicada do campo...

Ailin separou os ingredientes em cima da mesa e começou a misturar a massa com energia, poderia fazer isso com um simples comando mental, mas preferiu usar as mãos em lembrar que sua amiga tinha dito que existia um prazer catártico no ato de ter às mãos na massa, e isso ela também entendia.

A dor em seu peito permanecia e nem mesmo invocar as lembranças dos momentos prazerosos que teve com Ferguz aplacou a sensação que a oprimia bem na altura dos seus pulmões, mas...

Pensar nele o trouxe à porta da cozinha e a dor gostosa no seu baixo ventre começou num latejar languido, como vinha acontecendo sempre que ele estava fisicamente por perto. Ela contém um gemido e convida a entrar com um gesto, mas ele permaneceu no umbral da porta entre onde ela estava e o quintal dos fundos e ela não insistiu mais.

Ferguz respeitava o fato de ela estar sozinha na casa, e ela respeitava o seu desejo de não ofender a sua *Mäi*, então ela deixou a massa sobre a mesa, limpou as mãos no avental e foi em sua direção.

Ele levantou a mão e acariciou-a na fronte e ela deitou o rosto na mão enorme e reconfortante por um instante, saboreando o carinho.

Ainda tinha muito a ser dito entre os dois, Kassia tinha deixado claro que 'não iria' intervir nas escolhas dela, e ao mesmo tempo em que ela sentia o peso da responsabilidade sobre o próprio futuro, ela também se sentia grata, pela confiança que a sua *Mäi* tinha nela.

Ailin levantou o rosto calculando, ela era uns dois palmos seus, menor do que o macho à sua frente e ele entendeu o convite mudo e abaixou o rosto na direção do seu, a beijando de leve nos lábios. Ela queria mais, ela queria que ele a beijasse como a beijou da primeira vez e sentiu

que lhe faltou o chão e o ar e tudo dentro de si tremeu.

Ela o beijou de volta e num ímpeto de necessidade enfiou a língua na sua boca e ele a suspendeu no ar, suas línguas se entrelaçaram, duelaram e calor envolveu os dois, as presas roçavam de leve nos lábios de ambos com uma sensualidade que Ailin não imaginava sentir ou possuir e o sangue agora revigorado fervia dentro de suas veias, suas mãos corriam pelas costas largas e como vinha acontecendo com frequência, sempre que começava a esquentar demais, ele se afastava brevemente e beijava demoradamente na sua fronte.

Kassia tinha explicado que essa era a maneira que ele tinha de dar a ela o direito da escolha e Ailin não conseguiu dizer à amiga que 'queria' que ele fosse além. Que gostou quando ele tomou a iniciativa antes e...

Ferguz encostou a boca em sua fronte mais uma vez e acariciou seus cabelos de leve, ela o segurou no pulso sabendo o que ele faria a seguir.

Ele estava se despedindo dela como Zerberuz, seu pai, fazia com sua irmã. Ele a amava o suficiente para se servir em suas necessidades de macho com as *Miellens* e com a guerra...

Ailin sorriu timidamente e o beijou no pulso com carinho, deixando-o partir.

Estava totalmente tomada pelo ciúme que sentia ao imaginá-lo nos braços de uma das malditas sob o domínio da Guardiã e isso a assustou. Ela não tinha esse direito! Direito nenhum na verdade. Sua única irmã havia implorado que ela fosse *Mäi* dos seus filhos em seu leito de parto, e isso ela não conseguiu.

Goro fora a sua fuga, dos quatro nascidos, somente Ferguz conseguiu chegar à fase adulta, ela não foi *Mäi* e os 'se' começaram implacáveis e Ailin passou direto pela massa que descansava inerte sobre o balcão rumo ao seu quarto.

Se, ela não tivesse sido tão ciumenta e egoísta com relação à irmã, talvez seus dois irmãos e irmã tivessem sobrevivido aos primeiros anos da infância, Goro não teria sido tão infeliz ao seu lado e Zerberuz... Oh céus! Sua irmã o tinha escolhido!

Se, não tivesse se calado em relação aos próprios sentimentos a sua irmã não o teria escolhido...

Ailin se jogou na cama e deixou às lágrimas rolares, sua irmã a amava o suficiente pra não se vincular com Zerberuz se soubesse dos seus sentimentos, ela nem mesmo gostava tanto dele no início!

Ela mesma lhe dissera em prantos alguns anos depois, ela gostava de Goro e escolheu Zerberuz por vingança, pra chamar a atenção de Goro, para separar os amigos de toda uma existência de lutas juntos... Com o tempo foi que passou a gostar de Zerberuz, mas já era tarde pra muitas coisas pra sua irmã, para todos eles, enfim. Zerberuz já havia se conformado com a sua sorte e se entregava ao calor e carência das *Miellens* e a emoção das batalhas. Escolher conceber foi seu derradeiro ato e o levou de volta à sua cama e Zerberuz esteve presente e dedicado por todos os 15 meses de gestação ao seu lado servindo-a e amando-a como ela merecia... Goro se deixou vencer em batalha tão logo descobriu sobre a gravidez de... Ailin ainda não conseguia sequer pensar no nome da irmã.

Goro ainda a amava, mas ela havia escolhido seu melhor e único amigo por companheiro e Ailin não podia substituí-la no coração dele.

Foram tantas coisas a acontecer ao mesmo tempo.

Zerberuz não resistiu à morte dos filhos que ela não conseguiu alimentar e também se deixou

vencer no maldito campo de guerra e ela ainda se perguntava quando Ferguz se lembraria da pessoa vil que ela era...

O que te fiz para que me odiasses tanto minha irmã? Serás mesmo capaz de obrigar-me a implorar pelas fêmeas que tanto me fizeram sofrer? Serás capaz de renega-los ao sangue podre que corre nas veias das malditas? Se for assim, que assim seja, mas saiba que esteja você onde estiver eu nunca a irei perdoar pelo que me impões e...

Ailin balançou a cabeça em negação como se o que aconteceu entre elas fosse ontem e não a mais de dois séculos atrás, mas as palavras ditas pela irmã ainda tinham o poder de feri-la e ela se foi sem entender os motivos de Ailin...

Como todas as demais casas das cercanias, a sua tinha um quarto especial cuja localização era desconhecida até mesmo dos demais de seu mundo e esse quarto tinha uma ligação direta com a terra benfazeja que os acolhia em seu sono mais profundo e restaurador. Ailin se materializou no quarto que foi seu abrigo e único recurso por todo o tempo que esteve ao lado de seu pai e o leito de terra se abriu sob o seu comando em um buraco profundo. Ela despiu-se das roupas que cobria o seu corpo, agora forte e esguio, e a terra fresca clamava à sua presença, ela precisava do sono que só a terra poderia lhe dar e adentrou em seu abraço e se deixou cobrir pelo manto rico e consagrado.

O sono profundo e solidário apagaria qualquer resquício das culpas que a assolavam, mas estava consciente de que estariam lá para assombrá-la quando acordasse...



Kassia demorou um pouco pra juntar as peças, mas quando concluiu o que a sua intuição já lhe dizia, o gosto amargo do ódio subiu pela sua garganta e o desejo profundo de retaliação era a força que impulsionava o seu coração a bater dentro do peito. O maldito não estava morto, tinha sido transformado, e talvez da mesma maneira que ela. A certeza de que não sairia viva dessa, foi a mola propulsora que a fez se levantar da cama e entrar no banheiro anexo ao quarto.

Ela se daria o direito de ser egoísta uma última vez. Nada mais de supor como teria sido e se...

Ela saberia...

Mesmo que lá no fundo soubesse 'ser' uma mentira, ela iria 'viver' essa mentira antes de confrontar o destino que escolheu para si.

Em seu momento de maior agonia, a Guardiã ao qual ela já duvidava que conseguisse algum dia vir a respeitar, a marcara com a sua mão flamejante na altura da nuca, e só bem mais tarde, vasculhando a mente de Dêrhon, foi que compreendeu que com esse ato ela apagava os grifos que determinariam a sua ascendência imortal... A dor da rejeição foi somada à dor da traição enquanto a água rolava sobre o seu novo corpo, gelada, como seu coração e a sua alma condenada.

Sua irmã tinha deixado uma nota na mídia lamentando à sua morte, e isso também a feriu bastante, ela imaginava outro tipo de atitude da parte dela e a conhecendo como imaginava que conhecia. Foi como se a irmã tivesse jogado a pá com cal sobre seu túmulo inexistente, ou algo

pior, bem pior...

A irmã que tanto venerava nem mesmo se deu ao trabalho de notificar pessoalmente aos jornalistas, ela mandou que um dos seus assessores fizessem isso! Ou seja, ela nem jogou o cartão, os seus assessores o fizeram ao seu mando.

Korine V. Costa está muito abalada pela perda da única irmã.

Como uma espécie de resposta condescendente, Kassia apagou do histórico no computador do Dêrhon o que tinha pesquisado sobre ela e se não fosse pelo que ouviu das memórias de Lorenzo, ela até poderia se iludir que a irmã deixou 'a mídia acreditar', mas ela tinha dito ao Enzo! Estava nítido nas lembranças dele que Kori acreditava 'mesmo' na sua morte e nem mesmo queria que ele procurasse por ela.

Não faça isso Enzo, não vá, a nossa Kassia está morta e não há nada mais que se possa fazer. Acredite em mim meu amigo, não há chance de ela ter sobrevivido.

Lorenzo teimou mesmo assim, tomou as coordenadas de onde supôs que pudesse encontrá-la e seguiu em frente... Estava também em suas lembranças à declaração de que Kori 'precisava' dele, e o quanto ela ia sofrer se também o perdesse, e se não fosse por ter pressentido a presença e o chamado inconsciente dele, ele teria morrido mesmo, naquela montanha mais ao norte de onde o grupo realmente seguiu com ela.

Kassia implantou em sua mente as imagens do momento em que foi esfaqueada e implorou pela morte e levou seu corpo até onde o socorro pudesse alcançá-lo... Lorenzo agora era mais um a acreditar que ela estava morta e o seu pesar não era por ter perdido 'Kassia' em si, e sim pela dor que isso causaria em Kori.

Kassia enxaguou os cabelos com mais afinco, não era o fato de ele ou de Ricco viverem em uma constante disputa pela felicidade da sua irmã que a chateava, não mesmo! Só que estava se dando conta de que também queria algo assim para si mesma.

Ela terminou seu banho antes que a sua determinação também fosse ralo abaixo, seguiu totalmente nua para o quarto em seu alto e novo corpo e pegou a escova que provavelmente usaria pela primeira e última vez em seus cabelos ridiculamente mais longos e começou a penteá-los sem muita atenção. Estava ciente das muitas transformações em seu corpo. Agora ela tinha curvas e seus seios já não eram mais da proporção de ovo frito na chapa, sua bunda que antes mais poderia ser classificada como uma gaveta fechada ganhou alguns bons mililitros de enchimento e estava dura como os glúteos de uma ginasta olímpica, ou das jogadoras fanáticas por vôlei que algumas vezes ela se deu o direito de assistir na beira da praia ao fim de tarde. Suas pernas mais longas, seus braços também, as mãos ganharam dedos longos e por mais incrível que lhe fosse, eram os seus pés que a *consolava*; sendo justamente a única parte do seu antigo corpo que mais gostava, justo por serem pequenos e delicados, agora mais pareciam lanchas, que desconfiava ser bem um número 42, ou com muita sorte, 40.

Certo... Nada disso fez com que se sentisse querida e desejada e por dentro ainda era a mesma Kassia, que certamente precisaria de terapia por alguns bons e longos anos, se, conseguisse sobreviver.

Ela largou a escova sobre a mesa e pôs-se a escrever um bilhete que acabou virando uma carta, em seu íntimo imaginava que fosse Dêrhon a ler e uma lágrima de indignação rolou furtiva do seu rosto e respingou no papel pardo, ela estava com raiva, mas o sentimento perdia para o vazio que a cada segundo a invadia mais e mais.

Ela deixou o bilhete na gaveta da mesa próxima à porta e enviou o comando mental que tinha certeza;

Destruiria nela qualquer tipo de sentimento que pudesse emergir em futuro próximo e interferir na missão suicida que assumiria a seguir.

Aleesha manifestou-se dentro da mente dela pela primeira vez como indivíduo pensante e não parecia nem um pouco satisfeita com a sua decisão, a contrapeso, às outras três fêmeas em seus sonhos também não tiveram as opiniões e os direitos respeitados e teriam outras mais se não tomasse uma atitude, então Kassia lançou os pensamentos de Aleesha para o fundo da sua mente e se manteve de pé, gloriosamente nua, em frente à majestosa cama a aguardar...



CAPÍTULO 12

Cale a boca, e volte de onde saiu...

Xstrauss chegou a abrir a boca quando a viu, mas nenhuma palavra saiu. A fêmea estava nua de frente pra ele e bloqueou suas cordas vocais ao mesmo tempo em que acionou as telas de aço entre as portas e janelas do quarto com um comando mental. Eles estavam presos ali dentro, ela o estava prendendo no lugar, e isso não era nada bom, estava pressentindo que não.

Ela balançou a cabeça levemente em negação e os seus olhos, agora tomados pelo mais claro tom de azul cintilavam de uma forma estranha e até mesmo sombria no rosto desprovido de qualquer tipo de emoção enquanto o examinava e ele permanecia totalmente impotente sob o seu comando. Ele trinca os dentes.

— Não quero que me fira dessa forma, — ela se referia às suas palavras e ele assente abrindo a boca, mas ela torna a balançar a cabeça em negar;

— Tarde demais Xstrauss, eu não tive tempo de pensar, é justo que você também não tenha.

Xstrauss tremeu por dentro entre ódio e medo e ela lançou o forte e inegável comando que o surpreendeu e tirou em definitivo dos eixos.

— Eu sinto a sua raiva pelo que eu sou e represento e quero que você a desconte em mim, sem piedade... Quero que me tome com toda a sua força e fúria, e, Xstrauss eu o quero, agora.

Ela liberou sua musculatura e ele partiu pra cima dela como a besta fera que era cravando os dentes na garganta macia.

O seu gosto era doce como o mel e cálido como o vinho e ele rosnou, ela era só aceitação e isso deixou em carne viva por dentro, mas movido pela compulsão dela sobre seu corpo ele soltou os dentes e mordeu de novo com brutalidade enquanto a arrastava pra cama e se forçava entre as suas pernas.

Imagens daquela Valquíria se misturavam e mesclavam às da fêmea embaixo do seu corpo e ele ganiu alto entre a dor e o desejo. Era puro terror e total desespero quando sentiu que rompia a tênue barreira em seu centro úmido e ela não gritou, não emitiu um único ruído sequer!

O seu corpo maldito continuava se movendo feroz, implacável. Só o coração disparado e a rigidez na sua musculatura denunciavam a dor que ela estava sentindo. E isso o estava matando...

Ele queria parar, mas ela o impelia mais e mais a ser agressivo e seu corpo obedecia ao comando com a ferocidade e a compulsão incontestável, ele a mordeu do outro lado da garganta mortalmente ferida e queria rugir, queria gritar, ele queria implorar para que parasse enquanto o seu sangue escorria e sua garganta absorvia o néctar precioso, mas ela não o ouvia.

O seu corpo se movia independente da sua vontade e ele nunca sentiu tanta raiva de si e da sua sina maldita quanto estava sentindo agora e o inevitável aconteceu acompanhado de um ganido sofrido e as lágrimas turvavam a sua visão

Os jatos de gozo do seu corpo imundo invadiram o corpo da fêmea enquanto ela o acariciava na nuca como se o consolasse e ele espasmou de novo e de novo... Não!

O seu corpo maldito e tomado pela compulsão 'gozou' dentro dela...

Logo que se entendeu livre, ele a esbofeteou com toda força da sua raiva, deixando a marca da sua mão no rosto da fêmea, possesso de verdade com o que ela o obrigou a fazer!

Ela não se mexeu.

Nem mesmo se encolheu.

Só ficou lá, olhando de lado para ele como se não o visse de verdade e pouco antes de alcançar a porta, conseguir abrir com dedos trêmulos e disfuncionais e fugir dali. Xstrauss vislumbrou de relance uma única e grossa lágrima rolar no rosto pálido desprovido de qualquer tipo de emoção. Que ele tinha deliberadamente esbofeteado. Na fêmea que por muito pouco não havia matado.

Ao mesmo tempo ele sentia que tinha feito exatamente isso.

Ele, e somente ele, a havia matado por dentro. Porque dentre 'todos' eles. Ele era o único que tinha esse tipo de poder sobre ela, porque ela o amava, céus, ele não seria capaz de viver com mais isso...

Ela o amava de verdade... Ele saiu destruído da mansão e clamou pelos seus irmãos em sua dor. Implorou que o escutassem, que dessa vez eles fizessem direito e acabassem com a sua existência miserável!

Ele se deixou cair no chão do pátio externo e chorou. Ele matou a fêmea que o amava, em seu desespero gritou alto como um bramido de trovão. Desejou com todas as forças que seus irmãos dessem cabo a sua maldita existência, mas fora a Guardiã quem lhe apareceu em toda sua mortal resplandescência, e antes que sua luz o cegasse ou implodisse, o chão se abriu debaixo dele e tudo mais escureceu à sua volta...

O sono não chegou pra ele, a terra o abraçou e a escuridão o envolveu, deixando-o totalmente consciente dos seus atos. Era isso...

Nada de fim pra ele. Pela vontade da Guardiã maldita, estava sendo enterrado vivo e consciente, e isso sim, era um castigo ainda melhor que o fim.



Mahren olhou a terra sob seu corpo como se a acariciasse por um breve instante, ele poderia até não perdoá-la, mas ela perdoaria a si mesma pelo que se viu obrigada a fazer com ele. E por todos eles...



Kassia ganiu e Aleesha foi o eco mais que perfeito da sua voz e do buraco negro que se formou em seu peito. Ela sentiu em si mesma o exato momento em que o coração de Xstrauss bateu pela última vez e o seu corpo alquebrado foi ao chão nos limites do condomínio. Lágrimas de pesar vieram à tona e ela ganiu mais uma vez com a dor profunda.

Você o matou!

Aleesha a acusa, imbuída da mesma dor lancinante.

Kassia se deita de costas e leva o antebraço por cima dos olhos, como se assim pudesse calar

a voz de Aleesha dentro de si. As emoções delas se mesclavam e num esgar de consciência a enfrenta;

Você esteve durante todo tempo ai dentro. Até que ponto acredita que pode me acusar?

Aleesha não podia e isso a calou, mas as imagens marcantes passavam como corrente vulcânico e intempestivo na mente que ambas dividiam.

Kassia já tinha se materializado ali quando a dor que vinha do mais fundo de sua alma explodiu dentro dela em fragmentos cruéis de uma realidade irremediável. Ela o amava e ele já não mais existia. X Strauss estava morto assim como elas logo estariam...

Ele observou com desânimo as cinzas que sobraram do corpo cremado sobre a sua mesa e balançou a cabeça em negação. Essa última nem mesmo ofereceu qualquer resistência e a sua total aceitação com tudo que ele queria fazer foi um senhor pé no saco e ele teve a primeira alteração com a entidade que o acolheu em sua nova existência, por causa dela.

Mahren o deixaria a própria sorte nesse mundo, que ainda era um campo desconhecido, se ele não tomasse uma atitude, e logo.

Ela disse o seu nome para ele em êxtase quase infantil quando ele conseguiu quebrar a resistência da segunda fêmea e a vadiazinha implorou por misericórdia, e o prazer que ele sentiu com elas foi incrível!

E depois vieram às gêmeas...

Ah, santo caralho! Só de lembrar seu pau vibrava grosso e duro feito rocha! Essas deram trabalho!

Mas foi incrivelmente prazeroso trabalhar nas duas ao mesmo tempo! Se foi! Usar o amor que uma sentia pela outra foi o golpe de mestre que usou pra conseguir tudo o que queria delas e tanto uma quanto a outra, sentiram o peso do seu braço, as marcas do seu chicote e o gosto do seu gozo, bem no fundo nas suas gargantas.

Elas fizeram de tudo que ele quis, do jeito que ele quis! Mas não sem uma boa briga antes. Não, essas iam ficar para a história...

Quando a primeira delas desistiu e implorou para morrer, a segunda foi na sequência movida pela culpa e *Mahren*... Caralho!

Ela era fabulosa nessa hora! Ela não aparecia durante todo o processo de doutrina e sempre o deixava bem à vontade com relação ao tempo que se dedicava às fêmeas, ou aos métodos de persuasão e doutrinação que usava com elas.

Mahren só aparecia em cena quando elas começavam a cansá-lo e já não tinham mais o que oferecer que ele quisesse e, puta que pariu!

Ela também era foda! O seu tipo ideal de mulher! Ela parecia com toda sua falsa candura e as infelizes se agarravam a ela implorando pela liberdade que lhes era dado, mas não sem antes curtir um pouco com as carinhas das vadias.

Ela as fazia acreditar que tinham o controle sobre suas próprias vidas e o direito de escolha e as descartava como o gado que eram para pouco tempo depois providenciar a vinda de outra, como tinha lhe prometido antes, e ele nem precisava sair à caça.

Elas apareciam nas imediações da entrada do seu apartamento no subsolo ou como no caso das gêmeas, na floresta dentro dos limites que lhe foi imposto, e ele era acordado pelo cheiro

delicioso delas com o pau já latejando entre as pernas.

Até essa parte era prazerosa. Ele tinha todo território subterrâneo para caçar, e amedrontá-las transformando-se em animais ferozes antes de aparecer como ele mesmo, todo inocente e salvador, e levá-las para a réplica perfeita do apartamento que se viu obrigado em desfazer alguns anos antes.

Mas essa última...

Que situação!

Só fez chorar durante todo o tempo que esteve com ele no subsolo. A infeliz era irritantemente, passiva, e ele já pensava em desistir dela quando *Mahren* sugeriu que ele se alimentasse e na sequência rasgasse a garganta da fêmea, e ele se negou, estava entediado por causa da filha da puta e era sádico por natureza, mas não fazia parte do trato que seria um assassino.

Não se não quisesse ser...

Se elas escolhiam esse caminho, que se dane, era problema delas! O seu prazer era dominar, vê-las sofrer, subjugadas à sua vontade, quebradas ao ponto de implorar pelo peso da sua mão ou do açoite, e não pegava leve com essas, nunca mais precisaria pegar leve!

Mahren garantiu que enquanto a aceitasse como sua Guardiã, ele poderia se servir delas como bem quisesse, essa era a sua vingança.

Mas ela desapareceu furiosa dessa vez.

Ela o lembrou de que ele pertencia a ela, e ele perdeu as estribeiras. Sim, ele era dela! Tinha feito a porra do juramento e ofereceu seu sangue e fidelidade eterna a Ela aceitando-a como sua Guardiã, mas isso não incluía matar entre outras coisas que não se via obrigado em fazer e ela logo descobriu que não estava lidando com um idiota!

Se ela o dominava por cima, ele a dominava por baixo. Afinal, foram vários anos de experiência tanto como sub de Andreia quanto quando virou o jogo e tornou-se o único e exclusivo dono dela.

Ele se manteve irredutível até que a entidade perdesse a paciência, e ela a perdia, com uma facilidade o que o deixava alerta e excitado ao mesmo tempo! Por um instante imaginou-a subjugada a ele de joelhos, chupando seu pau e enterrando fundo na garganta dela e ela saboreando sua porra com avidez... Ela sorriu com frieza velada e apontou a fêmea presa a mesa;

Não perca seu tempo em desejar algo que não vai acontecer meu querido, antes, quero deixar algumas coisas claras pra você...

Ele congelou por dentro quando ela sorriu novamente, aproximou da mesa em ameaça velada, com a expressão serena e seu toque mortal, ela carbonizou a fêmea sem o consentimento dela e o cheiro fétido de carne queimada permeou o cômodo, irritando as narinas extrassensíveis dele.

Com isso, ela deixou claro que poderia fazer o mesmo com ele se quisesse e talvez até fizesse, e também subentendeu que induzir o consentimento das vítimas era só uma diversão extra para ela, que ela podia abrir mão de induzir o 'pedido', quando bem quisesse.

Ela o fulminou com um sorriso no olhar que prometia vingança e logo depois desapareceu.

Pensativo, ele deslizou os dedos sobre a superfície da mesa e saiu do quarto de jogos fechando a porta por trás de si com um comando mental.

Ele até podia viver pra sempre e o prazer que tinha no jogo estava ainda maior com seus sentidos mais apurados, mas desconfiava que toda eternidade nesse ciclo repetitivo já não era mais tão agradável quanto imaginou que seria, e também não era idiota em acreditar que não era mais do que um brinquedo nas mãos de uma entidade aparentemente volátil, poderosa, e possivelmente entediada. E que ele teria que esforçar-se em dobro para trazê-la de volta para o seu lado. Ou estaria literalmente ferrado.



CAPÍTULO 13

Dërhon e Zarcon entram no quarto praticamente ao mesmo tempo e ambos ficam impactados com a mesma visão. Os lençóis estavam emaranhados e espalhados na cama e no chão e o cheiro de sexo invadiu as suas narinas como um soco bem dado em seus estômagos ou chutes bem no meio das suas bolas.

Zarcon grunhiu primeiro, mas logo foi seguido por um grunhido de Dërhon e ambos sabiam exatamente o que tinha acontecido ali, mesmo que Dërhon não estivesse monitorando o quarto e toda a cena indigna e cruel não tivesse gravada, o cheiro que pairava no ar era incontestável.

Xstrauss tinha tomado a K, e de forma que todos eles aprenderam tanto a temer quanto a abominar.

Dërhon levantou de súbito da poltrona onde devaneava quando os sensores de segurança apitaram alertando-o de que o quarto da fêmea estava sendo trancado pela tela de aço, tinha saído por respeito da frente do monitor quando ela saiu do banheiro, com aquele cabelo negro fantástico cobrindo suas costas nuas até quase a altura do traseiro, que... Zarcon pigarreia, e não é nada sutil.

Dërhon trinca os dentes e a mancha de sangue entre os lençóis chama a sua atenção, ele engole em seco e se volta para Zarcon.

— Ela era...

Ele não conseguiu terminar a questão e Zarcon arranca da cama com violência o lençol que encobria em parte, o sinal de sangue dela.

— Virgem.

Zarcon concluiu com um rosnado de desgosto.

— Mas ela, eles não... Como?

Zarcon passa a mão no rosto e bufa, sem coragem de verbalizar ele pensa;

Os humanos a torturaram com sexo anal, mas não tiveram tempo de violar, nós, Xstrauss...

Dërhon soca o ar e seu rugido faz tremer às paredes do quarto;

— Como ele foi capaz de fazer isso?... E de novo! Caralho! Como é que o cara pode ser tão imbecil? Ele estava lá! Viu em primeira mão tudo o que ela passou! Caralho, caraalho!...

Dërhon se viu obrigado a assistir impotente ao seu próprio irmão por cima da fêmea no quarto trancado e saber agora que ainda era virgem e nem mesmo tentou se defender só fez aumentar o seu ódio por ele!

Zarcon o socou com toda fúria que estava sentindo por dentro e Dërhon foi arremessado no chão com o golpe surpresa.

— Se não tivesse dedicando tanto tempo ao que carrega entre essas malditas pernas em vez de fazer o que se comprometeu a fazer...

Dërhon se levantou de um salto e silvou furioso para o irmão apontando-o;

— E você? Seu covarde de bosta! Se, se, se! — ele gritou e voltou a socar o ar;

—Eu estava respeitando a privacidade dela! E o que faço com o 'meu' corpo não lhe diz

respeito, agora você! O que foi que me aconselhou quando me decidi em pedir a ela que me escolhesse, hein? Será que vou precisar refrescar sua memória, seu bosta? E daí, que ela nunca chegasse a me amar? Eu a amaria por nós dois, ok? Não sou um merda de um fraco como você, e ela nunca estaria sujeita a passar por situação assim comigo! Eu nunca a machucaria de propósito!

Dêrhon caminha em direção à porta do banheiro e bate com força no portal reposicionando o ombro deslocado pelo soco e grunhe baixo, encostando a cabeça no portal ele começa a tremer e chora sem pudor algum.

Havia caído na idiotice de tratá-la como Xstrauss a vinha tratando na esperança idiota de que ela comesse a se interessar por ele, e deu na merda que deu.

Não vou te pedir desculpa pelo soco. — decidiu Zarcon

— Foda-se. Eu não te pedi nada!

Dêrhon rebateu e desapareceu do quarto, era consigo mesmo e com Xstrauss que estava puto da vida. E que a Guardiã o salvasse dessa, porque se ele o encontrasse primeiro, não sobraria nem a bosta do pelo da besta em seu couro dessa vez!

Zarcon sente a presença do *Neimo* em suas costas e seus olhos não deslocam da cama à sua frente.

— Pode entrar Ores, eu já estava mesmo de saída.

Ores pigarreia sutilmente e informa ao seu senhor;

— Ferguz aguarda a qualquer um de vós no grande salão, senhor.

Zarcon se volta a encará-lo e o *Neimo* explica;

— Creio que o assunto seja relacionado à diletta da senhora K, a fêmea que tem por nome Ailin. Ao que parece, a fêmea também desapareceu.

— Como assim, 'também'?

Zarcon perguntou e pela primeira vez em milênios ele viu um quê de ira cintilar nos olhos negros do *Neimo*.

Zarcon respeitava isso, mas não podia permitir que se tornasse uma constante, então ele se aprumou em seus mais de dois metros em desafio, e o *Neimo* fez uma reverência curta e sustentou o seu olhar,

— Senhor...

Ores o desafiou de volta e ele grunhe soturno;

— Que seja... — e logo depois desaparece do quarto.

Afinal, quem era ele, para julgar? E o *Neimo* já servia aos seus pais antes que eles nascessem. Isso por si só já bastava para ter o seu reconhecimento e ele nem precisava encarar a um espelho para ver um olhar condenatório igual ao do *Neimo*. Ou menos complacente ainda, o encarando de volta.

Ores inalou e soltou o ar devagar, como o velho cansado que até então não se dera conta que era e se aproximou da cama, puxando o lençol manchado com o sangue da menina que tinha conquistado o seu respeito e levado com ela o resto da sua sanidade e levou o tecido ao nariz inalando profundamente.

Fazia parte da sua natureza empírica não julgar ou condenar alguém sem estar total e irreversivelmente ciente de todos os fatos e o sexo que aconteceu ali não foi de fato

consensual, mas o cheiro do medo e da ira vinha de alguém que ele conhecia bem e tinha visto nascer...

Seu macerado coração se apertou dentro do peito e uma brisa suave adentrou o quarto. De onde estava ele abaixou em reverência e sua fronte cansada tocou o chão.

Ela se aproximou e o tocou de leve nas costas fazendo com que se levantasse, e ele levantou. Não havia palavras ditas entre eles há muito tempo, mas ele, mais do que qualquer outro ser, conhecia sua dor, e compartilhava com ela, todos os sabores e dessabores dos seus diletos.

Ela lhe sorriu um sorriso triste em reconhecimento, e apontou a gaveta da mesa perto da porta antes de partir...

Ferguz para de andar de um lado ao outro do grande salão, tão logo sente a presença do rei.

— *Meu rei.*

Zarcon faz um gesto com a destra;

— Dispense às formalidades, diga, o que o trás aqui?

Ferguz observa a expressão cansada de seu rei e meio que engasga,

— Ailin desapareceu e temo que ela tenha conseguido ultrapassar os limites de segurança do nosso mundo, senhor.

— E você quer que autorizemos a sua saída para além dos limites do condomínio, para que possa procurá-la.

Zarcon conclui e Ferguz assente sem titubear;

— E você não se alimentou dela ou ela de você.

Mais uma vez não era uma pergunta de seu rei e ele passou a mão no rosto soltando o ar devagar.

— Já passamos por isso antes, Ferguz. Somente uma fêmea tem poder e conhecimento para sair do condomínio, e Ailin, seria a última pessoa que ela levaria consigo. Vocês brigaram ou algo assim?

Agora era uma pergunta e Ferguz cruza suas sobrancelhas, confuso;

— Meu rei, não, mas é possível que...

Ferguz faz uma careta e contém o impulso de repetir o gesto do rei de passar a mão no rosto,

— *Rein*, e *Mäi* de Ailin ameaçou cortar as minhas bolas e comê-las no jantar se eu não...

Um sorriso começou a brincar no canto dos lábios de Zarcon, mas ele logo se recompõe a solidarizar-se com o constrangimento do jovem guerreiro,

— Ela vai aparecer, Ferguz.

E baseado na própria experiência, argumenta;

— As fêmeas tem esse dom de nos pôr loucos e constrangidos e também desaparecem de tempo em tempo, mas elas aparecem de novo e...

Zarcon leva o punho fechado sobre a boca e pigarreja ciente de que os seus olhos estão vermelhos e Ferguz balança a cabeça assentindo, igualmente constrangido, por estar quase chorando também.

— Nossos limites foram reforçados depois — reforça o rei mais recomposto —, nem mesmo um guerreiro experiente, consegue ultrapassar o campo... — e ele se cala.

Afinal, Aleesha conseguiu passar, Kassia também...

— Ailin, não. Não. Ailin não é de primeira linhagem, é isso! Merda, puta que pariu, caralho!

— esbraveja.

Dërhon!

Ele invoca o irmão em pensamento e Dërhon materializa no grande salão, seguido por Ores. Dërhon trás um papel amassado em uma das mãos e Ores continua o encarando, desafiando a castigá-lo pela sua insubordinação.

Zarcon meio que entrefecha os olhos e bufa e Dërhon se interpõe a comunicar-se mentalmente.

X Strauss não a violentou...

Zarcon o encara sério e ele faz uma careta.

Estava no seu escritório quando Ores chegou com o bilhete de Kassia, que agora tem em mão, e antes de entregar ao irmão ele se volta para Ferguz;

— Ailin não ultrapassou os limites do condomínio, é mais provável que esteja sob o solo e se for esse o caso. Ela só se adiantou ao comando que dei para todas as demais fêmeas do condomínio e ninguém, e quando digo ninguém; Incluo a mim e aos meus irmãos também, poderá sair do condomínio, até segunda ordem.

Dërhon nunca tinha falado tão sério assim antes e a sua expressão parecia ter envelhecido uns 500 anos. Pela tradição, cabia a ele, na falta de X Strauss, ser o primeiro em comando abaixo do rei e Zarcon estudou a grade emocional enquanto ele falava com determinação, e o que viu foi um macho forte e um guerreiro nato em toda sua plenitude e se orgulhou do irmão.

Contrariado, Ferguz trinca os dentes e Dërhon acrescenta;

—... Um Guardião superior de nome Jarel está com suas sentinelas vigiando as fronteiras do nosso mundo pelo lado de fora. E a ordem é exterminar qualquer um, seja macho ou fêmea, guerreiro ou civil, que se atreva a passar.

Dërhon acionou todos os recursos que impedisse a qualquer um deles de ultrapassar os limites do condomínio, mas ele pôde sentir a determinação do macho à sua frente e bufou impaciente. Ele enfiou o bilhete no bolso e num piscar estava em cima de Ferguz com a mão em seu rosto. O macho arregalou e fechou os olhos e Ores apareceu ao seu lado e o auxiliou a deitá-lo na poltrona mais próxima.

Eu cuido dele, senhor. — oferece Ores e Dërhon acena grato.

Zarcon engole a surpresa com o feito do irmão e Dërhon crispa uma mão na outra;

— Ele vai ficar bem. — garante Dërhon — Só irá acordar daqui a uns três dias com a sensação de que foi enfiado em um tanque de formol, mas é melhor do que ser mais um morto para Ailin embalar, quando ela acordar.

Dërhon retira o papel do bolso e o entrega ao seu irmão.



Espero que não seja tarde pra vocês, como provavelmente será pra mim; Dërhon, por algum motivo eu sinto que é você que vai ler isso primeiro, então vou deixar por escrito o que penso no momento ao seu respeito em uma linguagem que talvez você entenda;

a) Um babaca e uma bosta de um escravo cego é o que você é!
b) Mahren está desistindo de brincar de Guardiã com todo mundo, e como grande final ela permitiu a transformação de um dos sádicos que me violentou. É ele que vem torturando as humanas com pequenas frações de Höemn no sangue. (Kades, como custou me fazer entender), e elas nem sabem o porquê, mas quando ele termina com elas, elas estão implorando pra morrer e o anjo da morte chega à forma de uma luz branca que as faz entrar em combustão com um toque, tão logo elas confirmam aceitarem o fim. E se está especulando como creio que está, eu sei o que sei, porque senti na pele e vi com meus próprios olhos a luz branca que 'eu' e você, conhecemos bem, e c) Mas não menos importante; (posso não ter um antiácido), mas eu farei com que Xstrauss acabe com o que sobrou de sentimento em mim, porque não quero dar a honra a um doente que não merece nem o mínimo que seja da minha consideração. O que vou levando para o desgraçado é só a casca de algo que morreu bem antes e, Zarcon, Aleesha te amou sim, mais do que ela mesma pudesse supor até que fosse tarde, ela continua em mim, como a fera com Xstrauss.

Aliás, creio que é aqui que devo afirmar que eu escolho a fera a qualquer um de vocês! Ela me machucou bem menos e me deu mais afeto que todos vocês em poucos minutos de contato. Se não quiserem acreditar. Fodam-se, já estamos todos mortos mesmo, pelo menos sei que procurei fazer a minha parte, K.



— A menina K não sabe que existem outras entidades que podem apresentar-se como a que viu em suas visões. — cita o Neimo.

Zarcon assentiu ao entregar a carta de volta a Dërhon

— Nós sabemos Ores, mas me diga, já que enfim soltou a voz, o que impede a nossa Guardiã de fazer exatamente o que foi afirmado pela K, nessa carta?

Ores olhou a cada um dos irmãos estudando-os e declara;

— O sentimento que ela tem por cada um dos, senhores. Agora, se me derem licença.

Ores não esperou para ser liberado, desapareceu levando consigo o corpo inerte de Ferguz e Zarcon desmaterializou tomando direção ao seu quarto, Dërhon também desmaterializou concentrando rumo ao seu escritório, mas ambos os irmãos se viram a tomar forma em outro

lugar...



Ele acordou de súbito e instintivamente levou a mão no pescoço ainda esfacelado. Aos poucos sua memória foi emergindo e ele se levantou do chão onde tinha praticamente desmaiado. Todo o seu corpo tremia enfraquecido e banhado em suor gelado, e às feridas abertas em seu pescoço era uma das evidências de que não tinha sonhado, e outra, era a fêmea que dormia na cama em seu quarto.

Por cerca de três a quatro dias ele vagou as cavernas subterrâneas, faminto, sedento e abandonado. *Mahren* não apareceu mais depois da última altercação que tiveram, e quando sua fome chegou ao extremo, as lembranças da semana que passou ao lado da mãe morta vieram à tona e mesclavam com as atuais atentando contra sua sanidade. Ele saiu do esconderijo no subsolo e estava à caça na floresta próxima às imediações quando sentiu o cheiro dela e sobrevoando por cima da mata que a escondia, ele a avistou deitada entre as fendas das rochas.

Logo que tocou o chão ele voltou à sua forma humana e caminhou na direção do corpo curiosamente chocado. O pescoço dela estava dilacerado dos dois lados e uma enorme mancha rocha com bordas já amareladas torneava todo o lado esquerdo da face delicada, e essa foi sua primeira visão.

Quando ele abaixou-se por cima dela, ela abriu os olhos a encará-lo, e eram os olhos mais lindos que ele já tinha visto na vida.

Eu escolho você para me servir.

Ela disse num fio de voz e o mordeu...

Ele leva a mão no pescoço ainda incrédulo, ele não fez nada pra impedir! Um calor brando o invadiu enquanto ela sugava o resto das suas reservas com avidez e só de recordar as sensações o seu corpo pulsa por inteiro, ansioso pelo seu próximo comando dela.

A sua fome era absurda e parte dele estava desejoso de um banho, mas a necessidade de estar próximo da fêmea era incontrolável! E ele não se atrevia sequer a respirar mais alto para não incomodá-la em seu sono.

Kassia podia sentir a surpresa e o assombro de Sérgio e continuou de lado na cama que ele a tinha deitado. Sair do condomínio foi um pouco mais difícil do que imaginou que seria, mas ao menos agora, Aleesha se mantinha calada dentro da sua cabeça.

Ainda precisava restabelecer dos ferimentos que obrigou X Strauss a fazer consigo, e a certeza de que ele estava morto, só aumentava ainda mais a sua vontade de fazer da vida do Sérgio um verdadeiro inferno.

Comprometê-lo não era sua ideia inicial, mas acreditava que teria mais tempo para se curar antes de confrontá-lo de igual para igual. As outras fêmeas que ele torturou, ainda nem tinham passado pela transição, e se havia algo que podia agradecer a Guardiã, era sobre o curso intensivo de dor que a fez passar em suas mãos diabólicas. Agora nada mais seria tão assustador.

Kassia sentiu a garganta reclamar seca e no mesmo instante ele se postou de joelhos à sua

frente oferecendo o pescoço, ela mordeu logo abaixo da ferida e sugou sem demonstrar qualquer sentimento.

A mente de Sérgio estava girando em um turbilhão de cogitações sobre as atitudes dele referentes a ela, e nesse momento tanto ela quanto Aleesha compartilhavam do mesmo pensamento sombrio carregado de pesares.

O macho que ambas amaram mais do que qualquer outro, não mais existia.

Foi difícil para Kassia quando entendeu que Aleesha tinha escolhido Zarcon, quando quem ela amava com toda sua força era Xstrauss.

Aleesha chorou junto com ela quando sentiram que ele deixava de existir, tinha mais coisas ali, mas Kassia decidiu usar a estrada de mão dupla com a sua singular companhia.

Se Aleesha tinha seus segredos ela respeitaria, desde que Aleesha respeitasse os seus. E seu corpo ainda era seu, e ela disporia dele como bem entendesse.



Zarcon e Dêrhon foram abduzidos, ambos chegaram a essa conclusão. Eles estavam presos em um plano intermediário entre os mundos e nenhum dos seus poderes funcionava como estavam acostumados.

Dêrhon parecia imerso em um mundo próprio dentro da sua mente. Calado, taciturno, com os olhos azuis como os de sua mãe e irmãs, focado na barreira de luz, que logo ao que chegaram, descobriram ser intransponível.

Todo ambiente assepticamente branco e irritantemente silencioso parecia-lhe a pior representação de inferno que já se encontrara antes e desconfiava que eles pudessem passar toda uma eternidade presos ali dentro, antes que alguém de fora desse conta da falta, ou presença de cada um, dependendo do ponto de vista.

Nenhuma das necessidades fisiológicas como fome ou sede, ou frio ou calor, ou qualquer merda das quais estavam acostumados a sentir, parecia ter efeito ali, e o silêncio só era interrompido pelo chiar constante das respirações e batimento de seus corações. Eles não estavam mortos, mas estavam enclausurados e a sensação de que eram observados por algo ou alguém, já começava a incomodar seriamente.

— Vocês nunca... —Dêrhon se cala e bufa —, esquece. Deixa rolar essa.

Zarcon se deixa cair deitado de costas no chão liso e também irritantemente branco e leva o antebraço sobre os olhos, decidido que se eles voltassem a viver na mansão, tudo que lá fosse branco, seria impreterivelmente descartado.

— Não, nunca chegamos a fazer sexo se é o que quer saber.

Dêrhon se deita uns dois braços de distância do irmão e decide não cobrir os olhos como ele, apesar de ser essa sua vontade e isso o torna total e plenamente consciente de que ele sempre foi assim.

Se os irmãos queriam isso ele queria aquilo, e era bem complicado, já que Zarcon era o taciturno, o compenetrado, o rei responsável e zeloso de todo seu mundo, e Xstrauss extremo oposto, o briguento, rebelde irresponsável, avesso a qualquer convenção, indisciplinado. Caralho! Bom de luta como ninguém também e Dêrhon se pegou sorrindo.

— O quê está pensando?

Dërhon virou o rosto na direção do irmão e sorriu de novo.

— Bacana, não consegue compartilhar? Não era de você que estava rindo se é o que está pensando com essa sua cara de bunda aí!

Dërhon suspira profundamente e testa prender a respiração só pra constatar que também não precisavam respirar ali, só o estão fazendo por hábito é o que conclui e começa a rir sem controle, logo o riso se transforma em gargalhada e Zarcon se contamina até perceber que seu irmão está chorando como um retardado.

— Eu ia matar o cara, pode? Ele fez o que fez porque não tinha escolha e... Caralho, se vocês soubessem...

Dërhon agora pensava livremente sobre tudo que já tinha feito a mando da Guardiã, e as vozes das criaturas que capturava e devolvia aos domínios dela ao longo dos anos, ecoavam como uma irritante batida de funk dentro do seu subconsciente, ou era assim que preferia acreditar.

Muitas delas usavam os humanos como hospedeiros e passavam de geração a geração deles como um vírus. Imperceptível e bem difícil de distinguir, mas se chegassem a eclodir em seus corpos, nenhum 'ser vivo' no planeta, mortal ou imortal estaria a salvo da extinção...

Saber disso não tornava seu trabalho mais fácil e instintivamente ele coçou o pulso da sua mão esquerda. Toda a sua estrutura física era alterada quando ele estava em missão e se transformava numa espécie de satélite com poder de vida e morte sobre qualquer coisa que viesse a hospedar partículas dos seres que podiam destruir com todo universo.

Quando eram animais irracionais, ele sofria, mas quando eram humanos ou vampiros, um pedaço dele seguia junto, e ele sempre se sentia menos vivo.

— Tudo bem se não pode contar — a voz do irmão o tirou do devaneio e ele morde o pulso e bate a cabeça no chão —, mas quero que saiba que se me for permitido, sempre estarei por perto quando você precisar. Eu te amo, cara!

Dërhon sentiu as lágrimas brotarem e riu.

— Também amo você. — e ele riu de novo com sua gagueira e o fitou de lado — Não vamos nos abraçar nem nada do gênero não, né Zé? Já passamos da medida, é bom que fiquemos por aí mesmo...

— E você nem quer tirar sarro com a minha cara pelo tempo que servi Aleesha sem nenhum tipo de retorno? — provocou Zarcon.

Dërhon se sentou com essa e encarou o irmão;

— Sacanear não, mas cara! Eu passei séculos acreditando que ao menos disso eu tinha motivo pra ter inveja de vocês dois e vocês, nada?!

Zarcon move os ombros largos com pouco caso e sua expressão se torna séria.

— Eu não me tornei celibatário como você, mas já há algum tempo eu pensava que teria sido melhor se eu fosse...

Zarcon se lembra do único e faminto beijo com Kassia e seu peito dói. Ela correspondeu e ele tinha certeza que teriam ido mais longe, se certa imagem não tivesse inundado seus pensamentos. Ele até então, achava que amava Aleesha, mas na verdade era só o seu orgulho que lhe fez perseverar ao lado dela, dia após dia, século após século. Esperando que um dia ela dissesse que o amava, e pra quê?

Para desdenhá-la e lhe lançar na face o fantasma que marcou presença na cama entre eles dois

todos esses anos?

Zarcon se levanta de ímpeto com uma imagem específica de Aleesha em sua mente. Ela estava por cima do corpo da Kassia lutando pela sua vida, sim... Mas algo que só agora se deu conta era de que o desespero dela em salvar a fêmea não era pela fêmea em si.

Era por causa de Xstrauss.

Xstrauss era o fantasma que pairava entre eles na intimidade do seu quarto... Caralho! Mil vezes CARALHO!

Se fosse qualquer outro guerreiro morto ele podia entender, mas Xstrauss era um 'galinha' assumido, e trouxe a Valquíria com ele depois de quase um quarto de século desaparecido!

Ele estava vinculado e só então ela havia se permitido escolher outro. Porra, isso sim é que era bofetada!

Zarcon se pôs de pé em um salto e começou a gritar irado e a plenos pulmões;

— Seus desgraçados filhos de chocadeira! Deixem-nos sair ou acabem logo com essa porra!

Zarcon correu como um animal enfurecido disposto a arrebentar — ou o que Dêrhon julgou, 'se arrebentar' —, contra a barreira de energia, e viu com assombro mesclado a alívio, e uma imensurável vontade de rir, quando seu irmão literalmente estatelou-se do outro lado. A parede em torno deles se esvaiu por completo, e uma luz ainda mais intensa os deixou cegos por um instante.

Zarcon olhou pra frente desconcertado, e ao longe no espaço largo, para a multidão de corpos esguios femininos com túnicas diáfnas que lhes cobriam até os pés, e céus!

Eram centenas delas! Um grande vulto pairou na frente dele e ele se viu obrigado a olhar para cima, reconhecendo a figura que bloqueava o seu olhar especulativo sobre a multidão de fêmeas ao longe. Ele soube neste momento, pra onde foram levados.

A figura era também feminina, mas em nada fazia o seu estilo de fêmea, ela era musculatura pura, e ele podia supor sem muita margem para dúvidas, que ela se sairia muito bem em uma luta corpo a corpo com qualquer dos seus melhores machos.

— Brianis...

Ela assente num gesto curto e retorna ao seu rei com voz firme;

— Meu rei.

E a parede extrafísica por detrás dela, os circunda novamente.



CAPÍTULO 14

Ele já não tinha força pra engolir a própria saliva, mas a necessidade de servir a fêmea aos seus cuidados sobrepujava qualquer outra vontade e ele permanecia no chão ao lado da cama, aguardando, preso e subjugado a essa obsessão de não abandoná-la nem por um segundo, e descobriu um tanto surpreso, que sentia muito prazer enquanto ela usava o seu corpo, quando se entregava ao desejo que sentia de servi-la sem pensar, sem lutar.

Se antes achou que sua barriga estava colada nas costas, agora tinha certeza, e que o ímpeto de sair e sugar qualquer coisa que sangrasse era com o único propósito de prover a fêmea em seu quarto, também.

Ele se lembrou do momento em que acordou na floresta e ela dormia ao seu lado, a forte compulsão que sentiu em defender a fêmea de qualquer coisa que a ameaçasse foi o que lhe deu forças para se abraçar a ela e desmaterializar rumo ao subsolo com o corpo ferido, e tudo o que vinha sentindo desde então, só podia ser amor, paixão, qualquer outro sentimento do qual ele nunca havia sentido antes.

Ele tinha a pouco alimentado a fêmea mais uma vez e num ímpeto louco ele a beijou na fronte e a cobriu. Logo que ela adormeceu ele reparou com orgulho genuíno que as suas cicatrizes começavam a se fechar e tudo que mais desejava era que ela não se afastasse dele nunca mais!

Ele era um homem diferente por sua causa e não abriria mão disso por nada nesse mundo. Era algo libertador poder olhar no rosto de uma fêmea e não sentir vontade de machucá-la ou subjugá-la às suas vontades, e passaria de muito bom grado o restante da sua eternidade ao lado dela.

Admirando a mulher que foi capaz de mudar todos os seus conceitos relacionado a elas como um todo, não que se sentisse culpado pelas outras, isso não. Se ele as usou também se deixou usar por elas, mas essa ele tinha a mais convicta certeza que seria capaz de fazer qualquer coisa para que fosse feliz ao seu lado.

Kassia o intuiu a sair do quarto antes que denunciasse seu asco vomitando e ele saiu fechando a porta sem fazer barulho. Ela se encolheu na cama enorme que ele vivia para ajeitar aqui e ali em silêncio, tentando não perturbá-la, e ela continuava escutando os pensamentos dele, mesmo sabendo que ele tinha se materializado há quilômetros de distância.

Vai, pode me acusar se quiser.

Kassia provocava Aleesha de tempos em tempos, mas ela se mantinha em silêncio como uma forma extra de punição.

Não estou te punindo...

Ah não, claro que não! Só não concordava que ela se mantivesse ali, presa a um ser infeliz que teve o azar de estar no lugar errado na hora errada!

Também não é isso, e você é um ser impertinente e arrogante que me irrita de propósito, só pra não ter que escutar o que ele pensa ao seu respeito. Eu sei como é isso K, vivi há alguns

milênios com esse dom, que mais parece uma maldição.

Kassia puxa o ar num suspiro profundo e exala sentida.

Você se sentia assim com Zarcon? Tá, desculpa, foi um pensamento fugaz e além do mais, já tinha prometido a mim mesma que não ia me intrometer.

Exatamente. Você prometeu isso, não eu...

Aleesha faz uma pausa e desabafa;

Por um tempo cheguei a acreditar que me amava, e isso doía muito, eu tentei de verdade me apegar a ele, ele era doce e gentil, mas...

... Mas não se manda no coração, não é?

Ambas suspiraram à sua maneira e outro pensamento fugaz fez Kassia rir de leve, podia até sentir Aleesha revirando os olhos dentro da sua cabeça. Ambas tinham 'no mesmo corpo', perdido a virgindade com o macho que amavam.

Não foi nada divertido.

Kassia também concordava, mas pelo pouco que pescou das memórias de Aleesha, Xstrauss não havia sido fácil na juventude e a tinha feito sofrer um bocado com a sua galinhice e sua tendência a sempre provocar confusão. Ele sumia de tempo em tempo e deixava a todos que se importava com ele, acreditando que seria a última vez que o veriam.

Aleesha se sentiu tocada por Kassia pensar em vingar-se também por ela, e Kassia move de leve os ombros.

Você deu a sua vida por mim. Como pode achar que não me importo com você? Que tipo de monstro acha que eu sou?

Não acho que seja um monstro, é só que...

Sei, não foi exatamente por mim, mas nesse caso, o fim não justifica os meios e ainda podemos morrer. Eu não amoleci a esse ponto.

Aleesha tinha certeza que não, e voltou a esconder-se no canto mais fundo da mente, mas não sem antes ditar.

Divirta-se com seu novo brinquedo, então. Eu estarei aqui para te abraçar mentalmente, quando se der conta do que está fazendo.

E você não vai se divertir nem um pouco, né? —atentou-a Kassia

Pelo menos induz o macho a tomar um banho, coitado.

Ah, mas ele ia, disso Kassia também estava certa, só que era um banho de consciência, onde desconfiava ela, elas também lavariam suas almas. E antes que Aleesha se pronunciasse alegando não ter uma, ela pensou;

É só uma força de expressão, tolinha.

Kassia podia sentir que Aleesha ria sem querer e acabou sorrindo de leve também...



Dêrhon teve um breve vislumbre do paraíso antes que a maldita cortina energética se fechasse em torno deles, deixando além do seu irmão, a visão que a seu ver, era a epítome feminina de um capeta mal humorado.

Caralho, que coisinha mais sinistra! Coisão, ou sapatão definia melhor, e os pés da

condenada?!? Puta que pariu! Ela tinha iates no lugar de lanchas sob as pernas musculosas e... Merda. Quando ele levantou o olhar, primeiro percebeu os braços também bombados cruzados sobre o peito, mais acima uma cara carrancuda o encarava de volta com expressão de é melhor tomar jeito ou te arrebento, e o que ele fez? Ele arregoou.

Claro que arregoou! Estava no território dela, e o seu instinto não dizia, berrava em altos brados, que o melhor que poderia fazer era manter a cara de pateta abaixada e o olhar fixo nos iates que eram os pés dela!

Zarcon não precisava ler mentes para imaginar qual a primeira impressão que Dërhon teve de Brianis, mas se ela se alterasse com isso, ele se veria obrigado intervir em favor do seu sangue, e dadas às circunstâncias, isso não era nada bom.

Por sorte ou bom senso, ela descruzou os braços e se voltou pra ele como se Dërhon nem estivesse presente, melhor assim.

Mas Dërhon havia mesmo assumido um comportamento suicida. Zarcon pensa com desgosto ao captá-lo pela visão periférica. Dërhon estava com a merda da boca aberta e o olhar assombrado cravado na bunda da guerreira que chefiava as Miellens sob o jugo e desígnios de Mahren.

— Desculpe. — ele pediu pelo irmão e ela arqueou as sobrancelhas com um meio sorriso no canto dos lábios, ignorando Dërhon deliberadamente.

— Eu tenho a tendência de causar efeitos estranhos em machos idiotas e superficiais como esse aí.

Essa ele fez por merecer e até sorriu, macho pra caralho ela era! Isso ele não ia negar, mas se encarava? Nem na paulada!

Com isso ela riu, riu mesmo!

Brianis se voltou pra Dërhon com a expressão mais leve e que até parecia mais bonita aos seus olhos.

— Não sou para o seu bico garoto, — ela disse e tornou a cruzar os braços sobre o peito a exhibir a musculatura — Além do mais, sou da primeira geração de Valquírias e lutei também ao lado do seu avô e do seu pai.

Valeu vovó! Tem um físico e tanto pra alguém que já conta com pouco mais de 28 milênios nas costas!

Dërhon desdenhou com sarcasmo e um bipe de alerta apitou em seu cérebro fazendo com que a encarasse de olhos arregalados. Não era humana?

— Valquíria? — o que fazia uma Valquíria naquele lugar?

Ciente de que havia conquistado o respeito dele, ela sorri.

— Valquíria. — ela confirmou e ressaltou — Bons tempos aqueles! Guerreiros de verdade com quem lutar.

— Tivemos o desprazer de conhecer uma Valquíria.

— Que não tem nada a ver com a que aqui, vos fala.

Na verdade tinha, mas eles não precisavam saber os pormenores que a fizera bandear para o lado de *Mahren*. Suas crias tinham ganhado uma nova chance, e ela só tinha a agradecer a Guardiã, a quem serviria por toda existência de bom grado, e que além de aceitá-la entre os seus, havia dado um novo e real significado para a sua maldita eternidade.

O desapontamento de Dêrhon era visível, mas ela não estava ali pra satisfazer os caprichos deles. O máximo que poderia era entretê-los com um turismo único, até mesmo para o rei, mas vendo como Dêrhon a estudava, o que ela queria mesmo era uma boa e suada briga com ele, e não tinha nada a ver com lençóis.

— Meu rei, se prometer que pego leve...

Zarcon sorri e move os ombros com pouco caso.

Já que estavam ali e ao que estava parecendo não tinham hora pra ir embora...

— Um pouco de disciplina não faz mal a ninguém.

Brianis crispou uma mão na outra, quando ela arrancou a túnica diáfana e Dêrhon viu o corpo todo esculpido coberto somente nas partes íntimas pelos pequenos irrisórios pedaços de couro negro, ela perguntou;

— Vai ficar ai só babando, ou vai certificar que não tenho um pau e duas bolas aqui pra você chutar? Porque é o que vai querer fazer quando eu chutar essa sua bunda flácida, garotão.

Quando Dêrhon caiu em si do desafio mais que explícito, ele não riu, não mesmo. Ele gargalhou...

— Alguma regra?

Brianis moveu a cabeça com cabelos negros e vermelhos que chegavam até os ombros estalando pescoço e de súbito teve uma ideia;

— Nenhuma. Mas se eu derrubar você, e é exatamente o que pretendo fazer. Você vai servir de boa vontade uma das meninas que eu escolher, por uma semana.

Dêrhon sente os pelinhos da nuca arrepiando em alerta, mas toda a sua musculatura vibrava com a mesma intensidade que via brilhar nos olhos dela.

— Se eu te fizer amarelar, 'você' me serve por uma semana.

Caralho! Ele e a sua boca grande, mas tratou logo de remendar:

—Do jeito que eu quiser.

—Feito. — ela concorda.

Algum tempo depois...

—... É meu irmão, que isso te sirva de lição.

— Cala essa porra dessa boca Zarcon! Nós... — ele tirou o cabelo suado da testa e a macaca continuava quicando e estalando o ombro na sua frente — Estamos apenas nos aquecendo. — ele também estala o pescoço.

E a maldita não tinha um pinga sequer de suor no rosto, a exibida! Mas ele ia mostrar que... Caralho!

A filha da puta socava que nem macho, foi um direto em cheio no seu queixo que o levou ao chão e ele nem teve tempo de pensar, mas ele deu o troco. Espalmou às duas mãos no chão e se alçou virando o corpo como um pião, passando uma rasteira nela que a pegou de jeito e lançou a vaca com as costas no chão.

E vejam, só! Em vez de gemer de dor, ela solta uma gargalhada. Caralho! Ele já estava pra lá de puto, todo melado de suor e ela se levanta de um salto antes dele.

— Ah não, ai não garota! Nesse sagrado nunca mais ninguém toca!

Ele segurou firme nos braços dela, se levantou e lançou-a de suas costas para sua frente por

cima da sua cabeça e a vagaba usou o peso do próprio corpo na sequência do impulso puxando-o consigo na queda forçada pra trás e ele voou por cima dela ao ser arremessado pela enorme pata dela bem na altura da sua bunda a ir parar com a cara no chão!

— Tudo bem com os caninos?

Ah merda, e ela ainda se importava com seus dentes!

— Tá! Já chega, você venceu! — ele bateu a mão o chão pra lá de puto com tudo — É assim?

— e voltou a bater a mão no chão a dar-se por vencido.

Brianis não se lembrava de há quanto tempo se divertia tanto e estendeu a mão pra ele, ele olhou pra mão estendida como se quisesse mordê-la, mas a segurou com firmeza em se levantar.

Só que ele não ia deixar barato, ah, mas não ia mesmo! Ele puxou a filha da puta danada de boa de briga contra o corpo suado e no ímpeto colou a sua boca na boca da filha da mãe! E não é que a danada era gostosa de beijar?!?

Ele invadiu a sua boca com a língua enquanto sua mão deslizava pelo corpo todo durinho dela e... E ele riu quando ela tremeu, atrevido ele lambeu os lábios carnudos e incrivelmente macios dela antes de afastar o rosto pra ver a sua cara de babaca, mas ela logo piscou e se afastou num tranco, caindo pra trás, trovejando furiosa;

— Moleque! Babaca é você! Seu pai teria vergonha desse seu artifício idiota!

Ele moveu os ombros com desdém e sorriu todo sacana. Ela havia mesmo mexido com o cara errado dessa vez. E na boa, apelar pra aceitação do papai morto também não era algo digno de nota era?

— Posso dizer que me sinto quite contigo. — e agora foi ela quem olhou toda puta pra sua mão estendida, mas a segurou determinada.

Só que Dërhon estava preparado pra revanche e fincou o pé no chão quando ela o puxou e o máximo que conseguiu foi um macho com cerca de 40 quilos a mais do que os seus por sobre seu corpo, e ele a beijou na testa dessa vez se levantando de um rápido salto logo em seguida.

Estava plenamente ciente de que se voltasse a invadir aquela boca carnuda com a língua, o outro membro do seu corpo ia implorar pra estar dentro dela também, e isso já iria ultrapassar em muito a sua falta de escrúpulos com ela.

— Estamos empatados, então? — ele perguntou arfante e esperançoso e ela levantou de um salto e voltou a estalar o pescoço. Pronta pra outra.

— O que acha meu rei?

Zarcon levantou a cabeça como se nem estivesse realmente ali e quando por fim parece que entendeu a questão, ele sorriu. De um jeito que fez o núcleo da espinha de Dërhon gelar...

— Eu tenho uma contra proposta como sugestão...



Alegra estendeu o braço e quase tocou na parede extrafísica que a separava do rei e o irmão dele. — Dërhon —, ela repetiu baixinho, e o nome dele deslizava em sua língua como uma carícia íntima. Ele era ainda mais bonito que o rei, e seus movimentos eram rítmicos e fluidos, como se ele dançasse ao lutar. Em vários momentos ela desejava de que ele não pegasse tão

leve com Brianis, e ao mesmo tempo, se orgulhava do comportamento honrado dele com ela. Estava claro, em cada movimento dele, que ele tinha noção da diferença física entre os dois e respeitava essa diferença.

Era Brianis quem vinha apelando para o poder dado a ela pela Guardiã pra defendê-las de qualquer invasor e quando ele desistiu, a sua vontade foi de invadir o bloco de luz e delatar o logro da Brianis pra eles! Mas aí ele a puxou pra si e a beijou e ela tocou os próprios lábios sentindo-os queimar.

Eles começaram a discutir, mas ela viu o rei olhando em sua direção como se ele pudesse enxergar dentro dela pelos seus olhos!

Ela se afastou às pressas e correu na direção do bloco das luzes.

Não era possível que ele pudesse vê-la, ela desejava que não e correu com toda a força que tinha para o seu lugar predileto, para o seu refúgio.

As luzes multicoloridas se acenderam por todos os lados logo que ela entrou no ambiente e bailavam se misturando em fachos incandescentes que sempre a acalmavam. Mas não dessa vez, seu corpo tremia por inteiro e o coração batia disparado dentro do seu peito. Seu estômago parecia querer virar do avesso e ela nem se deu conta de que tinha companhia...

Alegria não precisava olhar pra cima pra saber quem estava na entrada e seu coração até então agitado como o de um passarinho prestes a fazer o primeiro voo, falhou uma batida.

— Boa analogia, criança. — disse Brianis com braços cruzados sobre os seios e Alegria se forçou a levantar e olhar pra cima. Brianis era uns 20 centímetros mais alta, e a fitava com seu par de olhos prateados e expressão impenetrável;

— Siara já foi avisada e aguarda você na câmara dos saís.

Alegria prendeu o ar mais rarefeito e engoliu em seco.

Siara...

— É o preço. — determinou Brianis, implacável.

Alegria só fez assentir reflexiva e Brianis balançou a cabeça em negativa;

— Em alto e bom tom Alegria. Sabe como funciona. — vendo que ela hesitava bufa — Posso apagar sua memória por um tempo, curto de certo, mas tem que dizer aqui e agora, pois a fêmea que eu mandar desce em menos de 20 horas.

— Pra quem? — ela ousou perguntar e o que recebeu foi um sorriso de escárnio, ou pelo menos foi o que sentiu.

— Seja caridosa, criança. Eu estou sendo com você.

— Eu aceito. — Alegria disse em baixo tom

— E? — Brianis insiste e ela declama na língua de seus ancestrais:

Aceito do fundo da minha essência e de bom grado o que a Guardiã determinar a mim. Porque é de fato conhecido e a quem mais interessar possa, que já sou sua de livre e espontânea vontade, e pra sempre seguirei seus desígnios sobre a minha existência.

Brianis sorri aprovando e Alegria sente-se abraçada por ela em sua mente.

— Muito bem. Agora vá, que Siara tem pressa, e eu também.

Alegria se curvou reverente e seguiu rumo ao destino que em pouco mais de um ano a traria de volta... Alegria. — ela se voltou ao chamado mental de Brianis e a Guardiã de todas elas sorri e a aconselha;

Não vá com pensamento tão pessimista. Pode ser que volte antes, mas nada garante que eu a

queira ver aqui tão cedo, então... Tenha fé nos desígnios de Mahren.

Alegria inflou o peito e soltou o ar ensaiando um sorriso tímido e respondeu como era o costume.

Que assim seja.



Ele entrou na caverna subterrânea que dava acesso a sua nova morada com coração disparado pelo pânico, mas não conseguia se desmaterializar pra chegar mais rápido, temia que às frutas que colheu e a ave que tinha caçado perdessem às suas propriedades no processo, e era de suma importância que ela tivesse apenas o melhor dele! O seu aroma já era conhecido íntimo das suas narinas e ele tinha certeza de que mesmo que fechasse os olhos o seu corpo o guiaria na direção dela, aonde quer que ela estivesse.

O pânico deu lugar ao alívio em sentir o aroma delicioso dela pelo apartamento, e na sequência quase imediata o cedeu ao desespero mais que profundo.

A fêmea não estava lá... Ah Deus, não!

Ele deixou a cesta na sala e seguiu em passos curtos e pesarosos em direção ao quarto de jogos, onde o cheiro dela era mais intenso. Essa não, essa não...

Ele implorava incessantemente em pensamento, mas Kassia não lhe deu ouvidos. Aleesha estava quieta no fundo da sua mente, mas ela deixaria pra pensar depois o porquê ela desaprovava a sua decisão. O alívio que ele sentiu em vê-la de pé emanava pelos seus poros, mas o golpe de ver onde e como ela estava o estraçalhou por dentro.

Ele estava limpo e tinha trocado de roupa como ela o intuiu que fizesse, mas antes que ele conseguisse amolecer o coração de gelatina dela, ela se postou de frente para o enorme X e abriu as pernas e os braços.

Sérgio sentiu o gosto amargo da ironia. Com ela não...

— Por favor, você não.

Ele implorou com voz baixa e embargada e isso só fez somar mais um ponto na determinação dela. Ela ficou calada e agarrou com mais força nos grilhões que deveriam estar prendendo seus pulsos, podia ver pelos olhos turvos e ouvir o coração ricochetear contra as costelas dele. Seu olhar se voltou aos instrumentos que ela escolheu e deixou sobre a mesa, e todos eram pesados. Ela os havia selecionado de forma a não deixar margem para dúvidas do que queria que ele fizesse, e como se estivesse seguindo para o matadouro que ele caminhou em sua direção.

— Tem... Tem uma palavra, de segurança?

Ela balançou a cabeça em negativa;

— Sem palavra de segurança pra mim, Sérgio.

Ela não queria a sua piedade.

Ele deslizou a mão enorme e trêmula sobre o antebraço direito dela e com dificuldade extrema prendeu o primeiro pulso na pulseira aveludada, mas ela o puxou e enfiou na algema com arame e pregos internos que ele havia criado e ele engoliu em seco. De fato, nunca o havia usado.

Ela não era nada do que imaginava e tudo que desejava em mesmo tempo e seus sentimentos

se confundiram num mar de ondas revoltas que abalou a estrutura dele enquanto fechava as algemas nos pulsos e tornozelos, da única mulher no mundo que ele não queria ferir.

Mas o silêncio dela lhe dizia mais que mil palavras. Ela queria que ele a amasse, como ele aprendeu amar...

— Não.

— Não? — ele perguntou aturdido.

— Isso não é amor, Sérgio. Quero que me machuque de forma que eu não consiga andar ou pensar e também quero que saiba que há diferença entre o que você pensa que é amor, e o que é doença.

— Não quero machucar você. Não tenho motivo pra te punir.

— Mas vai, porque 'eu quero', e você não tem escolha...

... Ele não tinha, e isso ficou mais do que claro quando tirou dos grilhões o corpo coberto pelo manto de sangue que verteu das centenas de cortes nos braços, pernas, costas e laterais.

Ele escolheu o menos agressivo dos chicotes sobre a mesa, e ainda assim; a força em seus braços foi multiplicada de alguma forma e ele a açoitou por horas! Cada vez que ela tremia era ele quem gemia, mas não conseguia parar! Os ossos da sua costela começaram a aparecer por entre as feridas que iam abrindo, mas ainda assim ele continuou desferindo golpes compulsivamente, até que a exaustão o venceu e ele enfim se deixou cair de joelhos ao chão.

Ele se tornou consciente de que chorava depois que soltou o corpo retalhado e as lágrimas se misturavam ao sangue aonde respingava. Estava certo que se ela conseguisse sobreviver o abandonaria... Assim como tinha certeza que isso o mataria, mas pela primeira vez em sua miserável vida, pensou em alguém antes de si mesmo.

Essa não era mais a sua praia. E essa, era outra certeza que ele tinha.



CAPÍTULO 15

Zarcon esfregou o ombro deslocado e fitou o irmão com indignação.

— Bem que mereceu! — Dërhon rebate apontando-lhe o dedo com muita raiva — Caralho, cara! Que merda você tem na cabeça hein! Sabe da importância que tem para o nosso povo! Como acha que vai se manter inteiro, se oferecendo para lutar com aquela doida de pedra no meu lugar?!? E com frequência semanal! — ele gritou a última frase lançando as mãos ao ar e Zarcon levantou a sua, mostrando a palma;

— Espere um minuto aí! Em primeiro lugar, não foi ela que deslocou meu ombro não, foi você! Segundo; o caralho parece estar fazendo morada na sua boca bem mais que o de costume nos últimos tempos, e terceiro...

Zarcon fecha a cara e pergunta;

— Por que acha que só você tem direito a se divertir em uma boa briga?

— Se está assim tão a fim de brigar, brigasse comigo porra!

— Abaixei o tom Zé Roela! Posso ser seu irmão, mas ainda sou o seu rei, e é melhor que não se esqueça disso, está bem?

Dërhon sorri com escárnio e com o humor lançado aos picos o confronta;

— Mas você pode esquecer que é rei?

Zarcon continua alisando o ombro como se fosse um bichinho de estimação assustado que quisesse acalmar e os move com desdém;

— Agora eu vou poder, pelo menos por algumas horas... E anote essa no caderninho mental de espiral, seu bosta! Com frequência quinzenal!

— Suicida.

— Pateta. Fracote, bunda flácida... Rá, essa foi demais!

Dërhon sabia por experiência própria onde essa discussão ia terminar, ou melhor, 'não ia' terminar, mas ca..., que bosta!

Agora até pra xingar ele teria que pensar antes! E no mais, há milênios que não discutiam assim...

Zarcon se dá o prazer de vê-lo murchar como balão de gás sem nó na ponta, quando por fim se dá conta de que ele está de volta.

— Cara. Promete pra mim que não vai deixar aquela macaca pululante levar a melhor contigo?

— Ah qual é Dërhon! Eu não vou prometer algo que você teria que ver como certo! Pelo menos comigo ela não vai estar na vantagem como esteve com você, seu idiota!

— Está me acusando de quê, especificamente?

— Quer um dicionário completo? De A a Z? Vou ser generoso a te dar uma letra, como você mesmo diz: 'Ela' é a Brianis, conhecida minha de longa data, e não é o tipo de fêmea que dá ponto sem nó. À bem da verdade, 'eu' não sei onde estava com a porra da minha cabeça quando... Até sei, mas isso não vem ao caso...

Zarcon bufa e seus ombros encolhem visivelmente;

— Eu tive meus motivos para me deixar vencer, mas no seu caso seria diferente, cara! Você pegou no tendão de Aquiles dela quando a beijou, ela...

— Ela o quê?

—... Era a Valquíria que o nosso avô sequestrou e deu a honra da sua primeira vez para o nosso pai, logo depois que ele passou pela transição. Pronto, eu disse. Agora, não vai ficar com esse elefante atrás da orelha, porque só me dei conta depois que você já tinha feito à 'cagada' de pegar ela de jeito!

— Mas ela me beijou de volta!

— E agora eu não estava me referindo ao beijo porra! Será que vou ter que soletrar pra você, caralho! O beijo foi à merda da cereja no bolo dela! A 'cagada' foi sua contra proposta em uma briga, que no território dela, era certo que ela ia ganhar se quisesse! Está entendendo agora? Ela é a Guardiã das *Miellens*, e abaixo de *Mahren* tem plenos poderes lá e estava te oferecendo o que julga ser um prêmio pra qualquer macho, pelo simples prazer de uma boa luta...

Blá, blá, blá!

Dërhon se deu conta de que havia deixado o irmão falando sozinho e olhou para ele a argumentar;

— Mas ela falou do nosso pai e do nosso avô com orgulho! Até lutou ao lado deles!

Zarcon bufou como se estivesse lidando com um retardado mental e Dërhon trinca os dentes mais interessado no contra argumento do que em mais bate e volta.

— O tempo passa Dërhon, nosso pai e nosso avô tiveram alguns bons anos para pagar o que fizeram a ela.

— E como você sabe disso tudo e eu não?

Se ele fosse como Xstrauss vá lá, mas ele esteve sempre por perto e seu pai já era um ancião quando engravidou a sua mãe.

— Nosso pai me falou sobre ela uma vez, mas eu só liguei a pessoa aos fatos ontem.

— Passado... Distante, morto e superado.

Ambos os irmãos olharam para a porta.

A Guardiã das *Miellens* sorriu com aquele sorriso que gelava até os ossos em sua postura habitual e arqueou as sobrancelhas. E só para constar, ela os lembrou; Zarcon sugeriu que ela lutasse com ele de igual pra igual, como era para ser no início, ela perguntou o que ganharia e Zarcon propôs a frequência de uma vez por semana com ele, se fosse de igual para igual, ela contra argumentou que ainda queria que Dërhon pagasse pela sua desistência em servir por uma semana a fêmea que escolhesse, e antes que Dërhon cometesse outra 'cagada', Zarcon disse: Feito.

...— Está de acordo com seu rei e irmão Dërhon?

Ela voltou a insistir e o encarou como se o desafiasse a contestar seu rei e irmão, e apesar de estar intimamente contrariado pela forma como ela colocou as coisas. Agora mais do que antes entendia que ela merecia essa forra, só que não se conteve em provocar;

— Se não for do tipo que se guarda no fundo da gaveta com o selo de última opção gravado, ou você. Não creio que será um grande sacrifício pra mim.

A bruxa teve o descaramento de rir achando graça e balançar a cabeça reprovando;

— Quanto à parte que me diz respeito só tenho que agradecer, seu pai era bem mais gostoso,

depois que aprendeu o que fazer, comigo é claro.

Ela faz uma breve e sutilmente debochada reverência e continua com os olhos cor de prata cintilando,

— Agora, quanto ao restante da questão implícita. Bem, tem selo sim, sempre foi considerada minha última opção para qualquer um de vocês, com certeza. E quanto ao seu mencionado sacrifício, eu posso ser generosa em abrir uma exceção...

— Que seria?

Estava na ponta da língua, mas foi Zarcon quem se adiantou, e como se ele nem estivesse presente ela deliberadamente o ignorou se voltando para Zarcon toda atenciosa.

— Não posso garantir que não será um sacrifício pra ele, mas posso postergar o retorno da fêmea, se ele assim preferir...

— Não!

Dërhon já estava de saco cheio dessa porra toda, e antes de começar a dizer o que realmente pensava, Zarcon enfiou um soco bem no meio da sua boca de arrancar sangue.

— Pode nos dar um momento a sós, Brianis?

Ela levantou os braços e Dërhon rugiu entre dentes

— Não, o trato foi de uma semana e é o que vai ser, e se está assim tão desejosa de ver a fêmea pelas costas, é porque boa coisa ela não deve ser. —, antes que o seu irmão pudesse se meter de novo, ele o segurou pelo pulso a encarar Brianis — Eu aceito 'isso', e quanto ao meu suposto sacrifício, retiro o que disse. Não sendo você, não será sacrifício algum.

Bom agora ele conseguiu ofendê-la, podia ver isso no brilho irado dos olhos prateados e ele se viu obrigado a retratar-se pelo seu rude comportamento;

— Desculpe.

— Quando for honesto e... — ela para e ele volta a fechar a boca que abriu pra contestar — *Quanto ao seu pedido, quando for honesto da sua parte eu vou querer ver a cor do seu sangue e a transparência das suas lágrimas e talvez, somente talvez, seja complacente com o que sei de já que vai me implorar. Não a Mahren, a 'mim' e que isso fique claro, entendeu?*

— Vai sonhando.

Ela assentiu uma vez e disse;

— É o que sempre faço. A fêmea já foi preparada e aguarda por você no seu quarto, em sete dias e noites nesse mesmo horário eu ordeno o retorno dela.

— Brianis, sou eu que vos peço... — antes que Zarcon continuasse, ela o interrompe;

— O que eu quiser meu rei? Porque agora, só se confiar em mim às cegas.

— Eu confio em você, Brianis.

O rei disse sem titubear em alto e bom tom e ela lhe sorriu um sorriso triste, agradecida;

Então que assim seja, meu rei...

Ela desaparece deixando uma brisa gélida no ar e Dërhon se levanta no mesmo instante em que seu irmão senta no outro extremo da cama.

— Pode me explicar que bosta foi essa agora?

Zarcon soltou o ar cansado, literalmente cansado e acenou ao irmão como se espantasse uma mosca do seu rosto.

— Sai logo daqui Dërhon. Tem uma fêmea com selo e 'sempre' foi a última opção de Brianis para qualquer um de nós, te esperando no seu quarto.

Zarcon se deixou cair na cama com as pernas penduradas e o braço sobre o rosto e Dêrhon bufou inconformado antes de sumir, tomando rumo em direção ao seu quarto.



Ailin sai do quarto cuja porta era disfarçada com uma parede de livros a se espreguiçar, nunca havia dormido tanto e por tanto tempo sob a terra, mas tinha consciência de que sua fuga teria que ser explicada e pulou para trás, assustada, quando viu Ferguz de lado, sentado na poltrona simples que seu pai teimava em não desfazer.

— Ferguz.

Ailin leva a mão no peito com o coração disparado e ele se inclina pra frente à por em cima da mesa o livro que já tinha folheado por vezes incontáveis. Não que ele não soubesse contar, isso ele sabia e bem. Em metros de distância, em força empregada na lança ou adaga pra atingir o alvo, em dúzias pra unidades ou unidades pra dúzias, em circunferências; como a cintura dela que cabia dentro das suas mãos unidas mais dois de seus dedos atrás e três na frente...

O que ele não sabia era ler, mas nem era por falta de esforço. Era porque não houve ninguém em sua droga de vida que lhe mostrasse os primeiros passos, daí ele seguiria em frente e não estaria havia dias se perguntando, porque aquele livro que nem tinha figuras, teve mais contato com o cheiro doce dela, que ele. E como ela agora estava presente, ele nem tentou conter seus questionamentos.

Ela caminhou em sua direção e a cada passo ele contava as batidas do seu coração e o tempo que ela levaria pra chegar ao seu lado, no alvo. Mas ela não parou, seu coração se acalmou e em três passos e um movimento ela estava abaixada à sua frente e corajosamente deitou as mãos delicadas uma em cada um dos seus joelhos dobrados.

— *Saberia ler, entre outras coisas, se eu não fosse tão egoísta, e talvez até mais alguns dos seus irmãos tivessem sobrevivido à primeira infância, pelo mesmo motivo... Eu não mereço a dádiva do seu carinho, Ferguz.*

Ele depôs suas mãos por sobre as dela e perguntou ressentido;

— E acredita que não sei?

Ela tremeu e ele apertou as mãos sobre as suas;

— Posso não saber ler em letras, Ailin... Espere, por caridade.

Quando ele sentiu que ela cedia ele afrouxou o aperto, mas manteve suas mãos sobre as dela e continuou seu relato;

— Mas aprendi cedo a ler expressões e atitudes, e sei que você se culpa por eu ser sozinho. Talvez o que você não saiba, é que nunca me senti sozinho, porque **você** sempre esteve comigo, mesmo que não quisesse ou pudesse, eu sentia o seu olhar em mim, aspirava a sua preocupação cada vez que eu voltava ferido, e o seu coração sempre falha uma batida e bate três em ritmo mais rápido quando me pega olhando pra você. Eu não consigo me lembrar de um dia sequer que você tenha conseguido não olhar pra mim se eu estivesse num raio de meio quilometro de extensão, e até mesmo quando não estava à vista, seus outros sentidos buscavam por mim. Em tocar o que eu havia tocado antes, em sentir meu cheiro nos objetos e, o gosto do sangue que ainda sonho a carregar puro em minhas veias, que um dia você venha a aceitar de

mim.

Ailin se lembrou da noite pouco tempo atrás, em que ele havia se cortado bem próximo ao pé de figueira e ela não resistiu em pegar o cesto como desculpa para colher os frutos e sorrateira deixou-o cair perto das gotículas do sangue dele na grama. O seu dedo passou por cima com carinho e mais a frente em seu retorno ela o deslizou nos lábios.

— Sou seu se me quiser Ailin, mas por caridade, não me pune mais com seu sofrimento ou por eu ser filho de quem sou. Não é como minha *Mãi* que a vejo em meus sonhos, e posso trazer parte do meu pai em mim, mas eu não sou ele.

— Você sonha comigo? — ela perguntou num sussurro incrédulo e ele lhe sorriu com tristeza;

— Não se ofenda, por favor, mas pelo que me lembro desde que aprendi a...

Ele se cala e ela sorri, corando graciosamente.

Ailin se move como se fosse levantar e ele a solta dessa vez, então ela cede ao desejo bobo que brota em seu íntimo e senta em seu colo se aninhando em seu peito largo e ele a envolve em seus braços.

Ferguz suspira profundamente e a beija na fronte ajeitando o braço pra melhor ampará-la e ela pergunta baixinho, a fazer cócegas com o hálito quente perto do seu ouvido,

— Ia concluir com algo relacionado a xixi e em pé, não ia?

Ferguz sorri de leve e volta a beija-la na fronte;

— Algo do gênero...

Ailin levanta a cabeça a estudar os olhos dele e pergunta;

— E o que 'gênero' significa pra você?



CAPÍTULO 16

Dërhon entra no próprio quarto e passa direto para o banheiro anexo sem olhar para a fêmea ao qual estaria preso por uma 'semana inteira' e nenhum dia a mais, pensou com ênfase. Estava furioso com toda a situação em que meteu a si e ao seu irmão e 'com seu irmão' também! Ele tomou o cuidado de prender a respiração quando entrou para não sentir o cheiro que imaginou ser bem pouco ou nada agradável diante das circunstâncias. Era bem possível que aquela vaca a tivesse mandado banhada em bosta por vingança e ele ia ter que aturar. Dërhon abre a torneira e joga a água fresca no rosto repetidamente, de nada ia adiantar postergar o inevitável, mas suas pernas negavam em se mover e ele ficou ali, se negando a ver o reflexo de pateta no espelho sobre a pia, tentando imaginar o que ia ver e se seu estômago se comportaria.

Alegre se encolhe sutilmente dentro do manto diáfano que não esconde nada as suas formas e põe de volta na prateleira o livro cheio de gravuras que estava folheando. Ela mal havia chegado e já o tinha irritado por ter mexido em seus pertences sem autorização. O cheiro da raiva dele invade as narinas dela como bofetada em seu rosto, e ela continua parada no centro do cômodo, sem saber o que fazer.

Ele bateu a porta com força e logo ela ouviu o barulho de água caindo, ele estava se banhando ali dentro e ela sentiu todo o corpo aquecer em expectativa. Siara e duas das suas auxiliares fizeram com que ela dormisse durante todo o período de preparação, ela foi banhada, vestida e perfumada para o deleite do seu senhor e pouco antes de ser levada do santuário ela recebeu as orientações de que deveria dar tudo de si para agradá-lo e estava conformada com sua sorte, só não imaginava que ela seria de um dos príncipes.

Ela estava na morada do rei e seus irmãos e ali ficaria por sete noites e dias se não desagradasse seu senhor, e já aguardava triste que um dos *Neimos* sob o comando de Brianis aparecesse para levá-la de volta, quando a porta por onde o príncipe entrou torna a ser aberta com violência.

Dërhon avaliou logo de cara três impactos consecutivos ao abrir a porta com veemência; Um, o aroma que sentiu no ar era incrivelmente bom. Outro, o breve vislumbre que teve pouco antes dela se abaixar reverente e uma cortina de cabelos sedosos em todos os tons da chama a envolver o seu pequeno corpo, era a epítome da perfeição feminina, e por fim, a voz da fêmea o desarmou por completo com seu timbre baixo e rouco melodioso.

— Meu senhor...



...Ele observou a fêmea com pesar e desejou conseguir se afastar bem mais do que apenas alguns metros do leito onde seu corpo agora jazia inerte e quase sem vida. Ele a feriu por vezes

sem conta e ela não encontrou a liberdade do que a afligia. Ela não chorou. Não emitiu um único som enquanto a açoitava e a carne dela se abria em cortes profundos. Ela só tremia, e por reflexo muscular, cada vez que seu braço descia com brutalidade incontrolável e desmedida, e ele sentia cada golpe em sua própria carne como um consolo mais que bem vindo pelo que lhe impôs. Mas ele não ficou com a carne aberta como a que via agora, e foi com extremo cuidado que limpou cada uma das centenas de feridas que infringiu com seus dedos trêmulos e emocionalmente esgotado.

Sempre desconfiou que um dia fosse cobrado pelos seus atos, só não imaginava que por obra e ironia do destino, a cobrança seria feita pela única mulher que não queria ferir e que se descobriu total e perdidamente apaixonado.

Ele a encobriu com o lençol mais suave que encontrou e voltou ao seu posto, de vigília, com todos os fantasmas do seu passado a assombrar seus pensamentos.

Você não tem coração para isso, K, eu estou aqui — Aleesha a lembra — posso sentir tudo que você sente.

Kassia trinca os dentes em teimosia e afasta Aleesha de novo para o fundo da mente. Por muitas vezes chegou perto de pedir ao Sérgio que parasse, mas cada vez, a imagem de Xstrauss totalmente transtornado pelo que ela o obrigou a fazer lhe vinha à superfície, ela não só resistia como o impulsionava a ser mais e mais violento com ela.

A dor que sentia por dentro era maior do que a que ele era capaz de provocar em seu corpo e nem de longe chegava a ofuscar a culpa que sentia pelo que ela fez com Xstrauss. Ela o matou com o que agora via como um capricho. Todos os sinais estavam lá e ela fechou os olhos pelo mesmo motivo fútil e Aleesha também não estava com essa bola toda para julgá-la.

Não estou julgando você mais do que a mim mesma K.

Não devia julgar, e ponto final.

Com essa Aleesha se cala e Kassia sente uma única e grossa lágrima rolar mansa pelo seu rosto. Xstrauss ainda estaria vivo se ela não tivesse cruzado o caminho dele.



Xstrauss tenta mais uma vez em vão se libertar da terra que o mantém preso, mas totalmente consciente.

Ele não estava morto. Ele não estava morto!

Tudo pelo que ela passou ele assistiu com os olhos da mente, podia ouvir cada maldito interlúdio dela com Aleesha e suas intensões mais sombrias e ela não o ouvia de volta, ela não o sentia! Ela ia acabar se matando e ele não podia fazer nada para intervir! Mais uma vez ele tentou entrar na mente de seus irmãos e mais uma vez não encontrou o caminho que o ligava a eles, mais uma vez implorou a Guardiã que o libertasse e podia sentir sua presença, mas ela não se pronunciava!

Ele implorou, humilhou-se, pediu perdão por todas as ofensas perpetradas contra ela ao longo dos séculos, chegou até a prometer ser-lhe totalmente fiel por toda sua existência se ela reconsiderasse, e nada. Nada do que fizesse ou oferecesse faria com que ela o libertasse, e ele havia pedido por isso quando a confrontou, quando outra verdade inexorável o atingiu, ele se aquietou;

Fui condescendente em aceitar sua união com a descendente desgarrada de Valquíria e eis o que recebo como paga. — lamentara a Guardiã ao vê-lo prantear sobre o corpo da fêmea e desse dia em diante, pela vontade dela, outra criatura tomou seu corpo e sempre que a fúria o impelia, ele a libertava por consequência.

Xstrauss se calou na época e continuaria assim enquanto existisse, mas outras palavras que ele não deu crédito até então, emergiram do fundo de suas lembranças mais antigas:

Ele estava sozinho na floresta, faminto e alquebrado, e tinha acorrentado aos próprios tornozelos com correntes que havia forjado do aço para não ser tomado pela besta com a chegada do astro que daria cabo em definitivo à sua existência. Com um único toque ela dissolveu as correntes e a dor que ele sentiu somado ao grau de inanição que se encontrava o fez cair por terra. Dessa vez ele realmente viu-a furiosa, e ainda trazia as marcas em seus tornozelos para lembrá-lo.

No tempo que eu determinar outra Valquíria virá pra você e quando esse tempo chegar, se voltar a me decepcionar eu serei complacente em dar fim à sua existência na terra, mas é justo que vos diga que será somente a existência física, já que entre tantas acusações que me fazes, mostrarei a ti infernos piores do que o que me acusas tê-lo condenado. Agora vai retornar para junto de teus irmãos e lutar junto com eles pelo teu povo, ou eles também sofrerão do mesmo inferno de verdade que pretendo para ti.



Xstrauss voltou para casa e nunca disse aos irmãos da promessa que agora se cumpria, e se Kassia, como seu irmão Dërhon supôs primeiro, não era uma *Kade* qualquer.

Os dotes de descendente de Valquíria somado ao que dava vida à essência de Aleesha, faziam dela uma *Promissein Deist*. Uma semideusa com poderes de criar supernovas ou buracos negros no universo, dependendo do seu estado de humor, como prometeu o anjo entre anjos que caíram, e deu origem aos primeiros ascendentes dos seus criadores.

Assim ele acreditava.

E céus! Não havia nada que pudesse fazer preso ali!



CAPÍTULO 17

Dërhon quase caiu pra trás quando ela se levantou e vários sintomas lhe ocorreram ao mesmo tempo; a sua garganta secou, o seu pulmão se esqueceu de como soltava o ar, seu estômago se revirou, seu coração falhou algumas batidas, as suas pernas sofreram uma espécie estranha de paralisia, a sua língua parecia que ia saltar fora da boca que negava em contê-la, alegando excesso de peso, e seus olhos não se deslocavam do fascinante par de seios, que pareciam querer saltar do extraordinariamente grande decote em V da túnica transparente, que não deixava nada para a imaginação. Conclusão;

Ele estava sofrendo da síndrome do babaca fodido em verde e amarelo, e se não tomasse logo uma boa dose de ATITUDE, estaria fodido em todas as cores de todas as bandeiras do mundo! Rá! E ele nem se deu conta de que havia um sério efeito colateral bem entre suas pernas que se aprumou, todo 'empolgadão!'

Bem, pelo menos as suas pernas tiveram a decência de voltar a funcionar e ele se recostou em uma posição bem esdrúxula, diga-se de passagem; na mesa perto da porta do banheiro, as funções seguintes foram: descolar o foco do vale entre seios, fechar a boca e engolir saliva, e soltar o ar. Mas dois músculos distintos por coração e pênis estavam fora da sua alçada, e sendo assim. Ele só podia rezar para que ela ficasse de cabeça baixa por mais um tempinho, tipo, uns 100 ou 200 anos... Mas pelo visto ele não estava com bons créditos lá em cima, ou ela havia acabado de se contaminar com a mesma síndrome em uma versão mais feminina, porque ela fitou seus olhos por uns dois segundos e já estava uma eternidade fitando um músculo pra lá de empolgado, mais ao sul do seu corpo.

Alegre agradeceu a Siara e sua equipe em pensamento, se bem se lembrava das histórias contadas pelas outras Miellens antes de elas serem separadas, o que estava vendo era uma ere... Ele estava, 'aquilo' estava reagindo e ela engoliu em seco ao mesmo tempo em que sentiu uma pontada de dor no baixo ventre, e não estava de tudo perdido para ela, mas se as suas pernas colaborassem com o restante do seu corpo, seria bom.

Bom demais pra ser verdade, já que ela tentou forçar as pernas a reagir e só o que conseguiu foi trocar um pé pelo outro e tombar desastradamente.

Santos pés esquerdos!

Em menos de um segundo ela estava amparada nos braços fortes e o cheiro dele que adentrou em suas narinas era magnífico, ela olhou pra cima ao mesmo tempo em que ele olhou pra baixo e o que antes era só treino e teoria virou realidade. Seus lábios se encontraram e a energia que já era alta duplicou, triplicou no momento em que ela sentiu o gosto da língua dele entrando sem cerimônia em sua boca a devorando...

O calor em seu baixo ventre explodiu em ondas por todo o seu corpo e ela soltou uma exclamação sem sentido quando os seus olhos se turvaram e suas pernas bambearam, ela se retraiu de leve ao sentir um líquido viscoso começar a deslizar no meio de suas pernas e no mesmo instante ele soltou sua boca e ela soltou um gemidinho de protesto involuntário.

Ele riu de leve e começou a lambar e morder o seu pescoço e mais abaixo seus seios estavam duros e pesados e ela arqueou o corpo deixando a cabeça cair pra trás, outro montante de ondas espasmódicas eclodiu no instante em que sua boca alcançou e abocanhou um dos seios e sua mão espalmava o outro.

Dêrhon mal havia começado a saborear o corpo da fêmea quando ela soltou o ar com um gemido que incendiou ainda mais a sua libido e ele desejou ter alguns braços a mais, um a mais seria bom, já que um estava grudado num dos seios, o outro espalmado em suas costas enquanto ela convulsionava e... A cama. Isso aí! A cama seria um bom apoio pra ele liberar a que estava em suas costas e ele se encaminhou com ela pra lá, o cinto delicado era um empecilho, mas com um estalo deixou de ser e por um breve instante ele permitiu que seus olhos se banquetearassem com a visão mais linda que já viu, logo a sua boca sedenta continuou a exploração na pele macia e saborosa dos seus seios e da sua barriga lisinha. Seu umbigo era perfeito como todo o resto e tão gostoso quanto e foi quando desceu mais que a mão feminina agarrou em seus cabelos e ele parou e estudou a expressão no rosto totalmente ruborizado.

Rápido demais, alertou uma vozinha dentro da sua cabeça enquanto ela arfava graciosamente e ele podia ver as pontinhas brancas e brilhosas das presas por sobre o vale dos seios empinados com as pontinhas rijas. Suas mãos tinham vontade própria e deslizava por toda carne macia e sua boca estava sedenta de saborear o que seu nariz já garantia ser estupidamente saboroso, ele foi abaixando a cabeça em câmera lenta, sempre olhando nos olhos dela em busca de qualquer reação negativa.

As delicadas sobancelhas tremeram num segundo de hesitação e a mão que segurava em seu cabelo se abriu e ela foi recompensada com mais um sorriso torto, mas argh..., ela prendeu ar nos pulmões quando ele a abocanhou lá em baixo e suas pernas prenderam a sua cabeça por um instante, ele continuou sua exploração com a língua enquanto outras das deliciosas ondas a faziam arquear o corpo, brevemente ciente e grata por ele estar segurando suas pernas que teimavam em se fechar, um grito curto e esganiçado escapuliu do fundo de sua garganta quando começou a convulsionar de novo e ele enfiou a língua bem lá dentro num prelúdio do que se seguiria e ela tremeu de leve por dentro com um calafrio repentino enquanto seu corpo ainda convulsionava em ondas.

Dêrhon tinha a sensação de que nunca se cansaria de saboreá-la, o seu gosto era realmente incrível, mas outra parte da sua anatomia também ansiava pela libertação do confinamento e ele continuou lambendo e chupando enquanto se desvencilhava das calças e permitia a mais partes do seu corpo, o contato direto com o corpo que reverenciava, ele deu mais uma profunda e demorada lambida seguida de um chupão no botão rosado em breve despedida e foi subindo, sempre com a boca colada no corpo superaquecido e rosado dela, enquanto seu membro grosso e rígido se aproximava do recôncavo que ele saboreou com gosto.

Era agora. Céus. Era agora e ela sabia que ia doer!

Podia sentir os lábios lá embaixo quentes e inchados, suas pernas tremiam por conta das ondas espasmódicas e ele continuava beijando, lambendo e sugando os seus seios e pescoço, enquanto gemidinhos escapuliam da sua garganta e o membro grosso e grande dele cutucava e forçava de leve sua entrada indo e voltando e a cada vez entrando mais um pouquinho...

Um grito estrangulado escapuliu da sua garganta junto com o ar de seus pulmões e no mesmo instante que as suas unhas cravaram nos braços largos dele as suas presas cravaram em sua

garganta e o doce néctar da vida adentrou sua boca e deslizou cálido pela sua garganta. Ele grunhiu bem perto do seu ouvido arrepiando-a por inteiro. Seu membro agora totalmente dentro dela se movia pra frente e pra trás alargando-a e convulsionando em espasmos que a umedeciam ainda mais e o cheiro inebriante que ele exalava ficou ainda mais intenso e a invadiu em um turbilhão de ondas frenéticas atacando todos os seus sentidos...

— Uohl. — ele grunhiu a espalmar as mãos no colchão dos dois lados da fêmea para suportar o peso do próprio corpo com braços trêmulos, enquanto ela se alimentava dele com avidez.

Seu membro ainda estava duro dentro dela e sua bunda agia indiferente à sua vontade contraindo e relaxando e ele entrando e saindo dela e seu pau engrossando ainda mais e ela o mordeu! E continuou mordendo lá embaixo e mais uma vez ele explodiu em ondas enchendo-a com os esguichos do seu gozo enquanto ela sugava o seu pau com gemidinhos que aumentavam ainda mais o frenesi. Seus braços trêmulos ardiam de uma forma deliciosa e ele saiu de dentro dela deitando-se de lado ao seu lado com o coração disparado e o peito arfante e o rosto lindo afogueado de prazer dela, se contorceu em uma careta de dor.

Ah droga. Ah merda!

De um salto ele se sentou enquanto ela se encolhia de lado e abraçava os próprios joelhos com expressão de cortar o coração, e seus olhos ficam presos por um segundo no sinal de sangue que... Merda, merda!

Dërhon saltou pra fora da cama como um felino pulando pra trás, levou as duas mãos no cabelo com desespero, enquanto ela se contorcia com dores terríveis em cima da cama, e seus olhos pulavam frenéticos entre a mancha de sangue nos lençóis e entre as pernas dela.

Num segundo ele desapareceu, materializou-se na frente de Zarcon e depôs as mãos nos ombros do irmão arrastando-o consigo pelo ar.

Com um golpe rápido Zarcon inverte as posições em perceber que Dërhon o tinha arrastado pra dentro do seu quarto junto à fêmea e o levou para o lado de fora no corredor, como demandava o decoro. E por instinto de preservação, claro, ele não ia negar ao avaliar logo a situação.

Dërhon estava vestido tão somente com uma camisa negra aberta na frente e se atentasse para os botões, estava certo de que alguns estariam faltando, mas foi a ferida aberta em seu pescoço e ambos os membros eretos que fizeram Zarcon grunhir e socar o irmão no ombro com força.

— Eu a machuquei, não tive intenção, mas eu... Caralho...

A raiva foi amenizada quando viu o estado transtornado de Dërhon e ele bufou;

— Volta lá e termina o serviço.

Dërhon deixa escapulir um riso nervoso.

— Não está entendendo? Eu a machuquei, porra!

— É assim mesmo, caralho! Algumas sangram na primeira vez, outras não! Essa sangrou e...

— Mas ela está se contorcendo de dor!

Nesse instante uma onda de calor perpassa a fresta da porta entreaberta e invade seus sentidos como soco em seu estômago e num segundo Zarcon avança pra cima do irmão e o soca contra a parede, a alternativa, ele deixou bem claro e em tom ameaçador;

— Ela está no cio caralho, e vocês já ultrapassaram o inevitável, então, ou você entra nessa porra de quarto, ou entro eu!

Dërhon enfiou os dentes no ombro do irmão rasgando-o sem pensar. Era só instinto quando

silvou e o empurrou pra trás com violência e olhar tomado de ira.

Zarcon apertou os lábios, contém uma careta de dor e move a cabeça a estalar a tensão repentina instalada nos ombros.

— Que bom que entendeu.

Dërhon murchou visivelmente, jamais imaginou que pudesse ter uma reação súbita tão feroz, e como uma espécie de vingança seu irmão comenta com falso desdém;

— Brianis pode ser sacana, mas ela nunca mente quando está em negociação, se a fêmea tem selo, tinha, se era última opção...

Os pelos na nuca de Dërhon se arrepiam e ele pergunta com expressão humilde;

— E agora, Zarc. O que eu faço?

Zarcon joga os braços pra cima puto e devolve a pergunta com outra;

— Agora você me pergunta? Entra logo nessa merda de quarto, e não se atreva em mordê-la sem que ela implore! A natureza dá conta do resto.

Todo o conhecimento que Dërhon tinha sobre o assunto se esvaiu pelo seu ralo mental quando mais uma onda de calor os atingiu e Zarcon socou a parede afundando-a como aviso mudo do que ia fazer com a sua cara, se ele não entrasse logo.

Dërhon abaixou a cabeça assentindo brevemente e Zarcon bufou puto e desapareceu dali materializando-se na academia implantada dentro da mansão.



Ele arrancou a camisa e a camiseta manchada com seu próprio sangue e subiu em uma das esteiras a fitar sem realmente ver, os botões de comando sobre o complexo painel a sua frente, quando um vulto distinto pairou ao seu lado e em três cliques pôs a coisa pra funcionar, mais rápido, subindo, até que não era tão ruim...

Trevon se afastou a um passo do rei e permaneceu na posição de guarda enquanto ele corria e extravasava a energia contida, na esteira em alta intensidade. O silêncio era um prêmio mais do que bem vindo e tão logo ele pegou o ritmo, Trevon aumentou a intensidade da máquina com um comando mental e ele agradeceu com um breve aceno.

... Pouco mais de três horas depois o rei ainda corria no mesmo ritmo, ciente da presença silenciosa e solícita a dois passos de distância. O suor banhava todo o seu corpo e o rasgo que Dërhon fez em seu pescoço já estava em fase final de cicatrização, por umas duas ou três vezes ele apertou a corda na cintura da sua calça de brim, que pela desidratação iminente do seu corpo tendia em descer mais e ficar pendurada no mastro que teimava ficar irritantemente ereto feito uma tora entre suas pernas em movimento. Trevon estendeu a mão com uma garrafa de água e mais uma vez ele agradeceu com um breve aceno ao aceitar.

— Manda Trevon. —disse-lhe o rei depois de uma golada na água fresca sem perder o ritmo da corrida.

Trevon morde o canto interno da boca e conhecendo seu rei melhor que qualquer outro, sabe que sua paciência é relativamente curta, então ele solta a bomba de uma vez;

— Três fêmeas entre os civis da região mais ao norte do terreno desapareceram, sem deixar rastro.

Katum bum!

Zarcon mete o queixo na ponta da esteira e ainda de quatro olha pra Trevon com cara de pouco, ou nenhum amigo.

Trevon há muito que adquiriu a liberdade de assumir tanto às funções de Dërhon, quando saía em suas missões. Quanto de X Strauss, quando de tempos em tempos, desaparecia sem rumo, e se Trevon diz que as fêmeas desapareceram sem deixar rastro, não havia o porquê, de ele duvidar.

— Há quanto tempo?

— Cerca de seis a oito horas, no mínimo.

Trevon respondeu sem inflexão no tom de voz e Zarcon teve a certeza de que isso era só o início da conversa;

— Nomes.

— Mirian, Lohana e Ametisha. E mais, nenhuma sentinela foi vista no raio de cinquenta quilômetros ao longo do perímetro da região neutra.

— O Guardião?

Zarcon perguntou esperançoso, mas Trevon negou;

— Não senhor. Caius o filho, foi encontrado dentro dos limites do condomínio, desidratado e inconsciente e Caius o pai desapareceu também, mas já analisei todos os vídeos e tenho vinte machos da minha total confiança se revezando entre eles e cobrindo todo perímetro desde que foi ordenada a quarentena. Ninguém tentou sair, o que quer que tenha acontecido, aconteceu aqui dentro, no período em que o senhor e seus irmãos estiveram ausentes.

Zarcon conhecia Trevon o suficiente pra saber que ele não estava acusando a ele ou seus irmãos e pensar com a cabeça de cima quando a debaixo parecia gritar por atenção estava bem complicado e profundamente irritante. Por um segundo ele viu um lampejo de piedade cintilar nos olhos do guerreiro, mas Trevon logo se recompôs.

— É de conhecimento geral que Caius filho é super protetor com as irmãs do ventre de sua mãe, e que o pai não só aceitava como incentivava o comportamento dele. Ouso supor e até desejar que o menino tenha conseguido prendê-las em alguma das câmaras subterrâneas, como fez alguns anos atrás.

— Não podemos nos basear nisso. — alega com desânimo o rei — Eu lembro bem dessa história, só que ambos já não são mais crianças de dez anos, terão 23 em alguns meses. Onde está o garoto?



Todos os seus instintos se ascenderam e de um salto estava na porta do quarto, com o coração disparado dentro do peito ele a abriu, deu uma espiada na fêmea que dormia e saiu fechando a porta no trinco por trás de si. Essa fêmea ela não ia levar. Se existia algo acima dela, não ia. Podia sentir o riso de escárnio da entidade dentro da sua mente e sabia que ela passaria por cima dele e entraria se quisesse, mas com determinação de ferro ele se aprumou e a enfrentou, e o inacreditável aconteceu. Ela vacilou...

Então é assim? Agora vai apelar por uma autoridade que desconhece sua medíocre existência por uma fêmea tão medíocre quanto você?

Ela parecia ressentida com ele, mas não ia se deixar enganar, manteve a postura beligerante e expressão inescrutável. Era sempre o mesmo jogo de poder, e isso já o estava cansando...

É justo que saiba que pode me renegar se quiser, mas levo sua queridinha comigo ainda assim, e não há nada que possa fazer para me impedir.

Ele congelou por um breve instante e continuou em frente à porta, a miserável riu debochada dentro da sua mente e ele tremeu por dentro, deve ter alguma coisa, qualquer coisa, mas ela não, ela não...

Ele arriou o corpo exaurido e passou uma mão trêmula no cenho gelado. Ela passaria por ele se quisesse, disso não tinha dúvidas, mas sentia que a presença dela era só dentro da sua mente e chegou a triste conclusão de que ela estava jogando com as suas emoções.

Venha comigo agora meu precioso macho, e se conseguir satisfazer a minha sede de vingança, eu deixo que se divirta com seu brinquedinho novo por mais um tempo.

Ela deixou uma imagem plantada em sua mente e desapareceu. Como um autômato ele se levantou, sabendo exatamente para onde tinha que ir e o que tinha que fazer.

Kassia tentou levantar, mas um risinho de escárnio invadiu sua mente e uma força sobre humana apertou seu corpo contra o colchão, o pouco de luz que conseguiu ver a cegou por um instante enquanto o ar esvaía pela sua boca e seu cabelo era puxado pra cima da sua cabeça expondo sua nuca.

DOR indescritível quase a fez desmaiar nesse instante e tudo que podia fazer era ganir.

Acha mesmo que pode comigo, garota? Você pode ter descoberto e alterado alguns dos meus planos, mas ele é meu e é tão descartável quanto qualquer outro sob meu domínio.

A entidade sorriu de novo enquanto a torturava e fez um rasgo profundo da sua coxa direita até a panturrilha. Kassia fecha os olhos em agonia.

E olhe só que interessante, agora eu tenho a você como trunfo pra conseguir dele tudo que quiser. Não é realmente irônico que justo você venha me ajudar ainda mais estando viva do que morta?

Kassia trincou os dentes para não ganir de dor, mas ela não conseguiu conter as lágrimas que rolavam pelo seu rosto enquanto a entidade rasgava sua outra perna da coxa até a panturrilha e ia dizendo com a voz suave;

Sabe onde ele está não sabe? O que ele está fazendo para poupar essa sua vidinha medíocre e amaldiçoada?

Kassia ignora as dores lancinantes e lança um comando mental para atraí-lo de volta e a entidade sorri com desdém.

Ah jovens, jovens... Sempre tão tolos e ingênuos. Você nunca ouviu falar que estes machos têm por prioridade preservar a vida da fêmea que o escolhe, não é? Que pena...

Kassia grita sem emitir som algum ao compreender que só havia acelerado ainda mais aos acontecimentos e com dificuldade extrema ela alça o próprio corpo com os braços e acaba por cair para fora da cama.

— Sérgio, não. — ela balbucia e em seguida grita — Nãããão!

A entidade abre a porta que ele havia trancado e Kassia ignora o riso de escárnio dela em sua mente e se arrasta pelo chão do quarto alçando seu corpo ferido com os braços.

As lágrimas turvam sua visão, mas ela vê pelos olhos dele e sente na pele a determinação que ele tem de protegê-la a qualquer preço, e quando por fim alcança a maldita porta do outro

quarto, ele se volta para ela com uma faca enorme nas mãos, e tinha um lago de sangue aos seus pés...

Ela vê a faca cair em câmera lenta e quicar no chão espalhando o sangue e ele caminhar a passos largos na sua direção com expressão aflita e logo em seguida a escuridão a abraça, levando-a ao abrigo da inconsciência.

Ao longe, bem longe, um sorriso sinistramente encantador a assombrou.

Pode deixar que eu cuido da limpeza, querido. Se permitir, é claro.

Ele levanta a fêmea nos braços e não se deixa enganar pelo sorriso doce que a entidade implanta em sua mente.

—Por favor. — devolve entre frio e sarcástico — Sinta-se em casa.

Que assim seja, meu querido.

E antes que entrasse com a fêmea no próprio quarto ele viu de sobreolho a luz mortal refletida na parede do corredor, sabendo de antemão o que aconteceria a seguir... Maldição.



CAPÍTULO 18

Zarcon sente o amargo da ira no fundo da garganta a ver o estado do garoto que jazia sobre a cama. Desidratado foi uma maneira bem sutil de Trevon em sua pré-avaliação do rapaz. Caius estava ferido por todo o corpo e o cheiro fétido de carne queimada pairava no ar, inconsciente ele leva a mão na própria frente do lado esquerdo onde uma pequena cicatriz ainda existia.

Ele sabia que tipo de fonte era capaz de provocar tamanho estrago, mas se negava a acreditar que 'ela' fosse dar-se a esse tipo de trabalho.

O garoto estava acordando e Brianis em pessoa entrou com a *Miellen* que ele tinha invocado. A *Miellen* fez uma reverência graciosa e Brianis apontou o leito com o queixo para onde ela seguiu e ajoelhou-se, carinhosa e solícita.

Trevon a cumprimenta com um aceno e limpa a garganta e Brianis o encara com seriedade e braços musculosos cruzados sobre seios pequenos e rijos.

Zarcon meio que bufa impaciente e ela descruza os braços, puxa o ar com força para dentro dos seus pulmões soltando-o com a mesma veemência. Como se também ela estivesse de saco cheio com toda essa porra.

— E se tivesse 'saco' estaria, pode ter certeza meu rei. — ela debate e com um breve e sutil movimento aponta porta afora e ele aponta com a destra para que ela siga na frente. Antes de segui-la ele encara Trevon como aviso mudo e Trevon repuxa um dos cantos dos lábios, assentindo de leve.

Brianis permanece de costas a examinar com afinco um quadro que retrata o nascer do sol no litoral, mesmo sentindo a presença do rei por trás de si.

Zarcon se aproxima mais e também passa a examinar o quadro ao seu lado com a expectativa de entender um pouco mais sobre ela;

— Houve uma época que nós podíamos suportar o sol. — ela mencionou com um quê de nostalgia no tom de voz e o fitou por um breve instante voltando a se focar no quadro;

— Agora vocês têm toda uma tecnologia que... — Brianis se interrompe em suas divagações e se volta para Zarcon;

— Isso é briga de cachorro grande, como vocês costumam dizer aqui. Não permita que mais ninguém se perca nessa guerra, meu rei.

Zarcon balança a cabeça a assentir.

— Certo. E o que ganho com isso além da porra de uma consciência pesada?

Agora é ela quem balança a cabeça concordando.

— Ciência de algumas verdades, está bom para você? *Mahren...*

— Não, pode parar Brianis. — o rei a interrompe — Eu não acredito que, prefiro não acreditar ou saber certas coisas sobre a Guardiã. Eu não pretendia mesmo envolver ninguém nessa suposta guerra, mas como foi você quem sugeriu. Tem uma ou duas coisas que quero saber e engloba tudo. Ela ainda luta por nós? E se luta e fizemos tudo exatamente como ela

determinou. Porque aquele garoto ali dentro perdeu o pai e as irmãs e lembra tanto alguém que eu... Quer saber? Que se foda tudo isso, certas coisas é melhor não saber mesmo!

Zarcon vencido levanta os braços, caminha até perto da parede e encosta a sua fronte na superfície lisa e fria.

— Casos diferentes e circunstâncias diferentes também.

Zarcon solta um ar de riso carregado de cinismo.

— Sei, e aquele garoto não é o reflexo do que aconteceu comigo e coelhos da páscoa saltitantes também fazem parte da realidade.

— Não sei nada sobre tais coelhos, mas quanto ao garoto ali dentro, não foi a nossa Guardiã quem o queimou...

Nessa, ele se virou e encarou-a.

— Não?

Brianis sustentou seu olhar com firmeza.

— Sim, ela permitiu e não, não foi ela quem queimou o rapaz.

Zarcon não podia duvidar da veracidade expressada no olhar sério de Brianis.

— Você matou o meu pai.

Não era uma pergunta, mas ela assentiu mesmo assim.

— Eu lhe fiz essa cortesia, sim. Ao contrário do Caius pai, que lutou até o fim pelo único filho, ainda vivo. O Zarcon que conheci, sucumbiu a natureza brutal do qual foi gerado...

O seu olhar ganha um tom ainda mais claro de prateado quando revela;

— Ele violentou e matou suas irmãs em seu acesso de loucura e clamou por mim, quando voltou a si.

Zarcon recostou na parede e se viu de volta a milênios de anos antes.

Ainda era um jovem adolescente, apenas dois anos mais velho do que o que jazia alquebrado no quarto há poucos metros de onde ele estava agora. Suas irmãs tinham acabado de passar pela transição quando foram brutalmente violentadas e assassinadas e tanto ele quanto Dërhon e Xstrauss viram os corpos destruídos e sem vida, na câmara que a sua mãe tinha preparado para eles com auxílio do mesmo *Neimo* que os servia até hoje.

Como uma espécie de legado do que sentia por eles enquanto os gerava. Isis também deixou por intermédio do *Neimo* vários pergaminhos onde ela escrevia com tinta feita do próprio sangue e declarava entre outros assuntos, o quanto os amava, e Zarcon os guarda até hoje, como o verdadeiro tesouro que são.

Ele examina a fêmea forte à sua frente com olhar diferente enquanto ela aguarda passivamente e uma questão antes turva se torna clara como água...

Sendo ele o primeiro nascido do ventre de Isis e estando morto o seu pai, era seu o direito ao fardo de reino e também o *mitho* delas e do próprio pai, cujo nome ele herdou por ordem de nascimento. E ele fez uso desse direito quando confrontou a Guardiã em seu mundo e acabou cego...

Brianis assentiu séria e uma única lágrima cor de sangue rolou em seu rosto.

... Morrer é pouco para alguém capaz de cometer algo desse gênero, o que quero. O que invoco de direito é que o assassino do meu pai viva, e para todo o sempre assista as próprias gerações de fêmeas passarem pelo que passou minhas irmãs nas mãos de seus algozes e chore

lágrimas de sangue por elas, por si mesmo e pelas que eu e meus irmãos não podemos chorar como dizeis, por toda nossa maldita existência sem elas.

Zarcon encara a fêmea sem saber o que dizer e ela ensaia um sorriso entre as lágrimas de sangue, movendo a cabeça em negativa.

Acredite no que vos digo Zarcon filho de Zarcon, eu amei, e para todo meu amaldiçoado sempre irei amar o macho que vos gerou e aos seus, no ventre da sua mãe.

O seu sorriso é mais amplo e até um tanto sacana quando acrescenta ainda na língua dos seus ancestrais;

Mas amei ainda mais a vós, quando conjurou o mitho que me libertou do jugo que é não poder ver minhas gerações crescerem, mesmo com todo o dissabor de sofrimento que as condenou, pelo meu ato.

Zarcon engoliu antes de perguntar num sussurro;

— Quantas?

— Essa já é uma questão que por complacência a vós, me dou o direito de não responder.

— A Valquíria de Xstrauss. — ele insiste e ela o encara um instante antes de assentir;

— Uma delas.

Brianis continua sustentando seu olhar desafiando-o a insistir, mas Zarcon tem o bom senso de somente assentir. Sua mente sempre trabalhou rápido em questões de ação e reação, e no momento ainda tentava digerir a ideia de ter, por consequência da sua decisão, condenado seu irmão Xstrauss com a besta.

Brianis balança novamente a cabeça em negativa.

— Preste bem atenção no que vos digo meu rei. Xstrauss não foi condenado, foi salvo. É um rei justo que enxerga além de suas gerações em seu coração e com isso, voltamos nós para a sua primeira questão; sim, ela continua lutando por todos nós e sim, existe fundamento para o que permitiu que acontecesse, mas é justo que vos diga...

Só cabia a ele, saber de certas coisas...



...Dêrhon está deitado de barriga pra cima, exausto e ofegante pelo esforço empregado e Alegria sente as lágrimas carregadas de culpa arder, as dores no baixo ventre dela ainda são intensas, mas ela não se atreve a mexer um único músculo do corpo e contém até mesmo a respiração, mas outra forte onda de calor a trai e ele mais que depressa se depõe sobre ela e se encaixa entre suas pernas expondo o pescoço já dilacerado, ela tenta com todas as forças conter a compulsão, mas sua natureza prevalece e ela o morde novamente enquanto ele volta com as estocadas que aliviam sobremaneira suas dores.

Suas veias pulsam com o calor e a força dele e mais do seu precioso sangue desce pela sua garganta enquanto mais uma vez, ele a preenche com sua semente.

Dêrhon sente o desconforto da fêmea como uma presença física entre eles e até tenta se desvencilhar e se levantar, mas o seu corpo se nega em colaborar e ele acaba deitado por cima dela.

Depois das três primeiras horas, ele passou a dispensar às preliminares que só faziam sofrer

ainda mais das dores terríveis e descobriu para seu próprio alívio que ela gozava mesmo assim, mas daí a aguentar o peso do seu corpo era outra história! Ela era graciosamente bem menor que ele e por mais que pensasse no assunto, ainda não entendia porque a vaca da Brianis a considerava como última opção... Êpa!

Ela estava chorando de novo e ele tentou se levantar, mas ela o puxou e o abraçou e ela começou a acarinhá-lo nas costas enquanto chorava baixinho bem perto do seu ouvido e puta merda! Ele estava ronronando enquanto ela chorava?!? Estava! E isso era o cúmulo da falta de respeito com ela, mas não conseguia evitar!

Seu corpo, seus pulmões e desconfiava que até o pulsar do seu coração, estavam sob o domínio dela! As pálpebras pesando... Tinha algo de bem confortável em perder o controle assim... Ele ia fechar os olhos só um pouquinho...

Alegra sentiu o exato momento que a respiração dele estabilizou e ter o corpo dele sobre o seu foi uma experiência muito, muito boa mesmo.

Ele estava sendo extremamente gentil com ela apesar de ela ser o castigo que Brianis deu a ele. Suas mãos continuavam a deslizar em suas costas com carinho e o peso do seu corpo amenizava um pouco das dores por não estar dentro dela. Ele estava realmente esgotado, e ela prometeu a si mesma que ia poupá-lo o máximo que pudesse e se dedicar a satisfazer cada um dos desejos mais íntimos dele pelo tempo que foi imposto a ele a presença dela ali.

Dërhon sentiu os lábios quentes e macios da fêmea encostados na sua fronte e ela continuava acariciando suas costas com as mãos macias e pequeninas num ritmo estupidamente relaxante, era inevitável tentar abrir os olhos. Estava cansado pra diabos e supôs que qualquer migalha de descanso seria muito bem vinda a ajudá-lo quando ela o requisitasse de novo, então ele fechou os olhos e se deixou levar pelo sono...



Ailin olhava pra ele com os braços cruzados sobre o próprio ventre e os olhos claros e acusadores rasos d'água, sem querer acreditar que ele foi capaz de tamanha crueldade.

— Como foi capaz, Ferguz. — ela perguntou num sussurro sentido.

Não encontrando um motivo que o obrigasse em ter de se defender das acusações, ele permanece na mesma posição, calado. Podia alegar que ela não perguntou, mas seria engodo, já que podia ter dito mesmo assim. Ser apegado a uma *Mäi* não era mesmo uma boa ideia, mas Ailin estava. E se ele podia ser culpado de alguma coisa, foi o de protelar ao máximo que pode que ela viesse saber que a sua jovem *Mäi*, não estava mais entre eles.

Isso não era nem de perto um crime! Era fato que ele se importava com ela e só queria que fosse feliz!

— Vai embora, Ferguz. Por favor.

Ferguz assente com o rosto inexpressivo, mas avisa;

— Não faça nenhuma bobagem Ailin. Eu vou estar sempre por perto.

Ailin move os ombros com desdém e o enfrenta com o olhar em fazer jus ao sangue da amiga que corre em suas veias;

— Ela não me deu pra você, Ferguz. Subentende-se que você não é meu dono ou eu a sua. Faça o que quiser lá fora, mas deixe-me em paz.

Doeu. Mas uma sensação de conforto prevaleceu à dor e ele provocou;
— Ela pode não ter formalizado a situação, mas me responsabilizou pela sua segurança.
— Dispenso.

Boa! Ele mantém o rosto inexpressivo, mas no fundo comemora e com um toque de ousadia ele leva a mão bem no meio das pernas e o olhar assombrado dela segue a direção.

— Tenho um profundo apreço pelo que trago aqui.

Ferguz sacode de leve e ri por dentro em êxtase com a mudança que está provocando nela e acrescenta;

— Então minha querida, é melhor ir se acostumando.

— Não sou sua querida. Sequer gosto, tanto assim de você.

A pausa entre o gosto e o tanto foi a sua perdição e ele avançou pra cima dela sem lhe dar tempo de pensar e tomou sua boca em um beijo quente e cheio de desejo. Suas mãos passearam atrevidas por todo seu corpo delicioso e parou deliberadamente em suas costas na altura da cintura e tão logo ela se rendeu ao seu assalto, suas mãos desceram e apertaram o seu traseiro, dando umas tapas de leve, e ele se afastou logo em seguida.

— Essa boca deliciosa pode até contar algumas mentirinhas minha querida, mas quanto à resposta do seu corpo, aí é outra história.

Ailin morde o lábio inferior completamente indignada com a reação dele e ele ainda tem a ousadia de rir dela antes de sair da sua casa!

Mas... Que inferno!

Ela se deixa cair no sofá e se nega em tomar ciência de que as suas pernas estão tremendo e de que acabou de passar a língua nos lábios saboreando o gosto dele. Ela soca o braço do sofá e a imagem dele sacodindo aquilo daquela maneira tão... Tão o quê?

Ela mesma se desafia em alto e bom tom e Ferguz sorri ao sair pela porta da cozinha, afinal, ele tinha encontrado o caminho da mina...



Em um plano intermediário entre os vales duas entidades que se conhecem há muito tempo e já estiveram do mesmo lado, observam uma terceira sem que esta os perceba...

Ela não está tão equivocada assim.

E a outra simplesmente sorri.

Sabe que sorrindo assim, você até parece um anjo?

Esta flertando comigo, Jarel?

E agora é ele quem sorri;

Longe de mim! Se bem que... Não. Não me tente, mulher!

Agora ela sorri com gosto e encosta de leve o lado do rosto no seu ombro.

... Eu entendo. Não aceito..., mas entendo.

Ela sabia que ele entendia e abusado ele a envolve com uma das suas asas enormes.

Não sente falta? Hein, hein? Ai. Isso é golpe baixo, diaba!

Ela sacode a pena majestosa que arrancou dele e flerta de volta;

À bem da verdade não, e golpe baixo em você, só arrancando mais uma pena para minha coleção, já que isso aí é só um blefe. Um enfeite talvez?

Ela olhou bem naquela direção e ele riu.

Touché Marie! Tré Bien. Mas anjos de verdade não tem sentimento de orgulho pra ser ferido.

Ele se espreguiça esticando cada pontinha de pena nas asas enormes e volta a encolhê-las com um arquear matreiro das sobrancelhas loiras e ela solta uma breve e feminina gargalhada com o seu exibicionismo gratuito.

Veado.

Partindo de você, devo considerar como um elogio, meu anjo.

E era, acabo de reconsiderar.

Ummm, estamos evoluindo aqui?

Ou decaindo, depende do ponto de vista.

Ponto.

Não estamos disputando.

Depende do ponto de vista.

Ele rebate e ela sorri, subentendendo-se o ponto para ele.

Falando sério agora. Ela já se delatou em se fazer passar por você. Do que mais precisa para intervir?

Você sabe Jarel.

Isso está há anos luz de distância da sua alçada, Marie.

É um anjo de pouca fé Jarel. E sim eu sei, sou uma diaba com fé demais...



CAPÍTULO 19

Ele já estava em pele e osso, talvez mais osso que pele, mas não se importava. Daria tudo de si, e do que estivesse ao seu alcance para defender a fêmea deitada em sua cama e se morresse no processo, ela precisaria estar forte para se defender sozinha...

Kassia já estava bem além do seu limite, as faces das fêmeas que ele matou, por culpa sua, atormentava, Aleesha continuava sendo um eco dos seus pensamentos e sentimentos, com a única diferença. Era ela quem vinha à tona quando a necessidade de alimentar-se sobrepujava a de se punir.

No início imaginou que era um resquício inconsciente de instinto de preservação, mas depois começou a juntar um pensamento aqui e outro ali, um sentimento ou um aspirar mais profundo e...

Isso é absurdo!

Lá vem ela!

Por quê? Pode me explicar virgem de 40 milênios?

Eu não sou tão antiga assim, ademais, não vou distrair você com mais uma discussão.

Tudo bem senhora Vaidade, vai embora mesmo! Se enfia aí no canto mais escuro! Oh se vai! Vai idade vaaai... Um elefante incomoda muita gente. Dois elefantes incomodam, incomoooodaaam...

... Que filme é esse agora?

Ghost. Do outro lado da vida.

Kassia se lembrou da cena em que o fantasma lindo canta a música do elefante para atormentar a médium a ajudá-lo e Aleesha acaba rindo sem querer.

Você está ficando louca...

Você também..., se apaixonar por um assassino...

Aleesha se cala por uns dois ou três segundos e rebate;

Eu me apaixonei por você? Porque no meu ponto de vista, ele é tão assassino quanto...

Kassia demora um segundo menos e bem mais a sério rebate;

Você está certa. O nosso caso de amor não deu certo. Você não se apaixonou por ele, nem por mim, e eu só vejo uma saída viável para tudo isso.

E Kassia já estava se encaminhando para esse desfecho, só que levaria ele junto, ou antes. O que viesse primeiro...



Dêrhon se espreguiça todo e geme baixinho, aos poucos os seus pensamentos vão retornando e pumba tuc... O tuc, foi o som oco da sua cabeça batendo no assoalho de madeira nobre que só no seu quarto tinha, e o pumba, foi o do ossinho da bunda que chegou à frente nesse mesmo assoalho e agora reclamava ardida. Ele estava no 'seu' quarto. Fato.

E se não foi um sonho muito doido, tinha algo a mais no seu quarto que não era nem de longe pesadelo, e ao mesmo tempo, era um pesadelo sem igual... Ah caralho... O sonho e o pesadelo em mesma medida eram reais, e foi o aroma que pairava no ar que o alertou ao fato, e ao Falo, e ele não se referia ao verbo!

Água caindo era igual à fêmea no banheiro. Ele esfrega os olhos e sente o estômago reclamar meio que colado com supercola às suas costas na sua espinha dorsal, e se seus sentidos não estavam com fuso horário trocado, o dia tinha acabado de nascer lá fora e... A não ser que ele tenha dormido por dois dias inteiros ou Zarcon o tenha enganado, a fêmea em questão ainda estava no cio e... Que bosta estava acontecendo então?

Ele saltou da cama e com poucas passadas estava à porta, e o que via somado ao que sentiu era de cortar o coração, ou ficar puto pra valer! Ou ambas as coisas ao mesmo tempo e sem destino certo de 'pessoa' pra mirar.

Ele ainda não estava pensando direito. Era isso...

A fêmea estava sentada no chão do box e a ausência de calor somado a cor arroxeadas dos poucos pedaços de pele que podia ver por entre a cortina de cabelos que se formou, o fez chegar a duas conclusões, e nenhuma era boa.

Ele se aproximou no intuito de tocá-la e puxou a mão...

Putaquepariu! A água não estava fria, estava gelada!

Ele ia tirar a fêmea em choque do box, mas estava tão gelada que acabou entrando com ela e regulando a água para mais quente aos poucos.

Os músculos enrijecidos dela começaram a relaxar conforme ela aquecia e ele a apertou contra o peito sem saber o que mais fazer ou dizer que amenizasse o clima.

Alegria esconde o rosto na curva do pescoço dele, envergonhada de si mesma. Estava fazendo tudo errado desde que chegou ali. Era justo que ele pensasse que era louca, já que estava agindo como uma... Chiii — ele sussurrou — vai ficar tudo bem... —, e ela se desmanchou em mais lágrimas ainda!

Dêrhon se perguntou meio que desesperado porque que essa frase sempre tinha o efeito oposto ao pretendido em quem as escutava e só se deu conta de que a tinha sentado na pia do banheiro e a secava como se fosse uma criança recém-desmamada, quando alguém mais embaixo se aprumou e figurativamente levantou o indicador e o balançou. O 'eu discordo totalmente', ficou subentendido na mensagem implícita, e só para confirmar a sua opinião, ele quicou mais umas duas vezes.

O calor começou a emergir de dentro dela novamente e dessa vez ela trincou os dentes até sentir o gosto do próprio sangue na boca e ele afastou a cabeça atordoado.

— Não me quer mais? — é isso aí Zé! Manda o orgulho pro caralho mesmo!

Alegria não conseguia olhar pra cima então balançou a cabeça em negação, ele tirou as mãos da sua cintura e vencido suspirou...

— Não! Quero dizer, sim..., é que, eu quero, mas...

Dêrhon podia jurar que ouviu fogos de artifício e nem era fim de ano! Pelo reflexo do espelho por trás dela, teve um breve vislumbre do seu sorriso de pateta com todos os dentes à mostra. E olhe só! Ela ficava ainda mais bonita corada! Ele pigarreou meio que para se conter e não sair

rindo e dançando no banheiro e meio para chamar a atenção dela pra ele, mas ela não entendeu o sinal.

— Acho que estamos com problemas de comunicação aqui. — ele considera e pergunta — É impressão minha, ou você não é muito fã de conversa?

Oooopaa! Ela olhou pra cima, mas sua expressão estava mais pra comeria você inteiro e isso era bom, não? Seria...

Se ela não estivesse por algum motivo, (que alguém mais abaixo do seu corpo teimava em querer protelar para depois do vamos ver o que ha embaixo da saia dela agora, e ainda arfava com a língua de fora feito um bocó), e ele pensou seriamente em arrebentar as próprias bolas com um soco. Só pra ver a cara de babaca da nova consciência a ganhar voz dentro da sua mente e habitava a parte mais ao sul do seu corpo!

E nesse instante ele ouviu um som divino e parou de lançar ameaças veladas ao próprio membro e olhou pra ela.

Alegria soltou um gemido baixinho e ele se perguntou se ela também ouvia seus pensamentos; — Alto e claro, senhor...

Ela disse baixinho de forma automática, depois engoliu outro gemido que teimava emergir da sua garganta, ele percebeu e podia jurar ter ouvido seu membro rebater um 'eu te disse' todo empinado e cheio de razão. *Cheio de...* Ele olhou pra baixo com cara feia e jurava ter ouvido; *Vontade não é palavra* em um tom indignado...

E ela riu e gemeu de novo em cima da pia.

— A gente põe isso em pratos limpos depois, pode ser?

Ela assente e sorri de cabeça baixa.

E é goooool! Bem, as bolas a gente deixa de fora da equação, hein?... E o Empinadão, se tivesse sobranceiras estariam subindo e descendo frenéticas...

— Agora, falando sério (ele bem que tenta, mas ouviu bem ao fundo a sequência da frase em melodia; *é bem melhor você parar com essas coisas...*).

E ela riu de novo. Céus! Isso era o paraíso na terra!

Alegria salta da pia e num segundo encosta dois dedos em seus lábios e ele reclama num sibilo simulado;

Acho que ela acaba de descobrir nosso engodo.

Alegria se põe bem na pontinha dos pés e o máximo que consegue é beijar o seu queixo, mas logo que ele alimenta um pouquinho o ego desnutrido, ele se abaixa e estala um beijinho em sua boca macia e ela pergunta;

— O que é saia?

Dêrhon a brinda com um sorriso torto;

— Porque quer saber?

Ela torna a sorrir um pouquinho mais confiante e morde de leve o cantinho do lábio inferior.

— É que, acho que eu gostaria que aceitasse a sugestão do Empinadão e...

— E olhasse debaixo da sua saia?...

Ela assente timidamente e Dêrhon a envolve pela cintura delgada suspendendo-a no ar.

— Então temos uma menina assanhada aqui?

— Sim senhor.

— E ela quer brincar de o chefe mandou?

Ela quebra de lado o pescoço lindo com expressão confusa e ele logo lança um 'esquece'.

— Me beija de novo, daquele jeito?

E nem precisou ela pedir de novo...

Um pouco mais de duas horas depois...

Dêrhon sente dedinhos leves e macios em exploração geográfica descendente e mantém os olhos fechados. Por algum tempo ele havia apagado, e acordar com uma fêmea incrivelmente cheirosa e deliciosa em ritmo de exploração de reconhecimento em seu corpo não era nada mal e ele...

GRUNHE! Alto! Oh caralho! Ela... Saltou todos os pormenores e caiu de boca. LITERALMENTE!

Ele se deu conta de que tinha sentado no susto e continuou na mesma posição, temendo desesperadamente que ela abandonasse a área, mas...

Alegre fechou os olhos em deleite e o seu gosto não era nem de longe o que ela imaginava antes. Era melhor, muito melhor! Mal cabia na sua boca e isso batia com as poucas informações que ela colhia de um comentário aqui e outro ali. Os que não cabiam na boca eram os melhores, mas quanto ao gosto elas... Ela ouviu um gemido sofrido ao longe quando se empolgou e o sugou com um pouco mais de força e parte de si queria parar, isso não era justo, ele estava sofrendo...

Não, não e não, ele estava ainda mais grosso e se essa informação não estava de todo correta, a mão segurando o seu cabelo era mais uma das gentilezas dele! Ele suportaria mais isso por ela e depois pensaria em uma forma de compensá-lo, mas agora não, não dava pra parar, ah droga ele ganiu dessa vez, só mais um pouquinho, só mais um pouquinho, isso era mesmo viciante...

Dêrhon já não se aguentava mais em dois extremos diferentes; estava perto de gozar na boca deliciosa da fêmea, mas a sua carinha linda expressava um sofrimento tão, caralho não... Gozar ou não gozar. Eis a porrrraa da questão! Ela engoliu e continuava chupando e engolindo e por um instante ele tentou imaginar como uma boca tão pequena conseguia, mas os lábios por pouco não alcançava o par de bolas gêmeas na base do seu mastro e..., de novo não, de novo não, mas que caralho também! Ela chupava gostoso demais! Ele explodiu em ondas e mais ondas e sabe-se lá como... (por culpa da gravidade de certo), quando voltou a si estava deitado de novo, com o antebraço sobre os olhos, estupidamente envergonhado pela sua fraqueza, e ela deu uma última e gostosa chupada seguida de um barulhinho de ploc, que fez todo seu corpo tremer e soltou um gemido agoniado... "Desculpa".

— Como é que é!?!?...



—Eu... Será que posso?

Alegre aponta a porta do armário e leva a mão na boca, enojada consigo mesma. Como ela pode ser tão cruel? Ele praticamente estava fazendo tudo para que sua estadia ali fosse a mais agradável possível, apesar das circunstâncias! Ele evitou todas as suas dores e o tempo todo foi

gentil, e o que ela lhe dá em troca? Fere a garganta dele por várias vezes, e mesmo já tendo cessado suas dores, se aproveita da generosidade do macho machucando-o ainda mais? Claro que ele tinha o direito de duvidar do seu pedido de desculpas!... "A porta do banheiro é ali". Ele meio que sussurrou ou pensou, ela nem olhou mais na direção dele tamanho era o enjoo que sentia de si mesma e do que tinha feito com ele.

Ela assente ainda com a mão na boca, essa era sua oportunidade para sumir dali e foi o que ela fez. Só que não se restringiu a ficar só no banheiro. Covarde como vinha mostrando, ela desmaterializou pra fora do quarto e segundos depois um *Neimo* com expressão gentil a aborda no corredor. "Senhora"... Era sim, ela pensou com desdém e tristeza, não merecia esse tipo de tratamento. 'Ele' não merecia ser castigado dessa forma!

Dêrhon o tinha chamado para conduzi-la a outro quarto, ela assentiu e seguiu o *Neimo* de cabeça baixa, desejando que nesse quarto também tivesse banheiro ou algo parecido onde pudesse enfiar a cabeça em uma grande bacia d'água e se afogar...



Dêrhon no quarto ao lado caminhava de um lado ao outro aturdido. Ok. Revendo os fatos; (ela chupava bem demais pra uma iniciante?).

Não, ele já havia seguido esse caminho antes e não chegou a lugar algum e aturdido se perguntava: Onde foi que errou, porra?! (Desde o início?).

Não está ajudando em nada assim, sabia? (Então que tal começar de trás pra frente, ou pegar ela por trás?).

Dêrhon bate a mão na testa e desce pesada pelo rosto e a voz persiste; (... , se pegar por trás não vai ter que olhar o sofrimento no seu rosto, e...).

NÃÃÃO!

Ele não ia cair nessa de socar o próprio pau! Nunca viveu a experiência, mas podia muito bem imaginar que doía pra diabos! Rá! E agora ele conversava e segurava pelo pescoço o próprio punho, melhor, PULSO da mão em punho. Pulso, não pescoço. Entendeu babaca? E quase quicou.

(Quase?...).

Okaaaay! Três quiques de um macho alfa à beira da histeria não conta!

(Não?).

NÃO QUANDO É UM PRA LÁ, UM PRA CÁ, SOCO NO AR, OUTRO PRA LÁ!... Pode muito bem ser considerado um pré-aquecimento de ringue.

(Silêncio cheirando a escárnio)... E Dêrhon ignora resumindo os sintomas;

1 - Agora ele conversava com o próprio pau, intrometido pra caralho, diga-se de passagem. (esse lance de 'caralho' e 'diga-se de passagem', já está ficando repetitivo).

Vai se foder! Eu não vou te bater e me foder de dor depois!

(Como é o do hip hop? Um pra lá, um pra cá, soco no ar? Rá! Tenta a sorte Véi!).

Dêrhon olha pra baixo puto que só e alerta; Não, me, atente.

2 - segurou no pescoço... Pulso, caralho. P-U-L-S-O. E ameaçou ele também.

(seu gás está acabando e eu tô com soninho da porra com todo esse nhe, nhe, nhem...) Vai dormir então, vai neném... Daí quem sabe o tico e teco aqui em cima consegue decifrar essa

porra toda...

(Já parou pra pensar que ela devia estar com tanto medo de te machucar quanto você estava com ela?).

Ok. Não chegou a ver por esse ângulo, mas agora já estava com vontade de chorar também. Seu pau com sono era mais são e sério do que ele, e tinha uma voz pra lá de estranha que o fazia lembrar alguém, mas quem?

(Há quanto tempo está falando sozinho?).

Com essa ele olha pra baixo e pergunta; Agora você também é piadista? (Silêncio) Show de bola!

— E vai mesmo dormir e me deixar falando sozinho? Uohl!...

Está bem. Ele podia ter socado mais de leve, afinal o irmão não tinha nada a ver com seus problemas pessoais, mas falar com ele olhando o próprio pau foi sinistro e no mínimo desrespeitoso pra cacete!

Dërhon bate o ombro contra o umbral da porta e gani um "obrigado"...?

— Como é que é?!

E Dërhon imagina uma lampadinha se acendendo bem acima da sua cabeça, como a do professor Pardal.

— De onde você tira essas ideias todas Dërhon? Na boa, cara, tu não é normal.

Dërhon move o ombro dolorido e cogita alto;

— Começo a crer que tem uma doida estupidamente entediada tipo, uma dona de casa mal amada que toca siririca de dia e escreve nossa história de noite, ou algo do gênero... Ou eu não sou normal mesmo... Vai saber?

Com essa Zarcon ri mesmo sem querer e dá corda;

— Certo. E porque seria uma fêmea?

— Ah cara. Isso tudo é surreal demais, tá ligado? É muito mico prum cara só!

Agora Zarcon solta uma estrondosa gargalhada e Dërhon o encara pasmo. Ele para na hora e o fita sério.

— Oh, cara...

A cara de Zarcon foi realmente a porra da cereja que faltava!

— Valeu mano! Se não qué bota fé nas minha teoria, que se foda tu, tá ligado!? — o tempo em meio aos humanos da sua última jornada fora do condomínio o deixou com vocabulário muito hilário quando exaltado.

Zarcon irrompe em outra estrondosa gargalhada e mostra as palmas enquanto Dërhon vai ficando mais e mais vermelho até que Dërhon se rende e começa a rir também.

Quando se dão conta estão os dois sentados no chão e... Chorando! De soluçar! Como duas mariquinhas abandonadas ao vento e se abraçando...

Mutuamente. Caralho... Cambada de macho de merda era os dois... Eles também se separam mutuamente e Dërhon finge não ver que os olhos do irmão estão vermelhos e úmidos e vice-versa. Tudo resolvido, e respectivos 'paus' dormindo, como gêmeos que são, secam as lágrimas ao mesmo tempo, e ao mesmo tempo se batem nas costas a consolar um ao outro e se levantam.

Bem machos!

— É melhor que essa sua teoria não seja justificada.

Zarcon comenta meio que em ameaça e Dërhon mais preocupado com outro assunto move os ombros.

— Quê que tem?...

— Quê que tem que, se é escrito e por mulher. É lógico que é pra mulher ler. E essa cena aqui não vai passar em branco. Posso apostar que não, e por consequência. Estaremos todos arruinados com elas...

Dërhon torna a mover os ombros longe dali, e em examinar se a camisa que pegou tem todos os botões ao mesmo tempo comenta;

— Claro que não. As mulheres em geral ficam fascinadas com homens que tem glândulas lacrimais funcionais, instiga o instinto protetor delas. É inevitável. É com os outros machos que eu ficaria preocupado e... É mulher! Só pode! Tem que ser! Não. Escuta. Não faz essa cara não!...

Dërhon está quase sacodindo ou socando o irmão. Ou ambas as coisas se ele não parar de ficar encarando ele daquele jeito irritante!

— Porra, Zarcon! Caralho! Me escuta! É mulher sim! E uma puta de uma retardada se não reeditar toda essa merda!

Dërhon estica pra frente à camisa que acabou de vestir e Zarcon assente.

— Macho que é macho não faz três coisas ao mesmo tempo, sempre acaba..., deixando a desejar, o gás... Acabou, o gás. Eu sou macho...

A camisa não tinha um botão sequer...

Zarcon não sabe se ri ou chora com o tragicômico drama do irmão e o tom duvidoso que ele disse a última frase o deixa realmente apreensivo.

— Dërhon... — o quê dizer? — Você é um cara tão informado, faz tanta pesquisa, — Éééé, é por aí mesmo!

— Lê tanto e sobre tantas coisas na internet...

— É, né?...

Dërhon pergunta entre dúvida e esperança, e isso é mesmo de cortar o coração.

— Excesso de informação?

Zarcon só faz assentir com expressão convicta e o coração apertado.

— E se ela trabalha em salão de beleza?

— O quê? Tá de sacanagem com a minha cara?

— Não cara! É sério! Todo mundo sabe que essas profissionais ouvem coisas de arrepiar os cabelos!

— Tá de sacanagem.

— Não tô não, pense bem...

— Tu, tá, de, sacanagem!...

Zarcon avança irado pra cima do irmão e Dërhon se defende com um risinho descarado estampado no rosto.

— Achou mesmo que eu ia deixar barato? Se toca, cara! Oh, Oh!...

Na terceira Zarcon acerta

Pow!... — bem em cheio, e o melado desce...

— Você quebrou o meu nariz!

Zarcon crispa uma mão na outra e pergunta puto dentro das calças;

— Bem feminino pra você?

Dërhon move de novo os ombros ainda rindo com ambas as mãos no nariz.

— Me confortará mais se você acertar um desses bem em cheio no nariz da Brianis em meu nome.

— Não dá.

— Como assim, não dá? Ainda é de igual pra igual, não?

— Deixa quieto, Dërhon...

Oh caralho que ia deixar quieto! Então não tinha mesmo nenhum tipo de justiça nessa porra, (tá pensando que nem mulherzinha) que se foda! E se não foi por sua causa? Caralho! (Chupa que nem mulherzinha também?)

— Zarcon! Isso é a gota d'água, cara! Eu fiz a cagada e você paga? Isso não tá certo Véi! (Para de me chamar de Velho, eu tenho a sua idade, não se esqueça) e tá agindo feito um irmão milênios mais velho, porra! Nunca vai deixar de querer limpar minhas cagadas? Eu fui o culpado (Ele matou nossas irmãs, ela o matou...)

Zarcon se arrepende de imediato de ter soltado e trinca os dentes.

Cinco minutos eu... O preciso vomitar ficou entalado na garganta enquanto se desmaterializava rumo ao banheiro pra ser mais rápido e Zarcon congelou no lugar.

Brianis estava no banheiro e olhou bem dentro dos seus olhos antes de se agigantar por trás do seu irmão e meter com a cabeça dele no tampo do vaso sanitário, de certo reorganizando as suas memórias.

Com uma voz feral ela se voltou pra Zarcon pendurando o seu irmão como um trapo velho em uma só mão.

Fica me devendo mais essa, meu rei..., e antes que ele piscasse...

... —, e tá agindo feito um irmão milênios mais velho, porra! Nunca vai deixar de querer limpar minhas cagadas? Eu fui o culpado dess... Cara, o que te deu?

Zarcon aponta a própria testa sem coragem de abrir a boca dessa vez.

Dërhon repuxa um dos cantos dos lábios e segue ao banheiro gritando empolgado lá de dentro;

— Caralho, mano! Essa foi demais! Se fizer metade disso com a vaca da Brianis em meu nome, tá mais que perdoado! Te beijo na boca, Véi!

— Pa,ra,de,me,cha,mar,de, velho... —, ele disse baixinho, pela trigésima segunda vez, e olha pra sombra ao lado da porta por sua visão periférica como quem pergunta:

— MELHOR?

Brianis responde seca em pensamento;

Satisfatório —, e desaparece.

Zarcon olha para a fêmea encolhida no canto do quarto como quem pede desculpas e incapaz de perdoá-lo no momento, ela abaixa a cabeça e se põe a examinar algo inexistente no chão.

Dërhon sai do banheiro com uma toalha branca na mão e ela corre em sua direção soltando um 'Dërhon' sofrido e Zarcon se aproveita da deixa para escapulir do quarto pela tangente. O *Valeu mano Véi* dentro da sua mente doeu, mas foi bem mais do que merecido. Para cada vez

que errava sua fala, era mais uma porrada... E com a fêmea assistindo tudo! Ele estava ficando 'Véi' mesmo!...

Dêrhon ficou totalmente paralisado com uma fêmea frenética que o despia de todas as roupas e soltava exclamações a cada micro ferimento que achava nele, e o mais sinistro é que estava adorando ser tão cuidado e mimado desse jeito! E ela não parava de procurar, aflita!

Só o ferimento na sua testa era algo realmente assombroso e ele deduziu que o irmão tinha invocado uma pedra ou algo do mesmo gênero a usar como arma, mas ademais. Nada... Cócegas, por assim dizer. Que a fêmea fazia com seus dedinhos delicados em cada coisinha que achava e... Oops... Ele se retraiu e ela bateu na sua mão corando de imediato em seguida, ela esconde a mão no colo.

Devia estar ardendo e ele se abaixou de joelhos para nivelar suas alturas e se aproveitando para esconder um ser impertinente que se mantinha ereto entre as suas pernas e ela segurou na mão dele;

— Eu gostei de provar você, foi por isso que não consegui parar, sabia que estava sofrendo e se esforçando pra me agradar, eu gostei muito, mas... Aqui na terra tem uns curandeiros que arrancam dentes, se eu machuquei você, eu... Você, não o senhor, Brianis disse que é você, então você... Eu..., me dá mais uma chance? Por favor?

Dêrhon podia jurar que tinha perdido as juntas que prendiam no lugar a sua mandíbula. Era isso ou o estrago na sua testa tirou a sua atenção...

Ela solta o ar;

— Você não acredita.

Estava funcionando! Só pra abrir, e ela estava se encolhendo, ah merda...

— Ei, ei...

Ele a prende pelos ombros e... Torna a soltar, sacode a cabeça e tenta engolir, sua língua faz o serviço sozinha, jogando a saliva pela garganta abaixo, mas a porra da mandíbula solta não funciona!

— Date... nais, una reis! Ah caralho!

Caralho! Zarcon ia se foder com ele, pelo que aprontou com a sua boca!

— Ei seu rilho da tuta, retiro o que disse! Que seja ela a razer contigo! Ela, a Drianis!

Entendido alto e claro, senhor. Que seja. Alegria, o que ele quer é que você bata nele mais uma vez, mas bata com carinho.

— Odrigado. Aledra?... Uohl!...

Alegria lança a mão no seu rosto e o fita indignada;

— É a segunda vez que cai no engodo dela!

Até pra chamar a atenção sua voz é delicada e o seu nome...

— Cono assim!

Alegria puxa e solta o ar, afinal, ela também tinha acreditado em um monte de ferimentos que não existiam, não? Ela aponta o queixo dele.

— Foi ela que fez isso, não o rei, seu irmão... Vocês dois..., nós três ao certo, caímos no engodo dela...

E que fique de lição, nem sempre é o que parece, ou o que parece é.

— Aonde rái, Aledra? (note-se; Aonde vai Alegria).

— Trocuráro rei. (ela disse prendendo o lábio inferior com os dedos).

— Ah droda... (E ela o remendou ainda segurando o lábio);

— É isso aí, Deiruon, ah droGa! E tor acaso neu none é ALEGRA. Darecido denais com Aleesha e se está entendendo, téro chutar teu táu de nojo, ainda hoje.

E tendo dito, ela saiu do quarto e Dërhon se pôs a estudar com afinco a mais nova língua onde os 'ladios' (lábios) não se encontram.

—... Téro chutar teu táu de nojo... Ainda hoje.

Ele repetiu, analisou e repetiu mais uma vez em pensamento e o dúbio sentido entre o que ele queria e o que merecia era tão grande, que ele riu.

'DeTois geNeu', é claro...



CAPÍTULO 20

Alegria segue o corredor que o *Neimo* gentilmente havia lhe indicado e chegou à conclusão que a sua imaginação deixava em muito a desejar. Tudo ali era maior do que supôs de início, mais rico em cores e luzes e melhor aromatizado do que disseram algumas das *Miellens* com as quais teve contato no santuário, e todos os ambientes eram tão iluminados que alguns chegavam até a cegar por um breve instante no momento em que se adentrava.

Ela estava em uma dessas salas quando o *Neimo* a encontrou, ensimesmada com um grande quadro pintado em cores fortes que não se assemelhavam em nada do que se lembrava na terra, mas chamaram sua atenção. Os três machos no retrato eram fortes e disformes e tinham a pele negra como o carvão, mas não foi na pessoa deles que seu olhar se perdeu, e sim em alguns detalhes no ambiente ao fundo e nas pulseiras com correntes que prendiam os machos entre si pelos pés descalços e mãos grandes deformadas que empunhavam instrumentos de lavoura bem modernos em seu julgamento, havia algo no conjunto da imagem que era bastante familiar aos seus olhos e a prendia. Tinha duas mulheres com vestidos longos que lhes cobriam até os pés bem ao fundo, uma de tez escura como as dos machos e outra com a pele clara, mas não era isso também. Era e não era. As fêmeas estavam cobertas demais e os machos com os peitos desnudos e isso ela achou estranho.

Alegria para, pisca e torna a piscar para acostumar a vista quando entra no salão um pouco mais escuro da 'piscia' e mais algumas coisas aonde o *Neimo* tinha dito que ela encontraria o rei.

Ela reconheceu a sua figura no outro extremo do lago mais singular que já havia visto e hesitou por um momento em perceber que outro macho também estava lá e tinha se aproximado do rei.

Um calafrio sem sentido perpassou todo seu corpo e no mesmo instante o rei se levantou de onde estava e em poucos passos entrou em uma porta próxima dele, e o macho que tinha se aproximado dele desapareceu no ar.

Às luzes refletidas no lago singular dançava nas paredes de pedra como os facho de luzes multicoloridas do seu refúgio no santuário e em poucos segundos, várias imagens eclodiram e passaram por sua mente. Luzes em tons multicoloridos mesclavam com detalhes do quadro, correntes de aço e ouro cingiam cinturas das figuras femininas nuas e cintilavam sob a luz difusa das chamas no largo espaço sob a fenda onde eram trancadas para uso de seus senhores, máscaras de ferro e aço cobriam as bocas dessas fêmeas, e Alegria sentiu o ar escapar dos pulmões ao entender que estava entre elas, no mesmo instante em que o macho se materializou à sua frente e com a mão enorme segurou-a pelo pescoço e a lançou contra a parede de pedras lisas e úmidas e já caminhava de novo com olhar feroz na sua direção.

Zarc foi só um sussurro a emergir da sua garganta seca enquanto o macho a levantava pelos cabelos e batia com sua cabeça contra a parede. Antes que a inconsciência a tomasse ela ouviu ao longe o grunhir carregado de ódio a acusá-la; Valquíria!

Ela era uma Valquíria...



Dêrhon saltou nas costas de Trevon e o mordeu ferozmente no ombro destro arrancando um pedaço da sua carne e em poucos segundos Zarcon o puxa pelos ombros e o arremessa dentro da piscina, Trevon se recosta na parede com a mão no ombro destroçado.

Ela está viva?

Trevon assente a pergunta do seu rei e fixa o olhar nela com asco mostrando de leve as presas.

A fêmea nem é Miellen meu rei. É Valquíria a maldita...

Zarcon leva dois segundos para absorver a notícia e deixa para digerir num momento mais propício. Com um comando mental ele invoca uma *Miellen* para Trevon e quase não lhe é uma surpresa quando a própria Brianis aparece com três delas e séria, faz uma breve reverência;

Meu rei.

Zarcon assente em retorno e hesita um instante em apontar Trevon. Com o queixo ela aponta para a piscina e Zarcon balança a cabeça assentindo.

A essa altura, se ela decretasse que ele dançasse o ula-ula com aquela saia idiota, ele dançaria, mas ela se restringe em agradecer com o rosto sério e num estalar de dedos dela as três *Miellens* que trouxe consigo se despem dos seus mantos e Zarcon engole em seco.

Trevon o encara pasmo e por alguns minutos eles se comunicam sem palavras. As fêmeas estavam cobertas de tela de aço nas partes íntimas e no pescoço, e não fosse a diferença de cor dos cabelos presos ao topo da cabeça delas, seriam uma, imagem e semelhança da outra.

Elas se aproximam de Trevon e se viram de costas para ele se ajoelhando ao mesmo tempo e mesmo sem ver, Zarcon respira fundo e trinca os dentes ao pressentir: todas as que estão ali são Valquírias...

No formato em triângulo que fizeram em torno de Trevon, a fêmea que se ajoelhou na sua frente olha para Zarcon por um segundo antes de abaixar a cabeça em seguida das outras duas a exporem a única parte dos seus pescoços que não estava coberta pela tela de aço e adivinhando o que passava no íntimo dele, Zarcon implora em pensamento;

Pela amizade que me tens Trevon, não repudie a dívida oferecida. Pois todas que estão aqui, e creio que ainda tenha mais, são vítimas, minhas...

— Das circunstâncias, meu rei.

Interrompe Brianis chamando a atenção deles para si em tirar a regata justa pela cabeça e se despir da calça na sequência, e ela também vira de costas a expor-se para eles.

Total e assustadoramente, nua...

Não por ser extremamente musculosa, ela era e Zarcon ao menos já tinha se acostumado, mas os seus grifos... Seus grifos não eram restritos só à nuca como nos demais da sua espécie. Brianis também tinha mais deles gravados por toda sua coluna cervical e parte superior dos braços na parte de trás, e por pouco que Zarcon não solta uma exclamação...

Brianis em questão de linhagem estava...

Não, meu rei. Sou sim de primeira linhagem e nascida, mas eu não fui concebida da mesma forma que a maioria, fui criada e inserida no ventre da rainha, minha mãe.

Não é Nefilin?

Val Rein Mae *fei*, a primeira a serviço e fidelidade de Mahren, e de vós e seus descendentes, por **Deirn**.

Traduzindo; **Val Rein**, Brianis era a rainha das Valquírias e **Mae fei**?...

Fui criada e inserida única no ventre de minha mãe pra ser Mae fei da nossa raça e fui alimentada ainda em seu ventre com sumo dos nefilins e anjos que outras Valquírias caçavam... Até ter o nosso clã invadido e quase totalmente destruído pelos guerreiros do seu avô, eu não sabia como era ser alimentada de outra forma... Posso?

Ela volta a apontar para a piscina como se o que o que tinha acabado de mostrar não fosse nada e Zarcon assente.

— *Por favor.*

Brianis mergulha na piscina e Zarcon se volta pra Trevon a tempo de vê-lo encostar sua frente no pulso estendido em agradecimento e morder em seguida. As outras duas passaram a cuidar do seu ombro ferido o banhando com o sangue delas e Zarcon seguiu na direção da fêmea que jazia desmaiada.

Ele tinha autorizado Trevon a cuidar do assunto quando a viu no outro extremo da piscina, mas não tratava de uma *Miellen* suspeita de pertencer a um Guardiã inimigo como ele supôs antes, e foi se dando conta de outra coisa, conforme se aproximava. Ela não só não era *Miellen*! Era a fêmea que em poucas horas tinha acabado seu cio. Dêrhon a havia servido, e pelos deuses!

Zarcon nem tinha ânimo pra pensar em algum dos habituais palavrões que geralmente pensaria... Ele a levantou em seu colo com todo cuidado e a levou para a ala da enfermaria que Dêrhon havia mandado construir para Aleesha enquanto Brianis retirava Dêrhon bastante atordoado do fundo da piscina. Algo acontecido ainda na adolescência dele o deixou com uma aversão profunda de ser totalmente envolvido por água de todos os lados e nas poucas vezes que isso aconteceu ao longo dos anos, ele demorava horas, senão dias, para se recuperar, se fechando em um mundo só dele.

Zarcon desejava que fossem somente horas quando deitou a fêmea na mesa de exames... Ela estava sangrando também entre as pernas e isso não era nada, nada bom.

Ele não viu outra maneira de conter o irmão em sua fúria e sabia que Trevon jamais se defenderia em situação tão singular. Trevon era fiel aos seus princípios e um amigo e guerreiro de valor de longa data e Zarcon compreendia sua aversão com relação às Valquírias. Já que Trevon havia perdido a família e três dos seus irmãos foram torturados e mortos por elas quando ele era ainda apenas uma criança.

Ele mesmo esteve preso, e se a Valquíria de Xstrauss fez algo de bom enquanto viveu, foi levá-lo consigo quando...

Zarcon contém seus pensamentos a encobrir a fêmea e puxa as grades laterais para que ela não caia se vier a se mover e retorna à piscina encontrando Trevon no mesmo lugar, sozinho.

— Ela levou Dêrhon para o quarto.

Não tinha qualquer inflexão ou sentimento em seu tom quando disse, foi só mesmo a constatação de um fato e Zarcon se abaixa a sentar-se ao seu lado e fita o guerreiro e amigo de soslaio, também recostado na parede fria.

— Devo um pedido de desculpas a você.

— Sem problemas.

Zarcon solta um esgar de riso sem humor;

—... Fácil assim?

— Acabou de salvar meu braço, provavelmente a cabeça que trago em cima do pescoço... Então, sim, só não sei se fácil seria a palavra apropriada.

Zarcon assente e encosta a cabeça na superfície lisa fechando os olhos.

— Essa é a fêmea que, até poucas horas atrás estava no cio.

— Me dei conta disso, um pouco tarde eu creio...

Ele já tinha batido com a cabeça dela na parede algumas vezes quando reconheceu o cheiro do sangue de Dêrhon nela e temeu que ela o tivesse ferido...

Zarcon ri com desgosto da ironia.

— Ela também. — ele diz e torna a ficar sério, agora já não tinha graça alguma e Trevon aponta em seguida;

— Ela não é uma das nossas fêmeas e está prenhe...

— É filha nascida de Brianis.

— Mais um motivo para que ela escolha a mim.

— Alegria não é minha... Se assim fosse, Dêrhon não teria chegado a tempo de salvá-la do que é inevitável às que saíram do meu ventre.

Ambos olham pra cima e Brianis encara Trevon;

— Se acredita que tem alguma dívida com ela, escute-a. Ela sabe de coisas que você desconhece a respeito dos seus irmãos e pai e ela, assim como às suas iguais, fizeram um juramento que restringe o seu direito ao *Mitho*.

Trevon e Brianis se encaram por um instante, várias perguntas flutuando na superfície de tantas declarações implícitas e explícitas, quando ela interrompe seus devaneios.

— Ela não é quem você pensa, assim como você não é quem ela pensa ser, e já está na hora de fechar esse círculo idiota entre vocês dois.

Brianis se volta pra Zarcon e faz uma breve reverência;

— Meu rei. Deixarei Danikas aqui para ajudar, se permitir a sua presença, mas é justo que vos diga; será em meus próprios termos e nenhuma outra fêmea ou *Miellen* virá ao chamado do senhor ou dos seus, até segunda ordem.

Uma batalha silenciosa estava acontecendo nos planos superiores, Zarcon assente e Brianis autoriza a aproximação do vulto feminino coberto pelo manto vermelho escuro e Danikas abaixa-se em reverência tocando a fronte no chão, seus braços e suas mãos são as únicas partes visíveis do seu corpo esguio e Brianis encara o seu rei em desafio.

Zarcon respira fundo cansado a assentir balançando a cabeça e Brianis retira o manto da fêmea olhando para Trevon;

— Caberá única e exclusivamente a você o destino dessa fêmea, enquanto ela estiver aqui, e meu conselho é que não se apegue a ela em demasia. Danikas pode ser útil, mas não é indispensável.

Trevon mantém o rosto sério e inexpressivo, mas Zarcon consegue bem imaginar o que o guerreiro está pensando e sentindo mesmo tendo se fechado.

Brianis desaparece e Trevon aperta dentro da sua mão a chave que lhe foi entregue pela fêmea que o alimentou e se aproxima da fêmea que continua de joelhos no chão de cabeça

baixa.

Tal como as outras três que estiveram ali pouco antes, essa também estava amordaçada e trazia as partes íntimas e pescoço cobertos por tela de aço.

Trevon pegou o manto caído no chão e encobriu a fêmea trincando os dentes quando a sentiu tremer com o breve contato dos seus dedos nos ombros dela.

Aceito de bom grado a sorte que me quiseres dar, mas é justo que voz diga meu senhor, que não me arrependo do que fiz, e não há nada que faça me arrepender.

— E o que fez você, Valquíria? — ele cospe a sua classe como um xingamento.

— Prendi Caled e Phurion e por um centênio ou pouco mais, tive prazer com o sofrimento que infringi aos seus corpos, mutilando-os de tempos em tempos e queimando-os com reflexos do sol...

Trevon esbofeteia a fêmea com a mão fechada que segurava a chave e pendendo-a reluzente em seu dedo mínimo aponta-a com o indicador, os seus olhos cintilavam de fúria como seu tom de voz a declarar na língua de seus ancestrais:

Caled e Phurion foram torturados e violentados pelos guerreiros do clã de meu pai porque eram celibatários e jamais seriam capazes de machucar uma fêmea, mesmo que para se defender, e agora me vens dizer que és tu a algoz deles?

Zarcon se prepara para interpor-se entre os dois e Trevon o encara por um breve instante com seus olhos enegrecidos pela fúria em apontá-la.

— Eu não chegaria tão longe, não tão longe quanto ela...

Por um momento ele parece refletir e toda espécie de emoção cruza o seu rosto, Trevon torna a fechar a mão com a chave e sem palavras pede ao seu rei que permita que saia antes que faça algo do qual realmente venha se arrepender depois. Zarcon assente devagar e ele volta o seu olhar perigosamente frio para a fêmea, onde um filete de sangue corria tênue como uma lágrima pouco abaixo do olhar azul prateado, onde ele a tinha esbofeteado, e rebate na língua de seus ancestrais:

Também não me arrependo.

Trevon desaparece e Danikas retorna a posição ajoelhada e de cabeça baixa a aguardar qualquer comando do seu rei e Zarcon se sente realmente velho.

— Pode se levantar, Danikas.

Ela se levanta e há um quê de orgulho em sua postura apesar dos trajes de escrava. Em momento algum ela levou a mão no rosto e com o comando da mente ele invocou ao ar em torno a levantar o manto caído encobrindo o seu corpo novamente, para depois chamar por Ores, que o atendeu prontamente.

— Providencie os aposentos vizinhos aos de Alegria para Danikas...

Não senhor. — ela o interrompe — *Perdoe minha impertinência, meu rei, mas não cabe a vós, oferecer-me nenhum lenitivo.*

— Pode ser, mas até que se prove o contrário, eu ainda sou o rei dessa porra, e até que meu direito por ordem de nascimento seja revogado, todos respondem a mim aqui. Incluindo você, Danikas!

Danikas treme por dentro ante a fúria no olhar do rei e em momento algum duvida de que ele seja capaz de arrancar a cabeça do seu corpo com um único golpe. Ela assente e se mantém de cabeça baixa, com o olhar fixo no chão.

Zarcon solta o ar exasperado e contém o ímpeto de socar o ar;
— Vá ver o que se pode fazer por Alegria, e Dani, não se atreva em tentar sair do condomínio está bem? Nós estamos cercados por criaturas que respondem aos guardiões superiores e a ordem é de matar qualquer um dos nossos que tente ultrapassar a fronteira. Fui claro?

Danikas torna a assentir, *Sim, meu rei.*

Ele a vê partir e se volta para Ores em pensamento;

Você estava lá. Acompanhou os nossos primeiros passos e assistiu-as em sua transição.

Ores assente, ciente de que o rei se refere às suas irmãs;

Sim meu rei. O senhor e rei do nosso mundo, seu pai tinha me retirado do cargo de Neimo e me relegado aos serviços inferiores naquela época e foi-me uma honra servir de meu pulso às suas irmãs em suas transições.

Zarcon lembrava bem dessa época; Zarcon, seu pai, não considerava nenhum outro macho do seu clã digno de alimentar qualquer uma das suas filhas e tal como as *Miellens* alimentavam os machos sem companheira ou *Mãe*, fora o *Neimo* que destituído de seu cargo às alimentou. Ele havia lhe restituído o poder sobre os serviços inferiores da mansão e até então nunca havia atentado ao fato de que ele não subjugou nenhum outro aos serviços menores, e o mais importante: Nunca havia atentado ao fato de que o *Neimo* sabia o que seu pai havia feito com as suas irmãs.

Ores assente com respeito;

Eu não podia ir contra meu senhor, como ainda não o posso contra vós, e não fui capaz de defender suas irmãs do senhor e rei Zarcon, o seu pai, mas é justo que vos diga; meu rei, que vinha ansiando pelo dia que o senhor teria os olhos abertos para essa verdade.

Calar-se foi...

Zarcon se interrompe avaliando os fatos. Não podia culpar ao *Neimo* pelas suas escolhas e mesmo que na época ele abrisse mão de qualquer convenção e o confrontasse com a verdade. Ele não sabe se acreditaria no *Neimo*.

Continuou por todo esse tempo nos servindo sozinho, por culpa.

*Em parte somente. Em parte por **Deirn** e em parte por gosto, creio.*

Zarcon meio que sorri;

— E nunca sequer pensou em cuspir num prato ou copo servido a mim?

Ores o encara entre incrédulo e seriamente embasbacado e Zarcon mostra as palmas em declarar solene — Saiba que foi um grande idiota, se não fez.

— Meu rei, eu... — Ores solta o ar com vagar, aliviado em perceber que o rei está sorrindo e se inclina reverente — Com sua licença.

— Pode ir, mas Ores...

Zarcon faz uma pausa reflexiva e balança a cabeça em negativa,

— Nada, só cuide para que elas tenham todo o conforto que pudermos dar. Vou estar em meus aposentos. — vomitando ou algo assim —, Me avise, se algo mais acontecer.

Alegria se contorce com as dores em seu baixo ventre e Danikas leva o pulso ao alcance de sua boca enquanto acaricia seus cabelos cor de fogo.

Trevon observa a aguardar na penumbra entre as salas e alguns minutos depois Alegria lambe o pulso oferecido e o leva a frente agradecida.

Ambas estão com lágrimas nos olhos e Danikas se abaixa a tocar com a sua fronte na fronte de Alegria como faziam na época de cativo, e seu rosto se torna inexpressivo ao pressentir a presença de Trevon.

Ele a dispensa com um gesto brusco apontando a porta, e ela olha para Alegria com pesar por um segundo, mas assente ao seu dono e senhor e se retira deixando-os a sós. Alegria se encolhe sutilmente e Trevon estaca onde está, ao sentir o cheiro do medo dela por todo o quarto.

— Eu não teria te machucado, nem teria me atrevido a tocar em você, se eu soubesse, se fossem outras as circunstâncias...

As lágrimas inundaram os olhos prateados da fêmea e começaram a deslizar pelo seu rosto seriamente machucado.

— Quando o vi acreditei que se tratava de outra pessoa, de outros tempos...

Ela contrai de leve tomada pela dor e passa a mão delicadamente na lateral do rosto ferido e Trevon engole em seco silvando e trincando os dentes para se conter. Ele havia feito isso com ela e não teria parado se Dêrhon não o impedisse...

—... Mas me lembrei de ti, senhor. Era tão pequeno e indefeso e agora és forte e guerreiro...

Trevon é abruptamente levado ao passado e se vê ainda pequeno e sozinho enquanto seus três irmãos mais velhos eram escoraçados e rigorosamente punidos pelos outros guerreiros do clã de seu pai. Um dos guerreiros o tinha descoberto escondido atrás de uma pedra e o arrastou pelos cabelos divertindo-se em forçá-lo a assistir o que acontecia com os machos que envergonhavam o clã de seu pai. Trevon foi obrigado pelo guerreiro a assistir os seus irmãos sendo violentados sexualmente pelos outros machos, repetidas vezes, terem os grifos dos seus *Onigeuns* queimados com ferro em brasa e sendo expulsos do clã quase mortos em desgraça.

Ele sacode a cabeça querendo voltar, mas algo o prende àquelas lembranças desagradáveis. O seu pai o esbofeteou naquele dia quebrando alguns dos seus dentes. Ele devia ter uns oito ou dez anos e soube pelo pai que seus irmãos do ventre de sua mãe tinham sido mortos pelas mesmas fêmeas que seus irmãos mais velhos se negavam em punir. Trevon fixa o olhar na fêmea sobre o leito e de repente a vê com outros olhos, mais jovem, mas também machucada, ela chorava baixinho no lado mais escuro da mesma câmara subterrânea que era o seu refúgio. Eles se descobriram e se assustaram um com o outro ao mesmo tempo, ela era um espólio de guerra do clã, uma Valquíria ainda em fase de transição com os olhos mais lindos que ele já tinha visto e ele se calou, devia ter gritado em denunciar a sua presença ali e sabia que se não fizesse e fosse descoberto seria punido, mas naquele instante ele decidiu que não seria como o seu pai, podia não ser tão complacente como foram seus irmãos mais velhos, mas também não seria como seu pai. Ela se aproximou e tocou de leve o rosto dele como se da conta de que o está tocando agora. Ela devia ter uns vinte anos e ainda não tinha controle sobre as presas, mas pegou uma pedra pontiaguda e perfurou o próprio pulso para alimentá-lo, e ele se alimentou dela...

O que aconteceu em seguida foi rápido, mas ele nunca se esqueceu. Ele estava lambendo o seu pulso agradecido enquanto ela acarinhava o rosto ferido dele e ele sentiu a presença de um dos guerreiros na caverna, de súbito ele a empurrou de volta para a sombra e se deixou ver pelo macho que sorriu sombrio e se tocava entre as pernas com a intenção de fazer com ele o que o obrigou a assistir naquela mesma noite mais cedo. Ele enfrentaria o que fosse para defender a fêmea, mas foi ela quem reagiu.

Ela pulou em cima do macho e o mordeu. O maldito segurou em seu pescoço e...

Uma lágrima sorrateira rola pelo rosto inexpressivo dele. Alegra passa o polegar sobre o rumo que a lágrima tomou e sorri com tristeza. Trevon reclama aturdido;

— Eu achei que ele a havia matado naquele dia.

Alegra meneia a cabeça negando.

— Por muito tempo achei que ele tivesse matado você.

— Você foi minha Mãe naquele dia e chorou sangue por mim.

— Você era só um menino e eu não podia fazer nada além de assistir tudo aquilo e usar meu *mitho* por nós dois...

Alegra volta a se contrair sutilmente de dor e Trevon desaparece por um segundo trazendo Danikas pelos cabelos empurrando-a para perto do leito com um espalmar violento nas costas dela;

— Cuide que ela sobreviva e considere-se quite comigo, Valquíria.

Danikas encosta a sua fronte na fronte de Alegra e Trevon desaparece.

— Ele te machucou de novo?

Ela perguntou baixinho e Alegra move a cabeça negando. Ver uma das suas irmãs de raça de novo em trajes de escrava só fez somar às dores que já sentia e Alegra chorou convulsivamente até ser vencida pelo sono.



... Os criadores dos nossos ancestrais eram descendentes de primeira e segunda geração de alguns anjos que caíram, ao tomar para si como amante as filhas dos humanos, os chamados nefilins ou gigantes das histórias bíblicas, são frutos dessa união proibida, e eram renegados tanto por seus ascendentes imortais quanto pelos mortais, por assim dizer... Não que esteja relatado em algum tipo de escritura nossa, mas as fêmeas que mais tarde viemos saber, também não resistiam ao parto dos nefilins, e alguns desses descendentes, se uniram entre si e rebelaram contra seus ancestrais imortais pela sua sorte e criaram os nossos com partículas da sua ascendência imortal e mortal, com o único objetivo de caçar, vencer e destruir os seus pais imortais. Os Aehmons da primeira geração eram predadores perfeitos em sua natureza, e foram dotados com poderes que esses nefilins herdaram de seus ancestrais, poderes que ainda possuímos em maior ou menor grau, de acordo com nossa ascendência e a quantidade de hœmn em nosso sangue. Mas assim como alguns nefilins e descendentes de nefilins se rebelaram contra seus ancestrais imortais, supõe-se que alguns dos nossos ancestrais tenham se rebelado contra os seus criadores ou talvez, que tenham descoberto que foram criados com o único propósito de caçar e destruir os ancestrais deles e tão logo conseguissem, seriam descartados, e estes, descobriram que 'imortal' era só uma força de expressão. Pois foram extintos pelos seus criadores. O fato é que em algum momento da história um ou alguns desses nossos ancestrais plantaram suas sementes em fêmeas humanas e essas humanas a cada três gerações concebiam trigêmeas, sendo duas delas Kades, mas isso só foi descoberto alguns milênios de anos mais tarde. As Kades eram humanas em sua natureza e aparência, mas havia algo especial em sua biologia que as permitia conceber os filhos de um Aehmon.

E supõe-se que essas Kades sejam as mães dos primeiros Aehmons nascidos e não

transformados.

Sim..., levando-se em conta que isso aconteceu por volta de 200 a 250 milhões de anos atrás...

Pula essa parte, vai? Isso ainda me dá um nó no estômago. E pode parar com esse risinho aí dentro ou vou começar a cantar a música do elefante de novo.

Ok... Eu já parei.

Ótimo... Se bem me lembro, essa aula de história começou, porque reclamei que era muito poder nas 'figurativas' mãos de uma fêmea...

E eu disse que fizeram por merecer esse direito.

E...?

Bem, eu ia chegar lá.

Em uns dois ou três séculos, suponho.

Você está muito rabugenta.

Deve ser porque eu estou com sono, com fome, com uma puta raiva reprimida e uma consciência extra, chata pra caramba, fica morrendo de pena de um macho que já está me dando nos nervos, e não fosse só isso: uma vaca de uma caída sádica inutilizou as minhas pernas e a minha habilidade de me locomover pela desmaterialização pra fazer uma droga de xixi... Um elefante incomoda...

Já parei, já parei... Em contrapeso houve uma época que as fêmeas eram muitas, milhares, centenas de milhares, e eram bem pouco valorizadas pelos seus donos. A guerra ainda era o principal objetivo da existência desses Aehmons e as fêmeas Aehmons nascida dessa primeira geração de Kades eram mais fortes que suas mães, mas ainda assim eram consideradas um peso morto, já que eram dotadas de uma natureza mais frágil que a dos machos e pereciam no primeiro contato com o inimigo, elas eram confinadas em aréns subterrâneos e sofriam toda sorte de maus tratos por parte dos seus donos, os chefes dos clãs, e já no primeiro cio, que ocorre por volta de 5 ou 6 anos depois da transição, elas eram separadas das outras e fecundadas pelos guerreiros mais fortes, ou seja, os mais antigos, já que quanto mais próximo se está de seu ascendente imortal, maiores serão os poderes das crias e a capacidade de cicatrização... Eu, tinha uma ala na mansão que... Deixa...

O quê...

Nada demais.

Eu vi os quadros quando estive lá. São da época da escravatura, por que se se lembrou deles?

Alguns destes quadros fui eu quem pintou. Beadkën, o meu pai, me contava histórias que ouvia de alguns dos mais antigos sobre as fêmeas dessa época e uma vez ele apontou algumas semelhanças de um dos meus quadros que relatam os escravos trazidos pelos portugueses para essas terras. Algumas fêmeas usavam máscaras de ferro sobre as suas bocas no mundo deles e meu pai me disse que todas as nossas ancestrais daquela época usavam máscaras parecidas depois que passavam pela transição, para que não conseguissem se alimentar sem autorização ou fugir dos seus senhores pela desmaterialização. Elas também tinham as partes íntimas e o pescoço cobertos por tela de aço e a chave era dada aos guerreiros que se destacavam do clã como prêmio por seus feitos na guerra... Uma fêmea pode gerar de cinco a oito Aehmons de uma vez e não há como resistir ao poder brutal dos filhos concebidos em seus

ventres e perecem no parto que dura a cerca de seis estações, 14 a 15 meses, mais ou menos. Isso não mudou ao longo do tempo pra nós. Ainda é o ato derradeiro de uma fêmea, mas agora somos nós que escolhemos quando, e com quem.

E como elas se alimentavam?

Da mesma forma que você alimentou Ailin... Com a diferença de que você tinha suas presas à disposição e Ailin pode tocar o seu pulso com a boca e usar a saliva para acelerar o processo de cicatrização. Com elas, o sangue tinha que ser derramado dentro da máscara e sempre de dia, porque se seus senhores as descobrissem ambas eram castigadas, e como não tinha jeito de lamber, o ferimento demorava bem mais tempo pra cicatrizar, sendo de dia as chances de seus donos e demais guerreiros estarem dormindo era maior.

Isso é no mínimo revoltante.

As fêmeas do nosso mundo são dóceis. Bem... —Aleesha sorri em sua mente — Sempre tem uma ou duas exceções à regra, mas a maioria ainda é dócil assim.

Como a Valquíria de Xstrauss.

Não quero pensar sobre ela.

Eu te entendo, também não gostaria dela se chegasse a conhecê-la, mas me conte sobre as outras que a antecederam. Elas eram uma espécie de guerreiras daquela época, não eram?

Sim eram. Supõe-se que uma ou mais fêmeas tenha nascido com poderes extras que se não superavam, no mínimo igualavam ao poder dos machos mais fortes e essas fêmeas em especial se rebelaram contra seus senhores e formaram um clã só delas, onde os machos que eram caçados, torturados e destruídos.

A era da guerra dos sexos... E quando que esse círculo quebrou? Porque em algum momento elas tiveram que interagir com os machos para se reproduzirem, ou elas se reproduziam por si mesmas?

O método de concepção ainda é o mesmo até hoje, o que suponho é que elas se reproduziam nos termos delas e há os que brincam em dizer que os machos subjugados por elas, 'morriam' felizes. Eles tinham as cabeças decepadas no ato ou logo após o ato e antes que me pergunte, não, elas não concebiam machos ou, se concebia, às Mäis os matavam ainda na primeira infância.

Se eu fosse uma Valquíria não seria capaz. De forma alguma que seria capaz de matar uma criança só por ser menino, ainda assim um inocente!

Se pudéssemos saber sua origem... Eu podia jurar que descende de alguma dessas guerreiras.

Numa versão melhorada, faz favor.

Sim, sem sombra de dúvida... Sabe aquele macho que você deu um encontrão quando tentou fugir da mansão?

Daquele meu ataque de piti? Nossa mãe. Parece que isso aconteceu há um século... Quê que tem ele?

Se houve algo que eu tenha como digno de nota sobre a Valquíria que Xstrauss se vinculou, foi que ela o levou consigo para o nosso mundo. Trevon ainda era o que hoje vocês chamam de adolescente em seus primeiros anos, quando ela e Xstrauss o trouxeram e para mal ou bem, ele foi salvo de sorte pior no clã de onde ela nunca devia ter saído. Ele se tornou um macho forte e um guerreiro de grande valor e sempre foi tratado como igual entre nós. Trevon o

menino escravo e sombrio que não falava, sobreviveu a transição e se tornou contra todas as convenções da época, o macho de maior confiança de Zarcon. Ele também tem a parte de trás do pescoço deformada, mas no caso dele, ele foi queimado quando abandonou seu clã de origem e acabou preso e subjugado no clã das Valquírias. Ele também estava na terra quando nós encontramos você.

Eu o vi pelas memórias do Sérgio.

É eu, eu também vi...



Dërhon abre os olhos e aspira o ar pela boca com desespero e a sua primeira visão é de um Zarcon preocupado e seriamente cansado à sua frente e revisando rapidamente os fatos, ele grunhe e salta da cama.

Zarcon se interpõe entre ele e a porta e recebe um soco que faz suas órbitas revirarem, mas ele não revida. Ao contrário, ele chora. Lágrimas grossas se misturam com o filete de sangue no rosto sério cheio de culpa, mas as mãos continuam firmes sobre os ombros do irmão.

A culpa é minha Dërhon. Não imaginei que fosse ela e autorizei ao Trevon...

Zarcon é interrompido com outro soco, agora bem na altura dos seus rins e outro na altura do estômago, mais outros...

Dërhon continuou batendo e chutando enquanto Zarcon se expunha sem se defender. Dërhon só se deu conta do que estava fazendo quando sentiu o gosto do sangue do irmão na própria boca e Zarcon fechou os olhos inchados.

Zarc...

— Céus! O que eu fiz com você?

Foi merecido.

Dërhon levanta o corpanzil alquebrado do irmão e o deita na cama avaliando o estrago cheio de culpa. A perna direita dele estava virada em uma posição que demonstrava com clareza que estava quebrada e ambos se lembraram do que fizeram com Xstrauss por causa da K.

Vou invocar uma...

Sem chance...

— Como é que é? Vai se danar Zarcon! Eu não vou deixar que você me faça de carrasco para sanar as suas culpas, eu também tenho as minhas e...

Não é isso, animal, ou é, mas não é... Eu, não estou conseguindo raciocinar direito, não virão, as Miellens, é isso. Até segunda ordem nenhuma Miellen para nenhum de nós... Até segunda ordem.

Dërhon desfere um golpe na perna quebrada dele e Zarcon grunhe de dor.

— E sabia disso quando deixou que eu batesse em você desse jeito, imbecil? Cara! Que caralho!

Dërhon joga as mãos pra cima, irado se desmaterializa pra fora do quarto avançando em cima de Trevon logo que toma forma no extenso e frio corredor, empurrando-o contra a parede. Ele bate com a cabeça do macho contra a parede e Trevon, assim como seu irmão, também não se defende.

Dërhon bate com sua testa no nariz dele arrancando sangue e se afasta a apontar-lhe o dedo.

— O seu rei está no meu quarto todo fodido e você está na minha lista negra. Agora, onde ela está?

Trevon aponta a porta do quarto com o olhar e Dêrhon repara em seu ombro em estágio avançado de cicatrização.

— Não devia estar faltando um pedaço de carne aí? Não importa, seja qual for o remédio que você usou, o seu rei vai precisar de um pouco mais, já que se deixou sofrer um pouco do que eu queria fazer com você.

Dêrhon se vira nos calcanhares e entra no quarto apontado por Trevon pela maneira convencional;

— Sai. — ele rosna e a fêmea que estava por cima do corpo adormecido se levanta no susto, mas mantém a cabeça baixa e o olhar fixo no chão.

Alegria estava terrivelmente pálida e o cheiro de sangue fresco permeava todo o quarto, o seu pulso esquerdo pendia ferido por cima do lençol e quando ele deu um passo irado em sua direção a fêmea se interpôs entre eles desesperada a apelar na língua de seus ancestrais;

Meu senhor sedes piedoso com ela...

Dêrhon perde completamente a linha ao ver e inalar o cheiro de sangue na máscara que ela usava e a empurra com violência lançando-a no canto do quarto;

— Não se atreva a chegar perto dela novamente, sua desgraçada. — e vendo que Trevon tinha entrado no quarto ele ordena ao guerreiro;

— Tire essa desgraçada daqui, ou não respondo por mim!

Ela estava alimentando a...

Dêrhon rasga a camisa expondo o pescoço enfurecido;

— 'Eu' a estava alimentando! Essa vagabunda estava se alimentando dela! Se você não vai tomar uma atitude, eu mesmo tomo!

Trevon lança um olhar furioso na direção de Danikas e chegando a mesma conclusão que Dêrhon, ele rosna e avança em cima dela agarrando-a pelos cabelos a levantando, ele aspira e reconhece o cheiro do sangue de Alegria na única parte descoberta do seu rosto e aperta fortemente o seu pescoço prensando-a contra a parede;

— Sorte a sua, Valquíria, que existem outros para você alimentar aqui.

Ele solta o aperto em seu pescoço e ela respira com dificuldade. Ele estava do lado de fora aguardando para pedir que ela alimentasse os guerreiros que foram seriamente feridos nas imediações das fronteiras na noite anterior e até estava disposto a conversar e tentar entender o seu lado da história, mas agora ela os alimentaria mesmo que não quisesse e foi com essa disposição que saiu arrastando-a pelos cabelos.

Dêrhon ajoelhou ao lado da cama e pôs-se a acariciar os cabelos cor de fogo da fêmea que dormia, aterrorizado com o seu estado...

Danikas foi arrastada pelos túneis subterrâneos e seus pesadelos mais íntimos iam se tornando reais à medida que desciam mais e mais pelos túneis sombrios. Trevon tinha soltado as tramas de aço que protegiam as suas partes íntimas e o seu pescoço, mas manteve a máscara em seu rosto e agora a puxava pelo cinto que cingia a cintura dela, impossibilitando a sua fuga pela desmaterialização.

Não que ela fosse fugir...

Não tinha pretensão alguma de tentar escapar da sorte que ele decidisse lhe impor, mas não foi por sua culpa que Alegria agora estava abortando. Ela fez de tudo que pode pela sua irmã, seria capaz de sangrar até que não houvesse mais vida em seu corpo por Alegria, e por pouco não chegou a provar sua determinação quando ela a convenceu de beber do seu pulso... Foi tudo um grande mal entendido, mas essa era a ironia de tudo não? Não era exatamente por isso que ela foi beneficiada com uma nova chance? Danikas abaixou a cabeça e se deixou levar...

—... Diga que não os torturou.

Danikas entendeu a questão implícita. Sim, ele queria justiça para os irmãos dele, mas não queria de fato machucá-la e estava lhe dando a alternativa de fuga pela mentira.

— Não posso. Eu senti o prazer da vingança em cada pedaço de pele que arrancava...

Trevon torna a apertar o pescoço dela com força e ela continua provocando em pensamento; *Cada sofrimento que causei, cada membro que arranquei, as queimaduras, os ossos que quebrei...*

Trevon trinca os dentes com a mesma intensidade que aperta o pescoço dela e a joga no meio do largo entre as cavernas, para onde a tinha levado.

Os machos ali presentes olham para ele assustados e ele a aponta;

Sirvam-se à vontade, só não se enganem. Essa não merece respeito algum, é uma traidora que só não está morta, porque ainda tem esse tipo de serventia.

Ela viu nesse instante uma cena que trouxe lágrimas aos seus olhos e fez queimar sua garganta. Os machos se levantaram contra Trevon em sua defesa e mais do que rápido ela se levantou e atacou um dos machos mais feridos, ele foi ao chão olhando a ela aturdido e ela voou pra cima dele quebrando o braço já ferido dele com um golpe covarde. Os outros tentaram detê-la, e ela lutou contra eles como a guerreira que era, e usou das fraquezas deles para atingir o fim do qual nunca imaginava fosse capaz, chamar a atenção e ira dos machos para si mesma, enquanto Trevon lhe dava as costas e desaparecia na escuridão das cavernas subterrâneas que a levaram até ali. Alguém a mordeu entre o pescoço e o ombro na intenção de contê-la, mas a necessidade do macho sobrepujou a razão dele e Danikas aguentou tudo sem derramar uma única lágrima.

Como a guerreira que ela foi forjada pra ser...



CAPÍTULO 21

Ainda com olhos fechados ela deitou o rosto na mão que acariciava seus cabelos. Ele a alimentou e com todo cuidado trocou suas roupas e as da cama por outras limpas e esteve ao seu lado velando seu sono por todo o dia e parte da noite seguinte, agora sussurrava um canto antigo bem pertinho do seu ouvido para que ela voltasse a dormir enquanto a acarinhava e ela se afastou na cama em um convite mudo para que ele se deitasse ao seu lado.

Ele ficou paralisado e a fitou emocionado por um instante, depois ele se despiu da camisa e deitou no espaço oferecido.

Alegria deitou a cabeça no seu antebraço dobrado e algumas lágrimas respingaram nele, Dêrhon ameaçou se levantar, mas um único sussurro o paralisou, no mesmo instante.

— Fique, por favor.

Ela pediu e ele ficou, mas bufou inconformado.

— Já estava tão fraca por conta do que aconteceu antes... Pra quê diabos foi alimentar aquela merda de Valquíria... — ela se encolhe e ele a beija na fronte se corrigindo — Não, não, não estou brigando com você. Sei que tem um bom coração é só que... Caralho, não faz mais isso se não quiser ver o que há de pior em mim, tá? Eu não sou nem de longe um santo, mas já dei provas que posso me tornar um verdadeiro demônio em situação parecida...

Dêrhon estava pensando livremente em outra fêmea enquanto cuidava dela e isso doeu em Alegria mais do que imaginava que pudesse doer, mas ela não podia, ou melhor, ela não 'devia' apegar-se a ele ao ponto de sentir ciúmes. O sangramento já havia cessado há horas e em pouco mais de um ano ela não...

Alegria começa a chorar copiosamente ao se dar conta de que nem isso teria, ela estaria de volta no santuário em poucos dias... E, ela nem saberia apreçar quantos lhe restavam!

Dêrhon a enlaça em seus braços fortes com todos os seus instintos aflorados e conflitantes, ela já não estava mais sangrando e havia ganhado um pouco de cor no rosto lindo, mas ainda estava frágil como uma criança...

— Ainda está, grávida. Não perdeu os bebês.

Alegria balança a cabeça em negativa.

Ainda há três... Meninas. Serão lindas como o senhor.

Dêrhon... — ele engasga emocionado e verbaliza;

— Me chame de Dêrhon, Alegria.

Dêrhon a aperta contra o peito com ternura e enquanto ela chora, ele se torna cômico de que...

Ele solta um grunhido meio gemido e aperta um pouco mais forte contra si e se afasta segurando seu rosto ferido com ambas as mãos, salpica beijos ternos encarando-a em seguida. Ele não podia fazer nada para remediar a situação em que a colocou. Alegria tinha os dias contados e...

Dêrhon se levanta balançando freneticamente a cabeça em negação, a sua garganta estava

fechada, a sua respiração dificultada e o seu coração parecia uma bomba prestes a explodir, e como se ela fosse conseguir se levantar da cama ele mostrou suas palmas.

Não se levante, não, não se mexa eu, eu vou resolver isso eu..., Você, não, vai, embora.

— Dërhon...

Ele oscila na desmaterialização e finca o pé no chão. Alegria lhe sorri com tristeza e declara do fundo do seu coração;

Meu corpo já não me pertence mais há muito tempo...

Alegria ia dizer que o amava, mas havia se alimentado dele o suficiente para saber que isso só lhe cortaria ainda mais o coração, então ela só pediu que ele ficasse com ela e ele ficou...

... Minha irmã Danikas salvou as nossas meninas e quase se matou por isso. Eu tive que apelar para o juramento que fizemos umas as outras para que ela permitisse que eu a alimentasse, e foi tão pouco o que dei que...

Dërhon sente um calafrio passar pela sua espinha.

— Sua irmã... — ele pergunta sem inflexão no tom de voz e a beija no topo de sua cabeça.

— Também sou Valquíria. — ela diz num sussurro de voz.

Dërhon engole em seco e torna a beijá-la no topo da cabeça, ajeitando-a entre os travesseiros em seguida.

—Eu, — o que dizer? — Eu vou, eu, preciso sair por um tempinho, curto.

Alegria ensaia um sorriso e consente devagar. Não tinha certeza, mas podia muito bem imaginar que Danikas seria castigada por ter permitido que ela a alimentasse... Ela balança a cabeça em negação.

Os tempos eram outros. Ela que em seu delírio tinha misturado as visões do passado e presente na fatalidade que ocorreu do seu encontro com o menino das sombras, que agora era um guerreiro como desejou que ele fosse. Trevon. Esse era o seu nome e ele era tudo que em sua derradeira hora ela desejou, e nada parecido com o pai dele, aquele monstro...



Dërhon invade o próprio quarto e encontra Zarcon dormindo na mesma posição em que o havia deixado a mais de 20 horas atrás.

Ele não quis se alimentar da maldita.

Dërhon vira a cabeça e vê o macho em frente à larga janela fitando a noite pensativo e quase temeu em perguntar;

— E onde ela está?

Trevon se volta para Dërhon com expressão sombria e os olhos negros.

— No lugar que deveria e tendo o tratamento que fez por merecer.

Dërhon sentiu suas pernas falhando e sentou na ponta da cama;

Cara, me diz que não é o que eu estou imaginando.

Mas era, e bem pior do que ambos imaginaram. Trevon estacou na entrada ao ver o corpo caído e Dërhon o empurrou com um safanão para dentro do largo. Dessa vez Trevon reagiu, enfiando um soco de esquerda bem em cheio no seu nariz que fez Dërhon dar dois passos para trás com o impacto.

Dërhon não revidou e os dois se encararam em comunicação muda um segundo antes de voltarem seus olhares para o corpo que jazia no chão da arena. Trevon captou pela visão periférica os olhares acusadores dos machos sobre si e se levantou voltando-se a encarar cada um deles em desafio, mas foi o olhar decepcionado do jovem Thorm que abalou por completo sua estrutura já debilitada. O rapaz praticamente o venerava, e era o único com quem ele se abria e contava as histórias dos seus tempos difíceis no clã de seu pai.

— Thorm...

Arthorm levanta a mão em sinal de pare e seus lábios se unem em uma linha fina balançando a cabeça em negação, depois lhe dá as costas e sai da câmara de cabeça baixa, seguido pelos outros.

Trevon grunhe sem querer e se volta para Dërhon que enrolava a manga da camisa, mas logo se recompõe. Dërhon o encara com o pulso a meio caminho da boca em desafio e Trevon sente suas tripas revirando, mas mantém o rosto inexpressivo quando move os ombros com pouco caso.

— É justo que eu... — ele pigarreia para se dar tempo de pensar e considera fingindo pouco caso — Você, vai precisar de toda força que puder dispor para cuidar da minha *Mäi*. É justo que permita eu cuidar dessa aí... Digo, da irmã...

Ceeerto. O cheiro que o macho exalava era um cheiro que Dërhon conhecia. Então ele olhou bem dentro dos olhos prateados da fêmea e se levantou voltando a cobrir seu braço.

— Ores já havia preparado um quarto pra ela a mando do rei. Leve-a pra lá.

Não vou ficar com ela lá.

— É um direito seu, mas a *Mäi* das minhas filhas — aponta a fêmea no chão —, não vai ficar num buraco fedido e úmido que você insiste em chamar de quarto, e me dá logo essa porra dessa chave.

Trevon trinca os dentes a ponto de ferir seu lábio inferior, mas se obriga em dizer;

— Eu a perdi.

À bem da verdade ele a lançou longe, em algum lugar entre os quase dois quilômetros que ele andou depois que a deixou ali, com mais de oito machos...

Dërhon bate a mão na testa e sente o nariz torto e úmido. Num estalo ele o coloca no lugar e se abaixa por sobre o corpo da fêmea levantando-a em seu colo. Trevon engole um grunhido e Dërhon encara-o, de cara feia;

— Vai ter que encarar essa comigo maluco. Tá todo mundo errado nessa porra, e não vou encarar o olhar de Alegria sozinho, não!

— No quarto ao lado? — Trevon perguntou esperançoso e Dërhon o desilude com um esgar de riso irritado;

— Descobre onde enfiou essa porra de chave nos próximos 30 segundos, e serão 30 segundos a mais de espera para uma fêmea que já está fria e dura como pedra, seu babaca!

Trevon desaparece e volta no mesmo instante e vê Dërhon pelas costas no extenso corredor com a carga preciosa nos braços. Puta que pariu. Eles ainda teriam que fazer todo percurso de quase meio quilômetro de volta a pé!

Trevon o seguiu e por um instante teve um de já vi dele mesmo em situação parecida com outro macho. Ele acompanhou Xstrauss por todo trajeto de volta a mansão e eram bem mais de

quatro quilômetros de caminhada, Zarcon tinha se desmaterializado de volta e estava seguro, todos os demais haviam deixado Xstrauss para trás naquela noite, e ele o seguiu à distância.

Xstrauss levava a fêmea ressuscitada com o mesmo carinho que Dêrhon agora levava a Valquíria, mas os sentimentos que afloravam em seu íntimo não eram de forma alguma os mesmos.

Se fosse sincero consigo, ele estava com ciúmes, mas algo no fundo do seu íntimo preferiu denominar como inveja.

Dêrhon para abruptamente e ele quase topa com suas costas. Ele se vira e põe a fêmea desfalecida em seus braços.

— Para o quarto de Alegria. Eu não sou Xstrauss e essa não é a minha fêmea, e se quer saber, já passei tempo demais longe da mãe das minhas filhas e nem sei se Zarcon vai conseguir consertar minhas cagadas com Brianis e se não conseguir, é possível que eu nem chegue a ver minhas filhas nascerem já que não sei qual é o protocolo em uma situação como essas.

Trevon percebeu que Dêrhon estava chorando sem pudor algum e Dêrhon o encarou bem no fundo dos seus olhos desafiando-o;

— Não se iluda em pensar que vai ser diferente com você 'irmão', agora põe essas patas pra funcionar e roga por piedade da Guardiã pra sua carcaça. Eu te espero no quarto dela e em solidariedade aproveito pra preparar o terreno...

Solidariedade?

Só se foi com o próprio couro, Trevon pensa, ciente de que estava com as costas coladas na parede do quarto. Não que Alegria tivesse gritado ou pulado para fora da cama e o esbofeteado, nada disso. O que ela fez foi pior... Bem pior.

Ela chorou.

Ela chorou, quando viu o estado lastimável da irmã logo que ele chegou, e ela estendeu os braços para recebê-la em seu colo e ainda o agradeceu por tê-la levado de volta.

Ela agradeceu. De verdade, com a mais absoluta honestidade e isso o deixou sem ar. Ela abraçou a fêmea que ele colocou em seu colo e encostou a testa na dela chorando baixinho e a ajeitou em seu colo e Trevon nunca sentiu tanta raiva de si mesmo. E também do babacão todo solícito, que pôs um joelho sobre a cama para amparar à fêmea, enquanto Alegria mordida o próprio pulso e derramava o líquido precioso por cima da maldita máscara na altura dos olhos fechados e acarinhava a garganta dela a balbuciar.

Mair, bebe mair, perdoa-me, perdoa...

Trevon bate de leve com o polegar no próprio rosto no intuito de espantar o mosquito persistente que tocou sua bochecha esquerda e logo outro tocou a sua direita e ele olhou o dedo com assombro, seu olhar seguiu na direção de Dêrhon denunciando-o e ele o ouviu em sua mente.

Telhado de vidro camarada e sim, nada de mosquitos ou poeira, isso aí, são lágrimas mesmo!

Taí. Ele ao menos não estava sozinho nessa, e pode se permitir deixar que os mosquitinhos brincassem à vontade pelo seu rosto.

A Valquíria nem respirava mais quando entrou com ela no quarto, enquanto a carregava, ele

sentiu e reconheceu o cheiro do sangue de ao menos nove dos seus guerreiros naquela máscara e não foi difícil chegar à conclusão de que tentaram alimentá-la.

Trevon encheu o pulmão de ar e esqueceu-se de soltar quando escutou que o coração da fêmea voltou a bater e ela arregalou os olhos com desespero tentando conter o pulso de Alegria sobre o seu rosto.

Em menos de um segundo os dois estavam por sobre elas em cima da cama e Danikas olhava um e ao outro que estavam segurando seus braços abertos.

Ela engoliu o líquido precioso involuntariamente e viu aprovação no brilho dos olhares dos machos, que soltaram simultaneamente os seus pulsos. Alegria volta encostar a sua fronte na dela com carinho, mas Danikas ainda trazia o coração disparado pelo medo e pelo alimento precioso que escorria pela sua bochecha e encontrava o caminho para a sua boca.

Trevon se levantou e se obrigou a abrir a boca, mas palavra nenhuma semelhante à desculpa saiu, o que se ouviu dizer até com certa aspereza foi um rosnado determinado;

— Eu vou encontrar essa maldita chave.

E o mais próximo de um pedido de desculpas que conseguiu, foi prometer a si mesmo que logo depois que a libertasse da maldita máscara, ele enfiaria a chave no rabo de alguém. E nesse ínterim ele pensou em Brianis e topou com ela na saída subterrânea da mansão onde havia se materializado.

Sua postura arrogante e um tanto masculina era a mesma de sempre e a sua expressão beligerante o desafiava em tentar fazer o que pensou, mas havia uma discrepância no contexto que o deixou chocado.

Ela chorava e as suas lágrimas eram vermelhas como sangue no rosto sério.

Brianis descruzou os braços e estendeu a chave. Pelos deuses! Ela a havia encontrado.

Brianis nega a mover a cabeça devagar.

Eu tinha uma cópia.

Trevon arreganha o lábio superior mostrando as presas, mesmo sem querer.

— Você tinha a chave e não fez nada pra evitar essa merda?

Antes do que imagina vai desejar ter engolido essa merda de músculo que tem dentro dessa boca grande, seu moleque de bosta!

Brianis lança a chave no ar e ele a pega;

— Elas voltam em três dias e meio.

Brianis desaparece e Trevon decide voltar andando...

A chave queimava em sua mão e a culpa era a presença constante em sua mente e caminhava de braço dado com a porra da covardia. Como é que ele ia dizer...

É. A filha de uma cadela sabia mesmo das coisas, ele já estava desejando ter engolido a língua...

Cinco longos minutos depois...

—... Brianis tinha uma cópia.

Trevon abriu a máscara e esqueceu como era respirar...

Mesmo entre as manchas de roxo sangue e amarelo crepúsculo, o rosto que ele viu lhe tirou o chão, mas foi o olhar dela que o trouxe de volta e ele se lembrou de como era que tinha que fazer para fechar a boca.

Dërhon no outro extremo da cama discreto revira os olhos, e Trevon engole em seco

recobrando a compostura.

Cabeça dura do cacete!

Dërhon se aproximou de Alegria e beijou-a no topo da sua cabeça, ela olhou para cima e ele esfregou a ponta do seu nariz no dela e agora era Trevon quem se vigiava para não revirar os olhos.

Tente não se cansar demais, linda. Trevon repetiu mentalmente com escárnio e Dërhon para no corredor no mesmo instante e se vira com braços cruzados e a expressão séria.

— Ela não vai deixar barato, não é?

— Eu odeio quando você lê nas entrelinhas.

Dërhon passa a mão nos cabelos e solta o ar;

— Alguns centênios de anos e dois irmãos pra praticar, fazem uma senhora diferença.

Dërhon descruza os braços e argumenta;

— Se está pensando em arrumar um babaca pra te quebrar na porrada, é melhor que vá procurar em outra freguesia, porque esse trouxe aqui. — ele aponta a si — Já não cai mais nessa essa noite.

— Tenho meus próprios meios.

— Ah cara. Não fode! Quer saber? Que se foda, sim! Vá lá pra fora e deixa os outros machos te arrebentarem na pancada, até que não aguento se manter nas próprias pernas e depois a fêmea em questão, que por sinal também não vai lá muito bem das pernas, fica com peninha da sua situação e invade seu buraco fedido pra te dar o que não tem nem pra si direito!

Trevon reflete por um instante e rebate com um mover de ombros que deixa Dërhon ainda mais puto e ele repete;

— Não se ela não souber?

Com essa Dërhon ri e pergunta irado;

— Cara como é que você consegue ser tão tapado? A fêmea em questão é uma Valquíria, tá ligado? Valquíria!... Quer que eu solete ou traduza? Ela é uma guerreira, uma Xena da era dos primatas ou até antes disso. Acha mesmo que uma meia dúzia de guerreiros que não têm nem 800 anos de experiência no lombo seriam páreos pra ela se ela não quisesse? Vou te quebrar essa, mas só porque sei o que é...

Dërhon olha pra baixo e faz uma careta em considerar; ele já havia agarrado o pescoço do próprio punho e discutido feio com o próprio pau, e como era um cara solidário e não fugia à regra; ele não queria ver o cara que tinha como um irmão em uma situação semelhante.

— Você discutiu, com o próprio pau...

Foi uma afirmação um tanto incrédula e Dërhon torna a fazer uma careta;

— Não vem ao caso... O caso aqui é que não está enxergando o óbvio, ela...

Trevon meio que ri e Dërhon bufa;

— Certo cara. Pode mandar! Eu discuti com ele sim, e daí?

— Eu pensei que estava ficando louco, certa vez...

Trevon torna a ficar sério, mas aí a merda já estava feita. Ainda assim ele tentou desconversar;

— Mas com você mesmo disse, não vem ao caso, você dizia...

Dërhon balança a cabeça em negativa. Ele não ia cair nessa e Trevon teria que se explicar;

— Quando foi essa 'certa vez' e na boa cara, não tenta mentir pra mim que eu fodo com a tua paciência até descortinar toda essa parada.

Trevon tinha certeza disso e quem descobria uma, descobria duas ou três, ele pigarreia para ganhar tempo, mas Dërhon já não está mais 'tão solidário' assim.

— Como você costuma dizer, é justo que eu diga; conto o milagre, mas não o nome do santo.

Dërhon podia pressentir que lá vinha bomba e das grandes, tipo, quebra do protocolo de segurança, entre outras coisas mais, mas Trevon interrompe a sua linha de raciocínio enquanto ele se pega assentindo.

— Já discuti com o meu, por três vezes a sério, mas nunca tive coragem de cumprir com as ameaças e, ou ele não me deu ouvidos ou fez pouco caso, do caso... Pronto, eu disse, tem descendentes mestiças de todas as três vezes que eu... Agora, será que podemos voltar à questão Valquíria?

Dërhon engole em seco e torna a balançar a cabeça negando.

—... Três vezes? Três mortais com sua semente? Quando como e, caralho Trev. Quantos filhos?

— Filhas, nenhum macho. E isso responde suas duas primeiras questões e, em relação a quando como e quantos, me reservo em só responder a Guardiã e se for ela em pessoa a me questionar ou cobrar, mas posso adiantar que de certo ela sabe, e se não cobrou como imaginei que cobraria, é porque não importa, ou tem lá seus fundamentos. Se te serve de lenitivo, as fêmeas com as quais me envolvi morreram de velhas, com exceção de uma, que foi morta um pouco mais jovem, mas por outros motivos, que também não vou dizer.

— Elas não morreram no parto... *Zarc*

Eu ouvi, traga-o até aqui.

— Tá fodido.

Dërhon aponta o fim do corredor e Trevon se sente mesmo uma porcaria de criança que está prestes a levar a bronca do século. Mas acompanha Dërhon ainda assim.



Alegria encobre Danikas observando a diferença de seus corpos, ela é pequena em comparação à sua irmã de raça, seus traços são mais suaves e imagina que se tivesse conseguido chegar à transição e não tivesse sido roubada do seu clã. Ela seria tal como sua irmã é agora, com seus músculos definidos, mais forte fisicamente e, com seios menores... Alegria suspira fundo, Danikas tinha sofrido tanto nas mãos do pai de Trevon e dos seus outros guerreiros... Vê-la no estado que se encontra agora, é como voltar ao passado, as suas pernas e costelas foram quebradas, seu pescoço e pulsos estavam dilacerados e não havia muitos lugares a apontar, que não tivesse sido rasgado, ou com manchas arroxeadas.

Danikas apanhou pra valer dessa vez, até mesmo seus dedos estavam inchados e pareciam quebrados... Sua garganta se fechou de dor pela irmã, que ainda trazia o corpo gelado e enfraquecido em seus braços sem que ela pudesse fazer nada além do que já havia feito.

Danikas era uma guerreira forte, mas ainda assim era uma fêmea, e estava muito fraca.

Alegria deita bem junto dela pelas suas costas como faziam entre si para se aquecerem na época de cativo, e com bastante cuidado ela a abraça pela cintura. Assim como da primeira

vez, ela tinha bebido bem menos do que precisava e ela contrai-se soltando um gemido angustiado.

— Oh *Mair!* — Alegria sussurra baixinho e algumas lembranças afloram no mesmo instante que se dá conta de algo mais.

Assim como você, eu fiz um juramento. Sede piedosa comigo, Alegria. Se for possível, me poupe dessa sorte, mair.

Danikas tinha percebido o que acontecia com seu corpo quando já não conseguia mais ficar de pé. Ela tinha provocado os guerreiros mais jovens ao extremo, e quando já não tinha força para continuar, o olhar que alguns lhe lançaram e o desespero em suas expressões fez com que ela realmente desejasse morrer ali. Sim, eles tentaram de todas as maneiras alimentá-la, e até banharam seu corpo com o sangue de seus pulsos, mas não conseguiram tirar a máscara que seu senhor tinha deixado e todos, sem exceção, se afastaram quando ela começou a lutar novamente.

Danikas havia sido treinada para controlar seu sistema vital em situações semelhantes, o poder em seu sangue reagiria de qualquer forma e foi assim que fez com que seu coração parasse de bombear o sangue já escasso para as feridas abertas em todo seu corpo.

Os machos acreditaram que ela estava morta e o cheiro de culpa tomou o ambiente, ela se concentrou em reduzir ao mínimo possível suas funções vitais, ciente de que isso seria o máximo que chegaria da morte física, quando o que na verdade queria, mas não teria, era a morte de verdade... Só que, tal como Alegria, ela fez um juramento e seu futuro não lhe pertencia.

Nossas existências e futuro, não nos pertencem mais... Mair, oh céus, mair!



Dêrhon já não aguentava mais ver o estado em que havia deixado o irmão e ao lembrar-se do que Kassia havia feito para consertar Xstrauss, ele se posicionou em cima do irmão passando uma perna por cada lado do seu corpo. Zarcon grunhiu e arregalou os olhos amarelos, mas não teve jeito.

Dêrhon fez o que mandou seu instinto e seu irmão e rei de seu mundo...

— Rei é meu caralho!

Zarcon gritou entre furioso e indignado e socou o irmão lançando seu corpo no canto do quarto. Dêrhon engole um xingamento e reposiciona o nariz.

Ele não era tão vaidoso, mas já começava a se perguntar o que tinham contra o seu nariz. Zarcon leva o antebraço no rosto e respira com dificuldade, às dores que estava sentindo foram amenizadas, mas sua visão ficou turva e ele ameaçou entre dentes;

— Se o que aconteceu sair desse quarto, eu arranco às presas de cada um dos dois e terão que beber de canudinho para o resto das suas malditas existências. Estão me ouvindo?

Dêrhon e Trevon se entreolham e ambos assentem e os três sentem os pelinhos de suas nucas se arrepiarem.

— Ah não, de novo não! Caralho! O que deu nessas fêmeas que... Você!

Zarcon aponta para Trevon e ele arregala os olhos.

— E não se atreva pensar que pode se negar. *Você* vai se oferecer para alimentá-la e servi-la, e

isso não é um pedido, é uma ordem.

— Como é que é?

Zarcon não estava para brincadeira e o tremor que sacodiu toda a mansão era prova mais que concreta da sua resolução. Ele tinha decidido não apertar o guerreiro e melhor amigo sobre as possíveis *Kades* que estariam espalhadas no mundo dos mortais com a sua semente, porque pressentiu que havia mais do que podiam supor eles dois que não lhes dizia respeito, mas determinou que Trevon se oferecesse para servir a Valquíria e quando o Rei determinava algo, não havia alternativa que não aceitar e assim como o aconselhou, ele aconselhou Trevon de não beber da fêmea, mas ao contrário dele. Trevon não questionou nem em pensamento.

Dërhon para do lado de fora do quarto e se volta para um macho que parecia um animal acuado a caminho do sacrifício. Trevon faz uma careta engraçada e bufa.

— É falta de decoro, Dërhon. Nem devia precisar ser avisado. — qualquer um, mesmo antes da transição sabia das consequências...

Dërhon faz que entende e evita questionar, mas acaba engolindo em seco e arqueia as sobrancelhas. Trevon leva as duas mãos ao rosto e as desliza com força para baixo;

— Eu juro que nunca imaginei que fosse precisar explicar isso para um macho que é bem mais velho que eu! A vontade é grande, e algumas das fêmeas sugam além da conta, mas por conta do que sofreram suas ancestrais, se os machos que as servirem beberem delas sem que elas peçam, estarão infringindo um juramento feito à Guardiã pelos nossos ancestrais há muito tempo e o castigo do infrator é uma espécie de *mitho* invertido. Alguém que tenham em alta conta é fulminado de dentro pra fora... Também se acredita que o, dele pode ser decepado por conta da transgressão...

— Uohl. E porque eu nunca fui informado disso?

Trevon fita o próprio pênis inchado por um átimo de segundo e impaciente devolve a pergunta com outra em pensamento;

Será que é porque até bem pouco tempo atrás, você era celibatário?



CAPÍTULO 22

Kassia acorda mais uma vez se alimentando do pulso dele e Aleesha encolhe dentro da sua mente, ela mais uma vez tinha tomado o controle... Pela primeira vez, Kassia lambe o pulso do macho que lhe servia, e ele voltou ao seu canto cativo, encolhido no chão ao canto do quarto.

Sérgio não era mais nem a sombra de um homem, ou de um macho. Era só pele e osso e também por dentro parecia mais morto do que vivo. Um escravo das suas vontades. Um ser inanimado, cujo único propósito era servi-la.

Não sei mais o que fazer para me redimir com você.

Kassia tem um sobressalto e seus olhos traidores buscam os dele e o que vê a toca de uma maneira que ela não queria ser tocada. Ele estava emocional e literalmente abatido.

Aleesha já a tinha alertado que quanto mais se alimentasse dele, mais ele seria capaz de ouvir e ler seus pensamentos e, se não fosse pelo seu dom, ele já saberia de muitas coisas que ela preferia que ele não soubesse. Suas pernas ainda não funcionavam e ele não parecia se importar de levá-la de tempos em tempos com carinho e até tinha a decência de deixá-la sozinha no banheiro para que fizesse suas necessidades enquanto ele arrumava a cama, ou se ocupava de qualquer outra coisa no quarto.

Elas já haviam perdido a noção de quanto tempo estavam presas ali com ele e se a vontade dele estava quebrada, a delas não estava tão diferente e todos de certa forma aguardavam apreensivos por uma entidade maligna que não voltou a aparecer. Ele saía para caçar, mas nunca demorava mais do que duas horas para voltar e agora ele havia adquirido o hábito de entrar no quarto de disciplina e açoitar a si mesmo até não aguentar mais, ou desmaiar.

— Você não lembra mesmo de mim? — ela perguntou e ele arquejou de leve assustado. Era também a primeira vez que ela se dirigia a ele verbalmente, depois que ele a encontrou na mata.

— Imagino que tenha sido uma das minhas submissas nos últimos 15 meses da minha vida antiga. — ele respondeu com sinceridade, seu tom era triste e seu estado mental refletia o estado do seu corpo, ele também estava cansado de tudo aquilo.

—Eu fui — ela se pega dizendo também honestamente —, de certa forma, mas não foi consensual.

Faça o que mandei pequena, e venha até aqui...

Pequena, enfermeira Kassia...

Ela usou as palavras dele depois de permitir que a reconhecesse e ele começa a lembrar-se de fatos que ela desconhecia daquele dia; ele não conhecia Janete há muito tempo, os outros do grupo a conheciam mais. Carlos que o convidou para o acampamento que culminou a sua quase morte, os dois já se conheciam e até chegaram a dividir algumas submissas nos clubes privados que frequentavam. Janete disse que conhecia outras submissas e chegou a provar apresentando algumas antes e foi realmente uma surpresa para ele a reação dela depois que

tudo aconteceu. O que se seguiu em suas lembranças foram flashes que Kassia não queria, mas não conseguia 'não' ver.

O primeiro e o segundo homem que quase matou estrangulado, os chutes em suas costelas, as facadas de Janete... Xstrauss.

Xstrauss abriu os olhos...

Sérgio continuou no mesmo lugar, ele havia tentado defender Kassia dos chutes, mas foi contido pelos outros e a situação fugira totalmente de controle. Eles a algemaram enquanto estava ainda desmaiada e discutiram entre si, não havia nenhum assassino entre eles e era Janete quem seria responsabilizada pelo que eles fizeram. Sérgio já tinha lá os seus problemas com a justiça e até tinha trocado de nome por esse motivo, mas não foi por isso que tentou defendê-la... A pequena o fez lembrar-se da mãe biológica. Elas eram muito parecidas e, quando Janete avançou para cima do seu corpo inerte ele simplesmente travou.

Sérgio se encolhe ainda mais, um dos amantes da sua mãe que tinha levado as drogas que pôs fim a sua vida e... Ele balança a cabeça atordoado em negativa. As semelhanças entre Kassia e sua mãe paravam por aí. Sua mãe permitia a esse amante que fizesse coisas com ele, que duvidava que Kassia algum dia fosse permitir acontecer com um filho seu... Ele se levanta amparando as costas na parede fria, estava esgotado, e já teria acabado com a própria vida se tivesse certeza de que ela ficaria bem.

Sérgio se desmaterializa para fora do quarto e segue pelas cavernas rumo à saída com um único pensamento em mente: se conseguisse achar um macho para alimentá-la, não precisaria mais impor a ela a sua presença. Tinha que ser um macho, seu instinto lhe dizia, outra fêmea, por algum motivo estaria fora de questão. Pequena Kassia... Escutou-a chamando em sua mente, todo seu ser reclamou de alguma forma e queria voltar no mesmo instante, mas seu desejo de que ela fosse poupada, sobrepujava a necessidade intrínseca que ele tinha de voltar.

Então ele caminhou pelas cavernas subterrâneas com esse único propósito em mente: Encontrar um macho para alimentá-la e a ver livre da presença e lembranças que ele evocava.

Contudo, não imaginava que conseguiria alguém como ele, então um humano teria que servir.



Se ele fizer uso do seu livre arbítrio com um dos nossos, não haverá nada que eu possa fazer em seu favor.

Eu sei.

Mahren se recosta de leve no ombro largo de Jarel e ele olha de soslaio para ela com um sorriso torto e iluminado no rosto claro.

Não se contém em ficar só de espectadora, não é mesmo?

Mahren olha mais adiante onde por sua vontade uma passagem se abre e um jovem guerreiro ultrapassa os limites que impôs aos seus há muito tempo e torna a olhar de soslaio para Jarel.

Você conhece as regras.

Sim, eu as conheço, e ninguém pode me culpar de não segui-las.

Mahren volta o olhar para outro ponto no campo e Jarel segue a olhar na mesma direção.
Olho por olho, Jarel. Não se pode negar que isso não vá equilibrar um pouco as coisas por aqui.

Mahren desaparece do lado de Jarel e no segundo seguinte ela está na frente do jovem guerreiro.

Sabeis vós que acaba de ultrapassar aos limites impostos aos seus, não sabe Arthorm?

Ele a encara como o guerreiro digno que era e Mahren contém a intensidade da luz, intimamente orgulhosa da coragem espelhada nos olhos de esmeralda dele.

É justo que vos diga, que só permitirei que você ultrapasse esse ponto, se renunciar aos seus ancestrais imortais.

Arthorm estava preparado pra ser extinto de imediato frente ao campo inimigo e manteve-se na mesma posição beligerante. O *Onigeun* em sua nuca havia sido queimado há muito tempo, mas se a entidade à sua frente precisava de uma renúncia verbal ele lhe daria e pensou; podia fazer até melhor...

Eu, Arthorm filho nascido primeiro e único de Arthorm, renego para quem interessar possa nos clãs superiores aos meus ascendentes imortais até o primeiro deles e aceito a ti, como minha Guardiã nesse mundo, se me aceitares.

Mahren sorri e olha na direção de Jarel com um brilho malicioso no olhar, demonstrando que conhecia aos que considerava sendo seus melhor do que qualquer outro.

O anjo meio que arqueia as sobrancelhas e logo depois assente.

Que assim seja.

Que assim seja. — ela mantém o sorriso ao fitar o anjo — *Agora, se me der licença, não quero ferir a sua sensibilidade angélica.*

Jarel assente mais uma vez e desaparece com um sorriso torto no rosto e Mahren se aproxima do jovem guerreiro que se ajoelha sobre seu comando mental. Arthorm gane alto com a dor intensa e desmaia em seguida. Mahren o observa como se o acariciasse e volta a ficar invisível enquanto outro macho se aproxima rápido, atraído pelo cheiro de sangue e carne queimada que ele exalava.



Enquanto isso, em plano físico paralelo, outra entidade feminina caminha de um lado ao outro no ambiente branco e asséptico, ciente de que não tardaria ser julgada e possivelmente condenada pelos hipócritas guardiões superiores.



Dêrhon levantou Alegria em seu colo com todo cuidado e beijou na sua fronte saindo com ela do quarto em sentido ao quarto ao lado.

Trevon encostou-se à porta fechada em observar a Valquíria que se continha para não ganhar de dor. As ondas voluptuosas de calor que ela emanava subjugava todo o seu corpo a servi-la e essa era a ordem do seu rei, mas ele não conseguia, ou melhor, ele não queria descolar a bunda da porta fechada por trás de si.

Vá até ela, ou eu mesmo vou aí e chuto essa sua bunda magra pra dentro do quarto.

Ameaçou o rei em sua mente.

Trevon se obrigou em dar um passo a frente e outra onda de calor dela quase o fez cair de cara no chão. As suas mãos se tornaram garras e chegavam a penetrar no piso frio enquanto apelava.

Vou acabar ferindo-a ainda mais.

Dërhon se materializa no quarto irado e rasga a frente da camisa de Trevon levantando-o pelos braços expondo seu peito, o empurra à frente da fêmea.

Danikas arfa com a visão e seus olhos pululam de um macho ao outro entre pasma e fascinada e Dërhon determina;

— Você está machucada por nossa culpa e você deve saber que está no cio. O fato é que vai ser alimentada e servida em todas as suas necessidades, quanto a isso não tem discussão. O que pode escolher, é quem de nós fará isso por você.

Trevon lança nele um olhar de ódio mostrando as presas, mas logo se recompõe e Dërhon suaviza a expressão.

Ambos suavizaram as expressões e ela engoliu em seco com a garganta dolorida. Dërhon estava pra lá de puto com a situação e rasgou a própria camisa expondo-se para ela também e...

Ele!

Ela decide a apontar Trevon com o olhar e Dërhon se afasta no mesmo instante que Trevon dá um passo à frente na direção dela.

Tomado pelo seu lado mais animal, Trevon meio que rosnou para Dërhon, mas ele se manteve impassível e silencioso no canto do quarto a ameaçá-lo.

Ela está aqui e será tratada como uma das nossas, Trevon. Nem por um instante vai se esquecer disso. Entendeu?

Trevon volta a mostrar as presas de leve e se inclina sobre o corpo da fêmea, possessivo.

Danikas trinca os dentes chegando a ferir o lábio inferior por dentro e Dërhon rosna avançando para cima de Trevon com a intenção deliberada de tirá-lo dali e ela trava os dentes no pescoço dele no mesmo instante.

Trevon rosna deleitado e ela contém um gemido de prazer quando o sangue rico alcança suas papilas gustativas e começa a deslizar quente e levemente metálico pela sua garganta ressequida.

Dërhon continua observando a cena entre os dois de braços cruzados e Danikas entende que ele não sairá do quarto enquanto não se convencer de que ela estará satisfeita.

Trevon apoia o peso do corpo sobre os braços enquanto a fêmea se alimenta dele de forma tão íntima e uma forte onda de prazer o invade subitamente, acendendo cada nervo com volúpia inebriante, fazendo com que ele arqueie ainda mais na direção dela a grunhir extasiado.

Danikas fecha os olhos em leite e quando os abre Dërhon ainda está lá. É evidente que não acredita que tão logo desapareça dali, ela não vá interromper a alimentação, ela mesma não acredita, nem que sim e nem que não.

Por todos os deuses! O seu gosto era divino e...

Ela tinha torturado por vezes sem conta os irmãos dele e as lembranças do que infringiu a eles a fez soltar de leve o pescoço do macho e lambe discreta a ferida que lhe infringiu.

Trevon solta um rosnado feral impondo-se sobre ela com parte do peso e algumas lágrimas impertinentes rolam no rosto dela.

Dërhon já não estava mais ali, mas o macho a quem ela foi dada por Brianis permanecia por cima do seu corpo e o cheiro delicioso do seu desejo pairava entre os dois como uma carícia imerecida. Ele a queria mesmo que não quisesse em seu íntimo admitir e não foi difícil para si a decisão que tomou naquele instante e do fundo do seu coração, ela desejou que ele fosse abençoado com os frutos dessa união sinistra.

Não havia muito que dizer ou que pudesse fazer, além de deitar os braços feridos sobre o travesseiro acima de sua cabeça e lançar nele um olhar de súplica, enquanto outra onda de dor a engolfava e fazia o seu corpo seriamente ferido arquear em direção a ele.

Trevon hesitou por um segundo, mas a natureza venceu a razão e em menos tempo que isso ele se despiu das calças e dos trapos que tinha se transformado a sua camisa.

A fêmea estava ferida em vários lugares e ambas as pernas estavam quebradas, seus dedos inchados pairavam em ambos os lados da sua cabeça, também disformes, e Trevon amaldiçoou a natureza cruel do seu cio, por aumentar ainda mais as dores que ela estava sentindo, foi com todo cuidado que afastou as pernas dela e preocupado, ele se colocou entre elas olhando bem dentro dos seus olhos.

Posso ver com Dërhon se existe analgésicos que possa usar e continuar te alimentando, pelo tempo que precisar.

Mais uma vez ele lhe dava alternativa de fuga e isso trouxe até a garganta dela mais uma leva de lágrimas amargas, que ela engoliu ferozmente.

Quero você. Se me quiser também.

Danikas contém o ganido de dor e silva baixinho quando outra onda ainda mais intensa se espalha pelo seu corpo e atinge Trevon em cheio.

Trevon grunhiu alto e grosso quando a penetrou, ela estava tão quente e inchada que foi impossível até mesmo mover-se no espaço confinado, ele se inclinou para frente dando-lhe total acesso a sua garganta e ela cravou os dentes apertando-o contra si pelos pulsos.

Ele gozou de imediato enquanto ela o chupava com vontade e continuou gozando dentro do espaço estupidamente apertado que o ordenhava até bem próximo do limite da dor, aos poucos começou a se mover dentro dela saindo e entrando e ela apertou seus ombros com os pulsos e um gemido angustiado perto do seu ouvido que fez com que parasse imediatamente.

Danikas afrouxou o aperto nos ombros do macho e tentou relaxar a musculatura, mas estava doendo demais. Pouco depois ele começou a mover-se dentro dela, e ela mais que imediato tornou a contê-lo com os pulsos apertados nos seus ombros e chegou a soltar a boca do seu pescoço.

Seu corpo inteiro começou a tremer e ela sentiu o membro dele encolhendo dentro dela, ela lambeu o ferimento e ele foi retirando devagar.

Trevon estava absolutamente pasmo com o que via à sua frente, a fêmea tinha um dos braços sobre o rosto e chorava de soluçar. Seu olhar correu para mais abaixo do seu corpo e ver o sinal de sangue nos lençóis foi bem pior que uma lâmina cravada no centro do seu estômago.

— Não. Como é possível? — ele arfou a pergunta, o sinal estava ali e a segunda fêmea humana com quem se envolveu também era, então ele tinha certeza do que estava vendo, e não

teve tempo de continuar com suas especulações sobre a virgindade que tirou da Valquíria sem o menor cuidado, mas quando outra onda de calor o atingiu, ele sabia exatamente o que devia fazer.

Danikas teve um sobressalto quando ele enfiou a cabeça entre as suas pernas, e mais lágrimas saltaram dos seus olhos enquanto ele lambia o sinal de sangue entre elas com reverência. Ela nunca tinha sido tratada com carinho antes, e não conseguiu conter o gemido de prazer que escapuliu quando a língua dele alcançou o seu centro e fazia ali a sua mágica.

O sangue dele corria em todo o seu corpo inflamando-a por dentro, o seu coração estava batendo em disparado e uma onda diferente de calor começou por dentro de si em crescente agonia até que explodiu em ondas que a fez arquejar na cama e gemer alto algo sem nenhum sentido.

Trevon engoliu o que pensou com o coração apertado dentro do peito. Esse era possivelmente o primeiro orgasmo que ela teve na vida e ele havia sido um animal da pior espécie com ela antes!

Danikas ainda não tinha voltado de todo a si quando sentiu que ele agora tocava os seus seios e tão logo arfou ele a abocanhou um enquanto massageava o outro, ele a estava venerando com o seu corpo e deslizou a mão livre para o seu centro massageando-a também ali com os dedos em movimentos suaves e circulares. A dor gostosa começou num latejar lento no baixo ventre dela e ela agora já sabia o que viria a seguir e se deixou levar.

O segundo orgasmo foi mais intenso que o primeiro, mas a necessidade de que ele a preenchesse a fez implorar num grito redundante, *Senhor!*

—Trevon, me chame de Trevon, Valquíria.

Trevon pediu com humildade expressa no olhar e algo aflorou dentro dele quando ela assentiu devagar sem conseguir desprender do seu olhar.

—Trevon — ela arfou — por favor, eu..., preciso.

Ele sorriu de leve e voltou a se posicionar sobre o seu corpo;

—Não vai doer tanto dessa vez.

Ele prometeu e ela assentiu confiante, mas ainda assim aguardou com expectativa que ele a penetrasse e... Ela sorriu.

Um sorriso tímido e vacilante que durou apenas um segundo enquanto ele a penetrava devagarinho. Mesmo com a umidade crescente em seu centro, ela era ainda bem apertada e praticamente estrangulava seu membro, ávido por mais ação, mas ele se conteve nos movimentos pélvicos e voltou a se inclinar para que ela tivesse acesso a sua veia. Ela o acariciou na frente com as costas da mão e isso doeu dentro dele de uma forma terrível, ele escondeu o rosto ao lado do rosto dela imaginando que se o tivesse esbofeteado doeria menos.

Danikas voltou a morder seu pescoço como demandava sua necessidade e ele começou a se mover num crescente moderado de vai e vem dentro dela, a sua musculatura, agora mais relaxada, o aceitou plenamente, mas ele continuava contendo os movimentos e era ela quem queria que ele fosse mais rápido e com mais força.

Se as articulações dos seus dedos não estivessem tão inchadas já teria enfiado as unhas

curtíssimas nos ombros dele e nesse instante ela se deu conta de que não queria ser poupada, ela queria que ele se perdesse nela e que fosse rápido, e implacável também... E só havia uma maneira dele machucá-la menos do que podia machucar e já a estava machucando. Ela começou a pensar em seus irmãos.

Eles imploraram por misericórdia. Eu arranquei cada um dos seus dedos com lâminas afiadas e os fiz amargar toda sorte de torturas antes do fim.

Trevon a estoca com violência e grunhe tentando conter a onda de ódio que o ia tomando;
— Não faça isso, Valquíria.

Danikas envia várias imagens das lembranças que tem dos irmãos implorando por clemência enquanto os torturava e o ódio o invade, ela não para, e a cada imagem do sofrimento que ela infringiu aos seus irmãos ele era em mesma medida mais e mais violento com ela. Danikas contém o ímpeto de ganhar quando ele abre suas pernas ainda mais em um movimento brusco e se enfia ainda mais fundo com movimentos violentos.

O sofrimento que ela infringiu aos irmãos dele, não chega aos pés do que está sentindo agora e ela continua enchendo a mente dele com lembranças do que havia feito, Trevon afasta o pescoço da sua boca e a esbofeteia com força, prendendo seus pulsos acima da sua cabeça com uma única mão, a estoca com força, tomado pelo ódio que está sentindo, ele goza dentro dela mais uma vez.

Ele se retira abruptamente e chega a levantar o braço novamente, mas prende o ar nos pulmões ao ver o que tinha feito. A fêmea não se move e respira com vagar, seus olhos estão fechados e lágrimas banham o rosto mesclando-se ao fio de sangue espesso que escorre pelo supercílio que ele havia aberto com seu golpe impensado. Ela ainda emana o calor do cio, e por um breve instante ele considera que seria melhor para os dois se ele sumisse dali, mas o seu membro e grande parte do seu corpo se nega com veemência a afastar um centímetro a mais do que já esteja da fêmea. Outro arroubo de calor dela inflama a ambos e ele grunhe com desgosto.

Dividido entre o desejo sexual e o ódio, ele volta a se sobrepor em cima dela e se encaixa em seu centro úmido, e em pouco tempo ambos estão ofegantes, dessa vez, intimamente calados.



CAPÍTULO 23

No quarto ao lado Dërhon tem uma bandeja que havia mandado Ores preparar no colo e seu pensamento vai longe, enquanto alimenta a mãe das suas filhas com o sortimento de coisas que o *Neimo* havia depositado ali.

Alegre não consegue evitar um esgar de regurgito e leva a mão na boca delicada com um sorriso tímido no rosto que sustentava incríveis olhos azuis com bordas prateadas e Dërhon para com a mão a meio caminho da sua boca. Tão delicada e tão...

Dërhon pisca ao cair em si e engasga tendo a decência de corar. Por um instante ela fica indecisa entre rir ou chorar e rapidamente se decide por rir e algo mais, ao considerar o quanto seu tempo poderia ser curto com seu senhor.

— Eu preferia estar degustando outra coisa agora...

Dërhon tem um sobressalto de surpresa e a bandeja é rapidamente deixada de lado. O Empinadão já estava todo solícito apontando dentro das calças e nem ele entendeu o porquê que a sua mão estava espalmada entre ele e ela...

— Ah! É que, será que... — ele se coça indeciso e ela decide pelos dois ao se por de quatro em cima da cama e engatinhar na direção dele, com gentileza ela o induz a deitar e ele deita meio sem jeito.

Anatomicamente falando; com uma perna dobrada sobre a cama a outra pendurada pra fora e alguém mais abaixo ameaçando romper os tecidos da calça e da cueca que... Ahh... Ela levantou sua camisa e sua língua estava circulando o seu umbigo e agora subindo, e vem distribuindo beijinhos e lambidas ao longo do caminho.

A falta de jeito dela em tentar tirar a sua camisa arranca um sorriso safado dos lábios dele e ele trata de subir a perna pendurada quando... Uohl!... Ela morde o bico do seu peito e ele se contrai surpreso.

— *Desculpe* — ela diz mais que depressa e ele lambe o lábio ao mesmo tempo em que ela lambe o seu sangue no dela.

— Foi bom — ele tratou logo de verbalizar e pensou rápido em pedir;

— Só pega um pouco mais leve com o Empinadão quando chegar lá, tá?

— Sugar pode? — ela perguntou cheia de esperança e ele teve uma crise de riso espontânea...

— Não, não, não! — ele a segura com gentileza pelos braços delicados quando ela começa a se afastar — Estou gostando, é sério!

Alegre o fita incrédula, e ele contém uma nova crise de riso. — Eu, é que... Caralho, só não dá pra acreditar em tudo isso!

Dërhon a solta pelo tempo que precisava para se despir por completo, tipo; Desmaterializar e voltar nu e na mesma posição. Em uns dois ou três átimos de segundo.

— Esquece o que eu disse antes. Faz comigo o que sentir vontade, eu sei que vou gostar de cada segundo.

E ele trinca os dentes quando ela mais uma vez pula as preliminares e cai de boca no

Empinadão, toda empolgada... Ahh caralho, puta que pariu, ela...

Dêrhon bem que tenta, mas ele não consegue resistir muito tempo e ela não para, continua saboreando seu mastro que não se encolheu nem um pouco depois do gozo estriduloso, mas está imbuído de igualar o placar quando gentilmente a afasta de si e antes que ela tenha tempo de pensar está sobre ela e o seu gosto não é nada mal, nada mal meeesmo!

E aí fica fácil entender o porquê que ela não conseguia parar a julgar por si mesmo, já que ele também queria ir direto para área, mas ele se demorou em outras zonas, como o pescoço e o pé da orelha superdelicada e sensível ao toque da sua língua, e foi descobrindo outros pontos que a faziam suspirar em deleite e se aproveitou de tudo que ia descobrindo entre deliciado e divertido no processo.

Ela era tão sensível ao seu toque que o cheiro da excitação dela quase o fez gozar em cima dos lençóis e ela soltava uns grunhidos e gritinhos incongruentes enquanto ele roçava de maldade as presas na borda do seu umbigo e um pouco mais abaixo. Ele voltou a subir pelo seu corpo e ela agarrou forte em seus cabelos forçando-o pra baixo e isso foi o céu dos céus!

Pelos deuses!

Obediente que só, ele tornou a descer e a saboreá-la exatamente onde queria estar e o sabor por pouco não o levou a outro orgasmo, sua língua rodeava o botãozinho rosado e sensível e penetrava entre os lábios delicados e úmidos com o aroma que era só dela e ela arqueja e grita o seu nome em espasmos, ele sente as mãos delicadas segurando em seus cabelos e puxando-o para cima e em poucos segundos ele está dentro dela e num movimento bem proficiente ele se vira ainda dentro dela e ela fica por cima.

A visão que ele tem é a da perfeição feminina, os montes gêmeos que são os seios dela, estão com bicos rosados como seus lábios e deliciosamente pontiagudos, e suas mãos estão livres para tocá-los à vontade.

Alegre arfa e morde o lábio e aprende rápido o que tem de fazer em cima dele, ela começa a cavalgá-lo e sob o seu apelo mudo se inclina para frente para que ele possa abocanhar um dos seus seios, e se contrai em gozo no mesmo instante silvando alguma coisa incoerente e o morde com as unhas cravadas nos seus ombros.

Dêrhon geme ou grunhe e goza em seguida e ela continua se mexendo para cima e para baixo e bebendo dele com avidez. Outro orgasmo segue o primeiro quase em seguida em ondas ainda mais alucinantes que a anterior e de repente tudo anestesia e escurece...

A meeerda, quando ele abre os olhos à primeira imagem que vê é de uma fêmea descabelada e em prantos, e a segunda é de um pulso rasgado que vinha em sua direção com o aroma mais maravilhoso do mundo.

Bebe meu senhor, por caridade, perdoe-me...

Dêrhon lambe o pulso ferido e grunhe de prazer com o gosto dela em sua língua e se senta na cama sentindo-se levemente letárgico...

Tudo bem, não tão levemente assim, mas não ia se alimentar dela, ao menos não sem ter uma séria conversa com ela a respeito antes.

Ela encolhe sutilmente com a sua recusa e ele continua segurando seu pulso com gentileza, porém é firme em declarar;

— Foi irresponsabilidade minha, Alegria, e se está pensando que não quero beber de você, está

muito enganada. Eu quero, e muito! Ao ponto de doer aqui e aqui também. —ele aponta a garganta e na sequência o peito, bem na altura onde seu coração bate mais forte.

— Mas, não vou beber de você, até que tenhamos certeza de que isso não vai prejudicá-la ainda mais.

Alegria assente, mas não consegue conter a nova onda de lágrimas e abaixa a cabeça chorando sem emitir som a tremer convulsiva e ele, incapaz de levantar da cama a puxa para si e a envolve em seus braços, encantado, ao perceber como seus corpos se encaixavam com perfeição. Ele encobre a ambos, a beija com ternura no topo da cabeça e sugere com todo carinho;

— Vamos dormir um pouquinho, ok? Nada como algumas horas de sono para recarregar energias também. — e nesse ínterim ele faz uma anotação mental de buscar mais informações sobre o estado de Alegria e se era aconselhável que se deitassem sob a terra para recarregar as energias e Caius, o pai, lhe vem à mente.

Seus filhos eram os mais novos nascidos dentro do condomínio, com diferença de mais de dois séculos dos outros, e provavelmente teria mais detalhes sobre o assunto que qualquer outro macho dali para compartilhar.

Alegria soltou um suspiro profundo e ressentido depois a sua respiração estabiliza, Dêrhon se deleita com o aroma que emana dos cabelos dela e do calor que desprende dos seus corpos unidos de conchinha.

Suas pálpebras pesam e seus olhos turvam, a breve consciência que devia aproveitar a deixa e levantar-se, foi recebida com um grunhido baixo e mal humorado do restante do seu corpo e ele fecha os olhos, vencido pelo cansaço.

Ia dormir só um pouquinho, só mais um pouquinho...



Arthorm!

Aleesha exclamou num sussurro sentido ao reconhecer o jovem que Sérgio deitou de bruços em cima da cama ao seu lado.

Arthorm estava agrilhado na boca, pelos pulsos para trás das costas e também nos tornozelos e lágrimas turvaram seus olhos pela sorte infeliz do jovem guerreiro.

Solte-o.

Kassia ordenou implacável e Sérgio obviamente hesitou.

—Ele não vai me ferir. — ela verbalizou com firmeza.

K, não, ele vai matá-lo ou se matar. Seja mais cautelosa, por favor.

Kassia podia sentir o desespero de Aleesha e tentou confortá-la;

Também não quero que ninguém se machuque, Alegria. Me faça dormir. Assume a situação, você é melhor que eu.

Eu faria se soubesse como, acredite em mim!

— Não vou abrir mão de você, Sérgio. Sei o porquê fez isso, mas você está ligado a mim e para bem ou mal, sou eu quem decide até quando.

Conforme Kassia dizia ia se tornando cônica de que era tudo verdade e o peso da responsabilidade não assustou como imaginava que a assustaria.

— Estamos ligados um ao outro e me fará ainda mais infeliz se atentar contra a vida desse jovem.

Sérgio passa a mão no rosto sem saber o que fazer, quando viu o macho em agonia na floresta e virou seu corpo, acreditou que era um sinal positivo o fato de ele ter presas, o macho desmaiou de dor em seguida e ele o abraçou desaparecendo com ele, tomando forma com o seu corpo inerte num lago submerso próximo da entrada subterrânea, ele o banhou e à medida que se aproximava do refúgio desejava mais e mais que ela... Disseste exatamente o que ela disse, e ele engasga emocionado.

— Se diz que não vai te machucar, eu acredito.

Sérgio tira a chave do bolso e imediatamente solta dos grilhões o macho que continua calado, com os olhos verdes arregalados e obviamente aterrorizado.

— Não está morta... — ele balbucia incrédulo.

Kassia chora e de impulso encosta sua fronte na fronte do macho por um segundo. Sérgio mostra de leve as presas, mas contém o ímpeto de agarrar no pescoço dele, e ao contrário do que desejava, ele se afasta ainda mais da cama a observá-los.

Kassia não pode garantir que tenha sido ela, mas sendo ela ou não, partiu de si o olhar de censura que lançou nele e o "*Eu tenho esse menino como um filho*" na sequência, de certo foi um reflexo do pensamento de Aleesha.

Mas deu certo. Sérgio desinflou de forma evidente e encolheu os ombros largos, apesar da inanição que o assolava.

— Eu o encontrei na floresta mais cedo, não tinha intenção de feri-lo ainda mais.

— Não foi ele que me feriu. Foi a nova Guardiã, a quem eu me entreguei em juramento.

Sérgio estuda o macho com mais atenção e seus joelhos vacilam em estear o peso do corpo por um breve momento.

Kassia volta a encará-lo nesse instante com expressão ameaçadora e agora ela tem certeza de que foi Aleesha. Tanto que ela estava boiando na equação, enquanto Sérgio engolia em seco e assentia calado.

O que foi que eu perdi aqui?

Você me queria no controle, não queria?

Kassia se sente sugada para dentro de si mesma e a sensação não é nada agradável, mas logo tudo escurece e o silêncio torna absoluto, e isso sim, isso é bem mais desagradável!

Sérgio sai discreto pela tangente, confuso com relação aos seus sentimentos e balança a cabeça em negação, rindo sozinho.

Aleesha desliza os dedos na fronte molhada de Arthorm e ele solta o ar;

— Me lembra a Aleesha quando age dessa maneira.

Aleesha engole as lágrimas e ensaia um sorriso;

— Por que deixou o condomínio, Thorm? — ela perguntou baixinho com um leve tom de censura que o fez sorrir.

— Ela era a única que sabia do meu segredo. — ele desconversa, mas acaba se rendendo — A pessoa que eu gosto mais do que de mim mesmo me decepcionou além do limite suportável e...

— O que ele fez?

Arthorm arqueja de leve e engole em seco;

— É tão evidente assim? — ele pergunta desconcertado.

— Thorm é..., difícil explicar. Eu, nós... Estamos dividindo o mesmo corpo..., eu não deixei de existir, meu *mitho* não foi como imagino que deveria ter acontecido, Kassia e eu estamos dividindo o mesmo corpo.

Aleesha aguarda um momento até que ele absorva as informações e depois de refletir um pouco ele tenta se levantar e volta a deitar de novo.

— E quem está falando comigo é minha *Mäi*, Aleesha. — seus olhos enchem de lágrimas e ele desabafa num sussurro — Eu a odiei por um tempo e cheguei a desejar que... Pelos deuses!

Arthorm havia desejado que Kassia sofresse pelo que obrigou a sua *Mäi* a fazer, vivendo!

— Mas logo mudou de ideia. — ela contrapôs ao lembrá-lo do episódio com a besta no grande salão. Arthorm contesta em balançar a cabeça.

— Não sei se esse é o ponto, acredite, eu refleti sobre o meu impulso e a única conclusão que cheguei, é que não a queria morta. O que desejei é que fosse amaldiçoada em vida pela sua covardia, só que...

Arthorm não imaginava que assim estaria condenando também a sua *Mäi* Aleesha.

— O que aconteceu com as suas pernas?

— O mesmo que aconteceu com as suas supenho, Thorm, não se torture mais. Não é... — Aleesha sorri e seus olhos brilham de satisfação ao fita-lo com carinho — Ela é irritante e teimosa, doce e inteligente e juro, não é tão ruim assim de conviver com ela, quando nos permitimos conhecê-la melhor.

— Está mesmo viva? As duas estão... Vivas.

Uma sombra de tristeza nubla seus olhos e ela sorri com tristeza;

— Em parte, sim, estamos.

Parte de ambas havia morrido com a morte de Xstrauss.

Aleesha sente um repuxo psíquico súbito e engasga arregalando os olhos ou é Kassia, e num segundo Sérgio está de volta e assiste com desespero expresso em seu rosto inane que ela está vomitando sangue em abundância alarmante.

— O que fez com ela? — ele vocifera a levantá-la e apoiar a cabeça dela contra seu corpo.

Arthorm balança a cabeça em negativa, apavorado.

— Eu não fiz nada, por caridade, tem que salvá-las! Nããã!...



Dërhon sai do quarto puto da vida consigo mesmo e esbarra em um Trevon macambúzio todo encolhido no chão do corredor. A típica solidariedade masculina o faz sentar ao lado e bater no ombro dele com o seu e lançar um 'E aí cara', mas Trevon continua calado mais algum tempo antes de perguntar, com olhar vidrado em um ponto qualquer à sua frente;

— Fêmeas num contesto geral, tendem a se comportar como nós? Digo, elas...

Trevon fita Dërhon de relance e torna a fixar o olhar na parede à frente deles;

— Esse lance que temos de provocar um ao outro, até que alguém saia com o nariz quebrado ou algo pior.

— Uohl, caiu à ficha do maluco, até que enfim!

Trevon o encara com essa.

— Não entendi aonde quer chegar.

— Ela se deixou apanhar e até me arrisco em acreditar que tenha provocado os machos para chamar a atenção deles para ela... Não foi isso que pensou?

Trevon assente devagar e pensa alto;

— E ela fez de novo, comigo. — com essa se levanta e desaparece, Dërhon se levanta e reconhece o aroma de Alegria no ar, ele abre a porta do quarto no mesmo instante em que Trevon está apontando o dedo na direção de Danikas acusando-a;

— Você me usou pra sanar as suas culpas, Valquíria, mas saiba que 'eu' não a perdoei! Se estive aqui com você, foi porque meu rei ordenou, e EU NÃO ME ARREPENDO! Ouviu bem? Não me arrependendo do que fiz com você...

Danikas engole em seco com a garganta apertada e ele desaparece do quarto da mesma forma súbita que apareceu, Alegria volta a abraçá-la e Dërhon se pergunta em que momento havia adquirido o dom de ler além das entrelinhas, subentendia-se um; filha da puta, não faça isso comigo e eu ME arrependo, mas...

— É a sua sintonia com minha *mair*, idiota, digo, príncipe.

Dërhon sustenta o olhar prateado e beligerante dela e num segundo a expressão dele se torna pesarosa, irritando-a ainda mais.

— Não vou cair nessa, Dani. Não vou ficar puto com uma fêmea que está mais clara que água pra mim. Aí, de boa, não sacaneia com a mente do cara. Ele não vai gostar 'menos de você' por isso. O máximo que você vai conseguir é perder um tempo precioso ao lado dele e fazer com que ele amargue por toda a existência quando se der conta do que fez, e isso, se ele não se matar antes.

— Está tirando conclusões baseadas na própria experiência?

Dërhon move a cabeça reprovando o tom de deboche e considera;

— Pode ser... — ele fita de relance a mancha de sangue no lençol e ela tenta sem sucesso esconder com a perna.

Dërhon rosna um palavrão com algumas recordações de Kassia que invadem a sua mente.

Alegria suprime um ganido e aperta Danikas sutilmente.

— Cara. Não sei como não vê. Até nisso vocês... Sabe, se não fossem tão diferentes os mundos de onde vieram, eu poderia jurar que são irmãs.

Nós somos..., de certa forma.

Dërhon solta um esgar de riso sem humor e olha nos olhos de Alegria;

— Não você, minha preciosa linda. — ele aponta Danikas com um movimento do queixo — Ela e a K...

— Só acho que não precisava ter o mesmo desfecho, meu irmão Xstrauss sumiu e não sabemos se está vivo ou morto e...

Dërhon solta o ar com expressão de cansaço e aponta o pulso que Alegria tentava em vão esconder;

— Eu não vou estar longe, mas vai saber como me encontrar se quiser ou precisar, não vai?

Alegria assente de cabeça baixa e ele desaparece. Danikas a empurra de leve e pergunta;

— O que deu nele?

Eu o alimentei enquanto ele dormia.

O 'e sonhava com outra' Alegria suprimiu com um sorriso afetuoso e voltou sua atenção para os machucados de Danikas.

Dêrhon se enfia em seu escritório e por precaução aciona as telas de aço com um comando mental ruminando alguns xingamentos, lá ia ele de novo dar uma de voyeur, mas era por uma boa causa. Ele meio que se joga na cadeira em frente aos monitores, puxa da gaveta o bilhete amassado de Kassia e ao mesmo tempo aciona os vídeos das câmeras de segurança. Ele respira fundo e em poucos cliques duas telas se abrem simultaneamente. Ele clica em play para ambas.

Já tinha basicamente decorado algumas partes mais sórdidas do vídeo e chegou a pensar em apagar, mas por algum motivo não o fez.

Caralho. Não desejava que essas fossem as últimas imagens do seu irmão, ou dela. Não mesmo!

Kassia saindo do banheiro, nua em pelo, com cabelos longos que por dois dedos não alcançava as nádegas roliças. Ele não podia ver o rosto dela, mas agora já conseguia imaginar o quanto estava triste enquanto se penteava e que era... Que merda!

Ele volta um pouquinho o vídeo e passa direto, xinga e adianta na barra de rolagem em câmera lenta. Para de novo, seleciona a melhor imagem e se levanta, torna a se sentar e aumenta ainda mais o zoom no breve vislumbre do pescoço dela no momento que se penteava, agradecendo a santa tecnologia e observando com mais atenção e, nada. Ele aumenta ainda mais a imagem e... Nada!

Não dava para ver o *Onigeun* sob a queimadura grosseira que via ali! Uma sombra se move silenciosa pelo canto da sua visão periférica e ele se volta para o vulto já sentado, reconhecendo Trevon, que indiferente a ele, leva a garrafa de conhaque à boca sorvendo um bom gole.

— Foi você mesmo que queimou seu *Onigeun*, ou provocou alguém para te queimar?

Trevon encolhe os ombros com descaso e torna a sorver outro gole antes de perguntar;

— Que diferença faz?

— Deixa rolar.

— O macho que me violentou a mando do meu pai, fez o serviço. Se quiser saber mais sobre os detalhes sórdidos, pergunte para a mãe das suas filhas. Ela era um dos espólios de guerra dele e me alimentou em uma das vezes que fugi e nos encontramos no meu refúgio. Ela lutou por mim e... — solta um suspiro — Eu só tinha uns oito ou dez anos na época.

— Alegria...

Trevon assente e repete;

— Alegria, sim... Devia ter uns 22 ou 23 anos na época, ainda não tinha passado pela transição, mas, ainda assim, tentou me defender, e acabou pagando caro por isso.

Dêrhon desliga os monitores com estômago revirado e Trevon recosta a cabeça no encosto do sofá e relata no mesmo tom cansado;

— Não me tornei menos macho pelo que aconteceu comigo naquela época e até sou grato a eles, dependendo do ponto de vista... Ainda estava bem consciente quando o macho que se dizia meu pai me chutou no rosto e ordenou ao que me violentou que jogasse o monte de merda que eu era fora... Alguns bons anos mais tarde eu resolvi com eles, as pendências que tínhamos. Ponto.

— Você já estava com a gente.

— Já. Sim. Numa dessas sumidas de Xstrauss eu fui autorizado pelo rei a sair em sua busca, ele sempre foi um ótimo rastreador e não o teria encontrado se ele não quisesse, mas ele estava esperando por mim com um presente inusitado. Dois na verdade, ele me deu meu pai e o macho que me violentou em nome dela, basicamente em uma bandeja de prata. Eu regateei, e o demônio que se dizia meu pai riu de mim, a fera em Xstrauss arrancou as mãos e as pernas dele e me mostrou o que ele vinha aprontando nos últimos tempos. Se não for por você, o faça por elas; Xstrauss disse, e eu fiz, arranquei o coração do meu pai e deixei o que sobrou do seu corpo em meio um monte de merda para curtir no sol. O covarde que o seguia como cachorrinho conseguiu fugir, mas nós o encontramos alguns dias depois e ele teve destino semelhante... Não é bem o tipo de história pra criança dormir.

O seu laçao não tão fiel assim, pegou gosto por crianças e tinha uma meia dúzia ou mais delas escondidas em uma caverna subterrânea que ele explodiu um pouco antes de receber o que merecia.

— E o que isso tem a ver com Thorm?

Trevon vira o rosto a encarar Dërhon e Dërhon move o ombro;

— Estava claro como água em sua mente.

— É possível que ele seja meu irmão e, também está lá fora agora. Pode estar morto a essa altura.

Dërhon torna a ligar os monitores e Trevon adianta;

— Tal como as filhas de Caius. Ele saiu ou foi retirado daqui sem deixar rastro. Eu já conferi, era por isso que estava aqui. Ele foi flagrado pela câmera da quinta ao norte a pouco mais de 20 horas atrás pela última vez, indo em sentido ao perímetro.

Dërhon trinca os dentes enquanto minimiza os vídeos;

— E porque será que eu só estou sabendo disso agora?

— Você estava um tanto ocupado quando se deu a primeira ocorrência.

Trevon deixa de lado os problemas pessoais e o deixa a par de tudo que aconteceu nos últimos dias dentro do condomínio e Dërhon vai ligando um fato ao outro com as datas e mentalmente chama pelo irmão.

Zarc...

Agora não Dërhon, eu estou a par de tudo e sim, é possível, mas se ocupe você e Trevon de se despedir das respectivas mães das suas filhas. Os demais estarão protegidos e se eu falhar nas negociações, ambos vocês dois só terão pouco mais de 30 horas com elas.

Ela está aí com você?... Zarc.

Faça o que estou pedindo, Dërhon, ao menos dessa vez. Céus!... Cuide para que Trevon... Certifique-se de que ele seja o mais cuidadoso possível com Danikas e pelos deuses, não se atrevam em voltar aqui!

Zarcon não acredita que Dërhon vá respeitar seu pedido e tranca todos os acessos que existe para os seus aposentos pessoais. Brianis está montada em cima do seu corpo e ele morde o próprio pulso para não gritar no momento em que ela reposicionar a sua bacia no lugar e... Creck e um grunhido surdo somam-se mais algumas lágrimas, mais um creck é ouvido e seguido de arfar de alívio, e a maldita possuída desmonta dele crispando uma mão na outra.

Nada mal meu rei.

Vai se foder Brianis.

Todos os dias.

Zarcon faz uma careta cheia de pesar e ela move os ombros com desdém sentando ao seu lado na cama, e como se ele fosse uma criança, ela pega o pulso destorcido dele e lambe para acelerar a cicatrização e oferece o próprio em seguida... Depois reclama;

A qual é? Eu já alimentei vocês antes, e meu gosto nem é tão ruim assim!

Zarcon repuxa um dos cantos dos lábios parecendo mesmo uma criança malcriada e perfura o pulso oferecido tendo um de já vi dela no mesmo instante em que seu sangue começa a deslizar em sua língua a aquecer sua garganta.

Era você.

Brianis confirma em repetir o gesto carinhoso de tocar a sua fronte na fronte dele.

Seus cabelos eram mais compridos.

— E você adorava entrelaçar os dedinhos gordos neles enquanto te alimentava.

Que merda, Brianis. Isso é sabotagem! Como é que vou conseguir lutar com você, sabendo de uma coisa dessas?

— De uma forma ou de outra, não se lembrará, meu rei.

Entre outras coisas...

— Entre outras coisas que... É melhor não lembrar.

Se é assim, por que agora?

— Porque a nossa Guardiã pode vir a precisar de um ato de fé da sua parte no grande tribunal diante dos guardiões maiores.

Se não, vocês apagam a minha memória.

Ou seremos todos apagados, e fim de história.

E Aleesha vai nascer de novo... Então temos alma.

Brianis o estuda seriamente e rebate;

*Nunca nos foi dito que não tínhamos alma, faz parte da herança que recebemos dos nossos ancestrais mortais... Mas, não é por isso que ela vai receber uma nova chance entre os mortais, Aleesha fez uso do seu **mitho** por altruísmo e essa é uma das questões que serão discutidas no Grande Tribunal. A nossa natureza predatória não vai mudar, ainda seremos o que somos ou deixaremos de existir deste lado, mas Mahren acredita que nós já fizemos por merecer ao menos algumas concessões que nos foi tirada, até mesmo por ela, ao longo da nossa existência na terra.*

Zarcon lambe o pulso dela e encosta a testa em agradecimento. Ainda estava difícil digerir todas as informações que Brianis vinha lhe passando, apesar de, no entanto, algumas lhe servirem de lenitivo.

— Kassia está viva.

Brianis confirma e um brilho de orgulho materno reflete por um breve instante no olhar cor de prata.

— Ainda vive do lado de cá.

— E ela vai voltar para nós?

— Não evoluímos ao ponto de desvendar o futuro, meu rei, eu só posso desejar que sim.

— Se a nossa natureza ainda será a mesma, e isso no caso de não sermos extintos...

Brianis o interrompe;

— Não podemos ser 'totalmente' extintos, mas os guardiões superiores ainda podem decidir compactar a energia que nos movimenta, como fizeram com o anjo que ao cair, deu origem a tudo isso e a nós no pacote, e enviar para um planeta inabitado qualquer, nos confins de um universo paralelo.

— Então esse maldito anjo caído a quem nunca se diz o nome, existiu mesmo.

— Sim, o maldito existe. E pode acreditar. Mahren não está na lista de melhores amigos desses guardiões superiores, desde que decidiu intervir pela existência dos seus.

— Dos meus e dos seus, suponho.

— Isso também estará em questão.

Zarcon tenta se levantar e volta a se deitar, indignado;

— Vocês também dedicam suas existências a servir a ela!

— E o respeitamos como rei, mas nem sempre foi assim. E é da vontade dela formalizar algo que já vem fazendo por 'todos nós' ao longo dos milênios.

Zarcon sente o quarto girar em torno de si;

— E isso está correlacionado aos *Onigeuns* queimados...

Não foi uma pergunta, mas ela respondeu mesmo assim.

— No princípio e por muito tempo só existiam *Aehmons* machos e eles foram criados...

— Com partículas de alguns descendentes insatisfeitos dos anjos que caíram. Essa já é velha.

— Fez bem o seu dever de casa, — ela elogia —, mas está familiarizado com o fato de que no início só existiam *Aehmons* do sexo masculino e que por garantia de que não teriam como revidar, esses machos não foram gerados no ventre de humanas? Ah. Isso não, e que várias experiências foram realizadas para criar guerreiros perfeitos e que ao mesmo tempo tivessem um gatilho que fosse fácil de usar quando não servissem mais aos propósitos de vingança dos seus criadores?

Zarcon se mantém calado e ela continua, satisfeita com a atenção dele;

— Os primeiros foram gerados em ventres de animais, alguns dos quais nem existem mais na terra e desses primeiros só existem alguns poucos descendentes, mas em sua quase maioria, os que conseguiram eram descendentes indiretos de um único anjo caído... O que nunca se diz o nome. Estes estavam fadados à extinção em algum momento por serem estéreis, e eram caçados e destruídos pelos seus criadores como subproduto do cruzamento de duas espécies que eram...

— E alguns desses plantaram suas sementes em fêmeas humanas.

Brianis assente e complementa;

— Com intervenção de duas entidades distintas, e a partir de então, soma-se ao *Onigeun* dos nascidos, os grifos igualmente distintos dessas duas entidades... Eu, e alguns outros, somos descendentes dessa outra entidade, conquanto o senhor e grande parte dos habitantes dessas terras são descendentes também de partículas do corpo físico de *Mahren*... Com isso, é justo dizer que sua *Mahren Mäi*, minha Guardiã, não tinha, como ainda não tem obrigação alguma, de agregar ao seu mundo e proteção os que, como eu, descendo dessa outra entidade.

Zarcon solta o ar cansado e comenta mais para si;

— Vivíamos em relativa paz até que Xstrauss voltou...

Com uma das minhas filhas por companheira, eu sei, mas Xstrauss não foi punido com a sua

morte, volto a afirmar. Ele foi salvo de sorte pior ao cair no engodo da maldita que nos ascende e se utilizou dela traindo a amizade de Mahren...

— Quantas filhas, eu amaldiçoei?

Ela não queria responder essa, mas não podia mentir para o rei;

— Todas as fêmeas que saíram do meu ventre, desde que invocou o *Mitho*.

E a somar aos milênios de existência...

— O que pode significar centenas, centenas de milhares delas. — ele conclui com desgosto.

— É uma quantidade significativa, centenas de milhares. Algumas centenas eu diria, até que eu me dei conta do quanto eu sofria por elas e descobri outra forma de sentir prazer... Como *Mae fei* da minha raça e se bem alimentada, de uma única vez eu gerava entre oito e dez fêmeas e isso em oito ou no máximo dez meses, não chegava a fechar um ciclo de quatro estações, um ano no caso e, em quatro luas, um mês, eu estava pronta para outra, como dizem...

Brianis se interrompe com uma careta e considera;

— Se serve de lenitivo, tal como suas irmãs foram resgatadas pouco antes do fim, todas que nasceram de mim, sem exceção, também foram resgatadas por *Mahren* em sua forma mais etérea e levadas a viver no santuário...

E preocupada que ele pudesse pensar que estava sendo enrolado lhe garante;

— Às minhas que não chegaram a cumprir o *mitho* por chegarem perto da morte prematura, foram ao longo dos anos inseridas em ventres de *Kades* e alguns outros animais fêmeos por todo o globo terrestre ao longo dos anos e...

Ela respira com um quê de desespero no tom de voz e continua a sua justificativa na sequência;

— Há ainda as que aguardam por uma chance no santuário como as que, mas tem toda uma burocracia relacionada à inseminação de um ser imortal em seres mortais, mesmo os irracionais e...

— Às que trouxe...

Zarcon insiste e ela solta o ar encarando-o séria, mas ele já está começando a entender suas artimanhas e não lhe dá trégua.

— Ambas são minhas, Danikas já pagou seu tributo antes e... Na verdade só está aqui, porque passou por cima da minha autoridade e invadiu o espaço de *Mahren* implorando diretamente a ela que a sua irmã mais nova fosse poupada dessa sorte.

Brianis suspira resignadamente e continua;

— Danikas foi uma das melhores guerreiras que eu produzi, atingiu a transição aos 15 ciclos completos e sozinha, acabou com pouco mais de 50 gigantes e 10 colossos nos quatro anos seguintes, ela ainda não tinha completado 20 anos quando se deixou prender em uma emboscada por conta de algumas das irmãs que foram sequestradas do clã ainda crianças anos antes e... O pai de Trevon mandou um macho mestiço levar a pele com parte da carne e escalpo do *Onigeun* de duas das três fêmeas que alegava estar em seu poder... Ele tinha outras, geradas por outras Valquírias, e também os descendentes que ele e alguns do seu clã geraram em algumas delas, mas dessa minha geração em especial, ele e os seus guerreiros tiveram que improvisar depois que o primeiro deles ficou eunuco ao tentar penetrá-la. Mas outros machos descobriram algumas outras utilidades para essas também, e quando por fim eles conseguiram

render a minha Danikas, pela determinação do chefe do clã e pela força que ele temia dela, ela foi totalmente envolta em malha de aço, teve as presas arrancadas e por pouco mais de um ciclo de estações esteve presa em uma parede com somente os olhos e um buraco descoberto dessa manta bem na altura do seu ventre, onde de tempos em tempos, era perfurada com lâminas de aço para manter a carne aberta e um ou outro dos malditos a penetravam por ali... Não se pode negar que eles eram criativos. — ela sorri, mas seus olhos desmentem o pouco caso que tentava demonstrar na última frase ao se encherem de lágrimas de sangue, e ela continua seu relato com a frieza que estava longe de sentir;

— Ela era obrigada a assistir as outras passando por torturas semelhantes. O que só veio saber muitos anos depois, fora que nesse mesmo tempo, um dos três irmãos mais velhos de Trevon que não resistiu à tortura que era imposta aos que não aceitavam participar desses eventos contra elas, tinha desejado em seu último suspiro que 'ela' em específico sobrevivesse a tudo aquilo e que tivesse força para vingar todas as demais fêmeas que sofreram nas mãos do seu sangue maldito... Nas palavras dele.

— E ela se vingou nos machos errados.

— Sim, dependendo do ponto de vista, mas se dedicou em pagar pelos seus atos desde que se tornou consciente desses dois irmãos em especial. Danikas abriu mão do que pode dos seus poderes e vagou pelo globo se entregando a todo tipo de má sorte na mão dos seus algozes. Ela até voltou a se deixar prender pelo macho que tentou violentar Alegria e quase a matou quando era ainda uma menina em fase de transição...

— Não me peça para esconder isso de Trevon.

— Confio no seu bom senso, meu rei.

— Não deveria... E pelos deuses Brianis! Será que pode ser um pouco menos cruel e ao menos, me chamar de Zarc ou Zarcon? Já está difícil engolir que foi uma das minhas *Mäi*! Ao menos até que todas essas informações sejam retiradas da minha cabeça, pode ser?

— Meu rei, sim, meu rei! É justo que vos diga que posso. — e ela é rápida em justificar-se— Mas as informações referidas não serão 'retiradas' da sua mente, não é assim que *Mahren* age com os seus protegidos, no máximo e sempre com seu consentimento, isso será compactado em seu subconsciente. Já não posso dizer o mesmo da entidade que infelizmente descendo. Essa é desprovida de qualquer valor moral no que diz respeito a nós, qualquer um de nós, para ser mais específica.

— Pois é justo que EU vos diga, que se ao menos nesse período não pudermos nos tratar como iguais eu VOU PIRAR! Agora você ri? E que tal, se quando essa tormenta louca passar. Se ainda tivermos o direito de coexistir em paralelo com os mortais, eu pedir à Guardiã que venha passar uma temporada de uns dois ou três milênios deste lado como minha conselheira pessoal, e personal trainer?

Brianis engole o riso entre séria e chocada.

— Creio que, se, bem...

Ela engole em seco e seus olhos turvam de emoção;

— Se pudermos conciliar os horários... Eu me sinto, honrada.

— É impagável, ver você assim sem reação, Brianis. Mas ainda vai ter que explicar como conseguiu mentir sobre Alegria.

Brianis assente freneticamente ainda em choque;

“Alegra não é minha... Se assim fosse, Dërhon não teria chegado a tempo de salvá-la do que é inevitável às que saíram do meu ventre.”

Zarcon insiste usando as próprias palavras dela e ela volta a assentir.

— Alegra não é 'minha' um monte de coisas, então, especificamente eu não menti, me dei à liberdade de omitir um fato que não me foi perguntado, diretamente.

O ar do quarto se torna gélido como o humor de Zarcon.

— Então ainda vai acontecer, e o inevitável... Ele não consegue terminar a sentença e fecha os olhos com um suspiro desgostoso.

—Danikas se propôs em pagar pela irmã mais nova, se o meu rei não se opuser e ambas são, por vontade própria e juramentada, instrumentos de uma causa maior aqui.

—Como uma forma de amenizar? Não há uma forma de quebrar por completo essa merda de círculo?

O seu olhar dizia que não, mas ela tentou ensaiar um sorriso que mais se pareceu com uma careta, enfim;

— Quando invocou o *mitho*, o fez para o assassino do seu pai, julgando ser o mesmo que matou suas irmãs.

— E se não se estendeu a elas. Ainda têm os *mithos* delas que eu não invoquei.

Brianis balança a cabeça negando.

— Elas usaram os próprios *mithos* em sua derradeira hora, e uma delas me condenou de primeira mão ao desejar que ele fosse destruído por uma fêmea que fosse tão forte quanto ele e por quem tivesse se apaixonado de verdade e a outra, que lembra mais você, se lembrou de mim de uma discussão um pouco mais acalorada com seu pai e... Bem, ela foi o que poderia se dizer; uma romântica dor de cabeça para *Mahren*, ela não podia contradizer o desejo derradeiro da irmã, mas reiterou que após ser destruído pela fêmea tão forte quanto ele e que ele mais amou durante toda sua amaldiçoada vida, que a sua estrutura física fosse reconstruída na fera que mais o assombrasse em seus sonhos e que ele só encontraria o fim definitivo quando essa fêmea, que no caso sou eu, se apaixonasse de verdade por outro macho e o libertasse pelo perdão, que ela não podia dar... Me apaixonar por outro macho, está fora de questão, e se perdoar é justificar, isso eu posso tentar fazer pelo seu pai. Mas eu acredito que a brecha na similaridade da invocação pode ser considerada pela Guardiã, como uma única exceção à regra; de uma só das suas irmãs, só que...

— Como tudo mais com a maldita tem um preço.

Ele conclui com rispidez e ela o encara seriamente, assumindo a sua já familiar postura beligerante;

— Algumas das regras que ela segue porque quer, e impõe a você e os seus, é o que ainda mantém essas suas bundas murchas intactas até aqui!

— O preço?

Ele insiste ignorando deliberadamente a posição defensiva dela e ela faz uma careta sutil;

— Também estará em questão daqui a um tempo; uma delas terá sua essência inserida em uma das *Kades* com descendência de *Elijáhrm* espalhadas pelo globo. Passará por todas as provações que passaram as minhas e será recolhida em seu mundo logo após o ato...

— Isso já aconteceu com a K.

— Sim, ela também é uma peça chave nesse jogo. Ela pode romper esse círculo e evitar que

outras fêmeas venham passar pelo que ela passou, pelo uso do *mitho*.

— Mas...

— *Mahren* não irá se basear em uma única peça... A Guardiã vem há muito tempo batalhando tacitamente para acabar com essa guerra silenciosa e com o auxílio de *Kassandra* ou não, ela atingirá o fim que deseja.

— Fala de sua própria filha como uma peça num jogo de xadrez.

Brianis sorri ante a censura do rei.

— É por essas entre outras que eu o sirvo por ***Deir***, meu rei. *Kassandra* é uma das peças nesse tabuleiro.

— Mas não é a única.

— Não. Não é a única.

— E não posso dividir o que sei?

— O aconselhável é que não deve, mas não há nada que realmente não possa fazer, meu rei.

— Porque sou rei.

— Porque é um *Aehmon* descendente da Guardiã *Mahren* — ela o corrige —, e ao contrario da maldita que nos ascende, *Mahren* respeita o livre arbítrio de cada um dos seus diletos.

— Mas você interferiu quando contei o que não 'devia' ao meu irmão. — ele aponta e ela move um dos ombros com pouco caso.

— Fiz uso do meu livre arbítrio. E ele mereceu a coça.



CAPÍTULO 24

Kassia observa a olhos entrefechados o guerreiro que agora dorme ao seu lado, ele é forte e grande como os outros, mas tem os traços suavizados pelo sono e está tão ferido quanto ela... Aleesha agora parece uma sombra distante de lembrança em sua mente e Kassia se controla para não ganhar de dor e saudade. Seu único consolo em toda essa loucura se foi, até mesmo isso lhe foi tirado. Suas pernas já começavam a dar sinal de melhora, mas ainda não tinha forças para levantar ou de mover-se de um lugar ao outro pela desmaterialização.

Era Sérgio quem ainda a levava ao banheiro de tempo em tempo, mas sempre se mantinha calado e agia como um ser autômato em todas as suas ações. Ela podia senti-lo por trás de si e nem precisava virar a cabeça para ver que ele estaria em seu canto, sentado no chão e recostado na parede, aguardando por qualquer comando que ela aspirasse, ela já não conseguia mais ouvir seus pensamentos, mas em relação a isso nem tinha mesmo certeza de que sentia falta, e calculou que ele não estivesse pensando nada.

Mas quem conseguia ficar tanto tempo sem pensar nada?

Uma dor emocional intensa trouxe lágrimas aos seus olhos e inchou sua garganta ao se acreditar que era por causa de Aleesha que ela ouvia a todos com tanta e até irritante facilidade. Aleesha havia sido tirada dela, as lágrimas escaparam e ela soltou um soluço baixinho. Sérgio se move por trás de si e ela diz não em baixo tom.

—Por favor, Sérgio, não. — ela funga e insiste em um sussurro sentido — Me deixe sozinha, só um pouquinho. Por favor... Não é nada com você é só que... Por favor, me deixe sozinha.

Ela sente o exato instante em que ele sai silenciosamente do quarto e leva a mão na boca a dar vazão as lágrimas num choro mudo.

Eles haviam morrido de verdade naquela tarde de tempestade e estavam no inferno. Essa foi à conclusão que ele chegou. Correto. Ele foi provado pela última vez e não passou no teste, mas e ela? O que ela fez de errado para estar ao lado de um monstro como ele?

Ele não tinha dúvida de que fora corrompido pelas circunstâncias da própria vida e seguiu seu ritmo consciente de que era diferente...

Ela continuava chamando-o de Sérgio, mas foi por esse nome que ele foi apresentado a ela. E o seu nome de batismo não era também uma farsa que a sua mãe usou para comprometer o homem que acabou sendo o único pai que conheceu? E em primeira instância, também o corrompeu? E se tivesse tido filhos? Se não tivesse feito a esterilização? Teria tratado seus próprios filhos como foi tratado? Essas eram questões que ficariam sem resposta, mas um movimento no quarto seguido de estrondo chamou a sua atenção e quando se aproximou da porta, o macho que tinha resgatado na floresta se arrastava em sua direção.

— Faça alguma coisa, por caridade, ela não para de chorar.

Sérgio o levanta do chão e sente como é genuíno o sentimento de preocupação do macho com relação a ela, e o que chega a ser surpreendente é que não sente antipatia dele por conta disso.

—Vamos deixá-la à vontade.

Ele sugere com uma simpatia paternal e leva o guerreiro para a sala, sentando-o no sofá com cuidado e com meio sorriso e breve aceno se afasta, sentando no sofá à sua frente. O macho fixa o olhar preocupado na direção da porta do quarto e Sérgio contemporiza;

— Ela só precisa de um tempo sozinha. Todos precisamos, às vezes, mas ela vai ficar bem. — não podia afirmar se estava consolando o macho ou a si mesmo, mas a simpatia estranhamente singular foi gratuita e se ouviu perguntar com interesse;

— Como você se chama?

Arthorm demora um instante estudando o macho que o tinha salvado da morte para responder.

— Arthorm, mas a maioria me chama de Art, ou Thorm.

— Então existem mais, de nós?

— É, ao que parece, sim. Acredite, estou tão surpreso quanto você parece estar, digo, o senhor...

Arthorm ainda está inseguro quanto à forma de tratamento a que deve se dirigir e pergunta cauteloso.

— É o rei desse mundo, senhor?

Sérgio solta um esgar de riso;

— Por Deus, não! Espero que não. Salomão A... Ahn Sérgio, você pode me chamar de Sérgio, e me trate por você.

— Sérgio.

Arthorm assente devagar, suas pernas estão repuxando pela posição em que foi colocado e ele se recosta no sofá esticando-as em busca de uma posição um pouco menos desconfortável.

— Você é filho de *Kade*, então.

— Como assim?

— Pelo seu nome, eu deduzi. Viveu entre os humanos por quanto tempo?

— 44 anos... Não somos humanos?

Arthorm balança a cabeça negando;

— Se fosse totalmente humano, você não teria passado pela transformação, as fêmeas humanas podem, mas é diferente com os machos... Você é filho de *Kade* com certeza.

— O que é *Kade*?

— São as mães da nossa raça desde há muito tempo, são fêmeas humanas com a predisposição em sua biologia que lhes permite gerar filhos de *Aehmons*. Têm irmãos?

— Não que eu saiba.

— Digo, do ventre de sua mãe? Irmãs?

— Sou filho único da minha mãe biológica, ela morreu quando eu tinha cinco anos.

— Têm certeza de que nasceu dela?

— Aonde quer chegar, Art?

— Desculpe. Não quis ofender.

— Não me ofenderia mesmo se a chamasse de prostituta e drogada, mas não haveria porquê, eu não ter nascido dela, morávamos no interior e ela foi expulsa ou fugiu de casa quando engravidou de mim. Se fosse roubado, adotado ou qualquer coisa assim, não seria por uma

garota de 16 anos capaz de dar para qualquer um que se dispusesse em lhe dar mais uma dose.
— ele parecia tranquilo a acrescentar;

— Só queria mesmo entender porque todo o interrogatório.

— Eu nunca ofenderia uma mãe ou uma *Mäi*. — Arthorm diz em baixo tom e replica com cuidado;

— Um ser capaz de dar a própria vida por nós, é no mínimo digno de todo o meu respeito.

Sérgio acena como quem diz e daí? Já não gostando nada do rumo da conversa, mas ele dá de ombros se sentindo bem mais à vontade e responde com calma;

— Nenhuma fêmea sobrevive ao parto dos nossos, seja ela uma nascida *Aehmon* ou uma *Kade*, esse é o seu ato derradeiro na terra.

— Não estamos mortos, e isso não é o inferno?

— Mortos eu não diria, mas quanto à segunda questão: tecnicamente sim, estamos no inferno... 44 anos é... Caramba, você é, desculpe a expressão mas, é basicamente um bebê...

Arthorm mostra as palmas;

— Dependendo do ponto de vista, é claro.

— Um bebê, eu? E quantos anos você têm?

— Ahn, por volta de uns 4 ou 5 centos, não sei ao certo, eu estive enclausurado por um tempo sob o solo de terras não muito longe daqui. Não é uma época que gosto de lembrar, mas Trevon... Bem, eu não sou tão antigo quanto ele.

— Seu namorado.

— Não! Claro que, não... Não. Não mesmo... Nós nunca. Éramos amigos, eu acho... Conversávamos, só...

— Mas você é gay. — Sérgio insiste.

— Não creio que isso seja da sua conta, mas, eu, nunca fui escolhido e, a única experiência sexual que eu tive foi com... Indivíduos do mesmo sexo. Eu era escravo até que, pouco antes de, eu tentei mata-lo quando soube que ele matou meu dono e senhor. Eu já havia passado pela transição quando fui atrás dele, mas ainda era jovem e inexperiente em vários sentidos e ele não só me venceu fácil, como ele e um dos príncipes do seu mundo, que o acompanhava, me levaram para onde até poucos dias atrás eu vivi.

Sérgio se levanta do sofá e segue até a porta do quarto enfiando a cabeça e dando uma breve espiadinha. Kassia havia se deitado de lado toda encolhida e trazia no rosto ruborizado o rastro das lágrimas derramadas, ele volta a fechar a porta sem fazer ruído e volta para o sofá onde estava sentado, se jogando nele e suspirando profundamente.

— Sei que ela tem a você como a um filho e posso sentir que gosta dela dessa mesma forma, mas a não ser que ela peça, nenhum de nós entrará ali. Certo?

— Eu não estaria lá, se não tivesse me levado. É justo que vos diga que, não sei ao certo se poderia ou deveria estar aqui. A essa altura imaginei que já estaria extinto.

— Eu não o teria prendido, se imaginasse que já se conheciam.

— É mais fácil quando se está preso. E eu, não teria agido diferente se tivesse no seu lugar, a nossa biologia não nos permite agir de outra forma, quando somos escolhidos.

Eu escolho a você, para me servir...

Sérgio tem um sobressalto com a lembrança.

— Ela me escolheu, quando encontrei-a, quase morta na floresta. Muito ferida, como você.

Isso é uma espécie de encantamento ou o quê? Como funciona?

— Eu só sei em teoria, mas quando um macho é escolhido não há o que este macho não seja capaz de fazer pela fêmea que o escolheu. É considerado um privilégio para poucos, já que elas são raras no mundo, que não pertencem mais. Nós, os mais novos, achávamos que ela escolheria o rei ou um dos irmãos do ventre de sua mãe, mas ela surpreendeu a todos assumindo as responsabilidades de *Rein* e *Mäi*, e dispensando qualquer tipo de reverência de qualquer um com quem tenha tido contato. No curto período que estive por lá, ela... Virou uma lenda entre nós, era até difícil de olhar e não...

Sérgio sorri sem saber o porquê seus sentimentos em relação ao macho são ambivalentes, e só o que consegue supor, é que se sente de fato aliviado com o que vê.

— Você cora.

Sérgio aponta ao próprio rosto enquanto Arthorm engole em seco e insiste;

— Você fica ruborizado e seus olhos brilham ao falar dela.

Arthorm assente corando ainda mais.

— Elas têm o meu respeito.

— Então você ainda tem chance. — ele brinca.

Arthorm o encara sem entender e Sérgio desconhece o motivo que o faz rir, mas ele continua rindo.

—... Nunca imaginei que um dia sentiria falta de televisão.

— Nem eu...

Arthorm vira a cabeça em sentir que é estudado e move o ombro largo;

— Não é TV a cabo ou algo assim, mas temos... 'Eles' — se corrige logo —, têm, uma sala recreativa com mesas de sinuca, pingue pongue, totó e bar, tem uma televisão LCD que parece tela de cinema com sinal via satélite, entre outras coisas que foi inventada pelos mortais. Também tem uma piscina coberta com dimensões olímpicas, sauna, quadra poliesportiva e academia. A maioria tem um ou outro dos artigos do mundo dos mortais nas suas casas espalhadas pelo condomínio. E alguns mais jovens, como eu, têm quartos em uma larga câmara subterrânea, que podemos decorar do jeito que quiser. É como um campus ou república, e cada um tem seu espaço. Eu sempre preferi os livros e tenho alguns filmes em DVD, mas quando não estava escalado ou treinando, geralmente acabava passando meu tempo livre com algum jogo de Xbox, os de luta e missão são os que eu jogava mais. Você gosta de jogos?

— Não desse tipo de jogos. Para falar a verdade eu te invejo e, não que esteja reclamando, até é bom ouvir um som que não seja minha própria voz, mas você me pareceu bem mais comunicativo hoje.

— Eu não falei por quase um centênio de anos quando fui encontrado, geralmente eu, sou mais de escutar do que falar.

— Ah, agora a culpa é minha?

— Não saberia dizer. Pode ser, ou, estar perto da morte me fez reavaliar alguns traços da minha personalidade.

— Você aceitou uma entidade poderosa e bipolar como Guardiã, ainda está perto da morte. Todos nós estamos, aliás.

Arthorm suspira profundamente e volta a deitar a cabeça no encosto do sofá encolhendo os

ombros;

— Têm algo de confortável em não ser responsável pela própria vida. Eu a aceitei, ponto, se for para ser assim. *Que assim seja...*



CAPÍTULO 25

Dërhon desiste de tentar entrar no quarto do seu irmão, mas no fundo ele torce para que ele tenha sucesso com Brianis e que não venha se comprometer com ela mais do que o mínimo necessário. Trevon não demonstrou interesse algum em tentar entender-se com Danikas, ou foi o que deu entender quando passou o recado e ele se levantou de um salto do sofá quebrando a garrafa de conhaque na parede do seu escritório e sumiu. E ali estava ele, em frente às portas impenetráveis do quarto de Zarc, tentando imaginar o que eles tanto conversavam lá dentro!

Dërhon bufa, vencido ele abaixa a cabeça pensando em apelar para Ores, e ele se vira de sobressalto com o susto e cola a bunda na parede do corredor. Filho da puta, um pouco menos de eficiência seria bom!

Ores se recompõe, mas não antes que ele percebesse algumas poucas escamas reminiscentes da sua última transformação e trazia em uma das mãos uma sacola com uns troços de cheiro enjoativo dentro. Dërhon não contém a careta de asco apesar da curiosidade, mas o *Neimo* acaba provocando-o ainda mais quando faz uma reverência escondendo a sacola.

— Senhor.

É, beleza, ele o tinha chamado e ao que parecia, o que ele trazia não lhe dizia respeito...

— São dois podrões, senhor. Eu estava levando para a menina Ailin quando ouvi o seu chamado.

— Podrões?

O *Neimo* assente sério;

— São sanduíches vendidos em camelôs, senhor. Com, tudo, dentro. — Ores também parecia pouco à vontade.

Ahn, ele já tinha escutado algo a respeito e outra questão lhe veio por intercorrência à mente;

— Ores, se fosse meu desejo de que a *Mäi* de Ailin, recebesse também um ou dois desses, você?...

Ores assente e um brilho estranho emerge dos olhos negros;

— Se ela estivesse conosco, sim, senhor, eu poderia.

— Mas ela vive. — insiste Dërhon.

Ores volta a assentir.

— Sim, senhor. A menina ainda vive.

Alegra encosta na parede do corredor e uma dor profunda lhe corta o peito por dentro. Lágrimas furtivas turvam sua visão e ela sai de costas tomando o rumo do quarto. Não era justo com ele que ela sentisse tanto ciúme da fêmea que se adiantou e tomou todo o espaço em seu coração, e era até melhor que ainda estivesse mesmo viva, podia ser uma boa *Mäi* para as meninas, ainda tão pequenas e indefesas em seu ventre, instintivamente ela leva a mão à barriga enquanto entra no quarto e dá vazão às lágrimas.

O dono e senhor de Danikas tinha pedido, mas podia ter mandado que não faria diferença, que ela os deixasse a sós. O cheiro de álcool que emanava dele a deixou nervosa, mas ela não podia fazer nada pela sua irmã, além de desejar que ele fosse complacente com ela.

O *Neimo* gentil se deixou ver à sua frente de cabeça baixa e ela seca as lágrimas com um sorriso discreto.

Ele oferece um lenço branco delicado com alguns símbolos bordados nas bordas ainda de cabeça baixa e ela se desmancha em mais lágrimas com seu gesto de carinho e encosta na porta por trás de si a se abaixar.

Ores entrefecha os olhos, receoso, e solta o ar vencido antes de dar dois passos a se aproximar da fêmea a envolvê-la de lado em um abraço paternal e é automaticamente assombrado por uma visão do seu passado, com a mãe dos meninos em situação parecida. Iris o havia beijado no rosto naquele dia e Zarcon o pai, o rebaixou e deu nela uma surra que quebrou ambas as pernas e costelas. Ele trinca os dentes ao ponto de doer e prende o ar para não delatar qualquer tipo de emoção recorrente. A fêmea, bem maior que ele, estava encolhida e tremia em pranto convulso dentro do seu abraço, e se Kassia sobrevivesse, se orgulharia dele por não permitir que seu passado determinasse seu presente e seus receios de outros tempos motivassem suas atitudes de agora. Ele voltou a oferecer o lenço, e dessa vez ela aceitou e agradeceu. Eram outros os tempos de agora, e os machos mais antigos, como o pai de Zarcon, não existem mais.

Ela não o beijou como o fez Iris ou Kassia, mas encostou a fronte na sua e voltou a chorar baixinho. E ele continuou com ela até que seu pranto arrefecesse e gentilmente a conduziu ao leito e a cobriu, quando ela se deitou.

— Ele só virá se chamar por ele senhora, mas ousou dizer que deseja estar ao seu lado, se a senhora assim permitir.



No quarto ao lado ela finge dormir e ele continua sentado lá no canto a observá-la com uma garrafa na mão. O seu sangue corre quente e vigoroso no corpo em estágio adiantado de cicatrização. Não havia o que pudesse ser dito, ela geraria as suas filhas e ele teria enfim um pouco da família que havia sequestrado dele tanto tempo atrás. Não queria sua pena, nem mesmo seu reconhecimento, mas não era de todo verdade. Não queria sua piedade, mas ainda estava em dúvida se queria ou não, o seu perdão.

Ela ainda não havia se perdoado pelo que fez e no fundo sentia que o que passou era muito pouco, perto de tudo que consciente ou não, o fez sofrer também. Ele continuava lá, com a garrafa na mão e ela sabia que era só o seu corpo magnífico que estava presente, seus sentimentos e pensamentos estavam noutro lugar, em outra época, e com outras fêmeas. Um arfar sentido ameaçou escapar, mas ela o conteve a tempo. Ele leva a garrafa à boca e sorve um gole deixando a garrafa no chão ao seu lado, bate a cabeça na parede por trás de si e do nada começa a falar.

— Eu estive por um tempo entre vocês, no seu território. Uma das suas irmãs de raça me achou quase morto na vala de fezes onde fui jogado pelo maldito que feriu a mim e a Ailin. Ela devia ter me deixado lá, mas preferiu se divertir um pouco mais comigo antes que outra de

vocês me tirasse dela.

Ele levanta a mão esquerda onde dois dedos estão pela metade e os movimenta fazendo sombra na parede ao seu lado.

— Essa que me encontrou arrancou a ponta desses dois dedos com os dentes, pelo simples prazer de me ver gritar e contorcer de dor, depois enfiou minha mão nas cinzas negras para que não voltasse a crescer.

Trevon ri sem humor algum e se levanta cambaleante;

— Seria bem mais fácil pra mim, se vocês não fossem tão parecidas, se agora, por exemplo, você fosse complacente a me escolher, ao menos meu corpo seria conjurado a te servir, pelo tempo que fosse preciso. Mesmo que não ocorresse o mesmo com meu coração, meu corpo seria seu, para seu deleite e prazer, mas não. Você fica aí morrendo de pena de si mesma e, me provocando para te ferir, porque não é capaz de fazer isso sozinha. Covarde, todas vocês são, covardes.

Ele sacode a cabeça e segue cambaleante ao banheiro e Danikas se encolhe ao ouvir o estrondo de algo se quebrando seguido de algo que supôs ser algum tipo de xingamento na língua embolada pelo efeito do álcool. As pernas recentemente reabilitadas parecem ganhar vida própria e ela vê a si mesma seguindo a passos curtos e cuidadosos na mesma direção que ele seguiu antes e o que vê é um macho esparramado no chão com uma ferida na cabeça dura provocada pela queda.

Para sua surpresa, Brianis aparece ali, e ela olha para o macho com desapontamento a soltar o ar;

— Você não precisava estar aqui, sabe disso Danikas. Você passou por cima da minha autoridade pela última vez.

Danikas se abaixa e abaixa a cabeça ao ponto de encostar a fronte no chão e aguarda pelo golpe, que não veio da maneira que ela imaginou;

— Eu e o rei chegamos a um acordo e ainda posso levar uma ou as duas de volta na hora e no tempo que eu quiser, e estou muito tentada em levar você. Reflita sobre isso Danikas, quem voltar comigo não vai sair novamente e tampouco às crias que carregam em seus ventres sairão do santuário.

Danikas leva a mão no ventre ainda na mesma posição e lágrimas de indignação queimam na sua garganta como ácido, mas ela é humilde em perguntar;

— O que devo fazer, para que isso não seja necessário?

— Seja você mesma, Danikas, honre o sangue que trás em suas veias e ao clã que te forjou guerreira, sirva ao rei em seus propósitos e mais, não me decepcione com a sua fraqueza. És ou não uma Valquíria forjada no calor da batalha? Lembre-se de que as nossas prenhes são dotadas de mais força e poder que as demais e o que cabia a estas, em outros tempos, também caberão a ti e Alegria aqui, se for preciso. Uma grande batalha pode estar por vir e realmente, não sei se você está preparada para servir aos propósitos com que se comprometeu em juramento a Guardiã que nos protege.

— Não irei decepcioná-la, Brianis. Essa nunca foi a minha intenção.

Danikas declara com sinceridade e Brianis assente aprovando;

— E eu, em recompensa, a liberto dele. Estará aqui como convidada e cidadã desse mundo, essa também é a vontade do rei, mas não se esqueça, Danikas, ainda me deve respeito pelo que

eu sou e sempre serei para você.

Sim, Val Rein...

Brianis fica tentada em complementar que é bem mais que isso, mas isso levaria sua menina a ter esperanças que podiam ser vãs e sabotar de antemão os propósitos da sua presença ali. Então ela assente mantendo o rosto inexpressivo e volta o seu olhar para o macho embriagado caído ao chão. Se ela não soubesse que era descendente de uma das Valquírias roubadas do seu clã... Ela bufa e se põe a agir.

Danikas prende o ar em seus pulmões e obriga todos os seus músculos a se manterem inertes enquanto assiste a segunda voz em comando do mundo que a acolheu enfiando o pai das suas filhas no jato de água fria com um pouco mais de brutalidade do que julgava necessário.

Brianis a encara a sério nesse instante e aponta com o queixo o tecido branco e felpudo pendurado no aparador de metal cromado que ela pega sem hesitar.

— Esse espaço é chamado de banheiro e isso aqui — ela o sacode e dá um tabefe no rosto dele — é um macho bêbado e decadente, que por sorte tem seu afeto.

Ele grunhe algo incoerente e Brianis interrompe o jato de água tirando-o do box, ela o faz sentar na beira da banheira e o despe da camisa e das calças e Danikas contém um grunhido enciumado que por pouco não a faz rir, mas ela se mantém séria a secá-lo e depois embrulhá-lo com cara de decepcionada ao arrastá-lo de volta ao quarto, jogando-o em cima do colchão. Ela crisa uma mão na outra e se vira para Danikas, que está parada no umbral com os nervos inflamados, e o aponta;

— Pode brincar de doninha, se te faz feliz, mas não esqueça que é só um lenitivo. Estando ou não com ele, vocês têm uma missão aqui, e não estou me referindo aos seus probleminhas pessoais, mas uma causa bem maior.

Danikas assente mais uma vez e Brianis desaparece. Ela se encaminha na direção da cama e permite aos seus olhos que se banqueteiem com a visão do macho mais bonito que já havia visto por dentro e por fora, e depois ela o encobre deitando no espaço menor que sobrou ao seu lado, os seus dedos coçavam de vontade de mexer nos cabelos um pouco mais curto que dos demais guerreiros e ainda mais negros por estarem úmidos, assemelhando-os a uma noite sem luar...

Ela sorri com desdém de si mesma, noite sem luar, cabelos mais ou menos que os demais, eles eram todos iguais... Ela precisava que fossem todos iguais, tinha que ser ou, estariam todos perdidos se eclodisse a guerra, por que... Não. Ela não deixaria de ser quem era, estava bem mais experiente agora e, se pudesse até se daria o direito de unir prazer e o dever, mas o dever para com a Guardiã que a acolheu e a todas as suas irmãs, vinha em primeiro lugar.

Brianis podia até ter um coração forjado em aço bruto, mas não deixava de ter razão. Ela puxa a mão para junto do peito de solavanco ao perceber que...

Merda, ele estava olhando pra ela!

Trevon tenta se levantar sem sucesso, em seu delírio imaginou que a fêmea o acariciava na frente, mas a sua expressão...

Não foi delírio merda nenhuma! Ela estava mesmo acariciando seu cabelo e ele não sabia o que era pior. Ok, se ela o estapeasse seria bom, ou o deixaria menos constrangido. Ele tinha falado poucas e boas pra ela, e estava mais bêbado do que lembrava já ter ficado algum dia, e a lista de merdas só crescia. Outra coisa também estava crescendo nele indiferente à sua vontade,

e nem se atreveu a olhar. Ah caralho, que situação!

Danikas sente no ar o cheiro apimentado de desejo e medo misturado às reminiscências do álcool levemente adocicado que ele estava bebendo, e pela primeira vez em sua existência o cheiro não lhe provoca o asco de outrora, ao contrário, o seu corpo todo se acende em resposta e ela nem pensa em se sobrepôr sobre ele, isso não era o certo, isso era o certo, ela escutou o me beija ou desejou ter escutado, o fato é que ela o beijou assim mesmo. Colou a sua boca na dele e enfiou a sua língua no espaço entreaberto. Ah e o seu gosto era muito bom!

Trevon retribui ao beijo saboreando-a da mesma forma que ela o está saboreando e intimamente grato pelos seus braços estarem funcionando de acordo e enquanto um a envolve na altura da cintura o outro desliza mais acima e a segura com gentileza pela nuca, não era o certo, estava tudo errado, mas oh que... Ela arranca os panos que o encobre e se despe em tempo recorde, ou ele estava bêbado demais para calcular direito, oh, sem preliminares ela se encaixa nele com um arquejo e volta a beijá-lo com avidez faminta enquanto gemia e grunhia e movia o corpo para cima e para baixo, implacável.

Estava se mostrando uma fera indomada e isso o assustou um pouco, muito, mas isso não dava para admitir enquanto...

Cala a boca e curte!

Se fora ela que lhe disse, ou a voz da sua consciência, não importava, ele seguiu o conselho e pouco tempo depois estava por cima e arremetia dentro dela com a mesma volúpia que ela o cavalgava antes. Ela deixou que ele dominasse por um tempo, mas logo inverteu as posições e voltou a ficar por cima, e ele a brindou com um sorriso sacana pouco antes de ela morder seu lábio inferior. Caralho! Ele gozou enquanto ela chupava seu lábio e de súbito ele engoliu e sentiu o gosto do próprio sangue com o mais rico e saboroso sangue que já havia experimentado e continuava deslizando para dentro da sua boca enquanto ele explodia em ondas do seu orgasmo e o quarto girava em torno de si. Ele continuou engolindo mais e mais do líquido delicioso enquanto arremetia para dentro dela e ela o cavalgava no mesmo ritmo violento...



Brianis invade o quarto e Alegra se levanta de súbito, assustada com o que vê, ela estava transformada e trazia Dêrhon desacordado ou entorpecido, arrastado pelos cabelos, entorpecido, ela decidiu em ver um movimento aleatório da sua cabeça em sua direção e levou as mãos à boca quando Brianis o despiu da camisa e fez um corte profundo de um lado ao outro em seu peito na diagonal e o jogou em cima da cama com a barriga para cima aos seus pés e o apontou.

Faça.

Alegra assente, imediatamente se põe sobre o corpo brutalmente ferido e seus braços começam a sangrar por todos os poros acima do ferimento infringido. Em menos de um minuto o corte que chegava a alcançar os ossos das costelas em alguns pontos começa a se fechar e ela suspira, parcialmente aliviada. Ciente de que Brianis a está observando do canto do quarto, com a mesma postura assustadora capaz de derretê-la até nos ossos de tanto terror. Ela treme por dentro e intimamente roga a Guardiã pelo restabelecimento de Dêrhon.

Não precisa rogar por ninguém, se estiver aqui, mas não posso garantir que ele ou qualquer outro dos seus afetos não venham passar por isso ou por ferimentos até piores que esse daqui para frente. E só fiz isso para que lembre de que não está aqui a passeio, você fez um juramento e recebeu a oportunidade de fazer jus ao que foi concebida para fazer em face de uma guerra.

Alegria abaixa a cabeça ajoelhada em cima da cama, a observar com assombro as últimas camadas de pele se fechando bem diante dos seus olhos. Ela olha pra cima e encontra o olhar sério de Brianis e chega a abrir a boca, mas só o ar escapa de seus pulmões. A expressão dela suaviza um pouco e ela descruza os braços.

Tens entre outros dons, o poder da cura para os afetos, e da destruição para os desafetos, não pode ser usado em benefício de curar a si mesma sem graves consequências. Então, se preserve para que aos que curou sejam preservados, ou os ferimentos curados pelo seu sangue serão reabertos. Foi para isso que foi criada ainda no ventre de sua mãe, sua aparência frágil era um meio de infiltrá-la no clã dos nossos inimigos, mas você foi roubada de nós antes que sua transição acontecesse e fosse treinada. Se você saiu como suas irmãs de mesma geração, é possível que seu sangue inflame ao desafeto que tenha se alimentado de você de dentro para fora e este chegue a ferver e explodir dependendo do seu estado de humor. Com isso é justo que você diga; só o faça em legítima defesa ou de um dos seus, se esse também for um dos seus dons. Você foi criada para curar os nossos e destruir os inimigos daquela época e todas as que nasceram da mesma geração pagaram com as próprias vidas pelas escolhas erradas.

— Estará ainda mais forte e perigosa no estado que se encontra, e do meu trato com o rei, ainda posso levar de volta as duas no tempo que eu quiser e com isso é justo que você diga; que se chegar a levar alguma das duas, esta e às crias que carrega no ventre podem jamais sair do santuário. — Brianis aponta Dêrhon com o queixo e encara Alegria — Está aqui pela benevolência da Guardiã com o propósito que vai além dos seus problemas pessoais, mas confesso que cada gota de lágrima que você derrama me aborrece muito e me deixa ainda mais tentada em te levar de volta.

Alegria engole em seco e se veste de uma coragem que não imaginava ter ao encará-la.

— Posso ser útil aqui.

— Seja então. Mas de antemão te aviso, não me decepcione ou fique chorando pelos cantos, aproveite, só não se comprometa e nunca se deixe esquecer que a sua aparência de fêmea frágil é um engodo, você é Valquíria e é guerreira, também é tão ou mais letal que as demais, justo por isso. E com isso, sua responsabilidade aumenta ainda mais. — Brianis mantém a carranca séria — Se eu desconfiar que você possa vir a ser um empecilho...

— Como saberei? Digo, como não me tornar um empecilho?

— Use seus dons para defender a si e aos seus, e estará no caminho certo, use-os para contra atacar e estará em caminho incerto, use-os com intenção de vingança, e todos nós estaríamos perdidos, se, eu não fosse quem sou, e estivesse em vigilância constante. Ou seja, você pode ser um instrumento valioso aqui, se a guerra chegar a acontecer, mas não é de forma alguma, uma peça indispensável. Na verdade nenhum de nós, é.

Trevon está sentado na cama de costas para fêmea e totalmente desperto, porém, completamente aturdido, ele pergunta em baixo tom;

— Por que fez isso, Valquíria?

— Dani.

Ele se vira a encará-la e ela contém o ímpeto de cobrir seu corpo, mas logo percebe que nem seria preciso, já que ele mantém o olhar fixo no seu rosto e ela insiste com um breve encolher de ombros.

— Não vou deixar de ser Valquíria se me chamar pelo meu nome, assim como não vai deixar de ser macho ou guerreiro ao me permitir chamá-lo pelo seu.

Trevon permanece calado um tempo e um vulto perpassa a sua espinha com o mover do colchão, ele torna a olhar para a cabeceira da cama onde ela estava encostada e se levanta. Ela não lembrava em nada da delicadeza e cordialidade das poucas fêmeas existentes ali e ele estaca na porta do banheiro a admirar o corpo firme e curvilíneo dela debaixo do chuveiro.

Danikas tem noção da sua presença e desconfia do escrutínio lascivo dele cravado em seu perfil, mas está irritada demais para se concentrar nas duas engrenagens que vira Brianis mexendo antes.

— Essa é da água fria e essa é da quente.

Ela estapeia a mão que apontava as engrenagens e desaparece. Ele bufa e desaparece em seguida seguindo o rastro dela de volta ao quarto, ela volta a tentar estapeá-lo, mas dessa vez está preparado e a segura pelo pulso.

Danikas revida batendo a testa no nariz dele e mais do que rápido ele a lança em cima da cama e prende os pulsos dela por cima da sua cabeça a beijá-la lascivamente. Ela inflama por dentro e arfa dentro da sua boca e ele sorri soltando aos pulsos, em um segundo ela está por cima dele e desliza a boca macia e ávida no seu pescoço, chupando e lambendo, mordendo de leve e descendo e de súbito o instinto de preservação grita e ele a segura pelos braços rodando com ela e se sobrepondo sobre o seu corpo esguio e todo durinho, fazendo o mesmo com ela, chupando e lambendo-a e ela grunhe de leve, depois com um pouco mais de ênfase quando ele chega a um dos seios, e o som é um afrodisíaco fantástico para sua virilidade. Ele já estava teso como rocha maciça entre as pernas dela, e saber que foi o único a chegar no delicioso monte de carne entre as pernas dela, só fez inflamar ainda mais o seu orgulho.

Danikas fecha os olhos em deleite e todo seu corpo se contrai onde ele a toca, sem nenhuma gentileza ele a abocanha entre as pernas e começa a saborear com ímpeto frenético a sua parte mais íntima, segurando com firmeza pelas pernas aberta, deixando-a totalmente exposta para o deleite dele. Os sons que saem da sua garganta são incongruentes e ele também rosna enquanto chafurda nela e dentro dela com a língua diabólica e ela se contrai delirante em espasmos, mas ele não para. Ela grita e grunhe se contorcendo, por fim enfia as mãos em seus cabelos e o puxa mais para cima e para dentro de si, mas ele sai totalmente puxando-a pelas pernas, e ajoelhado volta a enterrar-se em seguida, se enfia com tudo, fazendo-a gemer entre a dor e o prazer da invasão, as mãos correm soltas pelo seu corpo nu enquanto ele estoca repetidas vezes com vontade, desliza sobre seus seios apertando-os e subindo a prende bem rente pelos cabelos em sua nuca, forçando-a a levantar-se para um beijo infame que a faz se desmanchar em mais ondas e ondas de prazer, que faz suas pernas tremerem, e pouco depois ele a segue em seu gozo com o grunhido gutural que ricocheteia em todos os seus sentidos inflamados. Ele cai por

cima dela e o peso do corpo másculo dele é deliciosamente quente e confortável.

Ambos estão arfantes, agarrados como se fossem um só corpo e ela declara num sussurro;

— Eu fiz porque podia, e você merecia bem mais que isso.



CAPÍTULO 26

Kassia solta um suspiro profundo e ressentido e de súbito se levanta com todos os sentidos em alerta, era Sérgio e ele continha os grunhidos de dor pelas torturas que estavam sendo infringida a ele por outra pessoa ou criatura, ela testa as pernas, firmando-as no chão e se levanta, busca por Arthorm mentalmente e solta o ar menos tensa em constar que ele está a quilômetros de distância longe dali e pé ante pé, ela sai do quarto, mas o cheiro intenso de sangue a faz acelerar os passos e quando se dá conta do que pode acontecer, está correndo pelas cavernas subterrâneas na direção dele, de longe ela o avista e inconsciente se transforma em uma fera que ruga e galopa feroz com todas as presas à mostra a avançar sobre o vulto feral que o torturava.

Korine é pega de surpresa pela besta enfurecida e é lançada na parede sentindo parte dos seus ossos se quebrarem com o impacto, ela desaparece no ato e toma forma por trás da criatura que a impedia de concluir sua vingança e crava as presas mortais em seu grosso pescoço soltando logo em seguida, a besta se vira e torna a lançar seu corpo com uma patada violenta contra a parede e ela volta à sua forma humana.

Kassia volta seu olhar para Sérgio e se aproxima dele devagar. Os braços e pernas dele estavam rasgados e em vários pontos chegava a mostrar os ossos, ele estava sentado, recostado na parede, e a encarou com desespero estampado no rosto deformado pelas queimaduras horrorosas.

Fuja, por caridade Ka...

Ele engasga com o próprio sangue que emerge da sua garganta e ela volta à sua forma humana meneando a cabeça em negação, se abaixa à frente dele, ciente de que definitivamente, não conseguiria nunca ser uma pessoa má, fosse qual fosse a situação.

Ela volta o seu olhar para trás com fúria e de imediato suaviza a expressão ao reconhecer a irmã.

Várias emoções cruzam seu rosto nesse instante e impera a de uma frieza crua e sombria a encarar a figura alquebrada igualmente sentada e recostada na parede, que a fitava de volta com pesar imensurável em suas feições de alabastro.

Uma vez eu quis ser como você e sabe o que vejo agora? Eu nunca seria capaz de me tornar um ser tão desprezível e cruel assim.

Kassi...

Kassia se volta para Sérgio a implorar em pensamento, *Por favor, Deus, sei que não mereço, mas dai-me forças para tirar minha irmã daqui, seja como for, o que quiser que eu faça, mas não deixe que ela perceba o quanto... Eu a amo.*

Kassia começa a chorar em silêncio e Sérgio ampara o corpo trêmulo em seus braços. Korine sente o ar escapar dos seus pulmões e um buraco enorme se abre em seu peito, mas ela insiste;

Sei o que ele te fez Kassi, eu vi pelas lembranças dele. Não pode me culpar por querer vingança pelo que te aconteceu.

Não sou mais uma menina inocente e mimada, Kori, e sei que ele só te mostrou o que quis que você soubesse, porque se importa comigo. Porque não se tem escolha quando é escolhido, agora saia daqui. Desaparece da minha vida se ainda têm algum amor pela sua. Volte para o seu mundo de glamour sombrio e me deixe morta como deixou seus assessores declararem em seu nome para a mídia!

Kassi, pelo trauma que sofreu, você se adiantou na transição, mas agora sabe o porquê eu não podia me expor ou expor a você. Não somos como a maioria dos mortais, somos diferentes.

Eu odeio isso que somos, odeio você pelo que fez! Eu odeio te amar tanto assim. Sai logo daqui e esquece que um dia eu existi, Korine!

Korine se levanta devagar e engole as lágrimas que arde na garganta, leva a boca o próprio pulso e o morde rompendo a pele ao se aproximar;

— Sei que não vai me perdoar tão cedo pelo meu equívoco, mas permita que eu corrija ao menos esse meu ato impensado, por caridade Kassi.

Ela levanta o pulso com intenção óbvia em seu olhar e Kassia puxa e prende o ar antes de assentir devagar, Korine sorri um sorriso triste e leva o pulso a boca de Sérgio;

— Por favor, Xstorm, beba de mim.

— Xstorm?

— Xstorm, filho de Narum, segundo nascido do ventre de Zetha do clã de Arthorm, pelo que experimentei, posso definir sua linhagem até seus primeiros ancestrais, mas estou cansada e a lista é longa e desnecessária. Acho que basta se souber que descende de longe de uma das Valquíria desgarradas e que só por isso que me contive em só torturar um pouquinho.

— Só torturar um pouquinho?

Kassia perguntou incrédula e a irmã funga ressentida e arqueia as sobrancelhas bem feitas com ar de inocente.

— Ele estava quase gozando quando você chegou.

Sérgio engasga e ela enfia ainda mais o pulso em sua boca encarando-o, desafiando a contestá-la.

— Não sou tão inocente quanto minha Kassi. Pode negar que eu tenha feito qualquer coisa com você, que você não quisesse?

Korine retira o pulso oferecido e se afasta o suficiente para ele fugir do olhar de Kassia ao declarar;

— Achei que estaríamos longe o suficiente...

— Doentio isso. — Kassia sussurra pasma e Korine entorse os lábios em solidariedade.

— Seu dedinho continua meio podre não é mesmo? Sendo muito franca, como você mesma dizia; seus gostos alimentares sempre me deram dor de cabeça, mas eu esperava que fosse mudar depois da transição.

Korine se levanta e move a cabeleira loira que se refaz em um coque displicente com alguns fios soltos em torno do rosto e lambe o próprio pulso refazendo também a maquiagem com um comando mental. Tipo, nada demais...

— Nada demais mesmo! — remenda Korine — Ainda mais se comparado com uma fêmea que pouco tempo atrás não sabia nem descascar uma banana e pouco tempo depois de passar pela transição, já consegue se transformar em bestas colossais!

Havia um quê de orgulho *irmãeternal* que quase fez Kassia rir, mas ela fita Sérgio de soslaio com preocupação e Korine move de leve um dos ombros com graciosidade;

— Não quente, sou bem nutrida, logo, meu sangue é forte e em uns dois, no máximo três dias, ele estará novinho em folha.

— Eu fui bem menos ferida e demorei bem mais tempo que isso.

Korine séria a encara e perscrutadora pergunta;

— Não está se referindo à coça que obrigou ele a te dar, está? Kassi, dê-me o seu mindinho.

Kassia silva baixinho e contém o ímpeto de agir como criança mal criada escondendo as mãos nas axilas, mas não contém uma careta em estender o dedo mínimo da sua destra.

Korine sorri;

— Obrigada, lindinha.

Korine morde de leve o seu dedo e solta um Ahn, sei... Nesse caso é mesmo diferente, e Kassia a encara odiando sua expressão de Sra. Sabe Tudo! Mas a sua digníssima irmã retruca de bom humor;

— Eu, já acho bonitinho todos esses seus neologismos, mas eu sou sua fã de qualquer forma. Agora, voltando à questão anterior, você foi ferida por uma entidade superior e creio que ela até tenha pegado leve ou com certeza você nem estaria andando por uns dois ou três quartos de século, por uns 80 anos mais ou menos... — sua narina move de leve e ela alerta — É melhor que ninguém mais saiba que estou aqui.

Ela encara Sérgio, ameaçadora e desaparece, pouco tempo depois, Arthorm larga sua carga no chão e corre na direção deles pelo corredor subterrâneo.

— Pelos deuses! O que aconteceu aqui?

— Minha irmã resolveu fazer uma visita e de cortesia pegou o Sérgio pra cristo.

Korine volta a se materializar encarando-a de cara feia e ela rebate;

— Ele não pode mentir.

— Claro que podia!

— Não pode porque eu não quero droga! E você também não devia mentir, se é que você consegue!

Arthorm tropeça nos próprios pés e cai pra trás assombrado;

— Izabel, está viva, também?

— Minha mãe está morta, sou Korine do humano Costa.

E antes que Kassia a apertasse ela a aponta

— Kassia é uma das nascidas do ventre da minha mãe.

— Nossa mãe, minha avó não se chamava Izabel.

— Não, de fato ela não se chamava, mas essa é uma história que só diz respeito a nós duas e a ninguém mais, e esse é um dos motivos pelo qual estou aqui.

— Quais são os outros?

— Me despedir de você, está entre outras questões. Bem, eu me excedi e por acidente acabei ferindo de morte uma humana e...

— Janete.

Arthorm interpela;

— Espera. Janete é nome de mulher, não é? Digo de fêmea, do gênero feminino?

Ambas olham para ele e ele cora fazendo Korine sorrir sem humor;

— De que mundo você saiu hein garotão? É claro que é de fêmea!

— Da fêmea que estava entre os que torturaram a K?

Korine torna a assentir e ele move os ombros com displicência;

— Fêmea não mata fêmea e macho não mata macho até onde sei há uns 5 ou 6 mil anos ou mais, mas não menos. Mas é claro que têm algumas exceções à regra. E me refiro aos machos e fêmeas da nossa raça, nessa questão.

— Então a minha fúria impensada foi essa exceção à regra, porque não há como um humano sobreviver com o pescoço dilacerado!

Arthorm solta o ar aliviado e pergunta só para confirmar;

— Você rasgou esse pescoço com algum outro objeto que não fosse seus próprios dentes?

Korine leva as mãos na cintura irritada e o aponta com o queixo;

— E o que é isso? A inquisição Espanhola por acaso? Sim! Foram meus dentes afiadíssimos e bem escovados que rasgaram o pescoço da vaca maldita que fodeu com o restinho de vida humana da minha Kassi com toda aquela armação!

Arthorm sorri como se tivesse descoberto que a lua era feita de queijo e ri mais alto ainda em contestar;

— Eu sei que não, mas vocês não estão enxergando o óbvio, porque não conseguem ver a situação pela superfície. Primeiro; não foi deliberado...

— O que é isso? Advogando causa do diabo? Quer saber garotão? Não vai conseguir traçar uma fêmea nunca, com essa postura de troucha, sabia? Ou talvez tenha se acostumado demais com o cheiro de outros machos, com essa vozinha de gay que você tem!

— Você não a matou, você a transformou.

— E acha que eu não sei, seu boçal de merda!

Korine já estava ficando desesperada com o rumo da conversa e de súbito a envolve em seus braços e desaparece com ela do raio de visão dos machos. Segurando-a pelos ombros e a sacodindo com lágrimas de sangue rolando pelo seu rosto.

— Escute bem linda Kassi, eu sou a sua mãe, você têm outras três irmãs e um irmão e todas elas estão fadadas a passar pelo que você passou. Eu venho escondendo isso de você por motivos óbvios, já não envelheço há alguns bons milênios e seus pais adotivos eram os únicos que sabiam que eu era sua mãe. Eu sei que você me ama e eu te amo de todo o meu maldito coração, mas você tem que renegar sua ascendência e a mim no pacote, senão por mim, o faça por suas irmãs, elas ainda têm dois anos da vida normal que foram roubados de você.

Korine soluça sentida e desliza a mão no rosto em choque;

— Não use seu *mitho* em vão minha filha, e sinta. — ela passa os dedos trêmulos na nuca de Kassia, emocionada — O que ninguém mais pode ver você pode sentir bem aqui. A resposta para a maioria das perguntas, é só sentir, minha filha...

Mais lágrimas de sangue deslizam no rosto de Korine e ela encosta a fronte na fronte de Kassia;

— Onde quer que esteja ou vá, vou te levar comigo na lembrança, linda Kassi.

Minha linda Kassi... Amo você. Amo você de todo meu coração.

Korine desaparece e Kassia não consegue sair do lugar.

—... Eu também tenho esse direito por ter sido transformado sem a minha autorização?

Arthorm morde o lábio inferior e assente devagar;

— Por ser transformado você pode invocar seu Guardiã ou Guardiã e questionar, como no caso da tal Janete, se o ato foi acidental ou proposital é seu respectivo Guardiã que o usa em sua defesa, no um por um, mas o *mitho* se não usado pelo próprio em sua hora derradeira, pode ser pelo seu primeiro descendente ou também do respectivo Guardiã.

— E como eu faço para poupar de uma possível condenação o macho que me transformou?

Arthorm prende o ar nos pulmões e seu coração falha uma batida, um arfar sofrido escapa pela sua garganta e ele engole em seco;

— No momento em que estiver com seu Guardiã ou Guardiã, é só dizer que sim, que aceitou o que te aconteceu.

— Eu aceito.

— O quê?

Arthorm olha atrás de si e encobre os olhos com o antebraço.

— Promete cuidar dela por mim? — ele pergunta ao Arthorm.

Arthorm volta a encará-lo, assente com rosto ruborizado molhado de lágrimas e sussurra com sentimento;

— Eu prometo.

Sérgio sorri de leve.

— Não sei se cheguei a aprender a amar alguém assim, mas ele acabou por me mostrar um breve vislumbre do paraíso ao me morder e é um cara duplamente sortudo, por ter meu respeito e o seu perdão. Ele te salvou de um futuro parecido ou pior do que o que eu vivi e isso eu não desejo a alguém que tenho como um filho, Art. Confia em mim? Eu acho que não conseguiria fazer isso sozinho.

Arthorm solta um ganido ao ver o isqueiro de prata na palma da mão ferida e balança frenética a cabeça;

— Não, não, não é assim que funciona, isso é suicídio, o fim sem direito a nada, o fim em definitivo. Sem vingança, sem lenitivo. Nada.

Sérgio balança a cabeça devagar em assentir;

— Confie em mim, filho, eu fui treinado em quebrar regras. Um ato de fé para um cara que pode bem ser seu primo, sou descendente de Zetha do clã de Arthorm, a irmã dela me disse, Xstorm, seria meu nome...

Eu acredito, eu confio em você...

E ela se aproxima do seu corpo ferido, se ajoelha e devagar retira o isqueiro da sua mão, lágrimas deslizam no seu rosto triste e tão bonito e ela o beija na boca de todo seu coração a implorar baixinho;

Não se vá, não me abandone também, Sérgio. Sem você eu não tenho mais nada, nada...



Jarel olha de soslaio para Mahren e nota como os olhos dela brilham.

Ele fez por merecer.

Não posso discordar, é seu ponto, por honra e mérito.

Mahren sorri e Jarel se espreguiça ao seu lado provocador.

Já viu o que precisava, agora cai logo fora daqui seu veado.

Jarel solta o ar com expressão de enfado e faz uma careta de dor logo em seguida... Mahren morde o lábio, provocadora, e ele alisa o cantinho de onde ela arrancou mais uma pena para a sua coleção e sorri.

Touché Marie.

Sabe que ainda tem mais, não sabe?

Em se tratando da diaba mais angelical que já conheci? Não sei não, mas posso imaginar.

Um anjo de fé, não? Vai imaginando...



Era um sonho, ele sabia que estava sonhando porque nada fazia parte do seu mundo real. A única fêmea que chegou perto de amar bem à sua frente, ajoelhada e beijando sua boca com desespero e carinho implorando que vivesse e dizendo com toda sinceridade que precisava dele.

Deus! Era mais, muito mais do que já ousou algum dia desejar! Se pudesse nascer de novo do ventre dessa mesma fêmea, tudo seria diferente, o seu amor por ele nunca seria de homem e mulher, mas como mãe. Oh Deus, que mãe maravilhosa ela seria!

— Kassia — ele sussurra baixinho envolvendo-a em seus braços feridos;

— Alguns anos atrás eu conheci uma menina, ela devia ter no máximo uns 13 anos, ainda nem tinha os seios definidos e, eu fiz de tudo, tudo mesmo, ela foi minha e não tinha mais ninguém... Na gaveta tem a chave que abre o cofre, dentro desse cofre, tem entre outros documentos os diários dessa menina. Por quase cinco anos, tudo o que fiz e tudo que a induzi a fazer está escrito nesses diários e, nem mesmo por isso eu mudei, quando cansei dela e a abandonei, ela se matou.

— Você não é mais assim. Não é.

As palavras eram tão doces e sinceras e ao mesmo tempo eram tão dolorosas que ele sentiu lágrimas libertadoras banharem o seu rosto;

— Se algum dia chegares a ser mãe, é meu direito desejar e caberá aos guardiões superiores julgar, que meu direito ao *mitho* seja seu, porque, sei que saberá fazer bom uso dele...

— Sérgio, não, não, por favor, não, Deus, não faz isso comigo nãooo Maldita desgraçaadaaaa eu te odeio, te odeiooo...



Arthorm é movido pela compulsão mental imposta pela Guardiã e também pelo próprio desespero quando puxa a fêmea em prantos e a envolve com seu corpo virando-se de costas, protegendo-a da explosão que faz tremer as paredes das cavernas subterrâneas.

Com um comando mental, ele faz com que a terra se abra sob seus pés e em sua benevolência

envolve a ambos, e pouco tempo depois, a escuridão e o silêncio os faz dormir o sono dos *Aehmons*.



...Você é perigosa.

Nunca te enganei quanto a isso.

Touché, nunca confie em um caído, certo?

Não. Creio que o certo, seria nunca confiar em um caído, errado.

Jarel a fitou por um instante antes de sumir, e não estava sorrindo dessa vez.

Mahren suspira profundamente e move a cabeça reprovando. Uma pitada de malícia nos anjos de bem, sempre fora algo que ela imaginou como base de pedra fundamental.

Ela abre a mão que mantinha fechada e acaricia com os olhos a composição compactada de energia levando ao espaço onde deveria haver um coração. Etéreo, com o restante do seu corpo. Modelável de acordo com a sua necessidade e vontade, e claro que só tirou dali o coração, para que houvesse mais espaço, e entre os demais que trazia ali, ela encaixou mais um.



CAPÍTULO 27

Arthorm demorou um pouco mais do que esperava para emergir do solo que os abraçava e quando enfim conseguiu, o cenário que se apresentava em sua volta estava estranhamente diferente. O clima que pairava no ar também, e se os seus sentidos mais primitivos não estivessem embotados pela falta de uso, eles estavam em meados de uma estação e o que sentia calculado ao que sabia, o fez chegar ao espaço de no mínimo três meses de sono profundo como resultado da equação, e isso se tiveram sorte.

Poderiam ser anos, mais esses possíveis três meses!

Era sempre assim quando se entregavam ao sono sob o solo rico e restaurador. Eles saiam novinhos em folha, com uma fome e uma sede miserável! Ao menos no seu caso era assim, mas como os outros não falavam nada sobre seus sintomas após a terra os recarregar, ele não seria o primeiro a dar esse mole e se delatar. Vai que ele era o único a sair com o estômago roncando feito um trator desregulado e garganta seca sedenta de água, gelada de preferência, das que fazem doer à mandíbula quando entram na boca e se fosse com gás então, o paraíso eram àquelas bolinhas estourando bem perto do nariz!

Obrigado.

Arthorm degusta sua água gelada com gás e chegaria a fechar os olhos em deleite.

Mas os manteve bem abertos, e iam e vinha entre o copo e o *Neimo* e o ambiente à sua volta, tétrico, escuro e úmido.

O ambiente que não batia e ele demorou ainda alguns segundos para se sitiar com a realidade, mas é sucinto em perguntar;

— Quanto tempo?

— Duas luas e cinco noites e dias completos, senhor.

— Errei feio...

— Senhor?

Arthorm balança a cabeça em negação, cai em si e encara o *Neimo*;

— Você também saiu do condomínio? O que está fazendo aqui? Onde? A fêmea que... Ores!

— impaciente — Vai ficar parado aí me olhando como se eu fosse maluco?

Ores, arqueia as gastas sobrancelhas em suspense e meio que sorri entre aqueles olhinhos apertados de jabuticaba! Filho da puta de diabo encapetado!

— Eu tenho autorização para estar aqui, senhor e, é justo que vos diga...

— Que se sente vingado, imagino, mas a K...

— Justificado é o termo mais atualizado, senhor, e quanto à menina, eu fui autorizado a retirá-la da terra duas noites atrás. K ainda dorme no leito que humildemente preparei mais ao seu agrado, mas pelo que fui informado, é o senhor que a alimentará...

A pausa sugeria que ele confirmasse, e até pensou em revidar o suspense deliberado, mas a vontade de vê-la e certificar-se de que ela estaria bem era maior, e Ores o fitou com aprovação genuína em seu olhar cansado;

— Por aqui, senhor.

Ores estendeu a mão para amparar o copo e Arthorm o segurou;

— Obrigado, Ores.

— O senhor já agradeceu.

— É mesmo. Então, me desculpe. Por mim e pelos outros que te sacanearam por tanto tempo lá na república.

Ores sorri e meneia a cabeça;

— Ah não, senhor. As brincadeiras que fazem comigo me fazem sentir jovem de novo.

Arthorm assente reflexivo, sorriu ao entregar o copo e segue o *Neimo* a perguntar em tom casual;

— E como estão todos por lá?

Ores continua andando pelo extenso corredor subterrâneo e Arthorm se adianta um passo à sua frente cercando-o e ele o encara com seus olhos negros cristalinos que nada mais diziam além do que ele quisesse expressar.

— Diga-me criança. Prometestes proteger e cuidar da menina que sequestrou o que sobrou do meu coração amaldiçoado?

Um por um...

— Sim eu prometi, a um amigo.

— E existe algum limite que o senhor não ultrapasse para cumprir essa promessa?

E assim, são dois por dois, ele pensa e responde;

— Os limites que ela impor, não ultrapassarei, nem pela segurança dela.

Ores assente reflexivo e responde;

— Algumas mudanças foram feitas enquanto estiveram no solo. A Guardiã que escolheste autorizou minha presença aqui e ela removeu ao senhor e a menina enquanto ainda dormiam para esse abrigo, mas temo que não haja muito que esteja autorizado em responder sobre os de lá. Esse é o trato para que eu possa servir a menina e ao senhor aqui e, com isso é justo que vos lembre que não posso mentir, e me deixaria em situação complicada, se o senhor insistir.

— Trevon. Só isso. Ao menos isso. Pode dizer se ele está bem?

Arthorm se arrepende no mesmo instante por ter perguntado. Algo dentro de si queria muito saber se ele sentia sua falta, mas Trevon o havia decepcionado a ponto de ele decidir pelo incerto e pelo fim.

Só que no fundo também sentia que devia ao menos isso ao macho que de tantas formas e por tanto tempo o protegeu e o defendeu até mesmo dele próprio.

Ores assente devagar;

— Sim, senhor, essa eu posso responder, mas é justo que vos diga...

Que não vou gostar da resposta — pensa com desgosto —, *mas diga mesmo assim Ores, por favor.*

Ores volta a assentir e solta o ar;

— Ele serviu a Valquíria Danikas em seu cio na noite que o senhor saiu do condomínio. Será pai de três meninas, senhor.

Arthorm sente o ar escapular de seus pulmões e engole a saliva grossa, de repente, enjoado demais para tentar disfarçar.

— Nossa... Mas, desculpe ter interrompido, ah você, antes, você dizia...

— Que as circunstâncias não foram totalmente inerentes à sua vontade, o rei assim determinou e por uma causa maior. Senhor, a menina está acordando...

Arthorm assente e até tenta ensaiar um sorriso, mas estava realmente puto com toda situação, ele viu a Valquíria lutando com seus irmãos para chamar para si a atenção e ira dos guerreiros, viu acima da superfície quando Trevon voltou tantas horas depois, mas agora, realmente...

— Ele não a serviu sem o seu consentimento, senhor, é justo que saiba que ele ofereceu alternativas a ela. A Valquíria Danikas assim o decidiu.

No fundo ele sabia que seria exatamente assim, chegou até a desejar que fosse exatamente assim e solta um esgar de riso pela ironia da situação.

Trevon e Xstrauss se foram de uma forma ou de outra, mais uma vez ele estava sozinho e na escuridão, mas essa era a realidade da sua vida, não era?

— Espero que ela esteja fazendo da vida dele um inferno. Não, reitero, no bom sentido é claro. No mal sentido, todas elas tiveram alguns bons milênios para fazer isso com ele.

Não adiantava, nem mesmo assim ele conseguia ficar puto com o macho que venerava em segredo. O cara também tinha passado o diabo por causa delas, mas daí a retribuir assinando a sentença de morte de uma delas não foi... Não foi o Trevon que ele conheceu e aprendeu a respeitar, estava, estava... Doendo! E muito!

Ores assistiu o macho desmanchar encostado na parede do corredor e rogou por ele em sua mente à Guardiã. Arthorm era um bom garoto e ia cuidar bem da menina dos seus olhos. Tinha certeza disso.

Ela era filha de Korine, não irmã, filha, e haviam outras... E um irmão também. Kassia se vira de barriga para cima a fitar sem realmente ver os arabescos no teto, ela não era mais nada, isso sim é que era a sua verdade. Ela não tinha mais nada... E ela suspira. Bem, ela tinha...

Logo que ela acordou reparou na decoração simples, semelhante à decoração na casa de Ailin e por um instante se sentiu reconfortada por não ser a Ailin a estar ali, ou passado pelo que ela passou, porque bem no fundo sentia que seria ela, ou mesmo que fosse com qualquer outra e isso estava decidida que antes ela a qualquer outra. Porque ela era assim. Um pensamento que levou a outro e mais outro que a fez lembrar-se de Janete e no mesmo instante decidiu que nem mesmo ela.

Nem mesmo a Janete desejaria essa sorte, não mesmo!

Se fosse franca, e consigo mesma nunca deixaria de ser. Até conseguia ver Janete com outros olhos, ela era doente, e a julgar pelo que Sérgio passou, ela pode ter passado situações semelhantes que a fizeram ser como ela era, e as imagens vívidas das horas derradeiras de Sérgio a atinge com força.

Xstorm.

Sua ir..., sua mãe, o tinha chamado assim, pouco antes do fim. Xstorm, esse era ou seria o seu nome e ela realmente o perdoou, e o beijou.

Lágrimas começam a queimar sua garganta e em seus olhos e uma dor profunda a rasga por dentro na altura do ventre, um calor estúpido abrasador emerge de dentro de si e ela arqueja e se encolhe abraçando os joelhos.

Não pode. Isso não pode estar acontecendo. É cedo demais!...

Ale, é você, oh Deus! Eu achei que a maldita me tivesse tirado você.

E fui, eu acho... O que aconteceu? Quantos anos se passaram? Oh Mahren Mäi! Isso não pode estar acontecendo!

Não fale o nome dessa maldita desgraçada!

Tá eu não falo, digo, não penso...

Outra onda nauseante de dor e calor assola o corpo que ambas dividem e Aleesha vasculha nas memórias de Kassia incrédula, e compartilhando a sua dor emocional enquanto as dores físicas que até então só conhecia na teoria sem acreditar.

Arthorm entra no quarto nesse mesmo instante e é Aleesha quem pergunta;

— Quantos anos nós dormimos?

— Ah merda, nem três semanas. Isso não é o que estou pensando, pelos deuses K, diga que não.

Ambas ganem de dor e compartilham além do corpo, sentimentos e pensamentos uma da outra como se fosse uma só. Eram uma só, e Arthorm já estava de joelho ao lado da cama segurando a mão dela, e ambas compartilham os sentimentos dele também, e a semelhança entre eles era forte demais para ser desprezada.

Eles estavam sozinhos mesmo que juntos, ainda assim, sozinhos no mundo.

Kassia interpela em lágrimas emocionadas;

É a sua chance de saber como é... E a minha também, mesmo que...

Aleesha chia de mansinho tomada de emoção e pergunta;

Vai dar a ele o direito da escolha?

—Art, eu, nós, queremos que nos sirva, se você, quiser.

Ele arfa incrédulo e seus olhos se enchem de lágrimas e ela interpela na língua de seus ancestrais;

Nós, digo, somos nós por nós, não é? E quando, você não será mais sozinho, depois... Mas tem que ser por escolha sua também...

Ela conclui com voz embargada, Arthorm assente devagarinho e Ores desaparece, deixando-os ali. Ele suspira profundamente e toma direção rumo ao corredor de cavernas subterrâneas que em pouco mais de três quilômetros o leva direto a mansão, Ores decide pelo convencional e põe os pés em movimento, ambos estavam seguindo o seu destino sob os desígnios e desejos da sua amada Guardiã, e mesmo que por caminhos tortuosos, ou justamente por isso, estavam no caminho certo dentro de um todo, para todos da raça...



CAPÍTULO 28

Danikas nunca imaginou que pudesse ser tão difícil trabalhar a favor da missão que devia cumprir ali se chegasse a ser requisitada e se senta na poltrona... Se senta não, se joga! Assim ó! E Trevon a imita com pouco mais de exagero, chegando a empinar de leve o sofá para trás na sua sentada!

Maldita hora em que foi contar a ele que havia um motivo maior para estar ali.

— Bem vinda ao paraíso, gatinha!

E ela odiava quando ele a tratava por coisas com 'inhas' no final!

— Na verdade só tem uma coisa em mim que você não odeia.

Danikas move os ombros com displicência e ele PIRA;

— Só que eu não sou uma máquina de fazer sexo, caralho!

E agora ela ri.

— Oh diabo de fêmea insuportável!... Dessa vez não vai rolar.

— Tá todo putinho só porque me viu a caminho da academia interna, e de DIA, nem tinha ninguém lá para me ver treinar.

— Justamente por isso merda! E se você se se machucasse?

— Tenho alguns recordes em tempo de cicatrização e você testemunhou alguns deles.

— Isso foi golpe baixo. E se tivesse se materializado no lugar errado? Podiam ser duas ao invés de uma agora? E você ri? Ah não fode!

Danikas fica séria de repente e os pelinhos da sua nuca arrepiam;

— Gatinha, Florzinha, oh Delicinha vem cá, não quis dizer...

Danikas passa por Zarcon feito um tufão bravio e ele cola a bunda na parede e levanta os braços num gesto exagerado, porém cansado, Trevon para há dois passos de distância e grita alguma coisa com 'inha' no final e ela para e lança o dedo do meio para ele voltando o olhar a Zarcon logo depois a pedir desculpas sem som. Zarcon assente e Trevon faz uma careta do tipo desculpe-me também, ou me socorre pelo amor dos deuses e sai correndo atrás dela gritando:

— Fica brava comigo, mas não faz nenhuma besteira Gatinha, não desmaterializa, olha as nossas meninas, não, não, eu vou mais devagar, merda, diabo de vida!...

Zarcon move a boca sem fazer som imitando as discussões que já viraram rotina e Dêrhon pigarreia chamando a atenção para si, quando ele olha seu irmão aponta ao fim do corredor com o queixo e ele move os ombros a cada dia mais largos;

— Estão entediados. — explica simplesmente — E Alegria, como está? Há dias que não a vejo.

— Fez amizade com Ailin, passa a maior parte do tempo que não está comigo por lá. E nem vem que não tem, ok? Eu não vou cair na besteira de passar pelo mesmo mico que praticamente todos os habitantes desse mundo ficaram por semanas comentando do Ferguz, e também sei o gosto nojento e enjoativo que têm algumas das comidas que elas não só gostam

como passam boa parte do tempo que devia estar na cama DE DIA, NA CAMA, DORMINDO de preferência... Tá! O casalzinho sensual briga para não fazer e fazem assim mesmo, em qualquer lugar a qualquer hora... Chega a ser ridículo! Posso até apostar que não têm um cômodo íntegro nessa mansão ou que já estão se comunicando do jeito que sabem melhor em algum lugar! Eu disse, e nem é inveja, não... Não é! Mas se fosse, estaria no meu direito, certo? Caralho... Pra quê que eu fui me meter nessa, cara? Cara... Tá me escutando?

Zarcon assente ainda inexpressivo e fala com a voz xoxa;

— Cada palavra, Dërhon. Posso até repetir, se não acredita.

— Não, tá de boa eu, desculpa aí o papelão. Você passou milênios sem, você sabe, e eu, em poucos meses, já estou fazendo papel de idiota.

— Eu te entendo, Dërhon, é sério. Não liga para esse meu tom cansado não, é que estou mesmo cansado... Hoje foi um daqueles dias.

— Ringue com Brianis, saquei. E como anda aquela vaca? Tá, saquei essa também. Vou reiterar a questão, se te satisfaz.

— Não precisa reiterar, só não volte a falar dela assim, por favor.

— Tá rolando algum lance entre vocês dois? Não. Eu nem fico grilado nem nada. Só curiosidade mesmo. Mas ela proibiu a vinda das *Miellens* e, sei lá...

— Ela não proibiu. Ela informou que elas não viriam até segunda ordem e ninguém aqui têm se ferido ou está realmente passando fome e...

Dërhon explode;

— Blá, blá, blá! Eu estou porra! Tá, não esse tipo de fome, até dispenso! E ela pode não ter nada a ver com isso, MAS TEM TUDO A VER!

Hora errada e lugar errado e essa era a constante do casal, e Alegria sorria e se escondia para chorar por dentro e ele não podia falar nada para alertar o irmão, até tentou, mas chegou à conclusão que Dërhon precisaria desse choque de consciência, seria dolorido, mas no íntimo se solidarizava com Alegria, ele já tinha sentido na pele o que era gostar de alguém sem ser realmente correspondido, mas... Ele suspira devagar. Isso era passado agora.

Também não podia atrapalhar os desígnios das guerreiras, estava ciente de estar entre a cruz e a espada com todas as informações que possuía e tudo que desejava era um banho quente na banheira que aprendeu a respeitar na privacidade do seu quarto e deitar a carcaça de ossos moídos no colchão, ou no caixão. Tanto faz, desde que pudesse fechar os olhos e aguardar, até que o sono o abraçasse em mais dos seus pesadelos...

— Meu rei...

E ele quase geme puto dentro das calças;

— Ah não Ferguz. Ou come ela ou desiste, mas eu não vou servir de terapeuta para você também. — apela cansado — Cai fora daqui! Eu preciso descansar, preciso, ou vou acabar pirando de verdade.

— Mas senhor...

— Sem essa de senhor, de meu rei ou o caralho que for! Eu vou tirar ao menos umas três horas de folga dessa porra toda, ou vou acabar explodindo!

— Mas a porra da Maldita está chegando com tudo, e Alegria já está branca como essa parede aí! Talvez não tanto, mas ela sozinha já alimentou mais de 50 dos machos feridos nas fronteiras só nessa manhã, e Ailin teve que praticamente implorar para que ela viesse

descansar algumas horas e eu pudesse entrar com os 38 das últimas horas... Olhe, eu juro pelos deuses que é a fêmea mais forte que já vi ou ouvi falar, ela já alimentou e curou ao todo mais de 100 ou está nesse momento ultrapassando esse número com a leva, que por algum motivo DEVIA, ter passado batido para o largo subterrâneo sem serem vistos, mas ela voltou no mesmo pé que veio... E eu comer ou deixar de comer não é nem de longe a questão aqui! Ela estava chorando! Ailin me disse também em prantos e está lá com ela se sentindo a traidora em relação a Alegria, enquanto nosso rei pretende tirar uma soneca de algumas horas depois de ter se chafurdado com as *Miellens* no santuário enquanto as duas únicas fêmeas trabalham o dia todo nas câmaras subterrâneas, uma treinando os machos inteiros e a outra alimentando e curando aos feridos!

Zarcon agarra no pescoço do macho e o prensa na parede;

— Eu não estava me chafurdando em *Miellen* merda nenhuma! Elas não vêm até segunda ordem, porque estão resguardadas até que termine as negociações com os Guardiões Superiores!

Ferguz não se deixa vencer.

— Ou que Alegria morra de inanição e leve Ailin por tabela... E ambas as três, estão prenhes...

Dêrhon meio que ri entre aflito e aturdido;

— Alegria, a minha Alegria? A mãe das minhas filhas, Alegria!



Em menos de 10 segundos, quatro machos adentravam na larga câmara subterrânea e o que veem arfantes com o coração disparado é imensurável, digno de gritar alto ou cometer assassinato contra certo macho de mesma raça!

Meia dúzia de machos, em fila, com irrisórios arranhões em seus braços e pernas, recebendo doses ridiculamente homeopáticas que não devia ultrapassar meia dúzia de gotas do dedo indicador dela!

Eles se voltam com seus olhares ameaçadores para Ferguz e ele bufa um tanto impaciente e leva dois dedos na boca assoviando alto e gritando vários diminutivos de nomes na sequência, e uma legião de machos começam a aparecer de todas as entradas a encher o largo com suas vestes ensanguentadas e rasgadas, mas os corpos estavam intactos, e ele aponta;

— Você, venha até aqui e mostre ao seu rei o valor dessa fêmea!

— Dei mole ontem mais cedo senhor, fui estraçalhado por duas bestas ao sul do perímetro e por bem pouco minha cabeça não foi arrancada do pescoço e Dean ali, só não deixou a perna arrancada para trás, porque eu a segurei com meu braço bom enquanto ele amparava a minha cabeça no lugar, foi um lance sinistro de se ver, mas o mais sinistro é que dez minutos depois de beber dessa gata espetacular... Com todo o respeito!

Trevon e Zarcon seguram Dêrhon que rosna para o jovem guerreiro e ele logo se recompõe, Ferguz dispensa o macho e ele fita Dêrhon de cima abaixo e balança a cabeça reprovando.

Merda. Foi o suficiente, Dêrhon desaparece e é Ailin que antecipa o ataque e recebe o golpe no lugar do guerreiro...

A comoção é geral.

Dêrhon a solta logo em seguida, mas não antes de rasgar no dente parte da carne e da

musculatura da fêmea e toda uma multidão de machos se volta contra ele tomados pela fúria assassina e tanto Zarcon quanto Trevon que continham Ferguz a grunhir ferozmente, já imaginavam que veriam Dêrhon destroçado pelos demais, e só podiam desejar que fossem rápidos e no mesmo instante dois dos machos enraivecidos começam a tremer convulsivamente e explode entre eles arrefecendo de imediato os ânimos de todos pela surpresa e na sequência todos eles ganem e se contorcem agoniados de dor com ambas as mãos nos ouvidos enquanto Alegra atravessava a multidão e machos aleatórios explodiam em um mar de sangue e faíscas de fogo entre eles. Ela trazia os olhos totalmente tomados pelo branco, como ficavam os olhos de Xstrauss.

Ferguz não sabe dizer o motivo, mas ele contou 12 explosões e Alegra voltou-se com expressão cadavérica e assombrosamente triste para ele nesse instante em pensamento;

Seriam bem mais se eu não estivesse aqui nas últimas trinta horas, e serão muitos mais, se voltarem-se contra meus afetos e nossos senhores. Não fui eu quem fez as regras, Ferguz filho de Zerberuz, eu só às cumpro, como posso.

Ferguz assente e lágrimas de sangue rolam no rosto dela enquanto ela ajoelha ao lado do corpo ferido de Ailin e suplica baixinho;

Perdoa mair.

Ailin assente engasgada com o próprio sangue e Alegra se sobrepõe a expor os braços e antebraços por cima do ferimento e todos os machos se afastam formando um círculo reverente, ficando um pouco mais perto somente Zarcon e Trevon, apoiando Dêrhon e Ferguz.

Em poucos minutos Ailin puxa o ar e o seu ombro e pescoço ferido começa a se reconstruir bem diante dos olhares de todos.

Alegra passa a mão em seu ventre com delicadeza e ambas sorriem entre lágrimas, ela encosta sua fronte na fronte da nova amiga e o silêncio na câmara só é rompido, pelo assoviar baixinho do vento e da multidão de corações assustados que batem frenéticos no extenso largo.

Alegra se levanta e todos os machos ameaçam abaixar reverentes à sua frente, mas ela os prende de pé com um comando mental, de alguma forma estava ciente que deveria reverter isso em favor do rei e também ela se põe de frente para Zarcon e é a primeira a se ajoelhar em reverência, tocando a fronte no chão.

Todos os demais seguiram seu exemplo respeitoso e isso, incluindo Ferguz, Trevon e Dêrhon, e Zarcon sente o peso da responsabilidade nos ombros e o ar preso nos pulmões.

Ela foi a primeira a abaixar e também a primeira a levantar-se.

Seus olhos já não estavam totalmente brancos, mas a expressão dela era de terror quando se aproximou ainda mais e se lançou de joelhos aos seus pés a implorar na língua dos seus ancestrais;

Por caridade, meu rei, não as aceiteis como espólio de guerra, eu vos suplico por benevolência!

Zarcon a segura com delicadeza pelos ombros e a faz se levantar;

— Sei dos teus temores Alegra. Nunca faria nada que pudesse te ferir intencionalmente, no mais, não fazemos espólios de guerra desde que tomei o lugar que foi de meu pai. Só defendemos os nossos, e assim continuaremos.

Alegra balança a cabeça assentindo, mas interpela;

Eu sei meu, rei. Mas as que vêm, não poderão ser devolvidas, por tudo que lhe for mais

caro...

Quem vem?

Alegre se põe a chorar em desespero com ambas as mãos na boca e seus olhos agora totalmente prateados encaram seu rei, rasos de lágrimas.



... Também lidarás comigo e não sou tão inocente quanto Jaraniel.

Sei que não, mas para mim, ele sempre será Jarel.

Que assim seja, Mahren.

Dissera-lhe o arcanjo seriamente e sumiu.

À bem da verdade, ele não tinha escolha, mas deixou claro com a sua aparição e palavras que não iria interferir, e isso bastava aos seus propósitos. O *mitho* ainda existiria, de certa forma, mas agora com desígnios mais definido de equilíbrio e suas responsabilidades seriam maiores.

Mahren sorri sombriamente e também desaparece dali a ocupar-se de seus novos domínios, agora também no campo dos mortais.

Responsabilidades não era algo que temia, se é que temia alguma coisa.

E era exatamente por isso, que eles temiam tanto os poderes que vinha assumindo ao longo dos tempos e eles pretendiam contê-la da forma que conseguissem.



Ajoelhados em cima da cama, os dois estavam completamente despidos e se encarando com lágrimas nos olhos e um sorriso triste nos lábios.

Há quem diria três, mas eram dois os corpos que se uniam com o propósito que vinha do seu mais profundo desejo.

Ele foi gentil em estender a mão e acariciar o seu rosto, o fogo inicial foi abrandado da maneira mais gentil que podia devido a circunstâncias do momento e ela deitou o rosto na mão que a acariciava, umedecendo-a com suas lágrimas. Logo ele a estava abraçando e ela o beijou com carinho entre o ombro e pescoço.

Arthorm tremeu e fechou os olhos enquanto a apertava ainda mais contra si, e ela acariciava suas costas largas a consolá-lo, e a si mesma.

Ele a havia tomado com todo carinho em seus braços e serviu-a com seu sangue enquanto a preenchia com a sua semente, e agora a culpa o engolfava pelo que havia feito com ela, com elas, aliás...

Tal como o macho que respeitava acima de qualquer outro, também ele havia sentenciado ao fim definitivo e não a uma, mas duas fêmeas de grande valor. E isso o estava matando por dentro.

Aleesha e Kassia eram uma só no sentimento compartilhado, envolta nos braços fortes, não havia lugar para arrependimentos ali. Arthorm, inegavelmente seria um bom pai para seus filhos e Kassia especula com um sorriso triste: se Korine era realmente sua mãe, elas podiam ter esperança de que sobreviveriam ao parto também.

Aleesha se encolhe no fundo da sua mente quando uma dor emocional profunda a assola,

desconfiada de que havia um motivo a mais para que tenha sido compelida de volta, a habitar o mesmo corpo que Kassia.

Ela sabia há muito tempo que não podia conceber, conhecia seu corpo físico o suficiente para entender que isso seria impossível pra ela, lhe faltava algo que outras fêmeas tinham, ela era dotada de dons que suplantavam os das fêmeas da sua geração, mas não foi concebida com útero, e dentre os demais motivos que fez com que não escolhesse Xtrauss, esse era o mais forte.

Kassia não permitiu a Aleesha de entrar nesse campo minado mental de onde sabia que seria difícil sair e deslizou as mãos pelo corpo forte de Arthorm gemendo e silvando de leve, ele corresponde grunhindo e ela desliza a boca em seu ombro e pescoço, o calor e desejo de um pelo outro é imediato e também a fuga de ambos. Não há culpa enquanto seus corpos se unem mais uma vez e suas presas perfuram o pescoço dele, ele a deita encaixando-se entre suas pernas com o máximo de gentileza possível e em pouco tempo ambos estão se encarando em sintonia e ele se mexia entrando e saindo, e ela movia de lado a cabeça, convidando-o a beber dela.

Arthorm hesita nesse instante e ela o segura pelos ombros fitando dentro dos seus olhos esverdeados.

Art, estamos juntos nessa, não?

Arthorm assente e até ensaia um sorriso, a natureza em nada coibindo quando ele aceita o que lhe é ofertado e as ondas do orgasmo de ambos inunda o quarto com o aroma do vínculo carnal e seus desejos mais íntimos em sintonia.



Ferguz ainda não entende porque que entre todos os demais fora ele o escolhido por Alegria a ultrapassar os limites impostos a todos eles, mas desconfiava ao adentrar na larga câmara subterrânea que estava sendo punido por tê-la delatado ao príncipe e ao rei e as perdas que acabou desencadeando no largo subterrâneo para onde os guerreiros e seus outros irmãos iam, quando se reuniam ou estavam feridos.

Vários corpos dilacerados estavam espalhados ao longo do caminho que ele deveria seguir dentro daquelas cavernas escuras e úmidas, o cheiro do sangue fresco, de várias espécies de seres mágicos e mortais, impregnavam o ambiente e fazia suas narinas arderem ao aspirar. Seu instinto lhe dizia que o ser responsável por essa carnificina estava à espreita, e possivelmente ele seria mais um, se não tomasse o devido cuidado.

Estava certo de que Alegria o havia mandado para a morte e a julgar pelas partes de corpos que encontrava no caminho. Entendia que tanto podia ser rápido e indolor, ou demorado e extremamente doloroso, mas ele continuava seguindo em frente no caminho que ela o mostrou em sua mente. Aguardando conformado que a qualquer instante deparasse com o que seria o seu fim, Ferguz continuou o percurso sombrio e até preferia que fosse assim, em guerra, sim, e ele lutaria até o último suspiro.

Pelos seus cálculos, ele já caminhava a uns seis quilômetros para além dos limites impostos a eles pela Guardiã e ele estava à própria sorte. Ailin não queria que fosse, podia sentir em sua comunicação muda com Alegria, mas ele devia isso a ambas e se interpôs ante o interlúdio

oferecendo-se de antemão, e a cada passo ou partes de corpos dilacerados que encontrava, estava mais convicto de que Alegria o havia mandado para o precipício.

Lembranças do seu vínculo com Ailin vieram à superfície de seus pensamentos sombrios e isso doeu, ele a havia provocado e acabou colocando-a na situação que se encontrava agora. Ailin, a sua preciosa Ailin tinha seus dias contados e estava se odiando por se deixar levar a fazer o que fez com ela. Ela era tão pura quanto uma criança em corpo de mulher e ainda era virgem, não havia perdão para o que ele fez. Ele nunca se perdoaria.

Ele a induziu, ele a provocou e deu no que deu. Irritada ela o silenciou com um beijo e do beijo... E foi com essa linha de raciocínio que ele engoliu uma exclamação e silvou assombrado com o que via mais à frente no largo iluminado por tochas feitas de mais partes dos corpos de seres que deveriam ser imortais e ele instintivamente contou.

Eram doze às fêmeas ferozes presas pelas cinturas e tornozelos no centro do largo e elas silvavam sedentas para ele com suas unhas em forma de garras e os corpos nus extraordinariamente esqueléticos.

Ainda assombrado, ele avista o vulto de uma besta colossal na penumbra do largo e ela tomava a forma humana conforme seguia em sua direção.

Ferguz filho de Zerberuz, eis aí o tributo pelos que se perderam em definitivo no largo de lá. Nada do que vistes foi aleatório. Todos os que se perderam naquele momento, não estavam preparados para a nova era dos Aehmons.

Ferguz engole em seco e fita as fêmeas de soslaio. Todas trazem às máscaras de aço em seus rostos e silvam ferozes e famintas em sua direção com os olhos apertados.

Não se engane com elas, foram maltratadas por tempo demais aqui.

Danikas toma a forma humana e aperta os lábios em uma linha fina com lágrimas de sangue a inundar seus olhos cor de azul prateado. Também ela não sabia que encontraria mais de suas irmãs de raça, naquele buraco fétido.

Foi levada pela compulsão e tomada pela força que a impelia para frente, ela tomou sua forma mais animal e adentrou as cavernas destruindo tudo que tentava colocar-se no seu caminho. Criaturas horrendas das suas mais antigas lembranças coabitavam entre si naquelas profundezas e ela não teve piedade. Não eram humanos, nenhum resquício de sentimento em cada um dos que destruiu, eram aberrações em sua mais primitiva forma, e eles não tiveram nenhuma chance contra os poderes dela.

Ver suas irmãs de raça famintas e animalizadas por tanto tempo de sofrimento perpetrados pelas vis criaturas que destruiu fez com que seu ódio pela sua ascendente aumentasse ainda mais. Era sob as ordens da maldita que suas irmãs eram mantidas presas e subjugadas ali ao seu capricho e ela arrancaria, a sua cabeça se a encontrasse e tivesse oportunidade.

Estava prestes a pedir que Brianis escolhesse a si para levar de volta e Brianis lhe impôs essa última missão e as três chaves queimavam dentro do seu pulso aberto pela segunda em comando do mundo que a acolheu e pouco antes de Ferguz adentrar o largo que a enfurecia, Brianis desapareceu.

Pense bem, Danikas, não é a mim que irá responder pelo que sabes agora e se falhar no que me prometestes, és tu quem nunca conseguirá se perdoar.

Danikas envolve o pulso que guarda as chaves e se interpõe entre ele e as suas irmãs.

— A maldita que nos ascende as prendeu aqui e já não são mais nem a maldita sombra do que foram antes.

Ferguz a encara e vê a declaração de propósito implícita nas lágrimas vermelhas que deslizam pelo rosto dela. Ela se importava com as fêmeas e temia por elas, mas entendia o perigo que elas haviam se tornado pela loucura e toda a sorte de maus tratos que passaram ali por anos incontáveis.

Eles teriam que tirá-las dali e como havia determinado seu rei e a Guardiã pelo seu intermédio e de Alegria. As fêmeas seriam levadas e recebidas como cidadãs do seu mundo e tratadas como as demais.

— Não. Ainda não, Ferguz. Eu as amo, mas sei o perigo que são para todos os demais, elas saem daqui sim, mas como os animais que se tornaram.

No fundo Danikas gritava que não, elas já haviam sofrido mais do que além da conta e as chaves ardiam em seu pulso, mas a verdade se abateu sobre ela e ela puxou da parede a corrente que mantinha todas as suas irmãs presas entre si.

Elas foram postas em movimento com um puxão e Ferguz se pôs a caminhar ao seu lado, mas ela lhe pediu que vigiasse a retaguarda e assim ele o fez.

Suas irmãs, uma a uma, teriam que em sua consciência por vontade própria escolher se queriam ou não, seguirem como tuteladas sob os desígnios e proteção de *Mahren* e pela sua maldita fraqueza, todas estavam fadadas em sofrer o mesmo que ela se um milagre não ocorresse. Danikas dá um forte puxão na corrente de aço e se põe a caminhar arrastando os corpos esqueléticos e torturados das fêmeas que estiveram sob o jugo impiedoso da maldita que as ascendia.

Ferguz percebeu o olhar que algumas das fêmeas lançaram em Danikas prometendo vingança enquanto ela as puxava pelas cavernas subterrâneas de volta ao condomínio e pensou com sentimento de pesar, que não estavam resgatando fêmeas dóceis como Ailin, ou as demais do seu meio.

Essas fêmeas foram maltratadas ao extremo da sanidade psíquica e transformadas em verdadeiras feras desprovidas de qualquer emoção que não o ódio que ainda as impulsionava. Seu peito doeu por dentro em solidariedade a elas e Danikas entrou em sua mente nesse instante;

É um macho de valor, filho de Zerberuz. Todos que encontrei dessa nova geração o são, mas vos suplico, por mais que se apiede delas...

Danikas se interrompe e lança um esquece frio na mente do macho e volta a puxar a sua leva de irmãs, não havia nada que Ferguz pudesse fazer que fosse contra as suas intenções de defender as suas irmãs.

Não enquanto tivesse as chaves do destino delas e também do seu próprio, inserida em sua carne...



Kassia e Aleesha observam o macho que agora dorme e o olhar que ambas dividem segue até a bandeja vazia aos pés da cama. Ele as havia servido e alimentado de todas as formas possíveis e foi tão gentil e carinhoso que, lágrimas inundam os seus olhos e é Kassia quem

trinca os dentes e meneia de leve a cabeça, já estava de saco cheio de tudo... Ela gane baixinho, o ganido escapa da sua garganta e ela culpa Aleesha.

Aleesha se nega, mas ambas choram sem fazer barulho.

Não o suficiente para não acordar Arthorm, que levanta de imediato e se põe a postos com o coração disparado e as presas a mostra e ambas desabam em pranto convulsivo ao perceber que ele seria capaz de qualquer coisa para defendê-las.

Arthorm se volta para a fêmea sem saber o que fazer e grunhe sem querer ao sentir o cheiro familiar. De um salto ele está na lateral da cama e encobre o corpo nu da fêmea, corando extraordinariamente logo em seguida, mas sem perder a compostura. Ao contrário, seus braços grossos estavam automaticamente cruzados sobre o peito inflado e até a ele mesmo surpreendeu-se pela postura instintiva e beligerante que tinha assumido.

Ores se deixa ver no quarto e trás a cabeça abaixada, mas ele lança um olhar aprovador no jovem guerreiro, que de repente move o nariz um tanto nauseado e Aleesha meio que ri entre lágrimas dentro da mente de Kassia.

Arthorm geme baixinho e Kassia meio que ri também. Ela se envolve no lençol em sinal de decoro e se ajoelha na cama a chorar e rir ao mesmo tempo com os braços abertos.

Ores depõe a sacola que trazia na mão de Arthorm sem qualquer cerimônia e a envolve em seus braços — aparentemente frágeis — acalentando-a, enquanto ela chora emocionada com o rosto enfiado no seu ombro.

Arthorm não consegue conter um silvo enciumado, mas se mantém plantado no mesmo lugar. Isso era irracional, ele sabia, mas o desejo que sentia era insuportável e o gosto de sangue veio à boca no mesmo instante, e não ajudou em nada o fato de ela beijá-lo no rosto com tanta emoção e dos dois lados, merda, o lençol!



Simples assim?

Pergunta Jarel, meio que enfadado e meio que desesperado e Mahren sorri de um jeito sacana;

Nada nunca é tão simples, Jarel.

Oui, Marie. Que assim seja.

Jarel já imaginava que ela forçaria Kassia em aceitá-la usando o seu sentimento pelo guerreiro, e agora é ela quem o fita de soslaio um tanto enfadada.



Kassia pressente o ataque e desmaterializa com Ores um átimo de segundo antes de Arthorm avançar sobre ambos e quando ela toma forma no canto do quarto com ele, vê com assombro que Arthorm está no chão de barriga para cima com um corte profundo em seu peito na diagonal;

— Arthorm! Deus!

Em um segundo está sobre o seu corpo e ele engasga com o próprio sangue ao tentar falar. Seus olhos verdes estão arregalados e fita algo por cima dos seus ombros, ela segue o olhar

aterrorizado e o seu sangue de imediato inflama e ela mostra as presas, tomada pelo ódio.

Kassia silva ameaçadora e Ores se depõe entre ela e a entidade quando no mesmo instante Arthorm gane alto com a dor lancinante infringida.

— Deixe-o em paz sua maldita miserável!

Arthorm gane ainda mais alto e todo o seu corpo se contrai num arco impróprio e doloroso que mais parece que o quebrará ao meio e ela se transforma no mesmo instante rugindo e lançando Ores contra a parede, mas a entidade some da sua frente e ela atravessa a parede maciça com sua força descomunal ruindo com o seu ato feroz toda a estrutura subterrânea.

Kassia não esmorece em sua perseguição e Aleesha é assombrada por uma visão que a faz calar-se e desaparecer dentro de sua mente, Kassia para e na hora toma de novo a sua forma humana.

Ale, por Deus, não me deixe sozinha de novo, Ale... Oh maldição, oh Deus não...



CAPÍTULO 29

Foram no máximo 15 segundos, mas toda a sua existência com relação a ela passou diante dos olhos da sua mente e ela ganiu baixinho. Kassia implorava com toda a força de seu coração que ela não se fosse e instintivamente até negociava com o Criador Supremo para que ela não fosse afastada dela também. Kassia se deixou cair no chão, impotente e em prantos, e levou ambas as mãos no próprio ventre.

Eu a matei. — lamenta Aleesha em desespero.

E a matará de novo, para todo o sempre dessa vez.

Não, dei a ela o meu mitho por ele e agora por ela, leve a mim em seu lugar. Era assim que deveria ter sido.

Não posso e não vou destruir você, ela só vive porque você vive, era do corpo físico dela que eu precisava para hospedar você, quando abriu mão do seu por ela.

Não nos separe Mahren, eu vos imploro, ela não é o que pensava, ela não é, oh Mäi de todas nós! Eu a suplico, não nos separe assim...

—Eu a aceito sua maldita desgraçada! É isso que quer ouvir?! Eu declaro a ti e a quem mais interessar, eu a aceito como minha Guardiã eu, Kassia nascida de Korine, que ainda vive. Eu a aceito e renego a minha ascendência imortal, não tire os que me restaram, por Deus não! Ou leve a mim em seu lugar. Isso! Leve-me como algo menor, insignificante, uma escrava ou objeto, qualquer coisa. Mas não os machuque mais. Por Deus, não os machuque mais!

Mahren se deixa ver e atenua seu brilho em frente à Kassia, mas ela mantém a fronte colada no chão, desesperada. Sua estrutura estava quebrada por dentro e por fora e eram sinceros seus votos e sentimentos com relação aos seus diletos. Jarel a encara e ambos se comunicam por um segundo emocionados antes de ele ver a sua expressão mudar. Mahren comunicava-se diretamente com a fêmea alquebrada aos seus pés e ela assentia.

Tudo que quiser, qualquer coisa...

Aleesha sente o conformismo suicida nas intenções de Kassia e toma a frente no comando do seu corpo ao se levantar perante a Guardiã.

Não pode desistir K, eu a matei. Pensei que tivesse deixado morrer, mas ela a levou como fez comigo e inseriu sua energia no ventre de Korine. Eu deixei que você morresse naquele dia quando podia tê-la salvado e, na sua última hora... Você olhou dentro dos meus olhos e me agradeceu. Você agradeceu e pude ver pelos seus olhos e sentir em meu corpo tudo que passou, mas ainda assim deixei que morresse quando podia tê-la salvado. Eu deixei que acontecesse e quando já não tinha mais volta, eu chorei e implorei a Guardiã que fosse mais complacente do que eu fui e a recebesse no santuário, mas eu fui covarde, e por todo esse tempo guardei esse segredo terrível. Eu deixei que morresse quando podia tê-la salvado e implorei por outra chance, não imaginava que me apegaria tanto a você, tampouco imaginei que seria a mesma Valquíria daquela época. A mesma que sabendo seu destino e o motivo pelo qual não poderia fugir, amou Xstrauss ao ponto de se entregar aos outros machos na

esperança vã, de salvar aos que aprendeu a amar.

Kassia via pelas lembranças de Aleesha a fêmea que era a sua imagem e semelhança de agora e instintivamente leva a mão na fronte onde seus cabelos tinham o tom mais diferente. Ela não só havia perdoado Aleesha como a havia presenteado com seu dom de cura e de ler seus iguais. Como do fundo de seu amaldiçoado coração, desejou para a fêmea que amava Xstrauss tanto quanto ela e era também a sua libertadora, que pudesse viver a experiência que tanto almejava.

Esse foi meu mitho, eu, ela, a maldita que nos ascende sabia que você foi alterada para não ser mãe, que não podia ser mãe como eu... Entre outras coisas que agora ela sabia e a Guardiã na sua frente parecia sorrir, mas ela não se atreveria em olhar no rosto dela para certificar.

Essa já havia se oferecido, já era sua Guardiã.

Não foi uma pergunta, mas Mahren sorriu para Jarel a assentir;

Kassandra se comprometeu em juramento há mais tempo que supõe, mas só agora, poderá ser minha de fato. Ela meio que sorri fitando-o de repente e se dirige séria a Kassia,

É em sua consciência que você confirma seu *mitho* criança?

Não!

— Sim.

Kassia responde em alto e bom tom seu desejo de outrora e repete na língua de seus ancestrais a reafirmar. Mahren sorri com malícia a fitar Jarel de soslaio e ele a fita de volta com expressão preocupada.

Algo a dizer, meu querido?

Ela provoca e ele hesita seriamente tentado, a se perguntar como um único descuido seu pudesse ter causado tamanha confusão. Mahren arqueia as suas etéreas sobranceiras e ele meneia a cabeça em negação.

Não precisa da minha aprovação, Marie.

Uma garota pode sonhar. Certo?

Ela rebate a sorrir ainda mais e pronuncia em alto e bom tom.

Que assim seja.



... Não devia ter feito isso por mim. Eu fui egoísta e a deixei morrer quando podia tê-la salvado.

Kassia abraça a si mesma em observar Ores a encobrir Arthorm e sorri com tristeza para ele a perguntar;

— Sempre soube que éramos a mesma pessoa, Ores?

Ores balança a cabeça em negar.

— Desconfiava que fosse uma ascendente, senhora, mas não a própria.

— Por que ela me atraiu para tão longe dos seus domínios?

Kassia já desconfiava, mas precisava ouvir isso de uma segunda voz.

— Estando em seus domínios à confirmação da sua escolha não teria o efeito que ela pretende a todos os seus diletos, senhora.

Kassia assente sem nada dizer e ele a encara com seus olhos experientes.

— Não se manda no sentimento, mas acontece. Com o tempo.

— Francamente, Ores. Eu dispensei os dela por mim.

Ores assente devagar e em dois passos ela se aproxima e o aperta em seus braços beijando-o na fronte em seguida.

— Quem precisa de mais, quando já tem o que eu tenho? Se ela poupar aos que aprendi a amar, já lhe rendo graças e me curvo em reverência.

Não era totalmente verdade e isso não passou despercebido tanto por Ores quanto pra Aleesha. Kassia ressentia sim, profundamente, e só o que podiam fazer, eles fizeram, Ores fisicamente, e Aleesha em pensamento.

Kassia se sentiu abraçada por ambos em sua alma condenada e por um breve instante, cogitou se em algum momento de fato havia tido uma alma, mas a torrente de lágrimas inundou seus olhos e seu estômago embrulhou terrivelmente.

Levando a mão na boca ela correu para o banheiro e Ores a seguiu e segurou sua cabeça enquanto ela vomitava tudo o que estava entalado na sua garganta por milênios e milênios de anos, por assim dizer.

...Essa parte você podia sentir e curtir sozinha.

Kassia reclamou em pensamento e podia sentir que Aleesha chorava emocionada.

K, você não devia...

Kassia volta a vomitar o que já não havia no estômago e depois de mais alguns espasmos rebate malcriada;

Águas passadas Ale, e você não teria conseguido se eu não quisesse, vamos deixar isso claro desde já, está bem? O dom que você considera maldição foi um presente dado de coração, então enfia logo nessa sua cabecinha de vento que eu sabia de antemão o que se passava com você e com todos os outros... Mas, já que considera essa parte ruim, eu o quero de volta. Sabe o ditado, tenha amigos por perto e os inimigos mais perto ainda? Eu fui concebida com esse dom, entre outros.

Kassia só não esperava apaixonar-se por todos eles e em especial por Xstrauss e foi aí que o plano bem arquitetado da maldita entidade que a ascendera começou a ruir, ela não conseguiu destruir com todos eles na época, mas Xstrauss foi condenado por um crime que de fato não cometeu. Mais espasmos, e a vontade de bater com a cabeça no tampo do vaso só aumentava enquanto pensava; Mas que diabos! Já não havia mais nada em seu estômago e ele teimava em querer virar do avesso! Ores passava uma toalha úmida na sua testa enquanto ela reverenciava o vaso sanitário já imaginando os tecidos do seu estômago ali dentro.



Ores mostra os dentes e os seus olhos se tornam totalmente negros e Jarel se dá conta de que está prestes a tocar no cenho dela e retira a mão, encabulado. Mahren sorri daquele jeito iluminado e um tanto sacana quando ele a fita de soslaio e ardilosa comenta;

Até onde sei, amar não é pecado, Jarel. Isso não te fará menos anjo.

Diaba de caída, mulher.

Ele passa a mão por cima da cabeça dela e no alívio imediato que sente, ela exclama num sussurro;

— Obrigada, meu Deus!

Mahren sorri quando ele a fita aturdido e considera: era só uma força de expressão da fêmea, mas bem que vinha a calhar.

O arcanjo sério que agora observava todos eles, não chegou a sorrir de fato, mas um brilho diferente iluminou seus olhos de um azul quase branco de tão claros. Ele ainda não confiava nela e tinha bons motivos para isso, já que ela não deixava nada barato para todos eles, mas ela podia sentir que ele já a via com outros olhos e piscou para ele com um meio sorriso por sobre o ombro de Jarel num flerte audacioso.

Jarel vira a cabeça e congela por inteiro em ver o vulto do Arcanjo e se volta para Mahren que o estuda seriamente por um instante antes de arquear as etéreas sobrancelhas desafiando-o em contestar, ele tem a cortesia de pigarrear encabulado antes de ele próprio arrancar uma bela e rosada pena e entrega a ela, como um pedido de desculpas implícito.

Ela examina a pena e mais do que rápido arranca outra e ele faz uma careta de dor, ela sorri em se abanar com as duas penas e depois de um segundo ele sorri também.

Sabe de uma coisa. Essa sua falta de sentimentos ainda será a sua perdição.

Jarel move os ombros largos e a brinda com seu mais angelical sorriso a se espreguiçar languidamente;

Não vou cair nessa, Marie.

Já te disse Jarel. Você já caiu e não sabe.

O anjo fica branco e ela solta uma gostosa e abusada gargalhada antes de desaparecer.

O vulto do Arcanjo paira ameaçador às suas costas e Jarel engole em seco. Mahren retorna no mesmo instante e séria encara o Arcanjo por cima dos seus ombros e ele se sente um anão no centro de uma arena de titãs, mas logo o vulto luminoso por trás de si desaparece e Mahren o encara sério a balançar a cabeça reprovando. Ela nada diz e ele também não se atreve em perguntar, e por um momento permanecem calados.

... Ainda descubro o que você fez para deixá-lo tão irritado.

Pode me perguntar, se quiser.

E perder a graça de dizer; mas isso eu já sabia?

Mahren meio que sorri entre séria e ameaçadora.

Sem chance, Jarel.

E Jarel suspira resignado.



Trevon encara a Valquíria sem querer acreditar que tenha sido ludibriado de forma tão abominável, mas ele foi, por dias, por semanas até!

Danikas o encara de volta com a expressão de quem não está para brincadeiras e de leve analisa em torno aos demais guerreiros e torna a sustentar o olhar dele com as sobrancelhas levemente arqueadas como forma de aviso, mas ele não entende a dica e continua segurando seu pulso com o punho fechado como uma amarra de ferro e... Foi inevitável.

Mesmo, de verdade.

Talvez, se não estivesse tão emocionalmente cansada, teria tido sangue frio para reagir com ele de forma diferente, mas se agigantou para cima dele em toda a sua força numa besta de proporção colossal e levantou seu corpo com o máximo cuidado que conseguiu. Odiando o

fato de não ter um par de mãos em sua forma mais animal e sentindo o familiar sabor do seu sangue enquanto levava o seu corpo pendurado em uma mordida frouxa pelas cavernas mais abaixo, aonde poucas horas antes havia deixado suas irmãs.

Ela precisava muito que ele entendesse que elas não seriam resgatadas se ela não fosse como era e saiu pisando duro pela caverna abaixo, mas Danikas o deixa cair a ver a pedra mexida e clama pela irmã, ao ver o estado em que o deixou.

Alegria se materializa ali no instante seguinte e se põe a cuidar de Trevon enquanto sua irmã entra na sela improvisada e solta um suspiro sentido.

Trevon fita Alegria, preocupado em perceber que ela chora lágrimas de sangue enquanto cuida do ferimento entre o seu ombro e pescoço, e Danikas grunhe alto, entre dor e raiva ao ver o estado lastimável que estão suas irmãs de raça.

Os corpos mutilados de quatro machos jaziam sem sangue no canto da cela e o quinto corpo estava sem cabeça um pouco mais adiante no espaço úmido. As fêmeas silvavam ameaçadoras para ela, presas pelas correntes no espaço confinado, e um vulto que se moveu na penumbra da cela chamou sua atenção, de imediato ela se volta e reconhece a cabeça que faltava no quinto corpo a balançar na mão de um macho emocionalmente quebrado envolto pela sombra. Não foi difícil deduzir o que havia acontecido: Ferguz tentou soltar suas irmãs e como não conseguiu, chamou reforços...

— Não, ele não chamou. Quando chegou aqui o inevitável já havia acontecido e você volta comigo agora, Danikas. Não há mais motivo para que fique aqui.

Danikas se deixa cair no chão e encosta a sua fronte no piso frio, humilhada.

Reconsidere Brianis, por caridade, eu faço o que você quiser.

Já está fazendo, Danikas, e continuara independente da sua vontade.

Só até que nasçam as meninas, então. Pelas meninas ao menos.

Proposta errada, Danikas. E se quer saber, eu até permitiria, se não fosse você a ter que pedir isso.

Danikas levanta a cabeça e encontra o olhar implacável de Brianis a sustentar o seu.

É uma guerreira de pouca fé, Danikas. E esse é só um dos defeitos que te faz tão fraca e ineficaz. As crias dele em seu ventre são só um meio para um fim, qualquer uma das suas irmãs pode abrigá-las em seus ventres e me dariam bem menos preocupação, já que agiriam por puro instinto.

E ela verbaliza seriamente;

— Se é isso que te preocupava, não há mais preocupação. Há também as descendentes que ele tem espalhadas pelo globo que também podem receber em seus ventres as meninas, então... Vocês têm o tempo que eu preciso para falar com o rei. Aconselho que o use com sabedoria.

Brianis desaparece e Danikas morde o pulso com violência e retira as chaves banhadas com seu sangue a tremer de dor e as lança com raiva nos pés de Ferguz;

— Já sabe do que elas são capazes.

Sim, ele sabia, e se manteve calado.

Danikas se levanta e lança com pesar um último olhar nas fêmeas que silvavam tomadas pelo ódio e sai da cela encontrando Dêrhon que logo concluiu, havia ido atrás de Alegria e estava inclinado sobre o corpo de Trevon.

Na verdade ele havia seguido a fera em que ela havia se transformado logo que foi informado pelos demais guerreiros, mas o estado que estavam ela e Trevon o fez optar em não contestar. Alegria se levanta a esconder os braços na túnica negra que havia voltado a usar e Danikas a encara a lançar um 'não faça isso' e ela assente a lhe sorrir com tristeza;

— Eu, vou ver como estão nossas irmãs.

Danikas concorda e Dêrhon segue a Alegria, deixando-os a sós novamente. Ela estuda a expressão de Trevon e por pouco, mas muito pouco mesmo, que não cai de joelhos ao seu lado e pede perdão, e é seu orgulho a mantê-lo de pé e ela escuta a si mesma dizer;

— Alegria já consertou o arranhãozinho que eu fiz aí, Trevon. Não tem porque ficar deitado aí, quando a única coisa que está realmente ferida agora é seu orgulho e sim, eu sou mais forte que você, não sou uma mestiça e fui muito bem alimentada na época certa. Não sou uma flor do campo, não sou em nada 'inha' e tampouco um dia conseguiria ser doce como as fêmeas que você idealiza que sejam 'as ideais'.

— Elas, são...

Ela o interrompe com um sorriso carregado de escárnio e vê a fúria cintilar nos olhos escurecidos do macho;

— E é dessas que nascerá suas meninas, seja feliz, Gatinho. Eu já não aguentava mais ter que suportar...

— Cala essa merda dessa boca, Valquíria!

Danikas arqueja por um segundo assustada e logo volta a sua postura beligerante e é ele quem começa;

— Elas são o 'tipo ideal' de qualquer macho, sim! E era o meu também! Até conhecer você, sua megera infernal!

Ah não, não, que merda...

— Pare! Pare!

— Quero você, pelo tempo que for!

— Não, você não quer.

— Quero.

— Idiota, imbecil, quadrúpede energúmeno!

— Viril, gostoso e grandão, nada do que você sempre quis e tudo que sempre fez por merecer. E se sou eu quem tem que pedir a Brianis para você ficar, eu a peço, mas será que pode me ajudar a levantar?

Danikas estende a mão e ao invés dele se levantar ele a puxa para si e rola com ela no chão para ficar por cima beijando-a com volúpia, uma das mãos espalmada em seu seio e a outra bem assanhada deslizando pela lateral da sua cintura a baixo, ela grunhe, mas logo segura a mão atrevida e morde no lábio inferior dele com força a encará-lo em seguida, com os lábios manchados com o sangue dele.

— Mesmo que ela permita, eu não deixarei de ser eu mesma, Trevon. É só o que ainda me resta.

Ele lambe o lábio e torna a colar sua boca na dela em um beijo rápido;

— Eu nunca tive dúvidas de que você era mais forte que eu, Danikas, mas até me ver pendurado pelo pescoço como um filhote de felídeo indefeso, eu não sabia o quanto, e antes que venha com uma das suas gracinhas, eu quero que saiba que mesmo tendo noção do poder

que você tem, é inegável o meu desejo de querer defender você, de qualquer outra coisa, que não seja eu.

— Você, você me chamou de Danikas.

— Esse é seu nome, não? Ainda que eu prefira te irritar com todas as coisas 'inhas' por toda raiva que faz nosso sexo ainda mais explosivo. Eu te chamo pelo seu nome se preferir, ainda que eu prefira Dani, e a chame assim algumas vezes...

— Também gosto de Dani... Quando foram essas algumas vezes?

— Nas algumas vezes em que você foi vencida pelo sono e dormiu em cima de mim, me fazendo de travesseiro.

— Ah merda...

Ela balbucia e logo em seguida desaparece e ele bate com a boca no chão, mas que diabos!

Ele grunhe e se põe de joelhos a chamar por Brianis em pensamento.

Alguns poucos segundos depois e Danikas está na sua frente com a cabeça abaixada e Brianis volta a cruzar os braços sobre os seios;

— Me reservo ao direito de te levar a qualquer dia e hora se me decepcionar ou fugir ao seu real propósito, e você irá sem reclamar.

— Tem minha palavra.

Ela se volta a Trevon a estudá-lo e volta a olhar para Danikas;

— Divirta-se, não fuja das suas obrigações e não se comprometa com o que não poderá cumprir.

Danikas assente e Brianis a encara sério por um instante antes de virar-lhe as costas e seguir adiante a entrar na cela onde estão Dêrhon e Alegria.

Dêrhon tinha usado seu dom e colocado todas as fêmeas para dormir, Ferguz tentava abrir as algemas com as chaves que Danikas lançou em cima dele. Brianis estende a mão e ele entrega as três chaves, ela se volta para Alegria, estudando-a seriamente.

— Estão todas prenhes.

Era mais afirmação do que uma pergunta, mas Alegria assente mesmo assim e continua de cabeça baixa.

— Ótimo. Eu estive a pouco com o rei e soube por ele que uma ala foi separada para elas ao lado da enfermaria. Elas serão hospedadas em câmaras individuais, e terão toda assistência que precisam.

Dêrhon joga os braços para cima, indignado.

— Nada, além disso? Câmaras individuais e assistência que elas precisam? Elas foram violadas sem direito a defesa dentro do nosso território.

Brianis olha em torno com expressão de indiferença e aponta Ferguz com o queixo;

— E elas tiveram seu vingador, não é?

Ferguz abaixa de leve o olhar e se mantém calado. Três dos que estavam na cela, já haviam lutado junto com ele em defesa dos seus iguais e eram considerados guerreiros de honra pelos seus atos. Ele respira fundo e depois se volta para Alegria, mas ela abaixa a cabeça a fugir do seu olhar.

— Elas foram suas próprias vingadoras. Quando consegui entrar os quatro já estavam secos e mutilados, o macho que, machucava uma delas...

— Secou os próprios irmãos, violentou as fêmeas e teve a sua paga pelo que fez perdendo a

cabeça, literalmente.

Interrompe Brianis seca e conclui apontando um e o outro;

— Não se iludam os dois. Essas fêmeas foram criadas, maltratadas e enlouquecidas durante séculos por um único objetivo, e agora elas são uma arma poderosa, que poderá vir a ser usada contra seus criadores.

Brianis chama por Ores mentalmente e ele aparece no mesmo instante. Curvando-se reverente;

— Senhora.

Ela lhe entrega as três chaves e aponta a parede mais ao fundo da cela que se move como um quadro vivo diante deles.

— Seus *Siominus*. Cortesia da Guardiã. Ainda vão precisar ser atualizados e nomeados ao seu gosto e critério e o seu sabor não é muito bom, mas por sua vez eles comem até ossos sob seu único e exclusivo comando.

Brianis aponta com o queixo os corpos mutilados e Ores olha com pesar para as criaturas pálidas e esquálidas que vão se desgarrando da parede e com um gesto discreto ele encobre cada um que vai se pondo de pé ao seu comando mental, com as vestes simples e funcionais que usavam na época de Zarcon, o pai.

Brianis se volta para Dêrhon e Alegria e declara seriamente;

— Ores não os servirá mais como escravo, apesar de ele mesmo discordar, e também será assim com as *Miellens* que decidirem continuar sob o domínio e proteção da Guardiã. Elas só os servirão se quiserem, e como quiserem, mas acho que vocês já desconfiavam que seria desta forma.

Ores orienta os *Sions* sob seu comando e Alegria mantém fixo o olhar no olhar de Brianis tremendo de leve e Dêrhon a envolve com os braços por trás pedindo em baixo tom;

— Vem linda. Vamos deixar os *Sions* trabalharem sossegados.

Brianis aprova com um breve gesto e ela ensaia um sorriso antes de se deixar conduzir com Dêrhon e voltar a encobrir a cabeça com o manto negro carmesim. Brianis se volta para Ores e agradece com um breve gesto e ele assente de volta. Seu olhar prateado cintila na meia luz da cela e ela até que tenta sorrir com simpatia;

— Se tudo seguir como programado, esse círculo maldito se fechará por esses dias.

Ores volta a assentir e ela desaparece dali, enquanto alguns lidavam com a limpeza, os outros se encarregavam de transportar as fêmeas adormecidas para a ala que havia sido preparada para recebê-las.



CAPÍTULO 30

Dërhon retira com delicadeza o capuz que encobria o cabelo da mãe das suas filhas. Ela não contesta, mas continua fugindo do seu olhar, o cheiro agridoce denuncia as lágrimas que banham seu rosto tão belo, e Dërhon deduz que era pelas suas irmãs de raça estar no estado que se encontravam, pelo menos assim ele julgava. Sentia que de alguma forma haviam se perdido um do outro, que ela estava mais distante a cada dia, desde que se conheceram, mas ainda não tinha certeza de como, ou se realmente queria se aproximar tanto emocionalmente.

Ele a aperta em seus braços com carinho e desliza a mão em suas costas esguias e aveludadas pela textura do manto que a encobria e ela esconde o rosto no seu peito umedecendo sua camisa com lágrimas silenciosas.

Ele e somente ele que por muito pouco não matou Ailin com seu ato feroz e impensado e sabia que tinham que conversar sobre isso entre outras coisas, mas ela escolhe esse exato momento para levantar a cabeça e encará-lo com seus olhos prateados e úmidos e sorri com tristeza;

— É um macho de muito valor, senhor meu. O que fez e continuará fazendo por todas nós não tem preço.

— Alegria, eu, eu...

Alegria desliza a mão no seu rosto e o brinda com seu melhor e mais iluminado sorriso e ele deita o rosto na mão que o acaricia chegando a fechar os olhos em deleite, ela fica na ponta dos pés e lambe sua boca com delicadeza.

Dërhon meio que sorri sem querer e ela cora total e estupidamente envergonhada, mas era impossível de resistir, seu gosto era muito bom e seu cheiro então...

Desculp...

Ele não a deixa concluir, cola a sua boca na dela em um beijo sedento e cheio de volúpia e se desmaterializa com ela na direção do seu quarto. A hora de conversar veio e se foi. Pelo seu comando mental ele prepara algumas surpresas ainda enquanto a está beijando e ela amolece toda em seus braços, ele não dá tempo para ela pensar. A urgência da sua necessidade o obriga e em pouco tempo ele a despe e despe a si mesmo deitando-a na sua cama sobrepondo-se sobre o corpo dela, a admirar as feições afogueadas.

Era mesmo linda a mãe das suas filhas e o seu rosto corado de desejo era mesmo o paraíso diante dos seus olhos e ao alcance das suas mãos.

Um pensamento fugaz tenta emergir a assombrá-lo, mas ele logo o espanta para o fundo da sua mente e se concentra na beldade feminina sob seu corpo.

Sua mão livre desliza pelo pescoço macio e seios volumosos, mas quando alcança a sua barriga e desliza pela leve protuberância que começa a se formar ali, o pensamento volta a assombrar com força e ele congela deitando ao seu lado de costas na cama com o braço por cima dos olhos fechados.

Alegre engole em seco por um instante, indecisa, e uma declaração da sua *mair* Danikas lhe vem à mente:

... É sexo Ale. Só sexo é o que podemos dar e esperar deles. Esperar por mais que isso, só nos fará sofrer, e a eles também.

Danikas estava triste e no íntimo também queria mais, mas o que disse não era mentira, essa era sua realidade e a da sua irmã. Alegra sente o cheiro do desejo no ar e decide acabar com o conflito de Dërhon sobrepondo-se sobre o seu corpo e subjugando-o à sua vontade.

Dërhon treme por inteiro e grunhe de prazer com os beijos úmidos que estão sendo espalhados pelo seu peito em sentido descendente e sente a cortina sedosa dos cabelos dela deslizando pelos seus flancos como uma doce e aveludada carícia, mas ele a segura pelos ombros e a afasta de si de súbito em entender que estava chorando e ele se afasta ainda mais, deixando-a ajoelhada e sozinha em cima da sua cama.

Dërhon meneia a cabeça em negação e balbucia um pedido de desculpas desaparecendo do quarto em seguida.

Grande bosta de otário que era, isso que sim!

Ele olha para baixo e vê o próprio membro murchando, como se concordasse ou estivesse cansado demais para contestar o seu julgamento.

Com um único comando da mente as torneiras da banheira de hidromassagem são abertas ao mesmo tempo em que as da pia e ele joga um pouco da água fria no rosto suspirando profundamente e se encarando pelo reflexo do espelho à sua frente. Ele vinha lembrando muito de Kassia, o desaparecimento dela doía ainda mais do que o desaparecimento de Xstrauss ou dos demais e agora, com as fronteiras aumentadas e uma merda de entidade inimiga declarada e furiosa atacando com tudo o que tinha para cima deles!...

Era até compreensível que o Empolgadão não estivesse assim, tão empolgado!

Não era cego ou surdo o bastante para não entender que Alegra se entregava com emoção genuína, e talvez isso tenha ajudado um pouco, mas merda... O seu pulso escolhe esse exato momento para coçar lembrando-o que também tinha sido biologicamente alterado para defender a si mesmo e aos seus.

Também a nós, senhor.

— Dërhon, Alegra. Por favor, nós... Já passamos desse ponto não acha?

— Dërhon... Sim, eu, nós, já passamos desse ponto.

Alegra se aproxima totalmente nua e desliza suavemente a mão nas costas largas e definidas dele e examina o reflexo dos dois pelo espelho, ela mais baixa e bem mais clara e ele tão forte e poderoso...

Ela sorri de um jeito diferente ao olhar para si mesma pelo reflexo, ela era e não era parecida com suas irmãs de raça, mas não podia negar o sangue que corria em suas veias e ela prende o olhar perscrutador de Dërhon ao seu pelo reflexo e declara em baixo e emocionado tom de voz;

— Eu achava que estava apaixonada por outro macho, por muito tempo eu, desejei que ele simplesmente olhasse pra mim e, sonhava com ele, mas era só um sonho. Eu amo você, Dërhon. Amo tudo em você de verdade. O seu gosto e o seu cheiro, o seu jeito sem jeito que me faz rir mesmo sem querer e, o jeito que me inflama por dentro quando me toca e me abraça... Sei que o que sente por mim não é recíproco, e até acho melhor que seja assim. Chego às vezes a me contorcer por dentro de tanto ciúme, e preferia de verdade não ter me

apaixonado por você, mas aconteceu...

Ah não, não, estava tudo errado!

Ele estendeu a mão pra tocar e ela se afastou dando um passo para trás.

— Alegria, você não pode simplesmente jogar isso tudo na minha cara e não deixar que eu toque você.

Ela ficou parada no mesmo lugar como se o desafiasse e duas grossas lágrimas rolaram no seu rosto tão bonito, mas ele permaneceu estacado, plantado no chão sem nem ao menos entender porque não conseguia se mexer. Mais lágrimas rolaram e ela as seca suavemente com as costas da mão e diz baixinho com a voz ainda mais suave que antes;

— Posso fazer muitas coisas, Dêrhon. Tenho me dado conta disso no pouco tempo que estou aqui e, do fundo do meu coração, eu desejo que você seja feliz. Que ela esteja viva e que volte... Seja feliz Dêrhon.

Ele avança para frente, no intuito de alcançá-la.

Tarde demais.

Por pouco não dá com a cara na parede e quando sai do banheiro é firmemente segurado por trás e assiste impotente a mãe das suas meninas. A fêmea encantadora que acabara de dizer que o amava, coberta pelo manto escuro dos pés a cabeça e desaparecendo do quarto.

O vulto poderoso que o segurou por trás o empurra, fazendo com que bata com a cabeça na parede, e ele sente ainda alguns chutes contra suas costelas antes de tudo escurecer.

Alegria, ele sussurra, mas a imagem que lhe vêm à mente é de Kassia, e na sequência ele perde totalmente os sentidos.



Elijáhrm retira com impaciência a teia de aranha que se grudou nos seus cabelos e ruma uma maldição. Havia perdido um pedaço de campo considerável para a maldita da caída, por pouco não perde a sua liberdade e agora, tinha que se esconder como uma fugitiva num buraco fétido com três filhotes igualmente fedidos de nefilins por companhia! Eles não se gostavam, ela não se iludia quanto a isso, mas eles tinham um acordo tácito entre si e com ela. E ambos compartilhavam o mesmo desejo.

Acabar com a raça dos *Aehmons*.

A cada droga de hora que se passava ela recebia e sentia em seu corpo, as micro explosões de energia de cada criatura destruída que passaram milênios de anos modelando para um fim, que nunca acontecia como pretendiam.

Um brilho de fúria inflama os olhos quase transparentes dela ao considerar; seria um golpe certo, se o macho que ela conseguiu aliciar não fosse tão teimoso e pegasse gosto pela matança que poria a maldita em maus lençóis, mas por mais que ela se esforçasse em mudar a tática, a maldita Mahren sempre acabava tirando vantagem e parecia estar um passo à sua frente, mas agora ela ia atacar com tudo que ainda tinha e nem pensou duas vezes ao se encaminhar para a porcaria da mesa e rasgar os próprios braços por sobre os potes de vidro transparentes que estavam ali.

Havia poucos animais fêmeos sob seu poder e agora ela era uma fugitiva que havia sido descoberta, teria que prevenir-se para não ser pega antes de concluir com a sua vingança e

provocar o maior estrago possível. O seu último ninho de fêmeas tinha sido saqueado e as criaturas que às vigiavam e doutrinavam foram destruídas, mas eles iriam pagar caro e com sorte, com as próprias vidas.

Orion se aproxima com prudência e reposiciona os potes que já estavam quase cheios da seiva prateada trocando-os por outros vazios...

Ratos...

A sua energia imortal seria inserida em míseros e nojentos ratos desta vez e isso a estava deixando realmente enojada, mas Orion já tinha feito a mesma experiência antes e as coisinhas abomináveis e insignificantes procriavam em múltiplos de oito a cada três meses e já contavam com um pouco mais de 100 filhotinhos para alguns dias e pouco mais de oitenta dos seus irmãos já estavam em estágio adulto de evolução.

Todos machos e prontos para o ataque e estes estavam muito bem guardados não muito distantes dali no subsolo.

Estando cheio a segunda leva de potes, ela passa a unha comprida em tom de rosa choque sobre seus ferimentos, os cicatrizando-os imediatamente, e lambe a unha encarando Orion com escrutínio debochado. 24 999087848

Orion solta um sorriso torto enquanto tampa os potes e ela desliza a mão no colo logo acima dos seios. O corpo másculo dele responde e na mesma hora ele fica ereto e os outros dois soltam o ar enfiado ao se levantarem.

Certa vez eles se voltaram contra ela e tentaram prendê-la subjugando-a a vontade deles, mas o resultado não foi exatamente o que esperavam. Eles até conseguiam sangrá-la, mas contra a sua vontade os filhotes gerados com seu sangue não vingava ou quando vingavam não ultrapassavam a fase da primeira infância, mas com o tempo eles mudaram a tática de persuasão e logo após fechar o compartimento que conservava a energia dela, Orion e os outros dois se aproximaram solícitos e ela se abriu para a diversão.

Sentou sensualmente sobre a mesa e prendeu a respiração enquanto eles faziam o que imaginavam que queriam com seu corpo. O desconforto que Orion sentia do que se via obrigado a fazer aumentava ainda mais o prazer dela e era ele quem ela mais provocava. Já os gêmeos Narum e Zhelter conseguiam fingir um pouco mais e eles já haviam descoberto o quanto ela podia ser perigosa quando queria. Eles estavam ligados uns aos outros em mesma sintonia e dependiam dela para alcançarem seus objetivos, mas ela era a única que realmente era indispensável no jogo.

Elijáhrm lança Zhelter contra a parede e os outros dois se afastam com as mãos ao alto. Ela se veste rapidamente e salta da mesa com os sentidos apurados a abrir um sorriso malicioso e morder o lábio inferior;

— A boa filha a casa torna...

Elijáhrm desaparece e Orion troca olhar com Narum que assente sério a limpar a boca, enojado, e mescla a sua assinatura imortal a segui-la, acompanhado por Zhelter.



Antes que seus pés tocassem o solo, ela já havia tomado sua forma humana. Sobrevoar a floresta e as montanhas foi um alívio para a dor que se abrigara em seu peito como presença

física e asfixiante que a impedia de respirar direito desde que saiu da mansão. Só que agora a dor voltava com mais força, como se tivesse acumulado em seu peito durante o voo e extravasasse em única e forte explosão em sua forma mais humana.

Sem saber que era observada de longe, ela se permitiu chorar toda dor que a fustigava por dentro com ambas as mãos no próprio ventre. Em menos de uma hora o astro estaria despontando no horizonte montanhoso, e se não conseguisse se acalmar para se transformar ou desmaterializar, teria que encontrar um abrigo subterrâneo para proteger-se dos raios mortais.

Elijáhrm observou ao longe e em torno, desconfiada de que fosse uma emboscada, a fêmea estava sozinha e tudo parecia fácil demais, ela sinalizou para Orion e Zhelter e eles cercaram o perímetro e confirmaram. Ela estava sozinha e Elijáhrm sorriu friamente.

Não por muito mais tempo.

Alegre se levantou de súbito com o silêncio repentino dos animais nas imediações e examinou em torno à floresta sombria e silenciosa, mas não teve tempo de desaparecer ou fugir quando o vulto negro se agigantou sobre si e a agarrou pelos cabelos forçando-a ajoelhar.

O *Onigeun* queimava em sua nuca enquanto era inspecionado pela entidade que a ascendera e a necessidade de defender as meninas em seu ventre a fez lutar com toda sua força para se libertar.

A fêmea insignificante a mordeu no pulso fugindo em seguida e por um segundo de pura ira, Elijáhrm pensou em destruí-la ali mesmo, mas se usasse seus poderes isso a delataria aos guardiões superiores, então ela ordenou aos seus asseclas que a perseguissem e eles tiveram a mesma cautela para não se denunciarem mesclando as suas assinaturas.

Ela precisava se acalmar. Precisava...

O seu coração estava batendo em disparada e arfava ciente de que estava perdida, mas continuava a correr pela floresta cada vez mais fechada à sua frente, seus pés descalços já estavam em carne viva e o silêncio dos animais noturnos a aterrorizava.

De repente ela parou.

A breve consciência de que estaria levando o inimigo para dentro do condomínio a fez parar no mesmo instante. Estava ofegante e o batimento do seu coração começava a acalmar-se aos poucos. Não deveria ter se afastado tanto do terreno seguro, mas agora não havia tempo para arrependimento.

Ao perceber que alguns dos guerreiros que havia curado estavam na mata à sua busca, usou o pouco de energia que ainda lhe restava para impedi-los de encontrá-la e fez com que o solo se abrisse sob eles e protegesse seus corpos adormecidos antes de perder por completo os sentidos.

Zhelter e Orion se entreolharam calados e Zhelter se afastou.

Orion seguiu adiante e levantou o corpo feminino leve e esguio, ao pressentir a presença e o escrutínio de Elijáhrm sobre eles, e depôs a fêmea desfalecida em seus ombros.



CAPÍTULO 31

Dërhon invade aos aposentos do irmão tomado pela ira e rosna em vê-la abraçada a ele, avançando para cima de ambos em seguida.

Zarcon prevê a sua reação e o lança contra a parede com um golpe igualmente furioso montando em cima dele em seguida, segurando-o pelo cabelo a socar repetidamente com a sua cabeça no chão do quarto a vociferar;

— Ela não precisava passar por isso, seu imbecil!

Dërhon silva e inverte a situação dominando seu irmão e Brianis transforma-se, duplicando seu tamanho ela o levanta rendendo-o e lançando seu corpo no outro flanco do quarto.

Dërhon sacode a cabeça atordoado e reconhece nela o cheiro do vulto que o impedira mais cedo de seguir atrás de Alegria, mas ela é mais rápida que ele e mais uma vez ele é arremessado e em seguida esmagado contra o colchão da cama do seu irmão. Não satisfeita em segurá-lo pelo pescoço, ela usa a outra mão e desfere um golpe em cheio no seu nariz que faz suas órbitas revirarem e o ar lhe faltar.

Maldita desgraçada!

A sua primeira providência logo que voltou a si, foi tomar o rumo em direção à casa de Ailin, mas Alegria não esteve lá, não estava em lugar algum do condomínio e ele só pode concluir que a maldita à sua frente a havia levado de volta.

— Antes fosse.

Dërhon vê Brianis olhar para o seu irmão e ele assentir com pesar e antes que piscasse, estava totalmente preso em uma manta de aço com os braços e as pernas abertos sobre a cama do irmão.

Dërhon lutou contra as amarras que o prendia e rugiu ameaças, mas estava totalmente impotente e algo em seu íntimo alertava que se não se controlasse poderia facilmente ser amordaçado também, e isso de nada ajudaria a mãe das suas filhas.

Brianis encara o rei e os seus olhos turvam avermelhados.

— Suas filhas estarão a salvo, Dërhon.

Ela continua encarando o rei enquanto diz e o quarto se torna gélido como seu humor quando assente ao seu pedido mudo e ela desaparece.

Dërhon se sacode sem sucesso e replica em tom de ameaça;

— Não acredito nessa vaca, me tire daqui Zarcon!

— Não me peça isso, Dërhon. Eu não posso e, eu não vou.

— Vocês se tornaram amantes.

— Acredite nisso se quiser.

— Não quero acreditar em porra nenhuma! Essa vaca esteve no meu quarto e me impediu de seguir Alegria!

— Não foi assim, escute Dërhon. Brianis não teve escolha e ela sofre mais que qualquer um de nós com tudo isso...

Zarcon se senta aos pés da cama quando Dërhon sorri com sarcasmo e passa a mão no rosto cansado.

— Esqueça Alegria, Dërhon.

— É a mãe das minhas filhas!

— Sim, e assim ela será lembrada, mesmo que nunca mais volte.



Arthorm mantém a cabeça abaixada com o olhar fixo no chão e Kassia abaixa a mão fechada em punho que usaria para bater nas portas duplas do rei e se vira para Ores.

— Mãe, das suas filhas.

Ores assente devagar;

— Sim senhora.

— Oh céus...

Zarcon pisca algumas vezes atordoado, mas logo se recompõe. Kassia está ainda mais exuberante do que quando ele a vira, meses atrás.

Ela sorri e Aleesha contém o ímpeto de levantar a mão na direção do rosto de Zarcon. Kassia dá um passo atrás, posicionando-se mais perto de Arthorm e Aleesha não só entende seu ato como concorda e aquieta-se, intimamente grata.

Em pouco tempo ambas estão a par de tudo que havia acontecido durante sua ausência e instintivamente recosta-se no corpo forte e másculo de Arthorm, deixando mais evidente a ligação existente de ambos.

Uma dor inexplicável perpassa como uma adaga afiada no centro do peito de Zarcon, mas ele se obriga em sorrir e assentir.

Era evidente na postura instintiva e no aroma do jovem guerreiro que estava vinculado e totalmente comprometido com a fêmea que deliberadamente o protegia posicionada à sua frente, entre ambos. Kassia não poderia ter feito escolha melhor. O jovem guerreiro era um macho de boa índole.

Isso não deveria doer.

Caralho, estava doendo assim mesmo.

Kassia se volta para Arthorm comunicando-se mentalmente;

Sei que se sente desconfortável, Art. Mas, talvez seja melhor mesmo que fiquemos no seu quarto.

Arthorm hesita e ela sorri dentro da sua mente enviando imagens do seu quartinho de estudante alugado de outrora.

Consegue sentir como o simples é ainda mais capaz de me fazer feliz?

E era a mais pura verdade. Enquanto ainda acreditava ser humana com prazeres que cabiam em seu parco orçamento, ela foi realmente feliz.

— É bem vinda de volta, K. E ao jovem que escolheu também, Ores...

— Nós iremos ficar no quarto de Art. — ela o cortou e sorriu educadamente.

— Ele tem uns jogos e livros que acredito que vou gostar e eu vou estar mais perto da ala para onde foram levadas e hospedadas as minhas irmãs de raça. Elas irão precisar da assistência que estou qualificada a dar, se o senhor não se opuser.

— E se eu me opuser? Está, prenhe e...

— Elas também, pelo que entendi.

— Eu percebi.

Zarcon também havia percebido outras mudanças e concentrou-se para não engolir em seco quando viu os olhos dela cintilarem em branco por um instante antes de voltarem ao tom definitivamente prateado. Não mais multicolor como antes.

— Não o sentimos mais entre nós.

Kassia engole em seco a assentir, sabendo que Zarcon se referia a Xstrauss, mas de súbito ela gira o corpo lançando o de Arthorm contra a parede e se choca plenamente transformada contra a besta que voava em sua direção a rugir feroz no extenso corredor e desaparecendo com ela em uma explosão de luzes que deixa os machos atordoados por um breve instante. Arthorm é o primeiro a rugir uma imprecação e desaparece seguido pelo rei e por Ores.

Em consideração a Aleesha, Kassia opta em materializar-se com a fera no largo subterrâneo, onde acreditava que poderia contê-la sem maiores prejuízos e chegar a um consenso. Em um breve contato ela entendeu o que movia a sua irmã em atacá-la, mas num descuido seu, ela avançou na direção de Arthorm e isso ficou muito pessoal.

Ela rugiu alto em aviso e agigantou por cima da fera levantando o seu corpo e arremessando-o no outro extremo do largo, num átimo de segundo estava sobre ela e quebrava a ambas as patas inferiores como se fossem palitos de picolé.

Zarcon foi contido por Brianis enquanto Danikas gania com as dores excruciantes e ficou relativamente indignado com o brilho de orgulho que viu em seu olhar prateado.

Elas não vão se matar, meu rei. Kassandra, não recebeu esse nome à toa, pela nossa amizade, não interfira. Ela sabe o que faz.

Trevon aparece no mesmo instante em que Brianis desaparece e ele ruge possuído a avançar para cima da besta que está atacando sua fêmea e ela gira o corpo golpeando-o na altura do peito com a cauda enorme e cheia de espinhos lançando-o ao chão. Com passos duros e socados segue em sua direção e ele assiste o seu fim refletido no olhar da besta.

Ela o levanta pelo pescoço e Danikas grita aterrorizada, a fera a fita friamente e Trevon ruge de dor engasgando quando têm ambos os braços e as pernas quebrados. Seu corpo é arremessado em cima do corpo de Danikas e ela o abraça tentando se colocar por cima dele a defendê-lo.

Kassia volta à forma humana, mas seus olhos continuam frios e ameaçadoramente brancos. Arthorm engasga com o sangue que emerge da sua garganta e ela caminha em sua direção abaixando-se ao seu lado a sussurrar com voz de ternura;

— Vai ficar tudo bem, Art.

Zarcon vê o macho engolir e ensaiar um sorriso a tranquilizá-la e fixa o olhar em outra direção quando percebe que ela vai beijá-lo.

O ciúme o estava corroendo por dentro e ele se negou a engolir seco e demonstrar a fraqueza que o engolfava, pensou seriamente em sair dali, mas isso também seria fraqueza.

— Melhor?

Arthorm assente e Kassia acaricia o rosto dele antes de se levantar e seguir na direção de Danikas e Trevon.

— Eu estava lá Danikas, sei o quanto você sofreu quando se deu conta da verdade e odiei os seus algozes na mesma medida que eu odiei você pela sua fraqueza.

Oi?

Danikas arregala os olhos de um tom um pouco mais escuro de prata e Kassia sorri com frieza assentindo de leve;

— Águas passadas, certo? De que adiantaria a Trevon saber que você abriu mão do que pode dos seus poderes, e se deixou ser presa de novo pelos mesmos imbecis que havia torturado a ele e aos seus irmãos mais velhos, pelo quê? 200, 300 anos seguintes? Ahn não, foram 253 anos de tortura auto imposta. 146 anos a mais do que fez sofrer os irmãos dele...

Kassia assente reflexiva e volta a sorrir com um brilho estranho no seu olhar dirigindo-se diretamente a Danikas em pensamento;

Eu fiz um pacto com a maldita que nos ascende e permiti que meu corpo físico fosse alterado para vingar a sua morte, Danikas. Nós todas fomos manipuladas pela peçonhenta, e isso tem que acabar.

Como?

Você também sabe como.

Não... Espere, isso não.

Kassia solta o ar impaciente e lança o braço em torno;

— Não me refiro a eles, mas aos outros, os que você e nossas irmãs resgatadas sugaram!

— Danikas. — interpela Trevon.

Danikas encara Trevon um instante e faz uma careta carregada de remorso, Kassia contemporiza em tocá-la de leve;

— Não precisa se envolver nisso, Danikas.

Danikas assente tocando no torso de Trevon e balbucia na língua dos seus ancestrais

— *Sinto muito, Trevon.*

Danikas passa a mão em seu rosto e Kassia estende a mão para Ores no mesmo instante em que Trevon grunhe de dor. Ores entrega as chaves e ela o pede em pensamento que cuide de Arthorm, faz uma breve e estranhamente familiar reverência a Zarcon e desaparece seguida por Danikas.

— O que elas pretendem, Ores? — pergunta o rei ao se aproximar.

Ores estuda a expressão implacável do seu rei por *Deirn* e solta o ar antes de responder;

— Trazer a menina Alegre de volta, senhor.

Trevon tenta desmaterializar e constata que está preso por vários dos seus pontos vitais no chão úmido do largo. Ores aparece do nada com um travesseiro em uma das mãos e ele grunhe;

— Não se atreva, maldito.

Ores assente e mesmo assim o travesseiro aparece por baixo da sua cabeça. Trevon sente o macio quando bate com as costas da cabeça no chão e ruge alto, profundamente indignado com toda a situação.

Kassia meio que sorri dele ao abrir todas as portas de uma só vez e o seu sorriso esmorece ao ver as fêmeas esqueléticas e animalizadas que saem ferozes e ameaçadoras dos seus respectivos quartos.

Uma a uma vão encolhendo temerosas quando instintivamente a reconhecem e se ajoelham

em total subserviência diante das suas portas no corredor branco e asséptico da ala que foram destinadas.

Kassia se apieda do estado que estão suas irmãs e conforme vai passando no corredor, vai deslizando a mão em cima das cabeças abaixadas das fêmeas, que tremem de leve com o seu toque.

Danikas ainda a observa com assombro e pouco tempo depois alguns *Sions* aparecem a amparar as fêmeas que vão quedando desmaiadas e às levando de volta aos seus respectivos quartos.

Kassia continua de costas enquanto as últimas fêmeas são levadas de volta aos quartos e olha o próprio pulso onde a parca energia que elas conseguiram consumir das criaturas que por tanto tempo as torturara era acrescentada a sua pela farpa biologicamente inserida ali, ela sente Danikas aproximar-se devagar e engole as lágrimas que teimam em brotar, com sua decisão tomada.

Danikas é mais rápida dessa vez e antecipando a sua ação segura em seu braço e espeta a si própria na altura do coração.

Era difícil explicar pouco mais de um milênio de convivência, mas as lágrimas que brotaram espontâneas no rosto de ambas refletiam em parte, o passado que ambas queriam deixar no passado.

Danikas sente a lança retrair do seu peito e Kassia desliza a outra mão no seu rosto enquanto seus olhos turvam e a ampara antes que caia no chão beijando-a na fronte e entregando o corpo desfalecido nas mãos do *Sion* silencioso e servil.

Antes de sair do condomínio ela faz duas visitas rápidas e tanto Ailin quanto Dërhon se sentem beijados na fronte.

Ainda seria dia por mais duas horas, mas ela chamou por Zarcon em pensamento e a terra tremeu de leve sob seus pés. O céu não se fechou, mas uma tênue fenda se abriu no solo e ela acabou sorrindo a reclamar;

— Não sou tão magrinha assim, mas dá pro gasto.

Do que está falando?

Ahn, bem, ela sentiu nesse instante que Zarcon estava decidido em não ajudar, mas agradeceu assim mesmo a alterar a estrutura do próprio corpo e seguir pela fenda que se abriu no solo ao abrigo da luz indireta do sol da tarde para a noite.



Orion levantou o rosto para a porta arreventada e imediatamente cobriu os olhos com o antebraço diante da luz que adentrava, por trás da figura que o cegava ele teve um breve vislumbre do corpo enegrecido e esguio da maldita caído ao chão e imaginou que com sorte esse também seria o seu fim, mas a entidade que invadiu seu refúgio improvisado diminuiu a intensidade da luz em ver a fêmea banhada com seu sangue e o sangue da maldita em cima da mesa, e no segundo seguinte ele era preso contra a parede e sentiu algo espetando a sua jugular.

Zhelter e Narum foram a primeira visão que ele teve ao abrir os olhos, os dois também

estavam extraordinariamente enfraquecidos e deitados no chão ao seu lado. Ambos já estavam decididos em acabar com todas as iniquidades de Elijáhrm há muito tempo, mas a maldita antecipou tudo quando lançou sem piedade a fêmea no ninho dos machos adultos. Seu olhar seguiu de imediato na direção do cofre que sempre mantinha fechado e a porta estava aberta. O cofre que guardava a seiva da maldita caída estava vazio e ele tentou levantar, sem sucesso.

Eles estavam cansados de verdade e não era só fisicamente. Havia muito que os três irmãos tinham total consciência de que não eram mais animais irracionais que seus ancestrais criaram que estavam tentando destruir. Em algum momento dessa jornada o objetivo deixou de ser o mesmo para eles.

Ainda queriam a liberdade de ao menos coexistir sem medo, sim, mas há muito tempo que pouco importava pelo reconhecimento de algo ou alguém superior que sequer tenha tomado conhecimento de que eles tinham sentimentos, ou de suas malditas existências.

Estão enganados, ou melhor, equivocados.

Ambos os três levantaram a cabeça na direção da voz e engole em seco ao mesmo tempo. A entidade levemente etérea aponta o bilhete grampeado na camisa de Orion e desaparece deixando-os cientes de que era ela a fonte de luz no cômodo onde se encontravam.

A chama de uma única vela é acesa iluminando o ambiente e o rosto envelhecido do homem de baixa estatura que a segura. Orion leva a mão no próprio rosto, incrédulo, ao reconhecer os traços do velho que já imaginava estar morto há tanto tempo e ele deixa a vela ao seu lado e levanta a tomar o rumo em direção à porta destruída.

— Ores. Ainda te chamam assim?

Ores se volta a encará-lo e assente devagar. Orion engole e desabafa;

— Eu fiz tudo que podia. Venho lutando todo esse tempo para vingar a sua morte. Zhelter e Narum também pela sua mãe.

— Nunca se perguntou o porquê dentre os seus, fostes o único a nascer sem irmãos naquela época?

Orion sustenta o seu olhar seriamente a responder;

— Sempre. Por toda a minha maldita existência.

Ores assente reflexivo e fita as sombras bruxuleantes na parede;

— Eu vendi minha alma ao seu pai pela vida da minha única filha, sua mãe. Ela sobreviveu ao parto, mas voltou contra mim, quando descobriu que seu martírio nunca teria fim. Eu a condenei com a vida, e ela me retribuiu com a mesma moeda, condenando minha alma a vagar na terra e à servidão. Faz pouco tempo que consegui libertá-la, e ela terá uma nova chance no mundo dos mortais. — ele olha para os seus dois companheiros e torna a ele — A mãe de Zhelter e Narum há muito que já ascendeu desse mundo e era ela quem estava aqui e pediu para cuidar de vocês, se me permitirem.

— É um anjo? A nossa mãe, é, um anjo? — perguntam Zelther e Narum.

— Não sei como denominam lá, mas creio que esteja bem próximo. Eu preciso deixá-los agora, mas se me permitir, volto em algumas horas com provisões mais adequadas às suas necessidades.

— Ores.

— Sim?

— A fêmea que estava aqui. Ela sobreviveu?

Ores assente mais uma vez e vê a expressão de alívio estampada nas feições de Orion.

— Teria dado a minha vida por ela.

Um sorriso brinca sorrateiro nas feições de Ores em corrigir;

— Ambos tiveram as vidas poupadas justo por terem lutado por ela.

Havia um traço de orgulho em suas palavras e Orion não sentiu um único resquício de ressentimento dele com relação ao seu nascimento.

— Então devemos nossas vidas a alguém.

— E ela deixou bem claro que tem como encontrá-los, um a um se não se comportarem. Agora, com sua licença.

Ores se inclina brevemente e desaparece. Orion abre o bilhete e meio que sorri em sentir o aroma mágico que exala do papel.

Se ainda estão vivos é porque tiveram a sorte de estarem lutando para salvar minha irmã, mas não há nada que me impeça de encontrá-los e acabar com cada um, se me convencerem de que foi um erro meu poupá-los, e foram vocês que me deram as armas necessárias para isso. Ainda estou enojada com tudo que fizeram antes e possivelmente vou demorar alguns centênios para digerir ou justificar suas ações, mas por Alegria, sinto que fizeram por merecer algo de mim, e isso é o que posso dar: Zhelter e Narum são seus irmãos por parte de pai. O pai da sua mãe é alguém que tenho em alta estima e ambos os três ainda serão relativamente imortais, mas me dei à liberdade de realizar um dos seus mais íntimos desejos, e seus poderes foram razoavelmente embotados. Seriam quase humanos, se não fosse um efeito colateral que achei merecido. Ambos terão, de agora em diante, a mesma sensibilidade com raios solares, só não têm a necessidade de ingerir sangue, mas também terão que apelar pelo solo quando machucados, já que o sol também pode ferí-los, ou podem recorrer a mim. O que francamente não recomendo que façam nos próximos centênios ou/e principalmente se, com intenções malignas. K.

Orion sorri e estende o bilhete ao lado na direção de Zhelter e Narum.



CAPÍTULO 32

Zarcon se materializa na entrada da ala aonde a movimentação silenciosa dos *Sions* vem ocorrendo sob a supervisão e orientação de Kassia e a encontra no último quarto ao fim do corredor com uma veste estranha. Ela trabalhava de pé em frente a uma mesa com vários papéis espalhados e parecia inconsciente ou indiferente à sua presença e ela interrompe seus devaneios.

— Nem uma coisa nem outra, meu rei.

— Zarc. Por favor.

— Zarc — ela repete e finalmente tira os olhos dos papéis fitando-o de relance — As últimas horas foram um tanto abafadas e, Ores chegou a pedir autorização para... — ela pigarreia e aponta em torno.

Ela se referia à mudança realizada na ala das fêmeas, e ele assente rapidamente;

— Sim, sim eu autorizei. Gostaria que se sentisse em casa aqui K, e, ahn... Você esteve lá fora e...

— Voltei inteira. — ela o corta sistematicamente.

— Certo.

Não, não estava nada certo, ele queria saber o que não podia ler nela e, ela parecia triste e, ele confuso...

Kassia junta alguns papéis em uma pilha e respira fundo;

— Eu saí daqui preparada para não voltar pela segunda vez nessa vida. Eu acreditava que estava disposta a acabar com a raça da maldita que nos ascende e se fez passar por Mahreen, ou me perder no processo, mas alguém chegou lá primeiro. O sangue dela estava preservado em duas dúzias de potes e eu os absorvi, assim como a energia dos seus partidários, os descendentes de nefilins, mas eu não consegui...

Kassia respira fundo e recosta na mesa a passar a mão no rosto;

— Estou grávida e acho que, tirando as anomalias que fazem de mim uma criatura mais forte nesse período: os meus hormônios e meu lado emocional estão sujeitos às mesmas intempéries que qualquer outra mulher sente. Havia um ninho de machos adultos e eu não consegui, eu os coloquei para dormir, absorvi deles só o necessário para que não consigam acordar nos próximos milênios, mas eu... Eu, não...

— Não é uma assassina.

— Não sei. Realmente, não sei. Tenho certeza de que seria capaz de matar para defender aos que amo. Mas, de propósito não.

Duas lágrimas rolam em seu rosto e ela até tenta sorrir para amenizar o clima. Ver a situação em que Alegria estava quando a encontrou, havia abalado a sua estrutura mais que qualquer coisa antes.

Um maldito soluço escapole e logo depois outro.

Zarcon deixa escapar um gemido sofrido e no segundo seguinte eles estão se abraçando e as

suas bocas se encontram.

Bem no meio do caminho, como antes.

Ele continua guloso como da primeira vez e todos os seus nervos entram em ebulição na mesma hora, suas mãos estavam mais ousadas e subiam pelas laterais do seu corpo por baixo do seu jaleco e queimavam onde tocava, seu sutiã foi aberto em um estalo e o micro barulho foi o suficiente para alertá-lo do que estavam fazendo e ele tentou se afastar.

Ahn, ahn. Não dessa vez.

— Sem desculpa Zarc.

— K, eu... A merda, não.

Ela tira a parte de cima com sutiã e tudo e ele grunhe olhando em torno de repente, o seu membro latejando por atenção dentro da calça. Mesa. Parede, cama suspensa... Ele grunhe novamente e balança a cabeça um tanto desesperado. Logo em seguida a fêmea está em seus braços e o restante das roupas simplesmente somem.

Ela o apertou contra parede e no instante seguinte ele a prensava contra a mesa, os papéis voaram e ele abocanhou um dos seios, no mesmo instante que acariciava o outro com sua mão enorme, a mão delicada alcançou seu membro latejante e o guiou na direção do centro úmido e receptivo e ele grunhiu rouco e alto contra o pescoço dela quando a penetrou.

As mãos largaram os seios e deslizou pelas laterais alçando as suas costas e levantando-a da mesa. Cama, ou a miniatura de uma, ele não sabia ao certo, mas a textura ao menos era macia e um pouco mais confortável do que a mesa e a deitou ali enquanto a penetrava.

Os cabelos longos se soltaram do coque improvisado em uma bela cortina de seda a refletir seus vários tons em contraste com o lençol branco, sob a luz artificial do quarto, e ela o envolvia com as suas pernas firmes e delgadas com força, como se temendo que ele fosse fugir e ele meio que riu e grunhiu ao mesmo tempo enquanto a estocava cuidadosamente e voltava a dar atenção aos seios macios com as mãos enquanto mordiscava de leve e saboreava o seu pescoço, seus ombros e a boca macia e generosa, e ela o envolvia com seus braços e pernas acariciando e arranhando as suas costas.

Seu rosto estava ruborizado e a boca cheia e levemente rosada ofegava entreaberta e expunha pontinhas brancas e brilhantes das suas presas, ele esticou o pescoço em convite mudo.

O instante de sanidade chegou e passou num esgar de segundo.

A natureza prevaleceu e ela mordeu.

Ele rosnou alto e explodiu em um orgasmo súbito e delirante preenchendo-a com os jatos quentes do seu gozo, enquanto o líquido denso e precioso do sangue dele descia pela garganta dela e ela o abraçava com braços e pernas e gemia, tremendo por conta do próprio orgasmo.

Zarcon estava grato pela anatomia dos seus corpos até se dar conta de que estava tremendo, mas ela foi solidária em lambar seu pescoço e não força-lo a confrontar-se com a verdade.

Ela o manteve abraçado bem próximo do seu corpo esguio e macio e ele pode manter o rosto escondido entre a lateral do seu rosto e o ombro até se acalmar.

Não era só ele que estava chorando. Ela e Aleesha também. Por tudo que poderia ter sido, e por tudo que sentiram.

Bebe de mim Zarc.

Ela pediu em baixo e emocionado tom e era isso ou se afastar e deixar que ela visse seu rosto molhado e seus olhos avermelhados, e claro...

Venceu a primeira opção.

Com o máximo de gentileza que conseguiu, ele perfurou o pescoço dela e tão logo o sangue denso e saboroso entrou em sua boca; as explosões de sons e imagens invadiram a mente dele e confundiram seus sentidos.

Todo seu corpo respondeu imediatamente.

Todas as suas células, se quisesse ser mais exato!

Elas espargiram e reagruparam e o choque de informações e sensações o deixou estúpida e euforicamente aturdido.

Total e irrevogavelmente aturdido.

Arthorm fechou a porta discretamente com um comando mental e meio que sorriu de si mesmo. Se fosse humano talvez adotasse Manso como sobrenome e 'Corno' seria o primeiro.

— Arthorm Corno Manso.

Ele dá voz ao pensamento e sorri de novo a balançar a cabeça, ele e K eram amigos acima de qualquer coisa. Esse era o trato...

— Esse era o maldito trato! — ele rosna.

Arthorm trinca os dentes e passa com força a mão no rosto afogueado, mas de súbito se desencosta assustado da parede ao ver Dêrhon seguindo na sua direção e sem sentir se posiciona entre o príncipe e a porta que havia fechado, quando os papéis e outros objetos começaram a girar no ar lá dentro.

— Então é verdade. Estão vivos...

Mais ou menos.

— É, quero dizer, sim, estamos.

Dêrhon move a cabeça para o lado e Arthorm instintivamente segue seu movimento, interceptando a sua visão. Sem um pinga de paciência ele lança o macho de lado e abre a porta.

Uohl!

Uohl meeesmo! Seu primeiro ímpeto era de fechar a porra da porta na cara dos dois, mas ele continuou parado lá.

Olhando. Boquiaberto.

Zarcon sacode a cabeça, ainda aturdido, mas tem a decência de cobrir o seu membro, que teima em manter-se ereto e se posiciona entre ela e seu irmão.

O tufão ocasionado pelo choque de energia havia feito uma bagunça verdadeiramente generalizada no que ele deduziu que seria um escritório, ou sala de atendimento, ou qualquer coisa do gênero. Ainda não estava raciocinando direito, mas sentiu quando ela deslizou aquela veste estranha pelos seus ombros.

— É jaleco, seu, babaca.

— Vamos deixar uma coisa bem clara aqui. Se há alguém a quem devo qualquer tipo de explicação é a ele, Arthorm.

Arthorm arregala os olhos esverdeados e engole em seco;

— Eu?! Ahn creio que não, senhor.

Dêrhon sorri furioso;

— Crê que não? Crê, que não?!

— Dêrhon não se atreva em continuar!

Ela vocifera gloriosamente nua, e irada...

Total e plenamente irada e, os seus olhos...

Dërhon pisca e passa rápido a mão no nariz, Arthorm se afasta com as mãos ao alto a sorrir de leve diretamente para ela e ela acena e volta para Dërhon a encará-lo com raiva;

— Como é que o jogo virou? Ele, você. Você e ele, por que... Por que você olha pra ele desse jeito todo meloso e para mim você olha com raiva?

Dërhon estava quase latindo as palavras

— Ele é pai dos nossos filhos e somos amigos acima de tudo e você, Dërhon. Não está na lista dos meus melhores amigos no momento! Eu sei que não se manda no coração, mas, mas, mas, MERDA, que cacete!

Kassia perde totalmente a compostura e continua;

— Você engravidou uma das minhas irmãs e foi gentil o suficiente para que ela se apaixonasse por você! Para que com sorte ela tenha se *iludido* de estar apaixonada pelo primeiro macho que a comeu, e para que com muita sorte, eu consiga reverter essa bosta de situação e ela tenha *tempo* de descobrir se é mesmo isso o que quer e sente. Algumas coisas aqui vão mudar. Vocês são lindos, e gostosões, e fascinantes, mas não são de forma alguma o último biscoito do pacote! Estamos entendidos?

Dërhon engole em seco e ela se veste com um comando mental;

— Sim, também sei falar palavrão, também tenho meus momentos, apesar de serem raros, e o que aconteceu aqui foi bonito demais pra ser apagado por um ataque se ciúmes disfarçado de indignação. Agora se me dão licença, eu ainda tenho algumas fêmeas para ver aqui antes...

—Foi, bonito?

Zarcon pergunta com a voz embargada e Kassia acaricia seu rosto com as costas da mão e um sorriso triste no rosto.

— Foi sim, Zarc. Foi... Lindo, por falta de palavra melhor.

Seus olhos prateados ficam rasos d'água e ela se põe na ponta dos pés a colar suas bocas por alguns segundos depois acaricia o rosto tão parecido, e ensaia um sorriso tentando conter sem muito sucesso as lágrimas que inundam seus olhos.

— Art. — ela meio que gani ou sussurra e num segundo ele está ao seu lado e ela esconde o rosto no seu ombro a chorar baixinho.

Arthorm a beija na fronte e Zarcon olha em torno e sai discreto pela tangente seguido por Dërhon, quando percebe o olhar de escrutínio do irmão às suas costas, ele desaparece dali tomando o rumo à piscina e acreditando estar sozinho, deixa rolar as lágrimas.

Caralho, o círculo não se fechava, mais uma vez se repetia.

Dërhon estaca ao perceber que Zarcon estava chorando a tremer e sente a necessidade de quebrar alguma coisa. Qualquer coisa.

A cara rosada de Arthorm lhe vem à mente e se imagina socando o seu nariz, sem parar...

É mais complicado que isso, Dërhon. Arthorm é o porto seguro dela, não o empecilho.

— Como assim? Tá, até eu vi que tinha sentimento naquele beijo, e ainda tô, caralho, eu tô com um ciúme dos diabos, mas, se ele não é o empecilho. O que é então?

— Foi comigo que ela transou, mas não foi o meu rosto, ou foi, mas não foi. Esquece. Eu não vou passar por isso de novo... Eu vou me levantar agora e vou me trancar nos meus aposentos, então, faça a gentileza de não me seguir, está bem?

Zarcon não esperou resposta.

Ele desapareceu e Dêrhon continuou estarecido no mesmo lugar. Ver o seu irmão e rei do seu mundo desabar em pranto o deixou total e completamente desarmado e ele sentou na cadeira que seu irmão vagou quando um nome lhe veio à mente.

X Strauss.



A terra tremeu por cima dele e de alguma forma sabia que seu corpo estava livre, mas ele permaneceu exatamente onde estava. Sentindo-se vazio. Total e irrevogavelmente, sozinho.

Por experiência própria compreendia, que de nada adiantaria fechar os olhos, quando eram os olhos e ouvidos da mente que viam e ouviam.



Arthorm a envolveu em seus braços e ficou calado a acariciar as suas costas enquanto ela chorava e pelo seu comando, os papéis voltaram em pilhas organizadas para cima da mesa e o lençol foi esticado em cima da maca de exames. Silenciosamente. Ele tinha ido até ali para se oferecer como seu assistente e solta um esgar de riso involuntário.

Kassia passa a mão no rosto e meio que sorri encabulada e ele torna a beijá-la na fronte, depois segura o seu rosto com ambas as mãos e a beija profundamente, com língua e tudo. E ele ainda tem o desprazer de inclinar o seu corpo como um galã de novela, ou um dançarino de tango e deslizar safadamente a mão grande em sua coxa acima e apertar o seu bumbum.

— Não vou negar que fiquei com um ciúme dos infernos.

Ele disse contra sua garganta e a levantou sentando-a em cima da maca com seu corpanzil entre as suas pernas abertas. Ela acariciou o seu rosto e deslizou por cima do seu peito arranhando-o de leve. Arthorm treme com a carícia e grunhe sem querer.

— Te devo um pedido de...

— Não K, você não me deve. — ele sorri e ela acaricia as covinhas que aparecem em suas bochechas avermelhadas;

— Tudo bem, eu nem sei mesmo se estava sentindo tanto ciúme assim, a não ser que ele tenha sido melhor que eu, então... A vai, esquece. Eu amo você e amo o que fez por mim. Por nós.

Kassia o puxa para si e abraça apertado beijando sua boca de estalinho em seguida, bagunçando seus cabelos ruivos.

— Obrigada por não me condenar.

Arthorm se abaixa a deslizar a mão na sua barriga ainda lisinha e olha pra cima com o sorriso aberto que ela adorava;

— Já sabe o que são?

Kassia franze o cenho e torce de lado o pescoço em sorrir;

— Não acha que está muito cedo pra isso, papaizão?

— Não, não, mamãe linda... As nossas fêmeas sempre sabem.

— Oh Deus...

Ela balbucia e o empurra saltando fora da maca e correndo para o banheiro anexo. Arthorm a segue e ampara a sua cabeça enquanto ela vai dizendo entre os espasmos na pia minúscula;

— Quant,s droga... Argh...

São só seis, eram três antes, mas também me perdi no momento e...

—Seis!

Mais espasmos e ela soca a pia descolando da argamassa que a soldava na parede. Não tinha mais nada no estômago e ele ainda teimava em virar do avesso.

Não é tão ruim assim...

Espera aí, 'eram' três e agora são 'seis'!? Foi isso que disse?

Aleesha se encolhe dentro da sua mente e Kassia abaixa até sentar no chão do banheiro batendo freneticamente nas frentes laterais com mãos espalmadas;

— Não se encolhe aí não! Você não vai me deixar sozinha nessa, Aleeeee! Como é que eu não sabia que isso podia acontecer? Você sabia?!

A sua natureza é um pouco diferente da nossa é só o que posso pensar. Dois óvulos se desprenderam dos seus ovários, dos nossos, por assim dizer e... Foram, fecundados. É isso... Por favor, K, tente se acalmar.

— Me acalmar, me acalmar?! NÃO ESTOU NERVOSA! São os malditos hormônios...

Ou o fato de que estava se sentindo como uma daquelas personagens que apareciam nos canais sensacionalistas da TV! Seis! Ela começa a rir escandalosamente até desabar em pranto convulsivo e Arthorm a envolve em seus braços, estupidamente nervoso;

— Foi algo que eu disse? Por favor K, converse comigo, Ale...

Ele sussurrava a acariciar suas costas e ela se agarrou ao calor e conforto dos seus braços dele por mais um tempo antes de dizer baixinho;

— Duas meninas e Xstorm, são seus...

Ela solta um suspiro profundo e conclui;

—Dois meninos e uma menina de Zarc.

— Ahn oh, em, is, isso é... Como?



CAPÍTULO 33

Dërhon levanta a cabeça ao sentir sua presença e ela corre o olhar em torno do escritório com certa nostalgia. Não fazia seis meses, mas já parecia ter passado uma eternidade desde que esteve ali pela última vez. Muita água já havia rolado desde então, mas ela se ouviu dizer;

— Eu não precisava ter aceitado, nada. Sabe, eu, não fui transformada eu, sou, eu sou o que sou. Quero dizer, eu, teria passado pela transição em mais alguns anos de qualquer forma, então...

— Eu não consigo tirar você da minha cabeça K, como você mesma me disse na enfermaria, não se manda no coração...

— Você não está. Dërhon, não. Não diga isso, está bem? Só está com medo. Eu sei bem como é, vai por mim.

— Falou a doutora do amor.

— Dërhon, não faz assim. Esse sarcasmo não combina com você.

— Você pensa que me conhece, *Kade*, mas não conhece. Agora eu sim, conheço você. Cada pedaço do seu corpo antigo e do novo, cada gesto e o perfume que exala de você. Vejo você até de olhos fechados e nunca, nunca seria capaz de te ferir, merda. Eu chorei por você, te alimentei com aquelas coisas, estranhas, e até comi também! Eu seria capaz de dar a minha vida por você!

— Dërhon, eu, eu sinto, eu sinto muito, mas você...

— É, eu sei o quanto você sente... Enquanto ainda me resta um fiapo de dignidade, será que pode fazer a gentileza de dizer o que realmente quer aqui, e dar o fora?

— Claro eu, eu, acho que era isso. Eu...

Ela aponta a porta, mas ele já estava com o olhar cravado na tela do computador e foi inevitável não dar uma espiadinha pelos seus olhos. Então ela volta e desliza com violência uma lista na sua direção por cima da mesa e olha bem dentro dos seus olhos azuis claros.

— Câmera E16a. Tem lá a imagem que devia ser mais interessante do que ficar bisbilhotando o sexo alheio.

— Cada um com a sua perversão, certo?

Kassia respira fundo e aponta com o queixo para a lista;

— Se não estiver ao seu alcance providenciar o que preciso, é só mandar Ores me avisar.

Kassia desaparece e ele recosta na cadeira com o braço por cima dos olhos fechados a fazer sua auditoria mental: Poucos minutos antes dela entrar, ele estava a mais de 20 malditos minutos olhando as imagens da câmera E16a, por míseros 20 segundos no quarto que estava servindo de consultório e onde ele a viu 'chorando' abraçada ao jovem guerreiro!

Aí ela aparece e blá, blá, blá, e pela porra de um toque errado ele olha a tela no momento da sacanagem dela com Zarcon. Para fugir do seu olhar, para não... PENSAR!

Dërhon amassa a lista com vontade e arremessa longe. Não satisfeito ele soca o teclado

partindo-o em dois e desliga os monitores. Levanta e levanta a mesa junto espatifando tudo no chão. Dois dos seus mais modernos monitores explodem e ele desaparece dali rumo à academia interna para queimar um pouco da raiva que estava sentindo, antes que destruísse mais alguma coisa.

E ele teria companhia.

Ele sobe na esteira ao lado e por mera curiosidade fita de soslaio o monitor vizinho. Intensidade máxima, 180 minutos corridos, ele mexe no seu monitor a programá-lo na mesma intensidade e se põe a correr.

40 minutos depois Trevon ainda corre no mesmo ritmo e Dërhon não admitiria que já pensasse em por os bofes pra fora, nem para si mesmo, mas Trevon diminui a intensidade da sua esteira, se por solidariedade ou porque já havia queimado o que queria, ele não sabia, mas manteve o seu ritmo intenso com a necessidade instintiva de igualar o placar.

Trevon perde o pouco de paciência que lhe restava e desliga a sua.

A salvação.

Dërhon desliga a sua em seguida e o segue mancando de leve em direção ao vestiário com todos os músculos latejando e totalmente consciente de que ia encarar uma dor infernal em algumas horas.

— Eu não, tá, não sei bem porque, mas eu estava mesmo disputando com você lá dentro.

— Estou bem alimentado.

— Uohl. É eu percebi. Bem alimentado, bem nutrido, forte...

— Não quis ser ofensivo.

— Não, claro que não... A quem estamos tentando enganar aqui?

Trevon meio que ri e abre o chuveiro, Dërhon entra na baia seguinte e se sacode debaixo da água fria.

— Talvez eu tenha sido um pouco, mas é justificável quando se fica por mais de duas horas preso no chão úmido com braços e pernas quebrados e nem se tem a dignidade de bater a merda da cabeça no chão, porque um travesseiro perfumado e todo fofinho vai estar lá pra amparar na merda do lugar.

Um minuto de silêncio onde somente a água caía para não ser total.

— Eu já te falei que é possível..., esquece. Ninguém acreditaria mesmo.

— Que tem uma mulher escrevendo a nossa história? Eu ouvi um boato. Ela não deve gostar muito das outras mulheres, ou talvez goste demais e queira todas para ela, se é que me entende... É uma boa fuga, e talvez, bem sei lá. Talvez tenha lá o seu fundo de verdade. A maioria dos mundos tem guardiões do gênero masculino, a do nosso feminino, diz-se que ela tem escribas, mas se as tem. Elas ou ela só relatam as histórias, não intervêm nas nossas escolhas. Isso eu posso garantir.

— É uma boa fuga. Mas de onde ouviu o boato?

— Não foi bem um boato, eu ouvi um pensamento aberto seu um dia desses e passei a prestar um pouco mais de atenção por curiosidade. Você meio que discute com ela sem perceber, às vezes.

— Talvez porque não tenha passado tanto tempo me nutrindo, se é que me entende.

— Não vai me fazer sentir culpado porque aceito o que é mais do que ofertado, Dërhon. É na maioria das vezes imposto, e isso está acabando com o meu ego, se quer saber. Você não ia

querer estar no meu lugar.

— Ela disse que me ama.

— E, o que você fez?

— Nada do que devia ter feito. Obrigado.

— De nada.

— Uohl!

Ele cobre súbito sua parte íntima e Danikas olha descaradamente para a parte tampada com uma careta de desdém e Trevon infla de leve ao aceitar a toalha que ela estende na sua direção.

— Ainda está puto comigo?

— Não.

— Que pena, podíamos descontar toda essa força na arena. Ou na cama. Acho que ainda deve ter algum lugar que não tenhamos transado.

Oh, oh... Bomba à vista. Dërhon bem que tenta sair de fininho, mas ela vira o rosto e olha bem na direção da sua bunda com aquele mesmo olhar.

— A do Trevon é mais durinha e o pau dele é maior. Ele corre por mais tempo também e ah! A barriguinha dele não tem esse monte de pelancas aí.

— E você é uma desbocada de marca maior, não tem pelanca nenhuma aqui e se meu pau é maior ou menor isso não lhe diz respeito! No mais, a água estava fria, caralho!

Danikas arqueia de leve as sobrancelhas e puto ele retira a toalha. Ok, não era menor, talvez fosse até maior, mas ela disfarçou bem na cara de pouco caso, e ele logo se virou de costas e seguiu para os armários. Trevon também não deixou barato e a virou de frente para si pelos ombros;

— Se é verdade que o meu é mais durinho, então por que por bem pouco eu não precisei segurar sua mandíbula no lugar?

— Não é bem o tamanho que importa, certo? O que mais vale é o desempenho?

— Se saiu bem nessa. Mas por que provocar o cara?

— Muita energia pra gastar. Desculpa Trevon, eu, estou muito, muito perigosa e não é desse tipo de assanhamento que você está pensando, eu sinto que, eu preciso descarregar, ela é, está forte demais.

Trevon observa assustado que Danikas chega a brilhar e vários dos azulejos nas laterais e teto do banheiro começam a trincar.

— O que você fez?

— Não foi de propósito, Trevon, me morde agora!

— O caralho! — grita Dërhon quando as colunas e paredes estalam e o teto começa a desabar. Ele vê Trevon cravado no pescoço dela e avança em cima do casal arrastando-os para fora pouco antes de serem enterrados e ela morde o próprio pulso esfregando na sua cara.

— Por favor, Dërhon.

— A caralho!

Ele a mordeu e mil vezes mil caralhos! O seu pau inchou no ato e todo seu corpo se acendeu instantaneamente. A explosão de energia alcançou a academia e todos os aparelhos eletrônicos explodiram como fogos de artifício.

As águas da piscina se levantaram em ondas inundando tudo ao redor e as paredes subterrâneas tremiam enquanto o teto trincava em vários pontos e luzes explodiam.

— Arena! — Trevon gritou e voltou a colar a boca em seu pescoço.



Pouco mais de uma hora depois...

— Redecorando o espaço?

Trevon e Dêrhon se viram e Danikas encolhe sutilmente debaixo do braço de Trevon unhando sua costela sem perceber quando se deparam com a familiar postura e olhar beligerante de Brianis.

— Já notou como vocês são parecidas? — Trevon sussurra.

— Cala a boca, toda Valquíria é relativamente parecida.

Danikas responde no mesmo tom sussurrado, mas continua debaixo do seu braço com as unhas cravadas na sua costela e de alguma forma, ele se sente realmente bem com isso.

— É hora de ir Danikas.

— Não. Ela fica.

Brianis corre o olhar em torno e volta a fixá-lo em Trevon;

— A guerra acabou garoto. Na verdade, nem houve guerra, não há motivo real para que ela permaneça aqui.

— Não vai tirar minhas filhas de mim.

— Suas filhas... Pois bem, suas crias serão trazidas para você.

— Não, a mãe das minhas filhas não vai sair daqui, se ela não quiser.

— Ela escolhe, então... Veja como estou sendo razoável. Danikas, é justo que saiba que se decidir ficar, todo esse poder somado ao da nova *Val Rein* pode deixar os guardiões superiores preocupados, e não podemos permitir que isso aconteça. Podemos?

— Eu não me alimento mais dela.

— Não é escolha sua, é dela. Assim foi estipulado. E você sabe qual é a alternativa, não sabe?

Danikas se afasta de Trevon e ele a segura pelo pulso estudando-a. Várias emoções cruzam o seu rosto e prevalece a já familiar fria e desdenhosa, depois somente a fria a declarar;

— Eu vou, não é seguro para vocês ou para o seu ego que eu fique aqui, foi, divertido, mas...

— Que se dane o meu ego! A gente dá um jeito de descarregar, tem mais de 100, 200 machos sem fêmeas aqui! Você os alimenta, no pulso, que fique claro, briga com eles, na arena! No seu pescoço e na cama só comigo porque, isso eu não vou aguentar, isso já é demais pra minha cabeça. Mas você não vai. Não vai! Está me entendendo?!

Danikas começa a chorar e rebate baixinho;

— A merda, eu vou.

Trevon se desespera;

— Não vai, porque eu te amo sua desgraçada! Não tem nada aqui pra mim sem você! Você me irrita e me ofende de todas as formas! Ainda não engoli o fato de você ser mais forte que eu, e você é a porra de uma supernova sobre duas patas, mas eu te amo, merda! Eu te amo...

Trevon estava literalmente ajoelhado aos seus pés e em prantos e ela não estava em estado diferente apesar de se manter em pé.

Por pouco tempo, porque logo ela se abaixou e limpou do seu rosto os escombros molhados pelas lágrimas e o beijou na boca de estalinho;

— Mais um bom motivo para que eu vá, eu também amo você imbecil, mas eu nunca me perdoaria se, algo de ruim acontecesse.

— Que assim seja.

Os três olharam pra Brianis e ela passa as costas da mão no rosto indignada;

— Que foi? Posso não parecer, mas ainda sou fêmea e fêmeas choram.

Lágrimas transparentes?

— Me nego em explicar a diferença. Trevon, você fez a proposta e acidentes como esse não são nada comparados com o que realmente pode acontecer e Danikas sabe disso, não sabe?

Danikas assente e sente Trevon apertando seus ombros;

— Eu vou estar de olho.

— Brianis.

Dërhon a chama, e ela o encara, séria;

— Alegria já não é mais minha responsabilidade. As Valquírias desse lado tem uma nova *Val Rein* a responder. Inclusive é justo que o diga que todos os que desconhecem sua ascendência responderão a ela abaixo da Guardiã, querendo ou não. E isso incluiu você, mestiço *Godio*.

Brianis aponta Trevon com o queixo e confirma;

— Sua mãe era Valquíria, a mãe dos seus irmãos também, à bem da verdade, no clã do seu pai não havia nenhuma nascida ou *Kade* naquela época e milênios seguintes, e ao contrário do que diz a lenda. Nós não cortávamos as cabeças dos machos que nos serviam, salvo alguns mais abusados. — ela sorri friamente e complementa em tom de ameaça;

— Somos o que se diria hoje em dia, às precursoras da angioplastia.

Trevon percebe que Dërhon se encolhe sutilmente e também encolhe de leve quando ele lança algumas imagens sinistras para dentro da sua mente sobre o procedimento.

— Está brincando.

— Eu não minto.

Ela volta a olhar em torno para os escombros e lama do que antes era um complexo de quadras, piscina, sauna e parte da enfermaria e comenta;

— Um pouco mais de *Sions* deixaria tudo isso novo em folha em dois ou no máximo três dias, mas Ores sempre foi um *Neimo* modesto. Bem fazer o quê?

Brianis desaparece, mas Dërhon ainda a escuta dentro da sua mente;

A ala destruída até que podia virar um berçário bem funcional, com tantos pequenos Aehmons chegando, e tão poucas fêmeas para Mäi. A nova Val Rein terá um bocado de trabalho por aqui.

—Quem é essa rainha?

—Kassandra, mais conhecida aqui como K, ou Kassia.

Dërhon se vira para o seu irmão, vê Arthorm logo atrás dele e percebe que ambos estão vestidos com jalecos longos empoeirados. Zarcon crispa uma mão na outra e fita a cada um seriamente;

— E falando nela. É melhor vocês também arregaçarem as mangas no sentido figurado e meterem as mãos na massa, em um sentido bem literal. Com sorte ela deve estar de volta em 30 horas e não vai gostar nem um pouco de saber que as fêmeas acamadas foram removidas para a ala ao norte da mansão. Ala essa que por sinal, é a única que ainda mantém a estrutura intacta, apesar de estar sendo iluminada por velas e deixando pouco mais da metade dos *Sions*

um bocado indóceis e até me arrisco em dizer, hostis.

— Indóceis e hostis, tu tá de brincadeira.

Zarcon encara Dërhon seriamente;

— Ores foi com ela, eles estão sem comando. Sabe bem do que são capazes para seguir com suas obrigações... Caralho, Dërhon! Eu disse 30 horas, com sorte!

Zarcon abre os braços a apontar em torno de si e continua no mesmo tom entre desesperado e furioso;

— Esqueçam vocês, o auxílio dos Sions, eles só irão fazer o que foi ordenado que fizessem. A Dani aqui, só bebeu alguns golinhos dela e nem estava de mau humor. Consegue imaginar do que a Kassia é capaz?

— Dependendo do seu estado de humor, um buraco negro ou a Super Nova. Podem escolher.

Xstrauss crispa uma mão na outra e encara cada um dos seus irmãos. O seu corpo oscila sutilmente diante dos presentes e ele se vê obrigado em explicar;

— Eu estive preso no solo por cortesia da Guardiã, mas já vou logo avisando que só fico o tempo necessário para ajudar a resolver essa confusão.

— Xstrauss, nós pensávamos que estivesse morto.

— Eu estou morto. — relatou com sinceridade — Só recebi a chance de estar aqui dessa vez, se houver uma próxima, estarão sozinhos.

— Elas, ela, ama você.

— Eu sei, eu sei Zarc — estava doendo pra diabos, mas ele seguiu adiante —, mas elas, ela, como disse, vão ter que aprender a amar outro alguém. — ele encara Zarcon a declarar mentalmente;

Eu tive a chance de fazer a diferença e falhei. A maldita me prometeu o inferno e cumpriu.

Você a ama.

Você também, não erre os mesmos erros irmão, cuide dela, e me liberta.

Zarcon assente sutilmente.

— Qualquer mão de obra é bem vinda e, sempre fez o que quis, no tempo e do jeito que quis.

— Espera Zarc.

— Vocês estão perdendo um tempo precioso, como sempre.

— Vai se foder, Xstrauss. Se Zarc determinar que você tenha que ficar, você fica e não tem conversa!

— É o maldito um por um, Dërhon. Eu fico, e Zarc toma meu lugar e não vê seus filhos nascerem. Que tal essa pra você? Talvez queira trocar de lugar comigo, mas acho que ela tem outros planos para você. Então que tal parar com esse papo sentimental e fazer jus ao que sugou da Valquíria do Trevon? É Murphy o nome do cara que venera, não é? Se Zarc disse trinta, já são vinte e nove horas e alguns minutos. Esse cara diria três horas e alguns minutos. Vai apostar em quê?

Dërhon arregaçou metaforicamente as mangas e os demais também. Em pouco mais de três horas, só restava a limpeza que os Sions faziam silenciosamente. Poucas mudanças foram feitas na estrutura original da mansão. O sol começava a despontar do lado de fora e as persianas de aço automáticas que Dërhon sempre quis implantar começavam a cobrir todas as janelas dos cômodos superiores. Todos estavam esgotados e satisfeitos com o exercício extra e Xstrauss começou a desaparecer de uma maneira diferente bem diante de todos.

Era como se ele estivesse se dissolvendo em cinzas.



— Satisfeita?

Foi você quem propôs isso, X Strauss, então eu não posso dizer que eu esteja. Não ainda.

— Você é diabólica.

Vou considerar isso como elogio...



Kassia não imaginava que fosse passar por tanta intempérie ou que precisasse ir tão longe para encontrar Korine ou Isabel, ou fosse lá qual o nome que ela estivesse usando agora, mas ali estava ela, em um mega palácio de gelo, ao centro de uma ilha aparentemente inabitada do mar de Bering, a oeste do Alasca. E como certas coisas nunca mudam...

— Como é que consegue acesso a internet nesse fim de mundo?

Korine levanta a cabeça da frente dos monitores e seus olhos brilham com fascínio carregado de nostalgia. Korine sorri com prudência.

— Não imagina o poder que alguns bons contatos e certa quantia de dinheiro somado a alguns sacrifícios podem fazer. Está ainda mais bonita nesse casaco de urso polar.

Kassia desliza a mão sobre a gola felpuda com um sorriso triste.

— Achei que gostaria. É original, de um bazar de garagem, mas ainda assim original... Comprado com o dinheiro do império que deixou pra mim, aos cuidados do Ricco, e do Enzo...

— Esteve com eles, então.

— Estive com Ricco. Ele me deixou a par de tudo que você deixou pra mim e o Enzo está à frente dos negócios, se recuperando...

— É um bom amigo.

— Mas queria ser mais que isso.

Korine sorri, mas o seu sorriso não chega aos olhos;

— Eles sempre querem mais do que podemos dar, faz parte da natureza deles, mas já não me envolvo dessa forma com um mortal há muito tempo.

— A maldita já não vive mais. Quando pretende voltar ao mundo dos vivos, mãe?

— Nossa... Eu, nunca imaginei que fosse ouvir... — seus olhos estão brilhando com lágrimas não derramadas e a filha que abrigou em seu ventre lhe sorri.

— Mãe?

— É... Mãe.

Kassia se aproxima a acariciar o rosto que sempre venerou e replica com emoção;

— Eu também quero ouvir isso, mãe.

— Você vai querida, você, vai ouvir, meu coração. É a nova *Val Rein*, posso sentir. Bem aqui.

Korine aponta a nuca e se vira a levantar os cabelos a mostrar seu *Onigeun* brilhando e os grifos parecem mover-se suavemente.

— Você é a autoridade máxima viva dos que descendiam da maldita agora, acima da sua autoridade, só de Mahren e Guardiões superiores.

— O que está dizendo? — Kassia pergunta num sussurro.

— Que abaixo da Guardiã agora é você quem determina o futuro e a natureza dos que descendem de *Elijáhrm*, todos responderão a você e aos seus desejos, inclusive eu. É a nossa rainha. Rainha das Valquírias.

— Como?

— Eu não tenho a resposta, querida. Apesar de tê-la recebido em meu ventre você é mais antiga que eu. Talvez as suas lembranças voltem quando estiver preparada. O fato é que agora, é você quem manda.

— Simples assim?

Korine sorri da incredulidade de Kassia e responde com simplicidade;

— Talvez não seja tão simples. Governar tem seu preço, mas eu acredito que sairá bem. Céus! Eu nunca imaginei que abrigaria em meu ventre uma Valquíria tão poderosa, quanto mais uma com potencial para governar.

— Eu não... Eu não tenho esse potencial.

— Sim, você tem linda. Não teria recebido o cargo se não tivesse.

— E você era Isabel, por isso ficou tão nervosa quando Arthorm tentou ajudar e começou com todo aquele interrogatório.

— Às regras para nós era a da sobrevivência e o que mais desejasse a nossa ancestral. Nós já estaríamos totalmente extintos, se ela não precisasse de nós para destruir com os que descendem de Mahren. Posso te abraçar?

— Nem deveria precisar pedir...



CAPÍTULO 34

Existem várias formas de um anjo cair... E ele caiu. Por amor ou senso próprio de justiça, não importava...

Ele quebrou as regras, falhou em sua missão e estava triste por isso, mas de forma alguma estava arrependido.

Sei que está aí, Marie. Posso sentir você.

Não lhe caiu bem essa nova roupagem, Jarel. Mas o seu novo físico está no mínimo, estupendo. As anjinhas vão ficar caidinhas por você.

Jarel olha ao próprio peito desnudo e meio que ri;

E é todinho seu se quiser, mas nenhuma anjinha irá 'cair' por mim.

Vou pensar no assunto com carinho... Você não vai olhar pra mim?

Jarel continua olhando o mar ao longe do alto da montanha e move a cabeça se negando.

O V invertido e escuro em suas costas seria a única cicatriz permanente resultante do ato benevolente que ele tivera para com seus protegidos e movia-se de acordo com o movimento da sua musculatura, agora mais morena.

Ele havia ficado mesmo um diabo de moreno muito gostoso de ver, e era dela, mas como todos os seus, teria o livre arbítrio. Ela estava ali com companhia e não precisava respeitar o direito de Jarel, mas tinha seu prazer pessoal em contrariar expectativas.

Você não foi tão meu amigo Jarel, mas entendo que tinha uma missão, um castigo à bem da verdade... É inimaginável que teve que passar por tudo isso por causa de um espirro... Foi um senhor espirro, não foi? Sem nem um pinga de propósito?

É assim que pretende me torturar? Não me sinto culpa...

Jarel vê as familiares penas voando em torno de si e se vira de súbito sem palavras com o que vê. O Arcanjo diminui a intensidade da sua luz e Mahren um pouco mais à sua frente está ainda mais bonita do que antes e ela dá mais um passo à frente com os cabelos negros e esvoaçantes a delinear seu corpo semifísico e esguio até a altura da sua cintura.

Poderá ter de volta as suas asas, meu amigo.

Mahren abre a mão direita e Jarel faz uma careta de leve em ver.

Eu propus um acordo pela sua ascensão.

E isso que você tem aí é ela. Ou o que restou dela.

Você não achou que eu iria tão longe, achou? Eu não fico tão bem de asas, mas as suas rosas e azuladas, combinam tão bem quanto o resto. A escolha é sua, meu amigo, mas desde já aviso: se ficar, é sem culpa.

E se eu ascender, ela é trazida de volta.

Isso mesmo, a malícia te cai bem. É um por um, Jarel.

Jarel sorri com o trocadilho, mas logo se torna sério e até um tanto sombrio a encará-la.

Qual é o dedo?

Mahren sorri gostosamente e fecha a tampa da caixa deixando o dedo do meio exposto. Jarel

continua encarando-a com um sorriso cúmplice no olhar e usa a mão esquerda para levantar o dedo do meio na direção do Arcanjo, que balança a cabeça reprovando o ato e desaparece.

Desconfio que ele tenha ficado um tanto aliviado.

É um veado... No mau sentido da palavra.

Mahren flutua na sua direção e só então ele percebe que seus pés não tocam o chão, ela prensa a caixa em as suas mãos e quando abre uma gema de diamante é suspensa por uma fina correntinha que reluz ao sol poente e ela a coloca em seu pescoço, deslizando de leve a mão suavemente em seu peito nu.

Jarel depõe sua mão morena e quente sobre a clara e levemente diáfana dela e ela olha bem dentro dos seus olhos negros e brilhantes, como o diamante em seu peito.

— Se mudar de ideia, é só quebrar.

E ela nunca antes usou com ele aquele tom de voz, que soou aos seus ouvidos como um bálsamo ao vento.

Eu pago o preço... Sabe que eles permitiram que ela fugisse?

Sei.

E que me deram uma missão que sabiam que não poderia cumprir.

Discordo, mas sei, sim.

Que estão se borrando de medo com esse seu jeito de anjinha bonitinha e caída e a minha missão principal era convencê-la a ascender.

Também, sei.

Existe algo que você não saiba, mulher?

Creio que sim, mas como saber?

Está sendo humilde.

Então ainda tenho salvação, não?

Ponto, pra nós.

Jarel sorri a se espreguiçar exibindo a musculatura do peitoral moreno e o vento da tarde faz esvoaçar os cabelos negros e compridos, da sua nova roupagem física.

Não vai dizer nada?

Esse tom de bronzeado te cai bem e você continua o mesmo exibido. Mas perdeu aquele jeitinho de veado que me irritava tanto...

E você sempre foi bonita, mas está diferente.

São seus olhos. Estão mais abertos agora.

Isso foi um flerte ou uma verdade?

E por que tem que ser uma coisa ou outra?

É verdade. Mas mudando de assunto, o que pretende fazer comigo?

Nada que você não queira. — rebate ela com malícia.

Jarel sorri e arqueia as grossas sobrancelhas;

Eu tomo as decisões e você lava as mãos.

Você toma as próprias decisões e se só prejudicarem a você, sim. Mas é justo que vos diga, que até mesmo a você, se chegarem a proporções maiores, eu serei obrigada a intervir.

Entendido... Ouviu isso?

Mahren assente, Jarel suspira profundamente e os pensamentos de Kassia chegam para ele no

sussurro do vento.

“Eu devia estar com dez ou onze anos quando o meu pai tentou me vender pela primeira vez...”.

Existem poucas formas de se matar um anjo. Uma delas é ser morto por outro anjo.

A Kassia não é um anjo. — devolve Jarel e ela sorri misteriosa.

Seja bem vindo caído. Tente não me dar trabalho.

Jarel assente e Mahren se despede dele com um sorriso cúmplice, ele se volta para a visão que tem do extenso mar azul abaixo a escutar os pensamentos de Kassia, como se ela estivesse ali ao seu lado.



CAPÍTULO 35

... Dois anos depois ele me vendeu para o Sol. Meus irmãos menores e a minha mãe doente de pneumonia ganharam compras e remédios, e eu ganhei um dono. Sol me levou com ele e me disse que não seria fácil. Não foi mesmo.

Ele fez um quarto pra mim no sótão da casa dele e me deixou escolher. Ele me deu algumas alternativas. Me devolver para os meus pais. Me deixar na porta de um orfanato ou na praça... Eu ainda era uma criança, mas já tinha visto tanta coisa. Minha irmã mais velha que também foi vendida por compras e fugiu estava tão machucada que morreu nos braços da minha mãe. Eu estava lá, vi o desespero da mãe. Então ajoelhei nos pés do Sol e chorei, implorei baixinho com a minha cabeça colada no sapato dele, porque era assim que a mãe fazia quando o pai chegava bêbado em casa, ainda assim ele batia nela, só que doía menos porque só alcançava as costas. Eu esperava que Sol me batesse e ele passou a mão na minha cabeça e pôs um joelho dobrado no chão para ficar da minha altura. Eu estava tão envergonhada, desesperada e confusa, que não conseguia tirar os olhos do chão. E Sol me disse: tão pequena e tão pronta, você já nasceu pronta, pequena. E eu nunca me esqueci dessas palavras, mas demorei alguns anos para entender que agi do jeito que age uma submissa nesse dia. Ele me fez levantar e tirou a minha roupa e me lembrei do meu pai aconselhando que fosse pra ficar quietinha e o deixar fazer o que quisesse. Meu pai até fez algumas coisas com a minha mãe para eu ver, então eu já sabia o que esperar, meu pai também enfiava o dedo em mim na frente e atrás, mas o Sol não fez nada disso e me surpreendeu de novo. Eu tinha machucados nas costas que ainda não estavam curados e ele me fez sentar na banheira, me deu banho e passou remédio depois de me vestir, me fez deitar na cama. Pouco tempo depois ele voltou com um copo de leite e um pote com um monte de biscoitos e eu chorava de novo aí ele me disse que me faria chorar de verdade se eu não parasse e não consegui parar. Sol juntou meus pulsos e amarrou com uma corda, me levantou da cama e me pendurou no caibro do teto no lado mais baixo levantou a minha camisola, abaixou minha calcinha e começou a bater. Ele bateu e bateu e eu chorei, chorei tudo que estava sentindo, por mim, pela minha mãe, pela minha irmã morta. Chorei até não sentir mais vontade, até não sentir mais dor, não senti quando soltou meus pulsos, nem escutei o que perguntou, mas concordei assim mesmo e ele me abraçou. Me beijou na testa e me fez deitar de bruços na cama e o abraço eu senti, o beijo também, e acho que foi naquele momento que entendi que eu seria capaz de fazer qualquer coisa pra sentir isso de novo...

Kassia fecha o diário com um marca página e move a cabeça estalando o pescoço. Para deixar Korine mais tranquila ela decidiu voltar em uns dos seus meios de transporte e a jornada de 5/6 horas com o vento e Ores viraram 19 entre barco, helicóptero e jato particular, e isso porque era particular!

Ores estava sentado na sua frente e parecia que ia ter um colapso nervoso a qualquer instante,

ele mostra os dentes e seus olhos de repente ficam totalmente negros e ela percebe o passageiro que não havia sido convidado.

— Calma aí ô protótipo de pinguim. Vai pegar um copo de suco pra ela, vai. E por acaso, eu não sou vampiro para precisar ser convidado.

— Pode ler a minha mente?

Ela estava sendo sarcástica, mas tinha lá o seu dúbio sentido e ele ri;

— Só os que me dizem respeito, pode ficar tranquila.

Ele estende a mão e quando ela segura ele se apresenta;

— Jarel, seu anjo caído da guarda.

Kassia sorri sentindo-se estranhamente confortável com a sua presença.

— Meu anjo caído da guarda. Essa é nova pra mim.

— Pra mim também, nem sei se existe algum precedente, ou se Mahren vai opor-se, ou não...

Ele se inclina como se fosse contar um segredo e Kassia se contém para não mexer o nariz.

— Ela é caidinha por mim, ainda mais depois que eu peguei esse bronze, aí é que ela gamou no corpão aqui.

Kassia passa de súbito a mão no nariz e silva sem querer;

— Desculpe.

Jarel cheira as próprias axilas e escuta o *Neimo* resmungando.

— É o pingente. Mas tem uma cabine com banheiro, se o senhor quiser se desfazer do cheiro de enxofre.

— Obrigado acho que vou aceitar, mas aceitaria um copo de água antes e, morango com tomates silvestres para a bela dama, rainha, acertei?

— Kassia, ou K está bom. Pode ir Ores, se ele quisesse me matar não precisaria de testemunhas. Acertei?

— Se eu quisesse você morta, não teria caído.

Kassia tomba de lado o pescoço a estudá-lo e ele mostra os dentes brancos e lisos brevemente, a somar no seu escrutínio.

— Você caiu por minha causa?

— Posso fazer uma experiência, antes de responder?

Kassia move os ombros como quem diz vai e ele é rápido em colar a boca na sua. Kassia fica parada, colada no assento com os olhos arregalados e ele se afasta.

— Sim e não, mais para sim do que para não. Vou tentar ser mais franco.

Kassia balançava a cabeça assentindo, mas suas mãos estavam firmes em seu colo e seus lábios estavam colados.

O seu consciente resolve dar o ar da graça e é cruelmente sarcástico em meio que afirmar e perguntar se dois estava bom, e três era demais, e no instante seguinte ela rebate que seu tempo pode ser curto e que se dane, já estava condenada!

Ela passa a língua nos lábios rápida e discretamente, mas ele percebe e ri. E puta merda, ela se sente pega sem roupa e cora feito uma colegial! E ele tinha que inflar aquele peito musculoso bem na sua frente! Kassia se levanta abrupta, silva e volta a sentar sentindo-se desafiada e bastante irritada, levanta de novo e avança em cima dele, beijando-o na boca.

Doce e macia, enquanto ele a segura pela cintura por baixo do casaco e desliza as mãos pelas suas costas acima e ela grita. Alto e sofridamente, caída no chão do avião bem na sua frente e

com aquele pingente negro penetrando no seu colo entre os seios.

Jarel passa a mão no pescoço a sentir a correntinha pendurada e ela silva pra ele com todos os dentes à mostra em ameaça quando ele tenta ajudá-la.

Ca, ra, lho. E, a, go, ra...?

Ele viu as camadas de pele se fechar uma a uma por sobre o pingente de diamante negro no vale entre seios dela e engoliu em seco. No instante seguinte ela arqueia o corpo para trás e faíscas intensas de luz saem pelos seus olhos e pela sua boca e raios ribombam no céu bem próximo do avião, explodindo uma das turbinas, depois outra. O avião começa a tremer e perder a altitude, e ela grita por Ores se soltando dos seus braços encarando-o com fúria. Ele só estava pensando em salvá-la e ela grita: a comissária é mortal idiota! De onde você saiu?!

Ores agarra o copiloto Kassia agarra o piloto e Jarel agarra uma comissária histérica e ambos os três se desmaterializam com os três mortais do avião que explode antes mesmo de tocar as águas do mar Atlântico e ela ruge furiosa em ver a comissária pálida, com o pescoço quebrado nos seus braços.

Raios estalam alto no céu, o vento silva violento, a terra treme sob seus pés e Jarel assiste boquiaberto, a água ser puxada da praia e a enorme e negra onda se levantar há quilômetros de extensão e altura como um tsunami devastador e ela grita...

Alto e sofridamente, caindo para trás, silvando para ele com os dentes à mostra quando...

— Calma, calma, calma, pelo amor de Deus, Kassia!

A pele já estava se fechando sobre o pingente no vale entre seios e ela fixou o olhar arregalado e prateado nos olhos negros assustados, arfando frenética e com uma careta de dor.

— Você, também, viu? — ela perguntou entre arfadas.

Sim, era a resposta e balançou a cabeça rapidamente assentindo estupefato.

— Porque que isso acontece comigo? Por que não consigo controlar esses ímpetos loucos? O que é esse troço que entrou em mim?

Jarel vê a comissária estacada na porta aterrorizada com a cena, voltar para a cabine no mesmo pé e Kassia a arfar descabelada e sentada no chão entre suas pernas abertas. Ele a levanta ajudando-a voltar para o seu assento em frente e faz uma careta ao resmungar;

— Acho que ela não ficou com uma boa impressão da gente.

— Eles são muito bem pagos para não terem impressão nenhuma. O que era esse troço que entrou em mim?

Jarel solta o ar reflexivo e assente mais para si mesmo;

— Pelo princípio, quando perguntei se podia fazer uma experiência e você consentiu, o que eu queria era saber se conseguiria mentir, já que eu caí. O beijo foi um pouco ímpeto e um pouco gratidão. Outro tanto, curiosidade e satisfação de ego e coisas assim. Essa satisfação de ego também rolou quando você ficou ruborizada e quando você veio e me beijou, eu fiquei assustado, e eufórico e excitado e, eu te alisei, eu acho. Alisei sim, senti o calor da sua pele por cima da blusa em minhas mãos e você me mordeu. De leve.

Jarel põe o lábio para dentro da boca a sondar com a língua e engole;

— É, você me mordiscou de leve e aí caiu para trás, com o pingente de diamante que Mahren me deu, e nós tivemos uma amostra, do que poderia ter acontecido e de como...

Jarel a fita expressivamente triste em concluir;

—... De como, nos comportamos em situações extremas. E, com isso eu posso afirmar que, esse pingente não poderia estar em melhor lugar. Do que está agora.

— Porque você queria salvar a primeira pessoa que viu na frente, que no caso era eu, entrou aqui de gaiato e talvez nem tenha conhecimento de como funciona ou quantos funcionários mínimos são necessários para fazer esse troço funcionar. Ao contrário da besta aqui, que em um toque de mãos, mais os anos acreditando ser mortal, logo; sabe como funciona. Sabe que a comissária tem duas filhinhas lindas e morre de medo que a minha *irmãe* dispense os seus serviços porque teve um casinho de nada com um dos pilotos do helicóptero dela e, eu ainda gritei com você. Eu sinto muito.

— E eu não posso mentir. O beijo e o tapa, foram os primeiros da minha nova condição de vida e ambos foram bons.

— Oh meu Deus. Isso eu não vi eu, sinto muito, muito mesmo.

Jarel se lembra de fechar a boca alguns segundos depois e é salvo pelo *Neimo*, que ainda o olha de cara feia.

— Eu sou feio assim mesmo, senhor.

— Não é não, Ores. — ela olha pra ele de cara feia por um segundo e volta para Ores a pegar o suco — Não pra mim e você, sabe.

Seus olhos cintilam e ele puxa o lenço impecavelmente branco do bolso e o entrega a ela, a pegar de volta o copo.

— Desculpa, Ores. Eu que pensei primeiro no protótipo de mordomo e pinguim de geladeira e não foi justo, você foi o meu melhor amigo, meu único amigo...

Kassia desaba em prantos e Ores senta no assento ao seu lado a abraçá-la, com uma mão a segurar o copo e a outra a acarinhar as suas costas confortando-a.

Isso não estava acontecendo.

Anjo caído da guarda de uma rainha vampira. Até que caiu bem.

Se ela aceitar. Que assim seja... Mahren...

Eu aprovo, Jarel.

O corpo dela engoliu o pingente.

Eu sei... Se quiser saber algo mais, terá que formular melhor as suas perguntas, meu amigo, mas é justo que vos diga que o tempo às trás de graça, e eu cobro. Um por um.

Eu não conhecia esse seu lado Oráculo ou mercenário.

Você não conhece muitas coisas sobre mim. Essa é a verdade.

“Aterrissaremos em cinco minutos, apertem os cintos, por favor”

Kassia sorri entre lágrimas e exclama;

— Oh Deus, obrigada!

E Jarel resmunga indignado;

— Sabe que é pecado usar o nome de Deus em vão?

— É costume, força de expressão, vou tentar me... Que espécie de caído é você? Que diferença faz se me vigiar ou não a essa altura? Quer saber? Eu sou um buraco negro, bebo sangue, estou grávida de sêxtuplos sendo três de um macho e três de outro e amo um terceiro, que está morto por minha culpa. Foi amaldiçoado por minha culpa. Meus hormônios estão a

mil, se toco num mortal mesmo que de leve, fico sabendo tudo que aconteceu na porcaria da sua vida, e também me alimento de descendentes de nefilins. O que acha que vai me impedir de comer você no café da manhã? Seu gosto é bom pra caramba e, por que você está me irritando? Você é um anjo caído da guarda muito irresponsável, sabia? Tenho que me virar nos trinta pra não me transformar numa bomba atômica ou algo assim... Você, pode me matar? Não, nem precisa, meus bebês farão isso naturalmente, se é que há algo de natural nisso... Seleção das espécies talvez...

Jarel encara Ores e pergunta mentalmente;

Ela é sempre assim?

— Não, são seus lindos olhos negros. E por acaso, escuto muito bem também e se você quer alimentar culpa por causa de uma ondinha de nada em cima de uma gentinha hipócrita que se achavam dono da razão e queriam dominar o mundo. Divirta-se sozinho, está bem? Eles estavam bem à frente da sua época, não tinham um pinga de senso ecológico e até já nasceram de novo várias vezes depois.

Kassia se levanta logo que a luz se acende e segue na direção da cabine, a comissária sorri com simpatia e ela sorri de volta a deslizar a mão na lateral do seu rosto;

— São realmente lindas as suas meninas, Megan.

— Elas são o meu motivo de viver, Srta. Costa.

— Eu imagino que sim.

— Ricco já a está aguardando.

— Obrigada.

Kassia põe os óculos escuros e Megan a auxilia vestir o sobretudo negro que a encobre do pescoço até os sapatos de salto altíssimos, e entrega a sua maleta. Seus longos cabelos são arrumados em um coque displicente e enquanto a comissária sai pela porta e para os flashes dos jornalistas inconvenientes, ela se desmaterializa com os dois singulares guarda costas direto para o carro estacionado estrategicamente mais ao norte na saída do hangar. Ricco ruge mostrando os dentes com a presença de Jarel e Jarel revira os olhos negros com enfado. Kassia respira fundo e retira os óculos dirigindo-se a Ricco;

— Conseguiram tudo que eu queria?

E como Ricco continuava encarando Jarel, ela estala os dedos na frente do seu rosto.

— Ricco. Jarel, Jarel, Ricco. Ricco foi meu babá, segurança e motorista quando ainda achava que era humana normal e Jarel é meu anjo caído da guarda.

Com essa Ricco fixa o olhar de ébano no seu rosto sério e parecia estar assustado com a sua apresentação.

Ela não deu maior importância ao seu assombramento e ele logo se recompôs e começou a falar;

— Dois helicópteros menores foram providenciados para levar o equipamento e eu mesmo estarei supervisionando toda operação, em no máximo 30 horas tudo que solicitou estará sendo entregue onde determinar. Sobre o outro assunto, eu consegui dois endereços e fiz algumas ligações, ela ainda tem dois irmãos de consideração vivos e foi o mais novo deles que procurou seu pai biológico quando ela enlouqueceu.

Ele entrega um envelope branco tamanho ofício e ela guarda na lateral da sua pasta enquanto o estuda de canto de olho.

— E o que não está me contando, Ricco?

Ricco passa a mão no pescoço a sentir os grifos queimando.

— Eu voltei à clínica onde esteve internada sua irmã biológica, e não deixei que a transmutação acontecesse.

Não demorou que ela compreendesse que Janete era a tal irmã da autora dos diários e que Ricco aguardava alguma espécie de punição pelos seus atos.

— Mundo pequeno, não?

— A menina que ele comprou na região Nordeste foi roubada ainda bebê por uma das primas da mulher que cresceu acreditando ser sua mãe, ela trabalhava na casa. Está tudo no relatório que entreguei a você.

— Obrigada Ricco.

Ele engole em seco enquanto o carro voava pela intermunicipal antes de ter coragem de perguntar:

— E quanto à irmã que eu...

Kassia sorri com tristeza e o encara séria;

— Fez o que fez porque precisava e julgou ser o certo. Sei que teria agido diferente se pudesse. Ainda existe algum parente vivo?

— Primos distantes e uma tia idosa. Os irmãos de consideração eram os que tinham maior ligação afetiva, o mais velho e a esposa tem um casal de filhos e gerenciam um orfanato no interior de São Paulo e o mais novo se casou com uma europeia de classe média e tem residência fixa em uma cidade do interior próximo de Valencia na Espanha, sem filhos.

Ricco puxa da sua pasta outro envelope branco e o estende na sua direção.

— Esse é um dossiê que estava preparando por conta própria antes de ligar alguns fatos. É sobre a que..., bem, você sabe.

Ela pega o envelope com o dossiê que Ricco entregou e um profundo instinto de proteção a faz levar o documento ao peito. O que não passa despercebido por Jarel e ele também vai juntando alguns fatos e peças.

Nos quarenta minutos seguintes eles passam calados enquanto ela lê sobre Janete. Seus pais tinham idade avançada quando ela nasceu e sua mãe nunca chegou a se recuperar da crença de que tinha sido ela que havia enterrado viva a própria filha. Eles se mudaram do Espírito Santo para o interior serrano do estado do Rio de Janeiro na tentativa de começar vida nova quando Janete nasceu, mas sua mãe nunca se recuperou do que imaginava ter feito e acabou se matando com os comprimidos controlados misturados a uma dose de álcool. Janete encontrou o corpo da mãe. Estava descrito nos prontuários da clínica onde esteve internada nos três anos seguintes. Ela tinha apenas sete para oito anos. Onze quando recebeu alta da primeira vez.

— Ela foi diagnosticada sociopata e recebeu educação em casa, em dois anos concluiu o primário escolar, em três concluiu o ginásio e mais três ela concluiu o segundo grau. Suas notas a levaram a uma das melhores faculdades do estado do RJ e era de poucos amigos, mas a doença do pai a levou a trancar a faculdade no penúltimo ano e, é aí que juntei algumas peças. Foi nessa época que o irmão caçula da menina esteve no Brasil e incentivado pela esposa procurou o ex patrão da prima da sua mãe e contou tudo que sabia. O bebê que a mãe da Janete enterrou, era a filha recém-nascida dessa prima que nasceu na mesma semana e também era filha dele, irmã de Janete. Ela havia trocado as meninas em uma forma de vingança e voltou

para o interior com a filha da patroa, só que não conseguiu ficar com ela quando soube que a patroa matou a sua e a entregou para a prima. Isso está nos diários da Janete, mas ela só se referia a essa irmã como S. Cinco anos e meio atrás ela terminou a faculdade e nesse período se envolveu com vários humanos adeptos a práticas sadomasoquistas com intenção de entender melhor a irmã e com sorte, encontrar o humano que foi seu dono.

Kassia assente e volta a guardar todos os papéis no envelope e o envelope na pasta a observar em seguida pela janela do veículo em movimento. A intermunicipal era cercada por montanhas naquela área e a lua brilhava grande e soberana acima deles, iluminando seu caminho. À sua direita a estrada circundava a cidade onde imaginou que começaria sua vida a caminhar pelos próprios pés e poucos quilômetros à frente, ela sabia, estaria a sua esquerda a saída da estrada, e a entrada a que foi levada a antecipar seu destino como ser sobrenatural que era.

Ela pediu que parasse no acostamento e com um gesto de Ricco o motorista parou e ela saiu do veículo. O ar da noite era fresco e convidativo naquela parte da estrada e ela se estica estalando os ossos. Ores, Jarel e Ricco saem do veículo e ela faz uma careta com as narinas dilatadas e grunhe um 'merda' desaparecendo em seguida.

Eles seguem o seu rastro e a encontram a poucos metros de um grave acidente na estrada paralela de mão única, ela se vira na direção deles apontando o indicador e ordena que fiquem onde estão e segue em frente avaliando o estrago.

O caminhão esbarrou no carro de passeio jogando-o para fora da estrada e este acabou por bater de frente no tronco de uma árvore de eucalipto, o cheiro de sangue fresco permeava o ar da noite e Ricco gemeu estacado no mesmo lugar. Kassia olhou para os dois lados da pista e sabia por experiência própria que estavam em um lugar onde não havia sinal de celular, ela arranca a porta do veículo a sentir o cheiro de bebida e sangue no motorista, ao tocar em seu pescoço entende com pesar que ele o quebrou no impacto, a passageira ao seu lado geme com a cabeça deitada no painel e o cheiro de gasolina a põe em alerta máximo, num segundo está do outro lado e abre a porta da passageira com a mesma facilidade que arrancou a do motorista, mas vê que seus sinais vitais estão fracos, uma das pernas foi amputada na altura da coxa e a outra estava esmagada entre as ferragens.

Seus olhos prateados turvam ao tocá-la e se dar conta de que está grávida. Eles estavam a caminho do hospital, não tinham nem um quarto de século de vida e estavam em uma festa quando a bolsa dela se rompeu e começaram as contrações. O veículo era antigo e Kassia chora ao entender que já esteve em situação parecida, só não estava grávida de verdade como fez acreditar ao seu namorado na época e era ela ao volante a voar pelo precipício em direção ao mar quando perdeu a direção.

Também havia identificado a morte cerebral dela no impacto do veículo com a árvore e que os gêmeos ainda viviam e lutavam para sair do enclaustro que se tornou para eles o corpo mortalmente ferido. Kassia deitou o encosto do banco para trás e com suas presas e unhas rasga o ventre da passageira e Ores se materializa ao seu lado estendendo as mãos com uma toalha branca aberta e ela deita ali o primeiro menino retirado.

O segundo já estava em seus braços quando ouviram o estalo e ambos se afastaram rápido, átimos de segundo antes do veículo explodir com o casal de passageiros mortos.

Ricco retira o terno e o estica no declínio do gramado à beira da estrada, ao abrigo da luz que era emitida pelos faróis dos veículos que passavam inocentes do que estava acontecendo e

afasta-se a prender a respiração.

Kassia deita ali o bebê e enfia com delicadeza o dedo indicador na sua boca virando-o de lado, em seguida o pequeno reclama num grunhido irritado enquanto ela chora calada e se põe a dar atenção ao que estava com Ores. Que também chora irritado algum tempo depois, e só então ela suspira aliviada, com rosto sério banhado em lágrimas e o sangue da mãe, agora carbonizada.

Ricco meneia a cabeça e se afasta ainda mais tropicando e caindo sentado na calçada enquanto ela envolve os bebês. Seu olhar corre nos pequenos e no seu rosto manchado e ele engole em seco.

Kassia havia mordido seus cordões umbilicais para libertá-los da placenta e agora segurava ambos envoltos nas toalhas brancas e eles olhavam na direção do seu rosto como se a conhecessem.

O facho de luz tênue que se aproximou de Kassia parecendo comunicar-se com ela diretamente, fez arrepiar os poucos pelos que havia em sua nuca. Ela assentiu para a luz abraçando ainda mais os bebês em seu colo e Ricco viu a si mesmo em situação semelhante. Poucos minutos depois, eles estavam de volta ao carro e ele a informou que ela tinha uma residência próxima dali.

Kassia não pareceu surpresa ou chateada com o fato de Korine ter comprado uma mansão para ela quando ela decidiu viver naquela cidade, e foi para lá que seguiram. Ela tinha toda a atenção voltada para os bebês em seu colo e chegou a imaginar que poderia ter ordenado ao motorista a sair do estado, que ela não se importaria.

Ricco a deixou no quarto principal da mansão e desceu as escadas para o primeiro piso onde um escritório havia sido montado para as necessidades de Korine e antes de ligar para ela, ele orientou o motorista a sair e comprar as provisões necessárias para eles e os bebês. Havia um restaurante de estrada com um modesto comércio adjacente em pouco mais de três quilômetros e mesmo que não encontrasse lá tudo que precisasse, em mais quatro quilômetros estaria dentro da cidade, onde havia posto de gasolina e mercado 24 horas.

Kassia banhou os bebês com o auxílio de Ores e deu maior atenção aos seus umbigos temendo que em seu desespero para salvá-los os tenha infectado de alguma forma. Ela os cercou com travesseiros no centro da enorme cama e desceu as escadas para o primeiro piso encontrando Jarel esparramado na poltrona branca, como quase toda decoração da mansão. Ele estava reflexivo e um tanto abatido e ela até chegou a pensar em perguntar se os guardiões superiores se oporiam que ela zelasse pelos bebês que havia salvado, mas ele se antecipou a questão.

— Foi a mãe deles que os entregou a você. Nesse caso não há nada que os guardiões possam fazer para intervir.

Jarel aponta com o queixo para a sala onde foi montado o escritório e ela escuta Ricco esbravejando no telefone.

— Você não teve escolha, teve? Claro que você sabe do que estou falando! Você nos salvou naquele dia! Teria salvado ela também, se já não estivesse com o pescoço quebrado. E me deixou acreditar... Korine, você é uma desgraçada! Como pode deixar que a acusasse daquele

jeito? Como pode ser capaz... Eu não vou discutir com você pela porra de um telefone, eu vou... Não vou? Pode contar que eu encontro você!

Ricco ruge e mostra dentes brancos ameaçadores, mas seus olhos negros suavizam quando vê Kassia assustada a observá-lo da sala.

— Eu não vou, mas tem que me prometer que, Korine, por favor. Se cuide está bem? Sim, ela está, e a viagem ocorreu tranquilamente. Ela está aqui.

Ricco estende o telefone para Kassia e ela balbucia um 'obrigada' sem graça antes de levar ao ouvido, ele se afasta e fecha a porta do escritório indo se sentar ao lado de Jarel.

— Eu não podia imaginar que, ela nunca me disse nada e eu achava que, que merda. Eu, amaldiçoei a única mulher que sempre amei mais que tudo e ela...

— E agora você está se sentindo culpado. Seja bem vindo ao clube.

Ricco olha pra Jarel com desconfiança justificada e Jarel joga as mãos ao alto sem paciência alguma e se levanta.

— Eu caí por ela, se é que não percebeu. Ainda devo estar fedendo a enxofre por conta disso. Falando nisso, aqui ao menos os banheiros são fechados para garantir alguma privacidade ao sujeito, não?

Ricco assente devagar e com um comando mental aciona as cortinas metalizadas que começam a descer por todas as paredes de vidro da mansão.

— Tem três banheiros aqui no primeiro piso. — ele informa apontando o largo e iluminado corredor e Jarel assente a perguntar;

— Toalhas?

— Você é mesmo um anjo caído?

— Alguma dúvida com relação a isso?

Jarel retira a camisa num único movimento e se vira de costas para Ricco que silva baixinho em ver o V invertido e engole em seco.

— Não era para sermos inimigos mortais?

— Ainda não sei se sou seu amigo, mas é possível que me veja obrigado a ser, se ela assim quiser.

— A nossa Kassi cativou o coração de um anjo a ponto dele cair por ela?

— Toalhas?

Ceeerto. O cara não ia soltar mais nada e não havia por que insistir.

— Em todos os armários.

Jarel assente e lhe dá às costas a rumar pelo corredor e o escuta resmungar.

— De nada.

— Conte pra ela.

— O quê?

Jarel para e se vira estudando-o com pouco ou nenhum interesse.

— Que você a perdoa e liberta, porque a ama. Não posso garantir que ela vai cair nos seus braços, na verdade, minha falta de experiência dita que não posso garantir nada de nada, mas é possível que a ajude a superar a dor que está enfrentando por não amar você da forma que você gostaria de ser amado.

Ricco assente reflexivo e Kassia abre a porta do escritório com expressão agoniada a encarar Jarel;

— Você saberia dizer se eu infectei os bebês?

— Com vida, K. Você os salvou da morte com seu ato altruísta, e a mãe deles os entregou a você.

— Eu sei o que a mãe deles fez e nunca tive medo de responsabilidades. O que quero saber é se os condenei com esse meu ato.

Jarel a estuda e faz uma careta sutil a fugir do seu olhar. Havia sofrimento em seu tom de voz e seus olhos cintilavam. Isso estava ficando complicado.

— Até segunda ordem, eles são seus.

— Isso não responde a minha pergunta.

— Ele não pode responder essa pergunta, mas eu posso.

Responde a entidade feminina a diminuir a intensidade da luz que emanava.

— Os bebês não chegariam vivos ao hospital, já estava determinado que assim fosse, então sim, para bem e para o mal eles são seus, e ambos receberam uma parte mínima da sua essência quando os salvou. Se vão ser sensíveis ao sol ou necessitar de sangue para viver, só o tempo dirá.

Não havia ressentimento no tom de voz suave da entidade e Kassia chega a entrefechar os olhos para estudar melhor as suas feições.

— Você não seria condenada se deixasse a natureza seguir seu curso, mas você interveio e os salvou, quando era esperado que sua fome prevalecesse e se alimentasse deles ou dos seus pais, você se conteve. A mãe deles os entregou a você, e cabe aos guardiões superiores aceitarem a decisão dela, mas não haverá segurança para eles se não os levar consigo, e a maioria deles ainda espera que você descumpra com a promessa de protegê-los e que deixe que a sua natureza vença e se alimente deles.

— Pois eles que vão esperando que isso aconteça.

Kassia contra ataca e a entidade sorri iluminada. Ela percebe de súbito o quanto os traços do seu rosto a lembram alguém, apesar da tez clara, Kassia olha de relance para Ricco e volta a fixar o olhar no rosto iluminado da entidade que se assemelha mais a face de seu irmão Lorenzo. A entidade assente a confirmar.

— Eu era noviça em Florença quando o pai de Ricco me reconheceu no ministério, me roubou na calada da noite e me violou. O pai de Lorenzo era o motivo do meu enclaustro no convento, nossos pais não concordavam com nosso casamento e seu pai me tomou como sua esposa quando já não podia mais estar entre as imaculadas. Dois meses após ter concebido Ricco eu engravidei do meu marido e vivíamos fugindo, mas o pai de Ricco nos encontrou mesmo assim e matou o pai de Enzo, eu estava grávida de sete meses e meio e isso o deixou furioso. Ele quebrou meu pescoço e foi atacado pela sua irmã na calada da noite, ele desapareceu ante a sua fúria e ela se apiedou de mim e dos meus filhos. Ele havia tirado Ricco dos meus braços e arremessado no chão pouco antes de me matar, ela rasgou e tirou Enzo do meu ventre e rompeu ao próprio pulso para alimentar Ricco, eu fiquei aterrorizada com a sua forma bestial.

A entidade olha diretamente para Ricco com sua voz suave e conformada.

— Eu não estava preparada para tanta brutalidade anos atrás e me deixei levar pelo vento e para longe de vocês logo que me vi liberta do corpo físico. Eu nasci *Kade* Ricco, e você não é filho biológico do homem que lhe deu seu nome, mas ele te amou como um desde que abriu os olhos em seus braços nesse mundo, e a criatura demoníaca que me tomou e te gerou no meu

ventre ainda vive e por muito tempo teve a proteção de alguns dos guardiões superiores para seus atos assassínios contra *Kades* como eu.

O brilho da entidade diminui consideravelmente e ela começa a desaparecer sorrindo em declarar;

— Eu a aceito como minha Guardiã se me aceitares como um dos seus.

E antes de desaparecer por completo ela se volta para Kassia;

— Ele ainda vive e tem o poder de identificar *Kades* há quilômetros de distância.

— Ele também descende de *Elijáhrm*?

A entidade confirma antes de desaparecer por completo e Kassia a escuta em sua mente:

Eu respeito o Livre Arbítrio dos meus Kassandra, contudo, há muitas coisas que ainda desconhece das responsabilidades que vem assumindo e até aqui não fez nada que pudesse prejudicar a raça como um todo. Mas é justo que saiba que não prejudicará somente a si mesma se optar intervir nessa questão. O que posso prometer é que irei receber no santuário todas as que ele tentar destruir.

Entendo que possa ser um perigo e que foi generosa em aceitar a mim e aos meus junto aos seus, mas é injusto que eu tenha tanto poder e não possa usar para defender aos que amo, aos que nós amamos.

*Você se tornou uma peça ainda mais preciosa entre os mundos esta noite, e o selo em forma de diamante em seu peito é o que pode chamar de um dos selos do apocalipse. Se não permitir ser protegida pelos que te amam e vier a ser destruída, o selo partirá e tudo que existe neste universo será absorvido pelas sombras da ira de *Elijáhrm*.*

Kassia leva instintivamente a mão no colo acima dos seios e encara Ricco a pensar nele como uma possibilidade.

Sim, esse pode ser o destino dele, se ele aceitar, e seria sábio permitir que permita que seja escolha dele, mas é justo que saiba que já é tarde para duas das três fêmeas que habitaram o mesmo ventre que você nesta vida.

Olho por olho e dente por dente.

Kassia de alguma maneira compreende que ter salvado os bebês foi o que condenou as irmãs que nem mesmo chegou a conhecer e a sua garganta se fecha inflamada;

Haverá algum tempo em que possamos viver em paz e livre dos seus desígnios cruéis?

Eu trabalho por isso, criança, todo o tempo.

Kassia assente e encara Ricco;

— Ricco, eu não posso interferir, mas você pode, se você quiser...

Ricco prontamente aceita e lhe estende a mão que ela segura a perguntar;

— E aceitaria uma fração do meu dom, mesmo que venha considerar que seja na mesma moeda uma maldição para o resto da sua vida?

— Se vai ajudar a encontrar o animal que violentou e me gerou no ventre da minha mãe, eu aceito.

Ricco sente o seu pulso queimar por um instante e percebe que Kassia o havia espetado de leve com seu dedo anular.

— A mesma capacidade que ele tem para identificar uma fêmea *Kade*, você agora terá de encontrá-lo.

Ricco sorri daquele jeito que lhe era tão familiar e esfrega o pulso;

— E desde quando isso é uma maldição?

— Você vai entender melhor quando o encontrar.

— Está, tão parecida com Korine.

— Ela é minha irmã de raça e me recebeu em seu ventre quando aceitou Mahren como sua Guardiã. É justo que sejamos parecidas.

Ricco assente em concordância, olha brevemente em torno e volta a fixar nela o olhar;

— Essa mansão foi construída para que não se sinta presa e ao mesmo tempo sinta-se protegida. Os satélites não identificam do alto e os olhos dos mortais são confundidos pela mesma ilusão de ótica. As cortinas de aço são esmaltadas de branco por dentro, abaixam automaticamente às vésperas do amanhecer e sobem logo após o por do sol. Vai ficar bem?

— Vou. Sim eu vou ficar bem, Ricco.

Ele volta a passar a mão em sua nuca e se remexe incomodado;

— A senha para a entrada do quarto no subsolo é o seu primeiro nome completo.

Kassia balança a cabeça assentindo, Korine já havia mencionado ao telefone.

— Orientei o motorista em trazer provisões e deixar o carro para seu uso com cadeirinha de segurança dupla para os bebês e descer a serra no utilitário que...

— Eu não dirijo mais. — ela o interrompe.

— Eu dirijo.

Todos se voltam para o interlocutor e ele olha em torno a mover o ombro com pouco caso.

— Bonita casa, mas se quer saber, ainda não estou acreditando que a minha 'missão' é servir de motorista aqui. O que aconteceu K? Tem noção de quanto tempo você e Ores estão fora do condomínio?

— Prazer em vê-lo também, Dërhon.

Ores assente de leve para Dërhon e se volta para Kassia que lhe sorri de leve e assente preocupada. Ores desaparece e Kassia apresenta Ricco ao Dërhon e nem se dá ao trabalho de perguntar como ele a achou ali.

— Se você tivesse ao menos se dado ao trabalho de ler a lista...

— Que você praticamente jogou em cima da mesa na minha direção.

Dërhon completa em gesticular e Ricco ruge mostrando os dentes.

Kassia se interpõe entre os dois e grita.

Acusticamente.

Do jeito que estala cristais e rompe os tímpanos e quando não há mais ar em seus pulmões ela escuta um gemido baixinho, daqueles que só as fêmeas com instinto maternal aguçado escutam e silva como um tigre bravio para os dois e leva o indicador a boca em sinal de silêncio com olhar ameaçador e usa o mesmo dedo para apontar cada um a dizer em baixo tom;

— Ricco providenciou os equipamentos que eu pedi, mas surgiu uma situação que só ele pode resolver por mim e já que você está aqui. Pode fazer a gentileza de explicar a ele como fez para levar todas aquelas modernidades para dentro do condomínio enquanto eu cuido dos meus bebês?

Dërhon sorri incrédulo e em seguida fica sério a estudar as caras de um e do outro e só então que ela percebe algo estranho no movimento da sua mão. Ou melhor, na falta de movimento, e aponta preocupada;

— O que aconteceu com a sua mão?

Dërhon levanta o braço e começa a tirar a luva e ela se vira nos calcanhares e se lança escada acima.

Bacana. Super!

Ele esperando ao menos ver aquela carinha de piedade dela e ela o larga no vácuo. De relance ele fita o tal Ricco e o encara;

— Que foi? De onde você vem não tem vampiro branco, não?

— De onde eu venho não tem vampiro babaca, e se você pensa em afastá-la emocionalmente de você. Posso garantir que está no caminho certo. A nossa Kassi pode até ter mudado bastante, mas duvido que tenha começado a apreciar esse tipo de comentário racista.

Dërhon muda completamente a expressão em perguntar;

— Você a conhece há muito tempo?

Ricco o estuda por um instante e comenta com pesar genuíno;

— Está apaixonado.

— Nããão isso é só orgulho ferido mesmo. Se é que ainda tenho algum. Honestamente, eu não sei, eu, eu não conheci outra fêmea antes e...

Dërhon mostra os dentes de leve e encara Ricco de cara feia;

— Vai ficar me encarando com essa cara de piedade aí?

Ricco levanta os braços mostrando as palmas e depois examina as horas;

— Quanto tempo você demora dirigindo daqui ao condomínio?

Dërhon sorri e meneia a cabeça;

— Sem chance. Não temos permissão para ser tão civilizados assim.

— Entendo. E como pretende levar dois recém-nascidos mortais e uma mãe brava como onça a defendê-los de volta para esse 'condomínio não tão civilizado' assim?

— Mortais? Bebês mortais?

Dërhon franze o cenho, suas narinas dilatam sutilmente e ele se contém para não silvar ou grunhir. Ou ambas as coisas.

— Vocês já ouviram falar de mochilas para bebês? Nós iremos até onde podemos de carro e o restante do caminho os levo amarrados em mim.

Dërhon silva sem querer e ela silva de volta com todos os dentes à mostra. Ele se recompõe e levanta as mãos mostrando as palmas e dando um passo para trás se justifica;

— Desculpe, é que o cheiro deles é muito bom, eu...

Dërhon estava faminto, ela podia sentir, mas para sua própria segurança era melhor que ele não fizesse qualquer movimento em falso, ela pensou.

Ores aparece no canto da sala com a *Sion* feminina que ela havia chamado de Sara e ela comunica-se diretamente com a *Sion* em pensamento. Kassia havia deixado Alegria aos seus cuidados e a *Sion* arrancou a mão de Dërhon com uma mordida quando ele tentou tocar sua irmã.

Pela antiga lei, se um *Sion* ferisse um superior, tinha os membros arrancados e voltava para terra para agonizar por meio século como castigo e a *Sion* Sara aguardava docilmente pela punição.

Kassia se aproximou e entregou os bebês que segurava nos braços pálidos e esguios da *Sion* e a expressão resignada dela ganhou um tom emocionado em ver os pequenos bebês em seus braços.

— Ótimo. Agora só precisamos rever seus métodos de proteção. Pode cuidar disso Ores?

Ores se inclina de leve em reverência, e mais tranquila, ela olha para Dërhon;

— Venha comigo Dërhon, por favor.

Dërhon a acompanha escada acima e eles entram no quarto principal, ela o faz sentar-se na cama, fecha a porta com um comando mental e senta ao seu lado de frente para ele a pedir com calma;

— Deixe-me ver o estrago. — ele retira a luva e move as articulações de ossos cobertos por tendões e filamentos musculares.

Já estava se curando, mas o processo de cura estaria mais adiantado se estivesse bem alimentado ou se tivesse se entregado ao sono no solo e Kassia estende sua mão direita sobre a mão ferida dele olhando dentro dos seus olhos incrivelmente azuis.

Dërhon fica excitado com o toque dela e ela usa a mão livre para acariciar a lateral do seu rosto com as costas dos dedos a sorrir com tristeza e explicar com doçura;

— É natural Dërhon, seu corpo foi programado antes mesmo que chegasse a nascer para reagir assim diante de qualquer fêmea como eu.

Dërhon chega a abrir a boca para debater, mas ela a tampa com seus dedos delicados e o mantém preso em seu olhar.

— Você não tem certeza, mas eu tenho do que sinto. Eu amo você sim, e até teríamos uma chance se meu coração não tivesse morrido com Xstrauss. Eu sou a Valquíria do Xstrauss, Dërhon, eu era. Dele, em meu coração eu sempre serei dele, entende?

Seus olhos brilham e as lágrimas rolam no rosto aparentemente delicado e ela sorri entre lágrimas emocionadas antes de levar o pulso livre a boca e morder oferecendo a ele;

— Você merece muito mais do que isso. Eu queria mesmo poder te dar mais.

Dërhon leva o pulso oferecido na boca e bebe dela enquanto sente sua mão recompondo sob a mão dela em velocidade extraordinária e um pensamento o fere como verdade inexorável. Kassia nunca seria dele.

Eu nunca teria uma chance com você.



Ricco flutuava do lado de fora a observar os dois no quarto pela extensa parede de vidro e Jarel se aproxima a ficar do seu lado a observar também.

— Ela nunca deixara de amá-lo, mas o seu amor de mulher para homem é de outro.

Ricco o espia de soslaio e volta a fixar o olhar no casal em perguntar;

— Você vai cuidar dela?

Jarel leva a destra no próprio peito e sorri de leve ao comentar mais para si mesmo;

— Como se eu tivesse escolha. Sim, eu vou cuidar dela, se ela deixar.



CAPÍTULO 36

Dërhon sela o pulso oferecido com sua saliva e move a destra totalmente restabelecida abraçando-a apertado contra o peito por um instante. Enquanto ela o curava e se alimentava dela pôde sentir todo o amor que ela sentia pelo seu irmão, e o quanto estava sofrendo por conta da sua morte. Essa não era uma história de agora, ela era a Valquíria que Xstrauss levou com ele para casa a milênios de anos atrás, e isso estava dando um nó na sua cabeça.

Aehmons não reencarnavam. Reencarnavam?

— Não da mesma maneira que os humanos. — ela sussurrou contra o seu peito.

— A nossa estrutura é compactada pouco antes da nossa destruição total e inserida em um ventre receptivo por um ser superior ou retorna ao doador de origem, que, ao que parece, de agora em diante serei eu. Ao menos dos que descendem de *Elijáhrm*, que também está em mim.

Kassia o beija no rosto demoradamente e se afasta um pouco a ficar de cabeça baixa e algumas lágrimas respingam.

— Eu não posso punir a Sara pelo que ela fez com você.

— E eu estou realmente aliviado e orgulhoso de você por conta disso.

Dërhon seca suas lágrimas com as costas dos dedos e ela deita o rosto na sua mão. Ele grunhe mostrando de leve as presas e a empurra na direção oposta a do perigo pressentido e se põe entre ela e Jarel a silvar ameaçador para o anjo em posição de ataque.

Kassia sacode a cabeça e desaparece materializando-se ao lado de Dërhon que logo a põe atrás de si e Jarel cruza os braços sobre o peito largo com cara de enfado;

— Tocante.

— Ele já teria me matado se quisesse, Dërhon. Isso já está ficando cansativo.

Dërhon estuda um e o outro com desconfiança e Jarel arqueia as sobrancelhas negras desafiando-o;

— Vai tentar fazer o que seus ancestrais foram criados para fazer?

— Não. — ela o puxa a se interpor entre os dois e encara Jarel com censura.

— São novos os tempos agora e, — ela se vira para Dërhon a encará-lo com expressão de súplica apontando Jarel — ele caiu no ímpeto de me defender da maldita, ele gosta de mim, de nós, e está confuso por conta disso. Ele não vai me ferir, estaria em seu direito, mas não faz parte da sua índole. Por favor, Dërhon. Uma nova era é chegada pra todos nós, tente conter-se. Por mim, por nós? Por favor.

Dërhon dá um passo atrás e encara Jarel ainda com presas à mostra e se recompõe em seguida, mas mantém a expressão séria.

— Eu não mato se não for para defender aos, meus ou a mim mesmo. — ele olha Kassia com expressão suavizada e seu sorriso alcança os olhos — Você tem a tendência de fazer os amigos

mais estranhos, não é?

Kassia sorri de leve a morder o lábio inferior excitando-o sem querer;

— São meus olhos, eu acho.

Jarel sorri e abaixa a cabeça de leve a fitá-la pelos cílios;

— E você soube tudo isso ao meu respeito com um único beijo. Estou mesmo impressionado.

— Não provoque Jarel, eu sei como fazer para devolver as suas asas e ainda estou tentada em te prestar esse favor. Muito tentada, na verdade.

— Você, você beijou ele?

— É, ela me beijou e gostou do meu gosto 'pra caramba' como ela disse.

Dërhon faz uma cara de nojo e Kassia sorri intimamente conectada com ele mentalmente.

— E quase provocamos um tsunami que cobriria todo o Estado do Rio de Janeiro e Estados vizinhos por conta disso, então não acho que vai acontecer de novo. Mas o gosto dele é mesmo muito bom, não vou negar.

— Seus gostos sempre foram duvidáveis, mas dessa vez você se superou, sabia? O cara fede a flores do campo!

— Ah qual é garoto? Eu tomei banho e usei um daqueles xampus com cheiro de flores que tinha lá no banheiro. Precisava ter sentido o cheiro de enxofre que eu estava antes quando ela me beijou e tomou a minha chave.

— Não tomei nada. Ela entrou em mim porque quis e você sabe tão bem quanto eu o que tem que ser feito para tê-la de volta.

Jarel fica sério no mesmo instante e Kassia estuda a um e ao outro antes de informá-los que vai descer para ver como estão seus bebês. Alguns segundos depois Dërhon pigarreia e faz uma careta.

— O gosto do beijo dela é bom?

— Foi meu primeiro beijo e foi muito bom, eu cheguei a sair de mim por um instante e fiquei excitado, muito excitado.

Jarel se encaminha para a cama e se deixa cair de costas passando a mão pelo rosto e admirando as estrelas pelo teto transparente, de vidro, como todo o resto.

— Não foi só por causa dela que caí, se é o que está pensando. Foi, em grande parte, mas eu estava lá quando *Elijáhrm* lançou a fêmea prenhe no ninho dos machos adultos e já havia presenciado o quanto ela podia ser cruel antes... Eles estavam tão famintos que mastigavam a sua carne além de beber do seu sangue, foi horrível de ver. A fêmea não se defendeu e por mais forte que Kassia fosse, ela também não teria chance alguma contra *Elijáhrm*, também seria destruída. Sacrificada, por uma causa maior.

Dërhon não tinha a dimensão do que Alegria havia passado no período que esteve fora e não queria, mas acabou perguntando mesmo assim com a voz embargada;

— Foi você que salvou a fêmea?

— Não. Eu não imaginava que ela pudesse sobreviver ao ataque dos machos. A fêmea já era mais osso que carne quando sai com minha decisão tomada e bem..., eu deixei um bocado de anjos hipócritas sem chão com a minha decisão, mas... Ficar excitado e beijar na boca, é bem melhor do que estar sempre se vigiando para não cair em tentação e nem sinto tanta falta das minhas asas em tom de rosa e azul. — Dërhon sorri sem querer e Jarel também — E esse tom de moreno cai bem melhor do que a cor pálida de *veado* que eu tinha antes.

Kassia sorri de leve e se afasta da porta sem fazer barulho ao ouvir o ronco do motor possante adentrando os jardins da mansão.

— Você está apaixonado pela K.

— E você também está, mas ambos sabemos que esse tipo de sentimento ela só tem por um macho, em especial.

— É. Eu também sei. Também sei disso.

— Temos uma eternidade pela frente, de qualquer modo. — reflete o anjo.



Ela avança em suas costas e o joga na cama e em dois segundos ele está por cima e a beija com furor de derreter as veias pelo sangue inflamado. Danikas amolece sem resistência em seus braços e ele morde de leve seu lábio inferior fazendo com que ela solte um gritinho feminino que entra como uma melodia aveludada em seus ouvidos.

Ele nunca se cansaria da sua fêmea e quando a via derretida assim em seus braços, nada mais no mundo importava.

— Eu já te disse que te amo hoje?

Danikas sorri e ele vê as pontinhas brancas e brilhosas das suas presas entre os lábios cheios e macios e não resiste em colar seus lábios nos dela para mais um beijo.

Danikas inverte as posições ficando por cima e ele torna a inverter as posições e acabam caindo no chão a gargalhar. As suas roupas desaparecem e ela começa a beijar seu peito no sentido mais ao sul do seu corpo e ele fica tenso por um segundo. Ela para em perceber sua tensão e olha em seus olhos, de cara feia.

— O que acha que vou fazer, Trevon? Do que você tem tanto medo, afinal?

Trevon mostra as palmas e levanta os braços acima da cabeça e ela faz um biquinho grunhindo de leve e volta a dar atenção ao seu corpo mordiscando e descendo e percebe o motivo pelo qual ele sempre fica tenso e inverte as posições deixando-a maluca com seus beijos.

O seu pau murcha um pouco com o escrutínio dela, mas ela o envolve com a boca a chupar com gosto e ele solta um grunhido grosso e bate com as costas da cabeça no chão.

Isso era bom demais e as suas mãos estavam fechadas em punho acima da cabeça enquanto dava a ela a mesma confiança que ela vinha lhe dando desde que se conheceram.

— Não dá pra ser educado em uma situação dessas, Dani. Se continuar com essa empolgação toda, vou acabar gozando na sua boca.

Danikas chupa com força e o solta somente para dizer então goza e volta a chupar e lambe e ele sente a visão turvar com todos os nervos contraídos.

O grunhido engasgado escapa da sua garganta no momento da liberação e ela continua chupando no ritmo dos seus espasmos intensificando ainda mais o momento do seu ápice.

— Ah merda, você tem noção do quanto é gostosa, garota?

Danikas o recompensa com uma última gostosa chupada e ele grunhe sem força para se levantar e der a ela o que ela merece.

— E você tem noção do quanto é gostoso? Todo gostoso, e grandão, e lindo. — ela vai distribuindo beijinhos ao longo do seu corpo suado e subindo, lambe e chupa a garganta

arrancando mais alguns gemidos disfarçados de grunhidos dele e beija seus lábios deitando o corpo musculoso em cima do dele, mais musculoso ainda, e ele a envolve em seus braços acariciando suas costas.

Danikas deita o rosto de lado no seu ombro e desliza os dedos pra cima e pra baixo na lateral do seu braço a sentir o palpitar do seu coração se acalmado aos poucos e ele a beija no topo da cabeça respirando profundamente em seguida.

— Uma delas foi atrofiando até quase sumir depois que o lacaio do meu pai me violentou. Ele apertou as minhas bolas no momento que estava gozando porque queria que eu gritasse de dor, mas não dei esse prazer a ele. Então ele apertou ainda mais e mais...

Trevon sente Danikas tremer de leve e isso mexe com ele. Outro suspiro e acaba desabafando.

— Eu achei que já tivesse superado isso. Achei mesmo.

— Isso não o fez menos macho, mas eu o teria matado se soubesse o que ele fez com você.

Ao contrário, ela se entregou de novo nas mãos deles e deixou que fizessem o que quisessem com ela e agora que ele sabia: Isso o estava dilacerando por dentro como uma serra elétrica ligada sem condutor. Porque sabia exatamente o que os malditos eram capazes de fazer e ele não agiu diferente do seu pai quando a deixou nas mãos dos seus guerreiros na arena.

— Eu menti pra você. Descaradamente. Eu estava completamente arrependido do que fiz e muito puto com você e comigo mesmo. Pelo que eu fiz, e pelo que você me fez fazer.

— Trevon, vamos deixar o passado no passado, vamos? Você tem suas feridas e eu tenho as minhas. Estamos nos dando tão bem sem nos aprofundarmos tanto nesse sentimento que só nos fará sofrer ainda mais.

— Se fossemos mortais eu a pediria em casamento.

— Nós somos mortais — ela o corrige — só podemos viver mais tempo. — talvez não tanto como fosse seu caso, mas enfim...

— Me escolhe Danikas, me deixa ser seu companheiro pelo tempo que for. Se vincula a mim pelo ritual dos *Aehmons*.

— Não sei se tenho esse direito, se a nova *Val Rein* permitir. — ela estala um beijo em sua boca e sorri — Eu me vinculo a você, pelo ritual dos *Aehmons*.

Completamente restabelecido ele se levanta e a segurando pelos ombros joga-a em cima da cama montando em cima dela. Ele lambe o seu pescoço e ela geme silvando baixo.

— Então — ela começa entre as arfadas —, não era medo de que eu arrancasse o seu pau no dente?

Trevon para o que estava fazendo e a encara com um sorriso sacana. Podia até ser isso também, mas ele responde a sua pergunta com outra;

— Não teria serventia alguma pra você, teria?

Danikas grunhe quando ele a cutuca com seu pau armado bem perto da sua entrada úmida e carente de um pouco de fricção.

Era hora da ação e ela arqueia o corpo na sua direção, mas ele se afasta com um sorriso sacana e ela arfa de novo quando ele mergulha em seu corpo para logo depois sair.

— Vai ficar me sacaneando, agora? — ela pergunta irritada.

Trevon grunhe e sorri em penetrá-la de novo e ela o enlaça com as pernas prendendo-o dentro de si, ele a segura pela cintura levantando-a da cama e se ajoelha com ela em seu colo. No

movimento seguinte ela está em cima dele e ele segura em seus seios firmes mais cheios, enquanto ela sobe e desce em movimentos enérgicos e frenéticos no seu pau. Ele belisca suavemente os bicos rosados mantendo-os presos entre seus indicadores e polegares e ela responde de imediato enrijecendo a musculatura e mastigando seu pau em seu gozo, perdendo o ritmo dos movimentos e gemendo o seu nome num sussurro.

Danikas se deixa cair um tanto desengonçada sobre o corpo dele e o membro ainda rígido e totalmente encaixado em seu interior úmido se move sutilmente e em movimentos languídos e contínuos. Ele entra e sai do seu corpo que logo começa a responder.

Eles já haviam transado quatro vezes antes de ela ataca-lo por trás e jogá-lo na cama, e só havia uma posição da qual ainda não havia experimentado e tinha curiosidade, mas depois de saber o que tinha acontecido com ele, considerou melhor não arriscar.

Trevon pressentiu a sua retração e a apertou pelos quadris;

— Que foi? Quer que eu pare?

— Ficaria puto se eu quisesse saciar uma curiosidade?

— E porque eu ficaria? Não é com outro macho, é? Isso sim me deixaria puto pra valer.

— Não sinto desejo por outro macho. — isso pareceu tranquiliza-lo e ele voltou a se movimentar, — Queria sentir como é ser pega de quatro. — e ele para a pigarrear, sendo franco com ela;

— Eu não faço anal, Dani.

Danikas meneia a cabeça sem graça e acaricia o seu rosto;

— Imaginei que não, não fique bravo eu, eu não sabia que, era pra isso, eu... Não sei se aguentaria passar por isso de novo. Atrás, quero dizer, eu não, eu achei que...

Danikas se desencaixa dele balbuciando um pedido de desculpa e segue ao banheiro quase correndo. Trevon era tão corajoso, tão mais forte do que ela e ele nem mesmo se dava conta disso. Falar do seu passado como se falasse de uma terceira pessoa. Ele se aproxima e a abraça por trás beijando sua nuca, o seu membro encostado em suas costas na altura da cintura.

Sutilmente ele a encaminha para a pia e com a mão embaixo do seu queixo a faz olhar para si mesma pelo reflexo do espelho. Com a mão quente espalmada em suas costas ele a faz se inclinar e ela obedece inclinando o corpo e abrindo não só as pernas. Abrindo-se toda para o macho que amava em todos os sentidos e calmamente ele a preenche enquanto ela olha a si mesma e a ele por trás de si pelo reflexo.

A emoção do sexo toma conta e logo estão se movendo no ritmo da paixão, mas o orgasmo que chegou para os dois não foi como a bomba atômica da qual precisavam respirar e respirar até que se restabelecessem os batimentos cardíacos de ambos. Pela primeira vez foi lânguido e chegou em ondas suaves, repleta de ternura.

Trevon continuou abraçando-a por trás ainda dentro dela e o calor dos seus corpos era uma confortável recompensa por tudo que passaram de ruim e pretendiam deixar no passado.

— Eu amo você, menino das sombras.

Trevon a beija demoradamente na nuca no instante em que se desencaixa e a vira de frente para si sustentando seu olhar a declarar seriamente;

— Eu também amo você, Danikas. Não haverá em minha maldita existência, outra fêmea que eu ame mais do que amo você.

Danikas se põe na ponta dos pés a beijar sua boca e ele a abraça forte contra o peito.

— Onde quer que eu esteja, vou desejar que seja amado e ame como eu amo você, então não me faça essa promessa, Trevon. Deixe acontecer com você e onde quer que eu esteja, estará me fazendo feliz.

— Oh Deus... — seus olhos marejam emocionados e ele a aperta mais contra si quando as lágrimas começam a rolar.



Faltavam duas horas para amanhecer quando pararam no lugar que mais próximos conseguiriam chegar dos limites que cerceavam o condomínio por aquela estrada e Dërhon voltou com o carro de Kassia, deixando-a com o auxílio do *Neimo* e a *Sion* batizada como Sara na entrada da floresta. Se ao menos fosse um 4X4, ele pensou frustrado, ele poderia ir mais à frente, mas não em um carro de passeio.

Jarel permaneceu dentro do carro, todo esparramado no banco de trás como se Dërhon fosse seu motorista particular. Logo que saiu do campo de visão de Kassia ele brecou com o carro fazendo as rodas guincharem e se virou para trás com cara de poucos amigos.

— Aê, na boa cara. Ou tu senta essa bunda magra nesse banco aqui, ou vaza tá ligado? Eu não vou ficar de motorista teu não, e você não vai ficar tirando sarro com a minha cara!

Jarel se materializa no banco da frente e puxa o cinto como tinha visto Kassia fazer antes e se justifica;

— Desculpe, eu ainda não sei bem como devo me comportar.

Dërhon bufa sem paciência alguma e ele comenta inocente;

— Quem senta aqui tem uma visão bem mais ampla e privilegiada do que os que sentam ali atrás, obrigado.

— Vamos deixar uma coisa clara aqui, não sei ainda se gosto de você ou não e não sei o que te deu pra seguir comigo...

Jarel levanta a mão e Dërhon se cala.

— Kassia me pediu. É só companhia, nada demais. Ela se preocupa com você e quer ter certeza de que voltará em segurança.

Dërhon faz uma careta involuntária e Jarel sorri. Logo ele engata a primeira e põe o carro em movimento. Definitivamente dispensava babá, mas lá no fundo sentiu-se agradecido por Kassia se importar com ele e deixou rolar.

Kassia deixou os bebês aos cuidados de Ores e da *Sion* depois de assegurar que chegariam em segurança e mudou o seu curso, tomando forma dentro da caverna subterrânea que a levaria para o ninho onde havia deixado os machos a dormir, enterrados no solo úmido.

Eles eram a prova viva de que ela não era má e queria certificar-se de que ninguém pudesse descobrir aonde os havia deixado, tranquilizou-se em perceber que tudo estava exatamente no mesmo lugar e de todo coração, desejou que houvesse um meio de protegê-los. Que houvesse um lugar onde eles pudessem viver em paz e em segurança.

Ela não imaginava que estava sendo constantemente observada, mas ele se fez ver e ela abraçou o próprio ventre instintivamente.

— O que faz aqui? — ela inquire com firmeza.

Orion se afasta dando um passo atrás e mostra as palmas, logo é cercado por Zhelter e Narum de ambos os lados.

— Imaginei que voltaria aqui em algum momento. — ele justifica.

Ela estudava suas expressões com desconfiança e todos os seus instintos estavam em alerta máximo, mas nenhum dos três fez qualquer movimento por um momento e Orion um pouco mais à frente observou os traços dela e abaixou um pouco a cabeça em sinal de respeito;

— Não tem porque ter medo de nós. Somos nós que não devíamos estar aqui, deixou claro que não queria nos ver. — ele olha aos irmãos de soslaio e volta o olhar para ela — Sempre tivemos afinidade, mas nunca saberíamos que somos irmãos se não nos tivesse contado. Devemos nossa vida a você e, enquanto existirmos, lhe seremos gratos por isso.

Kassia relaxa um pouco a musculatura, mas algo em si a mantém em alerta e Orion sorri com o canto dos lábios, Zhelter se põe ao seu lado e também ele mantém a cabeça levemente abaixada. Ambos tinham plena consciência de que estariam mortos e chegaram até a acreditar que seria melhor assim, mas ela os havia poupado da morte, e se tivessem que ser destruídos, ambos estavam decididos, seria por ela.

Por ter se alimentado deles ela podia sentir suas intenções, mas algo estava errado. Ela não conseguia ler as suas mentes com a mesma facilidade de antes e isso a estava deixando irrequieta.

— Não somos seus inimigos — afirmou Zhelter —, mas vocês ainda os tem e a nossa experiência pode ser utilizada em favor dos seus.

Zhelter se aproximou devagar e parou a poucos passos de distância dela.

— Não há lugar para nós no mundo dos mortais. — ele puxa devagar um pequeno canivete e também devagar leva ao próprio pulso, furando-o. O sangue vermelho escuro brota da ferida aberta e Kassia sente suas presas se pronunciarem. Suas narinas dilatam sutilmente e ela dá um passo atrás mostrando as palmas.

Zhelter põe um joelho no chão como se ela fosse um animal raivoso e insiste a esticar o braço acima da cabeça o oferecendo. Logo Orion e Narum também furam os pulsos e Orion chama por Zhelter já estando ele e Narum com sangue a escorrer para dentro do recipiente transparente que Orion segurava. Zhelter se levanta e se junta aos seus irmãos a derramar também ali o seu sangue. O recipiente é deixado no chão próximo dela e eles se afastam respeitosos.

Kassia respira fundo e se abaixa a pegar o pote sem tirar os olhos dos três e eles ficam parados no mesmo lugar enquanto ela leva o líquido espesso à boca. Ela descarta tudo que já sabia a respeito dos três, e se depara com algumas novidades. Eles receberam uma visita especial e Orion sorri de leve em observá-la.

— Eles não sabem mais o que fazer ao seu respeito.

Tanto Orion como seus irmãos compreenderam que poderiam ser encontrados no momento que quisessem e ambos os três se abaixam a colocar um dos joelhos no chão com a cabeça abaixada e Kassia quase solta um gemido passando pesadamente a mão no rosto.

Tinha plena consciência de que ou aceitava a oferta de fidelidade e colaboração dos descendentes de nefilins, ou teria que destruí-los ali mesmo.

Eles estavam entregando a ela a sua fidelidade com aquele ato e tudo que ela realmente queria era... Um banho, um cachorro quente ou algo equivalente, mas ela assentiu mesmo

assim. O anjo que os visitara os havia atentado contra os seus devolvendo em parte os poderes deles e ambos os três decidiram unir-se a ela contra eles e ambos estavam sendo honestos em seus atos.

Orion, com auxílio de Narum e Zhelter haviam acabado com pouco mais de duzentos filhotes de ratos com o sangue da maldita, e mesmo sendo ratos, isso doeu demais nela.

Kassia se abraça com os olhos rasos d'água e engole as lágrimas pelos pequenos seres mortos, mas no fundo compreendia o quão perigoso esses seres poderiam se tornar para toda a civilização.

— Até entendo o que fizeram, mas se pretendem mesmo ficar do meu lado. — ela se deu conta de que tinha um **lado** enquanto dizia, e isso fez com que endurecesse suas feições a determinar;

— Não quero saber de mortes desnecessárias.

Ambos se levantaram e assentiram ao mesmo tempo, mas Narum deu um passo à frente em declarar sombrio;

— Nós pertencemos a vós e não a trairemos *Promissein Deist*.

— O que meu irmão quer dizer é...

Kassia interrompe as explicações de Orion, ela sabia o que ele queria dizer e suspira profundamente. Zarcon não ia ficar nada feliz com a decisão que tomou, mas ela seguiria seus instintos.

— Eu sei o que sou, mas prefiro ser chamada de K ou Kassia e vocês não podem mais ficar aqui. Existem outros, e eles virão atrás de vocês.

Ela ainda não entendia como sabia, simplesmente sabia que se ela deixasse os três à própria sorte eles seriam mortos.

— Se vocês se tornarem uma espécie de cavalo de troia, eu mesma me certifico de acabar com vocês antes que consigam piscar, certo?

Era óbvio que eles sabiam disso, mas ela tinha que confirmar.

E eles tornaram a assentir.

E ela tornou a fazer uma careta sutil. Contendo a mão que queria deslizar no rosto e a vontade de espernear e gritar como criança mimada, ela só pensou:

Que inferno!



CAPÍTULO 37

Zarcon entra na ala das fêmeas preferindo ver com os próprios olhos o que Brianis já alertara que Kassia havia aprontado e ele a encontra no penúltimo quarto a examinar os bebês que o *Neimo* trouxera, e está claro a sua apreensão. Ele chia baixinho e ela o fita rapidamente de soslaio e passa para o segundo bebê como se ele não estivesse ali.

— Estão crescendo. Muito rápido.

Zarcon olha para trás e percebe levemente constrangido que era com ele que ela falava e a *Sion* permanece quieta no canto do quarto enquanto Kassia mede e examina os bebês.

O cheiro do medo dela formiga em seu nariz e ela se abaixa a encostar o lado do rosto no rosto de um deles, que automaticamente segura nos cabelos dela e abre a pequena boquinha a encostar e sugar sua bochecha. Ela pedia desculpa a eles e chorava temendo pelas suas vidas e por algum motivo isso o comoveu além do imaginável, mas não se sentia preparado para entrar no território das especulações.

Kassia ficou por mais um tempo com os pequenos e deixou que eles brincassem com suas madeixas multicoloridas e ele precisou se retirar do quarto antes que fizesse alguma besteira. Como por exemplo, pedir, implorar se fosse preciso, que ela o deixasse sugar a sua pele e brincar com seu cabelo. Loucura, ele sabia, mas a vontade era latente em seu íntimo.

Pouco tempo depois ela saiu, fechando a porta por trás de si, e seu rosto tão bonito ainda estava corado pelas lágrimas derramadas, mas a determinação estava expressa no olhar prateado quando pediu que a seguisse e ele a seguiu, entrando no último quarto da ala.

Onde tecnicamente, haviam feito amor, poucos dias atrás.

Kassia aponta uma cadeira, mas ele prefere ficar de pé e ela também fica de pé com os braços cruzados sobre o peito em postura defensiva.

— Não me peça para me desfazer deles, por favor, Zarc. Sei o quanto é perigoso tê-los aqui, mas... Por favor.

Zarcon quase geme e se controla para não socar o ar ou ser grosseiro pelo que supõe e ela encolhe sutilmente tentando entender porque não consegue mais ler a mente dele.

Foi assim com os nefilins e Deus, ela ainda nem tinha falado sobre os nefilins que havia trazido consigo, tampouco do anjo que se autoproclamara seu anjo caído da guarda e ouve Zarcon resmungar;

— Não tem noção do poder que você tem sobre mim, não é?

Como é que ela podia acreditar que ele fosse capaz de tal absurdo, era o que ele se perguntava.

Poder? Kassia meneia freneticamente a cabeça em negação e começa a cuspir as palavras:

— Eu não quero esse poder, não sei administrá-lo Zarc, eu sou perigosa e descobri que sou impulsiva. Salvei aqueles bebês e acabei condenando, infectando suas almas, eu fui enganada e usada por *Elijáhrm* para trazer a destruição e o caos para dentro do seu mundo, e mesmo tendo

sido destruída a maldita que nos ascende, eu ainda continuo a pô-los em risco com minhas ações impensadas e atitudes impulsivas!

Zarcon não resiste ao ver o estado desesperado dela e a puxa para junto de si, apertando-a contra o peito.

— Não é bem assim Kassia. Os seus atos impensados como você diz, nos salvou a todos. Você comoveu as mais altas esferas de poder que poderia acabar com todos nós num piscar de olhos, simplesmente sendo você mesma.

Kassia levanta a cabeça a estudar as suas feições incrédula, mas ele é a expressão da sinceridade em sustentar seu olhar.

— Ainda teremos os que querem nos destruir, claro, mas com você do nosso lado, o jogo se torna bem mais equilibrado.

— Porque sou a *Promissein Deist*.

Zarcon sorri com doçura e passa o polegar em seu rosto a assentir;

— Também por isso — e acrescenta rapidamente —, mas não só por isso.

— Existem mais de nós lá fora. — ela afirma e ele assente;

— Sim. E nem todos são bons ou respeitam as regras que garantem nosso direito de existir entre os mortais.

— E o que não está me contando...

Que eu amo você. Que eu não deveria, mas eu amo você.

Zarcon sacode a cabeça e desvia o olhar caminhando pelo cômodo que de repente ficou apertado demais. Sufocado demais. Ele testa seus pulmões inchando-o de ar e muda de assunto.

— Danikas e Trevon querem oficializar a união. Ferguz e Ailin também querem e...

— Não contem comigo.

— Por que não?

Ambos se voltam para Danikas e ela se abaixa imediatamente tocando a fronte no chão.

— Perdoe-me *Val Rein*. Isso não acontecerá de novo, prometo.

— Levante-se, Danikas.

— Tende piedade *Val Rein*.

Danikas estava chorando e não queria demonstrar como o seu orgulho estava ferido e a rainha se aproximou a abaixar-se na sua frente.

Brianis havia deixado mais do que claro a quem todas elas responderiam e jamais deveria ter contestado o que quer que fosse, e foi com extraordinário assombro que sentiu-se sendo abraçada e acalentada. Não por uma rainha e sim por uma irmã de raça, como uma igual.

Kassia não queria os títulos, eles ainda a incomodavam bastante, mas não estava preparada para ser desonesta com ninguém. Se fosse mais a fundo não estava preparada para merda nenhuma do que estava vivendo e tenta remediar. Ela a faz se levantar e gentilmente a induz olhar em seus olhos.

— Depois que nascerem os bebês, se seus sentimentos ainda forem os mesmos por ele e os dele por você, podem contar com minha benção, autorização ou seja lá o que for que depender de mim.

Por um instante Kassia viu o brilho da ira cintilando no olhar da sua irmã de raça, mas Danikas logo se recompõe e volta a baixar o olhar.

Ela aguarda pacientemente por alguns instantes e solta um profundo e resignado suspiro ao enxergar além do óbvio:

Danikas acreditava que não iria sobreviver ao parto e faria qualquer coisa que Trevon pedisse, mas ambos se sentiam culpados com relação ao outro e se ela teria que se responsabilizar por ambos. Seria pela sua intuição, e nos seus termos.

— Você não vai morrer no parto, Dani, mas há de convir que essa nova realidade nos traga novas perspectivas e responsabilidades. Se ainda assim, o que sentem um pelo outro for mais que uma necessidade de compensação, pode contar comigo, com meu apoio. Eu até providencio os confetes.

— Não sei o que são confetes, mas, se não puder ter o macho que amo como companheiro...

Kassia leva a mão suavemente na boca de Danikas e a Valquíria que foi no passado se mescla com a Kassia do presente. Ela toca a sua fronte na fronte de Danikas e fala baixinho na língua de seus ancestrais;

No que depender de mim não vou te comprometer, nem mesmo com a vida, Danikas. Reflita sobre essa possibilidade.

Danikas assente devagar e o seu olhar vidrado e desprovido de qualquer emoção não acompanha Kassia quando ela deixa os dois com um aceno e ensaia um breve sorriso de desculpa que não lhe alcança os olhos para Zarcon. Danikas olha para o seu rei com milhões de perguntas e ele assente devagar.

— Ela não a proibiu de estar ao lado de Trevon, Dani. Nem disse que escolheria outra para estar no seu lugar, ou que escolheria outro macho pra você.

— Eu, não entendo.

— Então, tente não condená-la. Não seria um julgamento muito justo.

Zarcon havia entendido muito mais nas entrelinhas e a somar com a sua breve interação com o jovem que ela havia escolhido por companheiro.

Kassia queria sentimento verdadeiro e recíproco.

Para si mesma e para todos os que julgava serem seus.



Kassia entra no quarto de Alegria e Orion levanta a cabeça ao sentir a sua presença. Ele e seus dois irmãos se dividiram em assistir as fêmeas acamadas ao seu pedido e ele já estava observando a sua irmã por mais tempo que devia.

— Seu corpo foi totalmente restabelecido e ela responde aos reflexos. — ele relata de forma casual.

Kassia assente agradecida e se aproxima do leito a acariciar os longos cabelos loiros da irmã penteando-os contra o travesseiro. Alegria pisca devagar e seu rosto de alabastro continua inexpressivo com o olhar vazio.

Orion observa o carinho que Kassia tem com ela e se obriga em por as pernas para funcionar para deixá-las a sós.

Ele seus irmãos estavam convencidos que haviam escolhido o lado certo quando viram como as fêmeas, que até pouco tempo estavam presas, estavam sendo tratadas ali. Cada uma tinha seu próprio quarto e o ambiente em tons de branco e verde claro era limpo periodicamente por

criaturas silenciosas que antes eles só haviam ouvido falar e todas pareciam dormir brandamente sob o efeito de sedativos ou compulsão em macas largas e altas, cujas roupas eram limpas e trocadas três a quatro vezes por dia. Eles chegaram ao momento que as criaturas silenciosas iam começar a troca e Kassia, como a rainha preferia ser chamada, os conteve no corredor.

Orion tinha um motivo a mais que seus irmãos para querer estar ali e estava olhando para esse motivo quando a sua irmã e rainha levantou a cabeça e o seu olhar correu pelo seu rosto estudando-o.

Kassia não disse nada por um instante. Só ficou ali olhando o seu rosto até que ele piscou e se deu conta de que pudesse tê-lo constrangido com seu escrutínio. Ele havia sangrado pela sua irmã, havia conspirado junto com seus irmãos para resgatá-la do ninho dos machos já quase sem vida e era neto de Ores. Orion era um descendente de nefilim, mas imperava a sua parte humana quando se tratava de Alegria, e era evidente que havia estabelecido um vínculo emocional com ela.

Kassia volta o seu rosto para o olhar vazio da sua irmã e se inclina por cima do seu corpo a beijá-la na fronte, quando se levanta, uma única e solitária lágrima rola no rosto desprovido de emoções dela respingando no travesseiro e Kassia seca sua face deslizando as costas de seus dedos com ternura. Incapaz de não se ressentir com Dêrhon pelo seu estado.

— Ores já providenciou as acomodações para vocês. Não serão prisioneiros aqui, mas ficaria grata se procurassem evitar confrontos desnecessários com os demais e se quiserem sair, eu gostaria de ser informada antes, de preferência.

Orion assente plenamente ciente de que demoraria algum tempo para que ele e seus irmãos conseguissem provar a sua fidelidade e conquistasse a confiança dela, então ele ensaia um sorriso sem graça e lança um sem problemas.



Dêrhon observa os monitores incrédulo e boquiaberto enquanto o anjo que havia grudado como carrapato 'figurativamente' nas suas costas, observava e mexia em tudo no seu escritório com interesse irritante e infantil. Jarel põe de volta na mesa o peso de papéis e espia com pouco interesse o que ele via nas telas.

— Ela não é mesmo incrível?

Dêrhon levanta a cabeça a encarar Jarel e ele move os ombros pegando outro objeto a examinar; — Ou seria melhor dizer elas? Sabia que a maioria dos anjos que caíram foi por causa delas?

Dêrhon se levanta a retirar a pequena musa de bronze da mão de Jarel e pergunta irritado;

— Porque não arruma outro lugar pra xeretar?

Jarel não faz caso da sua irritação e aponta a peça;

— Bonita peça. Também veio do mundo dos mortais?

Dêrhon guarda a musa na gaveta por cima de um delicado tecido de feltro e não vê motivo para não responder;

— A matéria prima, sim. Uma das irmãs do ventre da minha mãe esculpiu a peça. Zarcon e X Strauss, também têm peças semelhantes.

Jarel assente e volta a olhar em torno;
— Vocês tiveram um trabalho e tanto por aqui.
— Qual é a sua, caído?

Jarel move os ombros largos com displicência e responde com honestidade;
— Acho que estou entediado, mas eu não vou mais te aborrecer com a minha presença.
Já vai tarde, ele pensou assentindo.

Jarel lhe sorri amistoso e desaparece deixando o seu enjoativo aroma de flores no ar.
Em pouco tempo o sol estaria despontando lá fora e logo que voltasse a anoitecer, os equipamentos listados no papel que ele havia amassado dias antes, estaria chegando por via aérea.

Dërhon volta a examinar os monitores de segurança e se recosta na cadeira, pensativo, inconsciente seus dedos correm pelo puxador da gaveta onde guardou a musa esculpida pela sua irmã, e ele volta a retirá-la, examinando seus traços.

Kassia sente a letargia tomando seu corpo como prenúncio do sol e ainda não havia tido coragem de conversar com Zarcon a respeito dos nefilins e de Jarel. E ela ainda nem conseguia imaginar qual seria a reação dele quanto ao fato de que seria pai. Por Ores ela ficou sabendo das explosões de Danikas, e por pouco não puseram toda mansão abaixo na sua breve ausência e isso a fez chamar por Orion e seus irmãos e estavam os quatro em reunião no último quarto que fizera de consultório, aguardando o retorno de Zarcon.

Ele havia saído dali um pouco depois dela e ela não queria protelar ainda mais nas apresentações que já pressentia; Seriam difíceis.

Zarcon contém um grunhido ao materializar no lugar onde ela o havia chamado, não imaginava que eles teriam companhia, mas ela vai direto ao ponto nas apresentações;

— Narum e Zhelter são irmãos do ventre da mesma mãe e são irmãos de Orion por parte de pai. Ambos foram tentados por um anjo 'não caído' e decidiram ficar do nosso lado em vez de contra nós. — e antes que Zarcon pudesse interferir ela continua — Ores já me deixou a par que parte da população mais ao sul do condomínio ainda não está preparada para esse tipo de confronto, por eles serem descendentes de nefilins, mas quanto a isso eu posso controlar diminuindo as suas assinaturas imortais. Narum e Zhelter são dotados de força extraordinária, são ótimos guerreiros e Orion, além da força e experiência equivalente aos irmãos, foi de certa forma o braço direito de *Elijáhrm* e tem bastante conhecimento da nossa biologia.

Conhecimento esse, que você absorveu deles.

Kassia assente ao pensamento dirigido a si de Zarcon e verbaliza;
— Nada me impedira de corrigir meu erro se vierem a mudar de ideia, e eles sabem disso.

Kassia se referia ao fato de não tê-los destruído e Zarcon assente em estudar cada um dos machos e para por um instante a mais no rosto de Orion a mencionar calmo, mas não menos letal por isso;

— As regras de segurança é a mesma para vocês aqui e acho que nem precisaria ditar que irão responder a Kassia em primeira mão pelos seus atos, tal como qualquer outro. Então é bom que se comportem e, também é bom que tenham outros atributos, já que aqui nós só lutamos para nos defender e defender os nossos.

Os três irmãos se entreolham e Narum se vira para Kassia que assente permitindo, só então

ele se pronuncia, ainda que de cabeça baixa;

— Somos somente um de três grupos que sabemos, servia aos propósitos de extermínio de toda espécie de *Elijáhrm* e há uma quantidade significativa de criaturas das quais ela havia perdido o controle, e estão espalhados pelo planeta.

Zarcon respira profundamente e sério incentiva;

— Prossiga.

Narum volta a olhar para Kassia de soslaio e ela torna a assentir passando a mão no rosto cansado e solta um suspiro antes de ela mesma relatar em tom cansado;

— Os três já vinham tramando para acabar com a maldita e uma ninhada com pouco mais de 200 *Aehmons* entre outras criaturas com o sangue dela, foram criados e libertos por eles. A sede de sangue deles é incontrollável, são extremamente inteligentes e adaptáveis e podem fazer qualquer ser vivo de hospedeiro por um curto período de tempo. São sensíveis aos raios do sol, a prata e alguns outros metais nobres, e são altamente infectocontagiosos. Os humanos infectados compartilham as mesmas qualidades e fraquezas e podem passar isso para os filhos. A boa notícia é que isso aconteceu há pouco mais de dois mil anos e esses *Aehmons* descontrolados e sedentos foram quase totalmente extintos. A má, é que essa minoria que ainda vive, também recebeu anistia pra viver entre os humanos, evoluíram em alguns aspectos e, os guardiões superiores esperam me responsabilizar pelos seus atos, já que esses tem o selo da maldita ou, de nos por uns contra os outros.

Kassia leva a mão no peito e volta a tirar o cabelo do rosto levando de novo a mão sobre o joelho, sentada na maca ela fita os próprios pés ao continuar;

— Pelo que entendi, eu tenho sobre esses *Aehmons* o mesmo controle que a maldita tinha, ou seja, nenhum. Para equilibrar a balança, o único que tem conhecimento para manipular o sangue dela está do nosso lado, e como ela agora também faz parte de mim, não haverá mais matéria prima dessa maldita em questão para ser manipulado, mas pelo pouco que pude ver do que esses são capazes de fazer contra os humanos e, por conseguinte, contra todos nós. Eu não vejo qualquer alternativa para contê-los que...

Narum olha diretamente para o rei e ele assente discretamente.

— A nossa intenção era que *Elijáhrm* fosse contida pelos guardiões superiores mesmo que isso também nos destruísse, mas eles fizeram olhos grossos na época e o anjo que tentou nos aliciar a continuar na guerra contra vocês deixou claro que sabia do que havíamos feito, quando disse que poderíamos contar com a nossa própria obra, que ainda sobrevivia entre os mortais, ao nosso favor.

Narum se torna realmente sombrio ao concluir;

— Há muito tempo que queríamos nos libertar desse inferno de um modo ou de outro e já não esperávamos reconhecimento algum para o que não podemos mudar — ele aponta Kassia de relance ao declarar —, ela nos deu o que já não procurávamos mais, então que se danem esses seres que se consideram superiores. Mesmo que ela não nos queira aqui, nós seremos leais a ela e a defenderemos com os recursos que tivermos.

Zarcon assente e Zhelter lamenta;

— Não temos como reconhecer o anjo que tentou nos convencer e nos deixou temporariamente cegos, mesmo que pudéssemos, quem nos altos escalões daria ouvidos a um bando de bastardos como nós?

— Eu.

Todos se voltam para Jarel e ele sorri de leve para Kassia dando uma piscadela;

— Já não faço mais parte dos altos escalões mencionados como podem ver, mas conheço bem as regras que eles têm que seguir, dentre as quais a mais importante é respeitar o livre arbítrio de cada um e a parte humana que cada um de vocês tem, garante isso.

— E nós escolhemos o nosso lado.

Jarel sorri e Kassia acaba sorrindo de leve também. Jarel fixa nela seu olhar de ébano em declarar divertido;

— Eu também. Agora que tal deixarmos esse anjo descansar um pouco essa barriguinha linda?

Ambos assentem um tanto desconfiados e olham para Kassia que lhes sorri de leve e permite a sua evasão do quarto. Jarel para na porta e lhe sorri todo amistoso;

— Relaxa um pouco essa carinha linda, ainda sou seu anjo caído de guarda se você me quiser, e você está com uma Tropa de Elite e tanto para te defender e aos que você ama.

Kassia balbucia um 'obrigada' para Jarel e ele assente sorrindo e saindo logo em seguida.

Zarcon permanece de pé no mesmo lugar e com um comando mental fecha a porta isolando-os dos demais.

— Obrigada.

Zarcon assente reflexivo e ela permanece sentada na cama suspensa com expressão envelhecida e ele engole em seco antes de proferir;

— Eu que agradeço.

Kassia solta um esgar de riso e Zarcon a pergunta, inseguro;

— Posso abraçar você?

— Se não estiver com nenhum pingente que eu... Ah droga.

Kassia ia brincar com ele quando Aleesha sutilmente a fez se lembrar de que havia algo que ela absorveria dele e ela fica completamente ruborizada. Ela coça a sobrancelha com uma dorzinha enjoada a palpitar nas têmporas e passa a mão no rosto afogueado a reclamar em pensamento;

Mas eu nem estou com fome!

Em algum momento durante a saída do condomínio, ambas entraram em um consenso tático instintivo e se dividiram em funções distintas.

Kassia se preocupava e interagia com o mundo externo e Aleesha se concentrava no funcionamento interno do corpo que dividiam e a gestação que ambas compartilhavam.

Cedo ou tarde vai ficar. Para quê protelar?

Odeio quando você tem razão.

Eu sempre tenho razão.

Cala a boca, Ale.

Kassia abre os braços e Zarcon não perde tempo em abraçá-la.

Não pode ser Arthorm a nos alimentar? Ale, isso vai dar uma confusão dos diabos!

Essa situação é bastante singular, mas algo me diz que os bebês de um não vai se alimentar do que vier do outro... Eu mesma já presenciei um ou dois casos onde as fêmeas prenhes que perderam seus companheiros vieram a perder também as crias mesmo quando alimentadas por outro macho... Eu sinto muito K.

Não sinta. Estamos formando uma ótima equipe, não acha? Você não se mete nos assuntos

externos e eu acato aos internos.

Aleesha sorri dentro da sua mente e Kassia levanta a cabeça a encarar Zarcon. Hora da verdade.

Ela respira profundamente e hesita. Pensa em um palavrão suculento e enrugando de leve o cenho. Va lá.

— Zarc...

Zarcon sente arrepiar os cabelos da nuca e milhões de suposições passam como faíscas elétricas descontroladas pela sua mente, mas de todas as suposições, de fato que não estava preparado para ouvir o que ela disse, uma eternidade de segundos depois.

Que ela estava grávida era óbvio e ele sabia, então quando ela disse estou grávida ele assentiu e ela ficou ainda mais vermelha, mas o 'Também de você' que ela demorou outra eternidade pra dizer que foi difícil de processar e ele precisou sacudir a cabeça, acabou sorrindo e certamente não foi uma boa ideia.

Kassia sente as presas se pronunciarem e por consequência de estar mordendo o lábio inferior, os tinge de rubro do seu próprio sangue.

— Aqui, em cima dessa mesma maca, se é que a original também não foi arruinada com a acidental explosão de Danikas, mas, é isso Zarc. Eu gestava três antes e ao que tudo indica eu estava ovulando quando nós...

Zarcon já estava duro feito rocha dentro das calças e Kassia abaixa a cabeça em fitar o chão apesar da fome evidente.

Não podemos fazer isso com ele, Ale. É injusto.

Não é justo escolher por ele.

Zarcon abre o decote da camisa e faz uma prece silenciosa à Guardiã. Ele se aproxima de Kassia e fica entre as suas pernas, gentilmente põe o polegar em seu queixo e a faz olhar para cima e quando os seus olhares se encontram, várias dúvidas perpassam como foguetes na mente dela.

E quanto às fêmeas que nos ascenderam? Algumas não se alimentavam dos pais dos seus filhos, algumas nem mesmo se alimentavam.

Já sabemos que a natureza das que descendem da outra como você é diferente, veja a isso como um experimento, K.

— Posso sentir a sua fome. Bebe de mim, Kassia.

Kassia geme e silva baixinho ao mesmo tempo e pergunta num fiapo de voz;

— Tem certeza Zarc?

— Nada me faria mais feliz nesse momento.

Kassia observou o pescoço exposto e salivou ao ver a veia grossa e pulsante. Suas presas se pronunciaram ainda mais e ela envolveu o pescoço másculo com os braços, beijou-o carinhosamente e ouviu os batimentos cardíacos dele acelerarem ainda mais.

Zarcon chiou baixinho perto do seu ouvido quando sentiu as presas delicadas perfurando a sua carne e se permitiu espalmar as mãos nas costas macias e esguias enquanto ela se alimentava dele. Seus olhos turvaram com as emoções reprimidas. Ele não queria, mas a amava de uma maneira que poderia afastá-la ainda mais e acabou deixando que as lágrimas escorressem mansamente pelo seu rosto sem soltar sequer um suspiro que o denunciasse.

Suas mãos deslizavam espalmadas para cima e para baixo pelas costas macias e absorviam o calor que emanava do seu corpo esguio. O desejo de estar todo e completamente dentro dela, era grande, mas era suplantado pela necessidade ainda maior de tê-la por perto. Do jeito que fosse, pelo tempo que ela permitisse, e lá no fundo ele sentia que Kassia ficaria assustada e se afastaria ainda mais se ele se permitisse extravasar o que estava sentindo, e por isso se continha, estar afastado era tudo que ele não queria.

Os bebês reagiram.

Kassia fecha os olhos devagar e sem deixar de abraçá-lo lambe seu pescoço e encosta seus lábios demoradamente no ponto que havia perfurado em um beijo quente e carinhoso.

Eles continuaram abraçados por mais um tempo e Kassia o apertou fortemente contra si antes de soltá-lo em seguida. Podia sentir que Aleesha estava com ela, mas ao mesmo tempo não estava. Era como se estivesse se concentrando somente nos bebês que ambas geravam e Kassia não podia culpá-la por isso. Aleesha estava vivendo o sonho de ser mãe, e a maior parte de si era dedicada a cada movimento deles.

Não que você pense menos ou se importe menos. Posso sentir como você já ama esses bebês.

Mas essa seria a única chance que ela teria de viver essa emoção e estava profunda e verdadeiramente grata por isso.

K, os bebês de Arthorm, não reagiram ao sangue de Zarc.

Eu também senti isso, Ale.

Zarcon vê várias emoções cruzarem o rosto feminino que há muito o visita em sonhos e seus olhos prateados cintilou com lágrimas não derramadas e ele rapidamente leva os dedos nos lábios rosados e tingidos de carmesim para impedi-la de se pronunciar.

— Não me afaste de você, K. Eu não consigo ouvir o que está pensando mesmo tendo parte de mim em você, mas posso supor que seja exatamente isso que você tem em mente.

— Eu, não, eu também não posso ouvir.

A emoção chega a doer na garganta dele em perceber que a sua prece silenciosa foi atendida. Era estranho, mas também era o justo e bem podia calcular que tinha muito mais a esconder dela do que ela teria a esconder dele, sendo tão expressiva.

— Mas não, eu não posso me afastar. Fisicamente, quero dizer.

Zarcon engole o ímpeto de rugir como um animal e por um átimo de segundo imagina a si mesmo deitando-a ali, rasgando suas roupas e enchendo-a de beijos enquanto a penetrava com volúpia até que só o que ela conseguisse gemer e gritar fosse seu nome, mas ele pisca espantando para o fundo da mente os pensamentos e assente reflexivo;

— Não vou mentir e dizer que está tudo bem, porque não está.

Merda. Ele a vê encolher sutilmente como se a tivesse esbofeteado e solta um suspiro profundo e resignado ao entender que ela realmente se importa com seus sentimentos e, não saberia dizer o que era pior.

— Quando citou que Aleesha está em você. Até que ponto?

— O que quer saber, especificamente? — ela o pergunta num sussurro.

— Quero saber se, você disse naquele bilhete que ela me amava, mas está enganada. Aleesha nunca me amou.

Kassia abre a boca pra debater, mas tanto Aleesha cognitivamente quanto Zarcon com a mão ao alto a interrompe, e ele continua;

— Não como uma fêmea pode amar um macho. — ele respira parcialmente resignado e se afasta a recostar na mesa encarando-a seriamente — Ela me escolheu porque eu era seguro, mas o seu coração nunca foi meu. Nos alimentávamos um do outro, mas nunca chegamos às vias de fato. Nunca fizemos sexo e, eu vivia da esperança de que algum dia ela seria minha por inteiro. Que o fantasma que assombrava nosso leito deixasse de existir e foi, difícil, quando me conscientizei que não era um fantasma. Que ele estava ali, que sempre esteve ali, apesar de estar inalcançável e, que merda Kassia. Será que algum dia esse círculo maldito se quebra e eu venha me apaixonar por uma fêmea que não esteja apaixonada pelo Xstrauss?

Ele não queria ter dito nada daquilo.

Tinha certeza que havia estragado tudo, mas apesar da extraordinária vontade que tinha de desaparecer, ele se manteve firme onde estava. Estava cansado de fugir ou não tinha realmente força para afastar-se dela. Mas dela quem? E que importância tinha, se ambas eram apaixonadas pelo seu irmão?

O rosto que ele via olhando dentro dos seus olhos como se quisesse se afogar na sua essência era de Kassia, mas reconhecia nela o aroma e traços do comportamento de Aleesha e no ímpeto louco de que ambas sentissem ao menos uma fração do que estava sentindo deixou escapar o que em parte era verdade, e essa verdade estava expressa nos olhos amarelos como sol de verão dele.

— Xstrauss está morto para nós, inacessível, e talvez ele nunca tenha estado de fato presente, mas eu sempre estive aqui. Nunca abandonei as terras dedicadas aos nossos ancestrais, nunca fugi das minhas obrigações como intermediador dos habitantes dessa merda de mundo, salvo ter cogitado meu fim quando Aleesha deixou de existir, mas tive que engolir minhas frustrações e me comprometer em permanecer vivo em favor dos meus irmãos!

Kassia salta da maca onde esteve sentada nesse instante e Aleesha não a contém, mas também não participa quando ela se põe na ponta dos pés em frente à Zarcon e toca os lábios dele com os seus.

Ele resistiu, apesar de suas mãos automaticamente se colocarem nos ombros dela...

Por três segundos.

Kassia fechou os olhos quando ele abriu a boca e permitiu acesso a sua língua, mas logo os abriu de novo na intenção de mostrar que sabia exatamente quem ela estava beijando.

Zarcon entendeu o recado e aprofundou o beijo deleitando-se no seu calor e sabor indizíveis e logo suas mãos deslizavam pelas costas delgadas e macias e alcançaram seu traseiro firmando-se ali.

Ela não se esquivou.

Ela amoleceu receptiva e envolveu seu quadril com as pernas quando ele a levantou do chão e virou-se a sentando na mesa. Os braços esguios dela circundavam seu pescoço e o prendia com delicadeza enquanto o beijo se prolongava e saboreavam um ao outro.

Quero amar você, Zarc, como você merece ser amado.

Zarcon interrompe o beijo beijando-a no pescoço e no ombro, passando a língua na sua carne macia e saboreando o gosto da sua pele, de repente ela esfria e num piscar de olhos desaparece.

Zarcon se vira ao sentir a sua presença e por um segundo vê em seus traços os traços de Aleesha e ela trazia a mão no ventre com a expressão horrorizada e meneava a cabeça como se discutisse consigo mesma. Ou com Aleesha.

— Art, desculpe, Zarc, eu quero, mas não posso só pensar em mim. Eu não sei como vai encarar isso, mas eu preciso dos dois, pelos bebês eu, preciso dos dois...



CAPÍTULO 38

Dërhon e Trevon correm a passos socados e no mesmo ritmo intenso e ambos permanecem solidariamente calados em suas respectivas esteiras recém-reformadas, como os demais aparelhos eletrônicos no salão. Trevon já estava ali quando Dërhon apareceu e o único contato que tiveram foi um breve mover de cabeça, Dërhon subiu na esteira ao seu lado, programou-a e começou a correr.

Zarcon apareceu duas horas depois e optou pela esteira mais distante, ficando duas vazias entre ele e os dois.

Trevon programou a esteira que ele escolheu pela mente e Zarcon agradeceu com um breve gesto pondo-se a correr em um ritmo menos intenso que os dois.

O silêncio imperava na extensa sala reformada enquanto corriam, cada um preso aos próprios pensamentos quando outra figura materializou no salão e seguiu na direção de Zarcon.

Ele aceitou a água e toalha que Brianis ofereceu e se comunicaram mentalmente por um tempo, logo depois Zarcon balança a cabeça para ela concordando e ela assente de volta com um sorriso triste desaparecendo em seguida.

Zarcon salta fora da esteira, lança mão na toalha e toma direção rumo ao vestiário. Dërhon e Trevon continuam correndo por mais um tempo e param no mesmo instante se entreolhando de soslaio.

Ambos seguem para o vestiário e se deparam com Zarcon saindo do banheiro. Ele estava com uma toalha enrolada na cintura e outra na mão a secar o rosto e os cabelos.

Dërhon não perde tempo em perguntar sem ao menos desconfiar que possa estar sendo invasivo;

— O que ela queria?

— Me deixar a par de algumas novidades, pedir permissão para sair em campo, se despedir, eu a agradei, a pedi que se cuidasse e nos despedimos como amigos que nos tornamos.

— E desse relatório fajuto, não há nada que me diga respeito?

Dërhon estava realmente indignado e Zarcon suspira pesado. Trevon entra no banheiro e se despe da única peça que estava usando a entrar debaixo no chuveiro e resmunga o que vinha martelando mais para si mesmo;

— Que garantia ela pode dar que as fêmeas sobrevivam ao parto?

— Você devia ser o primeiro aqui a nem cogitar que ela não possa.

Rebate Zarcon no umbral entre o espaço dos chuveiros e o vestiário.

— As mulheres que você fecundou não morreram pelo parto se não me falha a memória.

Claro que não.

Vampiros tem uma memória excelente.

Trevon engole a resposta que estava na ponta da língua, afinal Zarcon ainda é seu rei e Zarcon dá voz aos seus pensamentos;

— Sim, elas não são humanas se é o que está pensando, nem *Kades*, elas são nascidas

Aehmons, mas vem de outra linhagem, tem outro histórico de descendência e viveram até então sob os desígnios de outra Guardiã.

— Perdoe minha impertinência meu rei, mas Danikas é ainda mais antiga que eu e não acredita que isso seja possível, de onde ela vem, se uma guerreira prenhe quiser sobreviver, tem que consumir os próprios fetos em seus ventres e se é essa a forma que essa descendente de Valquíria que mal saiu da transição sugere que... — Zarcon e Dërhon o vê desabar ao concluir com voz embargada;

— Eu preferia Danikas ao meu lado às meninas que carrega no ventre, sei que soa cruel e que fazem parte de mim também, mas, pelos deuses, nós poderíamos adotar, se isso é tão importante pra ela.

— Não será necessário escolher, Trevon. Danikas e suas filhas vão sobreviver ao parto, se ela quiser. Agora, faça um favor a si mesmo. Não volte a desrespeitar Kassia dessa maneira. A essa altura você não teria mais nenhum descendente seu lá fora se não fosse por ela ser quem é, e ela vem pagando com o próprio sangue por ter salvado do fim definitivo os seus dois últimos descendentes entre os humanos.

Zarcon lhe dá às costas, sem dignar-se a olhar pra trás e Dërhon o segue até o vestiário.

— Os bebês que a K salvou são descendentes do Trevon?

— São. — Essa era uma das novidades que Brianis descobriu, mas ele não estava nem um pouco tentado em continuar a discussão.

— Qual é Zarc? Vai ficar me ignorando, meu irmão?

Zarcon se vira a encarar Dërhon e vê Trevon de relance pela sua visão periférica encostado na parede e ele estava pasmo com a notícia, Zarcon volta a fixar o seu olhar frio em Dërhon e pergunta com um mesclado de raiva e decepção a cintilar na superfície dos olhos;

— O que quer saber?

Dërhon levanta as mãos a mostrar as palmas;

— Se é assim que vai ser. O que quer que eu pergunte?

Zarcon solta o ar exasperado e volta a mexer no armário retirando uma bermuda e uma camiseta limpa e Dërhon insiste;

— Essa anistia, ou seja lá o que vai acontecer com a Dani é algo restrito, meritório, é geral ou imparcial... Qual é cara? Quer que eu pergunte se Alegria também vai sobreviver a isso porque, — porque ele queria demais que acontecesse, mas nunca seria capaz de verbalizar o que lhe ia ao íntimo e seu coração estava martelando descontrolado dentro do peito com toda essa merda.

Zarcon volta a encará-lo estudando as suas feições e arqueia as sobrancelhas com expressão séria;

— Por que...?

Não faz isso comigo cara. Sabe como me sinto, tu me conhece melhor do que qualquer outro.

Dërhon pensa, mas Zarcon continua com expressão séria e impassível e isso o deixa realmente chateado com seu irmão.

— Quer saber? Não faz diferença.

Zarcon assente e ressalta no mesmo tom gelido;

— Que bom que não faz diferença pra você. Porque Alegria já chegou aqui morta pelos braços da sua rainha e irmã.

Dërhon passa rapidamente a mão no rosto e pisca com o ar preso nos pulmões. Zarcon

termina de se vestir e arremessa as toalhas que havia usado no cesto ao canto e olha uma última vez para cada um dos dois.

— A propósito, alguns dos nossos habituais poderes foram restritos para que consigamos nos adaptar aos novos agregados com um pouco mais de equilíbrio, e sem o perigo de extinção iminente seria até um despropósito. Um preço pequeno a se pagar por tudo que virá como consequência desse novo arranjo.

Zarcon passa por eles e Dërhon por fim encontra a voz em contestar;

— Alegra está viva, Zarc, eu a vi pelos monitores ao vivo e em cores...

Zarcon para, mas não se vira a encarar o irmão. O ar em torno deles se torna gélido como o seu humor em declarar;

— O corpo dela será mantido vivo até que nasçam as meninas, foi o seu último desejo, mas isso foi só o que viu e, já teria descoberto se... Eu, invejo a sua sorte Dërhon, eu, invejo a sorte de um macho que é amado de forma tão abnegada assim por uma fêmea... Mas, isso não faz diferença, certo?

Zarcon abaixa a cabeça e segue em frente sem olhar pra trás.

Não era justo culpar seu irmão pelas escolhas de Alegra, mas não ia mentir para si, mesmo que isso fosse possível. Ele o invejava, e o desabafo de Brianis volta à sua mente junto com imagens vívidas dos últimos terríveis momentos de Alegra em um ninho de machos maltratados e famintos. Brianis havia se descontrolado e ele entendeu que dentre tantas, Alegra era o seu ponto fraco. O seu tendão de Aquiles, por assim dizer.

... Alegra era a minha menina mais dócil e eu perdi a razão quando ela chamou por mim em pensamento sem saber que já estava lá assistindo impotente ao seu sofrimento. Eu me deixei ver pra ela quando o seu corpo já era mais osso que carne e ela me agradeceu em pensamento por ter permitido que ela conhecesse o amor e pediu perdão por não conseguir acabar com os machos que se alimentavam dela, foi tão difícil, eu já estava tão cansada de tudo, enlouqueci de vez quando entendi que ela desejava que eu nunca mais chorasse que não fosse de alegria...

Alegra era a minha alegria e contra toda lógica ela me reconheceu como sua mãe em seu coração e desejou absorver para si mesma a dor que eu expressava. A nossa Guardiã me tirou de lá antes que eu estragasse tudo e em meu desespero a ofendi e desrespeitei com minha falta de fé, com ações e maldições contra ela e aos seus, ainda podia ouvir Alegra em minha mente desejando que suas filhas sobrevivessem e que fossem amadas e protegidas de passar pelo que parecia ser a sina dela e das suas irmãs de raça, eu senti a presença do Guardiã e ouvi Mahren considerar o pedido perante a ele e me lancei contra ela...

E mais uma vez ela foi benevolente comigo, mesmo que no momento eu não tenha considerado dessa forma. A nossa Guardiã absorveu o que lhe era de direito das minhas forças até que eu recobrasse minha sanidade e me forçou a ver os demais que estavam envolvidos.

Os bastardos dos nefilins que se arriscaram pra tirar Alegra do ninho, o anjo que caiu ao descer a espada no peito da desgraçada e Kassandra... Quando ela restituiu as minhas forças, a vergonha somada a todos os meus sentimentos me manteve no mesmo lugar. Ela disse que eu estava livre e pronta para seguir em frente como havia desejado em meu momento de desespero e me despi de qualquer orgulho e coleí a minha cabeça no chão implorando por uma nova chance de servi-la, de estar sob os seus desígnios e proteção...

Eu sabia que essa liberdade me levaria aonde sempre imaginei que desejava ir e sabia o que deveria fazer para acabar com essa chance tão singular e, foi exatamente o que fiz. Eu voltei a minha ira contra o Guardiã que eu só podia sentir e antes que extrapolasse nas ofensas contra eles, a nossa Guardiã sorriu e me tirou dali.

Mas Brianis ainda se sentia em dívida com a entidade que a partir de então era oficialmente sua Guardiã e também de todos os seus iguais e rogou por uma missão que reafirmasse sua fé nela e em si mesma.

Zarcon imaginava que a Guardiã não ia deixar barato.

Com certeza que não, e desejava que Brianis conseguisse encontrar o que buscava.

Seus pensamentos se voltam para Kassia ao entender para onde seus pés o estavam levando e ele para, um pouco tarde demais ao perceber que já estava a poucos passos da porta do quarto de Arthorm e grunhe um palavrão em ver que a porta não estava trancada.

Não estava escancarada. Mas também não estava trancada, diabos!

Se chegasse perto de supor que ela escolheria estar em meio a uma cambada de guerreiros mais jovens em seus quartos minúsculos, basicamente colados um ao lado do outro e sem nenhum tipo de conforto ele teria... Nada.

Não teria feito nada... Ao menos não sem autorização dela.

Seus dedos seguiram automaticamente na direção da porta entreaberta e ele queria acreditar que era para fechá-la de maneira apropriada, mas a porta deslizou abrindo-se um pouco mais e ele a viu dormindo sobre o corpo de Arthorm, naquela cama minúscula que mais parecia um catre da primeira guerra e seus pés colaram no chão quando o certo seria sair dali e algo dentro de si o corrigia:

Que o certo mesmo, seria ele nem estar ali!

A cabeça dela estava deitada em cima do ombro dele e ele usava a mão livre para acariciar distraidamente a cortina acetinada e brilhante de cabelos dela olhando atentamente em outra direção.

Ela tinha passado uma perna por cima das suas de forma possessiva, o braço descansava em cima do seu peito e Zarcon se viu plantado ali diante daquela cena, desejando ser ele seu colchão.

— Aí está bom. Pode salvar.

Tinha mais alguém no quarto. Outro guerreiro de certo, e ele sentiu o sangue ferver nas veias com várias especulações a detonar com os seus neurônios já detonados. Inocente da sua presença, Arthorm apontou em tom de voz moderado;

— Esse tipo de jogo nunca foi o meu forte, valeu mesmo Caio.

Caius? Mas o garoto mal havia passado pela transição!

— Sem problemas. Aí, ainda tenho uns mamão com açúcar no buraco. Te ofende se eu desenrolar pra ela?

— Pô meu, não, claro que não, ela vai gostar.

— Beleza, então vou meter o pé. Oh... Eu, meu rei...

Caius se inclina branco como a camisa que está usando pelo susto e Zarcon pigarreia, buscando um subterfúgio que explicasse a sua presença ali, e por um segundo chega pensar em questioná-los em por que ainda estão acordados a essa hora do dia, mas essa era uma tarefa de

Trevon na falta de Xtrauss e de fato, ele não tinha nada a ver com o que faziam em seu período de descanso, mas se ouviu ordenando com tom de voz um pouco mais duro do que pretendia, ou realmente tinha direito;

— Defina mamão com açúcar, buraco e desenrolar.

Caius não se atreve em levantar a cabeça ao tentar explicar enquanto o cheiro do seu medo toma todo o pequeno quarto e ele olha para Arthorm de relance voltando o olhar para o chão;

— Eu ahn, mamão com açúcar, são alguns livros e jogos que eram das minhas irmãs e buraco...

Arthorm sente as unhas de Kassia cravando em seu peito enquanto o seu mais novo amigo Caius tenta se explicar para o rei, apertando-a um pouco mais contra si, desejoso de que ao menos dessa vez, não fosse como imaginava que seria. Caius volta a olhar para ele rapidamente antes de escapular do quarto tão logo que é dispensado e Arthorm engole em seco ao senti-la tremer sobre seu corpo e soluçar baixinho contra seu pescoço.

Ah não.

Isso não era nada bom e ele sabia de antemão o que viria em seguida, mas mesmo assim torceu para que não acontecesse diante do rei, não queria expô-la dessa maneira. Não queria expô-la de forma alguma, mas Kassia o apertou ainda mais e ele olhou para o rei com o ar preso nos pulmões e o coração disparado dentro do peito e logo viu que ambos estavam sem sorte, quando ela começou a implorar baixinho;

— Não, não me deixe...

Ela sussurrou sentida e Arthorm deixou de se preocupar com o escrutínio do rei envolvendo-a ainda mais em seus braços enquanto ela o agarrava com braços e pernas e implorava quase sem voz;

— Eu não tenho mais nada, sem você, não me resta nada...

Arthorm a beija no topo da cabeça e a sacode de leve mesmo sabendo que de nada adiantaria, mas ele tenta mesmo assim.

— Pelos deuses K, acorde. — sussurra contra sua cabeça enquanto ela crava as unhas em seu peito e começa a chorar.

Zarcon envia um comando inútil às próprias pernas.

Inútil, porque ele continua plantado no mesmo lugar a assistir e acaba perguntando em tom moderado;

— Esses pesadelos, ocorrem com frequência?

Arthorm balança a cabeça assentindo;

— K revive em sonho as suas perdas e, é tão real que... Dói.

Arthorm perde a fala quando as lágrimas queimam sua garganta e nubla seus olhos esverdeados. Um gorgolejo se faz ouvir no quarto e ele vira a cabeça de lado na direção do som.

Zarcon segue o seu olhar e vê o berço ao lado da estante.

Um dos gêmeos havia acordado e começava a ensaiar choro acordando o outro. Kassia se remexe e no instante seguinte salta por cima do corpo de Arthorm e está sobre eles levantando-os um em cada braço.

Ela traz o coração disparado dentro do peito pelo susto e busca controlar a respiração quando percebe que estão vivos.

Os bebês deitam as cabecinhas em seu ombro e param de chorar na mesma hora, e Arthorm se levanta estendendo as mãos pra ela. Um dos bebês vai para o seu colo e ela agradece com um meio sorriso triste antes de seguir com o outro de volta para o berço e começa a despi-lo das roupinhas que não estavam tão apertadas horas atrás. Foi necessário rasgar a blusinha na lateral para tirar e ela lamenta;

— Já parecem com bebês de meses e não tem nem dois dias de nascido. Deus, o que foi que eu fiz?

Arthorm contém uma exclamação de susto quando sente o bebê mordendo o seu ombro por cima da camisa e olha para Zarcon a engolir em seco. Nenhum dos dois queria preocupá-la ainda mais, mas ela se volta ao sentir o cheiro de sangue no guerreiro e seus olhos brilham úmidos no instante que vê.

O bebê chora inconformado a afastar a cabeça do ombro de Arthorm e ela estende os braços pra ele, instintivamente.

Zarcon observa pasmo o bebê estendendo os bracinhos gorduchos na direção dela e Kassia o despe como fez com o primeiro e torna a pegar os dois em seus braços. Ambos a mordem no ombro próximo ao pescoço e começam a sugar fazendo barulhinhos de satisfação e em pouco tempo estão adormecidos com as cabecinhas deitadas em nos ombros dela e as bocas coladas onde morderam, como se não quisessem ser afastados da fonte de calor e alimento.

— Vem K, sente-se aqui.

Arthorm a conduziu até o sofá e ela sentou acomodando melhor os bebês em seu colo com expressão pálida, desolada.

— Eu os transformei. — ela lamenta num sussurro sentido.

— Você os salvou — Jarel a corrige e indiferente aos olhares dos machos moveu os ombros largos com pouco caso a entrar no quarto —, e vejo que também alimentou. — comentou sorrindo e logo se tornou sério a fitar Arthorm de soslaio e voltar seu olhar de ébano para ela — Não há por que ficar triste K, são seus bebês, e não estariam vivos se você não os tivesse salvo.

Jarel suspira profundamente ante o olhar incrédulo dela;

— Eu devia ter previsto que eles não iam arriscar suas preciosas asas em colocar bebês totalmente humanos ao alcance das suas mãos, a intenção era aguardar que se alimentasse deles ou dos seus pais provando o quanto é perigosa, e como você os surpreendeu eles não irão mais tentar contra você. Não no que depender de mim.

Kassia assente devagar e Jarel se aproxima a passar a mão nos cabelos dos bebês adormecidos em seu colo.

— Tente relaxar, está bem?

Kassia encara Jarel totalmente séria e ele faz uma careta sutil;

— Não posso dizer que estejam caídos de amores pela raça, então não chegarão a defendê-los e ainda esperam que alguém entre os seus venha colocar a humanidade em risco para que possam intervir com alguma atitude mais drástica, mas fora isso, não há o que fazer além de observar, torcer e aguardar que pisem em falso.

— É o que você faz?

— É o que faria se estivesse no lugar deles e, quanto a acusação implícita, a resposta pode ser sim e não, mas pelo pouco que já te conheço, já sei que prefere dar as pessoas à sua volta o

benefício da dúvida, e que eu estou nesta lista.

Kassia passa as mãos nas costas dos bebês acarinhando-os e eles soltam sons típicos de satisfação, acomodando-se simultaneamente no arco do pescoço dela e ela é iluminada pelo amor que já sentia por eles.

Em pouco tempo também ela é vencida pelo sono e Arthorm retira os bebês do seu colo acomodando-os no berço e a levanta do sofá deitando-a na sua cama. Inconsciente ela agarra sua mão e ele senta no chão ao seu lado a zelar pelo seu sono.

Zarcon segue até a poltrona onde ela havia adormecido e senta-se, ignorando terminantemente que deveria ter aproveitado a deixa para escapulir do quarto e deleitando-se com o resquício do calor e aroma que ela deixou no sofá, e ele acaba adormecendo também.



CAPÍTULO 39

Kassia ressona e pisca algumas vezes e sente a mão de Arthorm segurando a sua, ele estava dormindo sentado no chão com a cabeça deitada perto do seu quadril e Zarcon dormia no sofá gasto que ela o convenceu em não se desfazer mais cedo, com as pernas cruzadas em cima do pufe.

Os bebês em seu ventre se moveram e ela sentiu Aleesha sorrindo em sua mente, ela sorri e leva a mão na barriga, surpreendendo-se com o volume que não estava tão evidente há algumas horas.

Arthorm se remexe pressentindo a sua mudança de humor e ela se controla para não despertá-lo e ele volta a se aquietar.

Pouco a pouco ela se desvencilha dele com intenção de induzi-lo a deitar direito e um vulto negro próximo ao berço chama a sua atenção. Em um átimo de segundo ela está transformada e segura o guerreiro pelo pescoço contra a parede em sua forma mais feral e ele segura em seus pulsos largos com o rosto azulado, esganado.

Zarcon e Arthorm aparecem um de cada lado e no mesmo instante são lançados contra a parede e a fera dentro dela encara a cada um com seus olhos totalmente brancos e brilhantes emitindo rugidos ameaçadores.

— K, é o Trevon. Ele não vai ferir os bebês.

Kassia o solta no mesmo instante que escuta a voz dificultada de Arthorm e Trevon cai ao chão como um saco de ossos, tossindo, com ambas as mãos no pescoço, ela pisca algumas vezes voltando à sua forma humana e levanta os braços.

— Não faça isso de novo Trevon, por Deus, não faça.

Kassia se recompõe com o coração a bater disparado dentro do peito e levou um tempo para conseguir controlar a respiração aterrorizada com a sua atitude! Um movimento em falso e teria arrancado a cabeça dele ou quebrado seu pescoço e ela o encara indignada e arfante;

— Você não tem noção do perigo entrando aqui assim?

Trevon balbucia um pedido de desculpa entre as tosses e ela segue ao berço levantando o gêmeo que havia acordado, antes que ele acordasse seu irmão e tem um lapso de visão que a tranquiliza.

Como ele não consegue se levantar ela se abaixa e põe o bebê que já pesava aproximados oito quilos em seus braços e ele fita o garoto entre fascinado e atordoado.

— Veio aqui para vê-los, não foi?

Kassia pergunta suavemente e ele olha para ela com boca aberta a assentir e volta a fixar o olhar na criança em seu colo, reconhecendo nele parte dos seus traços.

— Eles se parecem comigo.

Kassia se controla para não revirar os olhos pelo óbvio e se volta para o berço pegando o outro bebê.

— Eu percebi.

Kassia de súbito olha para a porta e Jarel a brinda com um discreto sorriso torto. Era como se ele soubesse que ela havia tomado uma decisão que lhe cabia e ela meio que dá de ombros. Não mentiria se lhe fosse perguntado, o que não parecia ser o caso ali.

— Sabe quem foi sua mãe, ou seu pai? — pergunta Trevon sem deslocar o olhar do bebê que segura seu dedo tentando levar à boca, onde minúsculas presas cintilavam à meia luz.

— A mãe era sua descendente e ela os entregou em espírito para a sua rainha. K é a Guardiã deles abaixo de Mahren, e também a sua *Mäi*.

Trevon recebe das mãos de Kassia o segundo bebê e aproxima o rosto deles, aspirando ao aroma que exala dos seus corpinhos, quando outra presença é sentida por todos no quarto.

— Não há porque esconder, Kassandra, e há de convir que seja justo que ele saiba que foram poucas exceções à regra. Dessa vez, se chegarem a morrer será em definitivo.

Zarcon e Arthorm levam o antebraço no rosto a protegerem-se da luz e Trevon envolve os bebês como uma cúpula tocando a fronte no chão de pedra lisa por cima deles e Kassia vê a entidade tocando de leve no ombro de Jarel ao passar por ele e flutuar para dentro do quarto.

Kassia começa a se abaixar em reverência a contragosto e Mahren faz com que permaneça de pé, mas ela mantém a cabeça abaixada ciente de que não prejudicaria só a si mesma se faltasse com respeito à Guardiã.

Mahren olha o seu ventre abaloado como se o acariciasse e é exatamente o que Kassia sente, apesar de estarem a certa distância e Mahren começa a falar com sua voz tranquila e melodiosa enquanto sua luz a envolve provocando uma breve letargia em todos os seus sentidos.

— Houve um tempo em que os machos que descendiam de mim não tratavam as fêmeas com respeito e dignidade que elas merecem e isso me entristecia demasiadamente, então eu permiti que a natureza de seus corpos fosse alterada e as que descendem de mim passaram a deixar de existir no parto. Isso não foi o suficiente para sensibilizar os machos daquela época então dei a elas o direito ao *mitho* e isso controlou um pouco o temperamento forte desses machos.

Kassia levanta o olhar devagar e vê boquiaberta a face de um anjo olhando-a de volta e Mahren sorri diminuindo a intensidade da sua luz.

— É justo que não goste de mim, Kassandra, ainda mais se levar em conta o que traz guardado em seu peito, assim como é justo que a avise que sou bem pouco tolerante com falta de respeito dos que considero meus. Eu aceitei aos seus em meu mundo quando a entidade que os ascende os deixou à própria sorte e já estariam todos extintos se ela não se utilizasse de vocês como armas para destruir com os meus.

Kassia sente a garganta arder pela culpa e já teria caído de joelhos a implorar por perdão se a Guardiã não a estivesse sustentando de pé à sua frente.

— Você não estaria aqui se eu não a tivesse perdoado.

Kassia vê o chão mudar de cor e textura bem debaixo dos seus pés e levanta a cabeça com olhos bem abertos. O vento suave balança de leve as longas e negras madeixas que desciam até a cintura delgada da Guardiã e todas as partes expostas do corpo etéreo cintilam tornando os traços parcialmente indefinidos, assim como o vestido esvoaçante em vários tons de azul claro que ela está usando.

Mahren aponta adiante e abaixo de onde estão e Kassia pensa em verdes pastos ao deslizar a vista pelo chão gramado que parecia não ter mais fim, e bem abaixo e distante de onde estão, identifica três blocos simétricos distanciados entre si.

— Se prestar atenção, verá que são bem mais de três.

Aconselhou-a a Guardiã com um leve toque de humor que surpreendeu Kassia e a levou a olhá-la de relance. Mahren brilhava com orgulho evidente em sua expressão etérea. Kassia voltou a fitar os blocos que pareciam ser constituídos de energia ao longe e quando sua vista se acostumou diante da iluminação incomum sobre aquele vasto terreno, ela percebeu que cada bloco era subdividido em centenas de milhares de outros e instintivamente julgou que pudessem abrigar um pequeno país de habitantes em cada um.

Era como se estivesse vendo em cada um dos três blocos uma cidade dormitório em meio ao deserto texano, como havia visto em um filme de catálogo há alguns anos, só que ali com muito verde entre outras cores indizíveis a rodeá-los.

— Poderia abrigar até mais se esse fosse o propósito, e dormitório é algo bem apropriado por comparação.

Kassia assente, realmente estupefata com a grandiosidade de onde se encontra, e um calafrio perpassa a sua espinha como um mau agouro.

— Seria muito atrevimento perguntar por que me trouxe aqui?

— Nesse caso, não. — ela continuou no mesmo tom suave que em nada lembrava sua primeira impressão dela. A Guardiã estava sendo... Carinhosa?

— O conjunto de blocos que vê mais à sua esquerda está sendo vagado aos poucos nos últimos milênios, para cada alma de fêmea *Kade* que aceitava a mim como sua Guardiã, uma alma humana condenada sob os meus cuidados era libertada e recebia uma nova chance de nascer entre os mortais. Vocês as conhecem como *Miellens*.

A Guardiã aponta o bloco do meio.

— Algumas dessas *Miellens* persistem em permanecer aqui sob meu domínio e assim será até que se decidam do contrário, mas serão realocadas para o bloco que vê ao meio e continuarão exercendo as funções que as define como indivíduo dentro de um todo. Isso também até que se decidam do contrário, estão livres para isso.

— Estão, mortas?

— Depende do ponto de vista. Creio que reclusas, seria um termo mais apropriado para defini-las. Já o bloco um pouco mais distante à sua direita, é o que se pode definir como um mundo à parte que tem os acessos fechados e invisíveis aos olhos dos habitantes vizinhos e guarda aos que descendem de mim e consegui resgatar pouco antes do fim definitivo entre os mortais.

Nesse instante Kassia olha diretamente para a Guardiã e Xstrauss sai de seus lábios em um sussurro incontido, como reflexo do seu desejo mais íntimo, mas a Guardiã nega a mover a cabeça devagar e volta o seu olhar para os blocos onde milhares de almas transitam inocentes da presença delas ali.

Kassia se deixa cair no gramado e cola a fronte no chão a implorar com voz humilde e embargada;

— Por favor... Diga-me que vive, que não deixou de ser um indivíduo e faço qualquer coisa, serei o que quiser que eu seja.

A Guardiã ignorou seu pranto silencioso observando adiante, além da superfície da sua dor e fez com que ela se levantasse e olhasse em seu rosto aparentemente delicado.

Tem muito que aprender sobre os desígnios que vem abraçando, criança. Ainda lhe falta o conhecimento dos sacrifícios que se tem de fazer pelo todo, do qual se tornou responsável em

sua curta jornada nesta vida.

Kassia sentiu o peso sufocante que a abraçava e o seu peito queimava. O pânico tomou conta de todas as células em seu corpo e ela oscilou em cima dos joelhos amolecidos sentindo os braços e as pernas dormentes.

Passado e presente passavam como flashes ininterruptos nos olhos da sua mente e ela se sentiu caindo apesar de ainda estar de pé. Ela viu de relance o olhar desesperado dele quando pairou por cima do seu corpo mortalmente ferido e as imagens da primeira vez se fundiram na segunda com poucas discrepâncias. O sexo forçado e o sofrimento expresso em seu rosto. Tão vívido, tão real e, terrível...

— A culpa é um sentimento perigoso, Kassandra, e quando mal administrado pode ser fatal. Xtrauss escolheu se afastar de você e ignorou todos os sinais da promessa que lhe fiz quando tentou dar fim à própria existência pela última vez. Ele falhou e cumpri minha promessa. Sou pouco tolerante com covardia e ingratidão, e tudo teria sido diferente para você desta vez, se ele não a tivesse afastado deliberadamente.

Mahren a fita brevemente de soslaio e volta o seu olhar para a vastidão verde que circunda os blocos de luzes.

— A maioria dos que estão desse lado seria capaz de qualquer sacrifício por uma nova oportunidade de existir entre os mortais.

— Qual foi a promessa? Se é que posso saber...

Kassia diz a última frase em baixo tom com a familiar timidez tomando conta da sua linguagem corporal.

— Prometi permitir o que ele desejava mais do que qualquer coisa.

Kassia assente de cabeça baixa, instintivamente leva a mão ao ventre e de súbito seus olhos se abrem um pouco mais, uma dor suave e intermitente se inicia em suas têmporas em perceber que não sentia a presença de Aleesha, e a Guardiã assente devagar.

— Ela ainda estará com você quando voltarmos. As duas se completam e compartilham mais do que o corpo físico, e esse é um dos motivos por tê-la trazido a esse lado. Aleesha é uma das poucas fêmeas nascidas que descendem de mim, que ainda vivia entre os mortais e só porque nasceu estéril, mas o seu último desejo foi considerado por mim como *Mitho* e seus destinos foram selados quando ela sacrificou a própria existência pela sua vida.

— Porque não a sinto comigo agora?

— Somente sua consciência psíquica está aqui, se eu a trouxesse com você no corpo que ambas habitam, somente você poderia voltar e creio que nenhuma de nós ia querer isso.

Kassia olha para o bloco distante à sua direita e volta a olhar para a Guardiã reflexiva até que não se contém mais;

— A maioria dos seus que ainda vivem desconhecem a grandiosidade do seu sacrifício. — não era uma pergunta e Kassia deixou claro o que intuiu, — A energia que dentre os seus é conhecida como *höemn* volta automaticamente ao doador de origem quando o ser é extinto, morto, ou seja lá o que aconteça. O que acontece com o esse ser em si? Esse se perde pra sempre? Da mesma forma que poderia viver, pra sempre?

— A energia que o move retorna ao seu doador de origem, então sim, o ser que a abrigou deixa de existir. Sei aonde quer chegar e vou facilitar seu raciocínio. Eu teria corpo físico se aquele bloco à sua direita não existisse, mas é justo que diga que outra entidade também

receberia de volta uma fração de energia suficiente para romper com um dos selos que o prende onde quer que esteja e esse sim é a antítese de qualquer ser com capacidade de amar. E por obra ou ironia do destino, você se tornou a promessa de destruição dele na terra. A *Promissein Deist* do maligno e guarda em seu peito outra possibilidade que ele tinha de reaver energia.

— Da parte de Elijáhrm. — Kassia deduziu levando inconsciente a mão no peito. — Mas, e os que ela destruiu?

Mahren olha para o bloco do meio e Kassia tem sua resposta.

— Eu comecei a resgatar todos os que descendiam dele pouco antes do fim e permiti mais autonomia aos que me aceitaram como a sua Guardiã.

— Então cedo ou tarde Elijáhrm seria, drenada. Por assim dizer

Mahren sorri pela sua colocação e seu sorriso é tão encantador que por um instante Kassia perde o rumo do raciocínio e acaba soltando;

— Era por isso que Jarel sempre flertava, sinto que também seria capaz de dizer qualquer tolice só para ver seu sorriso. É que, não sei explicar, não há palavras para descrever o que eu senti quando sorriu...

— Já não consegue mais sentir tanta raiva de mim.

Kassia sorri de leve e logo sua expressão se torna triste e pesarosa.

— Eu não consigo sentir raiva de ninguém por muito tempo e, sabendo o que sei agora, fica mais fácil entender que tenha lá seus motivos para agir como agiu, mas...

— Sei o que sente. Posso sentir, Kassandra. Esse é só um dos benefícios que se ganha por cair.

— Existem outros?

Mahren torna a sorrir e Kassia quase se desmancha por dentro em deleite. Era impossível resistir a indizível alegria e ela sente as faces aquecerem com a vaga noção de que esteja corada e pende a cabeça.

— Preferia não sentir esse fascínio todo. — confessa constrangida.

— Não se preocupe quanto a isso. Com o tempo irá compreender o que considero como falta de respeito e que o grau está relacionado ao conhecimento que se tem de mim, mas de início, nós iremos nos concentrar em questões mais simples.

— Como as três irmãs de Caius. — ela havia sentido que o rapaz era um dos seus e já se arrependia de tê-las mencionado por vários motivos, mas a Guardiã responde mesmo assim.

— No ventre de Alegria. Nascerão como filhas de Dërhon.

— Ailin...

— Um caso interessante. Filha de Pero e Odessa. Pero tinha uma sutil descendência de Elijáhrm e Odessa de mim. Ailin recebe a própria irmã e os irmãos de Ferguz em seu ventre e rege a regra de sacrificar-se por eles como o fez Odessa, a sua mãe, mas você pode mudar seu destino.

— Como?

— Como rainha das Valquírias, sua vontade é lei entre os que descendem dela e vivem entre mortais, mas você já sabe disso.

— E não se oporá ao que eu decidir?

Mahren sorri suavemente em responder;

— A qualquer instante, se não se comportar de acordo com as responsabilidades que terá sobre os seus e ainda será orientada por mim diretamente por alguns centênios de anos terrestres.

Em momento algum a Guardiã alterou o tom suave e melodioso da voz, mas algo se moveu dentro do cerne de Kassia, como uma tênue compreensão de que estava sendo bonificada por algo que desconhecia ter feito e no segundo que piscou estava novamente no quarto de Arthorm e ouviu Trevon declamar com descrença;

— Meus irmãos... Caled e Phurion, mas como...

— Da mesma forma que há pouco mais de 23 anos eu inseri a essência da Valquíria que fora contra o próprio clã e o salvava de ser torturado até a morte antes, quando era ainda um menino, em um ventre de mesma linhagem.

O olhar de Trevon segue até Kassia estudando-a mortificado e ela olha pra Zarcon engolindo sutilmente, havia compreensão no olhar amarelo translúcido que parecia transpor a sua alma e ele assente de leve. Compreensivo.

Ainda segurando os bebês um em cada braço Trevon se põe de joelhos e os estende na direção de Kassia abaixando a cabeça a declarar na língua dos seus ancestrais;

Entrego-me e aos que descendem de mim a vós, para servi-la e protegê-la com nossas próprias vidas e seguiremos seus desígnios de bom grado para todo o sempre, Val Rein.

Kassia entende cada palavra e contém a necessidade premente de tirar os bebês dos braços de Trevon. Até que bufa, sacode a cabeça de leve e não resiste. Ela se aproxima a abaixar, tira um dos bebês do seu braço e enfia o nariz no pescoço gorducho inalando o seu cheirinho doce.

— Não quero ofender o seu orgulho e aceito de bom grado a sua amizade e o seu respeito, mas... Sério sabe?

Kassia corre os olhos nos presentes como se pedisse ajuda e volta o seu olhar assustado para Trevon.

— Nós podemos viver em comunidade aqui, não podemos? E as nossas crianças podem ser, crianças...

Kassia tem uma visão do seu passado mais distante e mostra as presas sem sentir. Os seus nervos estão à flor da pele e as palavras saem aos borbotões pelos seus lábios.

— Com adultos que as amem e protejam e, com liberdade pra brincar ao invés de treinar... Com festa de aniversário e abraços, gostosuras, doces, eu, eu sei que estou sendo incoerente, mas... Elas, as crianças não devem ser comprometidas pelos seus pais, eu não acho isso certo. Amor, proteção e condução sim, mas também o direito a liberdade para ser o que quiserem ser, quando se tornarem adultos... Eu não, não quero ofender ninguém. Só, não acho certo que... Desculpem-me.

Kassia não era a única a estar com os olhos úmidos pela emoção, mas os machos presentes pendem a cabeça com intuito inocente de fugir do escrutínio da Guardiã e não viram seu sorriso fugaz em declarar;

Que assim seja para ambos os casos, e Trevon, é justo que vos diga que abaixo de mim responderá pelos seus atos ao rei e a Val Rein enquanto você existir, a vontade de Cassandra é a minha, salvo algumas exceções. Como sabem, ainda terão inimigos entre os seus lá fora e Cassandra vem se tornando uma peça valiosa, logo, disputada entre os mundos. Até aqui ela agiu por instinto e se saiu bem, mas o legado que assumiu a impedirá de agir por conta

própria em muitos casos e caberá a todos vocês protegê-la, se quiserem que ela sobreviva deste lado. E serei eu a cobrar, se falharem nesse ínterim.

Mahren se volta para Zarcon quando ele ameaça se pronunciar e ele se mantém calado abaixando a cabeça.

Como Val Rein, Kassandra deve mudar-se para os aposentos ao lado dos seus no coração da mansão e passará pelo ritual das Valquírias de ascensão. Suas crias serão preservadas, mas essa será a única concessão que farei por tudo que ela já passou. A cerimônia deve acontecer em três dias no largo cerimonial, quando a lua estará cheia e alta no céu, e eu estarei também representando a última Val Rein que a antecederá.

Sabidamente ninguém contesta, Mahren desaparece e todos os machos soltam o ar que nem imaginavam estarem prendendo.

Kassia põe o bebê adormecido no berço e Trevon reluta por um segundo a lhe estender o que ainda estava em seus braços, mas quando o faz, ela ensaia um meio sorriso e dá um passo para trás afastando-se.

O gesto lhe soou meio como um pedido de desculpas por tê-lo atacado e meio como confiança de que ele não os machucaria, e Trevon aceita a ambos, agradecido.

Só não imaginava que as suas pernas iriam falhar ao tentar se levantar e em pensar que ele deixaria o bebê cair, ela avança de ímpeto com os dentes a mostra e estaca em seguida, corando em perceber que ele havia se saído bem ao colocar o bebê no berço, apesar dos braços trêmulos.

— Desculpe. É difícil controlar e, talvez fosse mais seguro se não me pegassem desprevenida, meu impulso é, um tanto bruto e, não consigo evitar, os impulsos...

Kassia desiste de tentar explicar e volta a se afastar fixando seu olhar em Arthorm, seu lado mais animal em conflito com o lado racional e ela chega a franzir de leve o cenho ao escutar o bebê contestar por ter sido devolvido ao berço.

Trevon sente os pelinhos da nuca arrepiar pela ameaça iminente e se afasta com um sorriso incontido estampado no rosto. Seus irmãos haviam recebido uma nova chance e não podiam ter uma Mãe melhor do que a sua rainha. De súbito lembrou-se da guerreira Valquíria que havia lutado com a própria irmã e ido contra todo o seu clã para defendê-lo, e que havia lamentado as estrelas que se os seus irmãos tivessem uma mãe assim, não teriam sucumbido a todas as maldades perpetradas pelo clã do seu pai. Alguns milênios se passaram desde então, mas seu desejo fora ouvido e realizado enfim.

— Peço perdão pelo meu ato impensado. — Trevon diz com toda sinceridade.

— Tudo bem. Só não faça isso de novo, tá?

Kassia estava realmente preocupada e Trevon se afasta ainda mais do berço apesar da relutância instintiva e é no olhar firme de Zarcon que se apoia para assentir brevemente.

— Tem a minha promessa *Val Rein*...

Kassia se volta para Zarcon e ele assente solidário.

— Três dias...

Zarcon só podia supor, assim como os demais, que essa cerimônia de transição não seria fácil para Kassia pela sua expressão, mas eles são interrompidos por um Dêrhon bem exasperado.

— Será que dá para alguém me explicar o quê que aquele bastardo está fazendo no quarto da

mãe das minhas filhas?

Dërhon empurra Jarel ao entrar no quarto e Kassia enche os pulmões de ar trincando os dentes. Seu corpo age mais rápido do que consegue pensar e num átimo de segundo ela está pressionando Dërhon pela garganta contra a parede a silvar em tom impaciente;

— O referido bastardo tem nome e é graças a ele que o corpo de Alegria ainda tem chance de segurar a gravidez. Eu vou deixar algumas coisas claras a você, Dërhon. As Valquírias do nosso tempo engravidavam para somar suas forças as forças dos fetos em seus ventres e esses eram consumidos pelos seus corpos ou utilizados de acordo com a vontade da *Val Rein* quando chegavam a nascer e isso, indiferente da vontade da guerreira que os gerasse, não que a maioria soubesse do que se tratava o que carregavam em seus ventres que as deixavam ainda mais forte ou que chegavam a importar-se quando descobriam. — ela o solta com um solavanco e ele mantém a cabeça baixa com a mão no pescoço e as imagens vívidas de como Alegria estava quando Kassia a encontrou em sua mente — Quando eu a resgatei, ela implorou que suas filhas fossem preservadas e prometi que faria tudo que estivesse ao meu alcance, é o que estou fazendo, Orion arriscou a própria vida dentro daquele ninho e sangrou por ela depois, se não fosse por ele e seus irmãos eu não teria tido tempo de salvar o que restou dessa minha irmã, então não o ofenda. Ele tem conhecimento e tem se dedicado em manter o corpo dela são pelas meninas, isso por si só já é digno de respeito e deveria ser do seu também.

— Eu não sabia. — ele diz com honestidade ainda acarinhando o pescoço dolorido como se assim fosse convencê-lo em doer menos e ela assente relatando os fatos;

— Não era e talvez no fundo nunca tenha sido da minha vontade que nossos bebês fossem usados como combustível para fortalecer nossos corpos como foi no passado e essa também era a vontade dela, até então eu não imaginava que houvesse outra solução, éramos todas descartáveis então e eu fiz tudo o que estava ao meu alcance fazer, eu a resgatei, alimentei e com o conhecimento que absorvi quando bebi do Orion consegui manipular a pouca energia que lhe restava para preservar os bebês, mas ela já não estava mais presente, não era mais um ser consciente, o pouco que lhe restou foi... Eu sinto muito. Muito mesmo.

— Até então você não tinha poder para fazer mais do que fez.

Todos os olhares se voltam a Jarel e ele move os ombros largos.

— A fêmea fez a sua escolha quando se viu incapaz de acabar com os machos, que em sua ignorância a atacaram. Ela se sacrificou em prol de defender os bebês em seu ventre e você não teria conseguido ir além da vontade dela, mesmo que não fosse o anjo que é, mas ajudou bastante em resgatá-la e trazê-la de volta para perto dos que a amam e se importam.

Kassia assente agradecida e Jarel faz sinal de continência brindando-a com seu belo sorriso torto, mas ela não tem ânimo algum a retribuir com mais do que um quarto de meio sorriso e ele é compreensivo.

— Orion tem alimentado Alegria com meu sangue, mas por experiência própria posso dizer que os bebês respondem melhor quando são alimentados pelo macho que os concebeu. Eu não lhe pediria isso, porque soaria como apelação e sendo franca, eu me importo com você e não gostaria de ser pressionada por uma situação assim, se estivesse em seu lugar.

— Dërhon não precisa se envolver se não quiser. — declara Zarcon com seriedade.

— Eu não preciso da sua defesa aqui, cara. São as minhas filhas naquele ventre, não suas.

— Como seu irmão eu não vou impedir, mas como seu rei eu exijo que ofereça o *Maeleihm* ao

convidado.

— Quê?! Você só pode estar brincando! Voltamos à era medieval por acaso?!

— Se vocês vão ficar discutindo, eu agradeceria que fossem para outro lugar.

Nesse momento Ores aparece na porta com a *Sion* que Kassia havia chamado de Sara e ambos se inclinam reverentes. Ores se comunica diretamente com Kassia em pensamento e ela solta o ar vencida apontando aos bebês com um breve gesto.

Trevon engole em seco e se obriga a permanecer no mesmo lugar enquanto Dêrhon e Zarcon se digladiam pelo olhar e a *Sion* se aproxima dos seus irmãos, com a aquiescência da sua rainha.

Kassia encara Arthorm com lábios apertados em uma linha fina a explicar-se mentalmente.

Cortesia da Guardiã. Ela orientou Ores a preparar um quarto anexo ao meu para você e outro para os bebês...

Tudo bem K. Eu estava mesmo incomodado com o pouco que podia oferecer a vocês aqui. Além de não ser seguro...

Arthorm sorri de leve e Kassia desvia o olhar para o chão.

Não era preciso ler mentes para entender que o perigo maior era ela que oferecia a qualquer que inadvertidamente se aproximasse dos bebês, que agora saiam do quarto nos braços da *Sion* chamada Sara.

—... Foi determinado pela Guardiã que a K, irá passar pelo ritual de ascensão das Valquírias e você vai oferecer o *Maeleihm* ao convidado e protegido dela como rege nossa tradição. Você tem razão, Dêrhon. Já passou em muito da hora, de eu parar de tentar limpar todas as suas cagadas.

— Está levando em consideração que isso pode significar o meu fim?

Zarcon preferia acreditar que não chegaria a tanto, mas se manteve impassível em sua decisão.

— Brianis me confessou ao se despedir que preferia que fosse eu o pai das filhas de Alegria e disse também que como seu irmão uterino eu posso alimentá-las no seu lugar.

Dêrhon sorri sem humor e dispara;

— Então a vaca da Brianis foi estabelecida como dona da razão?! E agora ela é Brianis pra você? Tem certeza que...

Dêrhon não teve tempo de formular a pergunta quando Zarcon agarrou no pescoço dele. No átimo de segundo seguinte ambos são pegos e arremessados pela besta fera que era fácil umas oito vezes maior que eles, um para cada lado do quarto e estacaram onde estavam mortificados.

Era a besta de Xstrauss. E ela se voltou para o Trevon com os espessos pelos acinzentados eriçados e o olhar totalmente branco e ameaçador.

Trevon levanta os braços mostrando as palmas e vê paralisado o vapor saindo das narinas pouco antes dela se voltar para Arthorm e piscar o olhar branco ainda com pelos eriçados. Arthorm se levanta devagar puxando o lençol da cama e logo que Kassia toma a forma humana ele encobre seu corpo trêmulo e nu. Ainda com seus olhos brancos ela fita cada um e os fecha com um suspiro cansado encobrindo-se melhor com o lençol e segurando na mão de Arthorm por sobre o seu ombro, ela promete cansada;

— Vou me esforçar para que não volte a acontecer o que eu fiz aqui e, talvez seja melhor que

mantenham distância de mim, ao menos até que, consigam se resolver entre vocês.

Kassia tinha noção dos ossos que haviam quebrado quando os lançou contra a parede, mas não se sentia realmente culpada. Talvez um pouco, mas ela lhes deu as costas mesmo assim. Estava ciente que usava a mão de Arthorm como apoio ao sair e parou no umbral a fitar Jarel.

— Orion é bom em consertar ossos quebrados, mas devido ao momento, não sei se seria uma boa ideia chama-lo. Eu só sei que, eu não posso.

Jarel assente compreensivo, e ela se agarra ainda mais a Arthorm temendo desabar ali mesmo. Arthorm passa a conduzi-la pelo corredor e por fim ele a levanta em seu colo e ela esconde o rosto em seu pescoço. Ores os aguardava ao fim do extenso corredor e os conduziu calado adentro da mansão milenar onde parecia que havia centenas de salas e quartos ao longo dos extensos corredores iluminados e ricamente decorados, mas Arthorm só se deu conta disso porque queria chegar logo ao local onde ela pudesse se refugiar e extravasar os sentimentos presos.

Ao que pareceu uma eternidade de corredores sem fim, duas portas com cerca de três metros de altura foram abertas por dois *Sions* e no fim do salão com aproximados 400 metros quadrados, duas escadas emergiam do chão em curva pelas paredes laterais até se unirem ao alto de uns trinta a trinta e cinco metros e no centro em uma única escada, com mais uns dez ou quinze metros... Outro salão onde facilmente caberia a arena onde treinavam e ao final deste, outras portas duplas com cerca de quatro por quatro metros foram abertas para eles por outros dois *Sions* e um corredor com tapete fofo e carmesim com paredes claras e iluminadas a cada dois metros por candelabros prateados presos na parede ao alto... E aquele era só o piso intermediário.

Foi o que Arthorm constatou depois.

O que poderia se dizer de primeiro andar ou andar térreo da mansão que parcialmente circundava a montanha no coração do Vale. Ao final do corredor em curva com três metros de largura eles ultrapassaram outro salão de proporções assustadoras e mais outros menores e Arthorm já estava depressivo quando após subir mais dois lances de escadas com cerca de trinta e cinco a quarenta metros de altura descobriu que havia um terceiro andar.

Enfim chegaram à frente das portas duplas dos aposentos da rainha em seus braços e a sua depressão não era causada pelas bolhas que estava certo ter adquirido nas solas dos pés descalços com a caminhada. E sim pela enormidade de tudo que Kassia havia abdicado para estar ao seu lado no seu quatinho e antes disso, para impedir que mais fêmeas fossem feridas e induzidas a implorar pela morte.

Kassia havia adormecido de tanto chorar em seus braços e foi com certa relutância que ele a acomodou no centro da cama semelhante a que Ores a havia acomodado quando a retirou da terra.

Ao olhar em torno Arthorm percebeu, tudo ali era igual e ele fitou um Ores respeitoso e calado, parado no umbral entre o quarto e a antessala.

Ele colocou alguns travesseiros nas suas costas e a encobriu beijando-a na fronte de leve e saindo do quarto em seguida. Sabia que não poderia demorar e Ores parecia compreender a sua urgência de voltar para perto dela a zelar pelo seu sono. Esse era o seu momento com ela, onde sentia que era importante e, necessário, e isso fazia bem para a sua estima, sem sombra de dúvida.

— Temo não ter conseguido chegar a um consenso para os seus aposentos, senhor.

Ores estava realmente envergonhado e Arthorm se apiedou dele. Com a mão em seu ombro esquelético ele o fez olhar pra cima e segredou;

— O que quer que tenha feito, eu tenho certeza que é bem mais do que eu mereço, Ores.

Ores assente envergonhado ao extremo e Arthorm o liberta para que ele possa abrir as portas e não contém o riso, corando de imediato. O seu quarto era amplo e fresco e decorado como sempre imaginou que seria se tivesse mais espaço. Havia outras coisas lá que seus olhos esverdeados captaram antes de engolir a emoção e assentir para Ores, incapaz de pronunciar o agradecimento com palavras. Ores se inclina de leve em reverência e aponta a porta do outro lado do quarto com o olhar.

— Sara está com os bebês no quarto anexo ao do senhor e já foi devidamente orientada. Se a mudança não estiver ao seu agrado ou da menina, estarei à disposição para corrigir. — e adivinhando o seu desconforto quanto à vizinhança é respeitoso em mencionar;

— Algumas alterações internas foram feitas após a explosão, todos os cômodos possuem janelas amplas com persianas de aço automático e sacadas discretas com a vista externa disfarçada por eras e orquídeas da região. Esse andar constitui os aposentos do rei e ao vosso somente. O senhor Dêrhon e o senhor Trevon estão acomodados em outras alas da mansão no andar abaixo.

Arthorm balança a cabeça assentindo e Ores se despede com a promessa de voltar com provisões tão logo seja requisitado. Em poucos segundos Arthorm está novamente no quarto e como se pressentisse a sua presença Kassia se move deixando o espaço vago as suas costas.

Arthorm já estava familiarizado com o que seguiria. Ele se deitaria ali e ela aconchegaria as costas contra o seu corpo deitando a cabeça no seu braço dobrado sobre o colchão, buscaria e puxaria a sua mão livre a depor sobre a sua barriga com os dedos entrelaçados sobre os seus e seu cabelo longo e acetinado faria cocegas no seu nariz. Em pouco tempo uma dormência gostosa começaria no braço dobrado e feito de travesseiro, e mesmo com todos os seus pesadelos a afligi-lo ele nunca havia se sentido tão próximo de alguém e tão Feliz.



Orion assentiu brevemente para o rei quando ele agradeceu por ter cuidado das suas contusões e Dêrhon seguiu o seu exemplo com um obrigado dito entre dentes por ter cuidado dele também. A comunicação aconteceu entre os irmãos e um Dêrhon vencido, ou talvez não tão vencido assim, ofereceu a ele a revanche em forma de *Maeleihm* e o rei interferiu explicando como se procedia.

Após refletir um momento, Orion conteve o ímpeto de afundar o nariz rosado do príncipe com cara de Mauricinho mimado, e já que pegar leve com ele poderia ser ainda mais humilhante do que se decidisse bater até que não sobrasse um osso inteiro em seu corpo, e matá-lo, estava definitivamente fora de questão, ele decidiu abrir o seu coração.

— Não serei afastado de Alegria, você vai alimentá-la da maneira que eu determinar enquanto ela não puder responder por si mesma, e se ela sobreviver ao parto e escolher ficar ao meu lado você vai assistir de perto e conformado eu representando a figura paterna das crias no ventre dela. Está bom assim pra você?

— Ela se declarou pra mim. Alegria me ama.

— E eu estou apaixonado por ela o suficiente para esquecer o que sou e rejeitar qualquer reflexo de orgulho aceitando o que ela quiser e puder me dar se tiver oportunidade. — rebate sério e convicto de suas palavras — Eu também sou macho o bastante para me afastar, se isso for o melhor que puder fazer por ela. E você?



CAPÍTULO 40

Kassia levanta-se de súbito e escuta um grunhido sonolento. Arthorm leva a mão no rosto que ela havia golpeado ao se levantar e ela o acalenta deitando-se de frente para ele com joelhos dobrados e encolhida a ponto dos peitos dos seus pés encostarem-se aos joelhos dele, e ela poder enfiar o rosto na curvatura entre seu ombro e pescoço.

Arthorm respira profundamente e passa o braço livre pela sua cintura enfiando o nariz em seus cabelos e volta a dormir sossegado.

O cheiro dele era algo delicioso de sentir e o calor que emanava do seu corpo a aquecia até nos ossos. Ela se permitiu ficar mais um tempo aquecida e aninhada em seu abraço e ele apertou o queixo no topo da sua cabeça fazendo-a dar-se conta de que também estava acordado e que ela tremia de leve pelas lembranças despertadas pelo pesadelo.

— Desculpe. — ela pede em baixo tom sem se mexer — Não queria ter acordado você.

Arthorm a aperta de leve e puxa o edredom por cima da cabeça de ambos fazendo-a sorrir, ele também ri em lembrar-se da conversa em que ela falava da infância e da amiguinha que vez ou outra dormia na sua casa nos fins de semana.

— Só faltou a lanterna. — ele comenta brindando-a com seu sorriso. A amiguinha sempre levava e por várias vezes elas conversavam até quase o amanhecer ou liam estorinhas de princesas presas em castelos encantados ou envenenadas por maçãs enfeitiçadas que as faziam dormir um sono profundo.

— Eu ainda não tinha visão noturna... — e nem imaginava que um dia chegaria a ter.

Os olhos de Arthorm pareciam lagos verdes cristalinos onde ela certamente adoraria se afogar e as suas íris eram decoradas com pontinhos cor de âmbar que pareciam minúsculos peixinhos sob a superfície.

Era um macho muito, muito bonito e, ela treme involuntariamente de novo, enrugando de leve o cenho.

— O que há? — ele pergunta suavemente e como ela não responde, tenta adivinhar com um sorriso tênue — É sobre o seu ritual de ascensão?

— Sabe que eu amo você, não sabe?

— Também amo você.

Kassia se levanta e senta na beira da cama.

— Não quero falar sobre isso.

— Vem cá.

Arthorm estende os braços e ela se aninha em seu abraço. Acima de qualquer outro sentimento que pudessem ter um pelo outro, a amizade prevalecia e no que dependesse dele, permaneceria assim.

— Se prefere assim, assim será.

— Obrigada, Art. Você é o melhor companheiro que uma fêmea poderia ter, sabia?

— Com fome?

Kassia solta um arfar de riso envolta no calor dos seus braços. Se dissesse que não ela estaria mentindo, mas pensar em biscoitos antidepressivos de chocolate, automaticamente a fez lembrar-se de Ailin.

Podia sentir na pele que ainda era dia, mas assim que o sol se pusesse ela iria visitar a amiga. Ainda estava difícil de processar tudo que havia acontecido, mas não era desculpa para negligenciar a primeira amiga que havia feito nesse mundo tão singular do qual agora fazia parte. Um mundo do qual ele, já não fazia mais parte.

Como se adivinhassem que estava acordada, os bebês trataram logo de reclamar a sua presença no quarto ao lado, salvando-a do abismo que se lançava ao pensar em Xstrauss, ela sorriu ao saltar fora da cama e Arthorm a seguiu com um sorriso nos lábios que não alcançava os olhos.



— Como ela está?

Danikas levanta a cabeça e encara Dêrhon por um segundo antes de voltar a acariciar os cabelos de Alegria fixando o olhar no rosto da irmã.

— Ela não precisava passar por nada disso. Não... — ela o interrompe — Não pelo que você não pode fazer ou oferecer. Pelo que eu fiz, sim. Pelo preço que eu paguei, em seu lugar, sem lutar ou, me revoltar...

Danikas solta o ar e caminha até a janela. De onde estavam já não se via mais o sol, mas o ambiente verde e salpicado de várias outras cores que se via pelo vidro duplo que os protegia dos raios mortais, estava tão iluminado quanto o quarto com a sua luz filtrada.

— Eu não sei dizer como ela está. Só o que sei, é que não está aqui. O seu corpo e os bebês estão, mas...

Dêrhon se aproxima da maca e estaca a um passo de tocá-la. Em sua mente desejava quase em desespero que todos estivessem errados e se pegou implorando a Guardiã por mais uma chance para Alegria, quando o quarto foi iluminado com uma luz diferente da que vinha da janela.

Ele não precisou se virar para se certificar de quem se tratava, de onde estava se curvou em reverência e manteve o olhar preso ao chão.

Danikas também se abaixou colando a fronte no chão, como era o costume delas quando diante à presença da Guardiã, Mahren os congelou no tempo e espaço e Orion engoliu em seco antes de entrar no quarto ao seu convite.

Aceitastes a mim como Guardiã na terra e fostes benevolentes com meus diletos. Seja bem vindo aqui, descendente de Ores.

A entidade não olhou para ele quando disse, mas Orion assentiu assim mesmo em respeito e ela flutuou até o leito e descortinou a mão fluorescente do manto vermelho que encobria todo seu corpo. Alegria foi banhada pela sua luz e só então ela se virou e ele teve um breve vislumbre do perfil do rosto da Guardiã dos *Aehmons* sob o capuz do manto aveludado.

Não me decepcione Orion. Sou benevolente somente com os que me são fiéis em sua palavra...



—... E o quê, especificamente, ofereceu a ela?

— Nada em específico e, tudo... — ele relatou um tanto confuso.

— Ele prometeu que seria capaz de fazer qualquer coisa pela minha irmã.

Zarcon e Dërhon se voltam para Kassia e ela move um dos ombros como se não desse importância, ou se desculpasse sem sentir-se realmente culpada.

— Que ótimo! — resmungou Dërhon com expressão grave — Está total e irrevogavelmente comprometido.

— Sim, estou. — e a sua expressão demonstrava que não entendia o 'quanto' ele estava comprometido.

— Eu vou ver como está a minha irmã.

Kassia sai do quarto consultório e Zarcon a segue abordando-a no corredor da ala das fêmeas.

— K, espere. Precisamos conversar.

— Precisamos, mas me dê alguns minutos. Encontro com você no seu escritório pessoal depois. Pode ser?

Zarcon assente e Kassia segue ao quarto de Alegria. Danikas se afasta inclinando-se reverente, Kassia solta um suspiro resignado sentando-se na maca ao lado de Alegria e sobrepõe sua mão na dela em seu ventre.

— Eu vi você, algumas horas depois do seu nascimento.

Kassia levanta o seu olhar a encarar Danikas.

— Você sempre soube disfarçar seus sentimentos, mas não de mim.

Danikas assente devagar, incerta de porque ainda está ali. Era óbvio que a sua rainha estava visitando Alegria e...

— Ambas. — Kassia a corrige — É necessário que ambas tenham em mente que eu sabia de tudo e podia ter evitado, mas não o fiz.

Kassia se levanta e segue em direção à porta parando no umbral.

— Eu sempre soube tudo que todos pensavam sem fazer esforço. Sabia do seu desejo secreto de ser mãe e de como havia se apegado a Alegria desde que ela nasceu. Menor e mais frágil que as outras. Ela era o seu ponto fraco e como segunda no comando do clã, eu permiti que um dos nossos maiores inimigos soubesse onde você a havia escondido. Eu praticamente a entreguei de bandeja para eles.

— Por quê? — Alegria pergunta num sussurro e encolhe sensivelmente quando sua rainha volta a encará-la.

— Fiz o que precisava ser feito.

Kassia desaparece e Danikas volta a se aproximar do leito.

— Ela passará pelo ritual de ascensão em duas noites. Trevon me disse.

Alegria se senta com a mão na boca e Danikas se inclina tocando sua fronte na dela em solidariedade.

Do lado de fora do quarto Orion solta um suspiro resignado e bate as costas da cabeça na parede.

— Você sabe do que se trata? — pergunta Dërhon em baixo tom.

— Eu não sou tão antigo, mas ouvi algumas histórias...



Kassia bate no umbral da porta anunciando sua presença e Zarcon a convida a entrar. Seu olhar corre à porta do quarto dele com lembranças que pareciam ser de décadas atrás e ambos seguem na direção do seu escritório, sonho de qualquer apaixonado por livros, onde estantes de aproximados quatro metros de altura estavam lotadas deles por toda extensão das paredes laterais e nos fundos.

— Aleesha conseguia ler um livro com apenas um toque.

Não sou consciente, K. Por favor, será mais fácil para ele.

Não, eu não vou fazer isso com ele, Ale. Não é justo. Com ninguém.

— Nós compartilhamos o mesmo corpo, as mesmas sensações e nós, às vezes, divergimos de opinião. Escutamos os pensamentos uma da outra, e também conseguimos guardar segredo uma da outra, mas não o que escutamos dos outros... Não é fácil de explicar.

— Posso imaginar que não seja. Mas e a fera?

— Uma longa história. Nem saberia por onde começar.

— Refiro-me a fera de Xstrauss, não a sua forma feral.

— Ahn... Sobre isso eu, só posso supor que, está onde deveria estar.

Sem mentiras, certo?

— Em você.

Kassia ignora Aleesha e morde o canto do lábio inferior a assentir afirmando.

— Você absorveu a maldição do meu irmão.

Não havia sentimento na afirmação de Zarcon, era só constatação de um fato e ela se abraça inconscientemente.

— Quando a maldita que nos ascende me ofereceu a oportunidade de vingar minhas irmãs, eu estava cega de ódio e culpa e permiti que meu corpo fosse alterado para atender aos seus propósitos. Eu não me lembro de quanto tempo passou antes que ela me julgasse pronta, mas quando ela me colocou no caminho de Xstrauss, eu estava ferida e faminta... Xstrauss não teve escolha, não teve chance contra o que eu era e com isso, ela me deu a oportunidade de acabar com ela também.

Kassia leva a mão no centro do peito sem perceber e quando se dá conta a retira, pendendo-a ao lado do corpo.

— Quanto mais eu me apegava a vocês, mais fazia com que vocês me odiassem.

Zarcon sorri com um quê de tristeza no olhar.

— E nós odiamos essa Valquíria, tenha certeza.

Kassia retribui com o mesmo tipo de sorriso triste.

— Eu sei. Xstrauss não teve escolha em me trazer com ele e me impor a todos vocês. Antes de ter o meu corpo alterado eu já ouvia pensamentos sem qualquer esforço e podia manipular meus iguais com a mesma facilidade. Eu não lhe dei escolha, Zarc. Eu, não lhe dei escolha alguma.

Zarcon sente o próprio corpo partir em dois com a vontade que tem de envolvê-la em seus braços, mas se contém.

— Há quanto tempo se lembra desse seu passado?

— As lembranças começaram bem depois que fui embora daqui.

— Nós pensávamos que você também tivesse morrido.

Parte de si havia morrido.

— Sobrevivi.

— Como se envolveu com Arthorm?

— Por que estou com a sensação de que você sabe?

Zarc move os ombros largos com displicência.

— Eu sei, em parte, mas considero que seja importante para você falar sobre toda essa merda que aconteceu e bem, estou aqui.

— Sim, você está. Mas não sei se eu quero falar sobre isso. Não é negação ou algo do gênero só... Não é algo do qual me orgulho de ter feito. Não com Art, mas antes...

— Fez o que tinha de fazer. — a ironia fez com que ela assentisse e ele continuou — Quando ninguém mais acreditou em você, usou das armas que tinha para defender os que você ama.

— Quero acreditar que sim.

— Acredite.

Kassia balança de novo a cabeça assentindo sem muita convicção.

— Kassia.

Zarcon aguarda até que ela olhe para ele e sustenta o seu olhar.

— Me diga que já havia se lembrado da sua natureza quando escolheu Arthorm para te servir, no seu cio.

Kassia balança a cabeça em negação.

— Não seria verdade. Eu, eu não tinha certeza se conseguiria. Agi mais por instinto que qualquer coisa e, não queria que Arthorm ficasse sozinho. E mesmo que me lembrasse. Minha natureza não é mais como a das minhas irmãs de raça. E, tem Aleesha. Comigo...

— Você queria morrer.

Kassia se aproxima em um segundo e com delicadeza põe os dedos em seus lábios.

— Zarc. Mesmo se eu pudesse, não quero mentir pra você. Só que, há coisas que nem eu sei direito. — ela acaricia o seu rosto e se põe na ponta dos pés beijando de leve seus lábios com ternura — Parte de mim já não estava viva há muito tempo. Foi se perdendo com cada um que eu perdia e, eu sei que você será um pai maravilhoso, assim como Arthorm e Trevon e, Dêrhon se, ele se permitir isso.

Zarcon a segura firmemente pelos ombros encarando-a com gravidade a sacodindo de leve.

— Você estava confusa e passou por muita coisa. Não é sempre assim. Nós chegamos a viver aqui por centênios de anos sem qualquer tipo de interferência do mundo lá fora.

Zarcon a solta e vê os seus ombros desnudos se recompondo.

— Desculpe. Eu não queria ferir você.

— Está tudo bem... Vai ficar tudo bem.

— Ela a levou para conhecer o santuário. — mais uma vez não era uma pergunta e Kassia só faz assentir com um suspiro — Eu estive nas imediações, com Dêrhon, quando chegamos à conclusão de que você era mais forte do que imaginávamos antes e era possível que estivesse viva lá fora e, eu estive lá algumas vezes depois. Olhe, eu sei que à primeira vista o santuário pode ser convidativo, mas se você se deixar morrer dessa vez, não terá volta. Não terá outra chance.

Zarcon se põe de costas para ela incapaz de fitar seus olhos e não viu as lágrimas que rolaram em seu rosto ao dizer;

— Era ele quem devia estar aqui com você, não eu.

— Foram os meus atos impulsivos que o matou, Zarc.

Zarcon se vira pouco antes dela desaparecer e desaparece em seguida seguindo o rastro do próprio sangue no corpo dela em tempo de vê-la sair da mansão. O sol de fim de tarde iria fritá-la e em seu desespero ele tentou sair, mas foi impedido por uma força invisível que o manteve preso a assistir e começou a rezar socando a força invisível que o prendia ao abrigo da luz mortífera.

As dores lancinantes começaram onde os raios do sol batiam e o cheiro de carne queimada adentrou suas narinas enquanto seus joelhos falhavam e ela caiu cega no chão gramado.

Jarel passou feito um foguete ao lado de Zarcon e a levantou em seu colo com intenção de levá-la de volta para a mansão, ela o mordeu arrancando um pedaço do seu ombro e ele cambaleou com a dor terrível, mas não desistiu de socorrê-la enquanto ela o atacava com desespero crescente.

Kassia havia ultrapassado os limites do racional entregando-se ao desespero. Xstrauss é quem deveria estar ali para ampará-la diante o fardo das responsabilidades que ela vinha assumindo.

Narum e Zhelter se materializaram ao lado do anjo e o auxiliaram mesmo estando com seus corpos em chamas e Zarcon só pode assistir toda a comoção preso do lado de dentro pela força invisível.

Ele havia provocado aquilo. Ele a havia provocado em fazer aquilo. Orion apareceu em seguida seguido por Arthorm e Dêrhon ao chamado de Zhelter e Narum, e Kassia foi levada desacordada para a enfermaria.

Jarel e Zarcon se entreolharam em comunicação muda e Jarel volta a sair ajoelhando no mesmo lugar onde ela havia caído antes e rasga a camisa ensanguentada se expondo ao sol que o curaria.

Danikas entrou no quarto, seguida de Alegria, e Alegria solta um arfar sofrido levando ambas as mãos na boca com o que vê. Orion e os demais são afastados por Danikas que a escolta até o lado do leito e ela nem pensa em romper o pulso e levá-lo a boca da sua rainha.

— Não está funcionando. — ela anuncia com pesar algum tempo depois.

— Merda, eu devia imaginar.

Danikas volta o olhar para Orion e seus irmãos, e Dêrhon interpõe entre ela e eles rapidamente em perceber que ela vai atacar.

Danikas volta a olhar para o corpo queimado da sua rainha e encara Dêrhon a apontar num rosnado.

— O sangue de Alegria não é o suficiente!

Zhelter e Narum puxam as adagas de seus coldres ao mesmo tempo e Orion faz o mesmo. Os irmãos cortam as palmas profundamente e se aproximam do leito. A declaração explícita em seu ato de que não era preciso que eles fossem forçados. Com movimentos curtos Danikas rasga a camisa e conduz as suas mãos sobre os ferimentos e é no arfar aliviado de Alegria pouco tempo depois que ela sabe que está dando certo...

Trevon aparece na porta ao lado de Zarcon e é o olhar culpado do irmão que faz com que Dêrhon avance sobre ele chocando-o contra a parede do corredor.

— O que vocês conversaram? O que disse pra ela, caralho!

Trevon é golpeado e arremessado longe no corredor e Danikas encara Orion antes de sair do quarto fechando a porta atrás de si. Em sua forma feral ela separa os irmãos arremessando um de cada lado ficando entre eles, voltando a sua forma humana em seguida. O grunhido enciumado de Trevon a alerta para o fato de que está totalmente nua e com uma careta ela passa a mão direita e antebraço em suas partes íntimas encobrindo-se com pedaços de couro cor de pele.

— Foi por pouco, mas ela vai se recuperar. Se querem brigar como dois adolescentes vão para a arena. Não creio que ela ficará satisfeita...

— Até conseguir se matar. — grunhe Dërhon.

Danikas o fita de soslaio e se volta para o rei.

— Ela precisa merecer nosso respeito para nos governar...

A súbita explosão de luz no corredor deixa todos os presentes momentaneamente cegos e a voz suave e infante da Guardiã é ouvida como um mau agouro por todos eles.

Kassandra terá o respeito e o temor de todos os seus, eu garanto.

A Guardiã mantém todos presos onde estavam e flutua a adentrar no quarto afastando aos que circundava o leito onde Kassia jazia inerte e o grito angustiado e estridente se faz ouvir por todos sem que nada pudessem fazer em sua defesa.

O que a Guardiã a faz ver pelos olhos da mente é ainda pior que as dores causticantes em cada célula do corpo e Kassia arqueja em busca de ar sem sucesso, presa ao leito pelos pulsos e tornozelos, enquanto a Guardiã opera o seu corpo de acordo com a sua vontade sem tocá-la, curando-a.

Eu te mostrei o meu lado bom, não queira conhecer meu outro lado.

— Não. Eu não vou tentar, de novo... Eu, não pensei...

Você não me deixa escolha, Kassandra.

Kassia tenta conter-se, mas começa a chorar convulsivamente logo depois que a Guardiã desaparece, Arthorm é o primeiro a alcançar o leito em seu socorro e é arremessado violentamente contra a parede no canto do quarto pela descarga elétrica emanada do corpo dela ao tocá-la.

Ores se materializa na frente de Zarcon impedindo a aproximação de seu rei e por consequência de Dërhon e Trevon, que estavam logo atrás.

— Perdoe-me, senhor.

Com um gesto seu, um *Sion* masculino de grande porte se materializa no quarto a partir da parede lateral, sob seu comando sobrepõe-se ao corpo dela tocando-a e instantaneamente explode, em uma chuva de partículas de luzes incandescentes, refreando os demais de repetir o gesto.

Alegre se encaminha na direção de Arthorm e Ores se interpõe entre os dois de forma respeitosa.

— Perdoe-me senhora, mas não pode tocá-lo sem a permissão da *Val Rein*. Eu cuido do rapaz, não se preocupe.

— Que merda foi essa? — indaga Dërhon.

— Senhor?

Zarcon interrompe Dërhon levando a mão em seu peito e encara Ores.

— Podemos tocá-la, agora?

— Sinto muito, senhor. Posso levá-la aos seus aposentos, se me permitir.

— Você pode?

— Tenho os meios para levar aos dois em segurança, senhor.

— Então faça.

Ores se inclina em agradecimento e meia dúzia de *Sions* entra silenciosamente no quarto. Todos se retiram para o corredor a seguir o exemplo de Zarcon, e logo eles vêm estes mesmos *Sions* saindo com Arthorm desmaiado em uma maca, seguido de Kassia em outra.

Apesar de estar consciente e ter deslizado por conta própria para cima da maca. Kassia se manteve calada durante todo o percurso de volta aos seus aposentos e mesmo depois que foi gentilmente acomodada em sua cama, Ores se manteve calado ao seu lado lembrando-a dos dias que passou na casa de Ailin.

— Eu tomei a liberdade de chamá-la, ela aguarda na antessala dos seus aposentos, com biscoitos.

Kassia sorri e chora ao mesmo tempo e puxa o edredom para cima do seu corpo, Ores a auxilia em perceber sua fraqueza e estando coberta até o pescoço ela assente e as portas se abrem pela vontade dele.

— Art, vai...

— Está fraco, mas ficará bem, foi acomodado em seus aposentos.

— *Rein Mäi*. Amiga...

Ores toma a mesma posição defensiva entre ambas e elas se encaram com olhos rasos d'água.

— Não pode tocar em mim Ailin, mas, Deus, eu queria muito poder te abraçar. Você me perdoa?

As lágrimas pululavam de seus olhos desfocados. Kassia só estava conseguindo ver o vulto de Ailin e estava consciente de que toda a parte de trás do seu corpo sangrava com cortes profundos embaixo do edredom que haviam aberto logo depois que ela foi acomodada. Ores apontou a cadeira posicionada a certa distância e ela se sentou com um tabuleiro coberto com tecido branco delicadamente bordado em seu colo.

— Eu mesma que fiz, perdi o medo do fogo.

Ailin deixa rolar as lágrimas. Ela sabia como sua *Mäi* estava debaixo das cobertas e que poderia ter sido ela nessa situação. O fato de Kassia tentar poupá-la de ver o que já sabia, havia sofrido em seu lugar, aumentava ainda mais o seu amor e respeito por sua *Mäi*.

— Fico feliz por você, Ailin.

— Somos amigas. — ela rebate com voz suave — Querendo ou não, é a minha *Mäi* e, eu amo tanto você.

Mais lágrimas de ambas e Jarel bate as costas da cabeça na parede da antessala fora do ângulo de visão delas. Todos os presentes na antessala trazia a expressão grave e o agradeceram por tê-la salvado do mesmo sol que o havia parcialmente curado logo que entrou ali. Começando pelo rei dos *Aehmons* e seu irmão, seguido pelos descendentes de nefilins com seu cumprimento próprio de punhos cerrados batido contra o peito, as irmãs Valquírias e suas meio reverências, Trevon, que ele já conhecia de vista, e Ferguz, que pela linguagem corporal, era o companheiro da fêmea também prenhe que foi convidada a entrar no quarto, cujo nome era Ailin.

Isso era mesmo necessário? — inquiriu em pensamento.

Ainda não viu nada meu querido Jarel.

Quando disse que eu não te conhecia, não estava brincando.

Touché.

Não sei se gosto de você agora.

Vai gostar menos ainda amanhã à noite e só para constar, também não sei se gosto de você agora, Jaraniel.

Jarel se curva sobre o próprio corpo sentindo o ombro formigar e Orion engole em seco antes de se aproximar. O 'posso ver' estava explícito na expressão dele e Jarel assente com uma careta abrindo a camisa e expondo o ombro ferido. Orion o faz sentar-se na cadeira mais próxima e só de olhar para seus irmãos, eles se aproximam.

Orion puxa do bolso uma tira de couro e entrega a Jarel justificando.

— Vai doer.

— Manda ver. — ele morde a tira fixando o olhar na parede a sua frente e todos os músculos do seu rosto e corpo contraem quando os três irmãos depõem a mão uma sobre a outra sobre o ferimento em seu ombro, mas ele não consegue conter um ganido baixo com a dor excruciante. Seus olhos se enchem de lágrimas e quando está prestes a desistir do que quer que estivessem fazendo, a dor cessa, deixando uma sensação de frescor que fez olhar mais abaixo. Soltando um arfar sutil, aliviado por não ter molhado as calças.

— Pronto pra outra. — declara Narum sério.

— Não se eu puder evitar. Como fizeram isso?

— Isso é segredo nosso. — disse Zhelter.

— Só funciona se for com os três. — acrescentou Narum.

— Nossa garantia de que não seríamos separados. — completa Orion — Desculpe pela dor, era a única maneira que tínhamos de nos vingarmos dela quando ela se machucava.

— Obrigado.

Jarel move o ombro intrigado ao não sentir dor alguma e os irmãos se afastam novamente tomando seus postos de vigília.

As horas se passam e ninguém demonstra desejar ir embora e o silêncio só é rompido com a saída de Ores que fecha a porta do quarto por trás de si. Ores trazia uma bandeja de prata com uma jarra de cristal de boca larga e uma adaga com cabo de ouro e esmeraldas encrustadas ao lado. Zarcon se levanta e arregaça a manga da camisa branca, lembrando-se da última vez que havia feito exatamente isso pela mesma fêmea. Kassia havia acabado de passar pela transição e negava-se em escolher o macho para servi-la por culpa do comportamento deles.

Zarcon fura o pulso profundamente e rasga até o meio do antebraço deixando seu sangue escorrer com densidade para dentro da jarra a lembrar. Kassia havia resistido à própria natureza apesar da fome evidente e ao fitar Dêrhon de relance imaginou que ele também estava se lembrando desse dia.

Ainda não conseguiam entrar nos pensamentos um do outro como faziam antes, mas o olhar sério e fixo no seu braço sobre a jarra, dava uma boa ideia do que ele estava pensando.

— É o suficiente por hora, senhor.

Zarcon retira o braço e lambe a ferida para acelerar a cicatrização e percebe abismado que não surte efeito algum.

Seu braço continua sangrando e Narum bufa batendo a mão no próprio rosto deslizando para baixo.

— Material de sutura? — ele pergunta ao seu irmão.

— Se o rei permitir.

Zarcon assente ainda abismado, e seu sangue continua vertendo em abundância para dentro da jarra enquanto Narum desaparece e retorna algum tempo depois com uma pequena bandeja em mãos.

— Desculpe a demora. Não consegui desmaterializar com essa merda.

A jarra já estava quase cheia com o sangue de Zarcon e Orion age rápido em fechar o ferimento no braço do rei. Ele e Zhelter já cogitavam se também conseguiriam curá-lo como fizeram com o anjo quando o rei começou a ficar branco e Ores o induziu a sentar-se e teriam tentado se Orion não houvesse conseguido estancar o sangramento.

— É vermelho, como o nosso. — verbalizou Zhelter.

— É. — concordou Orion — E agora sabemos que os cortes devem ser moderados.

Booom, essa havia sido uma indireta bem direta para Zarcon e todos que arriscassem em tentar. Dêrhon examinou discretamente o arranhão que havia conseguido mais cedo com o transporte das caixas dos aparelhos mais sensíveis encomendados por Kassia. Esse também não havia cicatrizado nem um pouco e um calafrio sinistro perpassou sua coluna de cima abaixo. Ele levantou e ia saindo pela tangente quando Danikas segurou em seu pulso. A outra segurava no pulso de Trevon e ela puxou os dois para si;

— É só uma desconfiança, mas alguém precisa saber como estão todos os que beberam de Alegria... Esquece.

O grito desesperado de Kassandra fez com que Danikas se calasse.

— Ores! Ai meu Deus. Ajuda aqui! Oh Deeus!

Todos adentraram o quarto e viram Ailin caída no chão ao lado da cadeira com o ombro extremamente ferido e sangue vivo inundava a parte de cima do seu vestido iniciando uma poça ao lado do seu corpo.

— Eu não toquei nela eu juro!

Danikas sacode Trevon a encará-lo.

— Junte todos que foram curados pelo sangue de Alegria — e como ele não reagia, ela o empurrou com um soco no seu peito — Vai Trevon!

Isso o fez reagir e ele desapareceu em seguida.

— Deus! Ailin, não...

Com o susto Kassia havia se virado na cama e todos viram o estrago causado nas suas costas nuas. Centenas de cortes profundos sangravam em abundância e alguns chegavam a deixar ver até os ossos. Ela estava deitada em cima de uma piscina feita com o próprio sangue e implorava a Deus em pânico pela vida de Ailin.

— Eu já disse que não vou desistir sua desgraçada! Ah Deus, Ailin! Deus por favor!

Jarel solta o ar por entre dentes trincados e ultrapassa os machos seguindo na direção de Kassia, ele põe a palma da sua destra próxima à frente dela e no mesmo instante ela cai de lado e permanece deitada e inerte com os incríveis olhos úmidos abertos.

— Eu estou tentando Dani, eu juro que estou tentando.

Lágrimas de sangue banhavam o rosto de Alegria e Danikas a apertou em seus braços

acalentando-a.

— O quê que ela está tentando?

— Se acalmar, descobrir uma forma de reverter o processo.

Trevon aparece nesse instante e a sua expressão é de pesar.

— Os que foram mais feridos não resistiram e os que foram menos, não estão em situação melhor por isso.

Danikas ampara Alegria quando suas pernas falham em mantê-la de pé e Zhelter segura no pulso de Ferguz segundos antes dele levar a boca meneando a cabeça em negação;

— Vai com calma, rapaz. — num piscar ele puxa uma adaga do bolso traseiro e espeta seu pulso em um corte mínimo, porém suficiente para sangrar, Ferguz o agradece com um aceno antes de levar a boca da sua amada, acariciando seus cabelos com a outra mão.

Ailin respira com dificuldade enquanto se alimenta de Ferguz e o seu olhar está fixado no leito onde já não consegue mais ver a sua *Mäi*. Do nada o ferimento anterior em seu ombro começou a sangrar e o olhar aterrorizado da amiga ficaria para todo o sempre gravado a ferro e fogo em sua memória.

Mais do que preocupação, o olhar de sua *Mäi* era um olhar de amor preocupado, desesperado. O mesmo tipo de amor que ela sentia pelos bebês em seu ventre. Abnegado. Incondicional.

Impossibilitada de falar pela compulsão lançada por Jarel sobre seus nervos Kassia chama por Ores em pensamento e ele a atende no mesmo instante. *O meu sangue, faça Ailin beber meu sangue. Junte os Sions e faça todos os outros beberem também.*

Nem mesmo ela tinha certeza de que daria certo. Agiu por instinto a mentalizar sua energia no sangue derramado e quando as luzes começaram a piscar no quarto imaginou que estava no caminho certo.

Ores se inclinou ao lado de Ferguz e ele grunhiu quando Ailin soltou o seu pulso. Seus dedos enrugados estavam tingidos do sangue da sua *Mäi* e ele o passou em seus lábios. Tão logo engoliu sentiu o poder dela correndo em seu corpo e alcançando com um leve ardor a ferida entre seu ombro e pescoço.

Quem a feriu, Ores?

Kassia seguiu o olhar de Ores e engoliu com dificuldade sentindo o gosto do próprio sangue. *Dërhon.*

Ele a ouviu em sua mente e de súbito sabia o que devia fazer, mas Ferguz grunhiu alto e ameaçador com a sua aproximação e Kassia se concentrou em contê-lo pela compulsão.

— Por favor, Ferguz. Permita que eu alimente a mãe dos seus filhos.

Dërhon se ajoelhou na sua frente e Ferguz trincou os dentes fechando os olhos com força. Isso era o máximo do consentimento que podia dar, e desconfiava que estivesse recebendo algum tipo de apoio pra isso.

Zarcon havia aconselhado que Danikas levasse Alegria para o quarto, mas ambas se negaram a sair dali. Logo uma dúzia ou mais de *Sions* começaram a entrar no quarto sob o comando silencioso de Ores e eles traziam copos de cristais vazios em suas mãos direitas ao se aproximar da cama. O último *Sion* a entrar trazia uma jarra cheia de sangue que foi parar ao lado da jarra com sangue de Zarcon e nesse momento Alegria se soltou do abraço de Danikas e caminhou até a cama ajoelhando-se a ficar de frente para o rosto de Kassia.

Ambas estavam se comunicando mentalmente e Alegria assentia com o rosto banhado de

lágrimas de sangue. Ailin soltou o pulso de Dërhon levando-o a fronte após tê-lo lambido em agradecimento e ele se levantou.

Orion assentiu na direção de Kassia e Zarcon se deu conta de que ela estava se comunicando também com ele em pensamento e ele o encarou logo depois.

— Preciso de alguém com autoridade a acompanhar meus irmãos junto aos *Sions* para cuidar dos feridos.

— Eu vou.

Disseram Danikas e Trevon ao mesmo tempo e Alegria se levantou.

— Eu também irei.

Orion e Dërhon se encararam por um segundo, Orion assente discretamente engolindo em seco e a população dentro do quarto é radicalmente reduzida. Ferguz auxilia Ailin a sentar de novo na cadeira e ambas não desgrudam o olhar uma da outra deixando bem evidente que se apoiavam mutuamente.

Jarel estava recostado na parede no canto do quarto e parecia estar com raiva do mundo mediante a sua expressão, Ores se aproximou sem que desse conta e trazia os dedos manchados com o sangue vivo de Kassia.

— Por favor, senhor. É preciso... — ele aponta o seu braço e só então Zarcon percebe que voltou a sangrar. Ele o descobre da manga estendendo-o e o *Neimo* passa os dedos sobre o ferimento, que se fecha em poucos segundos, como deveria ter acontecido antes.

— Permita-me alertá-lo que ela precisará de ambos, meu rei. É necessário que se alimente e descanse por algumas horas.

— Não vou sair daqui, Ores. Esqueça.

Senhor, sei o que se passa no coração e mente da menina. Amo-a como se fosse minha filha. Perdoe minha impertinência, mas ela precisará de tudo que puder dispor, tanto físico quanto emocionalmente e o senhor não estará com muito se não se alimentar e descansar. Ela já vai passar por uma grande provação. Seja piedoso, meu rei.

Golpe baixo Ores. — mas estava ciente de que o *Neimo* tinha razão.

Zarcon aponta o quarto dos bebês com um breve aceno e Orion não discute, ciente de que era o mais longe que seu rei conseguiria estar da menina que havia cativado seu negro coração.

— Mandarei servi-lo lá agora mesmo, meu rei.

Ores se inclina em reverência e desaparece em seguida. Zarcon não consegue sair do lugar e mentalmente conclama a Guardiã em busca de respostas. As jarras de cristal explodem em cima da mesa e tanto seu sangue quanto o de Arthorm viram cinzas num piscar de olhos.

Kassia entrefecha os olhos se concentrando para não ganhar de dor e Ailin ameaça levantar, mas Ferguz a impede. Seus olhos estão secos e levemente opacos e ela volta a olhar para sua *Mäi* que pede desculpas em pensamento e logo tudo escurece adormecendo seus sentidos.

Movido pela compulsão, Ferguz levanta a sua amada em seu colo, mas logo pisca voltando a si e Ailin começa a se debater em seus braços. Ferguz a solta e ambos se comunicam mentalmente, ele balança a cabeça assentindo envergonhado e desaparece.

Ailin se ajoelha ao lado da cama e tomando o cuidado de não tocar na amiga ao ver o terror estampado em seus olhos, ela lamenta baixinho;

— Por *Mahren Mäi*, Kassia. Não sabe o quanto sofri ao acreditar que estava morta todos esses meses? Sei que quer me poupar, mas não vou sair daqui ou fechar os olhos pelo que sofreu por

mim, por todas nós.

Kassia fecha os olhos derramando mais lágrimas e Zarcon sente o chamado persistente de Dērhon em sua mente.

Zarc, tem que vir ou tirar Alegria daqui antes que ela surte de vez.

Zarcon recebe as imagens dos corpos dos soldados feridos e mortos e envia as imagens das jarras de sangue explodindo sobre a mesa.

Caralho, meu! Porque está acontecendo essa merda toda? Isso aqui está parecendo um mar de sangue e eu também não estou cicatrizando! Alegria não para de chorar lágrimas de sangue e Danikas já quebrou alguns pescoços aqui. Já perdemos a conta de quantos mortos e o monte de corpos na arena só faz aumentar!

Zarcon leva a mão na frente e só se dá conta de que estava caindo quando Orion o ampara segurando-o pelos ombros.

— Não está funcionando para os outros.

Zarcon balança a cabeça afirmando. Era tarde demais para muitos deles.

— Ah merda.

Jarel. Tem que me soltar. Eu preciso fazer alguma coisa!

Não estou te prendendo, K, só o que fiz foi amenizar a sua dor.

Kassia tenta se mexer e nenhum dos seus músculos funciona, sua visão já debilitada começa a falhar ao mesmo tempo em que começa a ver claramente pelos olhos das suas irmãs de raça, de Ferguz e Trevon, dos irmãos de Orion e até de Dērhon. Tantos mortos, tantos feridos...

Kassia sente Orion subir na cama pelas suas costas e ele aproxima a mão retirando-a rapidamente ao sentir a energia que emana do seu corpo como se o tivesse queimado. O cheiro de carne queimada retira sua suposição. Ele havia sido queimado seriamente. Ela viu pelos olhos de Ailin a mão em carne viva, mas mesmo assim ele puxou o cobertor para encobrir o seu corpo antes de se afastar.

— Não sei o que fazer para te ajudar, K.

Ajude seus irmãos, salve o máximo que puder. É o que pode fazer por mim, Orion.

Orion desaparece. Pouco tempo depois Zarcon segue ao chamado de Ores, mas ele segue primeiro ao quarto de Arthorm e vê a Sion batizada de Sara ajoelhada no canto do quarto observando os bebês com seus brinquedinhos, na cama vê Arthorm deitado de barriga para cima com os olhos abertos e sem foco. Suas palmas estavam queimadas e seu corpo tremia de leve a cada cinco segundos. Zarcon também observou que seu pulso já não sangrava, mas não havia cicatrizado e cambaleou com uma terrível dor a latejar em suas têmporas. Ores o auxiliou a chegar ao quarto dos bebês, onde a mesa havia sido posta para ele e seus olhos fixaram no copo duplo com o líquido vermelho vinho e espesso ao lado do prato.

— De quem é o sangue?

— Parte é da menina e parte foi ofertada de bom grado pelas demais fêmeas que habitam este mundo, meu rei. Todas tem a menina em alta conta e desejam participar do seu reestabelecimento.

Zarcon levanta o copo observando o líquido escuro e denso dentro dele e o leva a boca com desconfiança de que não adiantaria, e não estava enganado.

O gosto rico e levemente metálico era o mesmo, mas as sensações em seu organismo não aconteceram como se era esperado, não houve o aquecimento das suas veias e a dormência nos

membros começou de baixo para cima antes que tomasse seus braços ele se deixou cair na cama pedindo água.

Ores atendeu prontamente e Zarcon engoliu em curtos goles com estômago revirado. Não demorou nada para que colocasse fora todo sangue ingerido em espasmos violentos, e a solicitude de Ores com a porra do balde na frente da sua cara o deixou realmente irritado e grato ao mesmo tempo! Já não havia mais nada para vomitar, mas seu estômago teimava que havia e imaginou que conseguiria virá-lo do avesso quando uma cópia quase exata de Kassia toma forma na porta do quarto e até teria acreditado ser a mesma pessoa se não estivesse ciente da sua presença no quarto ao lado.

Ores se afastou e a cópia idêntica se aproximou abaixando-se de joelhos ao seu lado mordendo o próprio pulso a oferecê-lo. Zarcon sentiu suas presas se pronunciarem no instante que sentiu o cheiro e pensou em recusar, mas sua natureza não deu a mínima aceitando o que foi ofertado mais rápido do que ele pudesse enunciar.

Quem é você?

A cópia lhe sorri e ela tem presas levemente pronunciadas para frente, de um jeito que lhe pareceu encantador.

O alimento certo? — ela responde também mentalmente de bom humor.

E o alimento certo não tem um nome?

Se tudo der certo, terei. Gosto de Kenia com K. Me lembra momentos felizes. Talvez venha tatuado logo abaixo de onde emergirá o meu Onigeun para não haver dúvidas. Ainda estamos negociando.

Zarcon sente todas as reações certas conforme o sangue dela entra em seu organismo e ele sente um beliscar suave e continuo na ponta da sua orelha, mas quando olha na direção do braço livre ela puxa a mão com o sorriso nos lábios rosados.

Desculpe. É uma compulsão minha.

Estava bom.

Seu sorriso se abre mais em perguntar;

Posso continuar então?

Por favor.

Ela volta a segurar na ponta da sua orelha como se houvesse ganhado na loteria enquanto ele se alimentava dela e momentos depois ela o solta em mesmo tempo que ele solta seu pulso.

Melhor?

Grato, Kenia.

Então. É assim que será a nova era. Sangue direto da fonte, de preferência do sexo oposto da mesma espécie. Não é legal?

Nada de Miellens.

Sexo oposto com certeza, porém, o sangue ainda será mais fraco.

Se não for direto da fonte...?

Ela sorri abertamente e pequenas covinhas aparecem em suas bochechas rosadas ao sugerir;

Uma senhora indigestão como sobremesa?

Como a que eu tive aqui.

Pior, com certeza. Principalmente depois de avisados.

— E porque ainda estamos conversando em pensamento?

— Pensei que fizesse parte do protocolo.

Sua voz tinha um timbre um pouco mais agudo que a de Kassia.

— Você me lembra muito de alguém, Kenia.

— Imagino que sim, mas se tudo der certo terei olhos azuis, claros como céu de verão.

O seu corpo começa a oscilar e Zarcon pode ver a parede por trás dela.

— Tenho que ir agora. Meu corpo físico foi animado com a energia da nossa Guardiã somente para essa missão.

— Vou te ver de novo?

— Espero muito que sim. — ela responde com empolgação juvenil.

— Eu, não fiquei excitado. — e também não sabia por que precisava ter deixado isso claro, mas ela o brindou com outro sorriso aberto, e isso o deixou ainda mais constrangido.

— Não posso dizer que isso me deixa triste. Fique bem, meu rei.

Em um redemoinho suave ascendente todas as moléculas dela se espargem no ar até que não há mais nada visível dela no quarto, mas a lembrança do sorriso aberto permanece em sua mente.



CAPÍTULO 41

Jarel estava recostado na parede ao canto com os braços cruzados a observar calado quando a Valquíria chamada Danikas entrou no quarto. A expressão da guerreira era a imagem do cansaço e da derrota quando se aproximou da cama onde Kassia jazia inerte e mortalmente pálida. Ela trazia o embrulho aveludado em suas mãos e deixou em cima do móvel ao lado da cama antes de se abaixar à frente da rainha.

— Tem meu respeito *Val Rein Mäi* e ainda terá mesmo que fraqueje, enquanto eu existir.

Jarel sai do quarto antes que venha cometer uma tolice qualquer e se depara com Zarcon de pé na antessala com os braços cruzados sobre o peito a ouvir a interpretação de Orion.

— Se Elijáhrm ainda estivesse viva, eu poderia supor que ela houvesse manipulado o sangue de Alegria nos machos da sua raça impedindo que conseguissem se curar dos ferimentos mortais, mas conhecendo-a como eu e meus irmãos conhecíamos, sou capaz de afirmar que ela não teria poupado alguns em detrimento de outros. Teria destruído a todos.

— Concordo com Orion — Zhelter acrescenta — Elijáhrm tinha um propósito e seguia por esse caminho cegamente. Se ela soubesse que o sangue de uma descendente sua fosse capaz de curar e em mesmo tempo destruir aos que ingerissem teria usado.

— Para início de conversa não a teria lançado no ninho de machos que estavam sob o seu controle. — Interveio Narum.

— Sim, poderia. Nós conhecemos seu lado intempestivo. Elijáhrm seria capaz de qualquer coisa para acabar com todos os *Aehmons*.

— Essa conversa não está nos levando a lugar algum. — disse Dërhon a esfregar a parte interna do pulso.

— Não, não está.

Todos se voltam para a porta do quarto onde Kassia está coberta por um manto aveludado vermelho sangue amparada por Danikas e Ailin, para manter-se de pé.

— Eu ofendi a Guardiã quando me expus ao sol... A culpa é minha.

Danikas e Ailin se interpõe entre ela e o rei quando ele se adianta em sua direção sem deixar de ampará-la.

— Kassia.

Zarcon a chama, mas ela não se vê capaz de olhar em seu rosto.

— Não há nada que eu possa fazer pelos que morreram, mas tudo ficará bem com os demais.

Kassia desaparece bem diante dos seus olhos e o manto que a encobria fica pendurado nas mãos de Danikas e Ailin.

Kassia sente os ossos das suas pernas trincarem ao se materializar no largo da arena e avista a Guardiã no extremo oposto do largo a sua frente.

Não demorou nada para que todos os que estavam no quarto se materializassem, ali a segui-la, diante do espetáculo tenebroso de corpos sem vida dos machos que foram feridos na guerra dias antes.

A Guardiã se comunica diretamente com ela mentalmente e ela se deixa cair sobre os joelhos dobrados encostando a fronte no chão. Não havia um único músculo em seu corpo que correspondesse ao comando da sua mente quando a Guardiã sumiu e dúzias de *Sions* se soltavam das paredes subterrâneas a sua volta, para a limpeza no largo.

Zarcon se adiantou e Danikas voltou a se depor entre ele e sua rainha com um pedido de desculpa estampado no rosto.

— Por quê?

— Não é seguro para nenhum *Aehmon* macho tocá-la antes da ascensão, meu rei. Eu sinto muito, mas não devemos nos arriscar a mais perdas.

— Não somos *Aehmons*. — declarou Narum referindo-se a si e seus irmãos.

Kassia tremeu emotiva ao assistir os *Sions* fazendo seu trabalho e Jarel se aproximou dela com determinação.

— Eu também não.

Com delicadeza extremada ele a levanta em seus braços e a retira do largo. Kassia olha por cima do seu ombro uma última vez para o monte de corpos inanimados e para o olhar preocupado de Zarcon que a acompanha. Quando alcançam uma boa distância nos túneis subterrâneos Jarel olha para trás de relance a certificar-se que estão distantes.

— Isso não é um sonho, não é? Como quando me beijou no avião.

— Não... Isso é real, Jarel.

Eles não conversaram mais durante o longo percurso de volta aos seus aposentos e tão logo ele a acomodou na cama com os lençóis imaculados ela pediu para ficar sozinha e ele saiu do quarto fechando a porta por trás de si.

— Como ela está?

— Arrasada, obviamente. Pediu para ficar sozinha.

Kassia podia ouvi-los falando dela do lado de fora do quarto e trancou as portas com o poder da mente para assegurar que teria privacidade. Ela havia sentado na cama recostada na cabeceira e Danikas saiu da penumbra fitando-a seriamente a declarar na língua materna.

Sabeis que arrancaria um dos meus braços antes de te ferir se eu tivesse escolha, Rein Mäi.

Kassia assente com um meio sorriso triste e aponta as jarras de cristal que Danikas havia trazido no embrulho aveludado mais cedo.

Danikas faz uma breve careta de desgosto ao se encaminhar para as jarras e destampa a primeira delas entregando-a.

Kassia bebe todo o conteúdo sem piscar e Danikas evita encontrar seu olhar ao auxiliá-la em deitar-se novamente. A mistura de ervas e magia restauraria qualquer dos ferimentos em seu corpo, mas a deixaria desprovida de todos os seus poderes para a cerimônia que aconteceria em menos de duas horas.

— Sabe como será? A cerimônia...

Kassia escuta a pergunta hesitante e aponta as jarras com o olhar.

— Sei o que há na segunda jarra, Danikas, e agradeço de verdade, mas nós duas sabemos que já ultrapassamos todos os limites aqui e, eu não farei mais nada que possa irritar a Guardiã ainda mais.

Danikas engole em seco antes de inclinar brevemente o corpo em reverência e sai do quarto fechando a porta por trás de si. A segunda jarra só era do conhecimento de poucas Valquírias

do alto escalão e isso respondia qualquer outra questão que pudesse ter enunciado.

Estava na ponta da língua de Jarel perguntá-la como havia entrado no quarto, mas ele engoliu a pergunta em ver seu estado lastimável.

— O que vai acontecer nessa cerimônia, Danikas?

— Não sei o que a Guardiã pretende. A cerimônia de ascensão de uma *Val Rein* vai contra tudo que eu acreditava que ela fosse querer trazer de volta nesse mundo. — agora ela tinha a atenção de todos na antessala e solta o ar num bufar trêmulo que nada combinava com sua natureza. Estar prenhe, ao contrário do que imaginava, a deixava fraca.

— Cassandra tem que merecer o poder que recebeu sobre todos nós, e parte do que ela é, morrerá no processo.

Num segundo Dêrhon está sobre ela e a prensa na parede. Danikas não se defende e Trevon se fixa no olhar dela e em seu apelo mudo para que não se intrometa na altercação. Dêrhon cai em si e se afasta cuspidando um pedido de desculpa entre dentes e ela continua encostada na parede a controlar a respiração por mais alguns segundos.

— Não fui eu quem fez as regras e vocês são novos demais e muito diferente de seus ancestrais para entender nossas tradições e tudo pelo que passamos naqueles tempos. Muitas das nossas ancestrais eram mortas pelos seus donos ainda na primeira infância, só porque nasciam mais forte que suas irmãs de cativeiro. Nós fomos criadas para odiar e acabar com os machos que subjugavam e torturavam até a morte as nossas irmãs. É por isso que não entendo. Por mais forte que ela seja fisicamente, ela... Que, merda.

— O quê? Por que Danikas?

Danikas meneia a cabeça em negar a dar-se conta. A representação máxima do que elas foram naquela época seria sacrificada em menos de duas horas e ela olha para o rei com sua mão na nuca.

Kassandra havia emprenhado dele e a julgar pela passionalidade de Trevon, ela podia jurar que o rei não iria aguentar o baque de perdê-la e também aos bebês em seu ventre... A não ser que...

— Meu rei. Perdoe minha impertinência, mas fez algo que de alguma forma possa ter ofendido a Guardiã?

Merda, merda, merda!

Ela podia ver em sua expressão que sim, apesar de ele não ter aberto a boca.



A porta do quarto é praticamente derrubada e tudo que eles vêem é uma cama ensanguentada e vazia no cômodo escuro. Danikas vê as duas jarras intactas em cima do móvel ao lado da cama e solta uma maldição.

— O largo cerimonial.

Zarcon é o primeiro a materializar-se no largo, onde seus poderes em geral eram mais fortes e conclama o ar a mover a terra sob seus pés, só para constar que estão embotados, senão totalmente extintos.

Logo começam a aparecer os demais que estavam na antessala dos aposentos de Kassia e Danikas olha para cima, de certo em busca da lua, que ainda não estava ao alto a iluminar o

largo terreno dentro do veio da montanha.

O altar onde havia recebido o seu jugo tanto tempo atrás até pareceria o mesmo, se não fosse as duas colunas de pedra com dois metros e meio ao centro de onde pendiam grilhões de aço que o fizeram tremer sem bem entender o motivo. Trevon e Dêrhon foram agrilhoados pelos tornozelos ao chão de pedra ao mesmo tempo e silvaram assustados para o vazio que ainda aguardavam a ser iluminado pela lua.

Danikas e Alegra fitam o chão sem coragem de encarar os olhares perscrutadores nos rostos dos machos presos e evidentemente assustados.

Zarcon foi movido por uma força invisível para cima do altar e também foi agrilhoadado ao chão pelos tornozelos, pulsos e pescoço e no instante seguinte viu Arthorm ao seu lado preso da mesma forma, mas o garoto parecia estar inconsciente ou tomado por algum poder oculto, já que seus olhos estavam desfocados e escuros como a noite e seu rosto inexpressivo como se fosse esculpido em mármore.

De frente para eles do outro lado do altar apareceram os três irmãos descendentes de nefilins e eles também estavam presos uns aos outros na laje de pedra do altar. O palco estava armado, e todos os presentes estavam estupidamente preocupados com o que viria a acontecer a seguir.

Um facho de luz intenso desceu dos céus em direção ao centro do largo e as duas Valquírias seguiram como autômatos na direção do altar posicionando-se uma de cada lado das duas colunas ao centro, viradas de frente em direção à luz.

De dentro da luz saiu a Valquíria que governaria todas elas enquanto existissem na terra e ela caminhou na direção ao altar de cabeça baixa transpondo os três degraus sem olhar na direção dos machos presos à sua esquerda e à direita. Alegra a circundou de cabeça baixa e retirou o manto que encobria todo o corpo voltando ao seu lugar e Danikas pergunta com voz embargada e a expressão dura, típica de uma lutadora em conflito.

— Prefere ser amarrada?

Danikas sabia ser só uma formalidade e estava claro que a sua rainha não demonstraria esse tipo de fraqueza. Kassia moveu a cabeça em negação e foi conduzida estar entre as duas colunas a segurar nos grilhões pendentes oferecidos simultaneamente por ela e Alegra. As suas vestes de guerreira mal cobria suas partes íntimas e o ventre levemente abaloado estava exposto. A luz intensa no centro do terreno espargiu deixando ver duas figuras distintas.

A Guardiã, coberta pelo manto vermelho escuro, e Jarel, com calça e camisa de seda negra estava um passo ao lado dela, logo atrás. A Guardiã manteve a todos calados enquanto flutuava à frente de Jarel em direção ao altar, suas mãos estavam unidas e escondidas dentro das mangas do manto e a luz que emanava do seu corpo etéreo podia ser vista por baixo do capuz e abaixo da vestimenta, que não tocava o chão.

Zarcon olhou para cima e viu que a lua estava a poucos minutos de se apresentar ao alto, iluminando assim, todo o largo. Jarel com expressão sombria mantinha o olhar fixo em um ponto da coluna à direita de Kassia quando Alegra e Danikas se deixaram cair de joelhos e colaram as fronteiras no chão.

Ambas imploravam com o ato silencioso por benevolência para sua rainha e a Guardiã perguntou com sua voz suave e infante e em mesmo tempo letal.

— É assim que pretendem honrar sua rainha nesse mundo?

Ambas levantam o tronco, mas continuam de joelhos e cabeça abaixada esperando pela

punição que fizeram por merecer ao contestá-la com seu ato.

Que assim seja. — Dissera a Guardiã na língua das suas ancestrais.

— Não. Eu, Kassandra, não permito a nenhum dos meus, que leve o meu fardo.

Danikas e Alegria são forçadas a levantar então e no instante seguinte estão presas pelos tornozelos ao chão ao lado das colunas em que sua rainha se apoiava.

Isso é mesmo necessário, Marie? Já não sofreram o suficiente?

Em resposta ao lamento de Jarel, pelo comando dela, centenas de pequenos facho de luz inundaram o largo cegando aos presentes e ao espargir, centenas de fêmeas seminuas em seus trajes cerimoniais de guerra foram reveladas.

Trevon tremeu ao lado de Dêrhon e começou a suar frio, tendo sido levado de volta ao seu passado com a visão do poderoso clã feminino de outrora.

As fêmeas começaram a se posicionar em seis filas das mais jovens as mais velhas e a Guardiã se posicionou de lado no altar.

— Como era o costume entre as Valquírias. Das mais novas e frágeis as mais antigas e mais fortes, subirão até aqui e honrarão a última *Val Rein* a ascender nesse mundo.

O grito das guerreiras ecoou dentro do largo enquanto a lua reinava soberana bem ao centro do que se via do céu escuro acima deles.

Danikas levantou a cabeça em desespero e sob o comando da Guardiã, todos ficaram em silêncio.

— Ela não tomou do segundo cálice.

Mahren olhou para Kassia e sorriu com orgulho por um segundo.

— Então elucide aos que desconhece a cultura do seu clã, Valquíria. O que acontece quando se bebe do primeiro cálice?

— Qualquer ferimento anterior à cerimônia em seu corpo é curado, e os poderes são retidos para que não tenha como se defender.

— Do que se trata o cálice que ela não bebeu?

— Os sentidos são levemente anestesiados, para que a Valquíria a ascender consiga resistir à dor causada pela cerimônia.

— E existe um terceiro cálice.

— Sim. O terceiro é dado nas mãos de quem a Valquíria a ascender mais confie, é a única forma trazê-la de volta ao final da cerimônia, se ela perecer.

Danikas retira do cinto a pequena jarra e a Guardiã a mantém suspensa no ar a frente de Kassia.

— Diga, Valquíria, esse cálice deveria estar vazio?

— Não.

A tampa flutua transformando-se em uma lança pontiaguda de cristal e num átimo de segundo penetra o peito de Kassia na altura do coração arrancando dela um gemido sofrido e quando sai, um fio do seu sangue jorra pelo ferimento aberto e é amparado pela jarra suspensa no ar.

— Diga, Kassandra. Em quem confia para guardar o terceiro cálice?

— A entidade Mahren, Guardiã dos *Aehmons*.

Ela entregava sua vida, literalmente, nas mãos da Guardiã.

Que assim seja. Podem começar a cerimônia.

As primeiras mais jovens guerreiras das seis fileiras fizeram uma fila à frente e seguiram em direção ao altar. Todas traziam os olhos negros e desfocados, e a mais jovem dentre as seis tomou a dianteira ficando na frente de Kassia.

— Eis a *Val Rein* a ascender sobre os que vivem nesse mundo. Escolha o seu *gahe* e honre a sua rainha.

A jovem Valquíria retirou do cinto o objeto escolhido e enfiou nos três dedos centrais da mão direita fechando e levando ao alto para que todos os presentes pudessem ver. O anel tinha cinco pontas com cerca de seis centímetros de altura e *Rein Mäi* foi pronunciado alto e em uníssono pelas guerreiras presentes no largo.

Danikas fixou seu olhar em Trevon e Alegria no sentido oposto, fixou seu olhar em Zarcon. A Valquíria golpeou a coxa direita de Kassia e se voltou para a Guardiã que assentiu brevemente.

A Valquíria seguinte recebeu em suas mãos o objeto escolhido, vestiu-o em seus dedos e golpeou a primeira Valquíria no mesmo lugar em que ela havia golpeado a rainha. O sangue que brotou na coxa da fêmea foi recolhido em uma bacia de cristal por Alegria e ela desceu mancando de leve pelo púlpito.

Dêrhon fixou o olhar no chão e Trevon bateu de leve no ombro dele com o seu, a sussurrar;

— Não faz isso, cara. É bárbaro, mas ela vai precisar da nossa força.

— Escolha o seu *gahe* e honre a última rainha...

Após dúzias de golpes nas coxas e nos braços, Kassia começou a ser 'honrada' no rosto por guerreiras mais fortes que dispensaram o uso do *gahe* para ela, mas os usavam em si para sangrar na bacia que Alegria segurava com reverência a demonstrar com o ato silencioso que sangrariam ao seu comando enquanto existissem.

Das mais jovens as mais velhas das Valquírias presentes, faltavam pouco mais de duas dúzias nas seis fileiras restantes e até então, nenhuma delas havia golpeado na barriga.

Kassia tinha a cabeça pendida, mas não soltava os grilhões, como se fios invisíveis da sua determinação a tivesse amarrado de pé entre as colunas de pedra e o padrão de seis fileiras de guerreiras se modificou para três, quando contavam duas dúzias delas.

— Nas palavras dos seus ancestrais. Uma guerreira forjada para reinar seu clã, é destituída de qualquer sentimento que a enfraqueça em seu reinado, e eis as guerreiras que irão representar aos que estiveram mais próximos do coração da última *Val Rein* a ascender nesse mundo, se alguém entre estes decidir não honrá-la.

A Guardiã se volta para Danikas nesse instante.

— Danikas, ainda é da sua vontade não honrar a última *Val Rein*?

Danikas se põe de frente para Kassia e ela agradece com um breve aceno.

— Escolha o seu *Gahe*. — ordena a Guardiã.

Danikas fecha o pulso e levanta ao alto e *Val Rein* é pronunciado com ênfase pelas demais guerreiras. Danikas a soca na altura do coração e Kassia tosse sangue a encará-la como ditava o costume. A Guardiã assente e Danikas morde o pulso agressor estilhaçando o osso ao ceder seu sangue.

— Alegria, ainda é da sua vontade não honrar a última *Val Rein*?

Alegria deixa a bacia no piso de pedra e se põe de frente para a Kassia.

— Escolha o seu *Gahe*.

— A *Sion* por ela chamada Sara.

Kassia a encara com as presas à mostra e em pouco tempo a *Sion* sobe o altar, mas Alegria a surpreende com o que impõe.

— Ordene que arranque a mão do pai das minhas filhas, e a minha.

— Faça.

Dêrhon foi trazido ao altar por uma das guerreiras e quando teve sua mão suspensa à frente dela Kassia apertou ainda mais os grilhões sabendo que se vacilasse, seria pior. Um espasmo de dor foi transformado em fúria quando Dêrhon grunhiu e ela se agarrou a Valquíria que foi no passado para assistir a *Sion* fazer o mesmo com a mão de Alegria.

Ambos se abaixaram a sangrar na bacia e os olhos de Kassia ficaram totalmente brancos por um segundo, ao som de mais um *Val Rein* dito em uníssono. Quando ambos se levantaram, estavam trêmulos pela dor e a Guardiã assentiu, soltando as mãos do manto ela tocou nos pulsos em carne viva, cauterizando e estancando o sangramento.

Dêrhon foi levado de volta ao seu lugar e Alegria tomou seu posto a segurar a bacia com a mão esquerda.

Trevon foi tomado pela compulsão no mesmo instante em que foi solto dos grilhões e foi induzido a subir no altar pelas próprias pernas, ele mostrou o pulso fechado quando a Guardiã ordenou que escolhesse o seu *gahe* e ao grito de guerra a socou no rosto com os dentes à mostra pelo que se viu obrigado a fazer. Com a sua adaga ele cortou os dedos fechados em punho antes de perfurar o pulso da mesma mão que usou para agredi-la e sangrou na bacia que Alegria segurava. A Guardiã assentiu e ele congelou quando a ouviu chamar por Ailin. Assim que ela se viu de frente para sua *Mäi* o seu coração sangrou e ela deu um passo vacilante para trás.

— Quero honrá-la, mas não entendo porque tem que ser assim.

— Escolha seu *gahe* e bata com força. — ordenou Kassia encarando-a com firmeza.

Ailin estudou a sua *Mäi* por alguns segundos, pensou em escolher o fogo e se queimar na sua frente, mas intimamente sabia que ela vacilaria em vê-la se queimar, então corajosamente proferiu sua sentença;

— Quero sua palavra de que fará de mim e da minha descendência guerreiras dignas pelas próprias mãos, e se sucumbir esta noite, que nos seja infringido tudo o que passou por nós.

Kassia refletiu por um instante e encarou a Guardiã por olhos entrefechados a prometer. O coro de vozes se fez ouvir mais uma vez e Ailin se voltou para a Guardiã, que determinou impassível.

— Eis que és vós representação da união entre duas raças, Godio. Escolha o seu *gahe* e honre a última *Val Rein*.

Kassia pende a cabeça ciente de que havia chegado o momento. Ailin dá um passo atrás meneando a cabeça negativamente e Kassia a encara;

— Sua primeira e possível última lição... Assista.

Kassia tinha lágrimas nos olhos e no rosto seriamente machucado ao forçar sua primeira amiga de verdade naquele mundo a assistir, enquanto uma das guerreiras mais fortes subia os degraus para tomar o seu lugar.

— Escolha seu *gahe*. — determina impassível a Guardiã.

Ailin encara a Guardiã a sussurrar com veemência na língua de seus ancestrais;

Enquanto existir, eu a odiarei pelo que me forçastes fazer contra minha Mãe.

— Seu *gahe*, criança.

Ailin levantou o pulso fechado e o coro de vozes perpassou em suas entranhas como adagas afiadas ao gritar *Val Rein* e a guerreira não teve piedade ao socar Kassia com força no ventre e se voltar para a Guardiã.

— Escolha o seu *gahe*.

Jarel piscou ao ver o sangue descer vivo pelas pernas de Kassia e a guerreira conferiu mais um golpe preciso em seu ventre e ele sabia, mesmo que Kassia sobrevivesse à cerimônia com seu extraordinário poder de cura. Parte dela jamais sobreviveria à perda dos bebês em seu ventre, e não acreditava que Mahren manteria a sua palavra. A parte humana de Kassia estaria para todo sempre perdida, e isso o levou a se lançar para frente e interpor-se entre ela e a guerreira recebendo o terceiro golpe em seu lugar.

Zarcon caiu sobre os próprios joelhos com o que estava sendo obrigado a assistir calado e Jarel se curvou sobre o próprio corpo diante da dor infringida pelo golpe dirigido à Kassia.

A Guardiã o afastou pelo poder da sua vontade e também ele foi preso em grilhões pelos pulsos e tornozelos sendo obrigado a assistir e todos os demais perderam as vozes enquanto ela assentia para a guerreira e Ailin, e se voltava para Jarel enquanto as duas sangravam na bacia.

— Essa foi a sua oportunidade, Jaraniel.

— Vá se ferrar, Marie!

O grito agoniado de Jarel ecoou por todo o largo com as dores atrozes que ela lhe infringia, mas dor ainda maior foi ver Kassia se soltando dos grilhões cambaleando na sua direção antes de quedar entontecida.

A Guardiã lhe permitiu um momento com Jarel onde ambas se entreolharam em comunicação muda e a fez levantar-se, levando a sua mão diáfana na direção do seu estômago a aquecendo de dentro para fora, enquanto anunciava a todos os presentes na língua dos seus ancestrais;

Eis que vos apresento a última Val Rein a ascender nesse mundo!

O grito das guerreiras ecoou mais uma vez nas paredes da montanha que cercavam todo o largo, enquanto um pesado manto de pele era por Alegria e Danikas colocado sobre seus ombros e elas sustentavam Kassia de pé. A Guardiã lhe ofereceu o conteúdo do cálice acrescentado ao sangue das suas irmãs na bacia de cristal e ela o aceitou arrancando outro grito das guerreiras enquanto bebia, e a verdade a dilacerava por dentro.

Essa verdade é seu castigo pela chance que lhe dei de fazer a diferença.

Kassia assente de leve ao pensamento dirigido a si e a Guardiã chama por Arthorm e Zarcon. Ambos são levados a ficar de frente para ela no altar enquanto a Guardiã elucida de forma que todos escutem;

— Pela tradição. Se a guerreira a ascender estiver prenhe e o macho, ou machos, ainda estiverem vivos, também devem ser levados a participar do ritual e são impelidos em agredi-la até que só o que consiga sentir por eles seja ódio, indiferença ou sede de vingança. Como a prometi diante dos meus que se foram, estou cumprindo agora. É da sua vontade que eu os liberte desse fardo, *Val Rein* Cassandra?

— Sim. É da minha vontade, se eles assim quiserem.

Zarcon finalmente encontra a voz apesar de rouca e embargada.

— Existem outras maneiras de honrá-la.

— Faço minhas as palavras do rei. — declarou Arthorm também com dificuldade.

— Há algo que queira acrescentar, *Val Rein*?

Kassia assente de leve voltando seu olhar para Orion e seus irmãos;

— Sim. Que Orion e seus irmãos Zhelter e Narum sejam aceitos e considerados cidadãos deste mundo, e não espólio de guerra, como ditava a tradição, e mesmo que eu venha a morrer, que seja eu a última *Val Rein* a passar por isso. Essa tradição morre, com a minha morte.

— Que assim seja, *Val Rein*. Eis que seus convidados são seus e responderá pelos atos deles nesse mundo à mim. *É sábio não pedirdes nada para si mesma diante desse solo, Kassandra. Demonstra à confiança, que se tivesse logo de início, todas essas perdas e sofrimento, teriam sido evitados.*

Imagino.

Mahren sorri por debaixo do capuz só para ela.

Um dia terá conhecimento de mais algumas verdades e a raiva que sente sobre meus métodos de proteção dissipará.

Em um intenso facho de luz a Guardiã desaparece levando consigo todas as Valquírias que trouxera do santuário, deixando aos que ficaram o brilho da lua majestosa e o silêncio no largo, como companhia.

Os grilhões que prendiam todos os presentes em seus lugares desapareceram e no mesmo instante Danikas e Alegria se colocam entre sua rainha e os demais. Estava feito e dor maior estava em seu peito quando sem aviso ela se concentrou em Ores e desapareceu do largo.

Ores a recebeu na porta do seu quarto com um abraço paternal e a fechou por trás de si, acionando a tela de aço nas portas e janelas ao pedido dela.

Kassia precisava de um tempo sozinha para refletir sobre tudo que havia acontecido. E quem poderia condená-la?



CAPÍTULO 42

Pouco mais de trinta horas depois, Orion observava pasmo ao conjunto de filamentos e tendões sobre articulações ósseas onde antes só havia o toco de um pulso e Alegra examina brevemente de soslaio os traços masculinos sentindo seu rosto aquecer. Ela nunca havia visto um descendente de nefilim. Sequer já havia visto um nefilim, e esse parecia tão... Normal.

— Não somos tão diferentes assim. — ele comentou concordando.

Alegra fixa o seu olhar nos dedos em restauração, ciente de estar totalmente ruborizada. O escrutínio dele sobre si a queimava de dentro para fora e não saber o que ele estava pensando era bem desconfortável. Ela sabia o seu nome e que ele e seus irmãos a tinham retirado do ninho. Ele a havia trazido de volta.

— Não pretendia deixá-la desconfortável. Desculpe-me.

Havia ressentimento no seu tom de voz e isso a alertou.

— Eu, não... Não se desculpe senhor, digo, Orion.

Ele a brinda com um sorriso torto, mas se mantém afastado a arrumar os unguentos com aroma refrescante e metálico que vinha usando nela e em Dërhon e ela vestia a luva que mantinha a mistura no lugar. Dërhon a tinha alimentado do seu pulso ainda no largo cerimonial, mas se manteve distante desde então e ela tinha certeza de que ele havia bebido dela menos do que realmente precisava, apesar de a sua mão já estar totalmente curada.

A distância dele a feria de forma que nada mais poderia, e ela desejou do fundo da sua essência poder arrancar do peito esse sentimento de vazio que a oprimia.

— Está pensando nele, não está? Em Dërhon.

Alegra leva inconsciente a mão boa sobre a barriga e pende a cabeça assentindo de leve.

— Eu, eu achei que, nunca mais iria vê-lo.

Sua voz não era mais que um sussurro e Orion já considerava sua ideia louca e sem sentido quando a ouviu dizer;

— Eu disse que o amava, mas não posso ter certeza, posso?

Orion para o que estava fazendo e ela continua acariciando o ventre;

— Dërhon foi o primeiro a me olhar e tocar com desejo. Também achei que tinha algum sentimento pelo rei antes e, agora eu tenho essa sensação... Com relação a você.

Orion se senta na maca, o objeto do seu desejo estava a um braço de distância e se abrindo à sua frente.

— Com relação a mim? O que sente?

— Egoísta. Eu, me sinto egoísta e, é estranho porque, eu gosto.

— E o que mais?

— Sinto um calor diferente aqui dentro quando está olhando para mim e, tenho ímpetos de raiva sem sentido quando...

Agora seu rosto estava vermelho como um tomate maduro, mas ele não deu trégua.

— Quando... — ele insiste e ela engole seco, fugindo do escrutínio do olhar cor de ébano.

— Não é algo fácil de colocar em palavras.

Não o que estava pensando e sentindo, e intimamente torcia para que ele não conseguisse ler seus pensamentos. Com delicadeza ele leva dois dedos quentes abaixo do queixo levantando-o e fazendo com que seus olhares se encontrassem.

— Tente. — ele pede em tom casual com os olhos negros como a noite fixados no rosto dela, e num gesto impulsivo, extremamente contrário ao seu comportamento, ela inclina para frente e toca os lábios dele com os seus, em um beijo casto.

Dedos gentis penetram em seus cabelos soltando-os do coque à altura da nuca e se derramam em suas costas enquanto ele saboreava a sua boca e algo completamente insano aconteceu.

Em uma reação involuntária, suas palmas batem contra o peito dele com força que desconhecia possuir, arremessando-o contra a parede no canto do quarto, e ele mexe a cabeça desorientado ao se levantar.

Alegria leva a mão na boca estupefata pelo que havia feito e depois estende os braços ao longo do corpo, tremendo e olhando as mãos como se não lhe pertencessem, parecia desesperada com a própria atitude.

Ela não era assim e tinha quase certeza de que não estava de posse dos próprios movimentos quando o agrediu. Chegou mesmo a demorar alguns segundos para entender porque ele havia se distanciado de forma tão abrupta e agora não sabia o que fazer. E pelo que via no rosto dele, muito menos ele.



Tranquiada em seu quarto. Kassia não queria falar com ninguém e até Ores a havia deixado em paz logo depois que a serviu, saindo silenciosamente pela tangente.

A bandeja em cima da mesa continuava intocada e os barulhinhos e risadinhas dos bebês lhe chegavam com distinção do quarto ao lado. Ela sabia por instinto que Arthorm estava com eles, apesar de não ter ouvido a sua voz.

Ela continuava sentada na poltrona aveludada com dois dos três diários da submissa que Sérgio havia comprado em seu colo e em cima da mesa ao seu lado estavam os relatórios que Ricco havia feito ao seu pedido, mas ela não olhava para isso. Não se sentia pronta para isso ainda. Apesar de o seu tempo estar ficando mais curto, ela deitou a cabeça no encosto do sofá e fechou os olhos para logo em seguida abri-los, e se ver em outro lugar...

Ela olhou para os braços que se estendiam além do seu corpo e cortavam algumas frutas vermelhas que não reconheceu em cima de uma tábua de madeira escura em cima de um balcão branco.

Com um calafrio deu-se conta de que os braços eram mais claros e que não eram frutas que cortava em cima da tábua, mas um gritinho infantil a fez olhar para o lado e a visão da menina com olhos azuis mais claros que já havia visto a inundou de puro sentimento de amor.

A menina correu para os seus braços esguios ao mesmo tempo em que se sentiu abaixar para ampará-la em um forte abraço e um beijo casto e gelado foi estalado em sua boca. Todo seu corpo gritava que a menininha era sua, o seu corpo a reconhecia e o sentimento que a inundava

por pouco não a fez chorar tamanha era a emoção de tê-la tão perto, mas ela logo se desvencilha e pega um pedaço de peixe de cima da tábua. O peixe estava cru e por um segundo esteve em conflito ao ver a menina levar o pedaço a boca casualmente, mas algo seu íntimo lhe dizia que isso era normal e, já era tão complicado propiciar a pequena momentos tranquilos como esse, que ela só sorriu aquiescendo e a menina partiu com um aceno e um beijo lançado no ar.

Elas estavam com visitas, foi o que lhe veio à mente, um casal de vizinhos e suas filhas.

Kassia sabia que estava sonhando, mas a sensação era real, a emoção de ter a pequena em seus braços era real e o sonho a abraçava. Ela olhou pela janela de vidro que tomava toda extensão da parede da cozinha com vista para o mar azul e reconheceu sua menina na areia branca brincando com outras duas garotinhas.

Seu primeiro instinto foi proteger os olhos da intensa luz que vinha de fora, mas o corpo que a abrigava não compartilhava dos seus temores. O corpo não era sensível à luz. A curiosidade fez com que buscasse algo que refletisse seu rosto e logo que encontrou escutou um barulho que sabia instintivamente vir da porta da frente da moradia.

Eles as haviam encontrado, seu corpo gritava com o coração disparado. Ela olhou pela janela para fora e no mesmo instante seu olhar se conectou ao da menina como se tivesse instantaneamente ouvido seu chamado. A menina largou as amiguinhas e correu para casa. Tão pequena, tão frágil em comparação às meninas da sua idade. O barulho intenso e estridente era o anuncio do perigo iminente e ela saiu pelos fundos correndo na sua direção. Tinha que salvar sua menina! Ambas se chocaram em um abraço apertado e ela correu com ela em seu colo pelos fundos. A menina se encolheu ao ouvir uma das coleguinhas gritando e por algum motivo ambas sabiam que já era tarde para elas.

Esse seu corpo era frágil como o da filha em seu colo e ela sentiu que havia se machucado ao pular o muro de pedra para alcançar os fundos da casa de outros vizinhos. Todas as portas que bateu pedindo socorro estavam fechadas. Era como se todos soubessem do risco que seria acolhê-la e a menina. Mancando ela alcançou uma porta que não estava fechada e entrou, reconheceu seu morador ofegante e havia um misto de culpa e desalento no rosto dele quando apontou o objeto brilhante para a porta da frente, e com um estalo oco ela se abriu.

Lágrimas inundaram seus olhos com a traição inesperada, e ela viu o familiar do pai da sua menina cair sem vida no meio do cômodo antes de sair novamente pela porta dos fundos trancando-a com a mente. Sua mão desliza no colo acima do peito em busca de algo que não estava ali, mas o pingente da sua menina estava em seu pescoço. Ao longe vários deles caminhavam em sua direção na areia branca da praia e a menina se apertou ainda mais em seu colo quando de súbito ela soube o que fazer, e conclamou a força do mar.

Por toda a sua extensão uma enorme onda se levantou. Grande o suficiente para devastar toda a região e a menina se afastou o suficiente em seu colo para olhar seu pescoço vazio. Pela primeira vez ela havia mentido e essa consciência a dilacerou por dentro. Ela garantiu a sua menina que não precisava e que tudo ficaria bem com elas.

Kassia puxa o ar com veemência para dentro dos pulmões, seu rosto está tomado pelas lágrimas, e a última imagem que permanece em sua mente é a da sua menina arrancando do pescoço o colar dentro das águas salgadas e cristalinas, ao perceber que sua mãe havia mentido

e era abraçada pela escuridão ao afundar. Os soluços vieram com gemidos intermitentes sem controle algum e por entre lágrimas ela reconheceu a figura preocupada de Jarel, que abaixava a sua frente e a puxava para seus braços.

— Foi só um pesadelo. — ele sussurrou acalentando-a.

Por cima do seu ombro ela trancou a porta de onde ele havia entrado e entre gemidos e soluços incontrolláveis se agarrou a ele e chorou, ainda tomada pelas lembranças do sonho tão real. Em seu íntimo, era real!

Jarel a levantou do sofá com intenção de deitá-la em sua cama, mas acabou se sentando com metade do corpo dela em seu colo a abraçá-la, acarinhando suas costas com as pontas dos dedos. Entre lágrimas ela pareou seu rosto com o dele e no segundo seguinte estava com os lábios macios e salgados colados aos seus. O calor rapidamente se espalhou pelo seu corpo e ele não reagiu quando ela o induziu a deitar-se e rasgou sua camisa colando novamente os seus lábios aos dele em seguida, ela parou por um instante para tirar a própria blusa e arrancou um gemido rouco do fundo da garganta dele quando deslizou a boca pelo seu corpo em direção ascendente, libertando seu membro teso da calça no processo. Suas pernas estavam pendidas para fora da cama e assim continuaram quando ela o montou.

— Espera.

Ele falou ou pensou, mas já estava totalmente dentro dela e seu corpo parecia ter ideias bem distintas da sua mente ao mover para cima e para baixo.

Ela voltou a inclinar o corpo tomando sua boca enquanto ele sentia ser arrebatado embaixo dela e suas mãos deslizavam pelas costas macias e delgadas. Logo tudo se transformou em um turbilhão de emoções e o prazer indescritível foi acompanhado dos grunhidos e gemidos de puro êxtase e contrações intermitentes de seus corpos.

Seu coração batia acelerado e todo seu corpo estava coberto de suor, mas Jarel sentiu frio quando as ondas frenéticas do êxtase dissiparam e ela desmontou dele deitando de costas na cama ao seu lado.

Ele não tinha experiência alguma sobre o ato em si, mas desconfiava que nem de longe tinha sido tão bom ou libertador para ela quanto foi para si e virou-se de lado a estudar a expressão dela em busca de respostas.

Kassia fecha os olhos e uma lágrima escorre pelo seu rosto na direção da sua orelha e se levanta sentando-se na beira da cama de costas para ele com as mãos no colo. Estava feito, ela já sentia as mudanças em seu corpo e rogou a Guardiã que cumprisse com a sua parte.

Jarel se senta sentindo-se ridiculamente exposto apesar de ela ainda estar de costas e puxa a calça que estava no meio das suas pernas para cima fechando também a camisa, encobrindo-se novamente.

— Não está se sentindo melhor com isso. — ele deduziu.

— Precisava ser feito e, fiz. — ela disse e se levantou caminhando na direção do sofá. Pegou um dos diários que estava caído na lateral e os envelopes em cima da mesa e voltou sentando-se na cama de frente para ele.

— Ser anjo da guarda de causas perdidas para alguém que já foi arcanjo, não deve ter sido fácil. Imagino que seria o mesmo que acontece com alguém muito rico, que de uma hora para outra se descobre falido.

— Ainda não entendi ao certo aonde quer chegar com essa história.

— Eu acredito. Quando você aceitou essa missão suicida não imaginava que fosse se apaixonar por mim, imaginava?

Kassia desliza o diário na sua direção.

— Você o deixou ao encargo da Guardiã quando ela se ofereceu e abriu um precedente que ela já esperava que fosse acontecer. O que me deixa em dúvida, é se você sabia que os seus superiores também previram que isso iria acontecer.

— Eu usei o meu Livre Arbítrio.

— Você foi manipulado, mas quem não é em algum momento?

Antes que ele formulasse uma resposta ela puxou todos os papéis para perto e se deitou de lado. A presença de Aleesha e dos bebês em seu corpo por pouco não a fizeram chorar de novo.

— Eles deixaram que você se achasse indigno e reduzisse a si mesmo ao cargo de Guardião dos mestiços com almas impuras. Seu livre arbítrio eu sei, e sendo franca, não te condeno. Mas teria sido mais... Humano, por falta de palavra melhor, se dentre seus iguais alguém tivesse dito que você não era culpado. Mas daí, eles teriam que reconhecer a nossa existência.

— Eu desejei, Kassia. A grande onda se levantou e cobriu toda aquela população sobrenatural corrupta e doentia que... Você não entenderia, eu não me sinto culpado por eles, mas pelas almas humanas seduzidas e contaminadas que se perderam junto com eles!

— Mas não é **culpa** sua! — ela põe ênfase na culpa, apesar de estar quase sem voz com a emoção a arder na garganta e em seus olhos. — Foi uma das nossas que conclamou a força do mar como último recurso que tinha e nesse caso, foram alguns dos malditos humanos de alma pura, os verdadeiros corruptos doentios que seduziram alguns dos nossos, como ela, com a falsa promessa de paz, e não ao contrário. Sabe. Se não pode reconhecer que temos a nossa parte humana, ao menos nos veja como os animais que geraram alguns dos nossos ancestrais. Seja por instinto ou algo mais nobre, defendemos as nossas crias e estarmos sendo julgados como um todo vem há muito tempo causando injustiças terríveis!

— Você..., é diferente.

— Eu sei o que sou. Sei o que me tornei, e onde está a minha fidelidade. E você, Jarel? É fiel a algo além das próprias crenças? Por que não destruiu o pingente que traria de volta suas asas? Por que não deixou que eu fosse queimada pelo sol, ou sacrificada junto com a tradição das minhas ancestrais? Antes que tente, é melhor que saiba que mesmo como arcanjo, você nunca foi mais do que um pião, que sequer ultrapassou a terceira casa no tabuleiro para os que se diziam seus iguais — Kassia solta o ar — Estou realmente cansada de tudo isso, sabe? Regras burladas e conspirações implícitas. Não sei o que os torna realmente superiores. Será que acreditam de verdade que só os nossos passos que são vigiados e contidos por força superior, quando representam perigo para um todo? Não há uma força superior à desses guardiões, também vigiando seus passos, as suas decisões?

— Você tem resposta para todas as suas perguntas.

— Provavelmente, mas prefiro me ater aos que me importo primeiro e começar por baixo com aos que considero família, não sou inocente em crer que não continuarão me tentando a mudar do lado que obviamente escolhi, mas eu preferia que você, em especial, desistisse de tentar.

— Destruir o pingente não me daria o que eu queria e desconfio que você já soubesse. Mas desde quando?

— Algumas peças eu só consegui juntar na última hora, mas sim, eu já desconfiava. Elijáhrm não sentia como você sente, entre outras coisas.

— Outras coisas...

— O sangue dela era prateado e o seu, dourado.

— Diferença de gênero?

— Se fosse de jogar, apostaria mais na diferença de intenção. Enquanto ela desejava ardentemente ascender e distanciar-se da humanidade, você, conscientemente ou não, a desejava para si. Como autoconhecimento ou autopunição. Foi isso que o arcanjo ofereceu a você, não foi? A tão sonhada humanidade?

Jarel a observa por algum tempo antes de abrir a boca. Kassia não imaginava o quanto estava próxima da verdade, e ele de oferecer a sua versão.

— Nem sempre estivemos em lados opostos, Kassia, essa história é bem mais antiga e complexa do que supõe. Quanto à cor do sangue, confesso que nunca imaginei que dos outros não fosse dourado como o meu, mas tem lá a sua lógica, eu sentia de uma forma que os outros não sentiam. Não sei se sabe, mas não é visto como errado um anjo apaixonar-se por outro anjo, e por um tempo demasiado longo eu senti uma afeição que beirava a insanidade por Elijáhrm. Cheguei a me afastar do planeta por um tempo em busca de reflexão e quando voltei, ela havia caído e o que sentia por ela virou obsessão... Eu acreditava nela, queria estar ao seu lado e ela me convenceu a encontrar a caixa que guardava o anjo que a fez cair, me fez acreditar que destruindo a pedra que havia na caixa a traria de volta para o nosso meio. Eu fazia parte do conselho com direito a voto no Grande Tribunal e não pensei em consequências ao tirar a caixa de onde estava, mas Elijáhrm, não queria ascender, queria libertar o anjo do seu enclaustro para estar ao seu lado, não destruí-lo. Eu deveria ter me sentido traído, mas entendi que o que ela sentia pelo anjo, era equivalente ao que eu sentia por ela. Afinal também eu, não havia traído a confiança dos meus iguais ao tirar a caixa de onde estava por ela?

— Você foi punido?

— Só pela minha consciência. A caixa estava vazia e ela havia mostrado a sua outra face, ela me agrediu, me acusou de tê-la traído e, depois foi embora.

— E você continuou obcecado por ela — concluiu Kassia sem inflexão no tom de voz.

— Sim. Continuei. E após um longo tempo longe voltamos a nos encontrar, e tudo que sentia por ela voltou no instante que a vi. E claro, não foi difícil ela me convencer de que estava arrependida. Estava perdida, presa em um planeta onde todos que foram criados a partir da essência a havia abandonado e estava condenada a uma existência de solidão, antes que me compromettesse a fazer o que tivesse ao meu alcance, Mahren interferiu, e com auxílio de um dos meus iguais me afastou da minha perdição. Elijáhrm tinha todo esse poder sobre mim, e eu estive cego para essa maldita verdade por muito tempo.

Você deseja salvar alguém que não quer ser salvo, Jaraniel.

Você não entende. Eu a amo e aquele não é o lugar dela. Não é o seu!

A ascensão dela será seu declínio.

Que seja, então! — ele explodira — Me sacrifico por ela!

— Mahren chorou. Eu nunca a havia visto chorar. Lágrimas cintilantes rolaram pelo rosto dela quando se levantou diante do Grande Tribunal naquele dia.

Seja como for, o que não se diz o nome não será libertado. Isso não só seria o fim da raça que um dia Elijáhrm defendeu ao meu lado, mas de toda civilização viva do planeta. O equilíbrio deve ser mantido, e todos que carregam a minha essência, serão preservados.

Como dissestes vós, o equilíbrio deve ser mantido, e já sacrificastes sua forma física diante deste mesmo Tribunal por essas almas infectadas e perigosas. O que mais teríeis vós a oferecer?

Como sabeis todos, tenho voz e voto nesse Tribunal pelo mesmo sacrifício e há sob minha proteção uma fração dos que descendem de Elijáhrm, entre outras almas infectas, como dizeis, que me aceitaram como Guardiã. Jaraniel será poupado e continuará tendo voz e voto no conselho, se decidir acabar com a última descendente viva que a impede de ascender e está sob minha proteção.

— O conselho sequer titubeou ao aceitar e Mahren nem olhou para o meu lado ao desaparecer, mas eu estava eufórico demais para pensar na dimensão do poder que ela havia colocado em minhas mãos naquele momento. Só pensava que havia uma saída para Elijáhrm e estaríamos mais uma vez do mesmo lado.

— E o que mudou?

— Você não sabe?

— Eu não sei de tudo, Jarel. Minhas lembranças vem e vão, e é assim também com as visões e os sonhos.

— Tudo mudou quando a conheci. Tudo que até então imaginava sentir por Elijáhrm foi de alguma forma eclipsado naquele instante.

— Você não conseguiu.

— É, não consegui. Mas também não consegui proteger a sua forma física da ira de Elijáhrm quando a reconheceu. Ela foi rápida em quebrar o pescoço e deliberadamente cruel ao arrancar o coração do corpo já sem vida da criatura mais doce que já conheci e jogá-lo na minha face antes de desaparecer.

— E fiquei lá, observando impotente ao corpo inerte e segurando um coração que deveria estar pulsando dentro dele. Não sei quanto tempo passou até que Mahren apareceu, e por sua vontade, o coração desintegrou-se na minha mão, e assisti a energia que o animava entrando novamente no corpo. Ela a trouxe de volta a vida e a enviou para um dos seus domínios em um plano físico além do nosso alcance. E por um longo tempo eu acreditei que foi a partir daí que se iniciou o meu declínio... —, ainda preso às lembranças do passado, ele chorou.

Ela afasta os documentos para o lado e aproxima-se de Jarel envolvendo-o em seus braços acalentando-o.

Estava feito, e ela não se arrependia.



Em dimensão paralela e invisível aos olhares dos seus diletos, Mahren, a Guardiã de todos os Aehmons, assente. Um sorriso terno levanta o canto dos lábios em sua expressão semi etérea, ainda que triste, ao pressentir estar sendo observada. Seu sorriso se abre mais com a aproximação de seu observador, que parecia ao seu lado.

Uma nova era estava prestes a começar para todos os seus, e ela era de fato, uma diaba com fé demais.

Fim

GLOSSÁRIO:

Deirn – respeito, confiança, admiração por mérito.

Dien – castração de sentimentos, relacionado ao coito.

Gahe – instrumento de guerra usado em cerimônia Valquíria.

Godio – mestiço de raças vampíricas distintas.

Höemn – denominação usada pelos Aehmons para a essência imortal existente em seu sangue.

Kade – humanas com predisposição em seu histórico genético que a habilita a engravidar de um Aehmon.

Maeleihm – rito em que o ofensor se submete ao que desejar o ofendido por ofensa perpetrada.

Mäi – cuidadora, provedora de sangue sem conotação sexual.

Mair – denominação usada pelas Valquírias para irmã de clã.

Miellen – almas humanas condenadas sob o domínio e proteção de Mahren.

Mitho – Equilíbrio baseado no 'olho por olho, dente por dente'

Neimo – servidor de alto grau e provedor direto dos Aehmons.

Rein – rainha.

Sion – raça inferior também descendente de partículas angélicas em menor proporção.

Val Rein Mae fei – Rainha Valquíria criada por sua mãe com base e auxílio de entidade superior.

Umo – umbral entre os mundos.

~

Meus meios sociais:

Widbook; Carol Sales

Wattpad; @CarolTSales

Facebook; Carol Sales **ou** Carolina Mesquita

Page; <https://www.facebook.com/CarolSalesAutora>

Twiter; @CarolTSales

Instagram; @CarolTSales1